



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

VANROCHRIS HELBERT VIEIRA

O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte

Florianópolis

2023

Vanrochris Helbert Vieira

O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Silvia de Moraes Rial
Coorientador: Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vieira, Vanrochris Helbert

O futebol das bichas e dos manos : manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte / Vanrochris Helbert Vieira ; orientadora, Carmen Silvia de Moraes Rial, coorientador, Felipe Bruno Martins Fernandes, 2023.

384 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Humanas. 2. Futebol LGBTQIAPN+. 3. Futebol gay. 4. Afeminação. 5. Masculinidades gays. I. Rial, Carmen Silvia de Moraes. II. Fernandes, Felipe Bruno Martins. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. IV. Título.

Vanrochris Helbert Vieira

O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado, em 1 de agosto de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Carmen Silvia de Moraes Rial
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Prof. Dr. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Ciências Humanas.

Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Dr.^a Carmen Silvia de Moraes Rial
Orientadora

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Como discutirei no último capítulo desta tese, ela foi realizada em meio a um processo de adoecimento mental. Começo destacando isso porque os meus primeiros e maiores agradecimentos são às pessoas que me ajudaram a superar esse quadro e finalizar a tese, o que, em determinado momento, parecia improvável de acontecer. A pessoa mais importante nesse cenário se chama Vanei e é minha mãe. Ela é quem me ajudou nas tarefas mais básicas do dia a dia quando eu não conseguia realizá-las sozinha e que continuou sendo um suporte diário durante a realização deste trabalho. Agradeço também às minhas amigas, amigos e amigues, especialmente aqueles que estiveram mais presentes na minha vida nesse período de recuperação, como a Mariana, a Luiza, o Tarcísio, o Hugo, o Raniel, a Yasmin e a Chloé. Vocês também foram essenciais na minha melhora, ouvindo-me e me incentivando a retomar o ritmo da vida. Sou sempre grata também à Professora Vera França, pela mentoria e acolhimento no grupo de pesquisa Gris-UFMG, que me ajudou muito nesse processo. Agradeço também aos colegas de vida acadêmica que estiveram ao meu lado durante o doutoramento, especialmente ao Franco, à Adriana e à Celeste. Sou grata, ainda, à minha orientadora, Professora Carmen Rial, e às demais professoras, professores e professoras que contribuíram diretamente para a produção deste texto, como o Professor Wagner Camargo, o Professor Daniel Almeida, o Professor Alexandre Vaz e a Professora Caroline Almeida. Não posso esquecer de agradecer também aos profissionais de saúde mental que me deram o suporte sem o qual nada disso seria possível, especialmente à Daniela, à Luciane e ao Rafael. Por fim, agradeço muito aos meus interlocutores de pesquisa Ângelo e Roberto. Vocês foram muito generosos abrindo espaço para a minha entrada em campo.

RESUMO

A pesquisa busca responder de que modo a manifestação de gênero e a reflexividade dos jogadores se relacionam com a formação do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino, a partir da criação dos dois primeiros times da cidade, Bhabixas e ManoTauros. Ambos foram fundados em 2017, ano em que houve um boom na criação de times de futebol LGBTQIAPN+ no Brasil, além do surgimento da LiGay (liga nacional) e do Champions LiGay (campeonato nacional). Foram realizadas entrevistas com sete membros e ex-membros das duas equipes, entre 2018 e 2023. Também foram estabelecidas observações participantes em peladas, treinos e jogos dos dois times, no mesmo período. Destaca-se a observação do aniversário de 1 ano do Bhabixas no Mineirão e da 5ª edição do Champions LiGay, em Belo Horizonte. Adicionalmente, foi realizada uma etnografia de tela nos perfis dos dois times e no da LiGay no *Instagram* e no *Facebook*. Entre outros conceitos, a discussão empreendida propõe a ideia de amasculação, como oposta à de afeminação. Além disso, há uma caracterização da ideia de manifestação de gênero, como uma alternativa à dicotomia entre expressão e performatividade. Também discute-se masculinidade e homofobia no futebol, o processo de segregação e criação de um “gueto” do futebol LGBTQIAPN+ e a cisheteronormatividade. Em relação à reflexividade, discute-se os processos de reflexão em torno de “eus coletivos”, a reflexividade interna e a externa, além do papel da mídia nos processos reflexivos. Nas entrevistas dos jogadores, destacaram-se especialmente as reflexões sobre questões envolvendo conflitos e discursos. Foram encontradas quatro tensões principais que marcaram o surgimento do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. A primeira, ligada à manifestação de gênero, é entre afeminação e amasculação. A segunda, ligada ao foco dado pelos jogadores, é entre festa e futebol. A terceira, ligada ao papel dos times, é entre inclusão e competitividade. A quarta, ligada aos perfis de classe, é entre classe média e periferia. Bhabixas e ManoTauros encontravam-se em posições opostas nesse cenário, desempenhando uma relação de rivalidade. É possível perceber que, através do futebol LGBTQIAPN+, tanto processos de afeminação, que tensionam o modelo hegemônico de masculinidade, quanto processos de amasculação, que o reforçam, podem ser produzidos. Dessa forma, o futebol enquanto dispositivo permite a manifestação de ambos os modelos. Também pode-se identificar que os jogadores exercem um grande esforço reflexivo para compreender e agir sobre o futebol LGBTQIAPN+ enquanto movimento político.

Palavras-chave: futebol LGBTQIAPN+; futebol LGBT; futebol gay; futebol e homofobia; Belo Horizonte; Bhabixas; ManoTauros; afeminação; masculinidades gays; reflexividade.

ABSTRACT

The research seeks to answer how the manifestation of gender and the reflexivity of the players are related to the formation of LGBTQIAPN+ football in Belo Horizonte, from the creation of the first two teams in the city, Bharbixas and ManoTauros. Both were founded in 2017, the year in which there was a boom in the creation of LGBTQIAPN+ football teams in Brazil, in addition to the emergence of LiGay (national league) and Champions LiGay (national championship). Interviews were carried out with seven members and former members of the two teams, between 2018 and 2023. Participant observations were also established in teams' pick-up games, training sessions and matches of the two teams, in the same period. It stands out the observation of the 1 year anniversary of Bharbixas in Mineirão and the 5th edition of Champions LiGay, in Belo Horizonte. Additionally, a screen ethnography was performed on the profiles of the two teams and LiGay on *Instagram* and *Facebook*. Among other concepts, the discussion proposes the idea of emasculation, as opposed to effeminacy. In addition, there is a characterization of the idea of gender manifestation, as an alternative to the dichotomy between expression and performativity. It also discusses masculinity and homophobia in football, the process of segregation and creation of a "ghetto" in LGBTQIAPN+ football and cisheteronormativity. Regarding reflexivity, it is discussed the reflection processes around "collective selves", internal and external reflexivity, in addition to the role of the media in reflexive processes. In the interviews with the players, reflections on issues involving conflicts and discourses were especially highlighted. Four main tensions were found that marked the emergence of LGBTQIAPN+ football in Belo Horizonte. The first, linked to the manifestation of gender, is between effeminacy and emasculation. The second, linked to the focus given by the players, is between festivity and football. The third, linked to the role of teams, is between inclusion and competitiveness. The fourth, linked to class profiles, is between the middle class and the periphery. Bharbixas and ManoTauros were in opposite positions in this scenario, playing a rivalry relationship. It is possible to perceive that, through LGBTQIAPN+ football, both effeminacy processes, which tense the hegemonic model of masculinity, and emasculation processes, which reinforce it, can be produced. In this way, football as a dispositive allows the manifestation of both models. It can also be identified that players exert a great reflective effort to understand and act on LGBTQIAPN+ football as a political movement.

Keywords: LGBTQIAPN+ football; LGBT football; gay football; football and homophobia; Belo Horizonte; Bharbixas; ManoTauros; effeminacy; gay masculinities; reflexivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Time de futebol convocado para esta pesquisa	16
Figura 2 – Levantamento dos “times gays” brasileiros em 9 de junho de 2018.....	24
Figura 3 – Levantamento dos “times LGBTQIA+” brasileiros em 6 de fevereiro de 2023	30
Figura 4 – Amistoso “ManoBixas”, entre Bharbixas e ManoTauros	57
Figura 5 – Treino do ManoTauros com Predadores	65
Figura 6 – Taça de campeão do ManoTauros em “campeonato hétero”.....	130
Figura 7 – Registro do primeiro treino do time feminino do Bharbixas	141
Figura 8 – Entrada do Mineirão no dia do aniversário do Bharbixas.....	145
Figura 9 – Jogo comemorativo acontecendo por trás do palco	145
Figura 10 – Primeiro show começando no Mineirão	146
Figura 11 – Drag queens se apresentando pelo ManoTauros no Champions LiGay	196
Figura 12 – Foto da equipe do Bharbixas em 19 de maio de 2018	235
Figura 13 – Foto da equipe do ManoTauros em 12 de julho de 2018.....	235
Figura 14 – Ilustrações que inspiraram a construção do mascote do ManoTauros.....	237
Figura 15 – Mascote do ManoTauros.....	237
Figura 16 – Mascote do Bharbixas	237
Figura 17 – Lembrança de Eduardo sobre postagem de saída do ManoTauros	271
Figura 18 – Anotações do trabalho de campo (I)	331
Figura 19 – Anotações do trabalho de campo (II).....	331
Figura 20 – Comentários da torcida chamaram a minha atenção para um jogador.....	343
Figura 21 – Mensagem motivacional	350
Figura 22 – Mensagens motivacionais	350
Figura 23 – Estu pesquisadore participando de um treino do Bharbixas	352

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Times participantes do 5º Champions LiGay	27
Quadro 2 – Edições nacionais do Champions LiGay	29
Quadro 3 – Formação dos times de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais	59
Quadro 4 – Jogadores profissionais de futebol declaradamente gays ou bissexuais.....	94
Quadro 5 – Torcidas que já integraram o Coletivo Canarinhos LGBTQ+.....	103
Quadro 6 – Gritos e cânticos homofóbicos denunciados ao STJD em dezembro de 2021	105
Quadro 7 – Padrões de percepção da prática esportiva	117
Quadro 8 – Características atribuídas a gays afeminados e amasculados	158
Quadro 9 – Eixos de tensão do início do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino.....	354
Quadro 10 – Síntese da linguagem neutra	382

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O QUE É O “FUTEBOL” DO FUTEBOL LGBTQIAPN+?	21
2.1	DE ONDE VEM ESSE FUTEBOL?.....	22
2.1.1	A origem do futebol LGBTQIAPN+	22
2.1.2	O nascimento na Inglaterra	32
2.1.3	A chegada ao Brasil e as tensões de raça, classe e gênero	35
2.1.4	O país do futebol	39
2.2	COMO O FUTEBOL SE INSERE NA SUA VIDA?	42
2.2.1	O que é se entende por futebol?	42
2.2.2	Clubismo e torcidas	45
2.2.3	Futebol amador	49
2.3	O FUTEBOL BELO-HORIZONTINO	53
2.3.1	Festa ou futebol? O início do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino.....	53
2.3.2	Dos maiores aos menores: mudanças no futebol LGBTQIAPN+ mineiro.....	58
2.3.3	A primeira rivalidade do “futebol hétero” na cidade	67
2.3.4	O surgimento da maior rivalidade mineira.....	69
2.3.5	Os significados de ser cruzeirense e atleticano em Belo Horizonte.....	70
2.3.6	Como Bhabixas e ManoTauros entram nesse cenário	72
2.3.7	Futebol amador em Belo Horizonte	76
2.4	FUTEBOL: UM JOGO PARA MACHOS?	77
2.4.1	Futebol, guerra e violência.....	77
2.4.2	As aulas de Educação Física	79
2.4.3	A masculinidade nos estádios e bares	84
2.4.4	Masculinidades gays.....	86
2.5	E VIADO, NÃO PODE GOSTAR DE FUTEBOL?.....	87
2.5.1	Provocações entre as torcidas	87
2.5.2	Exclusão ou invisibilidade.....	93
2.5.3	Resistências.....	100
2.5.4	Criminalização da homofobia: novos ventos?.....	101
2.5.5	Um paralelo com o vôlei.....	107
2.6	O FUTEBOL LGBTQIAPN+	109
2.6.1	Formação de equipes e torneios esportivos LGBTQIAPN+.....	109

2.6.2	Preconceito e inexperiência.....	111
2.6.3	Gueto e segregação	124
2.6.4	Futebol gay, futebol LGBT ou futebol LGBTQIA+?	132
2.6.5	A ocupação dos espaços.....	143
3	ENTRE BICHAS E MANOS	151
3.1	AFEMINAÇÃO E AFEMINOFOBIA	151
3.1.1	A infância do menino afeminado.....	151
3.1.2	Sexualidade e afetos.....	156
3.1.3	Afeminofobia internalizada	161
3.1.4	Tensionamentos na discussão sobre afeminofobia	163
3.1.5	Orgulho de ser afeminado.....	165
3.2	AMASCULAÇÃO E HIPERMASCULINIZAÇÃO	169
3.2.1	Gays amasculados e gays padrão	169
3.2.2	Interseccionalidades: raça, classe e idade.....	174
3.2.3	Corpo e erotização	178
3.3	HOMENS E MASCULINIDADES	182
3.3.1	O que é ser homem?	182
3.3.2	Masculinidade hegemônica.....	188
3.3.3	Ser homem é difícil?	191
3.4	PERFORMATIVIDADE OU EXPRESSÃO DE GÊNERO?.....	194
3.4.1	O conceito de performatividade	194
3.4.2	As iluminações sobre o conceito	197
3.4.3	Corpos fora da norma	200
3.4.4	A identidade de gênero existe?	202
3.4.5	Tensionando perspectivas	205
3.4.6	Os estudos <i>queer</i>, <i>cuir</i>, <i>cu</i> e <i>quare</i>	209
3.5	MANIFESTAÇÃO DE GÊNERO E CISHETERONORMATIVIDADE	214
3.5.1	Manifestação de gênero.....	218
3.5.2	Sobreposição de eixos de dominação	214
3.5.3	Separando o gênero da sexualidade.....	221
3.5.4	Bichisse e viadagem como categorias.....	223
3.6	BICHAS VERSUS MANOS.....	232
3.6.1	Cisão: as impossibilidades de convivência.....	232
3.6.2	Amasculofobia?.....	242

3.6.3	O que os outros vão pensar de nós?	244
3.6.4	Do padrão ao bafão.....	247
4	O QUE SE PASSA NA CABEÇA DESSE TIME?.....	252
4.1	REFLEXIVIDADE	252
4.1.1	O conceito de reflexividade.....	253
4.1.2	Refletindo sobre um eu coletivo	259
4.1.3	Reflexividade nas interações.....	265
4.1.4	A reflexividade externa	268
4.1.5	Reflexividade e mídia	272
4.2	CONFLITOS	277
4.2.1	O conflito é positivo ou negativo?	278
4.2.2	Competição, acomodação e assimilação	287
4.2.3	Definição da situação.....	290
4.2.4	Identidade e diferença	294
4.3	DISCURSOS	301
4.3.1	Discurso e grupos sociais.....	302
4.3.2	Discurso e poder.....	311
4.3.3	Mudança discursiva.....	316
4.3.4	A materialidade discursiva	320
4.4	IMERSÃO NO CAMPO	324
4.4.1	Etnografia e observação participante	324
4.4.2	Entrevista	332
4.4.3	Ética e subjetividade.....	338
5	CONCLUSÃO.....	354
	REFERÊNCIAS	365
	APÊNDICE A – GUIA RÁPIDO DE LINGUAGEM NEUTRA	381
	APÊNDICE B – GLOSSÁRIO DE SEXUALIDADE E GÊNERO	383

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda o surgimento do Bharbixas e do ManoTauros, os primeiros times de futebol LGBTQIAPN+¹ de Belo Horizonte, a partir da construção relacional de suas identidades, em torno de manifestações de gênero e em meio a um esforço reflexivo dos próprios jogadores para definir esse quadro interacional. O Bharbixas, que é o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais, foi criado em 2017. Poucos meses após a sua criação, contudo, alguns membros desse time se desligaram dele para criar o ManoTauros. Daí surgiu a primeira rivalidade do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. A questão da manifestação de gênero desses sujeitos esteve colocada desde o começo como pano de fundo do conflito estabelecido entre eles. O Bharbixas é um time que se autorreconhecia como afeminado. O ManoTauros, por sua vez, é um time que buscava imprimir masculinidade. Por outro lado, desde o início desta pesquisa, os jogadores que foram interlocutores dela demonstravam ter uma consciência destacada sobre esse e diversos outros processos relacionados aos times. Por isso, este trabalho partiu da hipótese de que tanto a manifestação de gênero quanto a reflexividade seriam elementos importantes para o estabelecimento do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino.

O trabalho de campo realizado conta com entrevistas realizadas com sete membros e ex-membros dos dois times. A intenção é, simbolicamente, construir com eles um “time” de futebol *society*² – ou *fut7*. Esse é o formato do Champions LiGay, campeonato brasileiro de times LGBTQIAPN+. Além disso, foi feita uma observação participante em peladas, treinos e eventos promovidos por eles, como o aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão e a 5ª edição do Champions LiGay, em Belo Horizonte. Também foi utilizada, de forma complementar, a etnografia de tela para colher dados nos perfis dos dois times e no da LiGay no *Instagram* e no *Facebook*. O *WhatsApp* foi outro recurso usado como forma complementar

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras minorias ligadas a identidade de gênero, manifestação de gênero, orientação sexual e anatomia sexual. Neste texto, optei por grafar esta e as outras siglas de representação das identidades não cisheteronormativas com a formatação “versaleta”, a fim de diminuir o desconforto que esses acrônimos podem gerar na leitura do texto, devido ao grande número de letras maiúsculas. No Apêndice B (p. 383) há um pequeno glossário sobre diversidade sexual e de gênero. Se a leitora, leitor ou leitora não tem familiaridade com termos relacionados a essa temática, recomendo que o leia antes de iniciar a leitura da tese.

² Nota metodológica: para definir quais palavras ou expressões de origem estrangeira já estão assimiladas ao português brasileiro (e, portanto, não precisam estar em itálico) e quais não estão (e, portanto, precisam estar), foram feitas consultas ao dicionário *Oxford Languages*, por meio da plataforma *Google*. Ao buscar pelo significado de uma palavra ou expressão no buscador web do *Google*, ele retorna a definição do *Oxford Languages*, caso a palavra ou expressão esteja presente nele. Portanto, nesta tese, apenas as palavras ou expressões de origem estrangeira que não foram encontradas nesse dicionário encontram-se em itálico.

de comunicação com os interlocutores. Por meio dessa plataforma, contatos adicionais foram estabelecidos também com outros sujeitos ligados ao tema estudado para obtenção de informações complementares. Além disso, durante a 5ª edição do Champions LiGay, foi produzido um material complementar com 24 entrevistas com representantes dos demais times que estavam presentes na competição. Nesse caso, foram feitas somente duas perguntas a cada um dos entrevistados, com a finalidade de traçar um panorama complementar do futebol LGBTQIAPN+ brasileiro no qual os dois times estudados se inseriam. Todos os nomes atribuídos aos membros dos times nesta pesquisa são fictícios.

Quando eu era pequeno, uma máxima que eu escutava frequentemente era: “existem três coisas sobre as quais não se discute: futebol, política e religião”. Em 2018, quando escolhi desenvolver a minha pesquisa de doutoramento sobre o futebol LGBTQIAPN+ (na época, ainda chamado de futebol gay³, como veremos na Seção 2.1.1, p. 22), não encontrei nenhum trabalho realizado no Brasil sobre esse tema, apesar de o primeiro time “gay” ter sido fundado em 1990, 28 anos antes. O futebol LGBTQIAPN+ era algo invisível, sobre o qual, de fato, não se discutia. O que chamou a minha atenção para esse objeto foi a criação dos dois primeiros times mineiros, o Bhabixas e o ManoTauros, que aconteceu em 2017. Nesse ano, ocorreu o primeiro campeonato nacional de times LGBTQIAPN+, e essas equipes finalmente “saíram do armário”. De lá para cá, diversos trabalhos já foram realizados e publicados sobre o tema. Esta pesquisa, no entanto, pelo tempo de maturação do doutoramento, está saindo apenas 6 anos depois dessa virada na história do futebol LGBTQIAPN+ brasileiro. Com isso, ela pôde contar também com a contribuição dessas pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadoras que publicaram suas pesquisas sobre esse tema nesse período.

Destaco algumas delas⁴. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) discutem a repercussão do primeiro campeonato nacional de times LGBTQIAPN+. Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) abordam a criação do Bhabixas, em Minas Gerais. Diego Jesus (2019) avalia a diversidade (ou a falta dela) no campeonato nacional de times LGBTQIAPN+. Gustavo Castro (2020), em seu mestrado, realiza entrevistas com diversos jogadores LGBTQIAPN+ brasileiros.

³ Referir-se ao futebol praticado por pessoas LGBTQIAPN+ até meados de 2019 como “futebol LGBTQIAPN+” pode soar um pouco anacrônico, porque o termo não existia na época – ele era chamado de “futebol gay”, e o entendimento sobre esse futebol também não era o mesmo, como veremos na Seção 2.1.1 (p. 22). Por isso, quando eu quiser demarcar essa diferença, irei apontar que estou me referindo ao que era entendido anteriormente como “futebol gay”. Caso contrário, o termo “futebol LGBTQIAPN+” poderá ser usado em retrospecto no sentido de que estamos olhando para o fenômeno que hoje chamamos dessa forma.

⁴ Foram consultadas as seguintes bases de dados: Google Acadêmico, SciELO, Ludopédio, Portal de Periódicos CAPES e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES. No entanto, a busca de trabalhos por meio da ferramenta de pesquisa padrão do Google também trouxe trabalhos que não estavam indexados nelas.

Gustavo Castro e Marcus Siqueira (2020) apresentam alguns dos resultados alcançados no trabalho anterior. Leonardo Martinelli (2020) relaciona o futebol LGBTQIAPN+ com as torcidas gays da década de 1970. Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) falam sobre o primeiro time composto apenas por homens trans e pessoas transmasculinas⁵. Rodrigues Pinto, Raphael Martins e Heloisa Almeida (2021) também abordam o mesmo time, sob o viés do seu fundador. Wagner Camargo (2021, 2022) apresenta o resultado de etnografias realizadas nos campeonatos nacionais de times LGBTQIAPN+. Carlos Vogel (2021, 2022) fala sobre a história do primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ carioca e sobre um videodocumentário que foi feito sobre ele. Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022) apresentam a história do primeiro time LGBTQIAPN+ amazonense. Dóris Régis e Ligia Dona (2022) falam sobre as iniciativas do Museu do Futebol em relação aos times LGBTQIAPN+. Bernardo Gonzales (2022, 2023) compartilha suas experiências como jogador trans. Noah Ferreira e Rafael Garcia (2023) discutem a trajetória de jogadores do primeiro time transmasculino do Rio de Janeiro. Mayara Akie (2023) aborda o conteúdo de uma websérie que trata do futebol LGBTQIAPN+. Ale Antoniazzi (2023) conta sobre a experiência de ser acolhido em um time LGBTQIAPN+. Também há uma contribuição prévia minha (Vanrochris Vieira, 2021a)⁶, sobre o evento de aniversário de 1 ano do Bhambixas no estádio Mineirão.

Acredito que esta pesquisa possa contribuir nesse cenário a partir de três pontos: registrando o processo de formação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte, discutindo as tensões provocadas pela relação identitária entre times e manifestação de gênero, e avaliando o potencial reflexivo dos jogadores a respeito do movimento do qual fazem parte.

Mas onde se insere o futebol LGBTQIAPN+? Para Leonardo Martinelli (2020, p. 320), “difundido como uma marca nacional, a identificação com o futebol perpassa as classes sociais, as gerações, a escolaridade, as etnias e obviamente as sexualidades e relações de gênero”. No entanto, Arlei Damo (2007) afirma que não existe apenas um futebol, mas sim “futebóis”, no plural. O autor vai ainda além, ao afirmar que existem “múltiplos futebóis”. O futebol praticado por mulheres, assim como o futebol LGBTQIAPN+ são futebóis colocados à margem do futebol praticado por homens cisgênero heterossexuais, especialmente em relação ao futebol espetáculo dos grandes times profissionais. Os múltiplos futebóis, que trazem outras relações com esse esporte e compõem-se a partir de circuitos distintos, demandam ser

⁵ As pessoas transmasculinas são pessoas trans que se identificam com a masculinidade, mas não necessariamente como homens.

⁶ Neste trabalho, optei por fazer referência às autoras, autores e autoras por seu nome e sobrenome, inclusive nas referências entre parênteses. Mais à frente, ainda neste capítulo, irei discutir a motivação dessa escolha.

mais conhecidos, respeitados e valorizados. Falando sobre o futebol LGBTQIAPN+, Wagner Camargo (2021, p. 3) faz um apontamento que pode ser estendido, de forma geral, a diversos outros entre os múltiplos futebóis: “a reivindicação desses grupos é provar que podem jogar futebol, independentemente de não se encaixarem, *ipsis litteris*, no modelo hegemônico do homem futebolista, branco, cisgênero, heterossexual, macho e viril”. No entanto, esse autor também nos aponta que, entre os próprios sujeitos LGBTQIAPN+, têm surgido diversas manifestações e propostas diferentes para a prática do futebol.

Como resultado da impoção contra manifestações LGBTfóbicas (homofobia, lesbofobia, bifobia, transfobia) do meio esportivo surgiram, nos últimos anos, grupos que inauguraram “múltiplos futebóis”, expressões que interseccionalizam distintos marcadores sociais como classe social, etnia, geração, *performance* de jogo e, sobretudo, sexualidade/gênero. (Wagner Camargo, 2021, p. 3)

Veremos, ao longo deste texto, que, de fato, há diferentes propostas ligadas à formação do futebol LGBTQIAPN+, tanto nacionalmente quanto em Belo Horizonte. Os próprios times pesquisados carregam interseccionalidades de classe, raça e manifestação de gênero que trazem diferentes dinâmicas para ambos. Nesse aspecto, Mariane Pisani e Claudia Kessler (2022) também ressaltam que, além do gênero, sexualidade, raça, classe e idade são interseccionalidades importantes para o estudo do futebol. Referindo-se de forma especial à relação dos futebóis com as diferentes manifestações de gênero, Wagner Camargo (2021, p. 4) aponta: “o campo pesquisado dos ‘múltiplos futebóis’ é colonizado, cada vez mais, por um conjunto de pessoas que encampam distintas expressões de gênero – e que as usam para agregar saber sobre si”. Na verdade, veremos também que o futebol LGBTQIAPN+ é o desenvolvimento de uma ideia anterior, a do “futebol gay”. Entretanto, ao lado do futebol LGBTQIAPN+, também convivem atualmente outras manifestações ligadas a grupos específicos, como o futebol transmasculino.

A Figura 1 traz os nomes pelos quais os jogadores entrevistados serão referenciados nesta tese. No ataque desse time, estão os membros fundadores do Bharbixas, do ManoTauros e do Inconfidentes Pride – que é a segunda cisão do Bharbixas. No gol, está um jogador que esteve presente no surgimento dessas três equipes. Os demais entrevistados estão jogando na defesa de seus respectivos clubes. Os números das camisas se referem à ordem em que esses jogadores foram entrevistados. A entrada do Inconfidentes Pride nesse arranjo, apesar de ele não ser uma das equipes estudadas, deve-se ao fato de que alguns dos ex-jogadores do Bharbixas e do ManoTauros entrevistados haviam migrado para esse time depois de sair de suas ex-equipes.

Figura 1 – Time de futebol convocado para esta pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor, utilizando imagens de Elo7 (2023) e Saiful Islam (2023)

Descrição: A imagem traz um campo de futebol com sete camisas dispostas sobre ele como se fosse a representação de um esquema tático. No caso, o 3-3-1 (3 jogadores no ataque, 3 na defesa e 1 no gol). Cada camisa tem um nome e um número, simulando a escalação de um time para um jogo. No ataque estão: Lúcio (nº 5), Ângelo (nº 2) e Daniel (nº 4). Na defesa: Roberto (nº 3), Cláudio (nº 6) e Pedro (nº 1). No gol, Eduardo (nº 7). As camisas têm uma aparência que simula a de um uniforme. Elas têm as cores da bandeira LGBTQIAPN+ no dorso (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo), dispostas em listras diagonais inclinadas para a direita. No braço esquerdo, há as cores da bandeira trans (azul claro, rosa e branco), dispostas em listras horizontais. No braço direito, há cores representando a diversidade racial (preto e marrom), também dispostas em listras horizontais.

A seguir, segue uma breve descrição dos entrevistados, indicando em que ano ocorreu cada entrevista. Como dito anteriormente, optei por usar nomes fictícios.

Entrevistados em 2018:

- 1 *Pedro*: era membro do Bharbixas. Tem formação em Publicidade e Propaganda e trabalhava nesse setor. Tem fenótipo branco e tinha 24 anos de idade.
- 2 *Ângelo*: havia sido membro do Bharbixas e, posteriormente, foi um dos fundadores do ManoTauros. Tem formação em Sistemas de Informação e trabalhava nesse setor. Também estudava História. Tem fenótipo branco, com cabelos crespos, e tinha 38 anos de idade.
- 3 *Roberto*: era membro do Bharbixas, mas só participava do time quando vinha ao Brasil, pois estava residindo na Itália, onde também participava de outro time. Tem formação em Engenharia da Computação e trabalhava nesse setor. Tem fenótipo branco e tinha 29 anos de idade.

Entrevistados em 2023:

1. *Daniel*: havia sido membro do Bharbixas, posteriormente foi fundador e presidente do Inconfidentes Pride e, no momento, era membro de um time de Portugal, onde estava residindo. Tem formação em Ciências Contábeis e trabalhava como gestor financeiro. Tem fenótipo branco e tinha 36 anos de idade.
2. *Lúcio*: foi o fundador e era presidente do Bharbixas. Tem formação em Engenharia de Produção e trabalhava como programador. Tem fenótipo branco e tinha 30 anos.
3. *Cláudio*: era presidente do ManoTauros. Tem formação em Ciências Contábeis e trabalhava no setor. Tem fenótipo negro de pele clara, e tinha 44 anos.
4. *Eduardo*: havia sido membro e técnico do Bharbixas, posteriormente foi um dos fundadores e presidente do ManoTauros e, no momento, era membro do Inconfidentes Pride. Ele tem formação em Educação Física e trabalhava como personal trainer. Tem fenótipo branco e tinha 38 anos.

Voltei a entrevistar Ângelo em 2023, fazendo-lhe perguntas para atualizar as informações que ele havia me dado em 2018. Nesse momento, ele não estava mais jogando em nenhum time LGBTQIAPN+. As entrevistas de 2018 foram feitas face a face. Entre as de 2023, as de Daniel, Lúcio e Cláudio foram feitas por videochamada. Já a entrevista com Eduardo e a segunda com Ângelo foram através do chat do *WhatsApp*.

Como é possível perceber pelas formações e profissões dos entrevistados, todos eles são de classe média e têm curso superior. Quase todos têm fenótipo branco, com apenas uma exceção. As idades variam entre 24 e 44 anos, com média de 34 anos. O critério de seleção para essa escalação foi o de indicação. Entrevistei os jogadores que iam sendo apontados como aqueles que poderiam contribuir de forma mais relevante para a pesquisa pelos membros ou ex-membros dos times com quem eu ia entrando em contato. Roberto foi o meu primeiro ponto de acesso aos times. Eu o conheço desde o ensino médio, época em que nos tornamos amigo e amiga. Roberto jogava no Bharbixas quando eu comecei a pesquisa. Então, pedi a ele para que me indicasse e me colocasse em contato com uma pessoa que ele considerava relevante para me falar sobre Bharbixas e outra para me falar sobre o ManoTauros. Ele me indicou o Pedro e o Ângelo. Nas entrevistas com os dois, o próprio Roberto se destacou nos relatos como sendo um sujeito relevante para a discussão do problema. Então, entrevistei também o Roberto. Nessas três primeiras entrevistas, ocorridas em 2018, o Daniel, o Lúcio e o Eduardo foram apontados como figuras centrais nos relatos dos outros entrevistados. Em 2023, pedi ao Roberto para que me colocasse em contato com o Daniel e o Lúcio. Posteriormente, pedi ao Ângelo que me colocasse em contato com o Eduardo. Por fim, o Eduardo me indicou o Cláudio como sendo outra pessoa relevante, e o Ângelo me colocou em contato com ele.

Ao longo deste texto, irei me referir a cada entrevistado a partir do nome que foi atribuído a ele neste trabalho, seguido da sua equipe e do ano da entrevista. No caso de entrevistados que não eram mais membros do Bharbixas ou do ManoTauros, indicarei que eles são ex-participantes da última delas da qual eles fizeram parte. Dessa forma, as referências serão:

- Pedro (Bharbixas, 2018)
- Ângelo (ManoTauros, 2018) e Ângelo (ex-ManoTauros, 2023)
- Roberto (Bharbixas, 2018)
- Daniel (ex-Bharbixas, 2023)
- Lúcio (Bharbixas, 2023)
- Cláudio (ManoTauros, 2023)
- Eduardo (ex-ManoTauros, 2023)

Antes de iniciar os próximos capítulos, gostaria de apontar algumas escolhas metodológicas. A primeira questão é que sujeitos indeterminados ou plurais sem determinação de gênero são referenciados, nesta tese, por três marcações: feminina, masculina e neutra. O objetivo é não usar o masculino como universal e dar reconhecimento à não-

binariedade de gênero – que é a forma pela qual estu autore se reconhece⁷. Para quem não tem familiaridade com a linguagem neutra, há uma breve explicação sobre ela no Apêndice A (p. 381).⁸ Optei por fazer a concordância das demais palavras a partir do critério de proximidade. As palavras usadas antes das três marcações, como artigos, concordarão com a primeira marcação. As usadas posteriormente, como adjetivos, concordarão com a última. No caso de substantivos cuja grafia não varia com o gênero, mas a concordância sim – como “jornalista”, por exemplo – optei por concordar com o gênero neutro.

A segunda questão é que apresento as autoras, autores e autorus no texto e nas referências pelo nome e sobrenome, tanto nas citações indiretas quanto nas diretas⁹. Isso tem o intuito de dar visibilidade ao gênero delas, deles e delus. Pelo mesmo motivo, quando o texto tem autoria de mais de três pessoas, irei apresentar o nome e sobrenome de todas as autoras, autores e autorus, na primeira vez em que eles forem referenciados. Depois, passarei a usar o “*et al.*”, como de costume.¹⁰ Acredito que esses esforços importem para que a leitora, leitor ou leitore possa identificar o gênero da pessoa que escreveu o texto referenciado, quando julgar que isso é importante. Além disso, esse recurso também é útil para evidenciar a representatividade de gênero nas referências utilizadas. Nesta tese, entre as autoras, autores e autorus consultades, 35% têm nomes associados ao gênero feminino, 64% têm nomes associados ao gênero masculino e 1% têm identidade de gênero não-binária conhecida.

Ao falar sobre o futebol, por exemplo, Mariane Pisani e Claudia Kessler (2022, p. 10) destacam que “o aumento de mulheres pesquisando e publicando sobre as práticas esportivas agrega um novo viés a áreas que ainda não apresentavam atenção à pluralidade dos

⁷ Diferentes pessoas não-binárias demandam ser referenciadas com diferentes marcações de gênero. Algumas demandam a utilização do “e”, outras do “o” ou do “a”. Estu autore sente-se confortável sendo referenciade com qualquer marcação, mas, neste trabalho, irá se referenciar com o “e” para ter sua identidade de gênero demarcada.

⁸ Aqui usarei a marcação de gênero neutra com o “e” e o “u”, tal como explicado no Apêndice A (p. 381). Essa é uma alternativa mais apropriada que o uso do “x” ou do “@”, primeiro porque esses caracteres tornam as palavras impronunciáveis, segundo porque podem atrapalhar a leitura de pessoas com deficiência visual. O “@” também tem o problema de continuar sendo binário, representando apenas o “a” e o “o”. Uma opção para o uso da linguagem neutra é se referir a sujeitos com gêneros plurais apenas com o “e” – ou seja: referir-se a meninas, meninos e meninos apenas como “menines”, por exemplo. Mas considero que essa é outra maneira de invisibilizar gêneros, assim como o masculino já faz ao invisibilizar o feminino no plural da linguagem binária. Por isso, optei por usar as três marcações de gênero juntas.

⁹ Apesar de não ser canônica a escrita do prenome nas citações cujo sobrenome da autora, autor ou autore é apresentado dentro de parênteses – como nas citações diretas e citações indiretas que fazem referência à obra como um todo –, esse recurso vem sendo usado também por outras pessoas autoras, como Wagner Camargo (2021).

¹⁰ Pensei em apresentar todos os nomes e sobrenomes em cada uma das citações. Mas fiz um teste de viabilidade, e, quando os textos têm a partir de cinco autores, torna-se algo que atrapalha muito a leitura.

sujeitos”. Além disso, elas destacam que a pluralidade de gêneros, nessa área, abre caminho para o avanço de discussões como as de sexualidade.

É preciso destacar que foi a partir dos avanços e da consolidação desse campo de pesquisa – mulheres e futebol – que outras possibilidades e agendas de estudos surgem como, por exemplo, os impactos que a presença de pessoas LGBTQIA+ proporcionam às práticas futebolísticas. Ou seja, como esses novos(as) atores(as) modificam as noções de poder e de corpo no futebol, proporcionando novas formas de sociabilidade [...] (Mariane Pisani; Claudia Kessler, 2022, p. 12)

Outro recurso que achei importante inserir são as descrições de imagens e esquemas, para possibilitar a leitura de pessoas com deficiência visual. Por isso, elas foram acrescentadas abaixo de figuras e de quadros com elementos visuais.¹¹

Assim sendo, o percurso de leitura aqui proposto está dividido em três partes. No Capítulo 2 (p. 21), há uma discussão focada no futebol. Nela, abordo a história do futebol convencional e do futebol LGBTQIAPN+, a sociabilidade proporcionada por esse esporte, o futebol belo-horizontino, as relações entre futebol e masculinidade, e também o lugar (ou não lugar) das pessoas LGBTQIAPN+ no futebol convencional. Além disso, falo sobre o futebol LGBTQIAPN+ brasileiro, tematizando questões como o preconceito sofrido pelos jogadores ao longo da vida, a inexperiência de parte deles com o esporte, o processo de guetificação gerado pelo futebol LGBTQIAPN+, as dinâmicas de inclusão e exclusão de identidades nesse território, e a forma como os espaços vêm sendo ocupados por esses jogadores. Nesse capítulo, também caracterizo o cenário do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino desde o seu surgimento até a finalização da pesquisa. O Capítulo 3 (p. 151) traz uma discussão focada em manifestação de gênero. Nela falo sobre afeminação e afeminofobia, amasculação, masculinidade, performatividade e expressão de gênero, e também sobre cisheteronormatividade. Discuto, ainda, as tensões existentes entre os times pesquisados em torno desses temas. Por fim, no Capítulo 4 (p. 252), abordo o conceito de reflexividade e observo dois eixos que os jogadores entrevistados trouxeram de forma destacada em suas reflexões durante as entrevistas: conflitos e discursos. Além disso, também faço um exercício reflexivo de pensar sobre os métodos usados na pesquisa e sobre os processos éticos e subjetivos vivenciados em campo. O apito está soprado: que comece a partida!

¹¹ As descrições também reproduzirão os textos presentes nas imagens, para que eles possam ser adequadamente lidos pelos leitores de tela.

2 O QUE É O “FUTEBOL” DO FUTEBOL LGBTQIAPN+?

Quando comecei a desenvolver esta pesquisa, meu conhecimento sobre futebol era bastante limitado, e eu contava apenas com um repertório superficial e de senso comum a respeito do tema. É claro que muitas pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadoras têm essa relação com seus objetos. Mas provavelmente, no contexto brasileiro, tido como o “país do futebol”, não é tão comum que esse esporte seja uma grande novidade para quem inicia uma pesquisa sobre ele. Assim como alguns dos interlocutores desta pesquisa, eu fui um menino afeminado excluído do círculo de masculinidade na escola, o que passava diretamente pelo não acesso ao futebol. Durante a maior parte da vida, vi o futebol principalmente como signo de uma masculinidade misógina e homofóbica. Este trabalho me ajudou a perceber que o futebol não deixa de ser isso, mas que ele também é muitas outras coisas, inclusive o futebol LGBTQIAPN+.

Por ter tido essa relação com o tema, ao construir esta discussão, eu não apresento as ideias que se seguem apenas para quem lê este texto. Antes de mais nada, eu as apresentei a mim mesmo. Penso que isso torna o meu trabalho essencialmente diferente dos que são desenvolvidos por pessoas que já têm um conhecimento prévio sobre o futebol. Nas próximas páginas, irei sintetizar todo o conhecimento que eu mesmo precisei adquirir para entender o objeto da minha pesquisa. Aqui se encontram as respostas que eu busquei para as minhas próprias lacunas de informação a respeito do futebol.

Isso implica discutir não apenas o futebol LGBTQIAPN+ em si, pulando as etapas anteriores de entendimento necessárias. Por isso, discuto aqui um pouco sobre a trajetória desse esporte e a relação dele com a identidade brasileira, a masculinidade e as orientações sexuais e manifestações de gênero não normativas. Em alguns momentos, também senti a necessidade de abordar um pouco dessas questões no terreno esportivo mais amplo, para entender as particularidades do futebol nesse cenário. Outros pontos da discussão são o futebol amador, as torcidas e o futebol belo-horizontino, já que os dois times de futebol LGBTQIAPN+ estudados são os primeiros de Belo Horizonte. Não menos importante foi buscar entender que práticas são delimitadas pelo termo “futebol” no Brasil. É claro que, de tudo isso, procuro apresentar aqui apenas o que foi útil para que eu entendesse o que é o futebol como parte constitutiva do que é, afinal, o futebol LGBTQIAPN+.

Acredito que isso traga, a este trabalho, a potencialidade de se constituir como uma discussão acessível a leitoras, leitores e leitoras que, assim como eu, no início desta pesquisa, não contam com muitos conhecimentos prévios a respeito desse esporte. Portanto, peço

desculpas a quem já sabe de cor tudo o que vou retomar nas primeiras seções deste capítulo, mas faço a essas pessoas o convite para revisarem essas informações e, quem sabe, até descobrirem algum detalhe novo a respeito do tema.

2.1 DE ONDE VEM ESSE FUTEBOL?

2.1.1 A origem do futebol LGBTQIAPN+

Antes de mais nada, é preciso dizer que a ideia de um *futebol LGBTQIAPN+* é bastante nova. Essa categorização mais inclusiva, que remete a todas as identidades não cisheteronormativas, foi adotada no início desta década. Antes disso, o que existia era a ideia de um *futebol gay*. Isso é importante porque, em um primeiro momento, a ideia de afirmação de identidades não cisheteronormativas no futebol restringia-se a homens gays. Mais à frente, irei problematizar o quanto, ainda hoje, os gays ocupam de forma hegemônica os espaços do futebol LGBTQIAPN+ e como existem subgrupos nesse movimento, como o futebol transmasculino. Também considero necessário explicar que o termo que estou utilizando aqui é o “futebol LGBTQIAPN+” pelo fato de essa sigla ser a mais inclusiva usada para se referir a pessoas não cisheteronormativas atualmente.¹² No entanto, esse futebol tem sido nomeado por meio de diversas outras siglas que incluem explicitamente menos identidades, como “LGBT” ou “LGBTQIA+”. A segunda é a forma como os times brasileiros têm se nomeado oficialmente, no entanto, a primeira é a mais usada, na prática, pelos jogadores. Wagner Camargo (2022) comenta sobre isso.

Interessante perceber que, ao mesmo tempo em que as siglas vão aumentando e a representatividade vai se concretizando coletivamente e nos discursos dos atletas permanece o “futebol LGBT”, como estandarte pelo direito de praticar futebol e, paradoxalmente, também como síntese redutora para terceiros (*outsiders*) do que tudo aquilo significa ou engloba. (Wagner Camargo, 2022, p. 37)

Também entre as autoras, autores e autoras que têm discutido esse tema, as nomeações têm variado, mas sempre buscando usar os termos considerados mais inclusivos,

¹² Na verdade, no momento de conclusão do texto desta tese, a sigla mais comumente utilizada para se referir às identidades não cisheteronormativas era “LGBTQIA+”, no entanto, “LGBTQIAPN+” também vinha sendo usada de forma sistemática em contextos mais inclusivos. Possivelmente, as leitoras, leitores e leitoras que tenham acesso a este texto alguns anos depois da sua produção, terão o entendimento de que outras siglas são mais adequadas. Talvez até com a inclusão explícita de mais identidades nelas. Portanto, peço a essas leitoras, leitores e leitoras que entendam que a sigla utilizada aqui é a mais inclusiva entre as que vinham sendo efetivamente usadas no momento.

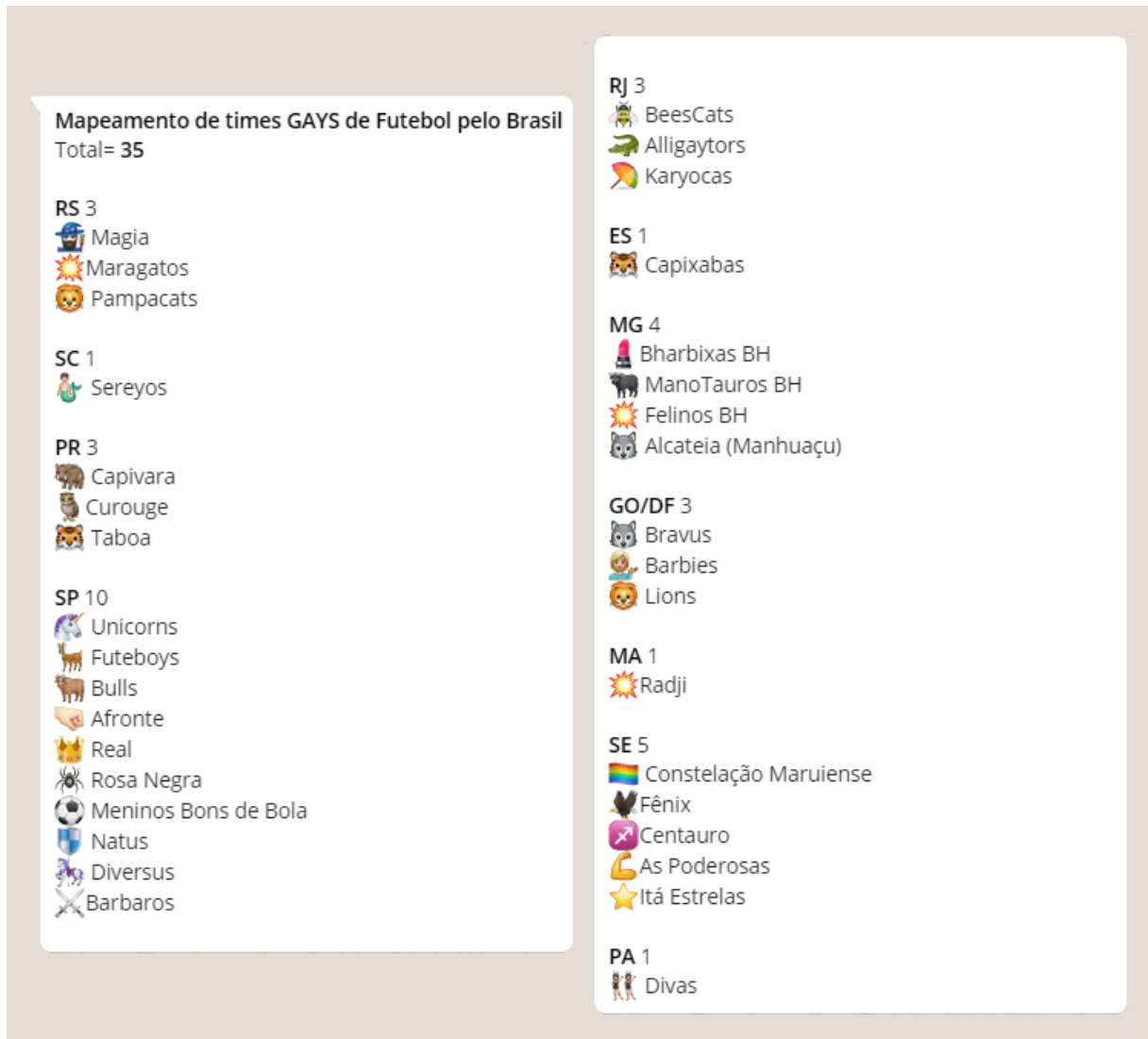
ainda que contenham explicitamente mais identidades do que o termo adotado pelos jogadores de forma oficial, que é o “futebol LGBTQIA+”. É o caso de Dóris Régis e Ligia Dona (2022), que usam o termo “futebol LGBTQIAP+”. No entanto, elas explicam que “alguns jogadores usam ‘futebol inclusivo’ como substituto de ‘futebol gay’ e sinônimo de ‘futebol LGBTQIAP+’” (Dóris Régis; Ligia Dona, 2022, p. 30-31). As autoras nos contam que o termo “futebol LGBTQIAP+” tem sido usado pelo Museu do Futebol, a partir do projeto *Diversidade em Campo* e da pesquisa *Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+*, iniciada em 2020, visando realizar entrevistas e mapeamentos de times de “futebol LGBTQIAP+”. Já Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022), assim como eu, utilizam o termo “futebol LGBTQIAPN+”¹³. Agora que já entendemos o contexto atual de nomeações, vamos voltar ao momento em que o então “futebol gay” surgiu.

Os chamados times de futebol gay eram equipes de futebol compostas apenas por homens *gays e bissexuais*. O primeiro deles foi o New York Ramblers, surgido em 1980, em Nova York, nos Estados Unidos. Nesse mesmo país, ocorreu, em 1982, a primeira competição internacional de times de futebol gay, na cidade de São Francisco. A disputa aconteceu na primeira edição dos Gay Games, evento internacional poliesportivo para atletas LGBTQIAPN+. Participaram apenas equipes dos Estados Unidos e dos Países Baixos. Em 1992, foi fundada a Associação Internacional de Futebol Gay e Lésbico (*IGFLA*, na sigla em inglês)¹⁴, ampliando o escopo do futebol não cisheteronormativo ao incluir times compostos por lésbicas. Desde o ano da sua fundação, essa associação promove a Copa do Mundo de Futebol Gay. A primeira ocorreu em Nova York e contou com 8 times, dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha. Atualmente, a associação conta com 25 equipes dos Estados Unidos, do México, do Reino Unido, da República Checa e da Austrália. Apesar de o Reino Unido só ter um time federado à IGFLA, o país tem a sua própria liga amadora, fundada em 2002, que conta com 16 equipes. Trata-se da Liga Nacional da Rede de Jogadores de Futebol Gay (*GFSN*, na sigla em inglês). Mesmo não sendo filiados à IGFLA, existem times de futebol gay em diversos outros países, como Argentina, Canadá, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha. Alguns desses times já foram filiados à IGFLA anteriormente. Nenhum time brasileiro, no entanto, faz parte dessa liga.

¹³ Acrescento que, como uma autora não-binária, a inclusão do “N” nessa sigla é uma forma de demarcar a existência dessa identidade nesse contexto.

¹⁴ Hoje ela se define como uma associação de futebol LGBTQ.

Figura 2 – Levantamento dos “times gays” brasileiros em 9 de junho de 2018



Fonte: *WhatsApp/LiGay/Ângelo (ManoTauros, 2018)*

Descrição: A imagem traz a lista de times, dividida por estado. No início, há o título “Mapeamento de times GAYS de futebol pelo Brasil – Total: 35”. A seguir, há a indicação do estado, de quantos times há nele, e a lista de times, cada um acompanhado por um emoji. Reproduzo a lista a seguir. RS: 3 – Magia (bruxo), Maragatos (explosão), Pampacats (rosto de leão). SC: 1 – Sereyos (tritão). PR: 3 – Capivara (javali), Curouge (coruja), Taboa (rosto de tigre). SP: 10 – Unicorns (unicórnio), Futeboys (veado), Bulls (boi), Afronte (soco), Real (coroa), Rosa Negra (aranha), Meninos Bons de Bola (bola), Natus (escudo), Diversus (carrossel), Bárbaros (espadas). RJ: 3 – BeesCats (abelha), Alligaytors (jacaré), Karyocas (guarda-sol). ES: 1 – Capixabas (rosto de tigre). MG: 4 – Bhabixas - BH (batom), ManoTauros - BH (touro), Felinos - BH (explosão), Alcateia - Manhuaçu (rosto de lobo). GO/DF: 3 – Bravus (rosto de lobo), Barbies (pessoa “desmunhecando”), Lions (rosto de leão). MA: 1 – Radji (explosão). SE: 5 – Constelação Maruiense (bandeira LGBTQIAPN+), Fênix (águia), Centauro (signo de sagitário), As Poderosas (muque), Itá Estrelas (estrela). PA: 1 – Divas (pessoas com orelhas de coelho).

No Brasil, a história do futebol gay começa em 1990, com a criação do Real Centro, em São Paulo. O segundo time formado, chamado Magia, só apareceu 15 anos depois, em 2005, na cidade de Porto Alegre. Em 2010, surgiu o As Maluquinhas Gay, em Ananindeua, Pará, que foi renomeado para Barcemonas, em 2014. Também no Norte e em 2014, foi

fundado o Ball Cat's, em Manaus. O Unicorns, o Futeboys e o Natus, todos de São Paulo, surgiram em 2015. Em 2016, nasceu o Capivara, em Curitiba. Nesse mesmo ano, ocorreu outro fato muito relevante: a criação do primeiro time transmasculino, o Meninos Bons de Bola, em São Paulo. Importante apontar que as datas de criação dos times aqui descritas são apenas as que puderam ser aferidas durante esta pesquisa, havendo outros times cujos anos de surgimento não chegaram a ser determinados neste trabalho. Mas é em 2017 que ocorre o boom do futebol gay no Brasil. Nesse ano, foram formados pelo menos mais 12 times¹⁵ em todo o país, incluindo cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Florianópolis. É nesse ano também que a ideia de um “futebol LGBT” começa a ser gestada, a partir do discurso do Bharbixas, primeiro time de Belo Horizonte, a respeito desse tema. No ano seguinte, pelo menos mais 8 times¹⁶ se formaram, chegando a Vitória e a Manhauçu, no interior de Minas Gerais. A Figura 2 traz o mapeamento de times feito em 2018 pela LiGay Nacional de Futebol, liga brasileira de futebol LGBTQIA+¹⁷ – na época, referenciada como uma liga de futebol gay.

Apesar do título “futebol gay”, a lista também traz o time transmasculino Meninos Bons de Bola, de São Paulo. Note-se que o levantamento não foi totalmente preciso, pois não incluía, por exemplo, o Barcemonas (Pará, 2010) e o Ball Cat's (Amazonas, 2014). Nesse momento, as redes entre os times do país ainda estavam se construindo, e as equipes do eixo Sul, que coordenavam a LiGay, ainda estavam tateando o panorama existente em outros estados.

A LiGay tem atualmente 47 equipes filiadas. Com isso, ela se tornou maior que a IGFLA e a GFSN juntas. Portanto, o boom de 2017 fez com que o Brasil se transformasse em uma megapotência mundial no futebol LGBTQIAPN+. A décima edição do Gay Games, ocorrida em 2018, em Paris, contou pela primeira vez com um time de futebol brasileiro, o BeesCats. O time garantiu a medalha de prata na competição. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre o crescimento no número de times de futebol gay no Brasil.

De repente explodiu, cresceu o número de times, o número de pessoas participando, tomou a mídia. Tava cheio de LGBT que jogava futebol, ou que tinha parado de jogar, ou que queria jogar, mas que não jogava por causa do machismo e da

¹⁵ Afronte (SP), Alligaytors (RJ), Barbies (GO), BeesCats (RJ), Bharbixas (MG), Bravus (DF), Bulls (SP), Diversus (SP), ManoTauros (MG), Pampacats (RS), Sereyos (SC) e Taboa (PR).

¹⁶ Alcateia (MG), Bárbaros (SP), Capital (DF), Capixabas (ES), Felinos (MG), Karyocas (RJ), Tubarões (SC) e Ximangos (RS).

¹⁷ Importante notar que essa é a sigla utilizada pela LiGay em 2023, ano de conclusão desta pesquisa. Possivelmente a liga atualizará sua sigla posteriormente.

homofobia no futebol. Então, eu acho que só faltava realmente um empurrão. É como se a gente já tivesse todo mundo ali envolvido, já tivesse todo mundo só esperando alguém dar um pontapé. E, quando o pontapé foi dado, foi como se fosse uma mola que tem uma energia acumulada, que vai de uma vez todo mundo, sabe, um movimento. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Para Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), a midiaticização do então futebol gay foi importante para fazer com que esse movimento se espalhasse pelo país. Eles se referem em especial à participação do Unicorns no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da *Rede Globo*, em abril de 2017.¹⁸ Assistindo ao programa, um interessado no Rio de Janeiro decidiu criar um time no estado, formando, assim, o BeesCats. Em poucas semanas, os encontros semanais do time carioca, acompanhados de música e socialização, alcançaram bastante sucesso, o que acabou chamando ainda mais atenção da mídia. Já no primeiro mês de existência, o grupo foi objeto de reportagens do *Esporte Interativo*, da *TV Globo* e do *O Globo*. Pedro (Bharbixas, 2018) acreditava que as mídias sociais foram as grandes responsáveis pelo crescimento do número de times do então futebol gay. Isso porque os clubes estabelecidos apoiavam as pessoas que queriam formar uma nova equipe em outro lugar.

Em julho de 2017, em São Paulo, aconteceu a Taça Hornet, o primeiro torneio nacional de futebol gay. O evento foi promovido pelo aplicativo de relacionamentos *Hornet*, voltado para o público gay. Participaram dele apenas quatro times: BeesCats, Futeboys, Unicorns e Capivara. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) explicam que esse torneio impulsionou ainda mais a criação de equipes de futebol gay pelo país. Wagner Camargo (2021, p. 8) define esse campeonato como “uma tentativa não muito bem sucedida, ainda num momento de transição, para o que depois seria o formato da *LiGay*”. O autor destaca que só houve duas edições dessa taça. No entanto, um legado fundamental dela, para Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), foi justamente o estabelecimento de uma parceria entre o BeesCats, o Unicorns e o Futeboys para a formação da LiGay Nacional de Futebol. O campeonato organizado pela liga viria a ser o Champions LiGay, nome que faz referência à Champions League. A primeira edição dessa competição reuniu oito times no Rio de Janeiro, em novembro de 2017, apenas quatro meses depois da Taça Hornet. O campeão foi o Bharbixas, primeiro “time LGBT” de Belo Horizonte. Na época, o ManoTauros, seu rival na cidade, ainda não havia sido formado. O campeonato teve bastante cobertura midiática, tendo sido apelidado de “Brasileirão Gay”. A partir de então, passou a ocorrer semestralmente, com um

¹⁸ Veremos na seção 2.3.1 (p. 53), que o mesmo programa também levou à formação do Bharbixas, em Belo Horizonte.

número cada vez maior de equipes participantes. A 5ª edição, ocorrida em Belo Horizonte, no segundo semestre de 2019, contou com 25 equipes, listadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Times participantes do 5º Champions LiGay

Time	Fundação	Cidade	Estado	Instagram
Afronte	2017	São Paulo	SP	@afrontefc
Alcateia	2018	Manhuaçu	MG	@alcateiaesporteclub
Alligaytors	2017	Rio de Janeiro	RJ	@alligaytorsfc
Ball Cat's	2014	Manaus	AM	@ballcats_oficial
Bárbaros	2018	São Paulo	SP	@barbarosfc_
Barbies	2017	Goiânia	GO	@barbiesec
BeesCats	2017	Rio de Janeiro	RJ	@beescatsbr
Bharbixas	2017	Belo Horizonte	MG	@bharbixas
Bravus	2017	Brasília	DF	@bravusbsb
Bulls	2017	São Paulo	SP	@bulls.sp
Capital	2018	Brasília	DF	@capitalsoccerdf2
Capivara	2016	Curitiba	PR	@cec_capivara
Capixabas	2018	Vitória	ES	@timecapixabas
Diversus	2017	São Paulo	SP	@diversusfc
Futeboys	2015	São Paulo	SP	@futeboysfc
Karyocas	2018	Rio de Janeiro	RJ	@karyocas_clubfut7
Magia	2005	Porto Alegre	RS	@magiasportclub
ManoTauros	2017	Belo Horizonte	MG	@manotaurosmg
Pampacats	2017	Porto Alegre	RS	@pampacats
Predadores	2019	Belo Horizonte	MG	@predadores.f.c.mg
Real	1990	São Paulo	SP	@realcentrofc
Taboa	2017	Curitiba	PR	@taboafc
Tubarões	2018	Florianópolis	SC	@aatubaroes
Unicorns	2015	São Paulo	SP	@unicornsbrasil
Ximangos	2018	Porto Alegre	RS	@ximangos_e.c

Fonte: elaborado pelo autore

Nessa edição, Bharbixas, ManoTauros e Predadores também competiram com seus times femininos em uma chave específica para eles. Nessa modalidade, as mulheres podiam ter qualquer orientação sexual, inclusive ser heterossexuais. É importante apontar que outras equipes pelo país também têm times femininos, o que demonstra uma presença considerável

de mulheres no futebol LGBTQIAPN+ brasileiro. No entanto, essa presença não tem se mostrado nos campeonatos da LiGay, como veremos melhor na Seção 2.6.4 (p. 132).

Como é possível perceber pelo Quadro 1, 19 dos 25 clubes (76%) foram fundados a partir de 2017, ano que marca o crescimento do cenário futebolístico gay no país. Além do Bharbixas e do ManoTauros, Belo Horizonte já tinha outros dois times na data em que ocorreu essa competição, o Felinos e o Predadores. Além deles, Minas Gerais também já contava com um time em Manhuaçu, o Alcateia. Inclusive, esse era o único time da competição que não vinha de uma capital. 15 clubes (60%) pertenciam à região Sudeste, 6 (24%) à região Sul, 3 (12%) à região Centro-Oeste, 1 (4%) à região Norte e nenhum à Nordeste.¹⁹ Nessa edição do Champions LiGay, o ManoTauros foi eliminado nas oitavas de final, e o Bharbixas terminou em 4º lugar. O torneio feminino foi vencido pelo ManoTauros.

A pandemia de Covid-19 fez com que o Champions LiGay deixasse de acontecer por dois anos. A sexta edição só foi realizada em 2022. Ela marcou algumas mudanças importantes nesse cenário. A primeira é que, oficialmente, o futebol gay passou a ser “futebol LGBTQIA+”. Na prática, nas edições anteriores, o Bharbixas já subvertia a lógica do então futebol gay, contando com uma jogadora mulher na composição do time – veremos mais sobre isso na Seção 2.6.4 (p. 132). Mas, em 2022, essa possibilidade se tornou mais institucionalizada, apesar de ainda não aparecer de forma explícita no regulamento do campeonato. No entanto, a participação de mulheres não aumentou. Por isso, na prática, esse futebol ainda se manteve quase exclusivamente gay – também abordaremos mais sobre isso na Seção 2.6.4 (p. 132). Nessa edição, ocorreu uma disputa paralela de times transmasculinos filiados à LiGay. Antes, se quisessem participar, eles precisavam concorrer junto com os demais times LGBTQIA+. No entanto, partiu deles a solicitação para que disputassem apenas entre si. Importante observar que essa subdivisão torna os demais times ainda menos diversos, já que os jogadores trans formam equipes e disputam o campeonato de forma segmentada. Na 6ª edição, o campeonato feminino, inserido na edição anterior, não foi continuado, outro ponto que diminuiu a diversidade, já que antes, mesmo de forma segmentada por gênero, mais mulheres participavam. O Quadro 2 mostra o resumo das características das seis primeiras edições do Champions LiGay.

¹⁹ Em um primeiro momento, pensei que essa discrepância poderia estar parcialmente relacionada às diferenças históricas em torno do peso relativo da construção da identidade gay em diferentes regiões do país, como evidenciado nas discussões de Peter Fry (1982). Mas, a seguir, veremos que estava mais relacionada a uma possível invisibilização de times já existentes.

Quadro 2 – Edições nacionais do Champions LiGay

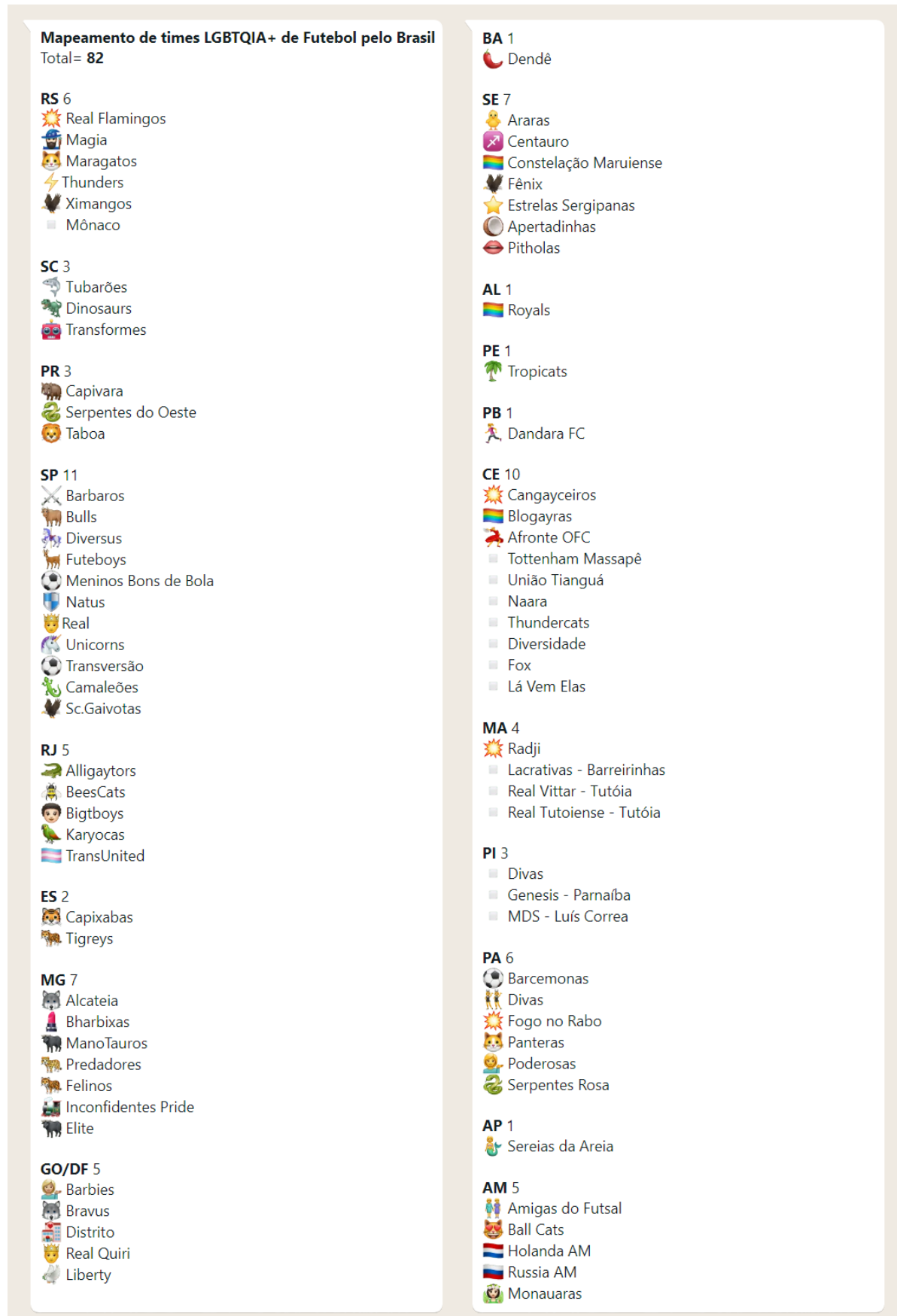
Edição	Cidade	Data	Gay / LGBTQIA+	Feminino	Transmasculino
Primeira	Rio de Janeiro	nov. 2017	8	-	-
Segunda	Porto Alegre	abr. 2018	12	-	-
Terceira	São Paulo	nov. 2018	16	-	-
Quarta	Brasília	abr. 2019	20	-	-
Quinta	Belo Horizonte	nov. 2019	25	3	-
Sexta	São Paulo	nov. 2022	24	-	4

Fonte: LiGay

Outra mudança importante ocorrida em 2022 é que a LiGay passou a realizar campeonatos regionais antes do campeonato nacional, no primeiro semestre do ano, de forma que a edição nacional do Champions LiGay se tornou anual, ocorrendo no segundo semestre. Os campeonatos regionais passaram a ser critério de seleção para o nacional, a fim de garantir a representatividade de times das cinco regiões do país proporcional ao número de equipes de cada região. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) foi presidente da LiGay durante três anos. Ele contou que foi ele quem teve a ideia de fazer os campeonatos regionais classificatórios, para dar chances para todos os times LGBTQIAPN+ brasileiros participarem. Isso porque, anteriormente, novos times entravam para o campeonato por meio de convite da liga, e o número de times existentes já era muito maior do que as vagas para disputar o campeonato. Dessa forma, não era possível incluir os novos times que apareciam. Ele explicou como ficou o formato: “as regiões que têm mais equipes classificam mais times. As regiões que têm menos equipes classificam menos times. Mas sempre tem um representante de cada região, né? Na última LiGay, a gente teve representante das cinco regiões do Brasil”.

A Figura 3 traz o mapeamento de times feito em 2023 pela LiGay Nacional de Futebol. Repare que, diferentemente do levantamento realizado em 2018 (Figura 2, p. 24), aqui as equipes já são chamadas de “times LGBTQIA+” e não mais de “times gays”. Em 5 anos, o número de times mapeados subiu de 35 para 82 – aumento de 134%. Isso não quer dizer necessariamente que o número de times criados nesse período tenha sido maior do que o número de times que já existia até 2018. De fato, houve a criação de muitos times de lá para cá, mas também houve a identificação de diversas equipes que já existiam, mas que a LiGay ainda não havia mapeado no período anterior. É o caso dos veteranos Barcemonas (Pará, 2010) e Ball Cat’s (Amazonas, 2014), por exemplo. É interessante notar, contudo, que alguns times também deixaram de existir de lá para cá.

Figura 3 – Levantamento dos “times LGBTQIA+” brasileiros em 6 de fevereiro de 2023



Fonte: *WhatsApp/LiGay/Daniel (ex-Bharbixas, 2023)*

Descrição: A imagem traz a lista de times, dividida por estado. No início, há o título “Mapeamento de times LGBTQIA+ de futebol pelo Brasil – Total: 82”. A seguir, há a indicação do estado, de quantos times há nele, e a lista de times, cada um acompanhado por um emoji. Reproduzo a lista a seguir. RS: 6 – Real Flamingos (explosão), Magia (bruxo), Maragatos (rosto de gato), Thunders (trovão), Ximangos (águia), Mônaco (sem emoji). SC: 3 – Tubarões (tubarão), Dinosaurs (tiranossauro), Transformers (robô). PR: 3 – Capivara (javali), Serpentes do Oeste (cobra), Taboa (rosto de leão). SP: 11 – Bárbaros (espadas), Bulls (boi), Diversus (carrossel), Futeboys (veado), Meninos Bons de Bola (bola), Natus (escudo), Real (pessoa coroada), Unicorns (unicórnio), Transversão (bola), Camaleões (camaleão), Sc.Gaiivotas (águia). RJ: 5 – Alligaytors (jacaré), BeesCats (abelha), Bigtboys (rosto masculino), Karyocas (papagaio), TransUnited (bandeira trans). ES: 2 – Capixabas (rosto de tigre), Tigreys (tigre). MG: 7 – Alcateia (rosto de lobo), Bhabixas (batom), ManoTauros (touro), Predadores (leopardo), Felinos (tigre), Inconfidentes Pride (locomotiva), Elite (touro). GO/DF: 5 – Barbies (pessoa “desmunhecando”), Bravus (rosto de lobo), Distrito (prédio), Real Quiri (pessoa coroada), Liberty (pomba). BA: 1 – Dendê (pimenta). SE: 7 – Araras (pintinho), Centauro (signo de sagitário), Constelação Maruiense (bandeira LGBTQIAPN+), Fênix (águia), Estrelas Sergipanas (estrela), Apertadinhas (coco), Pitholas (boca). AL: 1 – Royals (bandeira LGBTQIAPN+). PE: 1 – Tropicats (palmeira). PR: 1 – Dandara FC (pessoa correndo). CE: 10 – Cangayceiros (explosão), Blogayras (bandeira LGBTQIAPN+), Afronte OFC (dançarina), Tottenham Massapê (sem emoji), União Tianguá (sem emoji), Naara (sem emoji), Thundercats (sem emoji), Diversidade (sem emoji), Fox (sem emoji), Lá Vem Elas (sem emoji), MA: 4 – Radji (explosão), Lacrativas - Barreirinhas (sem emoji), Real Vittar - Tutóia (sem emoji), Real Tutoiense - Tutóia (sem emoji). PI: 3 – Divas (sem emoji), Genesis - Parnaíba (sem emoji), MDS - Luís Correa (sem emoji). PA: 6 – Barcemonas (bola), Divas (pessoas com orelhas de coelho), Fogo no Rabo (explosão), Panteras (rosto de gato), Poderosas (pessoa “desmunhecando”), Serpentes Rosa (cobra). AP: 1 – Sereias da Areia (sereia). AM: 5 – Amigas do Futsal (mulheres de mãos dadas), Ball Cats (rosto de gato com olhos de coração), Holanda AM (bandeira da Holanda), Russia AM (bandeira da Rússia), Manauaras (fada).

A proporção de times por região também mudou bastante. Em 2018, eram 18 times do Sudeste (51%), 7 do Sul (20%), 6 do Nordeste (17%), 3 do Centro-Oeste (9%) e 1 do Norte (3%). Em 2023, passaram a ser 28 do Nordeste (34%), 25 do Sudeste (30%), 12 do Norte (15%), 12 do Sul (15%) e 5 do Centro-Oeste (6%).

Em 5 anos, o número de times mapeados subiu de 35 para 82 – aumento de 134%. Isso não quer dizer necessariamente que o número de times criados nesse período tenha sido maior do que o número de times que já existia até 2018. De fato, houve a criação de muitos times de lá para cá, mas também houve a identificação de diversas equipes que já existiam, mas que a LiGay ainda não havia mapeado no período anterior. É o caso dos veteranos Barcemonas (Pará, 2010) e Ball Cat’s (Amazonas, 2014), por exemplo. É interessante notar, contudo, que alguns times também deixaram de existir de lá para cá. A proporção de times por região também mudou bastante. Em 2018, eram 18 times do Sudeste (51%), 7 do Sul (20%), 6 do Nordeste (17%), 3 do Centro-Oeste (9%) e 1 do Norte (3%). Em 2023, passaram a ser 28 do Nordeste (34%), 25 do Sudeste (30%), 12 do Norte (15%), 12 do Sul (15%) e 5 do Centro-Oeste (6%).

Chama a atenção a quantidade de times no Ceará, que não aparecia no primeiro levantamento e, no seguinte, é o segundo estado com mais times mapeados no país. Por outro lado, outro detalhe também chama a atenção: os times têm emojis que representam cada um deles. Porém, alguns times ainda não apresentavam essa definição no segundo levantamento.

Quase todos eles são do Nordeste, sendo 7 somente no Ceará. Esse detalhe indica que a LiGay ainda tem um relacionamento frágil com esses times, já que sequer havia decidido com eles o emoji que lhes representaria – ou, se havia decidido, ainda não havia ocorrido essa atualização na lista. Assim como o crescimento total de times, o aumento da proporção de equipes no Nordeste e no Norte não indica necessariamente que a expansão do futebol LGBTQIAPN+ nessas regiões foi maior que a média nesse período, pelo mesmo motivo que falamos anteriormente: parte desses times já existiam no primeiro levantamento, mas não haviam sido mapeados. Também é importante notar que essa é a lista de times conhecidos pela LiGay, não a de times filiados a ela. Portanto, a proporção de equipes por região nessa lista não se reflete do mesmo modo na lista dos times filiados à LiGay.

Destaca-se também o crescimento do futebol transmasculino como uma subdivisão ou como um movimento paralelo ao futebol LGBTQIAPN+. Na 6ª edição do Champions LiGay, esses times passaram a ter uma chave exclusiva no campeonato, com a participação de 4 equipes. No entanto, o número total de times é bem maior, e há campeonatos exclusivos independentes da LiGay organizados por eles. É o que nos conta Bernardo Gonzales (2022, p. 49): “ao todo, entre times ativos e inativos, são 14 equipes das quais 50% seguem ativas. Dois campeonatos exclusivos para transmasculinidades e transfeminilidades surgidos desde a COVID-19 em São Paulo”²⁰. De fato, o Brasil tem um protagonismo muito grande em relação ao desenvolvimento do futebol transmasculino. Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020), ao analisarem textos *online* sobre o Meninos Bons de Bola (conhecido pela sigla MBB), identificaram que veículos do Reino Unido e da Espanha apresentaram o MBB como o primeiro time de futebol transmasculino do mundo.

Mas a história do futebol LGBTQIAPN+ no Brasil e no mundo é apenas a cena mais recente de um filme cuja abertura foi rodada há cerca de cinco séculos. É isso o que vamos ver na próxima seção: de onde vem o futebol que se tornou o futebol LGBTQIAPN+?

2.1.2 O nascimento na Inglaterra

O alcance de público e o sucesso financeiro do futebol fazem dele o esporte mais popular do mundo na atualidade. Mas ele não nasceu em berço de ouro. A existência do futebol foi oficializada em 1863, com a fundação da Football Association, na Inglaterra.

²⁰ De fato, pelo que pude aferir, o primeiro time transfeminino efetivo só foi criado oficialmente em julho de 2023, pelo Meninos Bons de Bola. Até o fechamento deste texto, era a única equipe da qual esta pesquisa tinha conhecimento.

Porém, segundo Alex Oliveira (2012), desde o século XVI, o futebol já era praticado pela população camponesa no interior daquele país. É necessário apontar, no entanto, que falar de futebol antes da consolidação desse esporte pode ser um tanto anacrônico, ou seja, estaríamos falando de futebol antes de o futebol existir. Nesse sentido, falamos, na verdade, sobre um profutebol, sobre o início de uma prática esportiva que, posteriormente, viria a se tornar o futebol que conhecemos hoje. De todo modo, segundo Alex Oliveira (2012), até o século XIX, esse profutebol não era considerado um esporte, porque apenas as atividades realizadas pela nobreza eram reconhecidas dessa forma, e as famílias nobres consideravam-no um passatempo “desregrado” que induzia à violência.

Porém, Bruno Boschilia, Sérgio Giglio e Wanderley Marchi Jr. (2022) explicam que, no século XIX, as *public schools* inglesas adotaram a prática do que, então, já se aproximava mais do que hoje entendemos como futebol. Isso ocorreu dentro de um processo que buscava transformar em esportes os jogos populares daquele país. As *public schools* eram instituições de ensino públicas bastante independentes do Estado. Elas haviam sido criadas para a população carente, mas acabaram se transformando em internatos para estudantes de classe alta e média alta. Nessas instituições, práticas como o futebol passaram a ser adotadas com um propósito aristocrático de desenvolvimento educacional. Os autores destacam que é nas *public schools* que o futebol moderno ganhou corpo, especialmente no período entre os anos 1830 e 1860.

Também o cristianismo atuou a favor do futebol no século XIX na Inglaterra. A Igreja Católica abria espaço depois das missas de domingo para práticas de lazer e jogos, inclusive o futebol. Essas atividades também eram valorizadas nas festividades da Igreja. Carmen Rial (2012) explica que o protestantismo era historicamente mais resistente à prática esportiva. Todavia, ao longo do século XIX, ganhou força, na Igreja Anglicana, a doutrina do cristianismo muscular. Segundo a autora, essa crença se liga às ideias de que o homem cristão deve cuidar da sua forma física e masculinidade. Esse processo favoreceu o incentivo também do anglicanismo à prática de esportes como o futebol.

Mas, se certos movimentos de valorização do futebol no séc. XIX vinham de lugares de poder, como as *public schools* e as igrejas, por outro lado, o esporte também resistia através de lugares de subalternidade. Alex Oliveira (2012) explica que, com a revolução industrial, a prática de origem camponesa também passou a ser realizada pela classe proletária. Nesse momento, a burguesia é quem não via esse processo com bons olhos, por acreditar que esse esporte reduzia a produtividade do operariado, especialmente quando

alguém se machucava. Em 1835, o parlamento inglês chegou a impor uma lei coibindo a prática do futebol, mas houve grande resistência popular contra ela.

Em 1863, com a criação da Football Association²¹, foram oficializadas um conjunto de regras para padronizar a prática do esporte, que até então contava com muitas variações. Esse acontecimento é apontado como o início do futebol moderno. Bruno Boschilia, Sérgio Giglio e Wanderley Marchi Jr. (2022) destacam que esse movimento de padronização foi impulsionado por egressos das *public schools*. Segundo Agnaldo Kupper (2019), as regras estabelecidas foram publicadas em cartilhas e distribuídas pelo país. Mas Alex Oliveira (2012) ressalta que a prática do esporte seguiu ocorrendo de forma marginalizada por parte do operariado até a década de 1870, quando passou a ocupar as tardes de sábado, recém-conquistadas como período de folga pela classe trabalhadora. Em 1885, o futebol foi profissionalizado na Inglaterra. Nas últimas décadas do século XIX, o já consolidado esporte iniciou sua expansão global, chegando à França em 1872. Nesse mesmo ano, houve também a primeira partida entre seleções, disputada por Inglaterra e Escócia.

A história do futebol é geralmente contada apenas da perspectiva masculina, por isso, é importante pensarmos também na prática dele por mulheres nesse período. Segundo Nilsângela Lima e Maria Sousa (2016), além de haver poucas fontes documentais sobre as primeiras participações das mulheres nesse esporte, elas também apontam para diferentes datas. Entretanto, a primeira partida de futebol entre mulheres registrada na Inglaterra teria ocorrido entre 1880 e 1889. Todavia, a participação das mulheres no esporte só foi se consolidar efetivamente durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando os homens deixaram os campos de futebol vazios ao partirem para os campos de batalha. Segundo as autoras, as partidas costumavam ter caráter beneficente, arrecadando fundos para os veteranos da Guerra. Carmen Rial (2021) destaca a criação do time Dick, Kerr's Ladies FC, em 1917. Segundo a autora, ele chegou a viajar para os Estados Unidos e se tornou “imbatível” até mesmo nas competições contra homens. Porém, em 1921, as mulheres foram proibidas de praticar esse esporte na Inglaterra, e essa proibição só foi revogada em 1970.

²¹ 11 times foram responsáveis pela criação das regras do futebol moderno. Segundo Agnaldo Kupper (2019), acredita-se que esse seja o motivo pelo qual ficou definido que cada time teria 11 jogadores.

2.1.3 A chegada ao Brasil e as tensões de raça, classe e gênero

A narrativa oficial conta que, em 1894, em São Paulo, o futebol chegou ao Brasil por meio do estudante brasileiro Charles Miller, vindo da Inglaterra. Alex Oliveira (2012, p. 171) relata, numa narrativa quase mítica, que, na bagagem desse herói, havia “duas bolas, uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte”. A verdade é que essa narrativa oficial, protagonizada por um homem branco de classe média alta, foi a escolhida para marcar o início da prática futebolística no Brasil. No entanto, nesse mesmo período, o esporte também chegava pelos portos e ia sendo assimilado por trabalhadores locais. Devido à inconsistência dos registros sobre esse processo, não é possível confirmar que Charles Miller tenha sido o primeiro a fazer esse “desembarque”. Outros, mais invisíveis, podem tê-lo realizado primeiro. Há relatos que sugerem que os primeiros contatos de brasileiros com o esporte teriam ocorrido bem antes, no final da década de 1870, mas estes não contam com a chancela da história oficial, construída com a ajuda da crônica esportiva. No entanto, é importante observar que, de certo modo, as narrativas sobre a história que estamos contando são tão importantes quanto o que se desenrolou de forma efetiva. Afinal, elas trazem as representações que constroem o imaginário sobre o qual esse esporte se fundou.²²

Depois da chegada de Charles Miller, o jogo se difundiu entre jovens de elite que tentavam se aproximar do modelo “civilizado” europeu. As partidas aconteciam em espaços pequenos e luxuosos, que funcionavam como símbolo de distinção social. Entretanto, paralelamente, o futebol se popularizava entre as classes menos privilegiadas em todo o país. Segundo Pablo Alabarces (2018), no fim da década de 1900, o futebol já havia se espalhado por quase todo o Brasil. Diversos europeus ou brasileiros que regressavam da Europa, tal como Charles Muller, foram recebendo o título de “pais” do futebol em cada local do país para o qual se dirigiam. O autor conta que, em 1906, por exemplo, já havia uma liga de futebol em Belém, o que demonstra que o esporte já estava presente também na Amazônia. Os relatos não oficiais, inclusive, apontam para esse como um dos locais em que o futebol começara a aparecer mesmo antes da chegada de Miller.

²² Nesse aspecto, Marc Bloch (2002) faz uma crítica à “obsessão das origens”, justamente porque esse processo tende a se construir a partir da criação de mitos fundadores e do estabelecimento de heróis. Wagner Camargo (2022), ao comentar a perspectiva do autor, define a forma como busca evitar essa armadilha: “ouço as narrativas e as entendo como complementares, e não como oponentes. Há, indubitavelmente, elementos reiterativos e comuns. Tento, portanto, estabelecer alguma organização das ideias” (Wagner Camargo, 2022, p. 37).

Porém, em contraste com os equipamentos caros e espaços sofisticados da elite branca, os pobres e negros jogavam com bolas velhas em campos improvisados. Inicialmente, segundo Alex Oliveira (2012), os jogadores da elite gostavam de jogar com os pobres para “impor” sua supremacia no esporte. Entretanto, a relação entre os times era tensa, de modo que os jogadores negros não podiam fazer jogadas mais agressivas contra os jogadores brancos, sob risco de sofrerem violência dos policiais que acompanham as partidas. Alex Oliveira (2012) relaciona esse contexto com a formação do chamado “futebol arte” brasileiro, à medida em que os jogadores negros passaram a ter que improvisar jogadas que envolviam menos contato físico, exigindo mais habilidade com os pés e controle da bola. Apesar do caráter mítico dessa teoria, ela é uma alegoria eficaz sobre o malabarismo que pobres e negros tinham que fazer para ter acesso ao esporte elitizado naquele momento. É preciso lembrar que a escravidão havia acabado há apenas seis anos quando o futebol supostamente chegou ao país, e que o Brasil foi a última nação americana a realizar a abolição.

Apesar de tudo, times compostos por jogadores negros surgiram rapidamente. Em 1900, foi fundado o Ponte Preta, em São Paulo. Ele contou com Benedito Aranha como um dos fundadores e com Miguel do Carmo como jogador da primeira formação do time (Ponte Preta, 2022). No Rio Grande do Sul, havia uma liga só para equipes de jogadores negros, a chamada Liga das Canelas Pretas, surgida em 1920. Era uma competição paralela à que ocorria entre os times de elite de jogadores brancos (Diogo Magri, 2022). Segundo Alex Oliveira (2012), o estilo dos jogadores negros chamava a atenção dos times de elite. No entanto, além do preconceito a ser vencido, a elite defendia o amadorismo no esporte, enquanto que, para os negros, não era possível se dedicar integralmente ao futebol se não fossem remunerados. Nos anos 1920, o Vasco da Gama foi um dos primeiros times de elite a incluir jogadores negros na equipe. Com essa configuração, o clube venceu o campeonato carioca de 1923. Segundo Pablo Alabarces (2018), a resposta dos times de elite à vitória do Vasco foi criar uma nova liga que estabelecia regras excludentes para ele, como proibir a participação de jogadores que exerciam determinadas profissões ou que fossem analfabetos. Como resistência, o Vasco passou a alfabetizar, ainda que precariamente, os seus jogadores. A partir da análise de episódios como esse, Pablo Alabarces (2018) nos lembra de que as segregações que existiam no futebol brasileiro naquele momento não eram só de raça, mas também de classe. Mas, com a popularização cada vez maior do Vasco, os demais times viram-se obrigados a aceitá-lo novamente na liga, em 1925.

Pablo Alabarces (2018) conta que, em 1914, o jogador Carlos Alberto teria coberto o seu rosto com pó de arroz para jogar pelo Fluminense se passando por branco. Ainda que não

haja muitas fontes que confirmem esse acontecimento, a “lenda”, como chama o autor, dá a ver as relações raciais que se estabeleciam naquele momento. Segundo Pablo Alabarces (2018), o Flamengo, fundado em 1912, teve origens elitistas. Porém, ao se profissionalizar, em 1936, contratou alguns dos principais jogadores negros da época, o que contribuiu para que a torcida do time passasse a ser predominantemente de classes populares. O time recebeu, então, o apelido de “pó de carvão”, em oposição ao apelido “pó de arroz”, que o rival Fluminense havia adquirido há mais de duas décadas devido ao acontecimento supracitado.

Por toda trajetória apresentada, Alex Oliveira (2012, p. 174) defende que a história do futebol foi marcada por sua relação com os conflitos sociais: “desde a época dos camponeses e nobres na Inglaterra, até sua chegada elitista no Brasil, a prática futebolística esteve presente nos conflitos entre pobres e ricos”. Também Marcelino Silva (2012) reforça essa visão, mas a estende a outros tipos de conflito social.

Em grande parte dos discursos acadêmicos, jornalísticos e artísticos sobre a história do futebol brasileiro, o conflito entre o povo e as elites ocupa um lugar preponderante, emulado muitas vezes por outras dicotomias análogas, como as que opõem negros e brancos, ricos e pobres, centro e subúrbio etc. (Marcelino Silva, 2012, p. 85)

No entanto, esse autor destaca que não é possível observar de forma tão evidente essas dicotomias no desenvolvimento do futebol em todos os lugares, apontando Belo Horizonte como um exemplo mais complexo (veremos mais sobre ele na Seção 2.3.4, p. 69).

Segundo Marcelino Silva (2012), na década de 1930, o processo de profissionalização do futebol tomou corpo no país. Pablo Alabarces (2018) nos lembra de que, mesmo antes da profissionalização, ocorriam pagamentos ilegais a jogadores que não podiam jogar de forma amadora. Era o chamado “amadorismo marrom”. Mas Marcelino Silva (2012) explica que, se, de um lado, o amadorismo era defendido por quem queria manter o caráter elitista do esporte, de outro, buscava-se aproveitar as oportunidades trazidas por sua grande popularização. A elite desejava que o futebol se mantivesse como divertimento, e os trabalhadores que se tornasse também fonte de subsistência.

Joanna Silva (2011) explica que a profissionalização rompeu com a diferenciação que o esporte promovia entre as classes sociais. A autora afirma que a elite resistiu ao profissionalismo também porque ele ameaçava sua hegemonia no esporte. Enquanto os trabalhadores não tinham tempo suficiente para se dedicarem ao treinamento, os jogadores da elite levavam vantagem. Mas quando os pobres passaram a poder se dedicar integralmente ao esporte, o desequilíbrio se invertia. Uma forma de tentar contornar isso foi dividir os

campeonatos em duas ligas, de maneira que os times amadores, ainda contando com maior status, não competissem de frente com os times profissionais. Segundo Pablo Alabarces (2018), outra forma encontrada pelos times de elite para concorrer com os times de jogadores negros foi recrutar jogadores pobres, porém brancos. Mas estes também não contavam com tempo livre para o amadorismo, o que pressionava ainda mais os times para a profissionalização. No fim das contas, com a inserção dos jogadores negros nos times de elite e o destaque que eles passaram a ter nessas equipes, surgiu, ironicamente, a visão do futebol enquanto concretizador de um imaginário da miscigenação tomada como suposta identidade nacional (Carlos Vogel, 2021).

Caroline Almeida e Thaís Almeida (2020) nos falam sobre a participação das mulheres nesse contexto. Segundo as autoras, os primeiros registros de jogos realizados por mulheres no Brasil são de 1913. As autoras destacam, entretanto, que as mulheres estiveram engajadas na prática do esporte desde o início, ainda que apenas nas arquibancadas. Segundo as autoras, “nesse primeiro momento, o futebol jogado por mulheres simulava um caráter recreativo e filantrópico, fortemente ligado às elites” (Caroline Almeida; Thaís Almeida, 2020, p. 172). A prática foi se tornando mais competitiva nas décadas seguintes e, em 1940, um público de 80 mil torcedoras, torcedores e torcedorus foi registrado em uma partida. Nessa mesma década, segundo Carmen Rial (2021), já havia mais de 200 times espalhados pelo país.

Caroline Almeida e Thaís Almeida (2020) apontam que, com a popularização do futebol entre mulheres, começou a surgir um questionamento sobre o “perigo” que o esporte trazia para a capacidade das praticantes gestarem fetos, demonstrando um domínio do Estado sobre o corpo da mulher.²³ Entretanto, a situação começou a se agravar quando apareceram insinuações de que os times seriam, na verdade, uma forma de aliciamento de mulheres para a prostituição. O auge desse processo estigmatizador do futebol de mulheres se deu quando times formados por mulheres começaram a ser convidados para fazerem excursões internacionais. Nesse momento, o moralismo em relação à “exposição” delas fez com que a situação fosse vista como insustentável. Inclusive porque parecia ser uma afronta para o país e o futebol como símbolo nacional.

Assim, em 1941, a prática de futebol por mulheres acabou sendo proibida no país. As autoras nos lembram de que, naquele período, dois movimentos já aconteciam no futebol: a

²³ Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) nos lembram de que, até recentemente, havia, nos regulamentos oficiais, obrigações que visavam a feminilização e a sexualização das jogadoras de futebol, como cabelos compridos e uniformes curtos e justos. Com isso, é possível perceber que o controle sobre esses corpos continuou, de forma mais sutil, mesmo após a institucionalização do futebol de mulheres.

profissionalização e a transformação do esporte em símbolo da identidade brasileira. Entretanto, mesmo antes da proibição, ambos os processos já não incluíam as mulheres. A prática só se tornou legal novamente em 1979. Carmen Rial (2021) explica que, nesse período, grande parte das mulheres internalizaram o distanciamento em relação ao esporte. Desse modo, o mais comum é que não apresentassem mais interesse por ele, nem mesmo como torcedoras. A não ida aos estádios também estava relacionada ao clima de assédio muito presente nesses espaços. Caroline Almeida e Thaís Almeida (2020), por outro lado, contam que, mesmo com a proibição, algumas mulheres continuaram praticando de forma clandestina no país – inclusive em Belo Horizonte –, por vezes, alcançando certo destaque e não suscitando oposições de autoridades. A regulamentação do futebol praticado por mulheres pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) só aconteceu em 1983, ano em que ocorreu o primeiro campeonato nacional. O ressurgimento do futebol praticado por mulheres, segundo Carmen Rial (2021, p. 245, tradução minha), ocorreu “nas praias e nas boates lésbicas do Rio de Janeiro e de São Paulo”²⁴. As mulheres pobres, negras e lésbicas foram as primeiras a voltar a ocupar o cenário do futebol de mulheres.

2.1.4 O país do futebol

Gilmar Mascarenhas (2012) afirma que o início da prática do futebol no território brasileiro se misturou com o próprio processo de integração nacional, à medida em que o país só viria a se tornar integrado de forma mais efetiva a partir da década de 1930. Antes disso, o Brasil tinha um perfil predominantemente rural, com baixo índice de urbanização. Para Gilmar Mascarenhas (2012, p. 67), a partir da primeira metade do século XX, o futebol se tornou “um dos mais poderosos elementos definidores” da nacionalidade brasileira, ao se disseminar pelo país. O autor acredita que isso se torna evidente quando observamos que há um campinho de futebol em qualquer lugar do Brasil. Hevilla Fernandes (2022) destaca que o governo Vargas teve papel fundamental nesse processo, impulsionando o estabelecimento do futebol como signo de identidade nacional ao utilizar o esporte como ferramenta política para promover a unificação do país. Grandes estádios, como o Pacaembu, foram inaugurados nesse período.

Não surpreende que todas, todos e todes nós já tenhamos ouvido dizer que o Brasil é o país do futebol. Hilário Franco Júnior (2013) discute esse título autoconcedido, ressaltando

²⁴ Do original: “en las playas y en las discotecas lesbianas de Rio de Janeiro y de São Paulo”.

que não há uma precisão sobre o que ele significa. Para o autor, não é possível entender se o Brasil seria o país “onde o futebol é mais praticado, ou mais apreciado, ou mais bem compreendido, ou mais bem jogado, ou que produz os maiores futebolistas, ou que mais vence” (Hilário Franco Júnior, 2013, p. 48). Essa crença, no entanto, tornou-se importante para a construção da identidade nacional, não sendo apenas uma forma como nós nos conhecemos, mas também pela qual, por vezes, somos conhecidas, conhecidos e conhecidas internacionalmente.

Usando dados relativos à época de escrita de sua pesquisa, Hilário Franco Júnior (2013) busca questionar e desconstruir a imagem que o Brasil faz de si em relação ao futebol. Ele aponta a existência de uma quantidade de praticantes do esporte muito maior em outros países, como Alemanha, Estados Unidos e China. Esta última, em especial, contava com o dobro de praticantes do futebol. O autor não traz para a discussão o volume da torcida em cada país. Por isso, deixa em aberto a possibilidade de o Brasil, não sendo o país com mais praticantes, ser o país com mais pessoas torcedoras. No entanto, o autor traz um indicativo de que, caso o Brasil tenha uma torcida maior, isso não se reflete na ida dela aos estádios. Portugal e Alemanha, por exemplo, mesmo sendo países menores, tinham médias de público nos estádios superiores à nossa. É claro que isso não invalida a possibilidade de a torcida brasileira ser maior se considerarmos também as pessoas que acompanham os jogos pela mídia. Mas o autor não apresenta dados a esse respeito.

Hilário Franco Júnior (2013), portanto, faz um grande esforço para dizer que a imagem de que o Brasil é o país do futebol está errada, como se fosse necessário que essa representação se materializasse em algum dado estatístico para se mostrar legítima. Ao fim de sua discussão, ele supõe que o Brasil se agarrou ao título de país do futebol para compensar o fato de que, supostamente, nunca produziu grandes nomes em áreas como a ciência, a filosofia, a literatura, as artes plásticas e o cinema. Seria possível criticar essa reflexão do autor apontando a ausência de uma perspectiva decolonial que revelasse que essa “falta de talentos” poderia ser, na verdade, uma falta de reconhecimento dos países ditos “desenvolvidos” em relação ao Brasil. Mas Hilário Franco Júnior (2013) compara o nosso país com outras nações tidas como “em desenvolvimento”, como Argentina, México, Índia e África do Sul, argumentando que elas têm uma quantidade expressiva de prêmios Nobel, por exemplo, enquanto nós não temos nenhum.

De qualquer maneira, Hilário Franco Júnior (2013) apresenta um julgamento dos nossos talentos baseado na falta de reconhecimento por parte dos outros países e não por um olhar realizado pelo lado de dentro. Além disso, ele relega ao futebol um lugar subalterno,

como sendo um tipo de “prêmio de consolação”. É curioso que o autor, em sua pesquisa, discute a expressão “síndrome de vira-latas”, que teria sido criada por Nelson Rodrigues, antes da Copa de 1958, para expressar a falta de conquistas que a nossa seleção tinha até então, apesar do nosso talento. Embora retome a origem dessa expressão, seria possível dizer que Hilário Franco Júnior (2013) cai na armadilha de ler o Brasil a partir dessa mesma perspectiva.

O futebol também aparece como uma forma de alienação na análise de Agnaldo Kupper (2019). Tendo surgido na Inglaterra, berço do capitalismo, esse esporte inicialmente foi mal visto pela burguesia. Entretanto, segundo o autor, vendo o interesse da classe operária por ele, a elite investiu na sua expansão para tentar diminuir o foco do operariado na organização sindical e política. Nesse sentido, o futebol teria se tornado um aparelho ideológico do Estado, reproduzindo as relações econômicas vigentes. Agnaldo Kupper (2019) também nos lembra de que o futebol foi usado como instrumento de popularização de governos brasileiros, como o de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar. O autor acredita que a popularidade do futebol tem como bases o capitalismo, o nacionalismo e a cultura de massas, além da facilidade para ser praticado. Para ele, os esportes modernos têm em comum com o capitalismo a racionalização, a padronização, a especialização de funções, a competição, a busca pela eficiência, o cálculo de performance e a quantificação de resultados.

Apesar da identificação de grande parte da população brasileira com o futebol, Rafael Lourenço (2011, p. 6) destaca que a Copa do Mundo é um período excepcional no qual surge um forte “patriotismo ocasional que domina as ruas brasileiras a cada quatro anos, quando é normal ver nos carros, casas e até no corpo das pessoas as cores nacionais estampadas”. Em sua pesquisa, o autor apresenta discursos de pessoas que se sentiam pressionadas a demonstrar entusiasmo com esse evento, dando a ver um entendimento de que essa seria uma obrigação de toda brasileira, brasileiro e brasileiro.

Marcel Freitas (2007, p. 3) destaca ainda que, através do futebol, “acontece um patriotismo que não consegue ser alcançado por nenhum outro fenômeno, nem mesmo pelo carnaval ou pela religiosidade”. Esse autor nos lembra da ideia bastante difundida de que o futebol seria democrático, igualando todas, todos e todes, independente de raça ou classe. Mas ele destaca que a relação de dominação entre o Sul e o Norte do país, por exemplo, reflete-se no futebol, com um número muito pequeno de times do Norte nos campeonatos nacionais. Para justificar essa disparidade, reifica-se uma ideia de desenvolvimento e atraso. O autor nos aponta ainda que, quando falamos do futebol como identidade nacional, poderíamos também nos questionar se não estaríamos tomando uma identidade masculina como universal: “o

indivíduo no futebol é o sujeito universal do Ocidente, ou seja, o homem (numa perspectiva acrítica, os termos homem e humano entendidos como sinônimos)” (Marcel Freitas, 2007, p. 4). Isso porque o futebol foi sistematicamente negado à mulher ao longo de sua história, tendo sido, por outro lado, incentivado ao extremo ao homem, como veremos nas próximas seções.

2.2 COMO O FUTEBOL SE INSERE NA SUA VIDA?

2.2.1 O que é se entende por futebol?

Ao falar sobre o papel do futebol na sua vida, Ângelo (ManoTauros, 2018) contou: “sempre joguei, desde pequeno. Sempre joguei futebol. Eu acho que, tirando o Norte, eu joguei em todos os estados do Brasil. Eu sempre joguei futebol. Futebol meio que é parte da minha vida, assim, sabe?” Também para Roberto (Bharbixas, 2018), o futebol tinha uma papel central na sua vida, não só pela torcida e pela prática, mas pela sociabilidade em torno desse esporte: “o futebol acabou significando, pra mim, não só o prazer de jogar e de torcer, mas novos amigos, família, motivo pra realmente sair, tomar um, encontrar. Mineirão é a minha segunda casa, eu amo aquele lugar, tipo, tem uma vida ali dentro, sabe?” Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais e, ao chegar em Belo Horizonte, as primeiras amizades que fez foram através do futebol. Alguns anos depois, ele criou um time de futebol amador, foi técnico e dirigente dele, e organizou um campeonato com 24 equipes no Parque Municipal. Por tudo isso, ele resumiu: “então, assim, o futebol... eu posso dizer que é mais da metade da minha vida”. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) é outro que apontou para uma importância fundamental do futebol para si: “o futebol faz parte da minha vida. É a cura da minha tristeza, depressão, é o meu maior desafogo”. Mas o que é esse futebol que é tão importante e faz parte da vida de tanta gente?

O que chamamos de “futebol” de forma cotidiana no Brasil não é apenas o futebol de campo, ligado aos ídolos, ao espetáculo, aos estádios e ao clubismo. A palavra futebol é usada para se referir às mais diversas manifestações relacionadas ao “jogar bola”, quando essa expressão está ligada a disputas esportivas em que se toca a bola com os pés. Isso inclui o futsal, o futebol de salão²⁵ e, o mais importante do ponto de vista da recreação, as “peladas”.

²⁵ Apesar dos termos “futsal” e “futebol de salão” serem usados como sinônimos, essas duas modalidades têm algumas regras distintas. Em 1934, no Uruguai, surgiu uma modalidade de futebol chamada de “*indoor football*”, que depois viria a ser conhecida como futebol de salão. Esse esporte tornou-se submetido à FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão), criada no Brasil, em 1971. Interessada em controlar essa modalidade, a FIFA (Federação Internacional de Futebol) a absorveu com o nome de futsal, promovendo o

Elas são partidas improvisadas e informais, com campo, estrutura, número de jogadores e regras definidos no momento do jogo.

As peladas subvertem as convenções do esporte, criando seus próprios formatos, inclusive em relação à maneira de vencer o jogo. Muitas vezes, elas são jogadas em um formato no qual três ou mais times se revezam, sendo que cada jogo dura dez minutos ou acaba antes disso se um dos times sofrer dois gols. O time perdedor dá espaço para o próximo da fila, chamado de “time de fora”. Se a partida terminar em empate, o time que estava em quadra há mais tempo sai. Esse formato costuma ser chamado de “10 minutos ou 2 gols”, sendo que, em Minas Gerais, o costume é que a duração seja de 7 minutos. É exatamente assim que ocorreu em uma pelada do Bharbixas da qual participei.

Muitos atribuem à pelada a informalidade do futebol por essência. Costumeiramente, é o momento em que se reúnem amigos/as, vizinhos/as ou colegas de trabalho, eventualmente num churrasco ou confraternização, ou ainda em mesas de bar, com a tradicional resenha. Ela é parte da programação de pessoas jovens e adultas por todo o país e movimenta clubes e espaços de locação de campos e quadras durante toda a semana, provocando verdadeira efervescência social aos sábados e domingos. (Wagner Camargo; Flávio Amaral, 2022, p. 79-80)

Quando os jogadores são do gênero masculino, para identificação, muitas vezes os times são divididos entre os “com camisa” e os “sem camisa”. No caso de as jogadoras serem mulheres, uma alternativa é o uso de coletes de cores diferentes em cada um dos times. No Bharbixas, como me explicou uma jogadora da equipe, em partidas com homens e mulheres, apenas as mulheres que estão no mesmo time dos homens que estão sem camisa usam colete. Outro formato é o “golzinho”, em que um pequeno campo é improvisado em locais como ruas ou quintais, e as traves são substituídas por objetos que delimitam o espaço do gol, como chinelos, por exemplo. Não há goleiros e, geralmente, a área do gol tem um tamanho reduzido, o que justifica o nome do jogo. Há ainda outras brincadeiras relacionadas à prática do futebol, como o “bobinho”, chamado em Minas Gerais de “peruzinho”, no qual uma pessoa tenta roubar a bola das outras, que ficam em roda tocando a bola entre si. A pessoa que for driblada e perder a bola se torna o novo bobinho (ou peruzinho), indo para o centro para tentar recuperar a bola. Brincadeiras como essa funcionam como aquecimento ou às vezes até substituem as peladas.

primeiro campeonato mundial da modalidade em 1989. Foi assim que o futebol de salão e o futsal se tornaram esportes distintos, apesar de muito parecidos. Hoje o futsal continua sendo organizado pela FIFA, e o futebol de salão passou a ser submetido à AMF (Associação Mundial de Futsal).

No que tange a essas variações do que chamamos de “futebol”, Fernandes Pinto (2010) acredita que o futebol de salão seja o verdadeiro esporte mais praticado no Brasil, de forma amadora e no ambiente escolar. No entanto, ele não conta com o apelo popular nem com o destaque midiático dado ao futebol de campo. O autor argumenta que, possivelmente, muitas, muitos e muitas de nós nunca jogamos futebol de campo, mas praticamente todas, todos e todes jogamos futebol de salão na escola. Fernandes Pinto (2010) conta que, diferentemente do que aconteceu na chegada do futebol ao país, o início da prática do futebol de salão no Brasil não contou com resistências. Isso se deve ao fato de que o futebol já havia se tornado popular. O autor faz um estudo sobre a memória do futebol de salão em Belo Horizonte. Ele explica que o avanço dessa modalidade se deu a partir das mudanças na estrutura urbana que fizeram com que campos de futebol fossem substituídos pela edificação de prédios. Sem esses espaços para a prática amadora do futebol, muitos jogadores migraram para o futebol de salão.

As competições da LiGay ocorrem no formato “*fut7*” ou “futebol *society*”, que é disputado em campo gramado com sete jogadores em cada time. Wagner Oliveira (2022) explica a dinâmica social por trás do futebol *society*, destacando o caráter urbano desse esporte e seu crescimento a partir dos anos 1980.

[O futebol *society* tem] por função agregar círculos próximos de amizade, notadamente de sociabilidade de homens (mas, hoje em dia, não apenas), em ginásios ou quadras de grama sintética, que podem ser alugados de modo avulso ou por mensalidades. Tais práticas esportivas são circunscritas em ambientes seguros, com certa infraestrutura de vestiários para trocas de roupas e pequenos comércios (cantinas ou restaurantes). Não raros são os costumes de beber, fazer/comer churrasco e levar companhias, como namoradas(os), “ficantes” e amigas(os). (Wagner Oliveira, 2022, p. 34)

Wagner Oliveira e Flávio Amaral (2022, p. 78) comentam ainda que “o sucesso da prática [do *fut7*] se dá pelo acesso aos lugares de locação, isto é, quadras distribuídas pelas médias e grandes cidades brasileiras, onde basta uma vaquinha entre amigos para dividir o aluguel de algumas horas durante a semana”. Para eles, isso contribui muito para a proliferação de times LGBTQIAPN+ pelo Brasil. Mas, apesar de as competições ocorrerem nesse formato, algumas vezes os times também praticam o esporte em quadras, como foram os treinos e peladas do Bhabixas dos quais participei. Pedro (Bhabixas, 2018) comentou sobre essa diferença em relação ao momento que foram competir pela primeira vez: “a gente sempre jogou futsal, que é aquele futebol de quadra. E a LiGay seria num formato de *fut7*, que é um futebol sintético, que é o *society*”.

2.2.2 Clubismo e torcidas

Leandro Macagnan e Mauro Betti (2014) afirmam que o futebol faz parte do processo de formação cultural e ideológica do indivíduo desde as primeiras instituições nas quais ele se insere: a família e a escola. Rafael Lourenço (2011) também destaca que, na contemporaneidade, a construção das identidades passa muito pela mídia. Mas ele ressalta que não é apenas através da recepção midiática, mas também a partir da construção de nossas próprias comunicações. Sem dúvidas, o futebol também é elemento de construção das nossas identidades através das torcidas. Gilmar Mascarenhas (2012) explica que o surgimento das rivalidades clubísticas locais e dos “clássicos” relacionados a elas se deve ao fato de que, no início do século XX, as regiões do país ainda não eram muito conectadas umas com as outras. Desse modo, as identidades clubísticas foram formadas a partir da rivalidade entre times locais.²⁶

O autor traz, como exemplo, a formação da rivalidade entre o Grêmio e o Internacional, em Porto Alegre. No início do século XX, o Grêmio se formou a partir de uma comunidade germânica que havia se destacado economicamente na região. Por outro lado, o Internacional, vinculado à população de origem portuguesa que antes era hegemônica no local, surgiu como uma oposição ressentida em relação à comunidade alemã, vista como uma elite autosssegadora. Desde sua fundação, o Internacional se colocou como um time aberto à pluralidade e às classes populares. As próprias sedes dos clubes ficavam em bairros socioeconomicamente distintos, na região mais privilegiada da cidade no caso do Grêmio e em uma das mais pobres no caso do Internacional. Dessa forma, cada uma das identidades clubísticas “expressava as linhas básicas de tensões na estrutura social local, relacionadas a questões étnicas e de diferente poder aquisitivo” (Gilmar Mascarenhas, 2012, p. 78).

Gilmar Mascarenhas (2012) conta que, a partir de 1939, o Internacional começou a recrutar maciçamente jogadores pobres e negros que exerciam a prática futebolística de forma marginal. Com isso, consolidou sua imagem de “clube do povo” e até mesmo adotou o Saci como mascote. O Grêmio, por outro lado, recusou a inclusão de atletas negros até 1952. Dessa forma, consolidou a imagem de um clube de elite, branco e racista. Importante destacar, que, segundo Gilmar Mascarenhas (2012), a decisão tardia de mudar a política racial veio como

²⁶ Gilmar Mascarenhas (2012) explica que, na Europa, o futebol se desenvolveu de maneira diferente. Os primeiros campeonatos eram nacionais e contavam com clubes de diferentes cidades. Na verdade, houve uma tendência de fusão entre times de um mesmo local, de modo que os campeonatos europeus passaram a contar com apenas um time de cada cidade. Desse modo, a rivalidade na Europa não se estabeleceu de forma local.

uma tentativa de se tornar mais competitivo frente ao rival, que havia tido bastante sucesso com a contratação de atletas negros de periferia. A partir da década de 1950, porém, as diferenças entre os clubes foram se diluindo. O Grêmio construiu um novo estádio na periferia da cidade e lançou um novo hino composto por um músico negro. Com esse exemplo, Gilmar Mascarenhas (2012, p. 81) procura mostrar como o futebol foi perdendo seu caráter “higiênico” e aristocrático e absorvendo as características e tensões locais: “argumentamos que a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente”.

Segundo Arlei Damo (2005), a fidelidade clubística é um elemento fundamental para a estabilidade do futebol-espetáculo. O autor indica que o critério central para o pertencimento clubístico é a herança: começamos a torcer, quando crianças, pelo “time de coração” de alguém mais velho da nossa família, tradicionalmente uma figura masculina. Tal pertencimento assume a forma de um status imutável ao longo da vida, de forma que esse fenômeno se aproxima de um sistema totêmico baseado em códigos de honra com características tipicamente masculinas. O pertencimento a um clã se dá pelo nascimento e implica na obrigação de defendê-lo.

Arlei Damo (2007) ressalta que as pessoas torcedoras são militantes e têm engajamento emocional. Gilberto Netto (2012) indica que a identificação da torcedora, torcedor ou torcedore com o clube se dá a partir de experiências prazerosas que a torcida por ele proporciona. Desde as brincadeiras com colegas por causa do time até a catarse das vitórias difíceis. Vai sendo criada uma relação emotiva e afetiva com o time pelo que ele traz de prazer e experiência para a pessoa torcedora. Mas, a partir da discussão desse autor, é possível entender que o pertencimento clubístico é um tipo de “significante vazio”, ou seja, a paixão de alguém por um clube é uma paixão pelo futebol condensada em torno de um time, que poderia ser outro, se a pessoa tivesse sido introduzida a ele na infância. Por isso, em geral, não são as características próprias de cada clube que fazem com que as pessoas gostem dele, porque não se trata de uma “escolha”.

Nesse sentido, aquilo que o Vasco da Gama representou quando de sua fundação (um clube fortemente atrelado ao bairro de São Cristóvão e à periferia) não é o mesmo Vasco de hoje, seguido por muitos torcedores das mais variadas origens socioeconômicas e espalhados por todo Brasil. (Gilberto Netto, 2012, p. 11)

Roberto (Bharbixas, 2018) tem uma relação com o Cruzeiro que exemplifica bem o que Arlei Damo (2007) e Gilberto Netto (2012) desenvolvem sobre o tema, evidenciando um papel central do clube na construção da sua identidade.

Eu odiava futebol até os nove anos, mas venho de uma família tradicional do interior. Meu tio foi o primeiro cruzeirense da família. Conheceu o Cruzeiro na época de Tostão e companhia. Ele fez um radinho na roça e ficava ouvindo o jogo do Cruzeiro, e, a partir dele, a família inteira virou cruzeirense. Então, cresci numa família que gosta de futebol e de cruzeirenses. E, em 98, o Cruzeiro foi vice do Brasileiro, da Mercosul e da Copa do Brasil, naquele ano. Então, eu comecei a acompanhar também o Cruzeiro. Em 2000, foi realmente quando eu virei fanático com futebol, principalmente com o Cruzeiro. Foi em 2000, na final da Copa do Brasil. Cruzeiro e São Paulo. O Geovanni fez o gol, e o Cruzeiro foi campeão. Esse é o lance mais marcante da minha vida no futebol. Eu arpeio quando eu vejo sempre. O Geovanni se tornou meu primeiro ídolo no futebol. E, a partir dali, eu entendi qual era a paixão e o prazer também de torcer, não só de jogar, que eu já tava gostando. Então o Cruzeiro fez parte. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Se Roberto (Bharbixas, 2018) tem paixão pelo Cruzeiro, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) tem o mesmo sentimento pelo time rival: “eu falo que vivo no futebol desde a barriga da minha mãe, pois, quando ela estava grávida, já ia nos jogos do Atlético Mineiro, que é o meu time de coração. Mesmo sendo criado na Sede Campestre²⁷ do rival, eu sempre fui atleticano apaixonado pelo Galão”. Por trajetórias como essas, é possível identificar a existência de dois momentos na história da relação entre um clube e sua torcida. Na sua fundação, pode haver uma identificação com ele por questões étnicas, geográficas, socioeconômicas, etc. Mas, com o tempo, isso vai se perdendo, e a caracterização do time já não é o que importa mais, e sim para quem nossos antepassados torciam. No entanto, Gilberto Netto (2012) aponta que a origem socioeconômica dos clubes pode fazer com que as torcidas se caracterizem de formas diferentes mesmo com o passar do tempo, afinal, boa parte das famílias tendem a permanecer na mesma classe e região ao longo de gerações. Por isso, muitas vezes, em torcidas rivais, uma é considerada mais popular e outra mais elitizada.

Gilberto Netto (2012) acredita que os momentos em que as pessoas torcedoras devem “salvar” a honra de seus times, resistindo a “zooções” de rivais são essenciais para o fortalecimento do clubismo. Mas ele destaca que a rivalidade requer um equilíbrio de forças entre os clubes, para que eles possam se enfrentar nos campeonatos e para que as torcedoras, torcedores e torcedorus tenham como se provocar. No entanto, o autor também destaca que “em última instância, demonstrar seu sentimento de fidelidade ao clube é o último artifício que um torcedor parece ofertar publicamente mediante seguidos insucessos de sua equipe nos

²⁷ Clube recreativo associado ao Cruzeiro, também chamado de Clube Cruzeiro Pampulha.

gramados” (Gilberto Netto, 2012, p. 23). Arlei Damo (2007) chama a atenção para o fato de que a existência dos times é relacional, quando falamos de rivais: um precisa do outro para se manter.

Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) acreditam que existe um padrão de conflito simbólico entre times rivais quando um deles é considerado mais elitizado e outro mais ligado à população de baixa renda. Enquanto torcedores²⁸ dos times considerados elitizados provocam os torcedores dos times considerados populares atribuindo a eles uma maior afeminação, os torcedores dos times considerados elitizados associam os torcedores dos times considerados populares “à pobreza, à falta de civilidade e, por vezes, à criminalidade” (Luiza Anjos; Bárbara Mendes, 2014, p. 11). Por isso, os torcedores dos times considerados elitizados são alvos mais frequentes de apelidos que os ligam ao feminino ou à homossexualidade, como os do São Paulo chamados de bambis²⁹, os do Cruzeiro chamados de marias, e os Grêmio chamados de gaymios. Isso estaria ligado à ideia de que homens ricos seriam mais afeminados, enquanto homens pobres seriam mais másculos.

Já os torcedores dos times considerados populares recebem apelidos ligados à marginalidade, como os do Corinthians chamados de favelados, os do Atlético Mineiro chamados de cachorrada, e os do Internacional chamados de macacada. Segundo as autoras, torcedores dos times considerados elitizados tendem a reforçar seus atributos de civilidade, mas também a defender que eles não significam afeminação. Por outro lado, os torcedores dos times considerados populares buscam tornar positiva sua imagem de times “do povo” e usam o imaginário sobre os conflitos de classe social para se defenderem simbolicamente. Nessa dinâmica, um grupo tende a valorizar suas próprias características distintivas e se colocar como superior ao outro. Mas as autoras ressaltam que “tais categorizações se sustentam, nas relações cotidianas, por meio de simplificações da realidade” (Luiza Anjos; Bárbara Mendes, 2014, p. 11). Isso quer dizer que não necessariamente os times realmente têm essa distinção socioeconômica entre si. É o que vamos ver na Seção 2.3.4 (p. 69), quando discutiremos a relação entre o Cruzeiro e o Atlético Mineiro.

A vivência do futebol nos estádios, para muitos, também é uma parte fundamental do processo de torcer para um time. Mauricio Pinto e Marco Almeida (2014) nos falam do papel central das torcidas organizadas nos estádios. Reconhecidos como o grupo de torcedores mais apaixonados e passionais nos jogos e os maiores apoiadores das equipes, eles puxam os

²⁸ Falo aqui de “torcedores”, apenas no masculino, pois trato de uma prática generificada de socialização entre homens torcedores de times rivais.

²⁹ Em referência à figura do veado. Na Seção 3.5.4 (p. 223), falaremos sobre os usos do termo “viado”.

cânticos que são seguidos pelo resto da torcida. Têm muitas vezes uma relação de proximidade com as equipes, sendo reverenciadas pelos jogadores nas comemorações de gol, tendo entrada junto às diretorias e contando até com ajudas financeiras para deslocamentos e aquisições de ingressos em jogos fora de casa.

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) apontam que o acesso ao futebol profissional, nos estádios, tem se tornado mais elitizado. Gilmar Mascarenhas (2012), por sua vez, acredita que os campeonatos locais têm perdido espaço para competições internacionais, como a Libertadores da América. Os atletas não mais se vinculam emocionalmente a um clube, migrando constantemente, e surge uma pessoa torcedora geograficamente desenraizada. Mas Carmen Rial (2008) mostra que o movimento de jogadores brasileiros para o exterior é marcado por questões identitárias. Por um lado, eles veem como positiva a circulação entre times de diferentes nacionalidades – o que é referido por eles como “rodar” –, pois ela traz experiências e aprendizado. Porém, por outro lado, a vivência fora do Brasil é vista como um sacrifício, e os jogadores apresentam o sonho de voltar para o país para encerrar suas carreiras nos times de coração ou naqueles que lhes deram as primeiras oportunidades.

2.2.3 Futebol amador

O circuito de futebol amador também faz parte da vida de muitas brasileiras, brasileiros e brasileiras. Em sua definição, o futebol amador se opõe à prática profissional do esporte, sendo realizada pela afinidade com ele. No entanto, é importante distinguir que não estamos nos referindo a peladas, mas a circuitos organizados, com times federados e campeonatos oficiais. Nesse sentido, o futebol LGBTQIAPN+ se adequa perfeitamente aos padrões do futebol amador. Joanna Silva (2011) nos lembra de que, na França, por exemplo, o futebol amador é supervisionado pelo Estado e considerado parte do futebol “oficial”. Raphael Ribeiro (2017, p. 7) destaca que o futebol amador “cria laços sociais entre os moradores de uma região, estabelece vínculos de pertencimento e de valorização do território que ocupam, serve de instrumento educacional de formação para cidadania e de forma de expressão da cultura popular”. Nesse sentido, Pedro (Bharbixas, 2018) ressaltou que a relação com os colegas de time ia além do futebol: “é muito bacana porque a gente meio que tá montando uma família. De repente me vejo cercado de um monte de pessoas parecidas comigo, e que a gente forma laços”.

Raphael Ribeiro (2017) também nos lembra de que, além de quem joga e do público, inúmeras pessoas se envolvem nessa atividade, “na manutenção das equipes, no apoio aos times e na oferta de serviços associados (transporte, alimentação, cuidado com os campos, lavagem dos uniformes etc.)” (Raphael Ribeiro, 2017, p. 7). Suely Souza, Álesson Félix, Jaiana Santos e Alana Gonçalves (2019) destacam que o futebol amador é fonte de lazer para quem tem uma carga de trabalho pesada nos dias úteis e busca relaxar no fim de semana, ou mesmo à noite, depois da jornada diária.

O futebol amador envolve famílias, amigos, comunidades inteiras, é uma prática que revive e descobre valores, promove um papel de integração social é visto como uma forma de lazer, principalmente para as pessoas de classe baixa, por se tratar de uma prática que não exige muitos recursos. (Suely Souza *et al.*, 2019, p. 3-4)

No entanto, Raphael Ribeiro (2017) frisa que os times amadores vivem em constante insegurança e instabilidade, devido às dificuldades financeiras e à falta de estrutura. Isso faz com que o quadro de times esteja sempre em transformação, com o desaparecimento de uns e surgimento de outros. Joanna Silva (2011) destaca que os times mais antigos são muito respeitados dentro do circuito do futebol amador, pois a sobrevivência por décadas já é encarada como uma grande vitória. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), às vezes alguns times LGBTQIAPN+ também acabavam não se firmando, sendo dissolvidos pouco tempo depois de formados. Na opinião de Raphael Ribeiro (2017), algo que faz muita diferença para a sobrevivência dos times é ter um campo próprio. Além de fazer com que as equipes possam ser mandatárias em torneios oficiais, esses campos também podem ser alugados para ajudar na manutenção do time e até usados em torneios de equipes não federadas.

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que seu time não foi convidado para o 2º Champions LiGay porque o número de equipes querendo participar já estava maior do que o número de vagas. No entanto, ele apontou que os problemas financeiros vividos pelo clube também o impediam de participar de campeonatos nacionais naquele momento.

Embora eu acho que, se a gente fosse convidado, a gente teria que recusar, porque, como é em Porto Alegre, há um custo muito grande. Se o nosso grupo não trabalha com inclusão GLBT, assim, não trabalha exclusivamente com isso, por um caminho natural, um caminho que a gente não escolheu, a gente acabou recebendo a maioria dos meninos muito carente. Com dificuldade de transporte pro treino, dificuldade de: “ah, ele precisou pagar a pelada”. É barato, e a pessoa não tem condição. Então, isso foi uma característica que não foi planejada. Mas foi uma característica do ManoTauros, e uma parcela muito alta, de cinquenta por cento pra frente, são meninos muito carentes. Tanto é que eu comprei outra chuteira. O Eduardo tem três, eu tenho quatro, pra emprestar. A gente conseguiu patrocínio. O dinheiro do nosso patrocínio, que é pouco, a gente reverteu em comprar camisas sem nome pra

emprestar. Quando tiver um jogo, pra emprestar, pra essas pessoas que ainda não têm condição, sabe? Muitas vezes a gente, informalmente ali, eu e Eduardo... o pessoal não quer ir, a gente pergunta por quê, a pessoa não tem nem o vale transporte, então, empresta, assim. Empresta dando, né? Lá pra pessoa. Então, acaba que a gente tem essa inclusão assim. Então, se a gente recebesse o convite pra Porto Alegre hoje, eu acho que a gente recusaria de cara. Porque a gente teria muita dificuldade, porque uma coisa é pagar pra ir na pelada, outra coisa é bancar dezesseis pessoas pra ir pra Porto Alegre. Tipo, seis conseguiriam e dez precisa de ajuda. Mas é nossa pretensão. Pretensão não, vai acontecer. A gente vai disputar uma taça em São Paulo, que é tão importante quanto a LiGay, que chama Taça Hornet. Então, a gente já tá meio que já tá avisando e organizando os meninos pra a gente poder ir. “Ah, mas é São Paulo, é perto.” Não é tão simples assim. Os meninos bem carentes, então a gente tem que viabilizar a questão da ida, a questão de hospedagem. Hospedagem é caro em São Paulo. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) disse também que o time estava tentando a liberação para usar uma quadra de escola, porque alugar espaços para jogar estava sendo muito caro. Pedro (Bharbixas, 2018) também me falou sobre a questão financeira do seu time.

A gente tá pra fechar o estatuto do time agora, pra conseguir se formalizar mesmo enquanto uma organização. Principalmente pra conseguir ter um CNPJ e abrir uma conta, pra conseguir patrocínio, que as competições que a gente participa são caras. É caro participar da competição, é caro ir todo mundo pra outro estado jogar. Então, uma das preocupações atuais nossas é correr atrás de patrocínio, encontrar empresas que possam apoiar o time financeiramente. (Pedro, Bharbixas, 2018)

No entanto, Wagner Camargo (2022) afirma que são muito poucos os times de futebol LGBTQIAPN+ brasileiros com patrocínio. Mas se grande parte dos times amadores, incluindo o ManoTauros e o Bharbixas, enfrenta problemas financeiros, por outro lado, Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022) apontam para uma lógica contrária que costuma estar presente em times amadores mais bem estruturados: pagar pessoas que jogam bem para participarem das equipes nos campeonatos. Nesse caso, temos uma interessante zona cinza entre o amadorismo e o profissionalismo: “alguns times remuneram seus atletas com salários, e jogadores são ‘contratados’ por quantias em dinheiro para reforçar outras equipes, de forma análoga ao que ocorre no futebol profissional” (Wagner Camargo; Flávio Amaral, 2022, p. 81). Os autores comentam sobre essa questão ao falarem sobre o Peladão, o maior “campeonato de várzea”³⁰ do país, que ocorre em Manaus. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) foi jogador profissional, mas, depois de ter desistido da carreira, ele continuou atuando de forma remunerada no futebol amador: “eu recebia pra jogar nos times, alguns times da Região Metropolitana de Belo Horizonte”.

³⁰ O termo “futebol de várzea” tem origem paulista e é muito usado para se referir ao futebol amador praticado nesse estado. Entretanto, o termo também vem sendo usado em outras regiões do país.

Joanna Silva (2011) aponta que as diferenças entre o futebol profissional e o amador começam a se diluir a partir da segunda divisão dos campeonatos profissionais. Muitos times dessa divisão já têm estrutura e funcionamento parecidos com os de times amadores. A autora também explica que, apesar de os campos de várzea terem sumido em muitas partes das cidades, eles permanecem principalmente nas áreas mais pobres, sendo ainda uma fonte de lazer muito importante para a população delas. Suely Souza *et al.* (2019) também apontam que grande parte dos jogos amadores, principalmente na zona rural, ocorre em campos precários, sem as condições necessárias para uma prática adequada do esporte. Tudo isso evidencia uma grande reconfiguração na prática do futebol amador com o passar das décadas.

No caso do futebol amador, encontramos uma mudança significativa na sua estrutura. O futebol amador deixa de ser uma prática predominante das elites para ser uma prática predominante das classes populares; sua forma de organização se inspira na profissional, mas ela se desenvolve com menos recursos. (Joanna Silva, 2011, p. 74)

Suely Souza *et al.* (2019) apontam que os times de futebol amador buscam manter uma estrutura espelhada com a do futebol profissional. Eles geralmente contam com diretoria, presidência, registro em cartório, uniformes padronizados, grito de guerra, hino e até torcida organizada. Porém, a autora entende que a mídia praticamente ignora o futebol amador. Joanna Silva (2011) destaca, ainda, que a rivalidade entre times amadores é mais forte quando ambos fazem parte de um mesmo bairro e, portanto, disputam a preferência da mesma comunidade. Pedro (Bharbixas, 2018) apontou para uma estrutura fortemente organizada do Bharbixas.

Quando começou, existia uma comissão pra executar as coisas práticas necessárias no time, que era agendar as quadras, fazer o pagamento, levantar o dinheiro com todo mundo, divulgar as peladinhas que iam acontecer, comprar os uniformes, fazer a venda dos uniformes... Existia essa comissão, e essa comissão nunca tinha sido votada, nunca tinha sido eleita. Até que, em dezembro do ano passado, a gente mudou esse formato. Fizemos a primeira assembleia aberta do Bharbixas. Nessa assembleia, a gente fez a votação de comitês pra organizarem o time. Aí, o time hoje tem cinco comitês. Um comitê de saúde. Um comitê de ética. Um comitê social, que é dedicado a fazer as parcerias e as causas sociais que a gente apoia. Um comitê técnico, que é da treinadora e do pessoal responsável da parte técnica do time, as competições. E um comitê de marketing, responsável por trabalhar com as redes sociais, tentar busca de patrocínio, parcerias, os eventos que a gente ajuda a organizar. Esses comitês foram formados, foram votados em assembleia. Desde então, vão acontecendo as assembleias periódicas. E a gente criou um modelo onde todas as decisões do time são tomadas via assembleia. Numa ideia de tentar fazer a coisa mais democrática possível. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Pelas falas de Ângelo (ManoTauros, 2018) e Pedro (Bharbixas, 2018), é possível perceber que, naquele momento, o Bharbixas era um time muito mais estruturado que o ManoTauros. O ManoTauros ainda não havia feito um estatuto, e o time estava sem alguém para cuidar das mídias sociais. Ângelo (ManoTauros, 2018) explicou: “a estrutura do time precisa melhorar muito, sabe?” No entanto, isso já era esperado, tendo em vista que, quando essas entrevistas foram realizadas, o Bharbixas já existia há mais tempo, e o ManoTauros havia acabado de se formar.

2.3 O FUTEBOL BELO-HORIZONTINO

2.3.1 Festa ou futebol? O início do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino

O Bharbixas é o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte, fundado em 2017 (na época, ele se identificava como um time de “futebol LGBT”). Lúcio (Bharbixas, 2023), fundador do time, contou sobre como ele surgiu.

Eu acabei vendo uma reportagem, na Fátima Bernardes, em que tava lá um dos meninos de um time, que era o Unicorns, e eles estavam convidando pessoas de outros estados a entrar em contato com eles pra ajudarem na divulgação, pra prospectar novos jogadores em cada estado. E, aí, eu falei: “por que não?” E eu meio que falei: “ah, bora tentar, né?” Então, eu entrei em contato, eles me ajudaram a divulgação. E, aí, na primeira semana, assim, foi absurdo o número de pessoas, né? Eu criei um grupo no *WhatsApp* e, na primeira pelada, já deu 25 pessoas. E, aí, eu fiquei abismado com aquilo. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Logo depois da fundação do Bharbixas, a LiGay organizou o primeiro campeonato nacional, e o time foi convidado para participar. Pedro (Bharbixas, 2018) me explicou que, no começo, as peladas eram apenas por diversão. Mas, com esse convite, o foco mudou: “aí, existe uma preocupação de montar um time de fato, pra jogar no campeonato. Com isso, a gente teve a preocupação de criar os treinos táticos mesmo, preparação física, pra participar da competição”.

Mas, logo no início de vida do Bharbixas, uma tensão entre um grupo de jogadores e o restante do time marcava a dinâmica da equipe. Roberto (Bharbixas, 2018) foi convidado para entrar no grupo do *WhatsApp* do time antes de ir a uma pelada pela primeira vez. Ele explicou que logo identificou a tensão que já existia entre os membros que formariam o ManoTauros e o restante da equipe. Segundo ele, estava “uma discussão danada no grupo” e era possível identificar “dois grupos muito distintos”. Havia um grupo de pessoas que

“parecia que eram os mais focados só no futebol” e outro grupo de pessoas que “tavam pensando não só no futebol, mas no movimento”. Mesmo com as desavenças, os dois grupos foram juntos competir na 1ª edição do Champions LiGay, e o Bharbixas voltou para Minas Gerais com a taça de campeão.

A fundação do ManoTauros aconteceria logo depois dessa competição. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), os membros fundadores da sua equipe já sabiam que não iriam continuar no Bharbixas quando foram para o campeonato. Ele me contou que os dissidentes pensaram em montar um time que não fosse exclusivamente gay, para disputar “campeonatos hétero”. Os jogadores de futebol LGBTQIAPN+ entrevistados se referem aos times e campeonatos convencionais como “times hétero” e “campeonatos hétero”. Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou: “‘hétero’ sendo bem didático, né? São campeonatos abertos e campeonatos restritamente gays”. No entanto, o ManoTauros se formou exatamente como um time de “futebol gay”, como se autoidentificava.

Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), que tinha muitos anos de experiência no futebol amador em Belo Horizonte, em um dos jogos do Champions LiGay, colocaram outro goleiro no seu lugar. Mas, para ele, o substituto não era um bom jogador: “a justificativa do Lúcio, eu achei até sensata. Foi o seguinte: ‘ah, pra você, Ângelo, é só mais um campeonato. Pra ele é o campeonato’”. Assim como Ângelo (ManoTauros, 2018), os demais membros fundadores do ManoTauros tinham muita experiência no futebol amador da cidade. Mas, apesar das diferenças que ele já tinha com o restante do time na época, Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que se importava muito com a vitória do time: “eu queria tanto ganhar, mas nem era por mim, era pelo Lúcio e pelos outros organizadores do Bharbixas. Porque, tipo assim, seria muito legal pra eles. Pro outro time, seria muito legal, mas pro Bharbixas seria muito, muito, muito legal. A maioria nunca tinha jogado futebol”. Mas o perfil de inclusão do Bharbixas não significava que ele não contasse com outros jogadores experientes, além de Ângelo e os demais fundadores do ManoTauros. Um deles era Daniel, que havia sido jogador profissional.

O perfil do Bharbixas, na época, era o mais variado possível. Tinha pessoas que tinham um padrão, sei lá, mais normativo, que tinha jogado futebol a vida inteira, que se identificava com o esporte, que o esporte, para eles, era *competitividade*, né? Eu me incluo num desses casos. Mas tinha outras pessoas. Tinha aquelas pessoas que nunca jogaram futebol na vida e que iam ali pra ter um *primeiro contato com futebol* mesmo. E pra que se criasse aquele espaço de inclusão mesmo, onde essas pessoas pudessem jogar. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Pedro (Bharbixas, 2018) me explicou como ocorreu a cisão entre os dois times depois do 1º Champions LiGay, relacionada a uma tensão entre *inclusão e competitividade*.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Segundo ele, por “divergências filosóficas”. Foram os termos que ele usou. Porque, nas competições, a gente tem uma preocupação muito grande de *oferecer espaço pra todo mundo jogar* nas competições, de fato. Tem gente que joga futebol desde que tem seis anos de idade. Inclusive, no nosso time, tem um ex-jogador profissional, que é o Daniel. Ele jogava profissionalmente, em times mineiros. E, aí, na competição, a gente teve essa preocupação de: “olha, o pessoal que tá jogando com a gente aqui, treinando há muito tempo, se esforçando, eles precisam jogar na competição de fato”. E Eduardo era um pouco *mais competitivo*, digamos assim, ele preferia colocar todo mundo que joga muito bem, apesar da pessoa nem ter participado de três, quatro treinos, pra poder ganhar o negócio. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou que o ManoTauros teve três membros fundadores. Além dele, Eduardo, ex-técnico do Bharbixas, foi um dos outros dois. No entanto, em geral, os jogadores entrevistados se referiam a Eduardo como o fundador do time, pois ele teria tido a liderança nesse processo. Segundo Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), no primeiro dia de treino do ManoTauros, já compareceu um número muito grande de novos jogadores: “dezoito pessoas que a gente nem sabia que jogava bola, e já dá um time, sabe-se Deus como”.

Ângelo (ManoTauros, 2018) contou que um dos motivos que fez com que ele e os demais fundadores do ManoTauros saíssem do Bharbixas foi o fato de este time não ter o futebol como seu principal foco. Na verdade, ele identificava duas linhas de times, que, até aquele momento, estariam conversando bem entre si, mas que tenderiam a se distanciar: a dos times que dão *foco na festa* e os que dão *foco no futebol*. Sobre os times que não dão centralidade para o futebol, ele provocou: “a inclusão pelo futebol, mas quando você vai ver, tem mais inclusão, mais festa, e o futebol é só um acessório que muitas vezes fica esquecido”. Nesse sentido, para ele, em alguns times, “tem muito marketing, e pouco futebol”.

Roberto (Bharbixas, 2018) realmente indicava que o futebol não era o mais central para o seu time: “o Bharbixas sim: o futebol é a causa que nos uniu, mas não é a causa nos mantém unidos até hoje, o que nos mantém unidos até hoje é exatamente a luta pela inclusão, pelo respeito e tolerância à diversidade”. De fato, Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) nos indicam que, desde a formação do Bharbixas, muitas pessoas se agregaram à equipe pela socialização, e não pelo futebol. Elas iam às peladas e aos jogos pela música que sempre era

tocada durante as partidas, com a intenção de dançar e interagir umas com as outras.³¹ Daniel (ex-Bharbixas, 2023) comentou sobre as pessoas que faziam parte do Bharbixas enquanto grupo social, mas não como jogadoras, jogadores e jogadoras: “tinha aquelas pessoas que iam só por estar ali no movimento mesmo, nem jogavam futebol, mas tavam ali, gostavam de tar no movimento. Era um movimento que tava crescendo. Era um movimento onde você podia conhecer muitas pessoas”. Roberto (Bharbixas, 2018) deu um exemplo de como funcionava esse clima festivo sobreposto à prática do futebol.

A gente tava jogando futebol, e, de repente, um gritou do lado de fora: “saiu! Saiu! Saiu!” O pessoal parou de jogar futebol, alguns, pra ir lá ver o clipe da Anitta em primeira mão e ficava dançando. E, tipo, enquanto tocava a música do lado de fora, eu achava aquilo muito interessante. Eu nunca tinha jogado bola com *pop* [ênfase em “*pop*”] tocando, e pessoas dançando do lado de fora. Enquanto tocava do lado de fora, tinha gente que tava jogando e ficava dançando enquanto a bola não tava perto dele. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Além da questão da competitividade, Pedro (Bharbixas, 2018) afirmou que a afeminação dos demais jogadores do Bharbixas foi um fator que fez com que os membros fundadores do ManoTauros saíssem do time: “pelo fato também do nosso time se orgulhar de ser um time afeminado, isso talvez tenha afastado ele [Eduardo]. Aí, ele montou o ManoTauros, que é o time dele”. De fato, Ângelo (ManoTauros, 2018) me confirmou que os membros fundadores do ManoTauros achavam a manifestação de gênero dos demais membros do Bharbixas “caricatural” e se preocuparam em criar o ManoTauros como um time que expressasse masculinidade, a partir de elementos como o nome e o mascote. Falaremos mais sobre essa questão no Capítulo 3 (p. 151). Mas Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que o motivo de os membros do Bharbixas terem ficado incomodados com a saída dos fundadores do ManoTauros foi outro: “não ficaram chateados de montar outro time, mas o que eles ficaram mais chateado é de ter desfalcado o time titular”. De todo modo, ele acreditava que a rivalidade com o Bharbixas era algo que passaria com o tempo.

Mas que eu acho hiper natural, que dê um tempo curto, e, pronto, isso acaba. A raiva deles da gente ter tirado de lá acaba. A vontade nossa de: “ah, tem que ganhar deles” também vai passar. Uma bobagem. E, aí, vai perceber: “opa, tem muito mais coisa que a gente tem que lutar junto do que...” É o que eu falo pra eles: “gente, tem quantos times do futebol *society* aqui em Belo Horizonte? Só tem dois time. Então, a gente vai repetir o que a gente critica entre Cruzeiro e Atlético, entre Grêmio e Inter? Vai repetir isso?” Mas eu acho que não vai ter essa rivalidade não. Vai ter

³¹ Carlos Vogel (2021, p. 10) nos relata o mesmo sobre o Beescats (RJ): “mais do que um encontro para uma partida de futebol, às noites de sexta se transformaram num dia de encontro social para o público gay, tendo o futebol como motivador para esse encontro”.

rivalidade talvez no esporte, que é natural, que é necessária. Mas, rivalidade entre clube, eu acho que isso acaba em dois tempos. Acaba rapidão. Eu acho, né? Espero que se acabe. Não vejo justificativa pra não ser assim. Tanto é que o slogan do ManoTauros meio que acabou sendo adotado até por outros times e pela Liga, também, claro. Até a LiGay adotou. Que é o que a gente sempre coloca lá que “juntos somos mais fortes”. O que é também um aviso pro Bharbixas, assim, tipo: a gente não quer rival, a gente quer alguém pra apoiar, sabe? Pra fazer ações juntos. A gente até brincou: “olha, de vez em quando, tem campeonato, não dá pra levar os dois times. Ou que não dá pra levar um time, porque não formaram um time completo pra ir... Podemos fazer o ManoBixas, sei lá...” [risos] Esse é o espírito, eu acho. Eu acho que vai passar um momento, aí, primeiro de rivalidade. Eles ficaram magoados da gente ter saído, porque desfalcou o time. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

O encontro do “ManoBixas”, de fato, não demorou a acontecer. Ele ocorreu em maio de 2018, quatro meses depois dessa fala de Ângelo (ManoTauros, 2018). A Figura 4 mostra o registro do evento.

Figura 4 – Amistoso “ManoBixas”, entre Bharbixas e ManoTauros



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: Diversos jogadores em uma quadra posando para a foto. Do lado esquerdo, jogadores em posição mais séria vestindo um uniforme vermelho. Do lado direito, jogadores em posição mais irreverente vestindo um uniforme azul e rosa.

Na legenda da postagem do *Instagram* do ManoTauros, no qual a fotografia da Figura 4 foi compartilhada, está escrito: “E a foto desse encontro não podia faltar, teve jogo festivo sim, um clássico, um jogaço, ManoBixas, com direito a churrasco, alegria e muito lacre!!!!” Na Seção 3.1.5 (p. 165) e na Seção 3.6.1 (p. 232), vamos abordar, em detalhes, as

tensões em torno da manifestação de gênero dos jogadores de cada time. Mas já é possível perceber, desde já, na Figura 4, como os membros do ManoTauros, à esquerda, e do Bharbixas, à direita, têm comportamentos distintos frente à câmera. Na imagem, o Bharbixas aparece de forma muito mais irreverente que o rival.

2.3.2 Dos maiores aos menores: mudanças no futebol LGBTQIAPN+ mineiro

No início de 2018, quando realizei as duas primeiras entrevistas, com Pedro (Bharbixas, 2018) e Ângelo (ManoTauros, 2018), havia apenas dois times de futebol LGBTQIAPN+ em Minas Gerais. No momento de finalização desta pesquisa, existem sete. A criação dos novos times foi trazendo outros contornos para o cenário dicotômico que opunha apenas dois grandes rivais. Novas rivalidades apareceram, relações de força diferentes se delinearam, e o tempo e os acontecimentos que se sucederam levaram a uma reviravolta no lugar do Bharbixas e do ManoTauros no cenário do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. A criação de novos times como cisão de times anteriores tem sido um processo importante na definição desse panorama. Esse processo também está bastante relacionado com a criação de rivalidades.

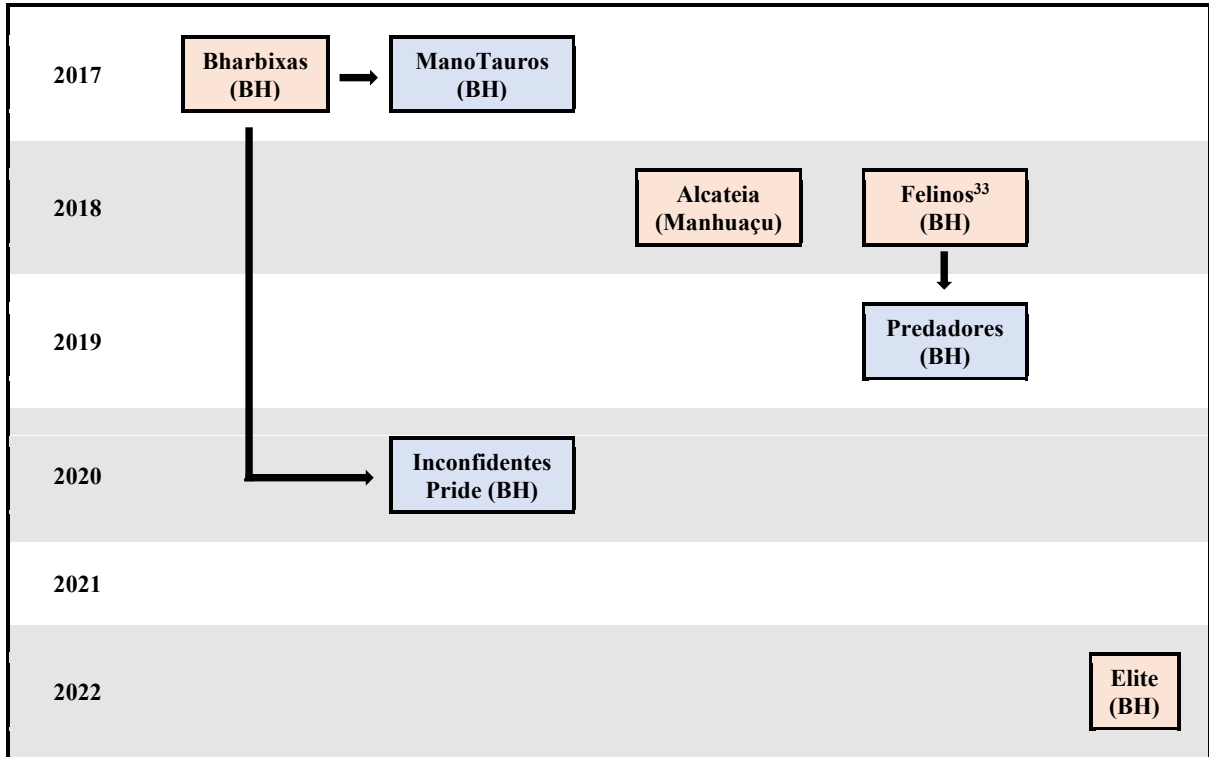
Quase sempre os times nasce de uma briga interna com o outro. Tipo, era o Bharbixas. Aí, beleza, do Bharbixas tem um racha, teve o ManoTauros. Depois, o Bharbixas de novo teve outro racha e virou Inconfidentes. Do outro lado, tinha o Felinos, que teve um racha e virou Felinos e Predadores. Então, a mesma rivalidade que tinha entre ManoTauros e Bharbixas, na época, é a rivalidade que tinha entre Felinos e Predadores. Até hoje, quando eles jogam, sai faísca. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

O Quadro 3 mostra como foi o processo de criação de times no estado. As setas mostram as cisões entre os times. Os times em azul são os que surgiram de cisões. É interessante notar o surgimento do Alcateia, uma das primeiras equipes criadas fora de uma capital, e do Elite, o primeiro time transmasculino do estado. Uma das mudanças pelas quais o Bharbixas passou ao longo do tempo é que ele deixou de ser apenas uma equipe de futebol para se tornar uma equipe poliesportiva. Lúcio (Bharbixas, 2023) contou como isso aconteceu.

E, aí, começaram a surgir outras demandas também. O pessoal começou a perguntar: “ah, mas vocês só tem futebol?” E eu falei assim: “não... por que não abrir pra outras modalidades também?” Assim como nesse cenário do futebol, acredito que pra outras modalidades também, infelizmente, acontece esse preconceito, essa falta de espaço pra nós, LGBTs, praticarmos o esporte, né? Então, aí, surgiu, então, o

handebol, vôlei. Aí, depois, veio a dança e agora o rúgbi também. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Quadro 3 – Formação dos times de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais³²



Fonte: elaborado pelo autor

Descrição: O quadro traz um esquema que indica o ano de formação de cada time de futebol LGBTQIAPN+ mineiro, bem como quais deles são cisões de times que já existiam. Bharbixas (BH) e ManoTauros (BH) foram fundados em 2017. Alcateia (Manhuaçu) e Felinos (BH) em 2018. Predadores (BH) em 2019. Inconfidentes Pride (BH) em 2020, e Elite (BH) em 2022. O ManoTauros e o Inconfidentes Pride são cisões do Bharbixas. O Predadores é uma cisão do Felinos.

Para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), a abertura do Bharbixas para outras modalidades fez com ele fosse perdendo a sua identidade com o futebol. Ele explicou como

³² Meses de criação de cada um dos times:

- Bharbixas: junho de 2017
- ManoTauros: dezembro de 2017
- Alcateia: março de 2018
- Felinos: abril de 2018
- Predadores: fevereiro de 2019
- Inconfidentes: Pride: setembro de 2020
- Elite: outubro de 2022

³³ Todos os jogadores que eu entrevistei relataram que o Felinos nasceu em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. Mas eu entrei em contato com o fundador do time, e ele negou. Segundo ele, o time apenas treinou por um período em quadras localizadas em Contagem, mas sempre foi uma equipe de Belo Horizonte.

eram as relações de força entre os times mineiros em 2019, ano em que aconteceu a 5ª edição do Champions LiGay: “o Bharbixas era o mais forte de todos, depois, o ManoTauros, que era um time forte também, mas não tão quanto o Bharbixas, e depois o Alcateia. E, aí, tava correndo por fora o Predadores e muito, muito atrás, o Felinos”. De fato, o Felinos sequer participou dessa edição do campeonato. No entanto, ele indicou como a pandemia mudou completamente esse cenário.

O Bharbixas é um time muito ideológico. E a ideologia deles não era compatível com jogar, igual a alguns times tavam jogando em pleno auge da pandemia. Então, eles decidiram não jogar. Nessa época, o ManoTauros começou enfraquecer também porque alguns não era favorável a jogar na pandemia. O Felinos e o Predadores jogavam clandestinamente. Pra bem resumir a história, os meninos decidiram sair do Bharbixas, porque queriam jogar. E já tinha um racha entre, digamos, a social do Bharbixas, os meninos que gostavam de pelada, contra os meninos do futebol [competitivo]. Aí, acabou que esses meninos do futebol montaram outro time. Então, o Bharbixas foi e tomou uma decisão: que não teria time competitivo mais. Que teria só um time recreativo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Como ele apontou, mesmo antes da pandemia, já estaria presente no Bharbixas uma divisão interna entre os que jogavam *recreativamente* e os que desejavam jogar *competitivamente*. A proibição de jogar na pandemia foi o estopim para que esses dois grupos se separassem, dando origem à segunda cisão do time e à fundação do Inconfidentes Pride, encabeçada por Daniel. Mas Daniel (ex-Bharbixas, 2023) defendeu que a criação do time se deu em um momento em que as restrições da pandemia já estavam flexibilizadas em Belo Horizonte.

O Inconfidentes foi basicamente criado na pandemia. Em um dos momentos de reabertura da pandemia, onde, assim, a gente pôde voltar a jogar futebol. E o Bharbixas... a diretoria do Bharbixas... isso já, na época, onde, basicamente, a diretoria era baseada em pessoas que não viviam o futebol em si, que não conheciam do futebol em si, eram pessoas que estavam na diretoria, mas, por exemplo, que nunca tinham ido uma quadra ver o que a realidade dos jogos ou a realidade das competições. Então, muita gente queria voltar a treinar no Bharbixas, em uma dessas reaberturas da pandemia, e a diretoria se recusou a voltar todos os esportes. E, aí, acabou que essas pessoas, eu, inclusive, uma delas, resolvemos montar uma outra equipe, sair do Bharbixas, pra que a gente pudesse voltar a jogar futebol. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Nesse momento, Eduardo já não estava mais jogando no ManoTauros, time que havia fundado. Então, ele também participou da criação de mais essa equipe, levando com ele alguns membros do ManoTauros, outro time que também tinha restrições para o funcionamento durante a pandemia. Com isso, a pandemia deu um golpe quase fatal nos dois maiores times do estado. Mas Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) explicou que o ManoTauros

também já vinha se desestabilizando antes disso, motivo pelo qual Eduardo havia saído do time.

Quando o Eduardo saiu, tava uma época bem conturbada, assim, no ManoTauros. Tinha alguns rachas, briga entre as pessoas que dirigiam o time. Parte do time ficou de um lado, parte do outro. A gente saiu da LiGay de Brasília, todo mundo meio que brigado, o time rachado, despedaçado. Que a gente chegou com uma expectativa muito alta. O time era muito forte, mas, aí, chegou cheio de brigas entre a gente, sabe, inclusive minha com o Eduardo, na época. Tipo assim, teve pouco a ver com futebol, não tinha nada a ver com ideologia do time. As brigas era quem manda, quem faz o quê, para qual lado que o time vai seguir. Então, é uma briga, digamos, de poder mesmo. É uma briga que dava pra ter sido controlada, mas convivendo cinco anos junto, todo dia... acabou tendo esse tipo de briga, mas, depois, isso consertou. Foi uma coisa temporária lá. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Mesmo antes de deixar o ManoTauros, Eduardo já havia saído da presidência do time. Cláudio (ManoTauros, 2023), que era o atual presidente quando eu o entrevistei, apontou-me que esse tipo de rearranjo é um fator importante de rearticulação das equipes: “isso aí é uma questão de filosofia, às vezes, de equipe, entendeu? Quando muda um presidente e quer implantar uma coisa diferente, e isso desagrada um, agrada outro. Às vezes, é alguém que tem relacionamento em outra equipe e acaba indo pra outro”. Cláudio (ManoTauros, 2023) entrou para o ManoTauros cerca de oito meses depois da formação da equipe e estava na presidência há cerca de dois anos. Ele me apontou uma filosofia muito diferente da que o ManoTauros tinha no início do time, conforme Ângelo (ManoTauros, 2018) havia me apresentado na época. Isso porque Ângelo (ManoTauros, 2018) havia me dito que o time era voltado apenas para quem já sabia jogar futebol, não sendo uma “escolinha” para novatos. No entanto, Cláudio (ManoTauros, 2023) me falou o contrário. Com isso, o time se aproximou muito mais da perspectiva do Bharbixas em relação a essa questão.

Acho que, ao longo do período, a questão de mudança de presidente, entra e sai de jogador, sempre muda um pouco o perfil, o modo de pensar. Cada direção tem uma mudança diferente. Hoje, como eu assumi a presidência... e o pessoal que acho que cê já deve até ter entrevistado, já saiu já faz um tempo. Então, hoje, a minha visão com o restante do time é dar oportunidade, né? Há pessoas que não têm oportunidade de se descobrir no futebol e de discussão sobre LGBTs... e a gente sempre acolhe as pessoas. Então, assim, a nova forma de visão é sempre acolher e sempre apoiar. Inclusive, a gente procura sempre dar oportunidade de... até a pessoa que, às vezes, ela não tem conhecimento nenhum, ela entrar e disputar. Porque a maioria das equipes deixa a pessoa conhecer, então, mas na hora do participar mesmo, ela fica só no conhecer. Não chega a disputar a competição, entendeu? Então, assim, a gente tem sempre a preocupação de a pessoa se sentir *acolhido*. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

A crise do ManoTauros, começada antes da pandemia, mas escancarada nela, fez com que seu time competitivo ficasse muito enfraquecido e, nas palavras de Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), “meio que desmanchou”. Como o Bhabixas já não tinha mais time competitivo, a relação de forças entre os times do estado mudou completamente. Os times que não tiveram as precauções indicadas durante a pandemia saíram privilegiados. Nesse momento, o Felinos, que era apontado como o time mais fraco em 2019, tornou-se uma potência do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) explicou que também houve uma razão financeira para que esse crescimento fosse possível.

O Felinos, que era um time muito fraco, virou hoje o time mais forte. Eles têm uma treinadora bacana, que já foi até treinadora do Bhabixas. Tem uma estruturação legal. Tem um patrocínio muito legal, uma parceria muito boa que eles têm de parceria mesmo, sabe? Que não é só patrocínio, é uma parceria. Então, muitos meninos lá são carentes, então trabalham nessa empresa. E, lá, é meio que uma família mesmo... e tá dando certo e tem atraído alguns jogadores. Então, hoje, eles são o time mais fortes. Eles e o Inconfidentes. Dá uma briga boa. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Daniel (ex-Bhabixas, 2023) defendia que o Inconfidentes Pride, time fundado por ele, saía na frente na disputa pelo atual time mais forte do estado.

Se a gente fosse falar só em termos de título, o maior time de BH hoje é o Inconfidentes Pride, né? É a equipe que tem mais destaque nacionalmente e, geralmente, tem as melhores classificações nos campeonatos, competições nacionais. Copa BH, Campeonato Mineiro, todas as competições regionais, teve ali entre os finalistas. (Daniel, ex-Bhabixas, 2023)

Porém, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) explicou que não apenas a escala de forças dos times mudou, mas também a relação existente entre eles, gerando um cenário colaborativo entre as equipes de Belo Horizonte, com exceção do Bhabixas: “e, aí, aconteceu uma coisa bacana, que esse times eram tudo desunido, todos brigavam. E, aí, sei lá o que aconteceu, eles mudaram a chave. Passaram a ser times, digamos, colaborativos. Tem uma rivalidadezinha, mas são times colaborativos”. Daniel (ex-Bhabixas, 2023) explicou como esse movimento começou.

Eu acho que a primeira quebra de paradigma que, aí, existe uma união de clubes, foi em 2020. Isso, já não tava mais ativo o futebol do Bhabixas. Só existia ManoTauros, Predadores, Felinos e Inconfidentes. E, aí, em 2020, eu criei uma Copa que chama Copa BH, que era só pra times LGBTQs. E foi durante quatro finais de semana, jogos durante quatro finais de semana. E, no último jogo, no quarto domingo, a gente fez uma confraternização com os clubes. Aí, existe a primeira quebra, a primeira vez que esses clubes se juntam. E, aí, existe aquelas questões [risos] de gays, né? De pessoas LGBTQs. Então, beijo, fica, faz aquilo. Aquelas coisas

que acontecem em qualquer balada LGBT do Brasil. Do mundo, né? Isso ajuda a aproximar também. E, aí, começa a primeira quebra onde: “olha, a gente pode ser amigo, a gente pode tar junto, a gente pode ir nos mesmos lugares”. E, aí, a gente começou a trocar experiência. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) destacou que, nessa copa, ele percebeu um forte aumento na qualidade técnica dos times: “gente, eles aumentaram muito o nível do torneio!” Ele se surpreendeu com a grande quantidade de jogadores gays que surgiram na capital mineira.

A minha visão é que, lá [ênfase no “lá”], quando o Bharbixas se iniciou, em 2017, aí, surgiu o ManoTauros, em seguida surgiu o Felinos... Tínhamos pouquíssimos jogadores. Hoje, viado, eu não sei de onde surgiu tanto viado que joga futebol. O nível aumentou demais [ênfase no “demais”]. Tem tanto de gente que já foi profissional, tem gente que tava, assim, na categoria de base dos times, aí, não deu certo. Mas, assim, um nível muito alto, um tantão de gente que joga ligas importantes em Belo Horizonte, ligas de... não gosto desse nome: “ligas héteros”... mas, tipo assim, liga predominantemente hétero e não declaradamente gay. Então, são caras muito bons. Então, assim, parece que são seis anos, mais ou menos, né, de história, mas mudou muito. Hoje, cê tem pelo menos [ênfase no “pelo menos”] uns quarenta jogadores de bons, de bom níveis, né? Se ocê montasse uma seleção, hoje, dos times de Minas com, tipo, os catorze melhores. Cara, cê podia disputar qualquer torneio hétero aqui em Belo Horizonte, assim, tranquilamente [muita ênfase em “tranquilamente”]! Tanto é que, né, fez um juntazinho que nem são os catorze melhores. Mas fez um juntazinho no ManoTauros, e eles foram os campeões. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) se referia a uma colaboração entre quatro das cinco equipes LGBTQIAPN+ belo-horizontinas existentes naquele momento (ManoTauros, Felinos, Predadores e Inconfidentes Pride)³⁴, que montaram um supertime competitivo para disputar um “campeonato hétero” pelo ManoTauros. Segundo Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) esse era “um campeonato muito [ênfase no ‘muito’] disputado”. A iniciativa deu certo e o time saiu vitorioso, marcando a culminância do processo de união entre as equipes. Em 2021, o Inconfidentes Pride, o Felinos, o Predadores e o ManoTauros também já haviam começado um projeto em comum chamado Belory Hills Futebol & Resenha para participar de algumas competições como uma única equipe. A primeira foi uma copa organizada pelo Bulls, em São Paulo.

Para além desses campeonatos, Predadores e ManoTauros estabeleceram uma relação de mútua colaboração: o ManoTauros passou a oferecer jogadores para o Predadores disputar jogos LGBTQIAPN+, enquanto o Predadores oferecia jogadores para o ManoTauros disputar “jogos hétero”. Assim, a atuação das duas equipes se tornou segmentada e

³⁴ O Elite ainda não havia sido criado.

complementar. Na verdade, essa relação entre os times não surgiu apenas no pós-pandemia. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) destacou que os dois times têm amizade desde o surgimento do Predadores: “a gente era muito amigo. Os dois times, né? A gente chamava a gente de PredaTauros, né, que era Predadores e ManoTauros”. De fato, a parceria entre esses dois times havia se tornado tão grande no pós-pandemia, que eles passaram a treinar juntos. Inclusive, quando eu entrevistei Cláudio (ManoTauros, 2023), além de presidente do ManoTauros, ele também era membro e ocupava outro cargo na diretoria do Predadores, como segundo tesoureiro. Portanto, ele tinha um tipo de “dupla nacionalidade” entre os times.

A gente tá fazendo um treinamento em conjunto com outra equipe, que é a equipe do Predadores. Então, assim, a gente meio que uniu as equipes, porque a questão de pandemia afastou muitos jogadores. Muitos jogadores ficaram sem condição de ir e, às vezes, não retornaram. E, aí, o que que a gente fez? Eu reuni a diretoria do Predadores e a do ManoTauros pra que as duas equipes trabalhassem junto. Então, assim, sempre que tiver competição, eles reforçam a gente. Ou, às vezes, quando vai ter os campeonatos, igual teve Sudeste, o nacional, em São Paulo, os jogadores do ManoTauros foram participar através deles, né, do nome deles, e, quando tem os campeonatos hétero, eles empresta os jogadores pra gente. Então, assim, é um ajudando o outro. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Eu acompanhei um desses treinos e, na verdade, a aparência era de que o Predadores havia “fagocitado” o ManoTauros. Isso porque metade dos jogadores vestia a camisa do Predadores (inclusive Cláudio), mas ninguém vestia a camisa do ManoTauros. No final do treino, para fazer a foto oficial, quase todos os jogadores posaram com a camisa do Predadores (Figura 5).

Apesar do aumento da qualidade técnica dos jogadores apontado por Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que os times mineiros haviam caído de rendimento no cenário nacional. Isso porque o Bharbixas era a equipe mineira que conseguia bater de frente com as equipes de outros estados. De fato, mesmo depois da cisão com o ManoTauros, o Bharbixas continuou sendo uma potência do futebol LGBTQIAPN+ brasileiro. Além de ser campeão da 1ª edição do Champions LiGay, ele ficou em 2º lugar na 3ª edição e em 3º lugar na 4ª edição. Até mesmo nas edições em que não esteve no pódio, ele teve um desempenho considerável. Na 2ª edição, ele foi eliminado nas quartas de final, mas o artilheiro do campeonato foi do Bharbixas. Na 5ª edição, que teve o maior número de equipes concorrendo, o time ficou em 4º lugar. Dentro de Minas Gerais, a hegemonia do time era destacada.

Em termos de competitividade, em termos de futebol, o Bharbixas sempre foi muito à frente do ManoTauros, assim. É tanto que o ManoTauros nunca, por exemplo,

nunca conseguiu ganhar do Bharbixas. Nunca ganhou nada. Nunca. Acho que, na verdade, a única vez, eles conseguiram empatar um jogo só. Todos os outros jogos o Bharbixas ganhou. Inclusive LiGays, competições, enfim. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Figura 5 – Treino do ManoTauros com Predadores



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Jogadores posando para um fotógrafo abaixado em frente a eles. Os jogadores estão usando uniforme verde e preto. O técnico está posicionado ao lado dos jogadores, vestindo camiseta branca, short vermelho e meia cor-de-rosa. A foto foi tirada do lado de fora da quadra onde essas pessoas estão. Por isso, há uma tela na frente da visão que se tem delas. Está à noite, e há uma luz estourada ao fundo.

No entanto, o Bharbixas sequer participou da 6ª edição do Champions LiGay, e nem mais estava filiado à LiGay nesse período. O time participou do Campeonato Mineiro de 2022, mas, segundo Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), teve um desempenho muito fraco. De fato, os únicos times mineiros que foram para a 6ª edição do Champions LiGay foram Inconfidentes Pride, Felinos e Predadores. Bharbixas, ManoTauros e Alcateia ficaram de fora. O Elite havia sido criado apenas um mês antes dessa edição do campeonato. Apesar de tudo, Lúcio (Bharbixas, 2023) sustentou que não ter havido treinos do Bharbixas durante a pandemia foi a decisão correta, ainda que isso tenha implicado no afastamento do time das competições no período posterior.

A pandemia foi um momento bem delicado pra gente. A gente parou por completo. Houve essa conversa interna da gente. A gente falou que não iríamos jogar por motivos óbvios, né? A gente não queria que ninguém ficasse doente ou, então,

algun familiar, sei lá, pega num treino, leva pra casa e, enfim, como ficava a nossa consciência nesse meio tempo? Então, a gente teve que abrir mão do nosso encontro semanal, dessa união toda. Mas sem abrir mão do que aquilo que a gente acreditava, né, que era na ciência, e que a gente só iria voltar quando tivesse um cenário, assim, seguro, em que todo mundo tivesse vacinado e todo mundo tivesse bem pra gente voltar. Então, nós fomos um dos últimos times, assim, que eu tinha acompanhado, a voltar. A gente ficou bem recluso mesmo, assim. Tivemos pessoas que saíram do time porque outros times já tinham voltado à atividade, e a gente ainda não tava se sentindo seguro pra voltar. Aí que houve essa saída dos meninos e a formação do Inconfidentes. Então, muitas pessoas saíram, e tá tudo bem. É assim que funciona esse processo, né? Então, foi um período complicado, mas deu tudo certo, tá todo mundo bem, saudável. Aí, a gente tá até sem time de futebol até hoje também, porque a gente não teve, assim, esse tempo [ênfase em “tempo”] ainda pra dar um *restart* no time, que dá [voz de riso] muito trabalho. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Mas ele afirmou que o plano era que o Bharbixas voltasse assim que possível a participar das competições.

A gente só tá se organizando quanto ao futebol. As outras modalidades continuam, tão funcionando perfeitamente. O futebol feminino tá funcionando também. As meninas tão arrasando. Mas o futebol masculino, ele não tá acontecendo. A gente tem o recreativo, ele tá funcionando aos sábados, normal, mas o competitivo não tá. Ainda não retornou. Então, não sei... talvez... sem previsão? Não sei. [risos] Mas, eu acho que num futuro não muito distante, a gente vai voltar sim, vai dar um *start* de novo. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Com o novo cenário estabelecido, até mesmo a rivalidade que existia entre o Bharbixas e o ManoTauros se arrefeceu, como explicou Cláudio (ManoTauros, 2023).

Enquanto o Bharbixas teve ativo na parte de futebol, sempre teve a rivalidade. Porque sempre teve alguns jogadores que eram de lá e vieram pra cá, então, fica aquela disputa. Mas, assim, o Bharbixas também não tá nas atividade esportiva mais com o futebol. Então, assim, bem que sumiu. E, na mudança de presidência também... trocamos muitos jogadores. Então, assim, a partir do momento que eu entrei, assim, isso acabou. Não tem mais essa rivalidade entre equipes. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Nesse contexto, o ManoTauros passou a ter uma papel completamente diferente dentro do futebol LGBTQIAPN+ mineiro, como ele destacou.

A gente, assim, não preocupa em ter disputa com as outras equipes, a gente não entra em disputa disso. Se é melhor, se vai entrar no campeonato pra poder mostrar que é melhor, que não é. Entendeu? Nós somos a Suíça nessa parte do [voz de riso] campeonato de equipes, né? Então, assim, teve épocas que a equipe teve sempre aquela rixa entre as outra equipes. Atualmente, tá mais tranquilo, mais calmo. Sempre que tem algum campeonato, as outras equipe oferece jogador emprestado, então, assim, tá bem *amenizado a questão de disputa* entre equipes aqui. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Além de “neutro”, o ManoTauros passou a ser um elo agregador, já que os outros times se juntaram em torno dele para competir no “campeonato hétero” supracitado. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) é uma figura que circulou pela maioria dos momentos ligados à história do Bhabixas e do ManoTauros. Ele fez parte da primeira formação do Bhabixas, atuando como treinador do time. Depois, foi um dos membros fundadores do ManoTauros. Ele ficou na presidência desse time durante dois anos, tendo saído dele pouco tempo depois. Então, foi jogar no Alcateia, de Manhuaçu. Foi quando veio a pandemia do Covid-19, e ele ficou impossibilitado de se deslocar todas as semanas para Manhuaçu para participar dos treinos. Nesse momento, ele chegou a decidir voltar a jogar no Bhabixas. No entanto, o time não realizou nenhuma atividade durante a pandemia. Assim, ele acabou apoiando Daniel na formação do Inconfidentes Pride. Dessa trajetória, ele afirmou o seguinte: “todos os times LGBTQIA+ que joguei levo no meu coração, porque, quando visto uma camisa de time, eu visto de verdade, me entrego”. De fato, no dia 20 de março de 2023, já jogando pelo Inconfidentes Pride, Eduardo postou uma foto antiga no *feed* do *Instagram* usando a camisa do ManoTauros e um vídeo nos *stories* usando a camisa do Bhabixas. Apesar da saída conflituosa para fundar o ManoTauros, continuar usando a camisa do Bhabixas e ter decidido voltar para esse time sugerem certa superação do desentendimento que havia dividido esses dois times seis anos antes.

Esta foi uma breve história dos primeiros seis anos do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Mas essa cidade recebeu o futebol pela primeira vez mais de um século antes disso. Por isso, vamos ver abaixo que futebol belo-horizontino é esse no qual o futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino se insere.

2.3.3 A primeira rivalidade do “futebol hétero” na cidade

Belo Horizonte foi criada em 1897, para substituir Ouro Preto como a nova capital mineira. Planejada pelo engenheiro e urbanista Aarão Reis, tendo como inspiração Paris e Washington, a cidade também contou com o projeto paisagístico de Burle Marx. A fim de mudar as páginas da história mineira, até então ligadas às “cidades históricas”, Belo Horizonte nasceu com a pretensão de ser moderna. Mas como fazer isso no berço do tradicionalismo mineiro? Essa tensão acompanhou todo o processo de formação e ocupação da cidade. Inclusive em relação ao futebol, que fez parte do seu projeto de modernização.

Segundo Marcelino Silva (2012), o futebol foi introduzido em Belo Horizonte pelo carioca Victor Serpa, que havia estudado na Europa e se mudou para a capital mineira em

1903. Mais uma vez, temos aqui o mito de um pai fundador, como no caso de Charles Miller, que discutimos na Seção 2.1.3 (p. 35). Nesse caso, a atribuição da paternidade a Victor Serpa se deve à fundação do primeiro time da cidade de que se tem conhecimento oficialmente, o Sport Club Foot-ball, em 1904. Cleber Dias, Georgino Souza Neto, Igor Silva e Sarah Soutto Mayor (2014, p. 78) afirmam que o futebol causou “espanto, admiração e repugnância” em Belo Horizonte. Entretanto, segundo os autores e a autora, a prática cresceu rapidamente, de modo que, ainda em 1904, o jornal *A Ephoca* já falava de “mania do *foot-ball*”.

Rogério Alves, Silvio Silva, Sarah Soutto Mayor e Georgino Souza Neto (2016) contam que o Atlético Mineiro e o América Mineiro, os dois primeiros grandes times de futebol da cidade, tinham perfis similares quando foram formados. O Atlético foi criado em 1908 por jovens estudantes da elite belo-horizontina, no coreto do Parque Municipal, no Centro da cidade. O América, por sua vez, foi criado em 1912, também por jovens de elite, na Rua da Bahia, ainda no Centro da cidade. Ambos foram criados por “filhos de políticos, empresários e comerciantes bem-sucedidos” (Rogério Alves *et al.*, 2016, p. 717). Mas a diferença entre os dois times é que o Atlético foi fundado por estudantes secundaristas, e o América por crianças. Este último só viria a ser composto por jovens e adultos alguns anos depois. Em 1915, foi criada a Liga Mineira de Sports Athleticos, que organizou um campeonato chamado Taça da Cidade. Essa competição viria a se transformar posteriormente no Campeonato Mineiro. O Atlético foi o primeiro campeão da disputa, mas o América venceu as edições seguintes por dez anos consecutivos, feito que ficou conhecido como decacampeonato.

A primeira rivalidade do esporte mineiro, portanto, foi entre Atlético e América. A disputa entre os dois times ficou conhecida como Clássico das Multidões, porque os jogos entre esses dois clubes foram os primeiros a levar uma grande quantidade de torcedoras, torcedores e torcedorus aos estádios e a gerar um clima de ansiedade pré-jogo na população belo-horizontina. Entretanto, a pesquisa de Rogério Alves *et al.* (2016, p. 706) mostra que não havia um clima de hostilidade entre os dois times: “apesar de serem as duas agremiações de maior representatividade esportiva do Estado, ambas eram dotadas de simpatias mútuas e sentimentos de irmandade”. Para os autores e a autora, essa relação tem a ver com o fato de que o esporte ainda era muito utilizado pela elite da capital mineira para o cultivo de ideais europeus de civilidade. Marcelino Silva (2012) acredita que a afinidade dos dois times se relacionava também à tentativa conjunta de afastar os grupos mais populares que também vinham se apropriando do futebol. O autor afirma que a popularização do esporte na capital começou a ocorrer na década de 1910, mas só se concretizou na década de 1920. Na década

de 1910, começam a surgir times compostos por praticantes pobres, como o Yale Athletic Club, formado, em sua maioria, por operários.

2.3.4 O surgimento da maior rivalidade mineira

Rogério Alves *et al.* (2016) pesquisam o surgimento da rivalidade entre o Atlético Mineiro e o Cruzeiro entre 1921 e 1942, a partir de jornais impressos da capital mineira. Na época, os times se chamavam Athletico Mineiro e Palestra Itália. O intervalo da pesquisa se refere à fundação do Palestra e sua mudança de nome para Cruzeiro. Nesse período, os autores e a autora indicam um progressivo enfraquecimento do papel do América Mineiro. Para eles e ela, isso se deve a dois fatores. O primeiro é a própria emergência do Palestra como uma terceira força no esporte mineiro, e o segundo é a resistência que o América teve para se profissionalizar. Enquanto Atlético e Palestra se incorporaram à liga profissional desde sua criação, em 1933, o América só se profissionalizou em 1943.

Diferentemente do Atlético e do América, o Palestra não foi fundado pela elite belo-horizontina, mas pela comunidade italiana que havia migrado para o Brasil para substituir a mão de obra escravizada – dentro do processo histórico de embranquecimento da população brasileira e abandono da comunidade negra recém-alforriada. Os imigrantes italianos foram estabelecendo uma colônia no Barro Preto, bairro da região central de Belo Horizonte. No fim da década de 1910, ela já era muito bem organizada. Segundo Marcelino Silva (2012, p. 71-72), “os italianos e seus descendentes eram, em sua maioria, comerciantes, artesãos, trabalhadores da construção civil e operários, embora alguns empresários e industriais da mesma origem também tivessem se estabelecido na cidade”.

Rogério Alves *et al.* (2016) acreditam que o surgimento da Società Sportiva Palestra Italia, em 1921, foi impulsionado pelo nacionalismo crescente no pós-Primeira Guerra, tendo ocorrido dois anos após o surgimento do partido fascista italiano. As cores do clube naquele momento era as da bandeira da Itália: verde, branco e vermelho. Até 1925, apenas italianos e seus descendentes podiam jogar no time. Mas, no ano em questão, o time se “abrasileirou”, passando a se chamar Sociedade Sportiva Palestra Itália. Os autores e a autora contam que a torcida do Palestra cresceu muito rapidamente, equiparando-se à do Atlético e do América em poucos anos. Também foi rápido o início da conquista de títulos. Entre 1928 e 1930, o time conquistou o tricampeonato mineiro. O início da rivalidade e da animosidade entre o Palestra e o Atlético também começou pouco tempo depois da formação do time italiano. Em 1927, os jornais já registraram o primeiro conflito entre as torcidas dos dois times.

Nesse momento, ocorre uma virada no perfil do futebol na cidade. Segundo Rogério Alves *et al.* (2016), nos primeiros momentos do futebol belo-horizontino, não só os times existentes, mas também as torcedoras, torcedores e torcedorus que acompanhavam os jogos deles eram bastante elitizadas. A torcida se interessava pela prática sem se apegar a um time em específico. Os jogadores, por sua vez, preocupavam-se mais com o espírito esportivo e com a vivência social dos jogos. Os autores e a autora contam como a mídia impressa se referia ao público inicial como “famílias da melhor sociedade”. Mas, com a nova configuração do futebol belo-horizontino, os jogos começaram a se tornar acessíveis à maior parte da população. A mídia começou, então, a relatar o aparecimento de um “aglomerado de pessoas indesejáveis e incivilizadas” (Rogério Alves *et al.*, 2016, p. 705).

Os autores e a autora contam que, a partir desse momento, os jogos entre Atlético e Palestra começaram a causar uma intensa movimentação na cidade e a ser garantia de estádios lotados. A disputa entre os dois times ficou conhecida como Clássico dos Clássicos. Em 1936, os jornais registravam comportamentos hostis de um time em relação a outro em campo, com agressões propositais com o objetivo de “inutilizar” o adversário e reclamações constantes às marcações do árbitro. Segundo Rogério Alves *et al.* (2016), houve jogos que até foram interrompidos pela violência, com policiais participando da confusão, ao invés de apartá-la, e até mesmo jogadores foram presos.

Em 1942, o Palestra Itália virou Palestra Mineiro, por causa de um decreto da presidência que nacionalizava sociedades esportivas em território nacional, em meio à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tendo como inimigos os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O time também mudou suas cores para o azul e o branco. No mesmo ano, o nome foi alterado para Cruzeiro.

2.3.5 Os significados de ser cruzeirense e atleticano em Belo Horizonte

Apesar do seu surgimento elitizado, o Atlético Mineiro foi progressivamente ganhando uma imagem de time popular. Marcelino Silva (2012) explica que esse processo começou quando o Villa Nova, da cidade de Nova Lima, venceu os três primeiros campeonatos profissionais, entre 1933 e 1935. Como o clube era composto por jogadores de origem pobre, o Atlético começou a contratar pessoas com o mesmo perfil para formar um time que batesse de frente com o Villa. Em 1936, o Atlético venceu o campeonato mineiro. Para completar, em 1937, tornou-se o “Campeão dos Campeões”, ganhando um torneio com

os times vitoriosos de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.³⁵ A vitória trouxe ao estado um sentimento de orgulho do futebol mineiro. O autor explica que essa popularização do Atlético foi importante para consolidar a sua principal rivalidade: “a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro, enfim, não surgiu de modo repentino, mas foi lentamente formada por meio de progressivos deslocamentos, que ampliaram o perfil sociocultural das torcidas e deram aos dois clubes uma identidade eminentemente popular” (Marcelino Silva, 2012, p. 74).³⁶

Para o autor, a trajetória do futebol belo-horizontino não pode, portanto, ser diminuída a uma oposição entre times de elite e times populares. Ambos Cruzeiro e Atlético reivindicam para si um caráter popular através de identidades muito distintas. Enquanto o Atlético remete à paixão das massas, o Cruzeiro remete ao trabalho disciplinado. Entretanto, mesmo com a caracterização apontada pelo autor, é possível identificar a existência, na cidade, de um imaginário recorrente que associa o Atlético a camadas populares e à periferia. É a ideia do “Galão da massa”. Por oposição, não é raro também que o Cruzeiro seja mais associado ao público de classe média alta, ainda que o time não assumira esse lugar. Talvez essa relação se dê pela ética do trabalho com características burguesas e de pretensões de ascensão social ligada à comunidade de origem do time.

Marcel Freitas (2007) apresenta uma pesquisa sobre as representações do Cruzeiro e do Atlético a partir de entrevistas com pessoas torcedoras de ambos os times. Ao pedir que as pessoas entrevistadas relacionassem esses clubes e suas torcidas às ideias de corpo e mente, o autor notou uma caracterização mais profunda do Atlético na sua ligação com o corpo, e do Cruzeiro em sua ligação com a mente. Ao relacionarem o Atlético ao corpo, as pessoas entrevistadas trouxeram as ideias de raça, irracionalidade, agressividade, paixão e força. A palavra “raça”, aqui, surge como sinônimo de “garra”. Mas Marcel Freitas (2007) também faz uma relação dela com questões raciais. Pelas cores do time, o Atlético pode ser semioticamente associado à negritude. Pelos processos históricos de dominação étnico-racial, foi atribuído às pessoas negras o estigma de animalidade (Pedro Juliano, 2020) e, portanto, de corporeidade, que também é atribuído ao Atlético. Desse modo, é possível perceber uma confluência de fatores da categorização simbólica desse time que o aproxima de determinado

³⁵ Quando o texto desta pesquisa foi finalizado, a Confederação Brasileira de Futebol analisava se o “Torneio dos Campeões” seria considerado equivalente ao Campeonato Brasileiro, garantindo o tricampeonato nacional para o Atlético.

³⁶ Diferentemente de Rogério Alves *et al.* (2016); Marcelino Silva (2012) acredita que só se pode dizer que a rivalidade entre Cruzeiro e Atlético substituiu definitivamente a que existia entre Atlético e América Mineiro na década de 1960, quando este último realmente saiu de cena entre os maiores do futebol mineiro.

imaginário social. Marcelino Silva (2012, p. 78) argumenta ainda que, “com a definitiva incorporação da imagem de popular pelo clube, o signo da raça acabou adquirindo certa ambiguidade, remetendo também à forte presença de negros e mulatos, como Ubaldo, no time e na torcida atleticana”.

Quanto ao Cruzeiro, o pesquisador observou que ele foi definido pelas pessoas entrevistadas em relação ao Atlético, ou seja, como seu oposto. Associado à mente, o clube foi ligado à racionalidade, à inteligência, ao refinamento, à tática e à tranquilidade. Marcelino Silva (2012) indica que tais características têm relação com a história do time. Afinal, ele foi criado por italianos que chegaram a Belo Horizonte para trabalhos desvalorizados e teriam “subido na vida” através do esforço. Do mesmo modo, o Cruzeiro teria sido construído na simplicidade do trabalho cotidiano até se tornar um grande time. Soma-se a isso o papel importante que a comunidade italiana teria tido na formação da própria capital.

Na pesquisa de Marcel Freitas (2007), um dos entrevistados faz uma relação do Atlético com a figura do seu mascote, seguindo a ideia de que, mesmo que você corte o pescoço de um galo, ele segue sem a cabeça, irracional. De fato, o Atlético é mais conhecido em Minas Gerais como Galo do que pelo seu nome oficial. Marcelino Silva (2012) conta que Fernando Pieruccetti, sob o pseudônimo Mangabeira, foi o chargista que criou os bichos que representam os clubes mineiros, em 1945, no jornal Folha de Minas. Essa escolha diz muito sobre a imagem de cada um deles. O galo, que representa o Atlético, relaciona-se à figura do galo de rinha, guerreiro. A raposa, que representa o Cruzeiro, foi inspirada na astúcia da administração do time, na época, representada pelo seu presidente Mário Grosso. Já o Coelho representa a vivacidade do América, mas também foi inspirado no sobrenome de alguns dos dirigentes do clube. As escolhas foram tão perspicazes que foram adotadas como mascote pelos respectivos times.

2.3.6 Como Bharbixas e ManoTauros entram nesse cenário

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que a grande maioria dos integrantes do ManoTauros era atleticana. Quando perguntei a ele se o ManoTauros teria algum ídolo, ele respondeu: “talvez o Atlético como instituição”. Ele me explicou que isso não era um consenso, pois o time tinha alguns cruzeirenses. Mas os quatro primeiros membros eram atleticanos “fanáticos” (entre eles, Ângelo e Eduardo). O marido de Ângelo, que jogava no time, também era atleticano. Além deles, outros membros, dentre os quais um que participava da organização da equipe naquele momento, também eram atleticanos “fanáticos”: “aquele

núcleo ali que meio que organiza, que tá mais disposto ultimamente é atleticano, então, tipo, o ‘raça’ [na bandeira do ManoTauros] vem muito do Atlético”. Ele também explicou que o grito de guerra do time era “raça, raça, raça! ManoTauros!”, com influência do Atlético. Por outro lado, Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que os membros do Bhabixas não gostavam de acompanhar o futebol profissional: “eu e um colega fomos expulsos [do grupo do Bhabixas no *WhatsApp*] porque a gente tava discutindo futebol no grupo. ‘Ai, que assunto chato, sei o quê’. Então são pessoas que não gostam de futebol”. Pedro (Bhabixas, 2018) e Lúcio (Bhabixas, 2023) discordavam. Eles afirmavam que muitas pessoas no Bhabixas gostavam de acompanhar o futebol profissional. Segundo Roberto (Bhabixas, 2018), a expulsão de alguns integrantes do grupo do *WhatsApp* do Bhabixas, entre eles Ângelo, ocorreu por um motivo diferente.

Alguns saíram, outros foram até expulsos do grupo. Quando foram expulsos, foram expulsos pelos membros que hoje a gente diz que eram os diretores, os fundadores, os mais ativos. O Lúcio, um deles. E eu não entendia porquê. Fui conversar com alguns, tentar entender o que que tava rolando, e eles falaram que quem foi expulso tava faltando com respeito às outras pessoas e à diversidade. (Roberto, Bhabixas, 2018)

Assim como tentamos fazer em relação ao Cruzeiro e ao Atlético, também podemos traçar perfis relacionados ao Bhabixas e ao ManoTauros. Como dissemos na Seção 2.2.3 (p. 49), sobre futebol amador, Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmou que a maior parte dos membros do ManoTauros era de periferia e de baixa renda. Ele tinha uma teoria para explicar essa configuração da equipe: “acho que, como é no boca a boca, fulano falou pra ciclano, que falou... acho que acabou que a gente atraiu um nicho, assim, muito parecido”. Roberto (Bhabixas, 2018) apresentou outra configuração sobre o recorte de classe no seu time.

O Bhabixas também, a maioria dos que ficam no núcleo do time também, eu acho que são de classe média, sabe? Então, é um time que prega a pluralidade, mas ele não é totalmente plural nesse ponto, eu acho. Mas não é porque a gente repreende também. Ninguém nunca foi não aceito por causa disso... pelo contrário. Só que eu não sei o que acontece que não chegam essas pessoas [de periferia] e, quando chega, não fica. Mas, de vez em quando, aparecem uns no grupo que usam essa terminologia, que manda uns áudios, tipo: “mano, não sei o quê... mano... meu...” Tem alguns, mas poucos. (Roberto, Bhabixas, 2018)³⁷

Percebe-se uma categorização feita por ele de quem seria de periferia em torno de um estereótipo relacionado à linguagem usada por algumas pessoas que já passaram pelo

³⁷ Roberto me disse que o Felinos era outro time que também parecia ter muitos jogadores negros e de periferia.

time. Na mesma direção do perfil apontado por Roberto (Bharbixas, 2018), Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que o grau de instrução das pessoas que organizavam o Bharbixas era elevado. No entanto, Pedro (Bharbixas, 2018) não tinha a mesma percepção sobre classe que o colega de time Roberto. Ele também destacou que o Bharbixas tinha poucas pessoas negras no início da sua formação, mas isso teria mudado posteriormente.

A gente tem uma representatividade bem maior de pessoas negras. Acho que com relação a classe econômica, eu talvez nem tenha muita propriedade pra falar, porque a gente não conhece muito a vida pessoal das pessoas que jogam com a gente, só dos que são mais próximos mesmo. Mas eu acredito que hoje a gente seja bem diversificado nesse quesito. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) defendeu que o estereótipo que os outros times tinham do Bharbixas era equivocado: “o Bharbixas sempre foi acusado de ser um time branco, padrão, de elite, sendo que [voz de riso] não era assim. Mas as pessoas que jogavam em outros clubes, viam dessa forma. E a gente tentou por diversas vezes tirar, quebrar isso”. Lúcio (Bharbixas, 2023), ao falar sobre o Bharbixas ser considerado uma equipe afeminada, disse que tem orgulho da diversidade do time: “porque nosso time é o mais plural, o nosso time é mais diverso, assim. Nós temos todos os tipos de pessoas, corpos, grupos étnicos, enfim, tudo. O nosso time é muito diverso, e a gente vai abraçar sim essa diversidade, inclusive, sendo afeminado”. No entanto, eu fiz uma pergunta a ele depois dessa fala, e ele relativizou bastante a afirmação anterior.

Pesquisadore: Cê falou de diversidade, mas eu queria saber se você identifica que talvez haja algum tipo de perfil em relação a questões como idade, raça, renda, escolaridade. Tem algum tipo de perfil, assim, no time, nos membros, que você identifica, ou não?

Lúcio (Bharbixas, 2023): Olha, é muito, muito diverso sim. Nosso time é muito diverso. Mas ainda sinto que a gente... a gente poderia ter mais. E, aí, isso é um ponto que a gente já conversou, né, de, tipo assim, como a gente pode ampliar nossa diversidade ou fazer com que as pessoas mais diversas, que se sintam inclusas com a gente. Então, isso já foi uma pauta que a gente já conversou e tal. Já fomos chamados de elitistas, *um time elitista*, um time classe média, um time que foge à minha realidade financeira pra tar participando dos campeonatos e os treinos. Ou, então, *predominantemente branco*. Não vou falar que não é, porque é uma realidade, assim, que, infelizmente, a gente tem no time, né? Então, já foi uma pauta que a gente já levantou: “gente, como que a gente pode abraçar mais as pessoas que não têm condições pra jogar com a gente, mas quer estar com a gente?” E a gente já tentou algumas ações, mas não deram muito certo. Mas não vou mascarar, falar que não é uma realidade não, porque é, assim, sabe? Então, a gente tenta ao máximo, ao máximo mesmo, pra fazer com que todo mundo se sinta bem no nosso grupo, no nosso coletivo. Mas, infelizmente, acontecem essas... hum... como é que posso dizer? Acontece essa *segregação* de certa forma, né? E a gente tenta ao máximo fazer com que as pessoas se sintam bem, acolhidas, que elas queiram voltar. E pra

que a gente tenha o grupo mais diverso possível. Mas tem, assim... não que não há diversidade, mas poderia haver mais, né?

Quando participei de uma pelada do Bharbixas, além de mim, havia dezoito pessoas no local. Quinze delas estavam jogando, e três apenas assistindo. Eu identifiquei como negras apenas três pessoas que estavam jogando e uma que estava assistindo. Entre os homens que estavam presentes, havia um hétero convidado (amigo de Roberto). Das quinze pessoas jogando, duas eram mulheres. Entre as pessoas que estavam assistindo, também havia duas mulheres. Nesse cenário, aparentemente, 88% das pessoas eram brancas e apenas 22% negras. No 5º Champions LiGay, em Belo Horizonte, percebi que grande parte dos jogadores do Bharbixas tinha aparência parecida. Eram brancos e aparentemente de classe média. Mas os jogadores do ManoTauros tinham um perfil diferente. Grande parte era negra e parecia ser de periferia.

As falas dos entrevistados e as percepções no trabalho de campo dão a entender que, preliminarmente, seria possível traçar perfis diferentes para os dois times. O Bharbixas seria composto mais por brancos, de classe média e maior grau de escolaridade. O ManoTauros mais por negros e de periferia. Isso aproximaria o ManoTauros do lugar simbólico ocupado pelo Atlético em Belo Horizonte, o que coincidia com a própria identificação de grande parte dos membros do time. Apesar disso, não seria possível indicar uma identificação do Bharbixas com o Cruzeiro. Segundo Lúcio (Bharbixas, 2023), não havia um time que tivesse mais torcedores dentro da sua equipe, pois os membros torciam para times variados, inclusive de outros estados. Entretanto, Roberto (Bharbixas, 2018), como vimos na Seção 2.2.2 (p. 45), é muito cruzeirense. De toda forma, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) deixou bastante clara a relação de classe, ainda que simbólica, entre o Bharbixas e o ManoTauros.

Tipo, ManoTauros era o time dos manos, e o Bharbixas a elite. Tanto que já foi falado que, por isso, chamava ManoTauros [ênfase em “Mano”]. Mas isso nunca foi um insulto. Eles [Bharbixas] consideravam o ManoTauros *um time pobre*, de gente mais humilde, “mano” mesmo. E o Bharbixas – é igual eles falavam – era a torcida do Cruzeiro, e o ManoTauros a torcida do Atlético. É *a favela e a elite*. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Como é possível perceber pela fala de Eduardo (ex-ManoTauros, 2023), a dicotomia de classe que se estabelece entre Cruzeiro e Atlético em Belo Horizonte também era projetada por ele na relação entre o Bharbixas e o ManoTauros. Mas com as mudanças pelas quais o ManoTauros passou com o tempo, Cláudio (ManoTauros, 2023) indicava que o perfil do time teria mudado. Ele apontou um nível alto de escolaridade dos membros: “acho que a maioria

das pessoas, assim, questão de estudo, eles são bem... como que eu vou dizer... bem avançado. Pessoas que estudam, pessoas que têm um grau de conhecimento, de estudo”. Ele também afirmou que, racialmente, o time era “bem misturado”. Com as mudanças de jogadores ocorridas com o tempo, Cláudio (ManoTauros, 2023) também apontou que o time perdeu o vínculo que tinha com o Atlético.

2.3.7 Futebol amador em Belo Horizonte

Raphael Ribeiro (2017) fala sobre a história do futebol amador em Belo Horizonte a partir de dados sobre mais de vinte times. O autor nos lembra de que, na década de 1910, com a popularização do futebol, começaram a surgir times suburbanos compostos por operários na cidade. Segundo ele, nos primeiros campeonatos promovidos pela Liga Mineira de Desportos Terrestres, havia duas divisões: uma para os times tradicionais e outra para os times de proletários. A regulamentação do regime de trabalho dos jogadores veio em 1933, separando definitivamente o futebol amador do profissional. A primeira divisão, dos times tradicionais, profissionalizou-se. Enquanto isso, a segunda, dos times proletários, iria se tornar a divisão amadora da cidade. É interessante observar esse processo: os times de elite defendiam o amadorismo, mas foram eles que acabaram se profissionalizando. Segundo o autor, desde o fim da década de 1940, há incentivos do poder público para as equipes amadoras na cidade, envolvendo aquisição de equipamentos, melhoria de campos e cessão de terrenos públicos para a prática do esporte.

Raphael Ribeiro (2017) apresenta dados de 2016 para demonstrar que o futebol amador em Belo Horizonte é forte, popular e consolidado. Os números mostram um panorama maior do que se poderia imaginar ao focar apenas no futebol profissional. Eles incluem a existência de mais de 100 campos de várzea na cidade e o envolvimento de pelo menos 144 clubes, com mais de 12 mil atletas inscritos por ano (incluindo mais de 500 mulheres) nos campeonatos oficiais promovidos pela Federação Mineira de Futebol (FMF), separados em diferentes divisões. O autor ressalta ainda que, além desse número, há times e campeonatos não oficiais na cidade cujos números não são conhecidos. Três torneios compõem o circuito principal. O Torneio Corujão, com jogos à noite, é promovido pela *Globo Minas*. A Copa Itatiaia é promovida pela *Rádio Itatiaia* e ocorre no intervalo entre as edições dos campeonatos profissionais. A Copa Centenário é realizada pela Prefeitura. Esta última aceita também times não filiados à FMF. No final da Copa Itatiaia, em 2016, no estádio Independência, houve um público de 16.449 pessoas.

2.4 FUTEBOL: UM JOGO PARA MACHOS?

2.4.1 Futebol, guerra e violência

Norbert Elias e Eric Dunning (1995) veem o esporte como uma ferramenta de pacificação social. Os autores explicam que as disputas esportivas proporcionam emoções fortes e excitação, mas sem o risco de causar mortes, situações perigosas ou perda de autocontrole. Nessa linha de pensamento, é possível dizer que o futebol se aproxima da guerra, sendo um combate entre nós e eles de forma controladamente violenta. Para Norbert Elias e Eric Dunning (1995), as sociedades procuram maneiras de liberar as tensões acumuladas pelos indivíduos, sendo o esporte uma das formas de satisfazer os impulsos instintivos e emocionais que são abafados pelas regras sociais. Através dele, as pessoas podem liberar o esforço que precisam fazer para que consigam se conter no dia a dia. Agnaldo Kupper (2019) acredita que teríamos uma tendência natural de chutar o que estiver à nossa frente para extravasar nossas tensões, esforço que seria convenientemente disciplinado pelo futebol. Ainda que essa tendência seja apenas uma alegoria, ela vale bem para mostrar como o futebol cabe perfeitamente a esse propósito catártico.

Marcel Freitas (2007) afirma que o “protofutebol” era bastante violento e fazia parte da construção da identidade masculina dos jovens na Inglaterra. Ele conta que a formação da Football Association, em 1863, foi marcada por uma tensão entre os times que queriam que as caneladas fossem permitidas e os que demandavam sua proibição. Os times que defendiam as caneladas diziam que, se elas fossem retiradas, o esporte se tornaria afeminado. A derrota desse grupo teria sido um dos impulsionadores para a separação entre o futebol e o rúgbi.³⁸ Ainda que essa história mostre uma tentativa de tornar o futebol mais “civilizado”, para o autor, esse esporte continuou sendo um lugar fértil para o machismo e a violência. Roberto (Bharbixas, 2018) tinha percepções semelhantes à do autor.

O futebol nasceu de homens numa época mais machista do que a que a gente vive. Então sempre foi um esporte majoritariamente de homens, que as mulheres começaram a jogar muito tardiamente.³⁹ Naquele ambiente, foi reproduzido sempre a masculinidade, o machismo, a homofobia. (Roberto, Bharbixas, 2018)

³⁸ A cisão entre os dois esportes se consolidou, contudo, a partir das divergências em relação à profissionalização. O rúgbi se distanciou do futebol à medida em que este passou a se profissionalizar. Os praticantes do rúgbi continuaram reafirmando o caráter amador do esporte por mais de um século, e sua profissionalização só ocorreu em 1995 (Bruno Bonsanti, 2021).

³⁹ Como vimos na Seção 2.1.2 (p. 32) e na Seção 2.1.3 (p. 35), a prática do futebol por mulheres começou a acontecer pouco tempo depois da popularização desse esporte, tanto na Inglaterra quanto no Brasil. Entretanto,

Mas Marcel Freitas (2007) acredita que a cultura da violência física nas torcidas tem ligação com fatores socioeconômicos, sendo mais incentivada pelo público de classes menos privilegiadas. Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) não concordam. Eles defendem que brancos de classe média alta estão entre os mais envolvidos nos discursos e práticas violentas relacionadas ao futebol.

A Inglaterra, berço desse esporte, tem uma história de enfrentamento à violência ligada a ele muito proeminente. Isso se deve aos *hooligans*, como são chamados, no país, grupos que cometem violência e vandalismo, frequentemente ligados a esportes como o futebol. Em 1985, *hooligans* do Liverpool atacaram torcedores do Juventus e deixaram mais de trinta mortos. Pablo Alabarces (2014) explica que, inicialmente, havia o pensamento de que os *hooligans* eram compostos apenas por trabalhadores. Entretanto, posteriormente, constatou-se que o grupo era muito mais diversificado, e que seus membros não eram particularmente violentos fora daquele contexto. Na verdade, o fenômeno estava muito mais ligado ao confronto entre torcidas e ao pertencimento aos grupos. Aqui no Brasil, as brigas entre torcidas organizadas também já deixaram mortos. Em novembro de 2021, um torcedor do Atlético Mineiro foi atacado e morto por membros da Máfia Azul, torcida organizada do Cruzeiro. A Máfia Azul foi banida dos estádios por seis meses (Diário do Aço, 2022). Em março de 2022, um torcedor cruzeirense é quem foi baleado e morto em uma briga entre torcedores do Cruzeiro e do Atlético, envolvendo por volta de cinquenta torcedores (Ivan Drummond; Patrick Vaz, 2022). Nessa ocasião, as duas torcidas foram afastadas dos estádios por um ano (Clara Mariz, 2022).

Pablo Alabarces (2014) acredita que o que está em jogo na violência relacionada ao futebol é uma prática na qual a resistência está inscrita no corpo. Por isso, liga-se a esse ritual também o excesso no uso de álcool, como forma de explorar os limites corporais. Essa resistência seria uma tarefa masculina que defende a honra e a tradição da bandeira e das cores do time através do combate e da luta. O autor chama a atenção para a mudança ocorrida no futebol ao longo do tempo, passando de um jogo entre cavalheiros para um jogo entre “machos”.

Para Agnaldo Kupper (2019), o universo esportivo de contato físico está ligado à dominação masculina à medida em que gira em torno da força e da virilidade. Diego Jesus (2019) acredita que os modelos hegemônicos de masculinidade construídos no esporte

devido à invisibilidade desse movimento, o discurso de que ele começou a ocorrer tardiamente acaba sendo naturalizado.

funcionam como exemplos a serem culturalmente exaltados. Para ele, os jogadores manifestam um *ethos* guerreiro, ligado a superioridade, força e controle. Esses comportamentos são fiscalizados pelas pessoas torcedoras, que têm os ídolos como modelos de conduta. Para Leandro Britto e Mônica Santos (2013), o esporte funciona como parte da existência masculina e constitui uma forma de vigilância dos corpos de homens e meninos. Através da Educação Física, ele contribui para a formação das identidades masculinas e funciona como um rito de passagem para que o menino se torne homem. Por causa disso, a prática esportiva nas escolas se constitui como uma obrigação para os meninos, e os que resistem a realizá-la são excluídos do círculo hegemônico de masculinidade da turma. Veremos mais sobre isso na próxima seção.

No entanto, ao falarmos sobre as práticas esportivas de forma mais ampla, é necessário observar que nem sempre elas carregam a mesma ligação que o futebol tem com a masculinidade padrão. É possível lembrarmos de esportes que apresentam configurações bastante distintas. É o caso do *cheerleading*, por exemplo, que tem uma ligação muito maior com a feminilidade. A bocha, por sua vez, é um esporte muito praticado por pessoas idosas e com deficiência, também fugindo de um modelo de masculinidade padrão. O sumô é outro que se afasta desse estereótipo ao apresentar corpos gordos ao invés daqueles tradicionalmente considerados atléticos.

2.4.2 As aulas de Educação Física

Ao apresentar dados sobre a prática do futebol no contexto escolar, gostaria de chamar a atenção para dois pontos. O primeiro é que algumas referências que serão acionadas apresentam quadros concernentes às décadas de 2000 e 2010. No entanto, o que se pretende fazer aqui não é uma caracterização da realidade do ambiente escolar na atualidade, mas sim discutir como tem sido o histórico de experiências de crianças com o futebol nesse ambiente. Isso se justifica pelo fato de que os times de futebol LGBTQIAPN+ estudados são compostos por adultos de diferentes idades que frequentaram o ambiente escolar em momentos distintos. Atualmente, pode ser que não haja, nas escolas, o mesmo nível de imposição do futebol para os meninos. No entanto, o mais importante aqui é caracterizar traços persistentes desse espaço de interação, encontrados em diferentes referências que abordam o tema. O outro ponto é que as pesquisas sobre o ambiente escolar, como já se poderia prever, têm sido conduzidas de forma binária, separando as crianças entre meninas e meninos: dois grupos apenas. Essa tendência acompanha a própria lógica escolar, que separa as turmas internamente dessa

mesma maneira. Portanto, nesta discussão, as alunas, alunos e alunes que aparecem nas análises consultadas também serão referenciadas pelas categorias “meninas” e “meninos”.

Leandro Macagnan e Mauro Betti (2014) apresentam dados de um estudo com crianças de 10 a 12 anos de idade no ambiente escolar. A pesquisa dos autores mostrou que 92% dos meninos afirmavam gostar de futebol, enquanto apenas 31% das meninas diziam o mesmo. Esse era o esporte favorito de 77% dos meninos e de apenas 6% das meninas. A maioria das meninas justificaram sua falta de interesse dizendo que “futebol é para meninos”. Entre as fãs do esporte, muitas diziam que gostavam “apesar de serem meninas”. Os autores acompanharam um campeonato interclasses na mesma escola. Nele, as meninas competiram apenas no vôlei, e os meninos apenas no futebol.

Os autores afirmam também que os motivos mais comuns que levavam as crianças a não gostarem de futebol eram a dificuldade de “dominar a bola” e as reclamações de colegas sobre o desempenho delas. Especialmente na relação entre meninos e meninas, foi observado que, quando jogavam entre si, eles as “zoavam” e não passavam a bola para elas. Algumas meninas disseram que não gostavam de jogar futebol na escola, mas gostavam de jogar na rua, com outras meninas. Uma disse que tinha vergonha de jogar na escola. Entre os meninos, principalmente, os autores identificaram que as relações de amizade e o compartilhamento com os colegas do mesmo gênero do prazer de praticar esse esporte eram fatores importantes para justificarem o gosto pelo futebol.

Eliene Faria (2009) observou como o futebol se envolve na construção da masculinidade de meninos de um bairro da periferia de Belo Horizonte. A partir de uma perspectiva multissituada, ela acompanhou a prática do esporte no ambiente escolar formal, nas “escolinhas” de futebol, em projetos sociais e nas peladas de rua. A autora sugere que, nesses espaços, os meninos adquirem habilidades necessárias para jogar futebol, mas também para se comportarem como homens, de modo que a prática desse esporte funciona como um ritual de aquisição da masculinidade. Como se poderia supor, a autora identificou que a prática do futebol no bairro era exercida quase exclusivamente por meninos, com exclusão das meninas de quase todos os espaços observados. Para a autora, a generificação dos esportes faz com que algumas práticas sejam consideradas femininas e outras masculinas. Pelo fato de os homens serem considerados mais fortes que as mulheres, os esportes que exigem mais esforço físico, movimentos violentos e contato corpo a corpo são considerados adequados apenas para eles. Para elas, ficam os esportes que exigem movimentos suaves e que proporcionam um distanciamento dos corpos.

A pesquisa de Eliane Faria (2009) apontou que, enquanto muitas meninas têm acesso ao futebol apenas na escola, muitos meninos já chegam a esse ambiente com algum nível de experiência na prática do esporte. Do mesmo modo, muitas meninas só jogam futebol na escola, enquanto, de maneira geral, os meninos também jogam fora dela. Em práticas mistas na escola, a autora observou como era considerado uma humilhação para um menino sofrer um drible ou levar um gol de uma menina. Ela conta sobre um episódio em que alguns meninos tocaram a bola para uma menina fazer um gol apenas para ridicularizar os adversários depois. Eliane Faria (2009) afirma que foi possível observar, de fato, uma menor habilidade das meninas em relação ao esporte. Mas, para ela, isso se justifica pelo fato de que o acesso delas ao futebol é desincentivado e, em boa parte das vezes, negado. Como seria possível adquirir habilidade em uma atividade sem ter tido a oportunidade de realizá-la? Por outro lado, é depois de aprender a jogar que o homem adquire uma performance que faz com que pareça que ele nasceu para isso. A exclusão das meninas e mulheres do universo do futebol é tamanha que, não apenas se tem a ideia de que elas não sabem jogar futebol, como também de que elas não entendem nada sobre esse assunto, como nos lembra Mariana Pisani e Claudia Kessler (2022). No entanto, as autoras ressaltam que, atualmente, temos técnicas, árbitras, dirigentes, narradoras, comentaristas, jornalistas, fisioterapeutas, pesquisadoras, etc. inseridas não apenas no futebol de mulheres, mas também no futebol de homens.

Eliane Faria (2009) afirma que, para que uma pessoa adquira habilidade no futebol, ela precisa ser admitida como “iniciante”, e as meninas não recebem essa oportunidade. Aceitar alguém como iniciante seria ter paciência e disposição para ensinar a pessoa que ainda não sabe, com o intuito de fazê-la aprender. Os meninos mais novos seriam vistos como iniciantes, mas as meninas não, por acreditarem que elas não teriam potencial. Entretanto, mesmo quando um menino é considerado sem habilidade, ele não perde a legitimidade para jogar – desde que ele não seja afeminado, como veremos a seguir. Eliane Faria (2009) nos lembra de que esse processo de negação se insere dentro de um contexto histórico no qual a prática do futebol foi proibida para as mulheres de 1941 a 1979, no Brasil. Entretanto, se essa atividade foi negada às mulheres brasileiras, aos homens ela foi imposta, como parte constituinte da identidade masculina no país.

Enquanto as mulheres que constituem a *habilidade* futebolística são estigmatizadas (“Maria homem”), os homens que se distanciam desse modelo sofrem discriminações que colocam em questão a afirmação da sua identidade masculina (homens que não jogam futebol são ‘maricas’ ou jogam como “mulherzinha”). (Eliane Faria, 2009, p. 73, grifo da autora)

A autora conta que um dos meninos observados na escola tinha amizade com meninas e era considerado afeminado pelos outros meninos. Desse modo, ele não era chamado para jogar bola, nem para “compartilhar a masculinidade” com eles. Por isso, ele passava as aulas de Educação Física jogando queimada com as meninas. O depoimento de um homem gay entrevistado por Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) revela que esse movimento também ocorre no sentido contrário: é o menino afeminado quem pode voluntariamente se afastar dos meninos e se sentir à vontade para fazer a Educação Física apenas com as meninas, seja por identificação ou para fugir de hostilidades. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre essa binariedade.

O futebol sempre foi símbolo de homem, tal ponto que “meninos jogam futebol”: essa era a mentalidade da minha professora. Quando eu tava na terceira série, eu odiava futebol, aos nove anos, enquanto a maioria dos meus amigos gostavam. E a minha professora da terceira série falou: “meninos jogam futebol, meninas jogam queimada. Meninas jogam vôlei, meninos futebol”. Ou seja, tem uma relação entre ser menino e jogar futebol. Então, se você não joga futebol: “hum... aquele ali... hum...”, “essa Coca é Fanta”, aquela velha piadinha, porque não gosta de futebol. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) apontam que, quando a pessoa docente de Educação Física aceita que é menino ou menino afeminado faça as atividades com as meninas, ele está agindo de forma a proteger o aluno ou aluna de sofrimentos e exclusões. Para o autor e a autora, portanto, essa pessoa docente atua de forma contrária à normalização.

Eliane Faria (2009) observou também como os praticantes mais velhos vigiavam a masculinidade dos mais novos e os corrigiam. Ela conta que um professor chamou a atenção de dois meninos que estavam próximos e se tocando, dizendo: “vão parar com viadagem!” Durante os jogos, expressões como “jogar igual mulherzinha” ou “igual moça” eram usadas como sinônimo de jogar mal. Para a autora, o prazer de jogar futebol tem a ver com estar com outros homens compartilhando a masculinidade. Lúcio (Bharbixas, 2023) ressaltou essa relação entre futebol e masculinidade: “é sempre uma coisa muito... essa coisa de ‘ah [ênfase no ‘ah’], o futebol...’ Enfim, o hétero gosta de botar isso num pedestal de virilidade, né?”

Eliane Faria (2009) aponta que elementos não diretamente ligados ao esporte, mas associados à masculinidade, são constituintes do ritual, como cuspir no chão, por exemplo. A autora acredita que também faz parte da masculinidade do futebol zombar dos colegas que se aproximam do que é tido como feminino. Dessa forma, ela destaca que o domínio do futebol funciona como um atestado de masculinidade. Paradoxalmente a tudo isso, a autora nos lembra de que, nos Estados Unidos, o futebol é tido como um esporte feminino. Leonardo

Martinelli (2020) nos indica como isso é parte do processo de socialização de meninas e meninos.

As meninas majoritariamente são presenteadas com bonecas, utensílios, ursinhos, sinalizando uma delicadeza e uma pretensa e futura destreza nas tarefas domésticas como se isso fizesse parte de seus supostos gostos naturais, quando na realidade são oferecidos com pouca margem de alteração. Aos meninos dão carrinhos, bicicleta e certamente uma bola. (Leonardo Martinelli, 2020, p. 303)

Na verdade, a obrigação que o menino tem de gostar do futebol começa enquanto ele ainda é um feto, como nos lembram Jarlson Silva, Iraquitan Caminha e Bertyza Fernandes (2021). A partir dos chás de revelação, popularizados na última década, com o azul usado para generificar o feto com pênis, passam a ser acionados brinquedos e modelos para definir sua identidade generificada, entre eles, os super-heróis, os carrinhos e a bola de futebol. Por outro lado, no caso das meninas, a referência ao esporte não é comum. Ao invés dela, o que acompanha o cor-de-rosa são elementos como princesas, bailarinas e casinhas de brinquedo.

A nossa sociedade está consolidada em um sistema binário e dicotômico de classificação que determina os gêneros com base nos órgãos reprodutores, criando expectativas e comportamentos presumidos para o masculino e para o feminino, regulados por uma normatividade que determina comportamentos e papéis sexuais e de gênero. Dessa forma, o sujeito fica submetido à heteronormatividade, que atravessa os corpos. (Jarlson Silva; Iraquitan Caminha; Bertyza Fernandes, 2021, p. 309)

Justamente no intuito de superar a lógica binária de generificação dos corpos, é preciso entender que, apesar de as pesquisas sobre futebol e infância dividirem as crianças em “meninas” e “meninos”, os corpos não cisheteronormativos fogem a essa simplificação. Dizer que os meninos aceitam uns aos outros como iniciantes só vale até a página dois, como nos indica Eliane Faria (2009). Assim, a trajetória de exclusão das meninas no futebol é compartilhada por meninos e meninos afeminados. Isso porque eles se distanciam do masculino e se aproximam do feminino, sendo, por isso, colocados binariamente do lado das meninas na divisão entre as crianças que devem ou não jogar futebol. Tendo como limitação a binariedade das pesquisas sobre futebol e infância, que não só separam dicotomicamente “meninas” e “meninos” como não observam ou não dão atenção suficiente à experiência de crianças não cisheteronormativas, cabe ler esse quadro para além desse binarismo e entender que o cenário de exclusão das meninas do futebol também se estende para meninos e meninos afeminados. Mas é interessante observar que não estamos falando aqui de homo-orientação. Até porque, muitas vezes, as crianças nesse período escolar ainda não têm sequer uma

consciência sobre a determinação da sua sexualidade. A questão, portanto, não é se é menino ou o menino é ou não gay. A questão é que ser afeminado é visto como sinônimo de ser gay. Assim, todo menino ou menino afeminado, seja homo ou hétero-orientado é levado a essa exclusão. No entanto, os meninos não afeminados, mas que são homo-orientados, continuam sendo aceitos como meninos, pelo menos até que sua homo-orientação seja descoberta. Assim, não é possível dizer que todo menino gay teve uma experiência difícil com o esporte na infância, mas sim que todos meninos e meninos afeminados provavelmente tiveram. Pedro (Bharbixas, 2018) contou como era sua experiência como menino gay nas aulas de Educação Física.

Durante a escola, nas aulas de Educação Física, eu transitava, eu gostava de jogar queimada com as meninas, jogar futebol com os meninos e, sempre que ia jogar o futebol tinha aquela coisa de ser o último a ser escolhido. Não necessariamente porque eu era o pior, mas, porque eu era gay, claramente. E eu me assumi homossexual muito jovem, catorze anos de idade, então, a partir daí, a prática do futebol uma vez que você se assume já fica mais difícil. (Pedro, Bharbixas, 2018)

A experiência de ser escolhido por último é um trauma compartilhado por muitos meninos e meninas nessa situação. Um membro do Alcateia (Manhuaçu/MG), com quem conversei durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019), contou que, para ele, essa exclusão implica, muitas vezes, num desinteresse pelo futebol.

Eu, antes de conhecer o Alcateia, na verdade, eu nunca gostei de futebol. Sempre, na escola, eu nunca gostei. E eu acho que é a realidade de muitos homens gays no mundo. Porque o futebol sempre foi considerado um esporte de homens cis héteros. Então, os gays, às vezes não... Por que que fala que o gay não joga futebol? Porque, no meu caso, por exemplo, falo por mim, eu sempre me senti excluído, nunca tive vontade de jogar, me sentia o diferente já, desde novo. Então eu nunca tive curiosidade. (Membro do Alcateia, 2019)

É interessante perceber que, nesse caso, não é o desinteresse o que, inicialmente, leva a criança a não jogar, mas sim a violência sofrida que faz com que esse desinteresse surja.

2.4.3 A masculinidade nos estádios e bares

Nos estádios de futebol, Gustavo Bandeira (2010) afirma que há uma disputa entre as torcidas dos dois times relacionada a signos de masculinidade, entre eles a violência. Os torcedores aplaudem quando um jogador do seu time ameaça brigar com jogadores do time rival. Até mesmo beber mais, cantar mais, insultar mais os oponentes demonstram uma

masculinidade superior à dos rivais. Marcel Freitas (2007) indica que beber com os amigos do mesmo gênero depois de uma partida de futebol é parte integrante do ritual de muitos praticantes amadores do esporte, e que isso é constitutivo do prazer que eles sentem em jogar futebol. Joelcio Pinto (2010, p. 6), falando da memória do futebol de salão em Belo Horizonte, relata: “eram comuns os encontros nos bares da cidade após os jogos. Nesses encontros eles continuavam a jogar, porém, por meio dos diálogos”. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), os membros do seu time sempre iam ao bar depois dos jogos.

A gente sai, assim, depois do futebol... eu acho que é uma característica bem de pelada, assim, independente se é hétero, se é gay. Depois do futebol tem uma resenha. E todas as peladas abertas e o amistoso foram uma hora e meia, duas hora de futebol, e três de buteco. Mas sem estruturar, né? Foi: “vamo pro boteco?”, “vamo”, “vamo”, “ah, eu não vou não”, “ah, cê vai sim”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

O Bhabixas tem a palavra “bar” no seu nome exatamente por isso. Lúcio (Bhabixas, 2023) destacou esse momento de sociabilidade, lembrando de como ele era comum, especialmente no início do time, quando o nome da equipe foi criado: “a gente se juntava pra jogar e, depois, era um ambiente bem amistoso, em que a gente ia pro bar beber. A gente sempre ia pro bar beber. Então, era o momento, assim, de confraternização nosso, muito legal, muito gostoso”.

Mas, em relação aos estádios, para Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013), apesar do aumento da presença de mulheres neles, esse espaço ainda guarda rituais de sociabilidades voltados especificamente para a construção de masculinidades.

O estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Os modos de construção das masculinidades no Brasil guardam íntima conexão com o futebol, seja para adesão ao esporte, seja para sua negação, que implica em geral a construção de masculinidades subalternas. (Gustavo Bandeira; Fernando Seffner, 2013, p. 247)

Os autores destacam que a masculinidade construída nos estádios tem uma forma: ela é machista e homofóbica. Eles também afirmam que ela normalmente não é vista como uma manifestação violenta, mas “natural”. Para os autores, a construção da masculinidade no futebol traz efeitos para todas, todos e todes, mesmo para quem não tem relação com esse esporte. Outro ponto apontado por eles é que, nos estádios de futebol, ações que não são aceitas em outros espaços se tornam autorizadas, como o uso eloquente de palavrões para insultar a torcida e os jogadores rivais, além do árbitro. Eles frisam o caráter ensinado dessas manifestações: “o comportamento dos torcedores nos estádios de futebol não é natural. Os

indivíduos são inseridos em uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural” (Gustavo Bandeira; Fernando Seffner, 2013, p. 255). Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) acreditam que o caráter do futebol de funcionar como uma catarse para as emoções cotidianamente reprimidas faz com que nele sejam aceitos comportamentos que fora dele não são tão aceitáveis, incluindo manifestações de violência física e verbal. Dessa forma, a desculpa do “calor do momento” redime os agressores de culpa. Adicionada a isso, há a questão da multidão: quando é todo um estádio gritando palavras violentas, não se encontra indivíduos para serem culpados.

2.4.4 Masculinidades gays

Wagner Camargo (2014), estudando os Gay Games, uma competição esportiva internacional voltada principalmente para homens gays, relata uma preocupação grande de parte dos competidores em manter intacta a sua masculinidade. Um corredor alemão disse ao pesquisador que não havia desistido de finalizar uma maratona difícil porque, se tivesse feito isso, ele teria sido uma “mulherzinha”. A fala demonstra uma permanência da inferiorização da mulher no campo esportivo mesmo em um evento LGBTQIAPN+. Outro atleta, jogador de hóquei, disse ao pesquisador que não se importava se os adversários eram “homens ou gays”. Independentemente disso, ele iria “quebrá-los” do mesmo jeito. Também disse que hóquei não é lugar para “bichisse”, mas sim para “machos”. Esse atleta relacionava o esporte à violência e se orgulhava das brigas das quais já tinha participado por causa dele. Além disso, ele acreditava que existem esportes mais masculinos e esportes menos masculinos.

Para Wagner Camargo (2014), os gays que performam a masculinidade de forma cisnormativa afastam-se das masculinidades subordinadas, definidas por Raewyn Connell (2003), aproximando-se das masculinidades cúmplices.⁴⁰ Essa autora afirma que as “masculinidades gays” estão no final da fila na lista hierárquica de masculinidades. Nesse sentido, ela também aponta que pode haver relações hierárquicas entre as masculinidades subordinadas. Partindo desse pressuposto, Wagner Camargo (2014) pensa sobre a reprodução das hierarquias de masculinidade dentro do universo do esporte LGBTQIAPN+.

⁴⁰ Abordarei mais detidamente a discussão sobre masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas na Seção 3.3.2 (p. 188).

Se a própria noção de “masculinidade hegemônica” é relativa mesmo no escopo das relações sociais entre homens assumidamente heterossexuais (pois as hierarquias de poder balizam suas ações e discursos), não é surpresa encontrar tal variação também no “mundo masculino clone” dos homossexuais esportistas. (Wagner Camargo, 2014, p. 50)

O autor acaba por concluir que o meio esportivo LGBTQIAPN+, no momento da sua pesquisa, apresentava características fortemente cisnormativas e binárias, de forma muito semelhante ao meio esportivo em geral. No entanto, ele também aponta para o surgimento progressivo, mesmo que ainda minoritário, nesse espaço, do que ele chama de “masculinidades *queer*”. O autor as relaciona com interseções com raça, classe e geração, além, é claro, de identificações e manifestações de gênero não normativas. Essas masculinidades seriam resistência e contestação ao modelo hegemônico nesse espaço. Apesar de serem múltiplas e com diversas configurações, as masculinidades *queer* teriam características em comum que lhes permitiriam um diálogo menos hierárquico. Wagner Camargo (2014) acredita que a ocupação de espaços tradicionalmente masculinos por mulheres – como o esporte e o mercado de trabalho –, as novas relações de gênero no espaço familiar e a afirmação de identidades não cisheteronormativas têm colocado em xeque a masculinidade hegemônica (Raewyn Connell, 2003). Nesse contexto, as masculinidades têm se tornado cada vez mais plurais, e a própria hegemonia do modelo tradicional pode estar sofrendo um abalo, à medida que o ideal socialmente prescrito vai se tornando menos praticado.

2.5 E VIADO, NÃO PODE GOSTAR DE FUTEBOL?

2.5.1 Provocações entre as torcidas

Em 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) criminalizou as manifestações de discriminação e violência ocorridas em função da orientação sexual ou identidade de gênero. Logo depois, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol (STJD) anunciou ações para conter a homofobia nos estádios. Nesta seção, vou apresentar alguns cantos e gritos que historicamente vêm sendo executados pelas torcidas nos estádios. Contudo, na Seção 2.5.4 (p. 101), vou discutir como a situação tem estado depois dessas decisões do STF e do STJD.

Na perspectiva de Gustavo Bandeira (2010), a rivalidade entre as torcidas nos estádios de futebol se dá a partir da formação de um senso de “nós” contra “eles”, no qual

“nós” são os torcedores do mesmo time que eu, e “eles” são os torcedores do time rival.⁴¹ “Nós” somos diferentes “deles” e superiores a “eles”. Ambas as torcidas se posicionam assim, uma em relação à outra. Como apontam Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018, p. 215), “no futebol, é notável entre seus participantes o exercício constante de afirmação de uma masculinidade viril para si e de uma masculinidade não viril para os adversários, enfatizando a diferenciação entre nós e eles/outros”.

Gustavo Bandeira (2010) explica que a interação que historicamente se estabelece entre as torcidas é a de deslegitimação da masculinidade “deles” a partir da “acusação” de serem sexualmente passivos em relação a outros homens. Analisando as torcidas do Grêmio e do Internacional, essa “acusação” estaria sintetizada pela palavra “puto”⁴², que é como o membro da outra torcida é chamado pelos adversários. Mas é interessante perceber que o que produz o putto não é ser sexualmente ativo em relação a outro homem, mas sim “chupar rola e dar o cu”, nas próprias palavras presentes nos cânticos que essas torcidas historicamente cantam uma para a outra. Isso porque a violência sexual contra o rival, expressa em outra parte desses cânticos, “atirei o pau no Inter/Grêmio”, não coloca em risco a masculinidade da torcida que canta essas palavras. Pelo contrário, é uma forma de tirar a masculinidade do outro.⁴³ O autor chama a atenção para o fato de que, por muito tempo, esses cânticos não foram vistos como uma forma de violência pelas mídias e pelos estudiosos do esporte, mas sim como uma prática “divertida” e até “saudável”, que “faz parte” do futebol.

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) afirmam que, até ao apontar essas manifestações como uma forma de violência, existe um esforço para separar a violência real (física) da violência simbólica⁴⁴ (verbal). A primeira é menos aceita, mas a segunda, dirigida a grupos desvalorizados como mulheres e gays, frequentemente é naturalizada. É como se a humilhação não fosse real, e se essa desvalorização não alimentasse o sistema que dá sustentação à violência física. Os autores não concordam com a separação entre violência real e violência simbólica, por acreditarem que ela hierarquiza essas manifestações. Eles acreditam que elas devem ser chamadas de violências verbal e física, termos que hierarquizariam menos.

⁴¹ Novamente, falo aqui de “eles” e de “torcedores” apenas no masculino, pois trato de uma prática generificada de socialização entre homens torcedores de times rivais.

⁴² “Putto”, no Rio Grande do Sul, quer dizer “viado”.

⁴³ Essa é uma lógica que parece guardar relações com os estupros de guerra, no qual um exército marca sua vitória sobre os adversários e a conquista do território deles ao estuprar “suas mulheres”.

⁴⁴ O termo “violência simbólica” tem outro significado na teoria de Pierre Bourdieu (1997, p. 22): “a violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”.

Os autores ressaltam que na sociabilidade das torcidas de estádios, em que é cultuada uma masculinidade exacerbada com valorização da coragem e da virilidade e uma atmosfera violenta, a violência verbal sempre pode se transformar em violência física. Ela, por sua vez, pode se dirigir aos rivais, que são os membros da outra torcida, ou aos seus “outros”, que são os homens gays. Para João Moura (2017), se tem uma coisa na qual duas torcidas rivais se unem e se igualam, é na homofobia. Marcel Freitas (2007) destaca que, no futebol, “afeminado” e “feminino” são sinônimos de “inferior”, “perdedor” e “fracassado”. Para ele, as torcidas chegam a gastar mais tempo se provocando do que concentradas nas partidas.

A partir de Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013), é possível entender que a necessidade de afirmar a heterossexualidade é o que leva à atribuição da perda dela ao outro. Isso seria necessário porque o futebol é um dos poucos espaços em que os homens podem ter uma relação afetiva e corporal maior entre si, abraçando-se e encarando outros corpos masculinos sem camisa. Para que isso não comprometa a masculinidade do torcedor, seria necessário reforçar que ela não está abalada, demonstrando ser um guardião da masculinidade para os outros. Isso se torna uma “garantia” da sua heterossexualidade, podendo manter esses comportamentos homoafetivos sem medo de sofrerem algum tipo de desconfiança ou insinuação.

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) chamam a atenção para o fato de que o cântico historicamente entoado pela torcida do Internacional para insultar a do Grêmio é idêntico ao usado no sentido contrário, mudando apenas as palavras que identificam o rival: “Atirei o pau no Inter/Grêmio / E mandei tomar no cu / Macacada/Gremista filha da puta / Chupa rola e dá o cu / Ei, Inter/Grêmio, vai tomar no cu⁴⁵ / Olê, Grêmio/Inter”. Além dos trechos do cântico já referenciados acima, ainda é bastante desconcertante observar a referência aos torcedores do Internacional como “macacada”, mostrando também uma interseccionalidade com a categoria raça, que evidencia uma dupla subalternidade. Além disso, a expressão “filha da puta” revela uma dupla misoginia. Primeiro, ao apresentar o modelo da mulher “puta”, em oposição ao da mulher “santa”, como geradora de vergonha e humilhação. Segundo, ao chamar de “filha”, no feminino, o homem da torcida rival, que seria a pessoa “envergonhada” e “humilhada” pela condição de “puta” atribuída à mãe. O combo homofobia, misoginia e racismo mostra o peso da formação de uma masculinidade tóxica através de rituais jocosos de sociabilidade muitas vezes tidos como “saudáveis” e “naturais”. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre esse assunto.

⁴⁵ Este trecho é similar ao que tem sido usado por torcedores de diversos times para ofender o árbitro: “Ei, juiz, vai tomar no cu”.

As pessoas, na homofobia velada delas, elas não pensam que elas excluem. Elas acham normal gritar “bicha” pro goleiro, “vai tomar no cu” pro não sei quem, “chupa, franga”, “maria”. Então, elas não pensam que elas tão excluindo nesse ponto. Ou, se pensam, elas preferem ignorar. Eu tenho vários amigos que eles dizem: “eu não sou homofóbico, eu não sou machista”, alguns que me respeitam muito inclusive e tal. Mas, quando vai falar de futebol: “maria”, “franga”, “chupa”. E se você questionar: “ah, é mimimi, tá chato demais”. É como se o futebol ainda fosse uma ilha, um refúgio intocado dos homens hétero dentro da sociedade, onde eles pudessem reproduzir todo o machismo e homofobia deles sem ser repreendido, e se você repreender, eles não aceitam. E eu vejo muita gente, inclusive, que tá reagindo a esse movimento do futebol LGBT exatamente porque eles tão com medo de perder esse refúgio, que é a única coisa que restou numa sociedade “mimimi”, que não aceita mais a intolerância, e eles, no futebol, podem intolera. (Roberto, Barbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que ele e o marido faziam um trabalho de conscientização no ManoTauros em relação ao uso de termos e expressões consideradas homofóbicas ou machistas. Ele citou os termos “marias” e “frangas”, usados pelos torcedores dos times rivais mineiros para se provocarem. Falou do uso da expressão “jogar igual homem” e de um caso em que um dos membros do ManoTauros disse que o outro deveria ir fazer balé. Ele me mostrou um áudio de um dos jogadores do time defendendo que o uso dessas palavras e expressões faz parte da “cultura do futebol” e não têm nada a ver com machismo ou homofobia. Esse jogador ainda tentou se defender perguntando se a provocação “franga” seria, então, preconceito contra as aves dessa espécie. Ângelo (ManoTauros, 2018) riu contando.

Mauricio Pinto e Marco Almeida (2014) nos lembram de que esse tipo de “insulto” também pode se dirigir ao árbitro e aos jogadores do time rival. João Moura (2017) fala sobre os gritos de “biiiiiiiiiiicha” das torcidas contra os goleiros dos times adversários na hora de baterem os tiros de meta. Para Mauricio Pinto e Marco Almeida (2014), essa agressividade pode se voltar até mesmo para um jogador ou membro da torcida do próprio time, se for considerado que essa pessoa não representa o grupo e está atrapalhando a imagem dele. Eles apontam o caso do jogador Richarlyson, que atuou no São Paulo entre 2005 e 2010 e tinha sua sexualidade questionada permanentemente.⁴⁶ Segundo os autores, a própria torcida do time não gritava o nome dele nos jogos, em rechaço ao jogador, e, às vezes, chegava até a engrossar o coro homofóbico da torcida rival. Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) nos lembram de que, em 2012, o Palmeiras cogitava contratar Richarlyson quando a torcida organizada Mancha Verde fez um protesto contrário com a frase “A homofobia veste verde”.

⁴⁶ No dia 24 de junho de 2022, o ex-jogador, então comentarista da SporTV, declarou-se bissexual. Falaremos mais sobre isso na Seção 2.5.2 (p. 93).

Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre a ausência de espaço para os gays no ambiente machista dos estádios e sobre o papel do futebol LGBTQIAPN+ nesse contexto.

A gente tá ali pra ocupar esse espaço que foi dito que não é nosso. Tem toda essa questão do futebol de ser a arena, o antro do homem hétero. É ele que domina ali. É ele que reina. E o homem gay é abolido do futebol. Hoje, a gente, por exemplo, joga no Bharbixas. Muita gente que tá ali no time gosta de futebol pra além de praticar o futebol, de acompanhar, de assistir. Mas não tem coragem de ir num jogo assistir num estádio usando a camisa do time, do Bharbixas, porque, se for, provavelmente vai apanhar. Basicamente, é isso, é agressão física mesmo. É um espaço que não nos tolera de forma alguma. (Pedro, Bharbixas, 2018)

João Moura (2017) discute que a legitimidade das provocações é defendida pelo argumento da liberdade de expressão. Inclusive, ele questiona como poderia ser homofóbico um grito de “bicha” para um goleiro, se ele não for homossexual (ou não se posicionar publicamente como). Mas acontece que, para o autor, o dano de um grito de “bicha” não se destina apenas ao goleiro, mas a todos os gays, pois gera efeitos sobre todo um grupo, uma coletividade. Segundo João Moura (2017), qualquer um desses gritos se configura como discurso de ódio e, portanto, não pode ser defendido como liberdade de expressão. Para ele, “o ato linguístico de injúria age como violência física” (João Moura, 2017, p. 74).

Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) destacam que, usualmente, os times rivais têm apelidos definidos para se referir aos torcedores dos outros times de forma homofóbica e misógina. Em Belo Horizonte, os torcedores chamam o Atlético Mineiro de Gaylo e os torcedores do time de frangas. Ambos os apelidos fazem referência ao mascote do time, mas o ligam à homossexualidade e ao feminino como forma de “inferiorização”. A “graça” da palavra “frangas” também é complementada pelo significado da palavra “frango” no futebol, que remete a um erro de defesa cometido por um goleiro. Por outro lado, os atleticanos chamam os cruzeirenses de marias. A origem desse nome, como aponta a pesquisa de Alan Pires (2017), está ligada às pixações feitas por membros das torcidas organizadas dos dois clubes. Quando a Máfia Azul, torcida organizada do Cruzeiro, pixava seu nome nos muros da cidade, os membros da Galoucura, torcida organizada do Atlético, pixavam por cima, transformando o F em um R, de forma que “MAFIA” virava “MARIA”. Por sua vez, os torcedores cruzeirenses transformavam GALOUCURA em GAYLOUCURA, acrescentando o Y. Mas transformar “máfia” em “maria” só é engraçado porque maria é um nome ligado ao feminino.

Roberto (Bharbixas, 2018) apontou como essas provocações se estendem à relação entre os times de futebol LGBTQIAPN+ da cidade e os times profissionais belo-horizontinos.

A gente, infelizmente, ainda vive numa sociedade muito homofóbica, principalmente no futebol. Imagina se um time gay, se o Bhabixas jogasse de azul e branco ou preto e branco, imediatamente teria uma associação a Cruzeiro e Atlético. Sempre que aparece um lá, nas fotos do time, com a camisa do Atlético ou do Cruzeiro, nos treinos, e os outros com aquela pose e tudo, sempre tem piadinhas homofóbicas. Já chegou no meu grupo de torcedores do Cruzeiro no *WhatsApp* uma foto do Bhabixas um dia que tinha um com a camisa do Atlético, e aí todo mundo “é gay, é galo”, não sei o quê, piadinhas homofóbicas. (Roberto, Bhabixas, 2018)

Segundo Roberto (Bhabixas, 2018), às vezes, as peladas do seu time ocorriam no mesmo horário em que aconteciam jogos do Cruzeiro. No início, ele deixava de ir às peladas nesses dias para assistir ao jogo no Mineirão ou pela TV com os amigos. Mas, com o tempo, mudou sua prioridade: “eu comecei a deixar de ir no jogo do Cruzeiro pra ir jogar com eles, porque eu me sentia melhor naquele ambiente do que indo assistir o jogo, entendeu?”

Ao tratar das dinâmicas de violência, Pablo Alabarces (2014) estende as relações de rivalidade também à polícia. Para ele, às vezes os policiais não são vistos pelos torcedores violentos como representantes do Estado, mas sim como torcedores mais fortes. Já a polícia vê os torcedores não como cidadãos, mas como uma ameaça a ser combatida.

De um lado, os homens, que são os que aguentam: isto é, os que têm coragem, os que, conseqüentemente, têm “colhões” – porque, organizando-se em torno de metáforas sexuais, tudo se torna genital, até a coragem –, os que não “arredam o pé” e não “correm”, protegendo o território; os que defendem os “trapos” (as bandeiras) contra o ataque do adversário. São os que não precisam de aliados, muito menos a polícia, os “homi” – *gambés, botinas, tiras, canas, vigilantes, alemães* –, que, como usam “ferros” (armas) e conseqüentemente recusam a luta mano a mano, também não têm coragem. [...] Do outro, conseqüentemente, estão os “viados”. Por oposição: todos os que são o que acabamos de dizer, incluindo entre eles a polícia. Por consequência: enquanto o sistema é organizado genital e sexualmente, a relação entre homens – machos – e viados é metaforizada através das relações sexuais masculinas; isto é, a penetração anal – “arrombar o cu” – e o sexo oral – “mamada”. Para usar categorias da epistemologia maradoniana, é o que vai *daquilo que você põe para dentro aquilo que você continua chupando*. (Pablo Alabarces, 2014, p. 82, grifo do autor, tradução minha)⁴⁷

⁴⁷ Do original: “De un lado, los hombres, que son los que aguantan: es decir, los que tienen coraje, los que en consecuencia tienen ‘huevos’ – porque, al ordenarse en torno de metáforas sexuales, todo se vuelve genital, hasta el coraje –, los que ‘se plantan’ y no ‘corren’, asegurando el territorio; los que defienden los ‘trapos’ (las banderas) frente al ataque del adversario. Son los que no necesitan aliados, y mucho menos la policía, la ‘yuta’ – *buchones, botones, tiras, canas, vigilantes, cobanis* –, que como usan ‘fierros’ (armas) y rehúsan en consecuencia la pelea mano a mano, tampoco tienen coraje. [...] Del otro lado, consecuentemente, están los ‘putos’. Por oposición: todos los que no son lo que acabamos de decir, incluyendo entre ellos a la policía. Y por consecuencia: em tanto el sistema se organiza genital y sexualmente, la relación entre hombres – machos – y putos se metaforiza a través de las relaciones sexuales masculinas; es decir, la penetración anal – ‘romperles el culo’ –y el sexo oral – ‘chupapetes’. Para usar categorías de la epistemología maradoniana, es lo que va de *la tenés adentro a que la sigan chupando*.”

Mas, para Pablo Alabarces (2014), as metáforas do sexo anal e do sexo oral não são necessariamente homofóbicas: “com certeza, essas são metáforas fáceis e perfeitamente compreensíveis, e inclusive *não são necessariamente homofóbicas*, ainda que pareçam. Porque é uma metáfora: o que define a posse de resistência não é a heterossexualidade, mas a capacidade para o combate”⁴⁸ (Pablo Alabarces, 2014, p. 82, grifo meu, tradução minha). Rebater esse argumento é difícil não porque ele seja forte, mas pelo contrário. Evidentemente, o que está em jogo não é colocar a heterossexualidade efetiva do outro em questão, mas sim humilhá-lo ao compará-lo com um homossexual. É difícil explicar onde se encontra a homofobia nesse ato quando não se consegue percebê-la. De fato, Pablo Alabarces (2014) é uma autoridade indiscutível quando se trata de futebol na América Latina. Mas, esse ponto da sua análise mostra que, ainda assim, as questões de sexualidade podem ser mal compreendidas em algumas das principais leituras sobre o tema.

2.5.2 Exclusão ou invisibilidade

Bettine Almeida e Alessandro Soares (2012) acreditam que o futebol é um campo de culto à masculinidade e de expressão de uma cultura homofóbica. Para ela e ele, à medida em que a sociedade se torna menos intolerante à diversidade sexual, mais fica evidente o desrespeito a ela dentro do futebol. A autora e o autor relembram uma fala do jogador Ganso, de 2010, na qual declarou que, em alguns times de futebol, havia gays, mas que, “graças a Deus”, no dele não havia. Ela e ele também trazem uma fala de Túlio Maravilha, de 2012, afirmando que há vários casos de jogadores profissionais gays que não se “assumem” por medo.

Nesse sentido, Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) apontam que uma alternativa encontrada por alguns atletas é a de se “assumir” apenas depois de se aposentarem. Elas citam o caso de Justin Fashanu, jogador inglês que parecia ter uma carreira promissora, mas a viu despencando depois de se declarar gay, em 1990. Por outro lado, também falam do estadunidense Robbie Rodgers, que se declarou gay e anunciou sua aposentadoria ao mesmo tempo, em 2013. Nesse caso, ele foi muito bem acolhido pelo público e viu sua fama aumentar, desistindo da sua aposentadoria e voltando aplaudido para o campo. Por fim, elas se

⁴⁸ Do original: “Desde ya, estas son metáforas fáciles y perfectamente comprensibles, e incluso no son necesariamente homofóbicas, aunque lo parezcan. Porque es una metáfora: lo que define la posesión de aguante no es la heterossexualidad, sino la capacidad para el combate.”

lembram ainda do alemão Thomas Hitzlsperger, que se declarou gay em 2014, um ano depois de se aposentar, também obtendo reações positivas no mundo do futebol.

Em 2010, o jogador Jamerson Michel da Costa, conhecido como Messi, que competia na segunda divisão do campeonato estadual do Rio Grande do Norte, foi o primeiro jogador profissional brasileiro a se declarar gay (Bruno Araújo, 2022). Posteriormente, ele chegou a atuar na primeira divisão do Campeonato Potiguar, na série D do Campeonato Brasileiro e até mesmo na Copa do Brasil, pelo Globo Futebol Clube, em 2015. Entretanto, pela falta de visibilidade de Messi no cenário futebolístico nacional, esse foi um fato que passou despercebido pela maior parte da população e não causou muito impacto.

Quadro 4 – Jogadores profissionais de futebol declaradamente gays ou bissexuais

Nome	País	Ano da publicização
Justin Fashanu	Inglaterra	1990
Thomas Berling	Noruega	2001
Marcus Urban	Alemanha	2007
Oliver Rouyer	França	2008
Anton Hysén	Suíça	2011
David Texto	Canadá	2011
Robbie Rodgers	Estados Unidos	2013
Thomas Hitzlsperger	Alemanha	2014
Liam Davis	Inglaterra	2014
Phuti Lekoloane	África do Sul	2015
Collin Martin	Estados Unidos	2018
Matt Pacifici	Estados Unidos	2016
Andy Brennan	Austrália	2019
Thomas Beattie	Inglaterra	2020
Stephen Laybutt	Austrália	2020
Josh Cavallo	Austrália	2021
Jake Daniels	Inglaterra	2022
Richarlyson	Brasil	2022
Emerson Ferretti	Brasil	2022
Zander Murray	Escócia	2022
Jakub Jankto	República Tcheca	2022

Fonte: Wikipedia (2023)

Em 2022, Richarlyson, que se destaca por sua atuação na série A do Campeonato Brasileiro e na Seleção Brasileira, também declarou-se não heterossexual. Dessa vez,

alcançando visibilidade, o acontecimento gerou respostas diversas do público. Assim como nos casos abordados por Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014), a publicização da bissexualidade de Richarlyson foi feita apenas depois de ele ter se aposentado. No mesmo ano, também o ex-jogador Emerson Ferretti se declarou gay. A lista mais completa e atualizada de jogadores profissionais que se declararam não heterossexuais no mundo é a que se encontra disponível na Wikipédia (2023). Ela não traz Messi, pois aborda apenas os jogadores de maior destaque no cenário futebolístico de cada país. A lista conta com 21 jogadores, como mostrado no Quadro 4. Importante notar que essa lista leva em consideração apenas atletas do futebol de campo. Ângelo (ex-ManoTaurus, 2023) me disse, por exemplo, que conhece um atleta do futebol *society* brasileiro abertamente gay, que, segundo ele, também participa de uma das equipes de futebol LGBTQIAPN+ brasileiras.

Apesar de Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014) relatarem dois casos ocorridos na última década de jogadores que foram bem recebidos pelo público depois de se declararem gays, essa não é uma situação generalizada, nem que melhorou de lá para cá. Josh Cavallo, que publicizou sua homossexualidade em 2021, passou a receber ameaças e insultos tanto nas redes sociais quanto nos estádios (UOL, 2022b). Diferentemente dos jogadores que só publicizam sua homossexualidade ao se aposentarem, Josh Cavallo tinha apenas 21 anos quando tomou essa decisão. Comparando o caso de Josh aos apresentados por Luiza Anjos e Bárbara Mendes (2014), seria possível imaginar que, quando a declaração da homossexualidade vem no final de uma carreira consolidada e respeitada, talvez ela seja mais bem aceita do que a de alguém que ainda não conta com esse prestígio. É possível que a situação seja vista até como uma prova de superação: “mesmo sendo gay, ele foi tão brilhante...” É provável que o caso de Richarlyson, no Brasil, tenha obtido respostas menos homogêneas pelo fato de o público não ter encarado a declaração como uma “surpresa”, já que sua sexualidade havia sido questionada durante toda a sua carreira. Essa configuração parece ter gerado em parte do público até mesmo uma quase indiferença à declaração. É interessante notar também que, até o momento, ocorre uma considerável invisibilização da bissexualidade, da pansexualidade e da assexualidade no futebol de homens. Dos 21 atletas listados, 20 se apresentam como gays. Apenas Richarlyson se declara bissexual.

No âmbito do futebol amador, Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022) nos dão um interessante relato sobre Pedrita, um jogador do Peladão, o maior campeonato de futebol amador do país, que ocorre em Manaus. Em 2013, ele, que já era abertamente gay, foi eleito o melhor jogador do campeonato. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) foi jogador profissional, tendo atuado na categoria de base do Cruzeiro e, posteriormente, em diversas equipes do interior de

Minas Gerais.⁴⁹ Ele era cético em relação às possibilidades de avanço nessa área: “eu não sei se a gente vai chegar ao ponto de ter um jogador no Brasil assumido, jogando nos clubes de Série A, por exemplo”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou como foi a sua experiência nesse ambiente enquanto homem gay.

Em 2010, resolvi parar de jogar futebol. Entre outros motivos, tem a questão de eu começar a me reconhecer e me aceitar como um homem gay. E eu já não via que aquele espaço ali era mais tão bacana quanto eu achava. No início, eu não ligava muito pra isso, né, porque é um ambiente que é totalmente normativo, hétero. As piadas são sempre machista, misóginas, homofóbicas, e, no início, eu sempre levei na brincadeira. Então, assim, nunca ouvi piadas para comigo. Mas, quando eu fui realmente crescendo, me identificando, sabendo que eu era um homem gay mesmo, e fui me aceitando também... porque é um processo muito longo... E, aí, essas piadas, elas começaram a já não fazer mais sentido, assim, já começaram a me incomodar. Eu já não me sentia muito bem naquele ambiente, eu já não me identificava. Aquela coisa daquele sonho de criança que eu sempre me senti muito feliz ao jogar futebol, acordava qualquer hora da manhã feliz pra ir jogar... aquele processo todo de me sentir bem dentro de um campo de futebol e estar ali com pessoas que jogam futebol começou a não fazer mais sentido pra mim, porque aquilo dali acabava ferindo a minha existência e começou a me fazer mal. Eu já não me sentia mais feliz. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele explicou porque a vivência do futebol profissional para o homem gay é muito mais pesada do que a vivência desse esporte de forma amadora.

Depois que eu resolvi parar de jogar futebol, continuei jogando de forma amadora, competitiva. Jogava em alguns clubes amadores de Belo Horizonte, da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ainda sem ser totalmente assumido. Algumas pessoas muito íntimas minhas, amigos que jogavam futebol comigo sabiam que eu era gay, mas não era assumido pra todo mundo. E, aí, nesse processo de 2010 até 2017, eu joguei só de forma amadora. Mas eu já não vivia tanto o ambiente. Porque quando você joga de forma amadora, você só vai ali pra jogar. Então, cê vai, joga e vai embora. Cê não precisa tar convivendo com as pessoas, igual é no profissional, que você treina junto, você almoça junto, você viaja junto. Cê tem uma convivência maior no profissional. No amador não. Então, de certa forma, essas piadas, essa homofobia que existia ali, ela era menor pra mim. Então, eu me sentia confortável ali. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Obviamente, as dificuldades para praticar o esporte não se restringem ao profissional e ao amador, mas chegam também às peladas. Lúcio (Bharbixas, 2023) jogava futebol com colegas heterossexuais antes de fundar o Bharbixas. Mas ele estava sempre incomodado naquele ambiente.

⁴⁹ Pela baixa expressividade no cenário nacional dos times pelos quais ele passou compondo a equipe principal, seu nome também não está inserido na lista supracitada de jogadores e ex-jogadores profissionais não heterossexuais.

Nenhuma pelada [“hétero”] que eu já participei até hoje não tem uma vez que eu não volte pra casa sem escutar uma piadinha homofóbica, né? É uma brincadeira [ênfase em “brincadeira”], entre aspas, entre os héteros, assim, tudo, mas que, de certa forma, é pra própria pessoa LGBT que tá ali perto... ela não se sente bem, ela não se sente acolhida. Enfim, foi essa falta de espaço, essa falta de acolhimento que me fez buscar essa alternativa de criar um espaço pra nós. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Diego Jesus (2019) aponta como o número de atletas que se declaram LGBTQIAPN+ ainda é baixo em todos os esportes. Nas Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, entre mais de 10 mil atletas, apenas 49 se declaravam LGBTQIAPN+. Nas Olimpíadas de 2021, esse número aumentou para 186. O Brasil foi o segundo país com mais participantes LGBTQIAPN+, com 18 atletas, incluindo 6 jogadoras de futebol. Foram 42 jogadoras de futebol no total, mas nenhum jogador (Outsports, 2022). O número total de atletas na competição foi de 11.656. Vê-se um aumento relativo muito grande, afinal, o número de atletas LGBTQIAPN+ aumentou quase 4 vezes. Mas o número ainda continua ínfimo perto da quantidade total de atletas. Em relação ao futebol de homens, então, nada mudou.

Bettine Almeida e Alessandro Soares (2012) nos lembram, ainda, de uma ação movida por Richarlyson, em 2007, depois de ter sido ridicularizado pela sua então suposta orientação sexual em um programa de TV. O juiz responsável negou o processo e expôs alguns argumentos. Entre eles, que a torcida jamais aceitaria um ídolo de futebol gay e que era temerária uma iminente solicitação por um sistema de “cotas” para reservar vagas para jogadores homossexuais. Por fim, vale a pena reproduzir algumas das palavras do juiz, trazidas pela autora e pelo autor.

Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si. [...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal [...] (Manoel Junqueira Filho, 2007, s. p. *apud* Bettine Almeida; Alessandro Soares, 2012, p. 309)

Diego Jesus (2019) aponta que esse medo de desestabilização das equipes está ligado à crença de que gays seriam predadores sexuais.⁵⁰ Na linha da argumentação do juiz, Bettine Almeida e Alessandro Soares (2012) nos trazem os conceitos de “gueto”, enquanto espaço físico ou de sociabilidade no qual grupos minoritários precisam se segregar diante da exclusão do acesso aos espaços ocupados por grupos majoritários: “guetos foram, em certa medida,

⁵⁰ Inclusive, a relação entre futebol e desejo sexual por parte de gays está ligada a uma das principais contradições nesse cenário: os ensaios nus feitos por jogadores de futebol como Vampeta e Túlio Maravilha, na década de 1990, para a *G Magazine*, revista pornográfica gay.

mais que espaços de sociabilidade; foram espaço de proteção e organização política e tempos duros, uma vez que a marginalidade é o que se outorga aos homossexuais” (Bettine Almeida; Alessandro Soares, 2012, p. 310). A autora e o autor também discutem que a divisão de espaços numa sociedade democrática não deve passar por uma “ditadura da maioria” que tende a desprover grupos minoritários de qualquer direito, mas, ao invés disso, por uma partilha que contemple a todas as pessoas. É interessante como a proposta do juiz Manoel Junqueira Filho, que aponta para esse processo de segregação ligado a guetos, acabou, de certa forma, concretizando-se com o futebol LGBTQIAPN+. Vamos discutir sobre isso na Seção 2.6.3 (p. 124).

Para Bettine Almeida e Alessandro Soares (2012), os gays são vistos como inaptos para o futebol porque esse esporte está muito ligado à ideia de força e virilidade. Através de um raciocínio homofóbico, quem “perde a sua masculinidade” por ser passivo em relação a outro homem, não pode ter força e virilidade. A autora e o autor trazem exemplos de ligas internacionais que orientavam os atletas a não expor nada sobre sua sexualidade, caso fosse desviante. Eram os casos da NFL (National Football League) e da MBL (Major Baseball League), ambas estadunidenses. Em 2021, Carl Nassib foi o primeiro atleta em atividade da NFL a se assumir gay (Vitor Paiva, 2022).

Falando de torcidas organizadas, Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) abordam seus processos de exclusão de pessoas LGBTQIAPN+. Dando como exemplo a Máfia Azul, do Cruzeiro, eles citam algumas declarações de 2013 do diretor dela, afirmando que existiam exigências aos novos membros, ““não pode ter brinco, pulseirinha, gelzinho. É cabelo raspado, só””, e que ““o cara que dá a bunda pra outro homem não representa nossa torcida”” (Gustavo Bandeira; Fernando Seffner, 2013, p. 262).

Esses autores também recordam o episódio em que o jogador Emerson Sheik compartilhou a foto de um “selinho” dado em um amigo, também em 2013. Esse fato acabou sendo apropriado pela bandeira de inclusão de gays no esporte, mas foi duramente criticado pela torcida do Corinthians, o que fez com que o jogador se desculpasse. Os autores dão a ver que, quando a homoafetividade é atribuída a um membro do nosso time ou da nossa torcida, o resto dos torcedores do time voltam-se contra esse sujeito para proteger sua masculinidade, pois colocar em risco a masculinidade de um jogador ou torcedor do time é colocar em risco a masculinidade de todos os torcedores. O ato homoafetivo se torna motivo de vergonha, humilhação e vulnerabilidade à “zoação” da torcida rival.

Aqui cabe uma experiência vivida por estu pesquisadore há alguns anos. Em maio de 2014, eu postei uma foto no *Facebook*, que eu havia encontrado *online*, de um beijo entre dois

homens, um vestindo uma camisa do Cruzeiro, e outro vestindo uma camisa do Atlético Mineiro. A foto foi excluída pelo *Facebook* 36 horas depois. Nesse período, ela chegou a ter aproximadamente 500 compartilhamentos. O motivo da exclusão foi que alguém denunciou a imagem para a plataforma como contendo “pornografia ou nudez”. Na sequência, eu postei a foto novamente, e, dessa vez, o post chegou a ser compartilhado aproximadamente 600 vezes. Até que um dos dois homens que estavam na foto me mandou uma mensagem solicitando que eu apagasse a imagem, afirmando que o compartilhamento dela estava gerando problemas para ele. Os dados a respeito desse episódio foram recuperados a partir de duas páginas HTML que foram arquivadas no meu HD antes que a imagem fosse apagada, uma da segunda postagem da foto e outra da conversa com a pessoa que solicitou a exclusão.

Mauricio Pinto e Marco Almeida (2014) destacam, ainda, que, junta-se a toda essa homofobia a crença naturalizada de que gays e mulheres não gostam de futebol. Para os autores, a repetição dessa ideia de forma performativa introjeta nesses sujeitos a sensação de que esse espaço não é para eles e elas. Isso se agrava pelo fato de faltarem referências para homens gays de ídolos gays no esporte, e até mesmo para as mulheres, devido à baixa visibilidade que jogadoras de futebol têm em relação a jogadores masculinos. João Moura (2017) reflete como a visibilidade e a invisibilização de gays caminham juntas no futebol. Ao mesmo tempo em que essa orientação sexual é atribuída a todos continuamente, ela não é assumida por ninguém. Os gays estão lá o tempo todo e não estão hora nenhuma – ou estão lá o tempo todo, mas não deveriam estar.

É preciso apontar, no entanto, que a discriminação e o preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+ que existe no futebol não é descolada da que existe no restante da sociedade. Anelyse Pereira, André Alfaia, Luana Lima e Tiago Souza (2014) trazem dados de um interessante estudo conduzido com jogadores e jogadoras de futebol portugueses. A maior parte desses praticantes do esporte eram homens filiados a federações. Foram aplicados questionários para identificar a presença ou não de preconceito contra homossexuais. Segundo as autoras e os autores, as pessoas que apresentavam uma crença da natureza da homossexualidade como ético-moral tinham posicionamentos mais homofóbicos. Por outro lado, as que apresentavam uma crença dessa natureza como psicossocial apresentavam menos preconceitos.

As autoras e os autores explicam que a crença na origem ético-moral seria a de que “os homossexuais partilham uma tendência para violar os valores tradicionais da decência, da moralidade e das boas maneiras” (Anelyse Pereira *et al.*, 2014, p. 742). A crença na origem psicossocial seria a de que “a homossexualidade é a expressão da identidade do sujeito que é

social e culturalmente construída” (*ibidem*, p. 742). Assim, é possível identificar que o que leva a posicionamentos homofóbicos é uma falta de conhecimento a respeito da própria sexualidade, que poderíamos atribuir a muitas causas, entre elas, a ausência ou precariedade das discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas. O estudo também apontou que as mulheres tinham menos rejeição à homossexualidade que os homens.

2.5.3 Resistências

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) discutem algumas tentativas de desestabilizar o padrão cisheteronormativo do futebol. Eles citam a formação de páginas *online* nas mídias sociais para que torcedoras, torcedores e torcedorus de diversos times discutissem e questionassem os modelos de gênero e sexualidade impostos pelo futebol. Essa iniciativa começou com a criação da página *Galo Queer*, em 2013, no *Facebook*, por uma torcedora do Atlético Mineiro. A criadora é cientista social e afirmou ter tido a vontade de tomar essa iniciativa após passar um tempo no exterior. Apesar de essas páginas terem sido muito bem recebidas por parte do público, também aconteceram ameaças contra elas e as pessoas que as criaram, bem como “acusações” de que elas teriam sido feitas por torcedores dos times rivais para “zoar” a torcida que diziam representar. O objetivo das páginas não era criar torcidas organizadas, mas sim gerar, entre as torcedoras, torcedores e torcedorus do time, um espaço de discussão sobre o papel de mulheres e de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Mesmo assim, as membras, membros e membros sofriam ameaças de violência física caso fossem aos estádios. Depois da *Galo Queer*, rapidamente foram criadas diversas outras páginas, como a *Cruzeiro Maria* (Cruzeiro), a *Grêmio Queer* (Grêmio) e a *Queerlorado* (Internacional). Essas páginas acabaram abrindo portas para outras iniciativas, como a formação da torcida LGBTQIAPN+ *Marias de Minas*, do Cruzeiro, criada em 2019, que usa o *Instagram* como principal forma de comunicação.

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) destacam também a criação da torcida organizada Gaivotas Fiéis, do Corinthians, também em 2013. No entanto, eles observam que ela não foi a primeira torcida LGBTQIAPN+ do país. Em 1973, a Coligay, do Grêmio, e, em 1979, a Flagay, do Flamengo, já ocupavam as arquibancadas. Mauricio Pinto e Marco Almeida (2014) destacam que essas duas torcidas também sofreram muita perseguição das torcidas tradicionais dos times e também foram “acusadas” de serem “armações” de torcedores dos times rivais para “desmoralizar” a torcida adversária. Segundo Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018, p. 220), a Coligay “tinha uma performance bastante marcante,

classificada como alegre, festiva, animada e mesmo engraçada. Contribuía para a atenção que atraía sua indumentária, que incluía chapéus, paetês, plumas, purpurina, sapatos de salto, entre outros”. Mauricio Pinto e Marco Almeida (2014) destacam que, apesar de essas torcidas não terem durado muito, elas foram uma importante primeira tentativa de mudança no padrão hegemônico nos estádios, o que as torna muito importantes. Especialmente, como lembram os autores, pelo fato de que essa iniciativa surgiu durante a Ditadura Militar.

Há um outro episódio na história do futebol brasileiro, na década de 1990, que costuma ser lembrado como um tensionamento na abertura de um espaço para a diversidade sexual nesse esporte. Trata-se da atuação do árbitro que ficou conhecido como Margarida. Leonardo Martinelli (2020, p. 303) explica que ele “vestia roupa totalmente cor-de-rosa nos jogos em que apitava e performatizava um gênero que podia ser identificado e/ou confundido por algumas pessoas como homossexual, expressos pelo personagem que dizia interpretar”. Essa figura ganhou destaque nacional e chegou até a ser entrevistado pela apresentadora Marília Gabriela. Quem realizava essa performance era Clésio Moreira dos Santos. Ele se autodeclarava heterossexual, casado e com três filhos. A intenção dele, ao criar o personagem, seria “trazer alegria”. Esse episódio, que pode parecer inclusivo, na verdade, é bastante problemático. Margarida, que não era uma pessoa LGBTQIAPN+, valia-se de um estereótipo para ridicularizar o gay afeminado – veremos mais sobre o preconceito contra afeminados na Seção 3.1.2 (p. 156). No entanto, Leonardo Martinelli (2020) sugere que essa “brincadeira” carregava a potencialidade de ajudar de alguma maneira na naturalização da homossexualidade nesse esporte, proporcionando que ela passasse a fazer parte daquele espaço. O autor destaca que o fato de ser um heterossexual fazendo um personagem permitiu uma entrada que alguém que realmente fosse um gay afeminado não teria. É importante destacar que Clésio não era autorizado a fazer essa performance em jogos profissionais, apenas em amadores.

2.5.4 Criminalização da homofobia: novos ventos?

Entre os meses de maio e agosto de 2019, uma série de acontecimentos se mostrou promissora em relação à superação da discriminação e do preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. O acontecimento aglutinador se deu em 13 de junho, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu criminalizar as manifestações de discriminação e violência ocorridas em função da orientação sexual ou identidade de gênero, determinando que elas passassem a ser tratadas como crime de racismo. Dias depois, o presidente do

Superior Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol (STJD) ameaçou punir com multa, e até perda de pontos, os times cujas torcidas continuassem entoando cânticos homofóbicos (Hector Werlang, 2022). O STJD recomendou que os episódios de homofobia passassem a ser relatados pelos árbitros nas súmulas das partidas, e que os times fizessem campanhas educativas para as torcidas (Lance, 2022b).

No dia 25 agosto de 2019, pouco mais de um mês depois da criminalização da homofobia, o árbitro Anderson Daronco parou uma partida entre Vasco e São Paulo quando a torcida vascaína puxou um cântico se referindo ao oponente como “time de viado”. Ele comunicou o motivo da paralisação ao técnico e ao capitão do Vasco. A partida só foi retomada depois que o canto parou (Lance, 2022b). Dias depois, em 30 de agosto de 2019, todos os 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro postaram simultaneamente no Twitter uma imagem dizendo: “Pior que prejudicar o seu time é cometer um crime. Grito homofóbico não é piada, muito menos cântico de torcida. Grito homofóbico é crime, dentro e fora dos estádios” (Ge, 2022). A postagem vinha acompanhada da hashtag #DigaNãoàHomofobia. No início de setembro, o Vasco fez sua primeira partida depois de ser repreendido pela arbitragem em função dos cânticos homofóbicos, e o time entrou em campo com uma faixa com a frase “homofobia é crime”.

No dia 17 de maio de 2019, data estabelecida como Dia Internacional de Combate à Discriminação, ao Preconceito e à Violência contra Pessoas LGBTQIAPN+, o STF ainda não havia decidido pela criminalização da homofobia. No entanto, faltava menos de um mês para que isso acontecesse. Coincidentemente ou não, muitos times pareciam já estar se mobilizando para lidar com essa questão. Naquele ano, 10 dos 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro aproveitaram a data para fazer postagens nas mídias sociais repudiando a homofobia. Cruzeiro e Atlético Mineiro não estavam entre eles (Matheus Muratori, 2022). Mas o América Mineiro, que não estava na série A, também fez uma postagem sobre o tema. No ano seguinte, os três times mineiros se posicionaram. No total, 13 dos 20 times da série A fizeram postagens em 2020 (Futebol Latino, 2022). Desde então, o compartilhamento de mensagens de conscientização nessa data pela maioria dos clubes passou a ser recorrente. Outra data na qual os clubes têm compartilhado mensagens de apoio é o Dia do Orgulho LGBTQIAPN+, comemorado em 28 de junho. Em 2021, apenas 2 times da série A não fizeram uma homenagem à população LGBTQIAPN+ nessa data: Ceará e Athletico Paranaense (Band, 2022). Flamengo, Fluminense e Vasco foram além, nessa data, e lançaram camisas de uniforme personalizadas com detalhes nas cores da bandeira LGBTQIAPN+ (Ronald

Johnston, 2022). A do Vasco, com cores mais destacadas em forma de faixa na parte frontal, esgotou menos de uma hora após ser posta para venda.

É preciso lembrar, entretanto, que a Banda Alma Celeste, torcida organizada do Paysandu, foi pioneira desse movimento que se concretizou a partir de 2019. Em abril de 2017, ela publicou uma nota dizendo que cantar “o leão é gay”, em referência ao rival Remo, havia sido um erro e não seria mais repetido. Ela também se comprometeu a excluir qualquer canto homofóbico do seu repertório. No mês seguinte, essa torcida estendeu uma bandeira do arco-íris na arquibancada. A ação foi uma parceria com o governo do Pará, em referência ao Dia de Combate à Discriminação, ao Preconceito e à Violência contra Pessoas LGBTQIAPN+ daquele ano. A Banda Alma Celeste afirmou ter recebido ameaças de outros torcedores depois desse episódio (Correio Braziliense, 2022).

Quadro 5 – Torcidas que já integraram o Coletivo Canarinhos LGBTQ+

Torcida	Clube	Fundação
Palmeiras Livre	Palmeiras	2013
Fla Gay	Flamengo	2016
Papão Livre	Paysandu	2017
Coxa LGBTQ+	Coritiba	2019
Fiel LGBT	Corinthians	2019
Furacão LGBTQ	Athletico-PR	2019
LGBTricolor	Bahia	2019
Marias de Minas	Cruzeiro	2019
Orgulho Rubro-Negro	Vitória	2019
Orgulho Vermelho	Internacional	2019
Coral Pride	Santa Cruz	2020
Frasqueira LGBT	ABC	2020
LGBTQIA+ do Botafogo	Botafogo	2020
Paraná LGBTQ	Paraná	2020
Porcoíris	Palmeiras	2020
Sport Recife LGBTQ	Sport	2020
Vasco LGBTQIA+	Vasco	2020
Vozão Pride	Ceará	2020
Leões com Orgulho	Remo	2021
Tigrão Coletivo LGBT	Vila Nova	2021
Fora da Toca	América-MG	2022

Fonte: André Carvalho (2022a); Canarinhos LGBT (2023)

Paralelamente a toda a movimentação feita pelo STF, pelo STJD e pelos times para atuar no combate à homofobia nos estádios, um grande número de torcidas LGBTQIAPN+ foi criado no ano de 2019. Em 13 de novembro daquele ano, algumas delas se juntaram para criar o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ (Quadro 5). Esse coletivo tem feito trabalhos muito importantes no sentido de acompanhar as medidas estabelecidas em 2019 contra a homofobia nos estádios. Além de manterem um observatório que registra as ocorrências de cânticos e gritos homofóbicos nos jogos, eles ainda têm monitorado quais times têm se posicionado nas datas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+. O coletivo também tem atuado junto ao STJD, ao Ministério Público Federal (MPF), à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e aos clubes encaminhando demandas, sugerindo medidas e denunciando os casos de homofobia registrados (André Carvalho, 2022a). O fenômeno de formação de torcidas LGBTQIAPN+ ocorrido a partir de 2019 remete ao de criação de páginas de pessoas torcedoras LGBTQIAPN+ em 2013, do qual falamos na Seção 2.5.3 (p. 100). Naquele período, a criação da torcida LGBTQIAPN+ Gaivotas Fiéis, do Corinthians, também havia sido destaque. Hoje, ela não está mais entre as torcidas LGBTQIAPN+ brasileiras, tendo sido substituída pela Fiel LGBT. Mas a Palmeiras Livre, que também foi fundada em 2013, permanece ativa. Também foi importante nesse cenário a recriação da Flagay, em 2016. Monique Silva (2022) destaca que a busca de segurança para ocupar os estádios é um dos objetivos centrais dessas torcidas.

Em setembro de 2021, o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ denunciou o Flamengo pra o STJD, pois a torcida do time havia cantado “Arerê, gaúcho dá o cu e fala tchê” em uma partida contra o Grêmio, dias antes. O Tribunal acolheu a denúncia e julgou o time no dia 8 de novembro, condenando-o e estabelecendo uma multa de R\$ 50 mil (Beatriz Othero, 2022). Em dezembro de 2021, o Coletivo denunciou mais oito times (Quadro 6), também por gritos homofóbicos das torcidas em jogos anteriores: Internacional, Náutico, Ceará, Atlético Mineiro, Remo, Paysandu e Corinthians (Lance, 2022a).

Porém, no dia 19 de janeiro de 2022, o STJD decidiu pelo arquivamento de todas as denúncias realizadas pelo Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, com a justificativa de que o grupo não tinha autoridade para solicitar uma investigação. Somente entidades jurisdicionadas na Justiça Desportiva, como outros clubes ou a própria procuradoria da STJD, poderiam efetivar denúncias. Quem comunicou a decisão foi o Procurador Geral do STJD, Ronaldo Piacente, afirmando que “a Procuradoria tem se empenhado para combater todos e quaisquer atos discriminatórios no futebol, porém existem regras processuais a serem

respeitadas no nosso ordenamento jurídico” (O Povo, 2022). A interpretação veio depois de o próprio STJD já ter acolhido denúncia anterior feita pelo mesmo grupo meses antes.

Quadro 6 – Gritos e cânticos homofóbicos denunciados ao STJD em dezembro de 2021

Time denunciado	Adversário	Data	Grito ou canto homofóbico
Atlético-MG	Flamengo	30/10/21	“Tomar no cu, Mengo / Tu és time de otário, cuzão, puta, viado e ladrão”.
Atlético-MG	Fluminense	28/11/21	As palavras denunciadas não foram divulgadas.
Ceará	Corinthians	25/11/21	“A TUF é gay” e “matador de leão e come cu de tufgay”. Apesar de o jogo ser contra outro adversário, a referência é ao rival Fortaleza, cuja torcida organizada se chama TUF. Os gritos teriam sido entoados pela torcida, pelos jogadores e pela diretoria.
Ceará	Fortaleza	17/11/21	Mesmos cânticos.
Ceará	Sport	14/11/21	Mesmos cânticos.
Corinthians	Grêmio	05/12/21	“Gaúcho viado” para os jogadores.
Fluminense	Internacional	24/11/21	“Arerê, gaúcho dá o cu e fala tchê”.
Internacional	Athletico-PR	13/11/21	“Atirei o pau no Grêmio e mandei tomar no cu / Gremista filha da puta chupa rola e dá o cu”, apesar de o jogo ser contra outro adversário.
Internacional	Grêmio	06/11/21	Mesmo cântico.
Náutico	Sampaio Corrêa	15/11/21	Gritos de “bicha” nos tiros de meta do goleiro adversário.
Paysandu	Remo	04/12/21	“Remista é gay, é gay, é gay” e gritos de “viado” dirigidos ao jogador Neto Pessoa.
Remo	Paysandu	04/12/21	“Todo viado que eu conheço é bicolor”.

Fonte: UOL (2022a)

Além de gerar impunidade frente a atos cujas provas foram apresentadas à Justiça, em forma de vídeos, a decisão também apontou uma ineficiência sistêmica na aplicação de punições contra casos de homofobia. Para que o processo fosse efetivo, seria necessário que houvesse alguém externo aos próprios clubes capaz de monitorá-los para evitar qualquer tipo de autoproteção que possa ocorrer entre eles. Uma vez que a própria Procuradoria teria o direito de denunciar os episódios, ela escolheu abrir mão de assumir a denúncia. Se não podem contar com os clubes, nem com a Promotoria do STJD, como os próprios sujeitos

atingidos pelos crimes podem pedir justiça, uma vez que eles próprios não podem se autorrepresentar? Também chama a atenção o silêncio da mídia a respeito dessa decisão do STJD. Na pesquisa realizada para escrita desta seção, só foram encontradas referências a essa decisão em um pequeno número de sites, estando a maioria dos grandes portais de notícia do país fora deles.

Entretanto, dois dias depois, o procurador Rafael Morcazel, do STJD, realizou denúncia contra o Remo tomando como base as provas apresentadas pelo Coletivo (STJD, 2022c). O Paysandu também foi denunciado, uma vez que a ocorrência se deu em um jogo entre os dois times, e ambas as torcidas foram acusadas de entoar cânticos homofóbicos na ocasião. No dia 24 de janeiro, aconteceu o julgamento, e o Remo foi absolvido. A defesa do time argumentou que o caso não havia sido registrado na súmula do jogo pela arbitragem e que as pessoas que entoavam o cântico poderiam ser infiltradas. O relator Ramon Rocha chegou a duvidar da autenticidade do vídeo (STJD, 2022a). O Paysandu, por outro lado, foi condenado e multado em R\$ 10 mil. Os auditores consideraram que as provas contra esse time eram mais fortes, já que, além dos cânticos, também houve registro da torcida chamando um jogador do time adversário de viado (STJD, 2022b).

No dia 28 de janeiro de 2022 foi a vez de o STJD julgar o Fluminense. O time foi condenado pelo Tribunal a pagar R\$ 50 mil de multa. O cântico havia sido registrado pelo árbitro na súmula da partida. Na ocasião, o sistema de som e imagem do estádio solicitou à torcida que parasse com o canto. Segundo a arbitragem, não foi necessário paralisar a partida porque o grito homofóbico foi interrompido rapidamente (Lance, 2022a). Esta pesquisa não encontrou mais informações sobre as outras denúncias, nem no site do STJD nem em outros veículos de comunicação. Entre os casos omissos, chama a atenção o do Náutico, pois a partida referente à denúncia chegou a ser paralisada por causa dos gritos homofóbicos (Ketryn Carvalho, 2022).

No dia 8 de maio de 2022, outro caso de cânticos homofóbicos em um estádio ganhou grande repercussão. Trata-se de um jogo entre Cruzeiro e Grêmio, pela série B do Campeonato Brasileiro. Nele, torcedores do Cruzeiro entoaram “Arerê, Gaúcho dá o cu e fala tchê” (Guilherme Macedo, 2022). O fato não foi registrado em súmula, mas o próprio Grêmio apresentou queixa contra o adversário no STJD. Dessa vez, a repercussão fez com o Cruzeiro se sentisse ameaçado de perder pontos no campeonato. Com isso, o time decidiu fazer um acordo com o STJD para evitar o julgamento. A homologação do acordo foi realizada em 24 de junho de 2022. O Cruzeiro ficou obrigado a pagar uma multa de R\$ 30 mil, sendo R\$ 15 mil dedicados a causas sociais e R\$ 15 mil à CBF. Uma série de outras obrigações foi

acordada: utilização de bandeiras de escanteio e braçadeira do capitão com as cores do arco-íris, postagem em redes sociais de uma cartilha educativa contra a discriminação e a violência contra pessoas LGBTQIAPN+, publicação no site sobre o Dia do Orgulho LGBTQIAPN+ e reunião com as torcidas organizadas para realizar um trabalho de conscientização. O clube se antecedeu à homologação e realizou as “punições” rapidamente. Em 17 de maio, Dia Internacional de Combate à Discriminação, ao Preconceito e à Violência contra Pessoas LGBTQIAPN+, realizou uma postagem em parceria com a torcida LGBTQIAPN+ Marias de Minas. No dia 8 de junho de 2022, adotou as cores do arco-íris nas bandeiras de escanteio e na braçadeira do capitão.

Em 22 de junho de 2022, foi a vez do rival Atlético Mineiro. Em jogo contra o Flamengo, pela Copa do Brasil, a torcida do time entoou: “Tu és time de otário e cuzão, puta, viado e ladrão, tomar no cu, Mengo!” (Fernando Miguel, 2022). O cântico foi filmado durante a transmissão oficial do jogo e foi ao ar ao vivo pela *Rede Globo*. O árbitro Luiz Flávio de Oliveira e o capitão do Atlético Hulk pediram que a torcida parasse com os gritos. Porém, mais uma vez, o caso não foi relatado na súmula. Isso fez com que, dessa vez, tanto o Atlético quanto o árbitro fossem denunciados. O Atlético e o STJD não chegaram a um acordo, como o que havia sido estabelecido com o Cruzeiro, e o time acabou sendo multado em R\$ 50 mil (Giovanna Pires, 2023).

Disso tudo, destaca-se o fato de que, apesar da criminalização da homofobia, os cânticos homofóbicos ainda têm sido recorrentes. Além disso, os casos nem sempre são julgados, e, quando há condenação, muitas vezes ela se restringe a uma multa relativamente baixa, sem perda de pontos ou outra punição mais dura. O caso do acordo realizado pelo Cruzeiro, entretanto, representa um grande avanço, especialmente por ter incluído uma série de medidas educativas. É claro que o cenário é de melhoria, e a criminalização da homofobia traz ferramentas novas e uma coerção maior contra o preconceito e a discriminação nos estádios, mas esse obviamente é um processo, e não era de se esperar que a homofobia sumisse de um momento para o outro.

2.5.5 Um paralelo com o vôlei

O voleibol é um esporte que também tem sido bastante estudado no Brasil na sua relação com a masculinidade. Nas escolas, a trajetória da prática do futebol e do vôlei por meninas, meninos e meninos está intimamente ligada, uma vez que os meninos e meninas que fogem da masculinidade hegemônica frequentemente têm seu acesso ao futebol barrado e são

“empurrados” para a prática do vôlei com as meninas. Assim, a trajetória dos meninos no vôlei ajuda a entender as dinâmicas de exclusão do futebol.

Paula Chaves (2015) aponta que o vôlei é relacionado às mulheres e aos homens gays na cultura brasileira. No entanto, ela afirma que a relação com a homossexualidade masculina é feita de forma pejorativa, o que leva jogadores profissionais gays a permanecerem no armário, gerando uma disparidade entre o número de atletas amadores homossexuais e o número restrito de atletas profissionais que se afirmam desse modo. Para exemplificar como essa homofobia é sistêmica, a autora cita o caso do jogador Lilico, que era um dos atletas com maior desempenho do país, mas foi cortado da seleção que iria para as Olimpíadas de Sydney, em 2000, supostamente, por se afirmar publicamente como homossexual. A autora também destaca o caso de homofobia contra o jogador Michel, em 2011, chamado de “bicha” pela torcida, que ganhou destaque na mídia.

O trabalho que Paula Chaves (2015) desenvolve é com atletas amadores de vôlei. Ela conta que muitos deles afirmam ter começado a praticar o esporte na escola com as meninas, já que as turmas eram divididas por gênero, com o futebol ficando para os meninos, e o vôlei para as meninas: “ao refletir sobre o voleibol, temos que este não é um esporte de contatos corporais rudes, e talvez por isso seja associado ao feminino, distanciando-se de certo modelo de masculinidade agressiva e tradicional nos esportes” (Paula Chaves, 2015, p. 9). Daniel (ex-Bharbixas, 2023) comentou essa divisão entre os esportes.

Porque existe uma coisa na cabeça das pessoas que, por exemplo, tem esportes que são masculinos, esportes que são femininos ou que são esportes que são mais pra gays, né? Por exemplo, eu me lembro da infância de ouvir comentários de pessoas que tinham um padrão masculino, assim: “ah... vai jogar vôlei!” Como se o vôlei fosse um esporte pra gays ou um esporte feminino, sendo que não é. Não existe gênero [voz de riso] no esporte, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Segundo Paula Chaves (2015), os jogadores heterossexuais, ao ingressar em times masculinos, são continuamente questionados sobre sua sexualidade, o que faz com que eles se afastem dos jogadores gays e adotem posturas homofóbicas para se autoafirmar. Isso também teria a ver com o “medo” de “se descobrir” homossexual ou “ser tornado” homossexual por algum colega. Alguns jogadores contaram à pesquisadora que, justamente por causa desse estereótipo, seus pais se opunham a que eles jogassem vôlei.

Jarlon Silva, Iraquitan Caminha e Bertyza Fernandes (2021) também fazem um estudo com jogadores amadores de vôlei, abordando a sua trajetória escolar. Os autores e a autora chegam à conclusão de que a escola não é apenas um lugar que reproduz a violência de

gênero e sexualidade, mas também um forte espaço de produção dessa violência. Nas entrevistas, os jogadores de vôlei relatam situações como terem sido chamados de “viados” pelos colegas durante a maior parte da trajetória escolar, tendo sido humilhados e excluídos do futebol. Eles também contam que viram outros meninos desistindo de jogar vôlei para não serem chamados de viados também. Por isso, para os autores e a autora, “não é o homossexual que não gosta de praticar as atividades, mas existe uma série de fatores que o impede e o afasta das atividades” (Jarlson Silva; Iraquitan Caminha; Bertyza Fernandes, 2021, p. 314). Essa observação vai de encontro à crença de que meninos afeminados não teriam interesse em futebol, lembrada por Leonardo Martinelli (2020). Para Jarlson Silva, Iraquitan Caminha e Bertyza Fernandes (2021), muitas vezes, essa dificuldade faz com que os alunos excluídos criem aversão às atividades esportivas, fazendo com eles se afastem delas também fora do ambiente escolar.

Entre os alunos que seguiram a trajetória no vôlei, representando suas escolas em campeonatos, a pesquisa dos autores e da autora indicou que é comum que eles tenham sofrido pressão por parte dos treinadores para “não dar pinta”. Os autores e a autora identificaram que isso fez com que esses jogadores ficassem “travados” em relação à sua manifestação de gênero mesmo depois de adultos, o que não acontecia com jogadores que começaram a praticar o vôlei fora do ambiente escolar. Para serem aceitos nos times, muitos meninos mantinham uma fachada normativa, disfarçando sua orientação sexual. Alguns internalizam essa repreensão e a mantêm mesmo depois de adultos, acreditando que ser “discreto” é sinônimo de “se dar ao respeito”.

2.6 O FUTEBOL LGBTQIAPN+

2.6.1 Formação de equipes e torneios esportivos LGBTQIAPN+

Discutindo os Gay Games, competição esportiva internacional nos moldes das Olimpíadas, Wagner Camargo e Carmen Rial (2009) afirmam que o esporte é uma das formas de manifestação política da comunidade LGBTQIAPN+. Mas o autor e a autora também lembram da lógica capitalista por trás de eventos desse tipo. Para Wagner Camargo e Carmen Rial (2009), competições como essa podem ser pensadas como um simulacro das competições convencionais, constituindo-se como uma cópia que cria um universo paralelo a elas. Não obstante, o autor e a autora afirmam que não é possível ler todos os eventos esportivos

LGBTQIAPN+ da mesma maneira, porque cada um guarda características próprias ao seu contexto e local de ocorrência.

Wagner Camargo (2014) explica que os Gay Games foram criados em 1982, impulsionados pelas reivindicações por direitos e visibilidade de grupos minoritários e pelas políticas identitárias que se formavam naquela década. Desde então, essa competição cresceu e vem se diversificando, passando a receber não apenas gays, mas também outras identidades LGBTQIAPN+, como lésbicas, bissexuais e pessoas trans. O autor explica que os Gay Games têm como carro-chefe os eventos esportivos, mas também agrega elementos culturais e festivos. Assim como os jogos olímpicos tradicionais, a competição ocorre a cada quatro anos, mas sem muita atenção midiática. No momento em que realizou sua pesquisa, Wagner Camargo (2014) reportou a presença maior de competidores brancos da América do Norte, Europa Ocidental e Austrália.

O autor também afirma que, naquele momento, muitos atletas apresentavam o padrão de terem publicizado sua orientação sexual tardiamente e apenas depois de começarem a participar de competições esportivas LGBTQIAPN+. Wagner Camargo (2014) mostra ainda que, para alguns atletas, esses eventos são uma chance de conhecer possíveis companheiros. Entretanto, ele ressalta que isso está muito ligado ao padrão cisnormativo da masculinidade esportiva, e à possibilidade de conhecer alguém que também desempenhe esse mesmo tipo de masculinidade.

Paula Chaves e Allyson Araújo (2015) trazem uma discussão que perpassa o remo e o futebol. Ela e ele abordam a exclusão de homens gays de equipes esportivas e a constituição de equipes formadas exclusivamente por pessoas “*queer*” como alternativa para competir contra as “*equipes hétero*”. O estudo é feito a partir da análise de dois filmes, *Summer Storm* (Alemanha, 2004, Marco Kreuzpainter), que trata de uma competição de remo, e *Guys and Balls* (Alemanha, 2004, Sherry Horman), que aborda o futebol. Apesar de a autora e o autor usarem o termo “*queer*” e indicarem que essa palavra também é usada nos filmes para se referir às equipes, apenas a identidade gay é representada. Paula Chaves e Allyson Araújo (2015) discutem o potencial que identidades “*queer*” têm no esporte para romper com o binarismo que rege esse campo. No entanto, os protagonistas dos dois filmes são homens gays com aparência e comportamento normativos. Apenas em *Guys and Balls*, a equipe “*queer*” é mais plural, com a presença de homens afeminados. Em *Summer Storm*, todos os membros da equipe são normativos como o protagonista. Em ambos os filmes, as equipes “*queer*” vencem as “*equipes hétero*” no final.

Os personagens são construídos de modo a se afastarem da ideia de incompetência do gay no esporte. Do mesmo modo, os protagonistas são caracterizados como diferentes do estereótipo gay afeminado. Esse parece ser um movimento realizado para supostamente contribuir com a inclusão de gays no esporte, o que é bastante questionável: por que abrir espaço afirmando que os gays não são necessariamente afeminados ao invés de fazer isso afirmando a legitimidade da afeminação? Em *Guys and Balls*, em que há jogadores não normativos, eles parecem ser caracterizados como competentes “apesar” de afeminados. Paula Chaves e Allyson Araújo (2015) apresentam essa abordagem dos filmes de forma positiva e não levantam esses questionamentos. De fato, Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022) destacam que, no esporte LGBTQIAPN+, prevalece a identidade de homens gays frente a uma exclusão sistemática de outras: “essa exclusão acontece, por incrível que pareça, dentro do próprio segmento esportivo LGBTQIAPN+, no qual se observa esmagadora maioria de *homens gays* cisgênero em detrimento de representantes de outras letras do acrônimo” (Wagner Camargo; Flávio Amaral, 2022, p. 90, grifo dos autores).

No Brasil, Wagner Camargo (2022) afirma que já haviam ocorrido eventos esportivos não cisheteronormativos antes do surgimento da Taça Hornet e do Champions LiGay, em 2017. Segundo ele, não é possível traçar esse histórico de forma precisa, no entanto, ele tenta apontar algumas ocorrências. Em 2008, foi criado o Comitê Desportivo Gay (CDG), posteriormente renomeado para Comitê Desportivo GLBT Brasileiro. A iniciativa buscava apoiar a prática esportiva de pessoas LGBTQIAPN+. Já no início da década de 2010, o Floripa Diversity Games foi um torneio aberto tanto a pessoas LGBTQIAPN+ quanto a heterossexuais, trazendo esportes como futsal, voleibol e atletismo. Ele foi organizado por cerca de dez anos, em Florianópolis. Mais especificamente no âmbito do futebol, Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022) nos contam sobre a Copa Gay de Futebol de Manaus, realizada em 2014, por iniciativa do jogador declaradamente gay Pedrita, que já havia sido eleito o melhor jogador do Peladão, o maior campeonato de futebol amador do Brasil, que ocorre em Manaus. Esse evento daria origem ao Ball Cat's, um dos times de futebol LGBTQIAPN+ mais antigos do país.

2.6.2 Preconceito e inexperiência

Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) analisam as reportagens que foram feitas sobre o BeesCats após sua formação no Rio de Janeiro. Eles afirmam que o foco das matérias “era sempre a representatividade, com destaque para a retomada da paixão pelo futebol e na

superação de traumas adquiridos na infância e adolescência, quando os atletas se sentiam excluídos do esporte devido a atitudes preconceituosas” (Flávio Amaral; Victor Bueno, 2018, p. 259). Flávio Amaral e Victor Bueno (2018, p. 259) também destacam que muitos dos participantes do BeesCats “passaram a aceitar melhor sua orientação sexual com a inclusão no ambiente descontraído das peladas”. Do mesmo modo, Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) apontam que o futebol transmasculino opera como aliado na transição dos jogadores.

Como a cobertura midiática sobre o BeesCats indica, muitas pessoas chegam aos times LGBTQIAPN+ sem experiência com o futebol. Por isso, acaba sendo necessário também um processo de inclusão em relação a quem ainda não tem habilidade com o esporte. O Bharbixas é um time que se preocupava muito com essa bandeira. Pedro (Bharbixas, 2018) me falou sobre o cenário no qual essa demanda se colocava: “era um espaço que a gente queria ocupar, um espaço que nos era negado. A quantidade de homens gays interessados em jogar futebol surpreendeu todo mundo. A quantidade de homens que nunca tinham jogado, que foram jogar com a gente pela primeira vez”.

Ângelo (ManoTauros, 2018) reconhecia a importância do trabalho feito pelo Bharbixas inserindo no esporte pessoas que ainda não haviam tido oportunidade de desenvolver suas habilidades: “‘ah, o menino não sabe jogar bola...’ Mas ele não teve oportunidades, ‘então vem cá! Vem aqui na pelada! Vamo incluir!’ Tem todo esse movimento”. Mas ele deixou claro que, naquele momento, não funcionava assim no ManoTauros: “uma restrição [para entrar no ManoTauros] é que ele jogue futebol. ‘Ah, eu não sei jogar’. Aí, os meninos já fala: ‘ah, aqui não é escolinha’”.

Roberto (Bharbixas, 2018) defendia que o futebol precisa ser inclusivo não só em relação a gênero e sexualidade, mas também em relação a pessoas com diferentes graus de experiência e habilidade.

A questão não é só a homofobia, não é só a questão do gay, é muito mais, é incluir todo mundo que quer jogar futebol. “Ah, eu não vou porque eu nunca joguei. Eu sou ruim.” Não tem essa de “eu sou ruim”. Então, acho que é importante as pessoas saberem disso porque eu não jogava futebol, às vezes, eu tinha parado de jogar, não era só porque falavam “chuta igual homem”, ou “vira homem”, ou “entra igual homem”, “cê entrou igual mulher” também, que a gente ouve isso a vida inteira. Mas não é só isso, o fato de eu não ser forte tecnicamente, que eu nunca fui, me inibia. Eu não gostava de jogar, eu tinha medo, eu não tinha confiança. Agora não, eu quero jogar. Eu tenho a confiança que eu precisava. Só o fato de você ter uma confiança, você joga diferente, você fica mais leve. Nem todo mundo é igual a você, nem todo mundo é bom igual você, que vai chutar certinho, que vai tocar certo. Errou um passe: “vai, cê vai acertar o próximo!” Então eu acho isso muito importante, e que o futebol seja inclusivo em todas as formas. Ele não seja só pra homens hétero cis forte tecnicamente. Que o futebol seja inclusivo em todas as formas. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Quando acompanhei um treino do Bharbixas, um primo do Roberto estava indo participar pela primeira vez. Ele estava inseguro porque não jogava futebol. No entanto, durante todo o jogo, foi tratado muito bem pelos demais jogadores. Também no dia que eu participei de uma pelada do time, apesar de errar muitas jogadas, ninguém me constrangeu por isso. Pelo contrário, tentaram me dar passes e me incluir nas partidas. Além disso, nas alternâncias de times, as pessoas me incentivaram a jogar mais. Apesar da proposta inclusiva do Bharbixas, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou que esse não era um consenso dentro do time. Na verdade, teria sempre havido uma tensão em torno desse tema que gerava conflitos internos no Bharbixas: “sempre houve aquela questão de *inclusão versus competitividade*. O que é a inclusão? O que é competitividade? Isso foi sempre uma temática muito forte no Bharbixas, e sempre foi uma coisa que... [risos] que deu muitos problemas internos”. De fato, tanto a criação do ManoTauros quanto a do Inconfidentes Pride, duas cisões do Bharbixas, estiveram ligadas a isso. A do ManoTauros diretamente, já que essa foi a causa oficial da separação do time. No caso do Inconfidentes Pride, apesar de a razão oficial ter sido a proibição de treinos durante a pandemia, essa questão também já era um atrito entre as pessoas que jogavam de forma recreativa e as que jogavam de forma competitiva.

Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou que, nas peladas do ManoTauros, todos eram bem-vindos, inclusive os que jogavam mal. Mas, nos jogos, a tendência dos times era selecionar apenas os melhores. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) evidenciou isso ao falar sobre como esse aspecto funcionava no Inconfidentes Pride, que era seu atual time.

Temos desde jogadores já experientes que sabem jogar bola desde sempre, como também quem entrou e não sabia chutar uma bola. Hoje, todos têm um carinho muito grande com o time por esse fato de ser acolhedor. Não excluímos ninguém. Se tem vontade de aprender a jogar e força de vontade, estamos lá para poder ajudar. É claro que de início, em jogos de torneios, pode ser que aqueles que ainda não dominam joguem menos. Mas é por questão de cada jogo. Campeonatos LGBTQIA+ são em dois dias apenas, então, são muitos jogos, e o nível de times também muito alto. Então, *o objetivo é ser campeão sempre*, então, colocaremos o que de melhor estiver naquele momento. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Ângelo (ManoTauros, 2018) relatou, inclusive, que alguns times costumavam convidar bons jogadores de outros clubes para jogar no lugar de seus próprios jogadores, tudo para ter mais chances de ganharem. Ele e Eduardo já teriam recebido esse tipo de convite. Nessa luta por competitividade, Ângelo (ManoTauros, 2018) contou que um time de outro estado já teria, inclusive, pagado para que ele fosse jogar uma partida com a equipe: “é caro ir ao Rio Grande do Sul pra isso. Eu falei: ‘como esses caras conseguem dinheiro pra poder

pagar pra eu ir lá no Rio Grande do Sul jogar pra ele?’ Se a gente não tem dinheiro pra ajudar os menino no vale-transporte? Não sei de onde vem esse dinheiro”. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), o fato de o Bharbixas, que não era o time favorito, ter ganhado o 1º Champions LiGay, incomodou outros times que eram considerados favoritos. Depois disso, eles teriam passado a se preocupar muito com o reforço das equipes: “falei: ‘gente, daqui a pouco cês tão pegando os hétero, fazendo eles beijar à força pra levar pro time docês””. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), havia acusações e desconfianças da presença de jogadores hétero nos times, para aumentar a competitividade. Já teria sido criticada e denunciada a suposta presença de homens que fazem sexo com homens, mas se consideram heterossexuais (HSH), tais como garotos de programa. Quando conversei com Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), seis anos depois, ele me disse que o nível das competições tinha aumentado muito. Tanto que já havia equipes contando com atletas profissionais do futebol *society*.

Cê tem um time, tipo do Bulls, que é formado praticamente por profissionais, por jogadores profissionais. Gays assumidos, né, porque, pra jogar a LiGay, tem que ser assumido, praticamente. Não o futebol de campo, mas, igualzinho um cara do time lá, ele é profissional do futebol *society*. Jogou lá no time do Londrina. Então, tipo assim, começou a ficar muito competitivo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Por isso, Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que a inclusão de pessoas que nunca tiveram acesso ao futebol nos times LGBTQIAPN+ deixaria de acontecer no momento em que os times tivessem mais jogadores com um bom desempenho. Nesse momento, para ele, não iria mais haver espaço para pessoas que estão só começando a jogar: “à medida que esses jogadores forem aparecendo, o futebol gay vai replicar todo o preconceito que existe, que é: você é bom, você joga; você é ruim, você cai fora”. Para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), isso tem feito com que apenas os times mais voltados apenas para o futebol permaneçam ativos.

Esses times que tinha uma filosofia que ia pouquinho pra além do futebol, ou que o futebol não era o principal, digamos, o *core*, eles acabaram diminuindo, tipo o Bharbixas, tipo o Pampacats. E ficou esses times que são, digamos, voltado para o futebol. Óbvio que tem times que ainda faz um discurso, tipo o BeesCats, mas os campeões mesmo, tipo o Bulls, Bárbaros, Taboa, não têm essa pegada. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Assim, alguns times com discurso de inclusão poderiam até ter sobrevivido, mas sem chances de se saírem bem no campeonato. Lúcio (Bharbixas, 2023) acreditava que isso fazia com que os times mais “alegres” do campeonato acabassem ficando de forma dele.

Vários times que tinham a leveza e uma alegria de estar naquele ambiente e de agregar aquele ambiente saíram. Não fazem mais parte. Não se sentem pertencentes. Não vai ao encontro daquilo que eles acreditam. E, boa parte, isso se deve à competitividade, né, que se tornou um nível altíssimo. Se você pegar pra ver a LiGay, assim, é um nível altíssimo de jogo. Fazendo um paralelo, um parâmetro, aí, com ligas hétero, né? Porque, de alguma forma, eu nem gosto de comparar não, porque são ligas diferentes, né? Mas, assim, se for fazer um paralelo, a gente não deve em nada tecnicamente em comparação. Então, é um nível altíssimo [ênfase em “altíssimo”], muito, muito forte mesmo, e que alguns times de *caráter mais festivo*, de participação e tal, não se sentiram representados por toda essa competitividade e saíram, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Interessante que ele aponta que a saída desses times foi algo voluntário, e não uma dificuldade de serem selecionados nas seletivas regionais do Champions LiGay. Essa segunda possibilidade, obviamente, pode ser a causa de muitos times com jogadores menos experientes não participarem mais do campeonato nacional. Lúcio (Bharbixas, 2023) era bastante cético em relação a essas questões, e via o cenário de forma negativa.

Eu acho que o nosso cenário ainda tá longe de ser perfeito. Tá muito [ênfase em “muito”] longe. Não é pouco [voz de riso]. Eu acho, na questão mesmo da gente abraçar a diversidade, na questão de a gente largar um pouco o lado competitivo de lado, que já foi pautas em inúmeras vezes, de brigas, de discussões que a gente já teve, inclusive no Bharbixas, de deixar um pouco a competitividade de lado, e a gente abraçar as pessoas LGBTQs, porque elas não tiveram espaço pra performar tecnicamente, em um espaço acolhedor, esportivamente falando. Tudo que a gente já conquistou é de se louvar, assim, é um passo gigantesco. É um espaço incrível, maravilhoso que a gente conquistou. Só que já vai pra [como quem está tentando fazer as contas] cinco anos de movimento, e a gente tá andando a passos de bebê ainda. A gente começou já galopando. A gente chegou, assim, andando a cavalo, correndo e tudo. Só que agora a gente desacelerou e agora a gente tá a passos de bebê, sabe? Então, eu acho que a gente precisa rever algumas ideias, pra que a gente torne cada vez um *espaço mais acolhedor* mesmo e não se torne um espaço ocupado por LGBTQs, mas que oprimem as pessoas por não terem qualidade técnica, no caso. Então, eu acho que, quando tiver essa viradinha de chave de que o outro se sentir bem vale mais do que um troféu, aí, eu acho que a gente alcançou o nosso objetivo, nossa missão, sabe? E, pra isso acontecer, eu acho que a gente vai ter um trabalhinho árduo, aí, pra fazer acontecer, mas que eu acredito. Se eu não acreditasse, eu já tinha largado há muito tempo, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

É interessante que, apesar do perfil inclusivo, o Bharbixas se saiu muito bem nas cinco primeiras edições do Champions LiGay, ficando entre os quatro melhores times em quatro delas. No entanto, como ele não participou da 6ª edição, quando esse cenário de maior competitividade se concretizou, não foi possível perceber que impactos essa filosofia do time teria trazido em relação aos resultados dele, nesse momento. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), que já foi presidente da LiGay, também acreditava que essa competitividade exacerbada era um problema e que era necessário repensar esse modelo.

Existe, hoje, algo que eu acho que a gente pode melhorar, que é a questão da competitividade *muito exacerbada*, né? Existe uma competição muito forte hoje e, às vezes, as pessoas *passam do ponto*. Eu vi algumas coisas na última LiGay que eu acho que precisam ser melhoradas, né, porque, senão, a gente vai acabar entrando no mesmo padrão que é o futebol normativo, futebol tradicional. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Na contramão da tendência nacional, o ManoTauros é uma equipe que se tornou mais inclusiva com o tempo. Se Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmava que o time não era “escolinha”, Cláudio (2023), cinco anos depois, apresentava um cenário totalmente diferente.

Hoje, a minha visão com o restante do time é dar *oportunidade*, né? Há pessoas que não têm oportunidade de se descobrir no futebol [...] e a gente sempre *acolhe* as pessoas. [...] Inclusive, a gente procura sempre dar oportunidade de... até a pessoa que, às vezes, ela não tem conhecimento nenhum, ela entrar e disputar. Porque a maioria das equipes deixa a pessoa conhecer, então, mas na hora do participar mesmo, ela fica só no conhecer. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Nesse aspecto, o time se destacava em relação ao Inconfidentes Pride, por exemplo, que, segundo Eduardo (ex-ManoTauros, 2023), acolhia os novatos, mas não os escalava para os jogos. O ManoTauros também não participou da 6ª edição do Champions LiGay, mas, como discutiremos melhor na próxima seção, ganhou um disputado campeonato convencional de Belo Horizonte no mesmo ano.

Inácio Brandl Neto e Cristhiane Alves (2008) abordam como os jogos cooperativos podem ser uma alternativa mais inclusiva em relação aos jogos competitivos. O autor e a autora definem a diferença entre essas duas formas de prática esportiva e explicam como é possível pensar em uma transição entre elas, a partir, justamente, da ideia de inclusão.

Cooperação é entendida como atividade onde todos participam e trabalham juntos para que os objetivos, que são comuns, sejam alcançados de maneira prazerosa por todos. Competição é considerada uma atividade onde uma pessoa ou grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação à outra pessoa ou grupo, sempre visando à recompensa, a vitória e não a atividade em si. E a atividade de transição é entendida como uma competição em que todos participam efetivamente, onde todos jogam/brincam (inclusão), podendo ser: todos tocam ou passam (uma bola, por exemplo); todos marcam pontos; todos passam por todas as posições; ou um misto dessas situações. (Inácio Brandl Neto; Cristhiane Alves, 2008, p. 36-37)

Raquel Maia, Jusselma Maia e Maria Marques (2007) sugerem que a cooperação poderia ser introduzida de duas formas. A primeira é o que elas chamam de jogos colaborativos de resultado coletivo: “são formadas duas ou mais equipes, mas o objetivo do jogo só é alcançado com todos jogando juntos, por um objetivo ou resultado comum a todos” (Raquel Maia; Jusselma Maia; Maria Marques, 2007, p. 128). A segunda é uma forma

intermediária entre a primeira e o modelo competitivo, o que elas chamam de jogos semicooperativos.

Esses jogos favorecem o aumento da cooperação do grupo, e oferece as mesmas oportunidades de jogar para todas as pessoas do time, mesmo um com menor habilidade, pois existem regras para facilitar a participação desses. Os times continuam jogando um contra o outro, mas a importância do resultado é diminuída, pois a ênfase passa ser o envolvimento ativo no jogo e a diversão. (Raquel Maia; Jusselma Maia; Maria Marques, 2007, p. 128)

Quadro 7 – Padrões de percepção da prática esportiva

Padrões	Exclusão	Inclusão	Competição
Visão que se tem do jogo	É impossível!	É possível para todas, todos e todes	É possível apenas para algumas pessoas
Visão que se tem do resultado	As outras pessoas sempre ganham de mim	Todas as pessoas ganham	Apenas as pessoas mais habilidosas ganham
Relação estabelecida com as outras pessoas	Indiferença	Parceria	- Rivalidade (contra o outro time) - Parceria (com o próprio time)
Estado da pessoa jogadora	Incômodo	Tranquilidade	Tensão
Expectativa de resultado	Alienação	Vontade de continuar	- Vontade de terminar (se estiver vencendo ou se tiver desistido) - Vontade de continuar (se acreditar que ainda possa vencer)
Sentimentos provocados	Subjugação e aversão	Relaxamento e autoestima	- Autoestima (para quem vence) - Culpa e raiva (para quem perde)
Consequências	Medo e fuga	Confiança e prazer	- Confiança (para quem ganha) - Vergonha e frustração (para quem perde) - Prazer (para quem, ganhando ou perdendo, identifica-se com este modo de jogo)

Fonte: elaborado pelo autore a partir de Raquel Maia, Jusselma Maia e Maria Marques (2007)

É possível identificar que a proposta de inclusão defendida pelo Bharbixas – e também pelo ManoTauros em um segundo momento – aproxima-se desse modelo semicooperativo indicado pelos autores e pelas autoras supracitadas. A inclusão e o modo cooperativo associam a prática esportiva com a dinâmica do jogo, da brincadeira, do lúdico e

do recreativo. A partir da discussão empreendida por Raquel Maia, Jusselma Maia e Maria Marques (2007) sobre as potencialidades dos jogos cooperativos em relação aos competitivos, desenvolvo no Quadro 7 uma comparação entre os padrões de percepção da prática esportiva proporcionados por esses modelos. As autoras também os relacionam com o processo em que os sujeitos são excluídos da prática esportiva, como ocorreu na infância de alguns jogadores do Bharbixas e de outros times LGBTQIAPN+ do país. Nesse aspecto, Inácio Brandl Neto e Cristhiane Alves (2008, p. 34) explicam que “as aulas de Educação Física que deveriam proporcionar um ambiente de socialização acabam por incentivar a competição, o que gera o insucesso e a insegurança dos menos favorecidos que por sua vez acabam por abandonar as aulas”. Em sua pesquisa com alunas, alunos e alunes do ensino fundamental ele e ela identifica que as alunas, alunos e alunes que não queriam, podiam optar por não participar e “não fazer nada” durante o horário da aula. Muitas crianças se encontravam nessa situação. No Quadro 7 também incluo a comparação com esse padrão.

No entanto, o esporte profissional, tomado como referência para a prática amadora, é eminentemente competitivo. Para que um campeonato amador se tornasse mais inclusivo, portanto, ele precisaria subverter essa lógica, deixando de emular as regras convencionais e propondo um formato mais cooperativo. Talvez, a própria ideia de “campeonato”, que pressupõe a competição, precisaria ser ressignificada. Um ponto interessante é que a cooperação elimina a necessidade de dividir as pessoas jogadoras por gênero, já que a justificativa para essa divisão é a suposta desvantagem competitiva que as mulheres teriam em relação aos homens – discutiremos melhor essa questão na Seção 2.6.4 (p. 132).

Além de analisar as reportagens sobre o surgimento do BeesCats supracitadas, Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) também observam a cobertura midiática do 1º Champions LiGay. Eles acreditam que o clima das partidas de futebol LGBTQIAPN+ era, ao mesmo tempo, de competição, festa e luta contra o preconceito. Os autores descrevem como foi o evento analisado.

Sob o sol carioca, oito equipes lutavam pelo título de campeão, mas, acima de tudo, confraternizavam sob a bandeira da representatividade. Fora das quatro linhas, muita alegria e orgulho por tudo que aquela ocasião simbolizava para mais de 120 atletas. Dentro de campo, um cenário bem diferente daquele visto em campeonatos tradicionais. Antes do início das partidas, cada equipe se reunia em uma área do gramado para fotos – algumas mais sérias, focadas na disputa, outras “botando a cara no sol”⁵¹ e dando aquela “pinta”⁵², como sugerem gírias populares entre os

⁵¹ “Botar a cara no sol” significa afirmar publicamente sua não cisheteronormatividade, superando o medo que leva pessoas LGBTQIAPN+ a se esconderem.

LGBT+. A cada confronto, a cena inicial era a mesma: sorrisos no rosto, atletas de ambos os times se abraçando, desejando boa partida uns aos outros. Com a bola rolando, era raro ver divididas mais ríspidas. A lealdade e a honestidade davam o tom dos jogos, com jogadores admitindo estar errados caso a arbitragem cometesse equívocos que os favorecessem. (Flávio Amaral; Victor Bueno, 2018, p. 260)

A descrição dos autores nos leva a perceber que a lógica de fair play perpassou o campeonato. Para o fundador de um dos times, ouvido pelos pesquisadores, esse clima ajudaria a desconstruir a ideia do futebol como esporte agressivo. O slogan da primeira edição do Champions LiGay foi: “futebol para mano, mana e mona”. O jogo de palavras aponta para diversidade e inclusão. Enquanto o “mano” remete ao gênero masculino e o “mana” ao feminino, o “mona” remete às identidades não cisheteronormativas. No entanto, essa não foi a única percepção existente em torno do evento. Autores como Diego de Jesus (2019) e Wagner Camargo (2021) apontam para leituras diferentes, com a exclusão e hostilidade contra corpos não normativos, especialmente os de pessoas trans. Wagner Camargo (2021) compartilha o depoimento de um ex-jogador do Meninos Bons de Bola, para o qual “prevaleceu a própria cultura futebolística da masculinidade tóxica e do menosprezo ou inferiorização de adversários” (Wagner Camargo, 2021, p. 7). Na Seção 2.6.4 (p. 132), vamos falar mais detidamente sobre essa controvérsia.

A realização da 1ª edição do Champions LiGay chamou muito a atenção da mídia. Não só portais voltados para o público LGBTQIAPN+, como *Pheeno* e *Vipado*, fizeram cobertura, como também grandes veículos, como *Folha de S.Paulo*, *GloboEsporte.com*, *Lance*, *IG* e *O Dia Online*. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) analisam a cobertura que foi realizada pelo *GloboEsporte.com*. A equipe vencedora do campeonato foi o Bharbixas. A cobertura do portal deu destaque ao fato de essa equipe se autoafirmar como afeminada. A partir disso, a matéria problematizou o preconceito sofrido por gays afeminados por destoarem do modelo de masculinidade exigido pelo futebol.

Lúcio, fundador do Bharbixas, deu entrevista ao site e afirmou que a vitória era uma prova de que afeminados também sabem jogar. O jogador contou sobre sua trajetória, dizendo ser alvo de comentários pejorativos de colegas heterossexuais. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) comentam também o depoimento de um membro dos BeesCats. Segundo esse entrevistado, “o *bullying* sofrido na época do colégio durante as aulas de educação física provocou um trauma que só foi curado quando ingressou no time carioca” (Flávio Amaral; Victor Bueno, 2018, p. 262). O fundador do BeesCats complementou esse depoimento

⁵² “Dar pinta” significa fazer algo que pode levar à identificação da não cisheteronormatividade da pessoa, como agir de forma afeminada ou com “trejeitos”.

afirmando que muitos membros do time sofriam *bullying* na hora de jogar futebol na escola, sendo escolhidos por último e ficando deslocados. Para ele, isso causou um bloqueio em relação ao esporte em muitos dos membros do time. Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) apontam que os jogadores do Bharbixas tinham o mesmo perfil.

Eles [membros do Bharbixas] são, em sua maioria, estudantes e trabalhadores jovens, assumidamente gays, com histórias de preconceito e bullying durante a infância e fase de escolarização, onde eram tolhidos dos espaços de jogo e assistência ao futebol por conta da androgenia de seus corpos e falta de retidão de suas masculinidades, indigestas e abjetas ao jogo viril, de masculinidade esquadrinhada e heterossexualidade compulsória. (Luiza Anjos; José Silva Júnior, 2018, p. 224)

Apesar desses depoimentos, Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava para uma realidade totalmente diferente da trazida pelos membros do Bharbixas e do BeesCats entrevistados. Segundo ele, todos os membros do ManoTauros também jogavam em “times hétero”. Ângelo (ManoTauros, 2018) também afirmou que ele e os outros membros da equipe nunca haviam sofrido preconceito no futebol por serem gays.

Tem o povo fala assim: “ah, mas é porque os gays sofrem preconceito demais...” Nunca sofri nenhum preconceito em nenhum time hétero. E eu pergunto pros outros meninos: “alguém já sofreu preconceito em algum time hétero, que é esse preconceito que o povo tá falando?” “Não.” “Não.” A gente vê preconceito na torcida, tipo: cê vai num campo de futebol, os cantos são ridículos, ou são homofóbicos, machistas e um tantão de outras coisas. Mas em times héteros, nunca sofri preconceito. E nem os meninos, pelo que eu conversei com eles. Os meninos [dos “times hétero”] trocam de roupa na minha frente, zoam, brincam. Todos sabem que eu sou gay. Todos conhecem meu namorado⁵³. Aliás, meu namorado também joga lá. Nunca tive nenhum problema em time hétero em relação a eu ser gay. Absolutamente não. Nunca, nunca, nunca. Não. No ManoTauros, todo mundo joga num time. Então, não tem isso de ‘ah, inclusão, porque eu nunca tive oportunidade...’”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ele contou que teve medo quando decidiu revelar que era gay pela primeira vez no “time hétero” no qual ele jogava. Mas, segundo ele, houve uma aceitação total por parte dos colegas.

Quando me aceitei gay, quando eu fui contar pro meu time, eu fiquei com pé atrás, com medo. Não tinha medo de piadinha, essas coisa não. Eu tinha medo do vestiário: “se eu entrar no vestiário, e as pessoas ficarem com vergonha de trocar roupa na minha frente, eu não sei qual vai ser minha reação”. Foi um momento meio tenso, assim, pra mim. Contar no futebol, acho que foi tão tenso quanto contar na empresa que eu trabalhava na época. E, pelo contrário, os meninos, que eram

⁵³ Ângelo (ManoTauros, 2018) se referia ao seu companheiro, com quem morava junto, tanto como “marido” quanto como “namorado”.

evangélicos, a maioria do time era evangélica, tipo, me abraçaram, assim, tipo, conduziram isso muito bem, sabe? Por exemplo, primeiro dia eu dei aquela titubeada, depois que eu contei pra eles. Aí, os meninos: “vão trocar de roupa, que o nosso é o próximo jogo!” Eu lembro direitinho. Como que isso foi importante, tanto é que eu lembro. Isso tem quatrocentos anos, né? Tem uns vinte anos. Aí, eu: “ah, não, vou... vou tomar uma Coca-Cola antes de ir”. Meu colega, que hoje deve ser pastor, me pegou pelo braço, falou: “vai tomar Coca-Cola não. Entra agora. Se não for hoje, vai ser só indo pra difícil”. Aí eu fui, meio constrangido. Aí, meu colega tira a roupa e fala: “tcharam! Ah-há!” De sunga, brincando. Falou assim: “ah, vim preparado!” Aí, depois que terminou o jogo, a gente perdeu, já tava todo mundo puto⁵⁴ já. Aí, o povo já trocou de roupa na minha frente, xingando um ao outro. E eu vejo isso, por exemplo, no time [“hétero”] que eu jogo hoje. Os meninos trocam de roupa na minha frente, ficam zuando o tempo inteiro. Tipo, eu percebo que não há preconceito, porque a mesma brincadeira que A faz com B, faz comigo. E acho que o povo nem lembra que eu sou gay tem hora, sabe? Cê coloca um tantão de homem junto e fecha, vira tudo criança, né? Qualquer situação. As brincadeiras são as mesmas que eu fazia com quinze anos. Como eu também sou brincalhão, brinco com eles. Então, tipo, menino tá lá trocando de roupa, aí eu pelado, sem querer, passo o pinto na cabeça dele, por exemplo. Tipo assim, se tivesse preconceito, a reação é: “ah, fulano!” É a mesma. Então, eu não consigo ver esse preconceito que o povo fala, assim, sabe? Com torcida de estádio eu vejo totalmente, acho um absurdo, mas entre jogadores, não vejo. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou também de várias situações que ele considera engraçadas ocorridas enquanto jogava em “times hétero”. Uma vez, estavam brincando de “piruzinho”⁵⁵, e um jogador disse que isso seria injusto, porque, naquele jogo, Ângelo levaria vantagem. Em outra ocasião, ele não estava concordando que determinado lance era de escanteio, e pediram para ele “assumir” que era. Então, ele brincou: “eu já assumi há 12 anos!” Segundo ele, todos sempre riam das brincadeiras dele, e ele também ria das brincadeiras dos outros. Ângelo (ManoTauros, 2018) se questionava se o preconceito que outros gays sofrem no futebol está relacionado ao fato de eles serem afeminados ou de serem “ruins de bola”. Mas ele defendia que o preconceito está dividido em torno desses dois fatores: a manifestação de gênero do jogador e se ele joga bem ou não. Ângelo (ManoTauros, 2018) disse acreditar que não sofreu preconceito tanto por ser considerado masculino quanto por jogar bem. Ele achava que, se não jogasse bem, teria aberto mais espaço para preconceito. No entanto, ele acreditava que, quando o jogador é afeminado, ele é mais respeitado se jogar bem. Ele defendia, portanto, que “nunca é uma coisa só”.

Na verdade, Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava o contrário do que se poderia esperar pelo panorama mais amplo discutido até aqui. Ele me disse que conhecia muitos gays que jogavam futebol em “times hétero”, mas que não se interessavam pela ideia de jogar em times gays.

⁵⁴ Diferentemente do Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, “puto” quer dizer “muito nervoso”.

⁵⁵ “Piruzinho” é o nome que se dá em Minas Gerais para o jogo que é conhecido em outras regiões do Brasil como “bobinho”, como dissemos na Seção 2.2.1 (p. 42).

Todo campeonato [“hétero”] que eu disputo tem gays. Não assumido ou assumido. Mas a maioria não tão disposta a jogar em times gays, porque acha que a qualidade do futebol é ruim. E realmente é ruim. Ou porque não querem se expor, ou porque não querem se apegar a algum rótulo... Ou outros porque realmente não são assumidos, e, aí, complica, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Essa fala dele se refere ao início do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte, antes de o aumento no nível técnico dos times ser percebido. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) me apontou outro problema relacionado à resistência de gays participarem do futebol LGBTQIAPN+. Para ele, quanto maior a cidade, maior a liberdade para que os gays participem dos times. Por isso, seria difícil para o Alcateia (Manhuaçu) atrair jogadores. Mesmo em Belo Horizonte seria mais difícil que em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo. Isso porque, mesmo que BH seja uma capital, ela é uma cidade menor, onde muitas pessoas acabam se conhecendo. Cláudio (ManoTauros, 2023) corroborava com essa perspectiva. Ele contou que o Bharbixas foi o primeiro time que conheceu. No entanto, ele não se identificou com essa equipe: “eu vi que era muito visado, era muito holofote... eu não queria isso pra mim”. Mas, para ele, o número de jogadores em Minas tem aumentado porque “o pessoal tem se importado menos com a questão de se esconder com isso”.

Nesse sentido, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) ressaltou que a ideia de que não há gays jogando futebol é um mito: “eu imaginava que as pessoas, tipo do Bharbixas, imaginava que existiam poucos gays que jogavam futebol. E eu, como frequento mais futebol e jogava futebol a vida inteira, eu falei: ‘ah, meu filho, o que tem de gay jogando futebol, cê não tem noção’”. De fato, Lúcio (Bharbixas, 2023) demonstrou exatamente isso.

Erroneamente, por muito tempo, eu pensei que eu era o único [ênfase em “único”], no mundo, gay que jogava bola. Já chegou a passar isso pela minha cabeça quando era mais novo. Eu falei assim: “gente, mas não arranja ninguém gay jogando bola?” O *gaydar*⁵⁶, naquela época, não era tão apurado como hoje, né? [risos] Então, por muito tempo, eu me senti só ali no esporte. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Além de Lúcio (Bharbixas, 2023), outro gay com muita experiência no futebol não tinha a mesma percepção que Ângelo (ManoTauros, 2018) já havia construído antes de entrar para um time LGBTQIAPN+. É o caso de Daniel (ex-Bharbixas, 2023), que já foi jogador profissional e, mesmo depois de ter desistido da carreira, continuou por muitos anos atuando no futebol amador em Belo Horizonte. Ele contou que, antes de conhecer os times

⁵⁶ A palavra “*gaydar*”, que vem de “radar gay”, é a suposta capacidade de gays identificarem se outros homens são gays ou não.

LGBTQIAPN+, em 2017, não identificava a presença de outros homens gays nesse ambiente: “eu pensava assim: ‘não é possível que só exista eu no mundo que goste de futebol. Eu sou o único gay do mundo que gosta de futebol?’ E isso ficava martelando na minha cabeça”.

Quando perguntei para Ângelo (ManoTauros, 2018) se participar do Bharbixas e do ManoTauros teve importância na sua trajetória pessoal com o futebol, ele respondeu: “nenhuma”. Ele repetiu o mesmo quando perguntei se ele achava que o ManoTauros era transformador na vida dos outros membros do time: “não, todos eles jogam em outros times”. Lembrando que isso se refere ao período inicial de formação do time. No entanto, ele relativizou um pouco a questão.

Eu acho que é transformador no sentido de... é um lugar que eles podem brincar. Ninguém esconde nos times que joga que é gay. Pelo que eu conheço, pelo pouco que eu conheço. Nenhum deles esconde que é gay. Mas, ali, eles têm mais liberdade pra brincar. Fez um gol, fazer uma coreografia, sabe? Aposto que lá [nos times “hétero”] não vai ter muito isso. O Eduardo já não faz isso em lugar nenhum. Mas eu acho que ali eles têm mais liberdade de tar entre iguais. Mas que é algo transformador, que dá uma possibilidade que eles não têm, é pura mentira, porque todos eles jogam em outros times. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Diferentemente de Ângelo, Pedro (Bharbixas, 2018) achava que, “com certeza”, o Bharbixas era transformador para os membros dele: “pra muita gente que entra no time é o primeiro contato com o futebol”. Cláudio (ManoTauros, 2023), por sua vez, relatou que só participou de competições pela primeira vez depois de entrar para o futebol LGBTQIAPN+: “eu participava por brincar e, quando eu vim pro time, eu entendi o que é competir, entendeu? Então, assim, a questão de competir, eu aprendi bastante, porque, na minha visão, era só brincar e não tinha a questão de disputa”.

Segundo Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), outra bandeira do Champions LiGay destacada pelo *GloboEsporte.com* é a iniciativa dos times de escolherem técnicas mulheres e de contratarem arbitragem feminina para o evento. Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre essa ligação entre as causas LGBTQIAPN+ e de mulheres.

Ele [o futebol] é o lugar do homem hétero e “a gente não quer mais ninguém aqui dentro”. Eu acho que, inclusive, talvez esse seja um dos motivos pelos quais quase todos os times do Brasil que vão procurar treinador, sempre fecham com uma treinadora mulher. Existem muitas mulheres no mercado do futebol que não encontram oportunidade. Quase todos os times que a gente conhece têm treinadoras, e são mulheres profissionais do mercado de futebol, de fato, e que tão muito interessadas sim em se voluntariar e treinar um time gay pra mostrar o trabalho delas. (Pedro, Bharbixas, 2018)

No entanto, em 2023, cinco anos mais tarde, segundo a presidência da LiGay, o número de treinadoras mulheres havia se tornado muito pouco expressivo. Apesar de toda importância dessas questões em torno de representatividade, Flávio Amaral e Gustavo Bueno (2018) problematizam que a cobertura dos jogos se restringia apenas a esse enfoque e não considerava seu caráter esportivo, o que implicaria em análises de questões técnicas e de desempenho das equipes. Ângelo (ManoTauros, 2018) criticou a cobertura midiática do evento: “a mídia, realmente, houve um abraço. Não na questão esportiva, na questão esportiva não houve abraço ainda. Porque, quando vão falar dos campeonatos, falam como se fosse um circo. Cê nem vê falar de futebol”. Ele comentou que recebeu uma orientação do repórter quando ganharam o campeonato: “aí, o cara orientava: ‘oh, Ângelo, a gente não tá aqui pra cobrir esporte, não é Atlético e Corinthians’. Então a mídia tem abraçado e divulgado, mas como uma questão social e muito pouco esportiva”.

2.6.3 Gueto e segregação

Gustavo Castro e Marcus Siqueira (2020) entrevistaram 22 jogadores de times de futebol LGBTQIAPN+ de nove capitais brasileiras, durante a 4ª edição do Champions LiGay, no primeiro semestre de 2019, em Brasília. Os autores observaram a recorrência de estratégias de uso da linguagem como forma de humor, ironia, erotismo, construção identitária e luta política. Algo que eles destacam é a frequência com a qual os jogadores se referem uns aos outros e também a si mesmos no feminino. Mas a maior potencialidade identificada pelos autores é a própria criação dos nomes das equipes, que costumam brincar muito com a linguagem, trazendo diversas camadas de significação. Diego Jesus (2019) destaca que os brasões e mascotes do clube, além das poses para as fotos, também são ricos em significados. Pedro (Bharbixas, 2018) explicou sobre o nome do seu time: “Bharbixas é B-H-A-R. Tem bar, e, aí, tem uma canequinha de chope na logo. E “bixas” porque é um monte de bicha jogando bola”. O nome do time começa com BH, que é como é conhecida a cidade de Belo Horizonte. A referência a bares no nome tem a ver com o título da cidade de capital mundial dos botecos.

Um dos entrevistados de Gustavo Castro e Marcus Siqueira (2020) trouxe para a discussão dos autores a aparente contradição entre a ideia de inclusão e a ação de fazer times e um campeonato exclusivamente para pessoas LGBTQIAPN+. Esse jogador defendia que a estratégia de criar um circuito de futebol LGBTQIAPN+ servia, em um primeiro momento, para afirmação e conquista de espaço. Mas ele acreditava que a expectativa para o futuro era uma

ocupação dos times convencionais, sem a necessidade de separação para obtenção de espaço. Alguns dos entrevistados projetavam que, talvez, em 10 anos, essa inclusão poderia se realizar. Ângelo (ManoTauros, 2018) mostrava posições ambíguas quanto à legitimidade do futebol LGBTQIAPN+.

Eu falava: “olha, não é paraolimpíada. A gente não é paratleta, que a gente tem que criar uma liga com regulamento, com exclusão dos héteros”. Não é. A gente é gay, pronto. Isso não dá condição menor ou melhor à gente, então, eu não jogo mais ou menos futebol por eu ser gay. Não, não entra na minha cabeça ter um time gay, sabe? E acabei por diversão ou raiva do Bharbixas... Mas a minha pretensão de ter um time gay era pra falar assim com meus colegas hétero... eu queria ganhar do meus amigos hétero, falar assim: “aqui, ó: a gente é gay e joga melhor que vocês”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que o respeito aos gays no futebol só viria quando não houvesse “guetos”, e eles jogassem com os héteros. Ele fez uma comparação com a inserção dos negros no futebol.

Os negros, quando eles eram impedidos de jogar futebol, se eles tivessem criado uma liga para eles, jogado só entre eles, o preconceito taria igual até hoje. Na luta, com preconceito, foram jogar junto com os brancos. E, aí, esse preconceito diminuiu. Não acabou, mas diminuiu. Mas pelo menos todo mundo sabe que tem negros hoje pra caramba jogando. Gays a gente sabe que tem, mas não se assumem, né?⁵⁷ (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Mas a história dos negros com o futebol no Brasil não foi exatamente como a apontada por Ângelo (ManoTauros, 2018). Eles também jogaram, inicialmente, apenas entre si, não por terem escolhido fazer isso, mas porque eram obrigados, já que não eram aceitos entre os jogadores brancos. Posteriormente, a inclusão se deu através da profissionalização e da capacidade técnica dos jogadores negros, que passaram a ser contratados pelos times para tornar as equipes mais competitivas (Gilmar Mascarenhas, 2012). Ângelo (ManoTauros, 2018) também se esqueceu de que o armário não se aplica à raça da mesma forma que se aplica à sexualidade. De todo modo, ainda sobre o processo de guetificação, ele avaliou que o Bharbixas teria mais essa tendência.

Tem gente que adora gueto. Se deixar, o Bharbixas vai criar: “ah, não, esse campeonato é muito exclusivo, nós vamos criar o campeonato gay só de afeminados”. Eu acho que não é por aí, criando guetos, que vai melhorar essa relação, essa visão, essa harmonia... não muda a visão do gay. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

⁵⁷ A entrevista se deu antes da declaração de Richarlyson sobre sua bissexualidade, sobre a qual discutimos na Seção 2.5.2 (p. 93).

Mas Roberto (Bharbixas, 2018) tinha uma opinião muito diferente da de Ângelo sobre a importância estratégica desse tipo de segregação.

Eu sonho com um dia que a gente só vai falar “futebol”. Mas eu sei que primeiro a gente precisa excluir pra depois incluir, né? Às vezes, a gente tem que segregar pra poder dar o grito, mostrar que a gente tá ali, pra depois incluir. E eu vi muita gente questionando: “mas qual a necessidade de se fazer um campeonato gay? Ah, isso é ‘heterofobia’, hétero não pode participar. Ah, por que que eles não participam de campeonatos comuns?” Se não fosse ter um campeonato gay, não teria visibilidade, não teria discussão, a gente não taria falando disso. Várias pessoas não teriam se sentido confortáveis em entrar pro futebol ou em continuar no futebol. Então, eu acho que foi importantíssimo a gente ter essa segregação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Apesar dessa lógica de segregação, um jogador disse para Gustavo Castro e Marcus Siqueira (2020) que os homens hétero e as mulheres eram bem-vindos e bem-vindas como convidados e convidadas, mas não como membros e membras das equipes, porque já existem muitos espaços para a prática do futebol para homens hétero e até mesmo para mulheres, mas ainda não havia para homens gays. Percebe-se, nessa fala, que esse futebol ainda era visto, naquele momento, como “futebol gay” e não como “futebol LGBTQIAPN+”. Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre a participação de heterossexuais nas peladas do Bharbixas.

A gente não tem restrição pra jogar com a gente não. Mas a gente também não sai por aí convidando não, sabe? Se a pessoa quiser vir jogar com a gente... Por exemplo, meu pai já foi jogar com a gente já uma vez. Às vezes uma pessoa quer trazer um amigo. A gente não faz nenhuma restrição, mas no nosso convite a gente não abre pra homens héteros. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Na pelada do Bharbixas da qual eu participei, um amigo hétero cis de Roberto também estava jogando. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), as peladas abertas do ManoTauros também eram abertas para lésbicas e héteros. Cláudio (ManoTauros, 2023) comentou comigo sobre um boato que corria de que, talvez, a LiGay pudesse começar a se abrir também para a participação de heterossexuais: “até o ano passado, não havia permissão de héteros participar. Pode ser que, a partir desse ano, eles permitam um [ênfase em ‘um’] hétero ou convidado, assim. Me parece que isso anda na pauta. Mas, por enquanto, eu acho que ainda não”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) torcia para que a LiGay não seja mais necessária no futuro.

A minha maior expectativa é que não precise existir a LiGay mais, ou, se existir a LiGay, que seja só como algo de boas lembranças que a gente teve, de um período

que a gente precisou lutar. Que as pessoas possam ser quem elas são e possam praticar o esporte da forma que elas querem, né? Então, que você não tenha que se reprimir, como foi o meu caso. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Em relação a disputas contra “times hétero”, um dos entrevistados de Gustavo Castro e Marcus Siqueira (2020) afirmou que algumas delas ocorriam com naturalidade, mas alguns times se sentiam humilhados com a ideia de perder para um time gay e chegavam a forçar entradas mais violentas nos jogos quando viam que estavam perdendo. Os autores apontam que alguns times LGBTQIAPN+ se mantêm “no armário” fora do circuito da LiGay, ou seja, não se apresentam como times LGBTQIAPN+ quando jogam contra “times hétero”. Inclusive, o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ brasileiro, o Real Centro, de São Paulo, esteve “no armário” desde a sua fundação até recentemente, como um dos seus fundadores contou para o *Ge* em 2022 (Érica Hideshima; José Ambrósio; Marcos Guerra, 2022). Roberto (Bharbixas, 2018) acreditava que causa estranhamento, em homens hétero, gays jogando futebol.

Primeiro que é um choque pros homens hétero: “mas gay joga futebol?” Joga. Eles não aceitam porque sempre foi símbolo de masculinidade. E, aí, a maioria dos gays não jogavam por quê? Porque eles não se sentiam bem naquele meio, eram repreendidos, então, criou-se essa ideia de que gay não joga futebol. Quando eles veem gay jogando futebol: “mas gay joga futebol?” E quando joga, e vê que joga bem... E não adianta “ah, chuta forte igual homem, parece viadinho!” Não, viado também chuta forte! Viado também dá porrada, bate também. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que o ManoTauros jogou contra um “time hétero” que perdeu e ficou “puto”⁵⁸. Algumas pessoas acharam que tinha sido por preconceito de perder para um time gay, mas Ângelo (ManoTauros, 2018) achava que isso é ver preconceito onde não tem, e que o motivo de terem ficado com raiva é simplesmente por terem perdido. Ele contou rindo que o time marcou uma revanche, que as namoradas foram assistir, mas perdeu por um placar ainda mais alto.

Como um primeiro passo importante para a superação das dinâmicas de gueto e segregação, diversos times LGBTQIAPN+ têm participado de campeonatos convencionais – ou, como eles os chamam, “campeonatos hétero” –, entre eles, o Bharbixas e o ManoTauros. Sobre a entrada do Bharbixas em “campeonatos hétero”, Roberto (Bharbixas, 2018) comentou: “o fato deles jogarem esse campeonato municipal⁵⁹ aqui já é um outro passo, e eles falaram sobre isso, que a ideia é que o Bharbixas possa disputar torneios até hoje só de

⁵⁸ “Muito nervoso”.

⁵⁹ Challenge Pré Municipal, da Liga Fut7 Belo Horizonte.

héteros, uma copa, sei lá, um Corujão, uma Copa Itatiaia, quem sabe um dia”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que participar de campeonatos convencionais era uma forma de “furar a bolha” e tornar o futebol LGBTQIAPN+ mais conhecido. Segundo ele, essa é uma das propostas do Inconfidentes Pride, o time que havia fundado.

Ele é um clube voltado pra competições no geral, porque a gente viu uma necessidade, por exemplo... a gente já, às vezes, era mais conhecido fora da nossa cidade do que dentro. E isso torna-se que, no mundo gay, *existe uma bolha* sempre. Existe essa vivência só de times LGBTs que só convive com times LGBTs, e acaba que essa *vivência dentro da bolha* faz com que as pessoas não percebam esses times LGBTs. Então, o Inconfidentes Pride também foi criado pra que disputasse competições, em Belo Horizonte. Competições essas que são heteronormativas, de padrão heteronormativo. Então, a gente disputou diversos campeonatos. De ser reconhecido mesmo, pra falar: “olha, tem gays ali, que têm capacidade de jogar futebol, têm uma boa equipe”. *Sair da bolha*. Um dos objetivos era sair dessa bolha de só futebol LGBT. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) expressou a importância e a potencialidade da participação dos times de futebol LGBTQIAPN+ em campeonatos convencionais.

As “competições héteros” que jogamos foi de uma importância, para mim, muito grande, porque, quando o adversário ficava sabendo que era um time de gays, sempre tinha alguns para falar, “ih... time de viado... E viado joga futebol? Não. Então, é 3 pontos garantidos”. Só que, na hora do jogo, era outra história. Pelo ManoTauros, na minha passagem como presidente, ganhamos um torneio da UFMG. Ano passado, voltei a jogar um “campeonato hétero” na quadra do Ousadia Sport Center, série C. E, lá, foi uma das melhores experiências que tive, pois crescemos durante o campeonato e nos tornamos fortes até chegar à final contra uma forte equipe. Um jogo que não sai da minha memória. Até por tudo que aconteceu durante essa final. Um torcedor do adversário gritou para mim: “chuta nessa franguinha aí, que ela gosta de dar o cu!” Isso só me deu mais forças para fechar o gol e ainda ser eleito o melhor goleiro daquele série C. Tanto que no final falei: “a franguinha que gosta de dar o cu foi eleito a melhor goleira, beijos e aceitem” [risos] Um campeonato inesquecível. Hoje em dia, quando se fala “é um time LGBTQIA+”, não se tem mais a visão de que será fácil, porque mostramos que nós gays somos como todos os outros. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou que, inicialmente, houve uma resistência dos membros do Bharbixas em participarem de campeonatos convencionais, porque alguns deles tinham medo de serem agredidos. No entanto, ele acreditava que foi muito importante para o time dar esse passo.

A gente participou de alguns com muita relutância, porque as pessoas não queriam participar. Os meninos tinham muito medo de participar, de serem agredidos. E eu acho que isso foi muito bom pro Bharbixas, porque é nesse momento que existe uma evolução técnica muito grande. Existe uma escala de crescimento no nível técnico desses jogadores. E também, com isso, faz com que a gente sendo visto em campeonatos heteronormativos, tradicionais, outros jogadores que tavam ali, que

jogavam em equipes tradicionais, que não sabiam que existia um time LGBT, eles começam a vir com Bharbixas também. E isso ajudou muito no crescimento do Bharbixas, principalmente no crescimento competitivo, assim como equipe, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Contrariando a apreensão que alguns membros do time tinham, Lúcio (Bharbixas, 2023) contou que a equipe foi respeitada pelos adversários. Porém, o mesmo não aconteceu sempre em relação às outras torcidas.

Na questão de recepção, os outros times super respeitosos, foram todos muito respeitosos com a gente, jogaram de igual pra igual. Só que aconteceram episódios fora de quadra, né? A torcida tá assistindo, faz um comentário em alto e bom som pra gente ouvir, essas coisas e tal. Então, é um espaço que a gente conversou bastante pra ver se... “e, aí, gente, a gente vai *ocupar esse espaço?*” E, aí, a gente achou super válido. A gente achou *corajoso*. E é o que a gente precisa fazer mesmo. A gente tá ali é pra dar a cara a tapa, pra fazer as coisas mudarem, né? Então, a gente foi. Tivemos várias participações. A gente participou de mais de quatro campeonatos, eu acho, se não engano, cinco, se eu não me engano. E, vira e mexe, acontecia, infelizmente, algum comentário fora de quadra, né, alguma situação desagradável. Mas *a gente respondia com o futebol*. Então, a gente jogava lá *de igual pra igual* com os times, e o pessoal: “nossa, mas os viado jogam muito, os viado jogam bem” e tal. Aí, fala: “ah, é... pois é! É pra isso mesmo que a gente tá aqui, né, pra ficar...”, sabe? Então, a gente retrucava eles, mostrando o nosso futebol, mostrando que a gente também é pertencente nesse espaço, a gente também merecedor de estar ocupando esse espaço. E não é a nossa sexualidade que define a nossa competência técnica de estar ali, né? Então, é isso que a gente tentava imprimir ali nas participações nossas no campeonato e tal. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou de um caso em especial que se destacou negativamente durante as experiências do time.

A gente teve um caso lá, onde existe uma pessoa que tava alcoolizada, que a gente teve que chamar a polícia porque, realmente, ele tava passando dos limites. Mas foi o único problema que a gente teve em relação a isso. Era um torcedor de uma outra equipe que a gente tava jogando contra e tava bem alcoolizado. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

No entanto, Lúcio (Bharbixas, 2023) destacou que os membros do time não se sentiam à vontade para se comportar de forma espontânea, como nos campeonatos LGBTQIAPN+.

A gente não se comportava do... a gente não se sentia à vontade, né? E, aí, a gente também tinha a preocupação de até que ponto eu tar naquele espaço “hostil”, eu estaria levando uma dancinha ou um jeito mais gay de ser como ofensa pro outro. O outro poderia interpretar como uma ofensa ou um jeito que tá provocando o outro, né? Então, a gente ficava na nossa e a gente ia lá jogar o nosso futebol e mostrar que a gente era único e exclusivo pra mostrar o nosso futebol. A gente não tinha aquela alegria de estar ali ocupando igual a gente tem nos campeonatos LGBTs, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

A vitória em um “campeonato hétero” em especial é parte integrante da história que o futebol LGBTQIAPN+ está construindo em Minas Gerais. Trata-se da série C do campeonato de *fut7* do Ousadia Sport Center, ocorrido em Belo Horizonte, em 2022. Esse é um episódio muito importante porque 4 equipes belo-horizontinas – ManoTauros, Inconfidentes Pride, Felinos e Predadores – uniram-se para competir juntas pelo ManoTauros e levaram o troféu disputando contra 14 “times hétero”, segundo Cláudio (ManoTauros, 2023). O time ainda levou o prêmio de melhor goleiro, com a atuação de Eduardo (Figura 6).

Figura 6 – Taça de campeão do ManoTauros em “campeonato hétero”



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: Taça de campeonato dourada, com a figura de um jogador no topo. Na base está escrito: “Série C – CAMPEÃO”. Do lado esquerdo, está um troféu menor, de melhor goleiro. Ele tem uma base onde está escrito “GOLEIRO” e, acima dela, há a figura dourada de um goleiro fazendo uma defesa.

Essa vitória marca um processo de reconhecimento do futebol LGBTQIAPN+ por parte do circuito convencional do esporte em Belo Horizonte. Reconhecimento esse que já havia começado mesmo antes das conquistas dos campeonatos, à medida em que os times iam mostrando competência técnica, como apontou Lúcio (Bharbixas, 2023). Com isso, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que os demais times passavam a ter admiração pelos times LGBTQIAPN+.

O primeiro aspecto é sempre de piada, de piadas machistas, homofóbicas. Mas, quando realmente começa... sempre quando começa o jogo... é mais admiração. Sempre fica a questão de admiração, porque as pessoas acham que o gay não tem essa capacidade, que a pessoa LGBT não tem essa capacidade técnica, por exemplo, pra jogar futebol. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Segundo Cláudio (ManoTauros, 2023), o campeonato vencido pelo ManoTauros durou cerca de 3 meses. Ele acreditava que essa união dos times havia sido boa para todos: “todo mundo saiu ganhando, porque uma visibilidade muito grande participar dessa competição. Porque acho que nenhum time LGBT foi campeão de um campeonato tão extenso, referindo-se a outros times héteros”. Ele contou que o ManoTauros já havia participado apenas de torneios bem menores: “a gente, tipo, disputou torneios, assim, de poucas equipes [ênfase em ‘poucas equipes’]. Às vezes, era quatro, cinco equipes”. Cláudio (ManoTauros, 2023) estabeleceu uma comparação entre os campeonatos LGBTQIAPN+ e os “campeonatos hétero”.

Participar de campeonato gay e de hétero tem uma diferença muito grande. Quando cê vai pra campeonato gay, pode ser pequeno, pode ser grande, tem sempre a questão de disputa, mas é uma *questão de ego*. Quem é melhor... Então, assim, a maioria das vezes, a disputa é mais o ego de equipes, entendeu? Agora, o campeonato hétero não. As pessoas vão ali pra jogar, pra competir. Teve essa questão das pessoas desconfiar de questão de perder pra gay e tal. Sempre tinha essa conversa no vestiário. Agora, quando cê vai pra campeonato gay, as pessoas preocupam mais é com ego, com ser respeitado por ego mesmo. Tanto é que, nos campeonatos que tem... nacional, não tem uma premiação, assim, financeira, não tem nenhum retorno. Esse campeonato hétero já teve um retorno grande. Teve uma premiação financeira, ganho de prêmios, entendeu? Então, assim, há um reconhecimento maior nos campeonatos hétero. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

A avaliação do jogador aponta para um posicionamento crítico em relação aos campeonatos LGBTQIAPN+ e para uma valorização da participação em “campeonatos hétero” ao invés disso. De fato, o ManoTauros preferiu concentrar sua participação apenas em campeonatos convencionais depois do retorno da pandemia: “esse ano, nós ficamos de fora [do Champions LiGay] porque, como a gente priorizou esse campeonato hétero, a gente liberou os jogadores pra participar de outras equipes”.

Diego Jesus (2019) acredita que as competições gays são possibilidades de os atletas evidenciarem sua competência técnica, cuja descrença é o que mais afasta os gays de esportes como o futebol. Mas essas competições também servem como espaços de mobilização e articulação política. O autor fez uma análise da LiGay a partir da primeira edição do campeonato organizado por ela. Para isso, ele observou matérias divulgadas na imprensa, analisou os perfis da LiGay e dos times participantes no *Facebook* e também as transmissões

dos jogos realizadas por *streaming* na mesma mídia social. Analisando os jogos, ele identifica que as performances esperadas de jogadores de futebol, como agilidade e destreza, eram demonstradas pelas equipes. Wagner Camargo (2021) aponta que da 1ª para a 3ª edição, também houve um aumento do desempenho técnico das equipes: “as *performances* esportivas agregavam elementos táticos mais sofisticados, como triangulação para tabelar, gols em ângulos difíceis ou mesmo de bicicleta” (Wagner Camargo, 2021, p. 7). Ele também destaca como os jogos na 5ª edição do campeonato foram acirrados, mostrando grande concentração e desempenho dos jogadores, com a arbitragem sendo rigorosa nas marcações.

No caso do futebol transmasculino, Maurício Pinto, Raphael Martins e Heloisa Almeida (2021) destacam a importância para os jogadores de estarem com semelhantes para se sentirem seguros. Segundo os autores e a autora, os encontros do Meninos Bons de Bola (MBB) surgiram não apenas como um espaço para jogar futebol, mas também para realizar rodas de conversa, em que compareciam também familiares e namoradas dos jogadores. Os autores e a autora relatam que, após o primeiro encontro, os demais jogadores teriam dito ao fundador da equipe que aquele havia sido “o melhor domingo” para eles. O próprio fundador também define aquele dia como o melhor da sua vida. No entanto, apesar da segurança que estar apenas entre semelhantes proporciona, o MBB lutou para ocupar quadras públicas, enfrentando a oposição de pessoas incomodadas com a presença de seus integrantes. Além disso, a hostilidade não vem só de pessoas cis hétero. Maurício Pinto, Raphael Martins e Heloisa Almeida (2021) relatam que jogadores de times “LGBT” – mas compostos apenas por homens gays cisgênero – referiam-se aos jogadores do Meninos Bons de Bola no feminino em competições, demonstrando despreparo e desrespeito para lidar com a diversidade. Isso acabou ocasionando a saída do MBB dos campeonatos da LiGay. Eles não voltaram a participar nem mesmo com a criação da chave transmasculina na última edição do evento.

2.6.4 Futebol gay, futebol LGBT ou futebol LGBTQIA+?

Ao invés de falar “futebol gay”, que era o termo “oficial” utilizado naquele momento, Pedro (Bharbixas, 2018) gostava de usar o termo “futebol LGBT”. Entretanto, ele atribuía essa denominação apenas ao seu time, apontando que, nos demais clubes, o que se via era futebol gay mesmo. Para Ângelo (ManoTauros, 2018), “futebol LGBT” não era um termo correto, já que os campeonatos eram só para homens. Apesar do fato de que a maior parte das pessoas que participavam dos treinos do Bharbixas eram homens gays, Pedro (Bharbixas, 2018) explicou porque preferia o termo mais inclusivo.

Hoje existe uma preocupação pra que esse perfil mude. Então, a gente se define enquanto um time de futebol LGBT. E sempre que a gente vai divulgar as peladinhos de futebol, a gente faz questão de chamar todo mundo, chamar mulheres, homens... O nosso time tinha um homem trans. Ele, inclusive, ia ir pro campeonato, mas aí mudou pra São Paulo. A gente tem essa preocupação de tentar diversificar um pouco. Sair do padrão, não ser gay, gay, gay. Nós sempre tentamos reafirmar, toda vez que falar sobre o Bharbixas, que é um time de futebol LGBT. A gente sempre bate no LGBT. Inclusive, divergências internas mesmo, de às vezes alguém soltar um gay num *post* no *Facebook* sem querer, a gente vai lá e corrige: “não, LGBT”. Porque, por mais que nós não tenhamos a representatividade de pessoas trans jogando com a gente, de mulheres lésbicas jogando com a gente num número grande, a gente quer que essas pessoas se sintam confortáveis pra virem jogar, então o mínimo que a gente faz é usar a terminologia correta, sabe? Não vamos excluir logo de cara já na terminologia. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Para exemplificar a preocupação do time, ele falou sobre a comemoração do título do 1º Champions LiGay.

Inclusive, quando a gente ganhou o campeonato lá no Rio de Janeiro, na hora de buscar nossa bandeira, a gente fez o desfile trazendo junto com a gente a bandeira do orgulho gay, a bandeira do orgulho transexual, a bandeira do orgulho bi. Eu acho que de todos os times que tem no Brasil, nós somos os mais preocupados com relação a representatividade. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Ele contou que já haviam pensado na possibilidade de montar um time misto (com homens e mulheres), mas as regras das competições não permitiam, naquele momento, esse formato.

As competições que existem hoje, que são a LiGay e a Taça Hornet, o regulamento delas é muito específico com relação a homens gays ou bissexuais poderem participar, e quem faz o regulamento das competições não somos nós. Então, assim, a gente não consegue mudar isso. Existe o interesse inclusive da gente criar um campeonato, a gente organizar ele aqui, que seja uma coisa aberta, seja misto. Mas no modelo que existe hoje, as competições das quais a gente participa não abrem pra outro modelo. Mas, nas nossas peladas, a gente tem treinos abertos, que são peladinhos mesmo, e é aberto pra todo mundo. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre esse tipo de regulamento: “o esporte tem muito disso, né? [separação entre masculino e feminino] Eu, pelo menos, não conheço um esporte que, nas categorias profissionais, seja misto”. Nas últimas Olimpíadas, houve algumas poucas competições mistas, mas não no campo do futebol. Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) explicam que a divisão por gênero relaciona-se ao pressuposto de dar igualdade de oportunidades para as competidoras e competidores. No entanto, essa lógica acaba sendo excludente a corpos trans, que ficam à margem dessa separação binária e têm frequentemente o acesso à categoria relacionada ao gênero com que se identificam barrada.

O principal argumento utilizado na regulação dos corpos trans nas competições esportivas tem a ver com a suposta superioridade das mulheres trans em relação às cisgênero, o que se daria devido à maior taxa de testosterona presente nesses corpos, considerados masculinos e, portanto, de desempenho superior. (Julian Silvestrin; Alexandre Vaz, 2020, p. 159)

Os autores afirmam que essa lógica não apenas descarta a variedade dos corpos trans, mas também não reconhece a variação dos próprios corpos cis. Mariane Pisani e Claudia Kessler (2022) destacam que, quando aceitos nas práticas esportivas, esses corpos passam por intenso controle dos níveis hormonais para provar que eles se encontram em um grau de “normalidade”. Elas nos lembram de que esse processo também se estende para pessoas intersexuais. Mas esse impedimento da participação trans no esporte se dá muito mais em relação a mulheres trans. É que, de forma contrária, acredita-se que, por não terem sido submetidos a um alto grau de testosterona antes da transição, os homens trans acabariam se tornando “mais fracos” do que os homens cis. Como nos lembram Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020), os corpos de homens trans podem, ainda, ter que enfrentar desafios adicionais durante a prática esportiva, como o uso de fitas ou faixas (*binders*) para comprimir os seios, que pode acabar limitando movimentos.⁶⁰ É possível que a solicitação dos times transmasculinos para jogarem em uma chave separada também passe por essas questões, além da discriminação que já sofreram nos campeonatos (Wagner Camargo; Flávio Amaral, 2022) e, obviamente, a questão identitária. Na verdade, Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) nos lembram de como os homens trans têm sua trajetória no futebol dificultada desde a infância. Primeiro pela prática desse esporte ser negado a “meninas”. Depois, por não se encaixarem mais em times de mulheres após iniciarem a transição.

Pedro (Bharbixas, 2018) também lembrou da questão da inviabilização dos homens bissexuais no futebol LGBTQIAPN+: “a questão da visibilidade bissexual é uma coisa levantada várias vezes, porque existem homens bis que jogam com a gente. E, assim: a gente sempre traz a questão da visibilidade bissexual. Tipo: ‘ah, ô, lembra que eles existem’. Nós não estamos só entre gays aqui”. Dos jogadores entrevistados neste trabalho, apenas Roberto (Bharbixas, 2018) se apresentava como bissexual.

Distanciando-se dessas discussões identitárias, Roberto (Bharbixas, 2018) acreditava que o termo ideal seria “futebol inclusivo”, porque a luta por inclusão não seria apenas dos

⁶⁰ Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) nos lembram de que a transição de gênero não é definida por procedimentos cirúrgicos ou tratamentos hormonais. Nos times transmasculinos, há corpos diversos, mastectomizados ou não, hormonizados ou não, etc.

gays, nem apenas das pessoas LGBTQIAPN+, mas também das mulheres. No entanto, ele esperava outra coisa do futuro: “eu sonho com um dia que a gente vai se chamar só de ‘futebol’ e a gente vai ter todos os times disputando independente de orientação sexual. Igual o Bhabixas tá disputando um campeonato municipal em Belo Horizonte majoritariamente hétero. É o único time gay do campeonato”.

Analisando o 1º Champions LiGay, Diego Jesus (2019) destaca que, na torcida, havia homens e mulheres cisgênero, a maioria delas não heterossexual, mas também pessoas trans, travestis e drag queens. Essas últimas, inclusive, comandavam a narração dos jogos. A torcida portava bandeiras do arco-íris. Mas o autor aponta como esses times visavam a inclusão apenas de homens gays.

No entanto, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis e *drag queens* não se mostram igualmente representados na composição de times – dos quais frequentemente são ausentes – ou mesmo nas torcidas. Alguns poucos desses outros LGBTs parecem estar muitas vezes relegados a posições marginais ou auxiliares na realização do campeonato da LiGay ou servir como “mascotes” das agremiações. (Diego JESUS, 2019, p. 339)

Também Wagner Camargo (2021) afirma que mulheres, pessoas trans e drag queens apenas “orbitavam às margens” do evento. No entanto, o termo “mascote”, usado por Diego Jesus (2019), soa-me um tanto ofensivo. O time do Bhabixas, por exemplo, era sempre acompanhado por uma drag queen chamada Eva D’Genesis. Apesar de não ser uma jogadora, ela era tratada como parte integrante da equipe. O termo “mascote” relega pessoas como essa a uma categoria subalterna, quando, na verdade, elas também têm um papel muito importante e ativo dentro do futebol LGBTQIAPN+ enquanto manifestação cultural. Nesse aspecto, Wagner Camargo (2021, p. 8) nos lembra de que “a relação entre *drag queen* e ‘homens gays’ é antiga e sempre habitou o universo da noite, ao menos em casas noturnas. É um corpo que exagera em ações, falas, atos e roupas, mas que, ao entreter, também faz pensar. Nesse sentido, a atuação das *drags* é política e consequente”. De todo modo, além da falta de representatividade dentro da sigla LGBTQIAPN+, Diego Jesus (2019) observa que havia questões de raça e classe importantes que perpassavam o campeonato.

A partir da observação dos perfis, no *Facebook*, da LiGay e dos times que participaram do seu campeonato brasileiro em 2017, foi possível perceber que a maioria dos atletas é composta por homens cisgêneros, de classes média e alta e brancos ou pardos, sendo bastante escassa a participação de negros. Ainda que o discurso colocado pela própria LiGay seja o de “aceitar a todos”, percebe-se pelas próprias fotos postadas no perfil da LiGay e dos times que a maior parte dos jogadores adequa-se predominantemente aos padrões estéticos de corpos másculos e viris, ainda que muitas vezes apareçam em poses tipicamente associadas a homens

“afeminados”, portanto acessórios com as cores do arco-íris, vestindo saias ou usando faixas de misses. Isso fica claro na foto do Bharbixas, postada pela LiGay, no contexto de sua vitória na competição de 2017 – com o “close certo”⁶¹, segundo a própria Liga. (Diego JESUS, 2019, p. 335)

A análise de Diego Jesus (2019) evidencia que, mesmo quando a manifestação de gênero tradicionalmente ligada ao masculino era subvertida, ainda assim, diversos elementos ligados à masculinidade hegemônica ainda se mantinham. É o caso da cisgeneridade, da branquitude, do privilégio socioeconômico e também da estética corporal, jovem e máscula. Vimos na Seção 2.3.5 (p. 70) como alguns desses marcadores se aplicam ao Bharbixas, citado pelo autor. Wagner Camargo (2021), falando da 5ª edição do Champions LiGay, aponta para uma tensão e uma disputa entre diferentes futebóis, ligados a variações nessas vivências de gênero e de outros eixos de opressão. Ele dá, como exemplo, a presença de uma equipe com jogadores mais pobres, que parecia encarar o evento com muita seriedade.

[...] a equipe, que era novata e que o técnico e a assistente técnica passavam um sermão após a desclassificação na semifinal em Belo Horizonte, contava com jogadores aparentemente muito simples, com meias surradas, uniformes de tecido baratos e chuteiras velhas ou tênis esgarçados. A pressão que ouvi sendo exercida sobre o grupo por uma desclassificação numa competição quase que “de várzea” mostra que o entendimento não é único, muito menos homogêneo, para as pessoas que dela participam. Mesmo nesse lugar, o futebol parece exercer a influência de “esperança” de uma vida melhor, a partir dos espaços de acontecimentos. (Wagner Camargo, 2021, p. 10-11)

Wagner Camargo (2021, p. 5) também ressalta que o 1º Champions LiGay “foi marcado pelo estereótipo do ‘macho’ brasileiro futebolista, com características vinculadas a uma ‘masculinidade hegemônica’, na qual predomina a disciplina, o domínio de si, a força e a virilidade”. Diego Jesus (2019) ressalta, porém, que mesmo sendo um grupo de homens cisgêneros majoritariamente brancos, esses privilégios não impedem que essas pessoas sofram preconceito. Por isso, era difícil, por exemplo, conseguir patrocínio para os times. Isso fazia com que, na maioria das vezes, as despesas com uniforme, viagens, etc. tivessem que vir dos próprios jogadores. Essa situação acabava sendo mais um dos motivos para que esses times fossem compostos apenas por homens de classe média e alta, excluindo pessoas de baixa renda dessa configuração. Para o autor, todo esse modelo acaba mantendo a lógica de hegemonia de homens sobre mulheres e outros homens.

⁶¹ “Dar *close*” é uma gíria que significa fazer algo que chame a atenção das outras pessoas para si. “*Close certo*” significa fazer isso adotando um posicionamento considerado correto.

Ainda que continue estimulando a geração de espaços de identificação entre pessoas que dividem experiências de opressão, a LiGay ainda não parece se mostrar aberta a toda a população LGBT e ser receptiva a todas as diferenças em termos de identidade de gênero e orientações sexuais. [...] Ainda que venha cumprindo um papel importante em termos da desestabilização da ideia de que “futebol é coisa para macho”, a LiGay já conseguiu mostrar que o esporte também pode ser para os “manos que curtem outros manos”, mas ainda avançou muito pouco no que diz respeito à inclusão das “manas” e das “monas”. (Diego Jesus, 2019, p. 340)

Diego Jesus (2019), portanto, apresenta um posicionamento cético e crítico em relação às possibilidades trazidas, naquele momento, pelo futebol LGBTQIAPN+ – chamado, então, de “futebol gay”. O autor nos lembra de que avanços também sempre vêm acompanhados de resistências, e o processo de conquista de espaços é sempre disputado por diferentes eixos de poder. No entanto, Wagner Camargo (2021) aponta que mudanças positivas ocorreram desde a 1ª edição do Champions LiGay. O autor realizou uma etnografia na 1ª, na 3ª e na 5ª edições do campeonato. Segundo ele, com o passar das edições, começaram a participar mais pessoas trans e não brancas. O autor destaca que, apesar de mais pessoas trans terem aumentado sua presença nas edições seguintes da LiGay, parte delas também foi criando circuitos paralelos de competição. Como dissemos anteriormente, na Seção 2.1.1 (p. 22), na 6ª edição do campeonato, passou a haver uma disputa paralela apenas para times transmasculinos, abrindo um espaço muito mais significativo para esses sujeitos na LiGay, apesar de gerar uma segregação interna entre os competidores. É curioso que, antes de a LiGay fazer a transição do “futebol gay” para o “futebol LGBTQIA+” – termo que passou a ser usado oficialmente –, Wagner Camargo (2021) enxergou que isso estava para acontecer ao etnografar a 5ª edição do campeonato.

Do primeiro campeonato ao último em fins de 2019, muita coisa mudou, outras formas corporais apareceram e outras enunciações de gênero surgiram. Arrisco dizer que do futebol *gay* houve um *shift* (mudança), que ainda está em processo, para um futebol LGBT, pluralizando as vozes e mesmo ampliando a representatividade das expressões de gênero [...] (Wagner Camargo, 2021, p. 11)

Além disso, Wagner Camargo (2022, p. 39) acredita que, “com a popularidade do fenômeno e a explosão midiática de reportagens sobre times, jogadores e suas histórias, a expressão vai ganhando visibilidade e, portanto, os discursos começam a mudar para a questão da representação”. Esse seria outro aspecto que, para o autor, estaria relacionado com a mudança de “futebol gay” para “futebol LGBT”. O autor também conseguiu perceber a gestação desse discurso entre os próprios jogadores durante sua observação participante na 5ª edição do Champions LiGay.

Assistindo aos jogos, frequentando os vestiários, observando a composição das equipes (tanto antigas quanto as novas) foi possível perceber uma maior pluralidade étnica (mais pretos e pardos do que em edições anteriores), mais expressões de gênero (as pessoas trans se fazem presente em maior número), maior representação em termos de classes sociais e, principalmente, o discurso é outro: ouvi muita gente defendendo um *futebol LGBT* inclusivo. (Wagner Camargo, 2022, p. 41, grifo do autor)

No entanto, como vimos na Seção 2.1.1 (p. 22), esse é um processo que ainda está longe de se concretizar, principalmente devido à ausência de mulheres na competição. Lúcio (Bharbixas, 2023) participa do Champions LiGay desde a primeira edição e preocupa-se com a diversidade no campeonato. Ele é o fundador do Bharbixas, time que sempre defendeu a ideia de um futebol “LGBT” e a participação feminina nas equipes. No entanto, até ele tinha dificuldade de saber lidar com o formato da liga, mesmo no momento em que ela já se definia como de “futebol LGBTQIA+”.

Eu joguei a LiGay, agora... Como a gente tá sem time, né, masculino pra jogar... an... é... eu não sei nem como que eu classifico... não é um time única e exclusivamente masculino, né, é um time que joga na... na liga LGBT, né? Então, a gente tá sem esse time por enquanto. Então, eu joguei pelo Felinos, a LiGay e tudo. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) me relatou ter registrado, até hoje, a participação de apenas duas pessoas do gênero feminino nas edições nacionais do campeonato. Uma delas é membra do Bharbixas e, segundo Lúcio (Bharbixas, 2023), é trans e lésbica. A outra, seria uma ex-membra do Natus (SP) e atual membra do Real Centro (SP). No entanto, por um levantamento que fiz posteriormente, essa segunda pessoa não se definia como mulher. Isso pôde ser constatado a partir de uma consulta ao perfil do *Facebook* dela. Essa jogadora tem aparência e nome feminino, e também é tratada no feminino. Por isso, a manifestação de gênero dela pode levar a um entendimento equivocado sobre a sua identidade de gênero, como ocorreu com Lúcio (Bharbixas, 2023). No entanto, ela se definia como “gay” e como “viado”. Nesse caso, a membra do Bharbixas é, de fato, a única mulher cuja participação nas edições nacionais da LiGay pôde ser identificada.⁶²

⁶² Considero que o relato do Lúcio (Bharbixas, 2023) foi o mais adequado que esta pesquisa conseguiu obter sobre esse tema. Primeiro porque essa é uma preocupação dele e, portanto, algo para o qual ele se encontrava atento. Segundo porque a atual presidência da LiGay não parecia ter dados precisos sobre esse tema: o presidente havia me dito que na 6ª edição do campeonato não houve jogadoras mulheres. No entanto, pude verificar tanto pelo depoimento de Lúcio (Bharbixas, 2023) quanto por postagens do *Instagram* no dia do evento, que a membra do Bharbixas supracitada esteve presente nessa edição.

Essa jogadora começou a participar do campeonato a partir da 3ª edição, quando os times ainda eram chamados de “gays”, e o regulamento previa explicitamente a participação apenas de homens gays e bissexuais. Segundo Lúcio (Bharbixas, 2023), apesar do regulamento restrito, não houve nenhuma repreensão ao time por ter levado uma jogadora mulher para o campeonato. Com a participação dessa membra do Bharbixas, Lúcio (Bharbixas, 2023) se orgulha de o seu time ter sido responsável pela concretização da sigla “LGBT” no campeonato – já que, segundo ele, ela é trans e lésbica. Na 6ª edição do Champions LiGay, os times passaram a ser chamados de “LGBTQIA+” e a possibilidade de participação de qualquer pessoa não cisheteronormativa se tornou institucionalizada. Mas a participação feminina não aumentou. Apenas essa mesma jogadora esteve presente novamente, dessa vez jogando pelo Felinos (MG), pois o Bharbixas não participou da edição. Segundo a presidência da LiGay, apenas três times tiveram técnicas mulheres no 6º Champions LiGay, um número baixo em relação à tendência dos times de escolherem mulheres para essa função no início dos torneios.

Pedro (Bharbixas, 2018) acreditava que o cenário do futebol para lésbicas, dentro do futebol de mulheres⁶³, é muito diferente do cenário que os gays têm no futebol de homens.

Eu acho que o futebol lésbico, por exemplo, sempre existiu. É muito fácil cê encontrar uma mulher lésbica que tenha a turminha de pelada dela, e que vai jogar, e que a maioria das mulheres que jogam junto com ela são mulheres lésbicas. Por mais que tenham muitas mulheres hêteros jogando também. Tipo assim, o espaço da mulher lésbica no futebol é ridiculamente minúsculo, mas, se comparado ao futebol gay, ele já existe, pelo menos. (Pedro, Bharbixas, 2018)

De fato, segundo Carmen Rial (2023) mulheres lésbicas, juntamente com negras e pobres, estiveram entre as que mais atuaram no ressurgimento do futebol de mulheres após a prática do esporte se tornar legal novamente, em 1979. Para Pedro (Bharbixas, 2018), por causa disso, o futebol LGBTQIAPN+ não faria o mesmo sentido para lésbicas que faz para gays.

Inclusive, tem até uma dificuldade que a gente tem, por exemplo, que a gente queria chamar as nossas amigas lésbicas pra jogar com a gente. E, aí, a preocupação do

⁶³ Autoras como Carmen Rial (2021), Caroline Almeida e Thaís Almeida (2020) e Mariane Pisani e Claudia Kessler (2022) preferem os termos “futebol de mulheres” e “futebol de homens” aos termos “futebol feminino” e “futebol masculino”. Isso porque não há diferença constitutiva entre os dois futebolis, apenas a distinção entre quem os pratica. Roberto (Bharbixas, 2018) compartilhava da mesma opinião: “por que ‘futebol feminino’? Ninguém fala ‘futebol masculino’, todo mundo que refere ao futebol como ‘futebol’. Só que quando você falar de mulheres é o ‘futebol feminino’. Mas é o futebol, no fim das contas”. Na banca de qualificação deste trabalho, fui perguntado se não seria melhor falar também em “futebol praticado por pessoas LGBTQIAPN+”, ao invés de “futebol LGBTQIAPN+”. Entretanto, acredito que o caráter identitário e político desse movimento faz com que ele, de fato, tenha diferenças em relação ao futebol cisheteronormativo.

homem gay no futebol é que ele não tem espaço, né? Não é um lugar nosso. A gente não deveria tar ali. A questão das lésbicas é um pouco diferente. É tipo assim: toda mulher que joga futebol é pressupostamente lésbica, sabe? Então, tem um estereótipo diferente. As mulheres que jogam futebol, tanto as que são lésbicas quanto as que não são lésbicas, lutam é pra falar assim: “olha, futebol não é coisa de lésbica, futebol é coisa de quem quiser jogar”. E, aí, tem essa certa dificuldade. A gente tinha pensado até em montar um time de futebol lésbico, chamar elas pra montar um time pra participar de competições também. Só que é muito difícil cê montar um time lésbico por essa questão que eu falei. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Por mais que Pedro (Bharbixas, 2018) e Ângelo (ManoTauros, 2018) discordassem na maioria dos pontos sobre os quais conversamos, nesse, em específico, eles tinham a mesma interpretação.

Jogar futebol, pra homem, é falar: “olha, eu sou gay e jogo futebol” É um orgulho, né? Pras lésbicas não seria. No geral [ênfase em “no”], as lésbicas não montariam um time lésbico de futebol. Porque esvai exatamente o estereótipo que elas querem combater. Enquanto nós gays tamo querendo combater que: “olha, gay joga futebol sim”. Tanto é que temos um time gay, né? As lésbicas vão ao contrário, ela fala: “olha, não é porque eu jogo futebol que eu sou lésbica”. Então o estereótipo dela é o contrário. Acho que elas não se enquadraria nesse perfil de ter um time exclusivamente lésbico pra jogar. Pra mim, é um time gay, porque qualquer outra dessas siglas não se encaixaria, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

É importante destacar que essas são opiniões de homens sobre mulheres lésbicas, tentando refletir sobre o interesse ou não delas pelos times LGBTQIAPN+. Seria necessário um estudo sobre a perspectiva delas para saber se, de fato, essas visões correspondem ou não às delas. Outro ponto é que Carmen Rial (2021) afirma que a presença de lésbicas no futebol de mulheres não significa uma inclusão plena dessa identidade no esporte, isso porque há um silenciamento sobre a orientação sexual das jogadoras: “a orientação sexual, que, se não predomina, é muito presente entre as jogadoras, ainda é silenciada”⁶⁴ (Carmen Rial, p. 251, tradução minha).

De todo modo, acontece que ambos os times viriam a ter equipes femininas de futebol. Eu acompanhei o primeiro treino da equipe do Bharbixas, ocorrido alguns meses depois da minha conversa com Pedro (Bharbixas, 2018). O espaço em que estávamos contava com duas quadras, uma menor, em que ocorreu o treino feminino, e outra maior, em que ocorreria o treino masculino. A da equipe feminina me pareceu inferior. Era em um local mais escondido, aparentemente abaixo do nível da outra quadra, e escuro. Havia doze jogadoras. A coisa que mais chamou minha atenção no treino feminino foi que ele foi completamente conduzido por membros do time masculino do Bharbixas. Foram eles que organizaram o

⁶⁴ Do original: “la orientación sexual, que si no predomina es muy presente entre las jugadoras, todavía es silenciada”.

treino, que conduziram o aquecimento, que abriram a primeira partida, que comandaram o encerramento e tiraram a foto final (Figura 7). Pareceu-me uma relação paternalista. Fiquei pensando até que ponto cabia um time feminino num clube formado, na prática, para que homens gays jogassem futebol. O time era aberto para mulheres de qualquer sexualidade. Entretanto, uma membra da equipe me disse, alguns meses depois, que apenas ela e uma amiga eram heterossexuais, e todas as demais jogadoras eram LGBTQIAPN+. De todo modo, pude perceber um grande incentivo aos times femininos. O primeiro treino do time do Bharbixas que eu presenciei contou com bastantes torcedores. Na 5ª edição do Champions LiGay, também havia muita torcida pelos times femininos.

Figura 7 – Registro do primeiro treino do time feminino do Bharbixas



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Um grupo de jogadoras posa para uma foto em uma quadra com piso de madeira. Elas estão de costas. Quase todas parecem ser jovens, mas a que está mais à direita aparenta ser mais velha que as demais, tendo cabelo grisalho. À frente delas, quem tira a foto são alguns membros do time masculino do Bharbixas.

Atualmente, há dois times exclusivamente femininos filiados à LiGay, o Joga Miga e o Vila Mogi. O Joga Miga surgiu em São Paulo, em 2015. O Vila Mogi foi criado em 2021, também em São Paulo. Nenhuma das duas equipes se define como exclusivamente LGBTQIAPN+. Apesar de outros times filiados à LiGay também terem equipes femininas, eles são listados apenas como “masculinos” no site da LiGay (LiGay, 2022). Como vimos no caso do Bharbixas, bem como na chave feminina da 5ª edição do Champions LiGay, não

necessariamente os times “femininos” são compostos apenas por pessoas LGBTQIAPN+. Nesse sentido, talvez faça mais sentido a existência de times femininos abertos à diversidade sexual e de gênero do que exclusivamente “lésbicos” no espaço do futebol LGBTQIAPN+.

De toda forma, somando-se a quase ausência de participação feminina no Champions LiGay ao fato de que a participação transmasculina passou a se dar de forma totalmente separada, os demais times “LGBTQIA+”, na prática, continuam sendo tão “gays” quanto antes. Um esforço de inclusão oficial foi iniciado a fim de abrir mais espaço para a pluralidade, mas ele ainda é, em grande parte, apenas discursivo. Nesse aspecto, a LiGay como um todo me remete ao próprio perfil do Bharbixas, no que diz respeito a classe: o time está aberto, incentiva, mas não aparecem pessoas de periferia e, quando aparecem, não ficam. Isso também me remete à pesquisa que fiz anteriormente (Vanrochris Vieira, 2021b), com um grupo de militância LGBTQIAPN+ que praticamente só contava com gays, porque outras pessoas não queriam participar. Parece-me que o que faz com isso aconteça em todos esses casos é o fato de que, apesar do discurso de inclusão, outros sujeitos podem não estar se sentindo à vontade nesses espaços porque tais espaços podem não estar dizendo sobre eles. Não adianta dizer que está aberto, é preciso fazer as mudanças internas necessárias para acolher. Nesse aspecto, talvez a LiGay – e o Bharbixas – ainda tenham um caminho difícil a percorrer. No entanto, é possível que muitos times não tenham interesse em incentivar a presença de mulheres e pessoas trans nas equipes por considerarem que elas os tornariam menos competitivos.

Atualmente, o ManoTauros se declara um time LGBTQIA+, e o Bharbixas se define como uma equipe poliesportiva LGBTQIAP+ – uma vez que, além do futebol, também surgiram equipes de vôlei, handebol, dança e rúgbi. Já o Elite (MG) se declara um time trans – assim como o Meninos Bons de Bola (SP). Dessa forma, vê-se que os antigos “times gays” migraram, ainda que somente na nomeação, para “times LGBTQIA+”. Mas os times transmasculinos não mudaram sua configuração – nem mesmo na nomeação.

Gostaria de fazer um exercício de como esse movimento poderia estar acontecendo de outras formas. Irei desenvolvê-lo não como uma sugestão, mas como uma reflexão sobre os limites do projeto que existe atualmente. Diferentemente da proposta atual, o futebol LGBTQIAPN+, então visto como uma categoria única, poderia ser encarado de uma forma mais plural, pensando-se em *futebóis LGBTQIAPN+*. Entre esses *futebóis*, poderia estar o *futebol de*

*homens gays, bi, pan e assexuais*⁶⁵ e o *futebol transmasculino*. Eventualmente, entre esses futebóis, poderia vir a surgir também uma participação mais plena de mulheres, se houver demanda para isso, com um *futebol de mulheres lésbicas, bi, pan e assexuais* e um *futebol transfeminino*, por exemplo. Além dessas modalidades exclusivas, poderia haver, finalmente, um *futebol LGBTQIAPN+ misto*. Este sim poderia ser composto por quaisquer pessoas LGBTQIAPN+. Mas, enquanto o futebol gay veste a capa de “futebol LGBTQIA+”, um futebol misto continua sem existir.

Faz-se necessário refletir também sobre a forma como os trabalhos acadêmicos que vêm sendo desenvolvidos nesta área, inclusive esta própria tese, têm nomeado esse futebol. Como vimos no Capítulo 1 (p. 12), seguindo a tendência da própria autonegação desses times, as pesquisas que vêm sendo realizadas têm se referido a esse futebol a partir de siglas cada vez mais inclusivas, como “futebol LGBTQIAPN+”, termo adotado nesta tese. No entanto, é possível refletir se essa não seria uma falsa nomeação para um futebol que ainda é um “futebol gay”. A tendência dessas pesquisas é justamente dar visibilidade à presença de identidades múltiplas nesse futebol, como a de homens trans, que têm ocupado cada vez mais esse espaço. Além deles, por mais que apenas uma jogadora tenha participado das competições nacionais da LiGay, ela (r)existe nesse quadro e também é parte do movimento estudado.⁶⁶

Ademais, pensando no futebol LGBTQIAPN+ como um “futebol identitário”, em oposição ao futebol convencional, é possível questionarmos até que ponto o primeiro tem sido, até então, realmente diferente do segundo. O futebol LGBTQIAPN+ traz a potencialidade de introduzir mudanças significativas na prática desse esporte, mas isso não quer dizer que elas estejam necessariamente se concretizando.

2.6.5 A ocupação dos espaços

Em junho de 2018, o Bhabixas comemorou seu aniversário de 1 ano no Mineirão⁶⁷. Lúcio (Bhabixas, 2023) explicou como surgiu o convite para a realização do evento, que veio

⁶⁵ Há que se notar que o nome “futebol gay” já é, em si, excludente, por invisibilizar os homens bi, pan e assexuais que participam das equipes. Seria possível falar em “futebol masculino não heterossexual”, mas seria um termo formado de maneira negativa, não dando visibilidade às identidades representadas.

⁶⁶ Esse questionamento é uma preocupação compartilhada com o Professor Wagner Camargo, que também tem adotado o termo “futebol LGBTQIAPN+” em suas pesquisas. Tivemos a oportunidade de debater sobre esse tema na banca de defesa desta tese.

⁶⁷ O Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) é um estádio público, administrado através de uma parceria público-privada entre o Governo do Estado de Minas Gerais e o consórcio Minas Arena. Fica ao lado

depois da vitória do time no 1º Champions LiGay, bem como de que maneira ele foi planejado.

O Mineirão entrou em contato com a gente. Todo ano, eles fazem alguma ação ali do mês do orgulho LGBT. Então, eles entraram em contato com a gente. A gente tava nesse boom midiático, né, do campeonato e tudo. E, aí, a gente sugeriu, então, de fazer uma partida de futebol entre a gente e os outros times que seriam convidados. A gente convidou vários times que puderam vir, né, porque, às vezes, é muito distante e fica custoso a questão de passagens aéreas, que a gente sabe que não é barato, estadia e tudo. Mas as pessoas dos outros times que conseguiram vir, a gente fez, então, um grupão, aí, dos outros times, e jogamos, fizemos a partida do Bharbixas contra essa seleção. Outra seleção que aconteceu de jogadores. Não diria seleção, né, porque ninguém foi [voz de riso] selecionado. A gente só convidou todo mundo. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021a), discuti sobre os significados desse evento do ponto de vista da ocupação da cidade, que também abordarei a seguir. Eu acompanhei o evento junto com o Ângelo, membro do ManoTauros. Ângelo não jogou, porque houve um sorteio para definir um número específico de jogadores do ManoTauros que participariam da partida. Mas, para ele, o futebol era a última preocupação nesse evento. Ele comparou o aniversário do time com a divulgação da última edição da Taça Hornet, em que a festa teria sido muito mais destacada do que o próprio campeonato.

Nesse evento de aniversário do Bharbixas, “vários elementos apontam para uma apropriação específica, criativa e transformadora do Mineirão, que se destacava justamente pelo seu caráter de exceção, de fuga à regra” (Vanrochris Vieira, 2021a, p. 132). Foram colocados, na entrada do estádio, balões nas cores do arco-íris (Figura 8). Havia um palco voltado para a arquibancada, na lateral do campo, tocando músicas *pop* e funk, como Anitta e Pablio Vittar (Figura 9). Apenas um setor da arquibancada estava fechado para o evento, mas, ainda assim, aparentava estar bastante vazio. Havia dois telões, um de cada lado do estádio, passando a marca do Bharbixas e dos patrocinadores. Chegamos alguns minutos antes de o jogo começar, e os times estavam fazendo aquecimentos treinando toques de bola. Logo em seguida, eles começaram a partida. Como explicou Lúcio (Bharbixas, 2023), o jogo era do Bharbixas versus um time composto por membros de diversas equipes do país convidadas, referenciado como “seleção da LiGay”. O Bharbixas estreou um uniforme novo no evento e mandou produzir um uniforme para os visitantes.

da Lagoa da Pampulha, ocupando a mesma região que o Complexo Arquitetônico da Pampulha, elaborado por Oscar Niemeyer. Cruzeiro e Atlético têm mando de campo nesse estádio. Fundado em 1965, o Mineirão tem capacidade para 61.927 torcedores, sendo o 5º maior estádio do país. Em 2013, foi reinaugurado depois de uma reforma voltada para a realização da Copa do Mundo de 2014.

Figura 8 – Entrada do Mineirão no dia do aniversário do Bharbixas



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Entrada do Mineirão enfeitada com balões nas cores da bandeira LGBTQIAPN+.

Figura 9 – Jogo comemorativo acontecendo por trás do palco



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Vista do jogo acontecendo ao fundo. Porém, entre o fotógrafo e o campo, encontra-se um palco para o show que ocorreria mais tarde.

Boa parte da torcida estava envolvida no jogo e gritava contra e a favor dos lances. Um rapaz disse para os colegas: “aproveita que é hora de vocês gritarem no Mineirão igual bicha”. Alguns jogadores dançavam e cantavam as músicas que estavam tocando enquanto o jogo acontecia. Houve uma apresentação de um time de *cheerleaders* no intervalo da partida. O segundo tempo terminou empatado em 1 a 1, e houve prorrogação, com 1 gol a favor do Bhabixas desempatando o placar.

Figura 10 – Primeiro show começando no Mineirão



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Artistas se apresentando em um palco com bastante fumaça. Muita gente no gramado do Mineirão, próximo à arquibancada, onde o palco estava posicionado.

Depois do jogo, a arquibancada foi aberta para que os torcedores descessem para o entorno do palco. Havia música alta e um local vendendo cerveja, e o enquadramento do evento passou a ser de festa (Figura 10). A partir daí, o espaço foi enchendo cada vez mais, pois muitas pessoas não haviam chegado mais cedo para ver o jogo, e foram apenas para essa parte do evento. Esse fato evidencia um interesse maior de parte do público na festa do que no futebol propriamente dito. A maioria dançava e cantava as músicas que estavam tocando. Havia casais se beijando e andando de mãos dadas. Fiquei no local até o início do primeiro show. No momento em que eu deixava a lateral do campo, o cantor, que é negro, puxava: “as gay, as bi, as trans, as sapatão, tá tudo com as preta ocupando o Mineirão”. Mas a ocupação

não foi completamente democrática, já que o evento não foi aberto: houve venda de ingressos. Esse caráter mercadológico se reflete na relativamente baixa ocupação do estádio – especialmente durante o jogo – em relação à capacidade do local. Ao anoitecer, o Mineirão foi iluminado com as cores do arco-íris.

É impossível não identificar a importância histórica que esse evento teve em relação ao futebol e à diversidade sexual no país. Pela primeira vez, um estádio que sediou a Copa do Mundo foi ocupado por jogadores gays e também por um público LGBTQIAPN+ que pôde expressar sua sexualidade de forma livre nesse espaço. Porém, um dos pontos a se levar em consideração é que os estádios, assim como o Mineirão, isolam o seu público do resto da cidade, criando uma redoma que protege e proporciona um mundo paralelo. Os grandes estádios são, geralmente, território “proibido” para esse grupo. No entanto, ao ocupá-lo, ele o faz com a proteção de tê-lo exclusivamente para si, longe dos olhos de julgamento e violência do restante das pessoas.

De fato, o aniversário do Bhabixas foi um momento de suspensão. O universo que existia ali era controlado não só pela presença de um público quase exclusivamente LGBTQIAP+, mas também pelo acesso restrito pela compra de ingressos e ainda pela segurança, tendo em vista que todos haviam sido revistados na entrada. Ali, aqueles sujeitos podiam ser eles mesmos de uma maneira mais intensa do que a que acontece do lado de fora. (Vanrochris Vieira, 2011, p. 127)

A venda de ingressos, que deveriam ser adquiridos previamente, pela internet, fez com que o evento tivesse uma configuração mais mercadológica do que democrática. Isso torna o evento mais para consumidores do que para cidadãos, limitando as possibilidades de experiências identitárias para aqueles que têm condições financeiras para ter acesso a elas.

Conversando com Ângelo, um dos organizadores da LiGay disse que tentaria realizar um evento como aquele no Maracanã ou no Engenhão, levando o aniversário do Bhabixas no Mineirão como *case* para apresentar a proposta. Ele disse que o governo Crivella dava apoio ao time do qual participava, o BeesCats. Disse também que o evento daquele dia havia sido muito importante para a integração dos times do país, porque os “cabeças” dos times estavam lá e iriam repassar a experiência para os demais. Ele falou, ainda, que estava planejando uma competição entre uma seleção gay brasileira e uma argentina, que se chamaria Taça Hermanito.

Acompanhei também a 5ª edição do Champions LiGay, ocorrida em Belo Horizonte, em novembro de 2019. Havia quatro campos no local, onde ocorreram jogos simultâneos. Sobre os campos, havia uma grande bandeira do arco-íris pendurada. Havia também um

espaço no local para venda de alimentos. A quantidade de pessoas do Bharbixas presentes era maior do que a de quaisquer outros times, já que ele era a equipe anfitriã. Em determinado momento, começou a chover muito forte. Mas, apesar da chuva, os jogos que já haviam começado continuaram. Aconteceram também alguns jogos femininos, que contaram com bastante torcida. Como discutimos anteriormente, uma mulher trans jogava no time “masculino”⁶⁸ do Bharbixas, evidenciando o esforço dessa equipe para subverter as regras do campeonato, quando ele ainda era considerado de “futebol gay”. Cláudio (ManoTauros, 2023) destacou a importância que esse evento teve para o futebol LGBTQIAPN+ mineiro.

Foi muito bacana. Bastante agregador, porque, às vezes, a gente vai pra fora, igual foi em São Paulo, então, assim, tem sempre aquele desgaste com viagem, com hotel, e você tando aqui é mais fácil cê participar, cê comparecer. Então, assim, pra Belo Horizonte, foi muito bom porque aumentou bastante os jogadores nas equipes, entendeu? Sempre tem uma visibilidade maior porque tem uma divulgação maior. Agora, quando é fora, sempre a divulgação é menor, né? (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Wagner Camargo (2021) também etnografou esse evento. O autor dá destaque para os problemas de estrutura e organização que prejudicaram o bom andamento da competição. Segundo ele, houve reclamações relacionadas ao local do evento – que era afastado do centro comercial – e à estrutura disponibilizada: “carecia de infraestrutura adequada, tanto para os jogos (a grama sintética estava mal colocada e havia barro por todos os lados), quanto os banheiros e vestiários não tinham portas, poucos possuíam chuveiros quentes e papel higiênico era artigo raro” (Wagner Camargo, 2021, p. 8). No entanto, o autor destaca que a insatisfação era maior por parte dos dirigentes dos clubes do que dos demais jogadores, já que nenhum destes havia reclamado com o autor da má condição da estrutura nas interações estabelecidas com eles. O autor conta que o clima entre os dirigentes do clube ficou tenso com o decorrer do evento.

Numa reunião entre representantes dos clubes, no segundo dia de evento e com a tabela de jogos rolando, os problemas foram colocados em discussão e se estabeleceu uma comparação com as sedes anteriores da *LiGay*. O tom acusativo aos *Bharbixas*, entidade responsável, baseava-se na questão que não parava de circular nas rodas de conversa: “o que havia sido feito com o dinheiro das inscrições pagas pelos clubes?” Independentemente

⁶⁸ De fato, até hoje, no site da LiGay (LiGay, 2022), praticamente todos os times são listados na categoria “masculino”. Segundo a presidência da LiGay alegou no início de 2023, isso se devia ao fato de que a plataforma do site (SporTI) não dava a possibilidade de listar os times fora do binarismo “masculino” ou “feminino”. No entanto, meses mais tarde, o site passou a contar com a categoria mista. Porém, apenas um time havia sido incluído nela. Esse time, todavia, era apresentado na sua nomeação como um time feminino (Vila Mogi Futebol Feminino).

das respostas e decisões tomadas em cima da hora, houve um comprometimento coletivo para que nas próximas edições não acontecesse o mesmo. (Wagner Camargo, 2021, p. 8)

Eu notei a água saindo por debaixo da grama sintética externa à quadra e acumulada no gramado do estacionamento. Também tive dificuldades para almoçar, o que foi a única coisa que realmente me incomodou. Havia *food trucks* e uma venda local, mas estavam bastante cheios e desorganizados. No entanto, em relação a todo o resto, eu registrei no diário de campo que havia achado o evento organizado. Acredito que, naquele momento, o meu critério de avaliação tivesse sido mais a estrutura para os jogos e o funcionamento deles. Lúcio (Bharbixas, 2023) assumiu os problemas com a estrutura do evento e justificou porque eles aconteceram.

A gente conseguiu entregar um campeonato, tecnicamente, assim, maravilhoso. Na questão do esporte e do futebol, a gente conseguiu entregar um campeonato muito bem estruturado, que a gente se orgulhou muito de ter feito. Nas questões de estruturas, houve umas quebras de contrato que não foram legais, né? Em questão de estrutura do espaço e tudo. E, aí, meio que jogou pra um três e meio, aí, de dez, o que a gente esperava do todo espaço do complexo, ali, das quadras. Mas, assim, na questão de receber os outros times, na questão de a gente fazer a nossa festa, de imprimir esse espírito nosso do time com o campeonato... Foi uma experiência, assim, maravilhosa. Eu gostaria de poder voltar atrás e fazer uns ajustes, aí, pra que tudo acontecesse da melhor forma possível. Mas, infelizmente, não foi mil flores não. Mas a gente ficou bem feliz pela união das pessoas do nosso time pra gente fazer a entrega desse campeonato, que é bem, bem, bem difícil, bem custosa. Mas valeu bastante a pena. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Se houve problemas com as quadras, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) destacou que a festa de encerramento dessa edição do campeonato foi um sucesso: “todo mundo fala que foi a melhor festa que teve até hoje. Porque sempre tem uma festa, né, de confraternização, depois das competições. Todo mundo fala que foi a melhor festa. E as pessoas saindo de lá [voz de riso] 7 horas da manhã. Foi muito bom”.

Eu entrevistei, nessa ocasião, representantes de todos os times LGBTQIAPN+ presentes no campeonato, com exceção do Bharbixas e do ManoTauros. Eles foram selecionados por meio da indicação de outros jogadores de quem seria a pessoa mais adequada para falar pelos times. Além dos 23 times que estavam competindo, entrevistei também um representante de outro time que não estava na disputa, mas havia ido para assistir. O entrevistado mais novo tinha 21 anos, e o mais velho tinha 53 anos. A média de idade era de 33 anos. Comparativamente, Ângelo (ManoTauros, 2018) me afirmou que os jogadores do seu time tinham entre 20 e 35 anos, aproximadamente. Já Pedro (Bharbixas, 2018) me afirmou que a idade dos jogadores do seu time variava aproximadamente entre 18 e 40 anos. Ao serem

perguntados sobre suas trajetórias pessoais com o futebol, dos 24 entrevistados, 5 (21%) disseram espontaneamente que já jogavam em “times hétero” antes de entrarem para times LGBTQIAPN+, 5 (21%) disseram espontaneamente que já haviam sofrido preconceito na prática do futebol por serem gays, e 2 (8%) disseram espontaneamente que jogaram futebol pela primeira vez no time gay do qual participavam.

Neste capítulo, vimos que o futebol LGBTQIAPN+, apesar de ter chegado ao Brasil em 1990, só teve o seu boom em 2017, ano de formação do Bhabixas e do ManoTauros. Evidentemente, esse processo se insere num cenário mais amplo do futebol. Por isso, discutimos sua criação na Inglaterra, sua chegada ao Brasil e sua participação na construção da identidade brasileira. Falamos sobre como o futebol entra em nossas vidas pelas peladas, pelo futebol amador e pela torcida por times profissionais. Também abordamos a formação do futebol belo-horizontino convencional e LGBTQIAPN+, bem como os significados de ser cruzeirense ou atleticano em Belo Horizonte. Discutimos como o futebol está ligado a uma masculinidade tradicional e como as aulas de Educação Física funcionam como processo de transformação de meninos em homens. Em seguida, vimos como a homofobia está presente no futebol através das provocações entre as torcidas e da invisibilidade de atletas LGBTQIAPN+. No entanto, vimos que há cada vez mais resistências a esse processo. Por fim, discutimos o futebol LGBTQIAPN+ através das ideias de inclusão, segregação e diversidade, bem como da forma como ele tem crescido e ocupado espaços. No próximo capítulo, falaremos sobre manifestação de gênero. Veremos como a masculinidade padrão pode ser reforçada ou tensionada por homens gays.

3 ENTRE BICHAS E MANOS

Neste capítulo, estou utilizando o neologismo “amasculado” ao invés de “ másculo”. O intuito é estabelecer uma simetria entre as palavras “amasculado” e “afeminado”. O termo “afeminado” costuma se opor a “ másculo”. No entanto, “afeminado” traz a ideia de um processo, o de tornar-se feminino, de afeminar-se. “M másculo”, por outro lado, remete a uma qualidade fixa. Além disso, a “afeminação” é a manifestação de gênero demarcada, enquanto a “m máscula” permanece como normal, ideal e, por isso, sem necessidade de marcação. A ideia que busco defender usando a palavra “amasculado” é que se tornar masculino também é um processo. Esse termo desnaturaliza a masculinidade e indica que ela é uma formação. É preciso, no entanto, não confundir o termo “amasculado” com a palavra “emasculado”. Esta última significa castrado ou, de forma contraditória ao neologismo, desvirilizado. É importante fazer essa distinção porque “afeminado” e “efeminado” são usados como sinônimos.

Eu havia dito no início do Capítulo 2 (p. 21) que não sabia nada sobre futebol quando comecei a escrever esta tese e, por isso, havia feito uma pesquisa para entender os fundamentos dessa temática e iria apresentar uma síntese dela no início da discussão. Se eu tinha esse perfil em relação às discussões sobre futebol, por outro lado, quando comecei a desenvolver este trabalho, eu já tinha muita familiaridade com as discussões sobre diversidade sexual e de gênero. Por isso, ao invés de apresentar uma pesquisa sobre os fundamentos deste tema, eu desenvolvi um pequeno glossário (Apêndice B, p. 383), que traz uma explicação básica sobre o assunto a partir da definição dos principais termos usados para realizar as discussões sobre essa temática.

3.1 AFEMINAÇÃO E AFEMINOFOBIA

3.1.1 A infância do menino afeminado

Segundo Renan Moura e Rejane Nascimento (2020), os meninos são treinados na infância para se transformarem em homens, afastando de si todos os índices de feminilidade. Os que falham nesse objetivo tornam-se “viadinhos”, de forma que o viado é o não homem. Os meninos amasculados são sempre considerados a priori como heterossexuais. Mas, no caso dos meninos afeminados, é feita uma correlação direta com a homossexualidade. Para o autor

e a autora, os meninos afeminados são vistos como “protogays”. Mas Renan Moura e Rejane Nascimento (2020, p. 258) ressaltam que “ser um menino afeminado não tem relação com a orientação sexual ou com a identidade de gênero desses sujeitos. Isso significa que um menino feminino, quando chegar à vida adulta, não necessariamente será um adulto gay”. O autor e a autora demonstram como a caça aos afeminados é quase uma obsessão na nossa cultura no que diz respeito à infância. Mozer Ramos e Elder Cerqueira-Santos (2020) também fazem uma reflexão nesse sentido.

A afeminação é o principal marcador utilizado no Brasil para identificar a homossexualidade, criando uma patrulha implacável (intensificada e legitimada na infância e adolescência por diversas instituições, como a família e a escola) a gestos, tom de voz, aparência, sensibilidade, forma de andar e a diversos outros elementos tidos como expressões de gênero. A família e a escola, por vezes, promovem sessões de emasculação desses jovens, seja através do apontamento de algum gesto ou pela humilhação pública [...] (Mozer Ramos; Elder Cerqueira-Santos, 2020, p. 166)

Para o autor e a autora, o menino afeminado é visto como um erro, um fracasso em relação a um projeto futuro, que é o de construção de um homem. A afeminação se marca nos meninos principalmente por uma manifestação corporal ligada ao feminino, destoando da masculinidade padrão. Mas ela também está associada à presença de características tidas como femininas, como gentileza e delicadeza, bem como à ausência de predicados necessários à masculinidade, como coragem, virilidade, força e capacidade atlética. Também os que se interessam por passatempos e profissões consideradas femininas são assim enquadrados. Roberto (Bharbixas, 2018) me falou sobre a necessidade de se adequar aos padrões na infância: “meu irmão sempre jogou muito futebol, mas eu não jogava com ele quando eu era criança, porque eu não gostava. Eu preferia brincar com as bonecas da minha irmã. Escondido, claro. Mas aos nove anos, eu fui obrigado pela professora a jogar futebol”.

Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) chamam a atenção para o fato de que a criança não é autorizada a governar o seu próprio corpo. Mas ela é ensinada a governar o corpo dos colegas gayzinhos, viadinhos, bichinhas. Guacira Louro (2000) nos explica que o desconforto que um menino afeminado gera está ligado à nossa necessidade de ter segurança em relação aos padrões a partir dos quais lemos o mundo.

As marcas devem nos “falar” dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem – sem ambiguidade – suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? Aparentemente seriam evidentes, “deduzidos” das marcas dos corpos. Teríamos apenas de ler ou interpretar marcas que, em princípio, estão lá, fixadas, de uma vez e para sempre. Então, ficamos desconfortáveis se, por algum motivo, nossa leitura não é imediatamente clara e reveladora; se, por algum motivo, não conseguimos enquadrar alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo.

Afinal, o sujeito é masculino *ou* feminino? É branco *ou* negro? O corpo deveria fornecer as garantias para tais identificações. Pretendemos reconhecer a identidade – aquilo que o sujeito é – e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é – a diferença. Desejamos afirmar, com segurança, que o sujeito é isso, e, *consequentemente*, ele não é aquilo. (Guacira Louro, 2000, p. 61-62, grifo da autora)

Para a autora, o olhar para o gênero e a sexualidade de crianças e adultos é intensivo e minucioso porque essas são questões primeiras lançadas sobre os indivíduos. Elas definem de forma central quem os sujeitos são. Afinal, qual característica vem antes desta para caracterizar uma criança: é um menino ou uma menina? As filas das escolas são divididas dessa forma, as aulas de educação física, as apresentações artísticas, os trabalhos em grupo, os uniformes, os brinquedos, as temáticas pedagógicas. Se alguém não cabe nessa dicotomia, fica sem lugar nessa sociedade “em miniatura” na qual as crianças estão inseridas. Por isso, Guacira Louro (2000) fala em identidades invisíveis, as que são tratadas como naturais, e identidades marcadas, as que se destacam e incomodam.

Giancarlo Cornejo (2011) faz uma autoetnografia, refletindo sobre as experiências vivenciadas por ele na sua infância em Lima (Peru), nos anos 1990. O autor conta que a primeira vez que ele foi chamado de bicha (“*maricón*”) foi na pré-escola, com quatro ou cinco anos de idade. Uma colega de classe convidou toda a turma para a festa de aniversário dela, menos Cornejo. Ele questionou a colega, e ela disse que não iria convidá-lo. Para dar fim à importunação do menino, ela deu um tapa nele e o chamou de bicha gritando. Segundo Giancarlo Cornejo (2011), nesse dia, ele descobriu o poder de ferir que têm as palavras.

Essa memória aponta para alguns elementos interessantes sobre a vivência de meninos afeminados. Um deles é que essas crianças são frequentemente “sentenciadas” como bichas antes mesmo de saberem o que isso significa ou até mesmo de terem sentido qualquer atração sexual ou romântica por outros meninos pela primeira vez: “a injúria marca o corpo e define identidades. Neste caso, a injúria marca um corpo muito antes de que esse corpo tome consciência da dita marca. A injúria ‘bicha’ me interpelou antes de eu me dar conta de que eu era uma”⁶⁹ (Giancarlo Cornejo, 2011, p. 82, tradução minha). É provável que muitas crianças “agressoras” também não entendam o que significa a “sentença” que estão dando. Talvez ela se baseie apenas na reprodução de falas de adultos ou de crianças mais velhas. Mesmo que elas saibam que esse termo está relacionado à ideia de um menino que “age como uma menina”, elas podem ainda não saber o que ele significa em termos de sexualidade. Assim, a

⁶⁹ Do original: “La injuria marca el cuerpo y define identidades. En este caso la injuria marca un cuerpo mucho antes de que este cuerpo tome conciencia de dicha marca. La injuria “marica” me interpeló antes de darme cuenta que yo era una.”

afeminofobia se apresenta como estrutural e não como julgamentos individuais, preexistindo à consciência das pessoas.

Dessa forma, para muitos sujeitos afeminados, a homossexualidade não se apresentou inicialmente como uma descoberta afetivo/sexual, mas como uma sentença. Algo que foi anterior ao conhecimento de si ou mesmo do significado de algumas palavras, como ‘viado’ e ‘bicha’, empregadas para estigmatizar e ofender sujeitos. (Mozer Ramos; Elder Cerqueira-Santos, 2020, p. 166)

Outro ponto é que os corpos de meninos afeminados são vistos como passíveis de disciplinarização, seja moral ou física, até mesmo por outras crianças. Segundo Giancarlo Cornejo (2011), as normas usam os corpos de umas crianças para violentar as outras.

Evidentemente, é triste comprovar que as normas podem “usar” o corpo de pequenas crianças para ferir e se ratificar. Mas é muito mais dramático que corpos tão pequenos e jovens vidas tenham que pagar o preço da manutenção de certas normas com muita dor, com uma dor que raras vezes pode ser nomeada.⁷⁰ (Giancarlo Cornejo, 2011, p. 82, tradução minha)

Giancarlo Cornejo (2011) conta que foi patologizado na escola pela psicóloga e pelo professor de Educação Física. Ambos não conseguiram “consertá-lo”, apesar do esforço que fizeram. O professor de Educação Física se restringia a incentivá-lo a fazer “atividades de meninos”, mas a psicóloga o “torturava”. Como resultado dos fracassos, ambos chamaram os pais de Cornejo para empurrar para eles a responsabilidade pelo “problema”. Ao ser informado sobre a hostilização que as outras crianças faziam com o filho, o pai de Cornejo não hesitou em colocar a culpa nele e não nas outras crianças ou na escola. Essa memória nos aponta para o fato de que o menino afeminado é frequentemente visto como o culpado das próprias agressões que sofre. Os outros estão certos em agredir, às vezes até mesmo para a família do agredido. Por isso, a infância do menino afeminado é marcada pela culpa e pela vergonha. Giancarlo Cornejo (2011) conta como chorava angustiado antes de dormir por ter esse “problema”.

A vergonha é um sentimento importante na minha vida, e assim tem sido por muito tempo. Sinto vergonha de não ser heterossexual, de não ser o filho que meu pai havia querido, da minha feiura, de não ter aquilo grande, de não ser um bom amante, da minha feminidade, da minha indignidade. Na verdade, do que sinto mais

⁷⁰ Do original: “Evidentemente es triste comprobar que las normas pueden ‘usar’ el cuerpo de pequeños niños para herir y ratificarse. Pero es mucho más dramático que tan pequeños cuerpos y jóvenes vidas tengan que pagar el precio de la mantención de ciertas normas con mucho dolor, con un dolor que rara vez puede ser nombrado.”

vergonha é de sentir tanta vergonha [...]”⁷¹ (Giancarlo Cornejo, 2011, p. 90, tradução minha)

O autor afirma que, para o menino afeminado, amascular-se é se exterminar enquanto sujeito. É abandonar o seu próprio eu e sua própria identidade. Por outro lado, se o menino afeminado descobre-se atraído por outros meninos, então o sentimento é de que nunca vai ser correspondido, que esse amor nunca vai ser possível. Assim, o menino gay afeminado está em constante temor e fragilidade psicológica. Giancarlo Cornejo (2011) acredita que ter “confessado” sua sexualidade para a mãe na infância foi importante para compartilhar o peso que sentia. Ele imagina que, se tivesse mantido toda a pressão para si mesmo, possivelmente estaria entre os adolescentes LGBTQIAPN+ que tentam tirar a própria vida.

Como forma de corrigir o que nem a escola, nem eles haviam conseguido, os pais de Cornejo o levaram a outros psicólogos. Mas, para o autor, ao invés de subtrair a sua homossexualidade, esses profissionais a destacaram, porque tudo passou a girar em torno dela. Além disso, seus pais também acabaram sendo patologizados, a partir de figuras como a do “pai ausente” e da “mãe superprotetora”. Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021b), eu apresentei o discurso de uma pastora que dizia que o menino se torna afeminado quando ele não tem referências masculinas e começa a se espelhar apenas na mãe.

Giancarlo Cornejo (2011) termina sua autoetnografia dizendo que algo mudou da sua infância para a sua vida adulta. Na infância, ele não conseguia dizer “não” para as pessoas que o chamavam de afeminado. Mas, como adulto, não dizer “não” era um convite para que o outro percebesse seu próprio fracasso. Esse é um prazer e um poder sobre o outro que ele descobriu sendo afeminado. O autor, no entanto, ressalta que cada pessoa não cisheteronormativa tem sua própria história, e não há normatividade para as situações de sofrimento. Assim, apesar de suas memórias apontarem para experiências compartilhadas por outros afeminados, cada um enfrenta seu próprio conjunto de desafios. Além disso, mesmo que eles sejam os mesmos, diferentes sujeitos lidam com eles de maneiras distintas.

As experiências da não heterossexualidade masculina não são homogêneas, há divisões de poder importantes no intragrupo. Corpo, etnia, classe e expressão de gênero são alguns dos marcadores que implicariam em diferenças intragrupais que podem ser compreendidas como dispositivos de poder. (Mozer Ramos; Elder Cerqueira-Santos, 2020, p. 163)

⁷¹ Do original: “La vergüenza es un afecto importante en mi vida, y lo ha sido por mucho tiempo. Siento vergüenza de no ser heterosexual, de no ser el hijo que mi padre hubiera querido, de mi fealdad, de no tenerla grande, de no ser un buen amante, de mi feminidad, de mi indignidad. En verdad, de lo que más siento vergüenza es de sentir tanta vergüenza [...]”

Mozer Ramos e Elder Cerqueira-Santos (2020) chamam a atenção para o fato de que outros eixos também diferenciam a experiência de homens e meninos não heterossexuais. Na Seção 3.2.2 (p. 174), vamos ver como raça, classe e idade podem funcionar como alguns desses marcadores.

3.1.2 Sexualidade e afetos

Discutindo outras facetas da afeminação na vida adulta, Daniel Almeida (2011) faz uma análise de perfis de belo-horizontinos cadastrados no site de relacionamentos masculino *ManHunt.net*. As pessoas cujos perfis foram analisados buscavam afastar de si o estereótipo de afeminado, usando palavras e expressões para se descreverem como “nada afeminado”, “totalmente discreto” e “cara e jeito de macho”. Elas também faziam o mesmo movimento para caracterizar as pessoas que desejavam: “não curto pessoas afeminadas”, “busco macho” e “mandem mensagem os discretos, que tenham jeito e voz de homem”. Nesse contexto, a palavra “discreto” aparece como alguém que não expõe sua sexualidade publicamente, mas é usada, principalmente, como antônimo de afeminado. Segundo Mozer Ramos e Elder Cerqueira-Santos (2020, p. 168), “o ‘não sou/não curto afeminado’ é exaustivamente difundido nesses ambientes. Justificado muitas vezes por ‘gosto pessoal’, a intensa quantidade de restrições e mensagens de ódio não é capaz de esconder a antiafeminação presente”. Oscar Lopes (2017) aborda esse problema.

Uma das propostas dos grupos que denunciam o preconceito contra gays afeminados é questionar a raiz dos desejos e preferências sexuais. A ideia de que a rejeição contra homens considerados femininos seja simplesmente uma questão de gosto pessoal deve ser objeto de análise e reflexão; afinal, tudo aquilo de que gostamos ou não é fruto das interações sociais e dos valores culturais que aprendemos em sociedade. (Oscar Lopes, 2017, p. 419)

Daniel Almeida (2011) também demonstra outra forma de esses sujeitos afastarem de si a ideia de afeminação: dizendo ser “fora do meio”. O discurso de não frequentar o “meio gay” caracteriza esse “ambiente” de forma negativa, pois o relaciona com a afeminação e o distancia da figura valorizada do discreto. Não fica muito claro o que o “meio gay” seria, sugerindo que se trata mais de um imaginário do que, de fato, um conjunto de lugares ou eventos específicos. Assim, o gay “fora do meio” se mostra superior aos que frequentam os supostos espaços LGBTQIAPN+. Durante o jogo comemorativo do aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, um membro do ManoTaurus me contou que era do Bharbixas, mas

saiu do time porque não é de dar *close*. Então, ele brincou que os membros do ManoTauros são discretos e fora do meio.

Junto com o “fora do meio” costuma vir o “não assumido”, porque estar no meio implica na publicização da sexualidade. Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) relacionam as descrições de si e dos potenciais parceiros como “*brother*”, “macho”, “discreto” e “fora do meio” com a vivência do armário. Viver publicamente como hétero garante o reconhecimento social como homem, mesmo que em segredo se relacione sexualmente com outros homens. Daniel Almeida (2011) também mostra que alguns perfis por ele analisados buscavam afastar de si a imagem de uma pessoa muito afetiva (ou afetuosa), ou seja: carinhosa, meiga, sensível, etc. Essas características também estariam ligadas à afeminação. O autor nos lembra de que a palavra “afetado”, sinônimo de “afeminado”, vem de “afeto”.

A pesquisa de Daniel Almeida (2011) nos indica que existe uma correlação entre diferentes características na hora de pressupor que alguém seria afeminado. Se a pessoa é afetuosa, “frequentadora do meio”, assumida, militante ou “lacradora”⁷², é esperado que ela seja afeminada. Da mesma maneira, também pesa sobre os passivos⁷³ a pressuposição da afeminação, de forma que eles precisam se declarar e se provar amasculados para serem dignos do interesse dos ativos. Nesse sentido, Felipe Arede (2006) nos lembra de que a ideia de um afeminado que goste ou que queira ser ativo também gera estranhamento. Um membro do Alcateia (Manhuaçu/MG) entrevistado durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019) relacionou o futebol com o papel sexual ativo, mas desconstruindo essa ideia: “inclusive, eu conheço mais jogadores, não sei se afeminados, mas assim... passivos... Pior, aí o povo já pensa: ‘jogar futebol já é ativo’. Então, assim, eu conheço muito mais...”

Para Daniel Almeida (2011), esses dados demonstram que os preconceitos de gênero existentes na sociedade de forma mais ampla também são reproduzidos entre os próprios gays. Nesses perfis, isso se dá através de uma dinâmica em que inferiorizar o outro garante a sua superioridade: “rechaçar, aceitar e criticar o outro, valorizar-se e defender-se são

⁷² A gíria “lacrar”, no meio LGBTQIAPN+, originalmente, significa fazer algo muito bem, no mesmo sentido que “arrasar”. Mas, pejorativamente, ela também quer dizer fazer uma “cena”, um “espetáculo” por causa de uma questão social, de forma exagerada ou equivocada.

⁷³ São chamados de “passivos” os sujeitos que gostam apenas de serem penetrados durante o ato sexual. Os que gostam apenas de penetrar são chamados de “ativos”. Há uma terceira possibilidade, menos binária, que é a do “versátil”: aquele que gosta tanto de penetrar quanto de ser penetrado. Ainda assim, é comum o uso das expressões “versátil-ativo” (alguém que é versátil, mas prefere penetrar que ser penetrado) e “versátil-passivo” (também é versátil, mas prefere ser penetrado que penetrar). Outra categorização que foge dessa binariedade é a do “*gouine*”, aquele que não gosta de realizar penetração (alternativamente, prefere “sarrar”).

estratégias de criar uma imagem de si positiva” (Daniel Almeida, 2011, p. 21). A partir da pesquisa de Daniel Almeida (2011), construí o Quadro 8 com as diferentes características que são atribuídas a gays afeminados e amasculados.

Quadro 8 – Características atribuídas a gays afeminados e amasculados

Manifestação de gênero	Afeminado	Amasculado
Categorização	Bicha Viado	Macho Homem
Publicização	Assumido Militante Lacrador	Fora do meio Discreto
Penetração	Passivo	Ativo

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Daniel Almeida (2011)

Renata Rezende e Diego Cotta (2015) fazem uma discussão semelhante à de Daniel Almeida (2011). Porém, essa autora e esse autor analisam perfis do *Grindr*, um aplicativo de encontros masculino que utiliza geolocalização para mostrar os demais perfis mais próximos do usuário. A autora e o autor caracterizam as descrições dos perfis analisados como homofóbicas e misóginas, podendo ser entendidas inclusive como um discurso de ódio contra afeminados. Plataformas como o *Grindr* funcionam como vitrines em que cada um vende a sua própria imagem para outros sujeitos que passeiam pelos perfis como se o aplicativo fosse uma página de classificados. Nessa dinâmica, as fotos são a principal forma de atrair os pretendentes e mostrar-se um bom candidato. Num contexto de hipermasculinização, sobressaem-se os perfis com fotos que exibem corpos másculos, sarados, jovens, com pouca ou nenhuma roupa e ressaltando o volume na parte da frente ou de trás da cueca. Obviamente, os outros eixos de discriminação social também se fazem presentes, de forma que pessoas brancas se adequam mais facilmente a esse modelo. Oscar Lopes (2017), que analisa perfis do site *Disponivel.com*, discute como esse padrão se apresenta nessa plataforma.

Ao analisar a comunidade gay, vimos que o movimento LGBT é guiado por gays brancos e “discretos”, que representam aquilo que a sociedade aceita como tolerável: homens reiterando seu papel de homem e mantendo sua sexualidade entre quatro paredes. Muitas vezes, os afeminados são vistos como a escória dos gays. Como se a culpa da existência da homofobia fosse desse segmento, já que, numa perspectiva cis, daria motivo para que ela aconteça. (Oscar Lopes, 2017, p. 419-420)

Segundo esse autor, existe uma necessidade de se isentar da afeminofobia logo depois de apresentá-la. Ele cita um trecho da descrição de um dos perfis analisados: ““não curto afeminados nem bichinhas, *nada contra*, cada um na sua”” (Oscar Lopes, 2017, p. 409, grifo meu). Por outro lado, ele relata a existência de perfis de afeminados que apresentam uma resistência ao padrão encontrado nesse tipo de rede, como pode ser visto na descrição deste usuário: ““não sou discreto, porque pra mim discreto é o viadinho que tenta ser macho (quero ser feliz, é o que importa). Eu não sou o melhor cara do mundo, mas também não finjo ser o que não sou!”” (*ibidem*, p. 420). Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) entrevistaram nove homens gays para discutir as preferências sexuais e afetivas deles em relação à amasculação e à afeminação. Segundo os autores, todos os entrevistados diziam se sentir atraídos por homens amasculados e apresentavam rejeição a homens afeminados. Incluindo os que apresentavam manifestações de gênero relacionadas ao feminino, como uso de maquiagem e de roupas consideradas femininas.

Rafael Fernandes (2013) chama de “mercado amoroso/erótico gay” todos os processos que demarcam o que é um corpo masculino atraente para homens não heterossexuais. Ele chama a atenção para as representações sociais e para o papel do capitalismo nesse cenário, com o oferecimento de produtos e serviços. É interessante observar que o modelo de homens não heterossexuais amasculados presente no *Grindr* também é performado por atores pornô, celebridades midiáticas⁷⁴ e até por políticos, como o governador gay que foi cotado para a presidência nas últimas eleições.

Mozer Ramos e Elder Cerqueira-Santos (2020) explicam que os corpos afeminados são vistos como abjetos. Afastar-se deles é afastar-se do estigma que recai sobre os homens não heterossexuais, sendo os afeminados o expurgo desse grupo, absorvendo para si a condenação. Isso é o que gera nojo e repulsa e não apenas falta de desejo. A dinâmica da atração sexual não é só de valorização da masculinidade, mas antes de misoginia: “toda essa fuga/ojeriza/rejeição/ódio do feminino denuncia a persistente situação das mulheres. As violências dirigidas aos afeminados não são coincidências, compartilham estruturas e motivações existentes nas violências contra as mulheres” (Mozer Ramos; Elder Cerqueira-Santos, 2020, p. 169). Renata Rezende e Diego Cotta (2015, p. 16) explicam que essa é uma maneira de os gays amasculados se provarem “homens de verdade”: “se antigamente os homens não eram vistos como ‘homens de verdade’ por serem gays, hoje eles também exibem

⁷⁴ Dentro os quais podemos citar os atores: Marco Pigossi, Erom Cordeiro, Leonardo Vieira, Irandhir Santos, Carmo Dalla Vecchia, Armando Babaioff, Pedro Carvalho, Marcos Pitombo, Reynaldo Gianecchini, Jesuíta Barbosa, entre outros.

e veneram suas ‘machezas’ nos aplicativos, perpetuando ódio, intolerância e, muitas vezes, a violência, a partir de corpos erotizados e discursos homofóbicos”.

Além disso, Rafael Fernandes (2013) nos lembra de que o gay afeminado é extensivamente representado na mídia como o palhaço, o “bobo da corte”, sendo, por isso, “ridículo”, em todos os significados da palavra. O menino afeminado não só aguenta os insultos e a violência física. Ele também tem que aguentar o riso, a ridicularização. Esse autor acredita que a antiafeminação que caracteriza a sociabilidade de homens não heterossexuais é uma forma de higienização dessa comunidade, tornando-a mais aceitável e próxima da norma: “no mercado de bens simbólicos, os gays optaram por reconhecer-se e propor seu valor social a partir do capital extremamente rentável da masculinidade” (Rafael Fernandes, 2013, p. 8). As bichas afeminadas seriam, ainda, as responsáveis pelo preconceito que existe contra os gays em geral. Por serem escandalosas e não se darem ao respeito, elas manchariam a imagem de toda a comunidade. Assim, mais uma vez, como na violência sofrida na infância, a culpa é dos afeminados, não da antiafeminação. Para Renan Moura (2022), o gay afeminado é reduzido a um estereótipo e encarado como o maior fracasso da virilidade.

Em alguns momentos, o gay amasculado goza de uma aceitação muito maior do que a dos gays afeminados nos mesmos ambientes heteronormativos. Ângelo (ManoTauros, 2018), por exemplo, indicou-me que a experiência do gay amasculado no futebol não é necessariamente traumática. Muito pelo contrário. Segundo o relato dele, os membros do ManoTauros jogavam em “times hétero” e não sofriam nenhum tipo de preconceito. Isso sugere que a exclusão do futebol se dá muito mais pela manifestação de gênero afeminada do que pela orientação sexual gay.

Nunca sofri nenhum preconceito em nenhum time hétero. E eu pergunto pros outros meninos: “alguém já sofreu preconceito em algum time hétero, que é esse preconceito que o povo tá falando?” “Não.” “Não.” [...] E nem os meninos, pelo que eu conversei com eles. Os meninos [dos “times hétero”] trocam de roupa na minha frente, zoam, brincam. Todos sabem que eu sou gay. Todos conhecem meu namorado. Aliás, meu namorado também joga lá. Nunca tive nenhum problema em time hétero em relação a eu ser gay. Absolutamente não. Nunca, nunca, nunca. Não. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ele comentou isso com muita ênfase, como quem não entende porque outros gays sofrem preconceito nesse ambiente. Falou, portanto, de um lugar de privilégio. Entretanto, mesmo assim, ele concordou que os gays afeminados sofrem mais preconceito: “o foco dos

Bharbixas é que eles acham que... acham não, eles têm certeza nisso... que o preconceito contra gay afeminado é bem maior. E inclusive dentro do meio GLS⁷⁵. E é a pura verdade”.

3.1.3 Afeminofobia internalizada

Segundo Mozer Ramos, Damiano Almeida-Segundo, Wagner Machado e Elder Cerqueira-Santos (2021, p. 2), a comunidade de homens não heterossexuais “tem desenvolvido padrão estético, moral e ideológico baseado na antiafeminação e na valorização do homem macho hipermasculino”. Esses autores desenvolveram uma pesquisa, realizada por meio de formulários *online*, com gays, bissexuais e HSH⁷⁶. No formulário, avaliou-se o grau de antiafeminação dos respondentes, perguntando, por exemplo, se gays afeminados prejudicam a imagem dos demais gays, e se o respondente perde o interesse sexual por outro homem se ele se mostrar afeminado. Também foi avaliada a homofobia internalizada, perguntando, por exemplo, se o respondente preferiria ser heterossexual e se ele prefere que suas relações não se tornem públicas.

Os resultados foram os seguintes: 93% dos entrevistados concordaram que há preconceito e discriminação contra afeminados dentro da comunidade LGBTQIAPN+, e 95% concordaram que os gays afeminados sofrem mais preconceito e discriminação fora da comunidade LGBTQIAPN+. 1 a cada 4 entrevistados se identificava como afeminado, mas 45% dos entrevistados disseram que gostariam de ser menos afeminados. Isso significa que, mesmo parte dos que não se viam como afeminados gostaria de ser mais amasculada. 76% disseram que já sofreram preconceito, discriminação ou violência devido à sua sexualidade. Entre os que se consideram afeminados, esse índice foi de 89%. A maioria dos entrevistados apresentou algum grau de rejeição a parceiros afeminados (29% apresentaram alto grau de rejeição). 90% demonstraram algum grau de antiafeminação (30% apresentaram um grau alto). O estudo apontou, ainda, que mais atitudes negativas sobre afeminação estão

⁷⁵ GLS significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Essa é a primeira sigla que buscava abordar a diversidade sexual. Ela tinha um caráter mercadológico, estando ligada a bares, boates e outros estabelecimentos voltados para esse público. Posteriormente, o movimento adotou a sigla GLBT. Em seguida, o L e o G trocaram de lugar para dar mais visibilidade às lésbicas. Desde então, mais letras foram sendo acrescentadas à sigla LGBT para incluir explicitamente mais identidades. No entanto, como é possível perceber pela fala de Ângelo (ManoTauros, 2018), as siglas antigas ainda convivem com as mais recentes, inclusive nos discursos de pessoas LGBTQIAPN+.

⁷⁶ A sigla HSH significa “homens que fazem sexo com outros homens”. Trata-se de homens que não se reconhecem como LGBTQIAPN+, mas, por algum motivo, fazem sexo com pessoas do mesmo gênero. É o caso de garotos de programa e atores pornô, por exemplo.

relacionadas a um maior grau de homofobia internalizada, e que os sujeitos que se consideram “masculinizados” têm maior grau de atitudes negativas sobre afeminação.

A relação da antiafeminação com a homofobia internalizada demonstra de forma satisfatória como esses fenômenos estão associados. [...] Em termos teóricos, é pertinente pensar na antiafeminação como um indício de homofobia internalizada, bem como pensar na homofobia internalizada como indício de antiafeminação [...] mesmo porque a antiafeminação é um dos componentes da homofobia internalizada e a homofobia internalizada é um dos pilares de sustentação da antiafeminação. (Mozer Ramos *et al.*, 2021, p. 7)

A autora e os autores também identificaram uma relação entre a antiafeminação e a predileção por escolha de parceiros considerados “masculinizados”. Para ela e eles, isso refuta a ideia de que não se interessar por afeminados seria apenas uma questão de “gosto pessoal”. Mozer Ramos *et al.* (2021) também afirmam que a publicização da própria sexualidade não tem necessariamente relação com atitudes positivas em relação à afeminação. A autora e os autores concluem que homens não heterossexuais afeminados sofrem uma dupla discriminação.

Homens não-heterossexuais afeminados possuem um duplo status minoritário por não serem heterossexuais e expressar afeminação. Dessa forma, tornam-se alvos potenciais de dupla discriminação: por parte de heterossexuais, em razão da orientação sexual, e por parte da comunidade gay/bi, devido a uma atitude antifeminina [...] (Mozer Ramos *et al.*, 2021, p. 7)

Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) entrevistaram nove homens gays, abordando o tema da afeminação. Foi recorrente que, num primeiro momento, o entrevistado negasse ter traços femininos, mas dissesse o contrário no decorrer da entrevista. Para o autor e a autora, isso demonstra uma tentativa de proteção inicial a julgamentos: “em alguns casos, essa afirmação de possuir feminilidade era acompanhada do choro, o que revela que tais sujeitos experimentam um grande sofrimento associado à sua condição de homens afeminados” (Renan Moura; Rejane Nascimento, 2020, p. 248). A pressão sofrida por meninos afeminados na infância pode levar a traumas que marcam fortemente o sujeito mesmo depois de adulto.

A ambiguidade existente entre o reconhecimento da sua feminilidade e o medo da rejeição (em função desta feminilidade), levam muitos desses meninos a um conflito de papéis que se estende até a vida adulta. Não por acaso, alguns entrevistados expõem o sofrimento decorrente da sua feminilidade por meio do choro, durante a entrevista. A experiência de rejeição social, por vezes ocorrida na própria família, faz com que para estes indivíduos a feminilidade seja encarada como algo a ser

evitado, escondido ou mesmo invisibilizado em seus corpos e em seu comportamento. (Renan Moura; Rejane Nascimento, 2020, p. 258)

A partir das entrevistas, Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) buscam compreender como a afeminação é simbolicamente representada. O autor e a autora afirmam que o gay afeminado costuma ser encarado como alguém que quer se tornar uma mulher, e que os entrevistados relacionam à afeminação determinadas características corporais, como voz “macia”, rebolado e gestos. Um entrevistado disse acreditar que a identificação com o universo feminino retroalimenta essa manifestação de gênero. Ele citou cantoras e grupos musicais como Kelly Key e Rouge, que ele imitava quando era criança. Outro entrevistado relacionava a sua identificação com o feminino na infância com o fato de que não gostava de jogar futebol. Os entrevistados variaram entre os que achavam que a afeminação tinha alguma influência da educação ou do afeto (ou falta de afeto) dos pais (ou de um deles) e os que achavam que ela era algo inato, intrínseco ao indivíduo. O autor e a autora nos lembram de que é recorrente a culpabilização da mãe pela afeminação do filho.

3.1.4 Tensionamentos na discussão sobre afeminofobia

Em geral, as discussões em torno da não atração afetivo-sexual por afeminados por parte de outros homens não heterossexuais se dão no sentido de caracterizar essa falta de atração como *sempre* inadequada e concluir que ela está “*errada*” *a priori*. No entanto, parece-me que, nessas discussões, a afeminação é vista como uma *característica unidimensional*, ou seja, como se só houvesse um jeito de ser afeminado, e não vários. Consideremos, por exemplo, dois perfis possíveis. O primeiro seria o de um homem cujos gestos e voz fossem considerados femininos. O segundo seria o de outro homem que não tivesse as mesmas características do primeiro, mas, diferentemente dele, usasse maquiagens e roupas consideradas femininas. Eles não teriam, na verdade, diferentes experiências de afeminação, *diferentes formas de ser afeminado*? Se considerarmos que são experiências diferentes, é possível se sentir atraído por alguns homens afeminados e não por outros? É sempre “errado” não se sentir atraído por homens que apresentam quaisquer experiências possíveis de afeminação?

A orientação sexual *não é democrática*. Se fosse, todas, todos e todes nós seríamos *pansexuais* (ver Apêndice B, p. 383). Mas algumas, alguns e algumes de nós nos sentimos atraídos apenas por pessoas com aparência feminina ou masculina. Se um sujeito só se sente

atraído por pessoas com aparência masculina, há alguma *contradição* em não se sentir atraído por alguém que se identifica como homem, mas tem uma aparência considerada feminina? Além disso, não sentir atração é equivalente a sentir nojo ou repulsa? Nesse sentido, também existiriam *diferentes “afeminofobias”*? Inclusive, todos esses sentimentos – ou a ausência deles – poderiam ser chamados dessa forma? Se pensarmos que há diferentes formas de ser afeminado, certamente, as que aproximassem os sujeitos mais fortemente do universo feminino seriam, de fato, as que mais potencialmente poderiam gerar reações de ódio. Elas também seriam as que tenderiam a gerar menos atração sexual em outros homens. Mas se um homem homo-orientado se sente atraído por uma pessoa com uma aparência próxima do que se considera feminino, ele não estaria, de certo modo, afastando-se de uma homossexualidade “estrita” e caminhando no sentido da vivência de um *desejo pan-orientado* (orientado para pessoas independentemente de suas características de gênero)? Isso é muito potente, mas faria sentido para todos?

Acho importante que esses questionamentos sejam feitos para que essa discussão não se estabeleça de forma *rasa, moralista ou binária*. Com toda certeza, mensagens contra a afeminação em aplicativos de relacionamento são bastante ofensivas. As pessoas não costumam colocar nesse tipo de perfil mensagens de ódio contra outros grupos, como: “não curto negros” ou “nordestinos não precisam nem chamar”. Se existe uma licença e uma aceitação para que o discurso contra afeminados possa ser construído nesses ambientes é porque, de fato, a antiafeminação é naturalizada neles. Escrever que não se sente atraído não é simplesmente uma expressão dos interesses pessoais, é reforçar um discurso e um sistema que inferioriza essas pessoas. Se a criança afeminada sofre *bullying* na escola por sua manifestação de gênero, certamente há um grande problema público nisso. Se um homem não heterossexual sente repulsa por *qualquer característica feminina* encontrada em outro homem, há ali um sentimento exacerbado que precisa, evidentemente, ser problematizado. Nesse aspecto, concluir que há uma questão social se sobrepondo a um suposto “gosto pessoal” parece ser muito coerente. Mas se um homem não heterossexual não sente vontade de se relacionar sexualmente com outro que tem certos *tipos de aparência ou comportamento* considerados femininos, isso não me parece equivalente às manifestações anteriores. Não se sentir atraído por alguns afeminados é equivalente a não se sentir atraído por quaisquer afeminados?

Certamente o nosso “gosto” é social. Por isso, mesmo dentro do gênero pelo qual nos atraímos, interessamo-nos por pessoas com determinadas características e outras não (falaremos mais disso na Seção 3.2.1, p. 169). Mas, tratando-se de orientação sexual, há

limites para o *balizamento* dos nossos “*gostos*”, e – com exceção de pessoas pansexuais – esses limites se dão, pela *manifestação de gênero* da outra pessoa, que a liga à masculinidade ou à feminilidade. Esses são, afinal, os alvos dos nossos desejos sexuais. Nós nos sentimos atraídas, atraídos e atraídes pela manifestação de gênero da outra pessoa e não pela sua identidade. A identidade de gênero da pessoa é algo que ela define internamente⁷⁷. A nossa atração sexual é, ao menos para as pessoas alossexuais, *definida no corpo* (ver Apêndice B, p. 383).

Além disso, há homens cujo desejo é voltado especialmente para afeminados, inclusive, para os que têm determinadas vivências específicas de afeminação. É o caso de gays jovens e geralmente femininos chamados de *twinks*, por exemplo. No mercado sexual e amoroso de homens não heterossexuais, esse subgrupo conta com um número muito significativo de perfis que buscam por ele. No entanto, podem surgir, em alguns casos, outros problemas, como o caráter clandestino que essas relações podem vir a ter (veremos uma discussão sobre isso na Seção 3.3.1, p. 182). Além disso, se algumas vivências de afeminação podem ser mais desejadas, outras também podem ser mais estigmatizadas, como no caso de gays idosos afeminados, chamados pejorativamente de “mariconas”. Assim, o corte etário, por exemplo, pode ser uma interseccionalidade com a manifestação de gênero no que tange à afeminofobia.

De todo modo, acima de tudo, é preciso ressaltar que sim: apesar de toda a afeminofobia, pessoas afeminadas também *fazem sexo, têm relacionamentos e são amadas*. É preciso que não continuemos essa discussão mantendo o afeminado no lugar de uma infelicidade fatal. Afeminados têm sim que enfrentar muitos problemas, mas eles os enfrentam e, como todas, todos e todes nós, às vezes os vencem e às vezes não. De qualquer forma, se há muitas pessoas que não se sentem atraídas por afeminados, elas não são todas. Há também *muitas, muitos e muitas* de nós que *desejam e amam* pessoas afeminadas.

3.1.5 Orgulho de ser afeminado

Na contramão da antiafeminação apontada nas seções anteriores, Oscar Lopes (2017, p. 407) fala sobre o orgulho de ser afeminado apresentado por alguns gays: “essa atitude ‘marginal’, e até mesmo orgulhosa, da condição afeminada, é fundamental para a compreensão do papel desempenhado pelo gay afeminado no contexto homossexual em que

⁷⁷ Ao menos, supostamente. Vamos discutir sobre isso na Seção 3.4 (p. 194).

está incluído”. Para ele, esse sentimento está ligado a uma posição crítica frente ao conservadorismo e é, até mesmo, uma resposta ao movimento LGBTQIAPN+ tradicional, que acaba se adequando aos modelos estéticos e morais impostos pela sociedade. O Bharbixas, que é um time de futebol que se autoafirmava afeminado, venceu a 1ª edição do Champions LiGay, o campeonato nacional de times LGBTQIAPN+, o que foi um motivo de forte orgulho. Porém, Pedro (Bharbixas, 2018) me contou que o objetivo do Bharbixas ao participar da competição não era a vitória.

A nossa expectativa com a LiGay não era muito de ir pra ganhar o campeonato, sabe? A gente queria ir pra mostrar pros outros times que a gente também sabia jogar. Porque do Bharbixas pros outros times de futebol do Brasil existe uma certa discrepância no padrão das pessoas que jogam, sabe? Os outros times são muito... não sei se eu posso dizer “heteronormativo”, mas... sim. Eu posso dizer sim. São bem heteronormativos, sabe? É mais homem padrãozinho mesmo, aquele porte físico atleta, o pessoal mais forte. As fotos que eles tiravam pras redes sociais era sempre naquela pose do futebol dos homenzinhos atrás assim, do pessoal agachado na frente. Uma coisa bem machinho. E o Bharbixas, desde o primeiro fim de semana, era aquela coisa afeminadíssima. E dentre os outros times, nós éramos conhecidos por sermos afeminados e por darmos muito *close*, e é o lacre, e coisa e tal. Inclusive, nas publicações que faziam nas redes sociais da LiGay, era sempre assim, tipo: “ah, cês querem *close*? O Bharbixas...” Nessa *vibe*. Então, assim, a nossa missão, a gente foi pra lá com a missão de mostrar: “olha, a gente é muito afeminado mesmo, mas a gente joga bola”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

A fala de Pedro (Bharbixas, 2018) aponta para diversas questões. A primeira é a caracterização dos times de futebol LGBTQIAPN+ brasileiros. Segundo ele, o Bharbixas fugia do padrão dos outros times por ter jogadores afeminados. Não apenas isso, além de afeminados, esses jogadores tinham orgulho da sua afeminação e sentiam o desejo de lutar contra os preconceitos que existem em torno dessa manifestação de gênero. Pedro (Bharbixas, 2018) caracterizava os jogadores dos outros times como heteronormativos, padroeirinhos, homenzinhos e machinhos. Na próxima Seção, 2.2.1 (p. 42), vamos caracterizar esse tipo de manifestação de gênero ao qual ele se refere. Mas Pedro (Bharbixas, 2018) não falou dela num tom positivo ou mesmo neutro. O tom adotado é o de crítica ou, pelo menos, de ceticismo. Vê-se que o orgulho da afeminação pode vir ligado a uma deslegitimação do outro não afeminado. De todo modo, a missão de provar que afeminados podem fazer bem algo tradicionalmente relacionado à masculinidade, no caso, o futebol, foi tão bem realizada pelo Bharbixas que o time ganhou o campeonato. Esse desfecho funcionou como uma prova para o argumento dos seus membros.

Foi muito incrível pra gente ter ganhado aquele campeonato porque, assim, a matéria do *Globo*, a manchete era: “Primeiro campeonato de futebol gay acontece e

equipe afeminada é campeã”. O fato disso ter vindo no título já marcou uma diferença muito grande pra gente. A gente não queria passar aquela imagem dos homenzinhos machos que jogam futebol, sabe? Tipo: [fazendo voz grave] “ai, gay também joga futebol”, no sentido de: “ah, o gay também é masculino”. Não era isso que a gente queria passar, e era uma preocupação constante nossa. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Mais uma vez, Pedro (Bharbixas, 2018) abordou a relação entre gays e masculinidade tradicional de forma crítica. O tom de voz grave adotado por ele na hora de simular esse discurso aponta para o lugar de um outro do qual ele próprio se distanciava. Pedro (Bharbixas, 2018) também me falou da euforia da comemoração e de como esse foi um ato político: “quando a gente ganhou o campeonato, lá no Rio de Janeiro, a gente levantou a taça aos gritos de ‘afeminada, afeminada’, e, depois, o pessoal ficou gritando aquele: ‘as gay, as bi, as trans, as sapatão, tá tudo organizada pra fazer revolução’”. Em um treino do time masculino do Bharbixas que eu assisti, identifiquei que um dos membros do time usava maquiagem. Os jogadores, de modo geral, dançavam e “davam *close*”, numa manifestação de gênero bastante afeminada. Eva D’Genesis, drag queen que acompanha o Bharbixas, foi a apresentadora da 5ª edição do Champions LiGay, que ocorreu em Belo Horizonte.

Roberto (Bharbixas, 2018) explicou que o título de afeminado não se devia ao fato de todos, ou a maioria, dos jogadores terem, de fato, essa manifestação de gênero. Mas sim à abertura para que os que tinham fossem livres para expressar isso, e para que todos pudessem “se soltar” e “brincar” uns com os outros. Dessa forma, ele relacionava essa manifestação de gênero à alegria e à descontração.

É um time muito diversificado. Mas é óbvio que o time acabou cultivando, como maioria... na maioria eu diria que não, porque não é a maioria que é afeminado. Mas é um time que aceita muito, então, eles tão ali, e acaba que as pessoas se soltam, brincam, se divertem. Então, é um perfil de pessoas mais divertidas, é todo mundo muito solto, é todo mundo muito alegre e muito acolhedor, muito amigável. É intolerável [ênfase em “intolerável”] a intolerância. Esse é um ponto principal. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Já Daniel (ex-Bharbixas, 2023) afirmou que o título de afeminado não surgiu do próprio Bharbixas, mas sim dos demais times que participaram da 1ª edição do Champions LiGay.

Essa alcunha de time afeminado surgiu no Rio de Janeiro, na competição, na 1ª Champions LiGay, porque as outras equipes tinham um padrão mais normativo. E ninguém acreditava, por exemplo, que o Bharbixas pudesse ser campeão da 1ª Champions LiGay. Porque, realmente, o Bharbixas era um clube onde as pessoas eram muito livres, muito abertas, muito diversas... elas não se importavam de se vestir como queriam, de andar como queriam, de se expressar da forma que elas

pudessem. Enquanto você via um padrão mais normativo nos outros clubes. E, aí, aquela questão de você ressignificar algumas palavras. Por exemplo, se um time achava que o Bharbixas era um time afeminado, a gente usava a alcunha de afeminado pra mostrar que a gente tinha capacidade da mesma forma. Então foi isso. Essa autointitulação não partiu do Bharbixas, partiu [voz de riso] de outras equipes, que a gente ressignificou e aderiu a alcunha de time afeminado. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) afirmou que a fama de afeminado do time surgiu antes mesmo do campeonato, devido às poses que os membros dele faziam nas fotos para as redes sociais. Ele falou sobre o menosprezo dos outros times e de como eles receberam esse rótulo com orgulho.

A gente meio que foi denominado... não vou dizer taxado, que taxado foi um tom pesado... a gente foi denominado como o time afeminado que ia *participar*. A gente tava indo só participar. Então, daí, já começou um certo preconceito também, infelizmente do: “ah... o time afeminado tá vindo jogar, então eles tão vindo participar [ênfase em “participar”], eles não tão vindo pra competir”, quando, na verdade, [voz de riso] o time afeminado foi o que ganhou. Então, a gente meio que abraçou essa denominação que a gente recebeu. E a gente falou assim: “com muito orgulho, com muito orgulho sim”. Então, a gente levantou essa bandeira e a gente ainda levanta, com certeza. De forma alguma, a gente recebeu isso como uma forma de demérito ou diminuir a gente. A gente abraçou e mostramos dentro e fora de quadra que a gente não é menos que ninguém. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Alguns jogadores dos diversos times brasileiros com quem conversei na 5ª edição do Champions LiGay disseram que, para eles, não existiam times exclusivamente afeminados, mas que existiam times exclusivamente amasculados. Eles entendiam que alguns times abrem espaço para os afeminados e outros não. No entanto, apesar do preconceito inicial, Roberto (Bharbixas, 2018) acreditava que a alegria e a descontração do time faziam com que o Bharbixas fosse visto como um time simpático e até admirável.

O Bharbixas é um time muito bem aceito pelo que eu percebo, por, talvez, alguns motivos. O principal por ser o time mais alegre de todos. E eu acho que muitas pessoas querem ser livres e brincar como brincam os Bharbixas, mas se reprimem e não têm coragem. Bharbixas não, eles chegam e animam o ambiente, então eu acho que todo mundo gosta. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Um membro do Bárbaros (SP) entrevistado durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019) acredita que a afeminação surge com mais naturalidade quando se está entre amigos.

No nosso time, a gente é muito amigo, a gente é muito junto. Então, naturalmente, quando a gente tá entre amigos, a gente tem um comportamento mais espalhafatoso, a gente tem um comportamento um pouquinho mais, como fala? Mais eufórico. E, aí, a gente até faz aquele gritos, né? “Ai, sua louca!” E se trata até no feminino... O que é natural, a gente tá entre amigos. (Membro do Bárbaros, 2019)

Contudo, na contramão dessas caracterizações positivas da afeminação, Felipe Arede (2006) nos lembra de que homens afeminados também podem ser misóginos. Segundo Pedro (Bharbixas, 2018), não era incomum encontrar discursos com esse perfil no Bharbixas, apesar de o time levantar a bandeira pelo orgulho da afeminação.

E a gente tem debates muito produtivos dentro do time, principalmente sobre questões de misoginia, por exemplo. Sempre que vem um viado fazer piada misógina, falando que tem nojo de buceta, por exemplo, que acontece o tempo inteiro, e tem alguém perto pra falar, levanta o dedinho e fala: “opa! Não fala isso, bicha, sabe... suas amigas mulheres... e buceta é uma coisa tão linda, por que cê vai ficar falando mal dela assim, sabe?” Rola um aprendizado coletivo de todo mundo. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Como evidenciado por Pedro (Bharbixas, 2018), essa misoginia pode ser manifestada, por exemplo, pela aversão ao órgão sexual associado ao feminino ou pela ideia de ter um contato íntimo com mulheres. Bernardo Gonzales (2022) também revela uma dupla relação dos jogadores de times transmasculinos com a misoginia: ao mesmo tempo em que eles são vítimas dela por parte de jogadores cis de times LGBTQIAPN+, eventualmente, eles próprios também reproduzem comentários misóginos entre si.

3.2 AMASCULAÇÃO E HIPERMASCULINIZAÇÃO

3.2.1 Gays amasculados e gays padrão

Entre pessoas LGBTQIAPN+, o “padrão” ou “padrãozinho” é o gay que busca seguir a cisheteronorma. Tem a aparência e a manifestação de gênero hegemonicamente estabelecidas como ideais. O padrão é amasculado e, preferencialmente, musculoso. Geralmente, também é branco. Como vimos na Seção 3.1.2 (p. 156), os que pertencem a esse modelo são os que mais fazem sucesso no mercado amoroso e sexual de homens não heterossexuais. A força e a virilidade fazem parte da amasculação. Por isso, masculinidade e musculação são complementares. Gabriela Lima (2019) afirma que “a musculatura definida também é um produto social, uma armadura anti fragilidade” (Gabriela Lima, 2019, p. 7). Assim, o gay amasculado e o gay padrão se sobrepõem, sendo o padrão o modelo ideal do amasculado. No entanto, nem sempre esse perfil é símbolo de status. Ser padrãozinho também pode soar como uma crítica por parte daqueles que se opõem à norma, como vimos na Seção 3.1.5 (p. 165). Atrair-se por padroeirinhos, então, pode ser lido como sinal de submissão a ela.

A trajetória dos padrões e amasculados começa na infância, como nos indicam Mozer Ramos e Elder Cerqueira-Santos (2020). Nesse período, para fugir do lugar estigmatizado do afeminado, grande parte dos meninos se esforça para reproduzir as normas de aparência e comportamento masculino. Por isso, a manifestação de gênero amasculada frequentemente não é uma característica espontânea, mas sim uma meta fortemente perseguida pelos meninos para não serem confundidos com viados. Esse esforço não é feito apenas por meninos heterossexuais, mas também por meninos não heterossexuais, com a preocupação de não serem identificados dessa forma. A partir de então, ocorre a busca por uma *hipermasculinidade* que garanta que esses meninos sejam vistos como homens.

Com claro apelo heteronormativo, a imagem hegemônica do hipermasculino funciona como uma paródia de exaltação de traços considerados constituintes do homem macho, tais características são abstratas e extensivamente amplas, habitando as roupas, os padrões afetivos, os espaços de interação, os pelos corporais, a voz etc. Isso acaba por funcionar também como um padrão de requisitos (para amizades, interações, desejos e relacionamentos), pois aproximar-se do afeminado é expor-se à possibilidade de confundir-se com tal e assim perder patentes de masculinidade. Isso atravessa as amizades e relacionamentos de gays e bissexuais na sociedade [...] (Mozer Ramos; Elder Cerqueira-Santos, 2020, p. 167)

Como apontam Mozer Ramos e Elder Cerqueira-Santos (2020), a busca pela ocupação da norma por parte dos meninos também implica em que eles não possam mais se relacionar com os colegas afeminados. Isso faz com que os meninos afeminados sejam excluídos do convívio com os outros meninos, isolando-se ou criando laços de amizade no convívio com meninas. Os que são homens e os que não são já se encontram devidamente demarcados. Porém, Rafael Fernandes (2013) defende que os meninos não heterossexuais amasculados também passam por uma forte tensão psicológica durante a infância e a adolescência. Eles não precisam lidar com a afeminofobia, mas vivem com um medo constante de serem descobertos, o que acarreta num controle contínuo de seus comportamentos, impedindo-os de ter experiências e expressões desejadas. Para Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022), alguns gays podem se “sufocar”, sacrificando-se simbolicamente para caber na masculinidade padrão. Esses autores explicam que a busca por ter uma manifestação de gênero amasculada pode estar relacionada “ao medo da agressão, da ofensa e de estar numa posição social inferiorizada” (Aparecido Reis; Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 16).

Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) nos lembram de que, para algumas pessoas, a homossexualidade pode ser vista como o avesso da masculinidade, o que acarretaria no pensamento de que todo gay seria afeminado. Sob essa perspectiva, a existência

de gays amasculados poderia soar surpreendente ou contraditória. Entretanto, como nos indica Rafael Fernandes (2013), mesmo depois de adultos e tendo publicizado sua sexualidade, muitos homens não heterossexuais mantêm-se na busca pela hipermasculinidade: “o ‘gay másculo’ é intransigente na representação tradicional do gênero masculino, incorporando por meio de técnicas corporais [...] os gestos, posturas, tom de voz que perfazem a caracterização da masculinidade” (Rafael Fernandes, 2013, p. 7).

Renan Moura (2022) nos explica que a masculinidade é definida frequentemente pelo seu oposto: o homem é uma pessoa que não deve ter determinadas características – fraqueza, covardia, sensibilidade, etc. – e não deve fazer determinadas coisas – chorar, ter medo, agir de forma delicada, etc. Assim, homem é quem não age como e quem não se parece com uma mulher. Do mesmo modo, é muito comum encontrarmos tentativas de definição do que seria um gay “ másculo” o caracterizando como aquele que não é afeminado. O gay “ másculo” é o que não rebola, não fala fino, não desmunheca. Portanto, quando buscamos discussões sobre gays “ másculos”, muitas vezes encontramos discussões focadas não na hipermasculinidade, mas sim na afeminação. Para a cisheteronorma, o homem é uma identidade não marcada (Guacira Louro, 2000). Ele é o ser humano universalizante, do qual os outros se diferenciam. Do mesmo modo, o gay másculo também acaba reproduzindo esse lugar entre os homens não heterossexuais: ele é o gay “normal” – não necessariamente o “comum”, mas sim o que está dentro da norma, a cisheteronorma.

Renan Moura (2022) destaca que a negação essencial que o homem precisa realizar para garantir a sua masculinidade é a negação ao feminino. Por isso, o gay másculo também tentaria afastar de si não só a afeminação, mas frequentemente também a passividade sexual, ligada à mulher nas relações heteronormativas. O autor elenca essa questão entre os principais valores relacionados à masculinidade: “a coragem, a atividade (no sentido de ser contrária ao conceito de passividade, inclusive sexual), a potência, a resistência, a invulnerabilidade” (Renan Moura, 2022, p. 321). A visão da passividade sexual como negativa fica evidente em expressões que buscam ser ofensivas fazendo referência a ela, como “vai tomar no cu”, por exemplo. Rafael Fernandes (2013) afirma que o estigma da homossexualidade acaba recaindo muito mais sobre os passivos e, por extensão, os afeminados, por se considerar que sejam passivos. No entanto, ele ressalta que, na verdade, a amasculação não está necessariamente ligada à atividade nas relações sexuais. Como aponta o autor, “um homem pode até ‘dar’, o que não pode é agir fora dos padrões aceitos de masculinidade” (Rafael Fernandes, 2013, p. 7). Mas isso não significa que não exista uma pressão simbólica mesmo sobre eles.

À figura do efeminado está associada classicamente à da passividade sexual. Dentro de uma consideração binária em relação aos gêneros, a passividade é própria da mulher, a quem estão associadas conteúdos simbólicos de fragilidade e delicadeza entre outros do mesmo tipo. Ser “homem” pelo contrário, significa ser dominador, forte, impetuoso. Um homem que faz o papel de passivo na relação sexual como que é uma contradição em si mesmo. A “natureza” o dotou da capacidade de dominar e, no entanto, ele se deixa por prazer, ser dominado, faz-se como uma mulher, e pior, uma paródia grotesca de mulher, já que à sua posição de passividade não corresponde o sexo feminino. (Rafael Fernandes, 2013, p. 3)

Segundo Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013), a participação bem sucedida em esportes, a força física e a disposição para correr riscos são alguns dos índices de masculinidade que garantem um reconhecimento da amasculação. Para Roberto (Bharbixas, 2018), o futebol até mesmo é um fator de conquistas afetivo-sexuais: “jogar futebol, jogar bem sempre foi um coisa que, inclusive, atrai mulheres, inclusive, mulheres hétero, muitas gostam do cara que joga futebol, o cara joga bem, o cara é paparicado e tal”. Lúcio (Bharbixas, 2023) explicou que o futebol foi usado por ele como uma forma de esconder sua homo-orientação.

Eu meio que vi minha aptidão, ali, pro esporte, principalmente futebol e tudo. E, aí, meio que surgiu como um refúgio pra mim, porque eu fui crescendo e fui juntando os pontinhos e, por questões, assim, de me proteger mesmo da sociedade, do preconceito, da discriminação e tal. Então, eu vi como a sociedade trata o esporte e, principalmente, o futebol, nessa questão de mascarar: eu ali no meio, camuflado, entre aspas, né, entre os meninos, ali... Eu tinha, na minha cabeça, que ninguém ia desconfiar de mim, né? Então, eu meio que mergulhei mesmo de cabeça no futebol. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Apesar da sua estratégia, ele próprio ficava confuso com o pensamento por trás dela: “teve até uma fala muito marcante que eu escutei algum determinado momento da minha vida, que foi: ‘ah, o Lúcio não é gay não, ele joga bola bem e tal’. Na minha cabeça não entrava, dava um nó, assim: ‘gente, mas o que que tem uma coisa a ver com outra?’”

Ao mesmo tempo, Guacira Louro (2000) nos diz que é comum que os meninos resistam a atividades físicas consideradas femininas e até mesmo exagerarem uma suposta inaptidão para realizá-las. Segundo Raewyn Connell (1995, p. 189), “nós vivenciamos as masculinidades (em parte) por tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar e assim por diante”. No entanto, Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) afirmam que o crescimento da visibilidade da homossexualidade masculina tem feito com que homens heterossexuais se apropriem de estilos e práticas de homens gays, esfumando as diferenças de gênero, mas sem enfraquecer o patriarcado.

Apesar de tudo isso, Rafael Fernandes (2013) propõe a ideia de que a amasculação e a afeminação são um continuum. Os gays não podem ser divididos entre dois grupos fechados, os afeminados e os amasculados. Entre a figura do gay hipermasculinizado e a do gay hiperfeminilizado, há inúmeras possibilidades.

Apesar do lugar privilegiado do padrão, a busca pela amasculação também é realizada de outras formas. Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018) estudam a autorrepresentação de homens gays que se identificam como ursos. Segundo os autores, “os ursos são conhecidos no meio gay como homens de corpos grandes, com barba e pelos no corpo e comportamento viril” (Luiz Neves; Alberto Rodarte, 2018, p. 1). Esses corpos “grandes” também são referenciados como “parrudos”, podendo ser gordos ou musculosos. Os autores afirmam que é difícil identificar o momento de surgimento dessa identidade, sendo que os primeiros relatos remetem à década de 1960, nos Estados Unidos. Entretanto, é nos anos 1980 que essa se torna uma comunidade bem delimitada, com festas, clubes e publicações voltadas especificamente para esse público. No Brasil, a comunidade de ursos começou a se formar no final da década de 1990. Os autores indicam que essa identidade é muito sustentada por uma estrutura de mercado: as festas em baladas são o principal meio de firmar um pertencimento ao grupo. Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018) explicam que a identidade ursina promove aproximações e afastamentos em relação aos lugares de normatividade. É que os ursos surgiram com a pretensão de manifestar uma masculinidade tida como mais “natural”, ou seja, menos afeminada. No entanto, eles subvertem alguns padrões estéticos, valorizando corpos masculinos não atléticos. Os autores apresentam a existência de uma diversidade de subdivisões da categoria urso, bem como a relação dela com categorias próximas.

[Existe uma] taxonomia conhecida internacionalmente, que estabelece certos “tipos” de ursos: *chubby* (gordo e sem pelos), *cub* ou filhote (urso jovem), *black bear* (urso de pele negra), *panda bear* (urso asiático), *muscle bear* (musculoso), *daddy* (urso mais velho, com atitude paternal), entre outros. Contribuindo para borrar ainda mais as fronteiras identitárias, essa classificação também abriga aqueles que não ostentam aspectos corporais que remetem diretamente ao urso, a exemplo do *otter* ou lontra (peludo, mas magro) e o *chaser* ou caçador (independente do corpo, é aquele que sente atração por ursos). (Luiz Neves; Alberto Rodarte, 2018, p. 4-5)

Segundo Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018), apesar da potencialidade de subversão estética da identidade ursina, o *muscle bear* acaba sendo o tipo de urso mais desejado, por sua aproximação com o ideal de beleza normativo. Por isso, ele costuma até mesmo ser visto como o “urso ideal”. Essa diversidade de categorias de homens gays

apresentada por Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018) é, em si, bastante grande, mas não abrange todas as formas de identificação dentro da comunidade gay, já que apresenta apenas as categorias ligadas direta ou indiretamente aos ursos. É possível apontar a existência do termo “*twink*”, por exemplo, do qual falamos na Seção 3.1.4 (p. 163), que remete a gays jovens, magros, sem pelos no corpo e, frequentemente, com um comportamento mais feminino – uma identidade que não se assemelha em nada com a dos ursos, e por isso não consta nas categorias elencadas pelos autores. Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018, p. 3) se referem, ainda, aos termos “clone” ou “gay macho”, que começaram a ser usados na década de 1970, nos Estados Unidos, “em referência à adoção de uma aparência máscula, com atenção ao corpo musculoso e depilado, ao apelo sexual e a uma performatividade hiperviril e até machista”. Os autores nos apontam que, no Brasil, o termo “*barbies*” surgiu para se referir a gays com perfil semelhante. Wagner Camargo (2022, p. 39) também faz referência à figura do “clone”, definindo-o como “um *gay* habitante de grandes centros urbanos, com estilo próprio de roupas sensuais, músculos à mostra, que afastava qualquer suspeita de efeminação. Os *clones* eram cópias de machos heterossexuais”.

3.2.2 Interseccionalidades: raça, classe e idade

Pedro Juliano (2020) aborda o lugar da negritude nas discussões sobre homossexualidade masculina. O autor nos lembra de que isso deve ser feito levando em conta um contexto de hipersexualização e animalização do negro, que persiste desde a escravização dessa população no país. Pedro Juliano (2020) nos aponta, por exemplo, o estereótipo de que o negro teria “instintos libidinais exacerbados”. O autor nos explica que os homens negros tiveram dificuldade de se enquadrar nos ideais de masculinidade após a “abolição da escravidão” por sua exclusão do mercado de trabalho sob o argumento de não serem capacitados – uma desculpa para a promoção do embranquecimento da população a partir da importação de mão de obra europeia –, recebendo os estigmas de vagabundo, marginal e violento. Nesse contexto, muitas famílias negras passaram a ser chefiadas por mulheres, que conseguiam algum tipo de imersão no mercado de trabalho através de práticas subalternas. Isso alterou as relações tradicionais de poder no âmbito familiar e fez com que a masculinidade desse negros deixasse de ser reconhecida até mesmo por suas companheiras.

As discussões acerca da índole do homem negro o perseguem até hoje, mesmo passando mais de 130 anos da “abolição da escravidão” o imaginário popular ainda carrega a imagem da população negra pós abolição como uma população

preguiçosa, violenta e moldada socialmente pela malandragem. Nesse contexto conseguimos perceber que desde o período pós-abolição o homem negro tem que ultrapassar infinitas barreiras sociais e reverter estereótipos para ter acesso ao mínimo do que se convencionou como dignidade. (Pedro Juliano, 2020, p. 135)

Pedro Juliano (2020) aponta como a dificuldade de acesso ao mundo do trabalho foi comprometedor para a dignidade desses homens, já que esse também é um valor fundamental da masculinidade. Num quadro mais amplo, o autor nos lembra de que a masculinidade branca não se opõe apenas à feminilidade e à homossexualidade, mas também à masculinidade negra. Isso passa pela negação dos direitos desse outro racializado. Além disso, no período “pós-abolição”, o homem negro também passou a ser um outro indesejado na “disputa” por mulheres, sejam elas brancas ou negras. Para Pedro Juliano (2020, p. 136) é desse cenário que vem os principais estereótipos sobre o homem negro: “para muitos, faz parte da constituição da masculinidade deste homem a agressividade, a vadiagem, a ideia de perigoso, sendo impensável em contextos que fogem da animalização”. O autor analisa algumas figuras históricas que tensionaram esse lugar do homem negro a partir da não adequação à cisheteronorma. O primeiro é João Francisco dos Santos, o boêmio Madame Satã, famoso no Rio de Janeiro, nos anos 1930. Era de conhecimento público que ele mantinha relações sexuais com outros homens em uma época em que se afirmar dessa forma exigia bastante coragem. Sua manifestação de gênero carregava uma dubiedade, através da sua expressão tanto pela dança quanto pela luta. Outra personalidade analisada por Pedro Juliano (2020) é Jorge Lafond, o comediante conhecido nos anos 1990 pela personagem Vera Verão. O autor explica a visão existente, na época, sobre a personagem, partindo da sua própria experiência com ela.

Eu, uma criança que não conhecia o próprio corpo e sentimento acreditava que aceitar ser homossexual e negro era como se tornar a Vera Verão. Sempre foi bem contraditório, a figura de Vera Verão me intrigava, entretanto, para muitas crianças da minha idade e do meu convívio Vera Verão era um xingamento, uma ofensa. Ninguém queria ser Vera Verão, ninguém queria ser comparado com Vera Verão. Neste contexto, ser Vera Verão era abrir mão da heteromasculinidade, algo que já era ensinado para aquelas crianças como sagrado e divino. (Pedro Juliano, 2020, p. 139)

Pedro Juliano (2020) ressalta que a representação do gay na TV naquele momento seguia um padrão estereotipado, caricato e cheio de preconceitos, assim como a representação do negro. No entanto, essa era a única forma dessas pessoas ocuparem o espaço midiático. Lafond, por exemplo, adquiriu uma visibilidade que poucos homens negros conseguiam na época. O autor faz um paralelo entre Jorge Lafond e a dançarina de funk Lacreia, que também

fez sucesso no início do século XXI na TV. Para Pedro Juliano (2020), ele e ela foram as primeiras representações de destaque da “bicha preta” na mídia. Se, na época da infância do autor, ser chamado de Vera Verão era motivo de vergonha, ele acredita que, hoje, Lafond é referência para muitos gays negros das novas gerações. Pedro Juliano (2020) acredita que as “bichas pretas” nascidas do final dos anos 1980 aos anos 2000 fazem parte de uma geração conhecida como “geração lacração” ou “geração tombamento”, que adota uma postura *queer*, questionando as normas e estigmas vigentes. Para o autor, esses jovens são muito importantes para desconstruir a visão de masculinidade sobre os homens negros que existe até hoje.

De modo geral a virilidade é vista como o elemento central do homem negro, seja heterossexual, seja gay ou queer; é através dela que as pessoas enxergam o homem negro, fazendo que a virilidade seja um elemento fundante da construção do homem negro, atribuindo a ela um valor maior do que o dado para a vida do homem negro. [...] de modo que a virilidade aparece e permanece como “o maior atributo” do homem negro, tendo frequentemente a sua identidade ocultada e sendo pensado apenas como o “negão”, o indivíduo é pensado através de atributos físicos e sexuais, remetendo as ideias construídas acerca do homem negro escravizado do período colonial. (Pedro Juliano, 2020, p. 141)

A geração tombamento “rompe com essa lógica e demonstra que existem outras formas de ser sem querer ser um espelho da masculinidade branca hegemônica” (Pedro Juliano, 2020, p. 141). Esses jovens vivenciam experiências fluidas de gênero, transitando entre identificações e fugindo de binarismos e das normatizações sobre seus corpos. Na sua linguagem, subvertem termos como “fechar” e “lacrar” para dizer de suas estratégias e conquistas.

Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) nos indicam que também há relações entre homossexualidade masculina e idade. Os autores entrevistaram nove homens gays para discutir questões de manifestação de gênero e desejo. Um dos entrevistados aponta para uma relação entre os padrões de afeminação e amasculação e a idade. Segundo ele, quando era mais novo, era mais magro, sem pelos no corpo e simulava fragilidade para atrair homens amasculados. Depois de mais velho, passou a fazer musculação, deixou de se depilar e de fazer a barba para se mostrar mais amasculado. Antes era “mais passivo”, buscava alguém mais másculo que ele e queria ser protegido. Depois, continuou desejando alguém amasculado (“igual a ele”) e com o corpo parecido com o dele. Ele já não queria mais ser protegido e havia se tornado mais “flex”, ou seja, não queria ser só passivo, mas também ativo: “quero dominar também”. Na Seção 3.3.1 (p. 182), vamos retomar essa relação entre idade e homossexualidade masculina, ao discutirmos a apropriação da autoidentificação

“homem”. Veremos que, nas relações entre sujeitos de idades diferentes, pode existir uma lógica de dominação em que o mais velho é o “homem de verdade”.

Nos times de futebol pesquisados, também é possível perceber diversos tipos de interseccionalidades. O Bharbixas, que tinha um perfil mais afeminado, e o ManoTauros, que tinha um perfil mais amasculado, apresentavam composições diferentes no que diz respeito, principalmente, a classe e raça. Ao comentar sobre o perfil dos membros do seu time, Ângelo (ManoTauros, 2018) explicou que há um recorte de classe: “por um caminho natural, um caminho que a gente não escolheu, a gente acabou recebendo a maioria dos meninos muito carente [...] foi uma característica do ManoTauros, e uma parcela muito alta, de cinquenta por cento pra frente, são meninos muito carentes”. Por outro lado, Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre o recorte de raça e classe dos membros do Bharbixas. Ele diz que “a maioria dos que ficam no núcleo do time, eu acho que são de classe média”. Ao falar sobre raça, ele apontou que o Bharbixas seria majoritariamente branco.

Então, é um time mais jovem. A maioria é branco. Eu lembro de um que era negro e morava longe, assim, na periferia, e esse acabou depois indo pro ManoTauros. Eu não sei se eu que tou falando bobagem, mas óbvio que existem negros gays e afeminados, mas muitos que moram na periferia, eles acabam tendo um comportamento moldado diferente. Eles acabam, tendo, talvez, mais esse lado *hétero cis*. Pelo menos os que foram jogar com a gente tinham, a maioria. Eles acabaram, alguns, indo pro outro time. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) acionou um estereótipo de como seria um gay negro e sugeriu que ele seria mais amasculado e teria uma compatibilidade maior com o ManoTauros. Ele também caracterizou o Bharbixas como um time jovem. No trabalho de campo realizado, não foi possível estabelecer um perfil específico de idade para os membros do ManoTauros. Isso pode significar que este último não apresenta uma uniformidade em relação a essa variável. No entanto, mesmo assim, ele se diferenciaria do Bharbixas, pelo fato de este último ter esse perfil mais delimitado. Em conformidade com o cenário apontado por Roberto (Bharbixas, 2018), na pelada do Bharbixas da qual eu participei, havia apenas quatro negros no local, em meio a um total de dezenove pessoas (cerca de 20%), e quase todos os presentes eram jovens. Da mesma forma, enquanto assisti o primeiro treino do time de “futebol feminino” do Bharbixas, identifiquei que a maioria das pessoas que assistiam o jogo era branca e aparentava ser de classe média. Na 5ª edição do Champions LiGay, também pude perceber que grande parte dos jogadores do Bharbixas tinha uma aparência parecida. Eram brancos e aparentemente de classe média. Mas os jogadores do ManoTauros tinham um perfil

diferente. Grande parte era preta e parecia ser de periferia. Além disso, segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), o grau de instrução das pessoas que organizavam o Bhabixas era alto.

Por outro lado, Ângelo (ManoTauros, 2018) me disse também que havia alguns “viados com filho” no ManoTauros, e que eram os “mais afeminados” do time. Um deles seria muito novo, pobre, e já teria filhos. Supostamente, ele já se identificava como gay quando resolveu ter filhos com a mãe das crianças, mas, mesmo assim, eles teriam resolvido concebê-las pelo método tradicional.

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que diferentes times de futebol LGBTQIAPN+ do país são conhecidos por terem jogadores com perfis específicos. Segundo ele, o Futeboys (SP) seria um time em que quase todos os jogadores são brancos. Eles seriam um “time de *Instagram*”, que gosta de produzir fotos e de “dar tinta”. Supostamente, não aceitam membros que não sejam considerados bonitos. O Unicorns (SP) também seria um time branco. O Alligaytors (RJ), por outro lado, seria um time com mais negros e pessoas de baixa renda. Eles seriam conhecidos como “cafuçus” e assumiriam esse título. Já os jogadores do Bulls (SP) teriam um perfil mais de ursos. Quanto à manifestação de gênero, enquanto seria cobrado no Bhabixas que seus membros fossem “mega viados”, times como o ManoTauros e o Alligaytors seriam considerados “heteronormativos” pelos demais.

O quadro mostrado no trabalho de campo aponta, por um lado, para uma possível relação entre afeminação, juventude, branquitude e classe média. Por outro lado, entre amasculação, negritude e periferia. Os membros do ManoTauros não se enquadrariam no perfil da geração lacração (Pedro Juliano, 2020), talvez até pelo fato de o time não se caracterizar pela juventude, como o Bhabixas. A relação entre juventude e afeminação, por outro lado, é mais próxima do quadro apresentado também por autores como Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022). No entanto, essas não são correlações verificadas de forma exaustiva, mas apenas pistas que nos são dadas pelos discursos dos entrevistados e por observações feitas em campo.

3.2.3 Corpo e erotização

Gabriela Lima (2019) nos aponta que os modelos de masculinidade presentes na história da arte, na publicidade e no cinema também ajudam a configurar o que entendemos como um ideal de masculinidade. Na Grécia Antiga, o corpo nu masculino era visto como sinônimo de perfeição estética e moral, aproximando-o dos deuses. No Renascimento, esse mesmo tipo de representação foi redescoberto por artistas como Michelangelo, em seu famoso

David. Nesse momento, tal escultura se tornaria uma representação máxima de masculinidade, juventude e heroísmo. Assim, a autora chama a atenção para o lugar do corpo jovem, forte e másculo na representação do homem ideal. A perfeição dos músculos de David transformou a obra em referência tanto pelo realismo anatômico que alcançava quanto pelo modelo de masculinidade que representava.

Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018) também nos falam sobre o modelo de masculinidade presente na Grécia Antiga. Segundo eles, a masculinidade ideal era marcada por força, coragem e dominação, demonstradas especialmente no campo de batalha. Os autores nos explicam que, tanto na Grécia quanto na Roma Antiga, os músculos salientes e a pele bronzeada também eram valorizados por sua relação com a prática esportiva, que ocorria ao ar livre. Nessas sociedades, os pelos corporais e a barba também eram apreciados por demarcar a passagem para a vida adulta e sexualmente ativa. Porém, se, na Grécia Antiga, a disciplina era supervalorizada, a partir da Idade Média novos elementos foram sendo acrescentados à ideia de masculinidade, como beber em excesso, por exemplo. Gabriela Lima (2019) acredita que, na contemporaneidade, o protagonista dos comerciais do cigarro Marlboro surgiu como uma representação destacada do que seria esperado de um macho. Para a autora, o personagem que rendeu bilhões para a indústria do tabaco também marcou gerações. Esse *cowboy* rústico e selvagem era sempre mostrado sozinho em exercícios de força e poder: “a excessiva masculinidade garantia ao consumidor a certeza de sua própria heterossexualidade” (Gabriela Lima, 2019, p. 5).

Se, na Grécia Antiga e no Renascimento, o corpo masculino nu encarnava os ideais de masculinidade, entre os homens não heterossexuais o mesmo continua a acontecer na contemporaneidade. Porém, agora, com os corpos dos próprios sujeitos sendo esculpidos. Não mais por artistas em pedra, mas por eles mesmos por meio da musculação. É o que mostra o trabalho de Renan Moura (2022), que estuda capas de revistas voltadas para homens não heterossexuais. O autor afirma que os músculos aparecem como sinal de virilidade em modelos masculinos de capas de revistas voltadas tanto para o público não heterossexual quanto para o público hétero. Porém, enquanto neste último o discurso usual é de saúde, no primeiro é geralmente o de erotização. As capas analisadas apontam para um modelo estético valorizado e associado à masculinidade na contemporaneidade. Ele inclui elementos como pelos no corpo, bigode ou barba, músculos e tatuagens. A posição dos corpos também é importante na composição das fotos, com os modelos assumindo poses tipicamente relacionadas ao masculino – como sentar-se com as pernas abertas, mostrar os músculos, fazer uma expressão séria, etc. Um aspecto não abordado por Renan Moura (2022) em sua

discussão sobre as capas de revistas analisadas é que, das sete capas apresentadas por ele, apenas uma traz um homem negro, tendo sua raça objetificada como exótica, pela frase: “especial black men: seis machos deliciosos”.

Para Renan Moura (2022), a representação erótica do corpo de homens não heterossexuais sempre esteve marcada pela cisheteronorma. O autor acredita que isso promove uma homogeneização do que seriam os corpos desses sujeitos, criando uma imagem identitária que invisibiliza outros tipos de corpos. Um aspecto interessante notado pelo autor em sua análise das capas de revistas voltadas para o público masculino não heterossexual é que 90% dos modelos seminus que as estampavam são homens hétero. Para o autor, esse tipo de representação faz com que o ideal de masculinidade compartilhado por homens não heterossexuais seja o de um “macho alfa” estereotipado.

Ao que se parece, a mídia voltada para o público gay está longe de reduzir a reprodução do homem com traços da masculinidade hegemônica e todos aqueles que não se enquadram nesse modelo de “macho” estão destinados a se manterem no gueto da mídia, como é o caso da revista analisada que, por meio de algumas capas, reforça a *heterossexualização homossexual*, o que pode coibir ou estigmatizar outras identidades gays. [...] influenciando, assim, na escolha de quais corpos devem ser desejados, quais são desejáveis e quais não se deve desejar (manifestados na ausência destes) (Renan Moura, 2022, p. 330, grifo meu)

É interessante, no entanto, pensarmos porque o corpo másculo significaria uma “heterossexualização homossexual”. Essa percepção daria a entender que a heterossexualidade possui o monopólio de aspectos relacionados à masculinidade, como o corpo musculoso, por exemplo. Por que é esperado que esse seja um modelo heterossexual, mas que não deveria ser homossexual? Como a discussão que estamos realizando sugere, a hipermasculinização aponta para problemas relacionados à homofobia internalizada e à busca de um ideal excludente. Entretanto, ao mesmo tempo, acredito que o perfil corporal ligado à masculinidade viril não pode ser visto como naturalmente associado apenas à heterossexualidade. Falando sobre a pose que a maior parte dos times LGBTQIAPN+ costuma fazer nas fotos das mídias sociais, Lúcio (Bharbixas, 2023) problematizou algo semelhante: “os outros times eram mais nessa pegada mais heteronormativa, assim, pode-se se dizer, sabe? Sempre fotos, assim... não tem nem como dizer que era de caráter hétero não, porque o que que é um caráter hétero numa pose, né, pra um time posar pra uma foto? Não existe isso, né?”

Renan Moura (2022) nos lembra de outro aspecto do corpo masculino que é supervalorizado. Numa lógica cisnormativa, o autor destaca a importância do pênis como signo de masculinidade. Essa centralidade é perceptível, por exemplo, no uso da palavra

castrar como sinônimo de emascular, perder a virilidade. Nas suas análises de capas de revistas voltadas para homens não heterossexuais, Renan Moura (2022) identifica representações do pênis com tamanho avantajado – ou superdotado. Por mais que essa capas não mostrem o pênis em si, já que são imagens de modelos *seminus*, elas usam objetos como uma garrafa de champanhe ou um par de botas em frente a corpos masculinos sem roupa, servindo como metáforas da masculinidade e potência do pênis: “por meio das imagens expostas, é possível compreender que a relação entre ser homem e falo é recorrente, uma vez que as imagens demonstram uma hiper valorização do pênis em tamanhos avantajados” (Renan Moura, 2022, p. 325). Mesmo quando os modelos estão de sunga, o volume do pênis dentro delas é destacado.

Obviamente, apenas uma minoria consegue se aproximar dessas características corporais hegemônicas. Dessa forma, alguns entrevistados de Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) – que entrevistaram homens gays sobre manifestação de gênero e desejo –, afirmavam que, por não serem “padrões”, não conseguem ficar com gays normativos, pois estes também querem ficar com alguém “igual a eles”. Assim, esses entrevistados buscam ficar com alguém que se aproxime na medida do possível da norma ou, então, com alguém que tenha um nível de aproximação da norma semelhante ao deles.

No meu trabalho de campo, em alguns momentos, corpo e erotismo se apresentaram como elementos importantes. Durante o jogo comemorativo do aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, alguns torcedores próximos a mim discutiam sobre um jogador do Bharbixas estar usando ou não cueca. A maioria achava que não, mas alguém defendia que ele estava usando uma cueca pequena, “fio dental”, e tinha “a bunda grande mesmo”. Um grande número de jogadores vindos de vários times do país aparentava ter tipo físico malhado e corpo construído em academia. Muitos dos membros do Bharbixas usavam shorts bem curtos. Esses torcedores comentavam sobre quais jogadores eram “gostosos” e, quando ocorreu uma falta, e um jogador ficou caído, alguém gritou: “eu faço massagem!” Também durante a 5ª edição do Champions LiGay, havia muitos homens musculosos sem camisa na torcida dos jogos. Wagner Camargo (2021), em sua etnografia na 3ª edição do Champions LiGay, registrou a relação da torcida com os jogadores “padrão”, no que diz respeito a corpo e sexualidade.

[...] tal formato corporal funcionava como um componente do desejo homoerótico naquele evento paulista e que colocava em circulação corpos, sexualidades e desejos. Observei uma sessão de fotos, ainda previamente às contendas, em que um jogador do *Futeboys* fez muito sucesso e arrancava olhares de muitas pessoas presentes: com uma musculatura torneada que a camiseta rosa e amarela esculpia, shorts justo, barba aparada e contínua, cabelos castanhos claros: ele parecia ser a

“medida do desejo coletivo” (aspas na expressão que ouvi). Ao menos, foi o que pude capturar nas movimentações dos olhares, expressões de sorrisos aleatórios ou mesmo comentários cantos-de-boca [...] (Wagner Camargo, 2021, p. 7)

O autor destaca que o padrão corporal dos jogadores naquela edição do campeonato correspondia ao que ele havia encontrado em sua etnografia nos Gay Games (Wagner Camargo, 2012). Predominavam os corpos brancos, cis, sem deficiência, aparentemente de classe média, com formação acadêmica e ostentando “padrões de beleza normativos e midiaticamente valorizados” (Wagner Camargo, 2021, p. 7). O autor correlaciona esse perfil com uma frase falada pelos jogadores e até estampada em camisas: “futebol gay me representa”.

3.3 HOMENS E MASCULINIDADES

3.3.1 O que é ser homem?

Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018) explicam que, na Grécia Antiga, a categoria “homem” não se opunha apenas às mulheres, mas também aos jovens, crianças, estrangeiros e escravizados. Desse modo, o homem não era apenas um gênero, mas uma classe superior de ser humano, o único digno de ser chamado de cidadão. Renan Moura (2022) aponta que, ainda hoje, o homem é visto como o topo de uma hierarquia. A masculinidade é vista como um elogio e uma característica que leva à glória, e os que a ocupam “humilham” os outros feminizados. Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) defendem que o homem continua sendo visto como o ser humano universal. Não é à toa que a palavra “homem” é usada como sinônimo de “ser humano”.

Assim pensado, a masculinidade não aparece apenas como elemento hierárquico do par binário de gênero (masculino/feminino), mas também se posiciona como representante da totalidade da humanidade, como o universal que fala, olha, julga e decide. Assim, quando um homem fala, se atende às características da masculinidade normativa (masculino, heterossexual, branco, classe média/alta), parece que o faz em nome de todos os seres humanos. (Aparecido Reis; Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 6)

Quando falamos de homens não heterossexuais, os processos de identificação não são simples nem óbvios. Segundo Estevam Salgueiro (2016), a sexualidade – e, portanto, também a homossexualidade, bissexualidade ou pansexualidade masculina – pode ser compreendida a partir de três fatores: orientação, comportamento e identidade. Essas três

dimensões são relativamente independentes e não precisam necessariamente estar em conformidade. É possível, por exemplo, que um homem se sinta atraído apenas por outros homens (orientação), mas se relacione sexualmente apenas com mulheres (comportamento) – como muitos homens homo-orientados que constituem famílias heteroafetivas, por exemplo. Bem como é possível que um homem se sinta atraído apenas por mulheres (orientação), mas se relacione sexualmente com homens (comportamento) – é o caso de garotos de programa ou atores pornô, por exemplo. Por fim, é possível que um homem que se sente atraído por outros homens ou que se relaciona sexualmente com outros homens não se considere gay, nem bi, nem pansexual (identidade). Ele pode se considerar HSH, mas também pode se considerar hétero – por não se sentir atraído pelos homens com quem faz sexo, por exemplo, ou, ainda, por acreditar que se relacionar de forma clandestina como ativo com outros homens não afeta a sua heterossexualidade, entre outras possibilidades.⁷⁸ Dessas três dimensões, a orientação é a mais secreta: “em princípio, pertence exclusivamente ao sujeito e, em tese, só ele tem acesso à sua orientação sexual, no mais íntimo de sua consciência, ou no mais profundo de sua inconsciência: pode, portanto, ser ocultada dos demais” (Estevam Salgueiro, 2016, p. 65).

Mas, se a identificação como gay, bi ou pan não é necessária, e quanto à identificação como homem? Usado habitualmente como substantivo, esse termo também serve como adjetivo. É o que mostra Estevam Salgueiro (2016), ao reproduzir a fala de um paciente de consultório de psicologia. Este dizia que seu parceiro atual era *bastante homem*, e que nunca tinha estado com alguém *tão homem quanto* ele. Assim, os homens são colocados numa escala: do mais homem ao menos homem. Ao mesmo tempo, esse sujeito também se referia ao seu parceiro como “homem de verdade”, indicando que ambos são homens, mas o “homem de verdade” é o outro. Dessa forma, haveria camadas de significado sobre a palavra homem, sendo possível atender a todas elas, ou apenas ser um homem de mentira, um pseudo-homem. De fato, a palavra homem não é apenas sinônimo de humano. Ela também é usada como sinônimo de heterossexual e de másculo. Logo, é esperado do homem que ele seja hétero e amasculado. Quem não é, não seria um “homem de verdade”. Por isso, os gays que se preocupam em serem vistos como homens de verdade precisam se esforçar muito para isso, mostrando força, virilidade e amasculação, para “compensar” a sua homossexualidade.

⁷⁸ A lógica de que transar com outros homens seguindo determinadas condições não afeta a heterossexualidade de um deles é, literalmente, antiga. Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018, p. 12-13) nos lembram de que, na Roma Antiga, “o homem adulto podia ter relações sexuais com garotos sem que fosse acusado de ‘invertido’”. Ao longo desta seção, veremos outros exemplos mais contemporâneos que remetem a um entendimento semelhante.

Na escala de masculinidade, os héteros seriam seguidos pelos não heterossexuais amasculados e só então pelos não heterossexuais afeminados. É comum o pensamento de que a travesti viria em seguida. Mas essa é uma lógica equivocada que confunde a travestilidade, ao tratá-la como uma identidade masculina. A travesti não está incluída nessa “fila”, depois da bicha, porque ela é formada por homens, e a travestilidade é uma identidade de gênero feminina (Vanrochris Vieira, 2021c). Logo, afeminação e travestilidade não são uma sequência.

De qualquer maneira, a palavra homem, no contexto da não heterossexualidade masculina, já teve diferentes apropriações. Isso está ligado ao fato de que o padrão desses relacionamentos sofreu muitas variações ao longo do tempo. O modelo de “casal gay”, formado por dois “homens”, com valores equivalentes aos de casais heterossexuais tradicionais (amor romântico, monogamia, núcleo familiar) passou a ser normativo há poucas décadas. Esse modelo difere ainda mais de seus predecessores se pensamos em dois “homens” que têm um papel equivalente na relação, sem assimetrias de gênero marcando o arranjo entre eles. Antes dessas configurações, as relações de natureza sexual entre duas pessoas do gênero masculino eram, por padrão, marcadas por papéis assimétricos, baseados no modelo heterossexual, que estabelecia naturezas diferentes para cada um dos envolvidos na relação. Essas conexões possibilitavam grau baixo ou nenhum grau de formalização, tendo como padrão a clandestinidade e, por vezes, a ausência de vínculos estáveis e românticos. O modelo que predominava no Brasil no fim do Império e início da República nos é apresentado por James Green (2000). Segundo ele, as praças e parques públicos eram ocupadas por “frescos” – categoria da época próxima à de “bicha” atual. Os “homens” (amasculados), frequentemente casados e ocupando posições sociais de prestígio, iam a esses locais para encontrar frescos com os quais pudessem transar.⁷⁹

Peter Fry (1982), a partir de pesquisa realizada na periferia de Belém (Pará), em 1974, mostra um cenário de transição entre o modelo assimétrico e o simétrico no país. Além disso, ele evidencia que modelos diferentes podem coexistir em diferentes espaços.

Ficou mais que claro que há várias maneiras de compreender a sexualidade masculina no Brasil, e que estas variam de região para região, de classe para classe

⁷⁹ A lógica homossocial de sair para lugares específicos para encontrar parceiros sexuais perdurou durante o século XX. No entanto, o habitual passou a ser ir a locais como boates e saunas. Renata Rezende e Diego Cotta (2015) explicam que o surgimento de aplicativos com o *Grindr* mudou essa lógica, caracterizando de uma nova forma o padrão de encontros entre homens para sexo episódico. Hoje, tornou-se mais comum que eles se desloquem diretamente para espaços domésticos uns dos outros, depois de se conectarem nesses aplicativos. Essa dinâmica é mais forte nas metrópoles, onde o número de encontros em potencial é maior.

social, e, sobretudo, de um momento histórico para outro. Além disso, é também claro que essas várias maneiras de perceber socialmente a sexualidade masculina são muitas vezes contraditórias e conflitantes e que é portanto importante investigá-las sociologicamente. Sistemas de conhecimento só existem socialmente se reproduzidos pelos atores sociais, e a vitória de um ou outro sistema dependerá, em última instância, do relativo poder dos seus proponentes. (Peter Fry, 1982, p. 88)

O autor explica que, a partir da década de 1960, os movimentos homossexuais das grandes cidades brasileiras começaram a defender a igualdade e a simetria entre os companheiros sexuais, sem a reprodução de papéis masculinos e femininos. Ele atribui a propagação desse novo modelo principalmente a jovens universitários de classe média. Nesse contexto, todos eram chamados de “homossexuais”, “gays” ou “entendidos”, sem distinção. Em Belém, por outro lado, o que o autor encontrou foi um sistema de classificação que separava “homens” e “bichas”, entre as pessoas do sexo/gênero masculino que se relacionavam sexualmente com pessoas do mesmo sexo/gênero. As duas categorias variavam em termos de comportamento social e sexual. Enquanto o homem agia de forma masculina, a bicha reproduzia um comportamento mais feminino. Sexualmente, o homem penetrava, e a bicha era penetrada: “o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de ‘atividade’ e ‘passividade’, o sentido de dominação e submissão. Assim o ‘homem’ idealmente domina a ‘bicha’” (Peter Fry, 1982, p. 90). O homem não deixava de ser homem por se relacionar sexualmente com outra pessoa do mesmo gênero, uma vez que ele era sempre o ativo. Esse arranjo fazia sentido naquela cultura, enquanto dois homens ou duas bichas se relacionarem sexualmente já era visto como algo que não fazia sentido, uma vez que a busca pela reprodução das relações entre masculino e feminino guiava o entendimento de sexo que existia ali. Porém, o autor ressalta que esse modelo não era exclusivo da periferia de Belém.

Mas essa maneira de classificar as identidades sexuais não está restrita à periferia de Belém: de certo modo, ela aparece em toda a sociedade brasileira, coexistindo, e às vezes competindo, com outros sistemas. Creio, entretanto, que esse modelo tem uma maior hegemonia em certas áreas, notadamente no Norte e no Nordeste, entre as populações pobres das grandes cidades e do interior do país em geral. (Peter Fry, 1982, p. 91-92)

Peter Fry (1982) discute como, naquele momento, a questão dos papéis assimétricos e hierárquicos era resolvida em contextos que exigiam uma maior igualdade de comportamento entre os envolvidos. Ele dá como exemplo os internatos. Nesse caso, os sujeitos costumam realizar o “troca-troca”, ou seja, um revezamento entre quem era o ativo e quem era o passivo, de forma a equilibrar as relações de dominação. Nas grandes metrópoles,

mesmo que os “entendidos” tivessem liberdade em relação à sua manifestação de gênero e seu papel sexual (ativo ou passivo), ainda assim, eles eram definidos em oposição ao “homem”, que era o masculino, ativo e heterossexual.

Apesar das transformações que ocorreram na homosociabilidade afetivo-sexual masculina, parte desse modelo tradicional ainda vive. Rodrigo Dall’Ago e Tacia Rocha (2019) analisam vídeos pornográficos de sexo entre homens protagonizados pelo ator brasileiro Rafael Alencar. As cenas analisadas retratam situações de dominação baseadas em encenações de estupros, numa lógica em que um homem homossexual é estuprado por outro supostamente heterossexual, ou então um homem mais afeminado é estuprado por outro mais amasculado. Nos vídeos analisados, Rafael Alencar ocupa o lugar de dominador. Esse papel é construído a partir de sua estética corporal – incluindo o tamanho grande do pênis – e de sua manifestação de gênero hipermasculina. É interessante apontar que, mesmo quando um dos homens é caracterizado como mais afeminado, ele não se distancia muito do padrão de masculinidade, apenas não o ocupa tão bem quanto Rafael. Isso porque, na narrativa estabelecida, é preciso que todos os homens em cena sejam vistos de fato como “homens” para promover o desejo, ainda que a narrativa de dominação implique em uma assimetria. Para o autor e a autora, “a pornografia delimita o afeto, estimula a repressão, induz ao assédio, silencia as masculinidades não hegemônicas e evidencia o macho viril” (Rodrigo Dall’ago; Tacia Rocha, 2019, p. 13). De fato, existe um forte imaginário sexual, na pornografia, de conquista ou “conversão” de um homem hétero. De certo, ele se liga a esse padrão tradicional que constrói hierarquias de masculinidades, bem como à associação entre o heterossexual e a amasculação. Estevam Salgado (2016) faz um relato sobre um paciente que tinha a fantasia de transar com um “cara” que não fosse gay, seduzindo-o. Ele seria o “dominado” sexualmente, mas estaria “dominando” o hétero por se transformar em um objeto de desejo irresistível para ele.

Segundo Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022), alguns sujeitos que eles entrevistaram sobre manifestação de gênero e desejo entre gays gostavam de malhar especialmente as coxas e os glúteos, buscando ter um formato de corpo considerado mais feminino. Um deles disse que fazia isso porque gosta de ser relacionar com “homens hétero”: “tem que estar toda depilada, cheirosa, tem muitos dos caras que são héteros, que gostam de brincar com o brinquedo das gays” (Aparecido Reis; Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 12).

Dentro desta lógica, as características físicas e performáticas apresentadas por cada sujeito desempenham um importante referencial nas escolhas afetivas e sexuais, reforçando uma noção estereotipada de masculinidade e feminilidade, muitas vezes, estendida, inclusive, aos papéis sexuais entre os parceiros. Na representação do ato sexual entre dois homens, o sujeito que performatiza a masculinidade deveria exercer um papel ativo e não perderia seu status de “homem verdadeiro”, pois o estereótipo do homem passivo está associado ao ‘viado’, como dito em uma das entrevistas, oposto ao homem ativo e viril. (Aparecido Reis; Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 17)

Esses “héteros” – como sinônimo de homens – estariam atrás de realizar fantasias sexuais. Eles pediam para o entrevistado lhes enviar fotos usando batom e roupa íntima feminina. Esse entrevistado explicou por que se interessa por esse tipo de parceiro sexual.

Prefere se relacionar sexualmente com homens mais velhos que ele, porque o tratam como a parte mais frágil da relação, lembrando sempre que a ideia de fragilidade está associada ao que é feminino, *“homens com uns 40 anos me faz sentir uma mocinha, me dão presentes, pedem para eu usar roupas que acham bonitas”*. (Aparecido Reis; Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 13, grifo dos autores)

Os homens com mais de 40 anos com quem ficava lhe ofereciam apenas encontros clandestinos. Muitos eram casados e não tinham corpos atraentes, mas, para o entrevistado, isso era compensado pelos presentes recebidos. No entanto, esse interlocutor aponta para a existência de dois padrões: essa assimetria de idade estaria relacionada apenas ao sexo episódico. Para ter um relacionamento, ele teria interesse por pessoas da mesma idade que a dele. No entanto, ele acreditava que os gays amasculados da sua faixa etária não se interessavam por alguém afeminado como ele, pois também queriam alguém “igual a eles”. Por isso, o entrevistado, que desejava namorar alguém amasculado, nunca havia tido um relacionamento.

O mesmo padrão histórico que vimos acima mostra-se ainda hoje. Quando os homens (amasculados) não assumiam a homossexualidade como identidade, eles se relacionam com bichas (afeminadas). Mas quando começaram a assumir, passaram a se relacionar com outros homens (amasculados). Desse modo, a bicha (afeminada) serviria para o clandestino, mas não para o público. Outro ponto sugerido por Pedro Juliano (2020) é que muitas vezes o corpo buscado para relacionamentos é o branco, enquanto o negro é apenas visto de forma sexualizada.

Estevam Salgado (2016) também relata o caso de um homem, parceiro de um dos seus pacientes, que se considerava heterossexual porque, ao fazer sexo com alguém do mesmo gênero, ocupava a “posição de homem” (ativo) e não trocava nenhuma carícia, apenas contato genital. Apontando novamente para a centralidade do pênis na identidade masculina, esse

autor relata também sobre um paciente que só gostava de se relacionar com gays amasculados de pênis “avantajado”.

3.3.2 Masculinidade hegemônica

Para Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013), a perspectiva feminista sobre interseccionalidades também se aplica às experiências do masculino. Segundo a autora e o autor, há diversas formas de vivenciar a masculinidade a partir de diferentes lugares de privilégio ou subordinação nos quais os homens podem estar devido a outros eixos de dominação. Segundo a autora e o autor, a luta política de homens gays foi o que deu a ver a hierarquização das masculinidades: “a ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais” (Raewyn Connell; James Messerschmidt, 2013, p. 244). A autora e o autor apontam que homens gays têm uma relação ambivalente com o patriarcado e a masculinidade tradicional. Leandro Silva (2014, p. 6) afirma que “a homossexualidade masculina não ameaça o patriarcado quando joga nos mesmos termos, reproduzindo misoginia e falocentrismo”.

Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) abordam os conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas. O modelo hegemônico não estaria relacionado a uma maior presença estatística, muito pelo contrário: apenas uma minoria de homens realmente se aproxima dele. O que faz com que ele seja hegemônico, entretanto, é o seu caráter normativo. Segundo a autora e o autor, a masculinidade hegemônica “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (Raewyn Connell; James Messerschmidt, 2013, p. 245). Por isso, a masculinidade hegemônica se constitui a partir de dois “outros”. A partir de um ponto de vista binário, um seria interno (masculinidades subordinadas) e outro externo (feminilidade): “a masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade” (Guacira Louro, 2000, p. 69). Mas não só as masculinidades subordinadas estão submetidas à hegemônica, como também as masculinidades subordinadas se relacionam umas com as outras de forma hierárquica. Como nos explica Miguel Almeida (1996, p. 163), “a própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos ‘masculino’), em que se detectam modelos hegemônicos e variantes subordinadas”. Claudia

Eccel, Luiz Saraiva e Alexandre Carrieri (2015, p. 11) nos lembram de que isso acontece entre os homens não heterossexuais: “embora se trate de masculinidades subordinadas comparadas ao parâmetro da representação de masculinidade hegemônica (e heteronormativa), mesmo entre as masculinidades homossexuais é possível perceber desníveis de poder e legitimação”.

Os homens que não estão tão próximos da masculinidade hegemônica, mas mesmo assim se beneficiam com ela, desenvolvem o que Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) chamam de cumplicidade masculina. Essa cumplicidade, bem como a “complacência dentre as mulheres heterossexuais” (Raewyn Connell; James Messerschmidt, 2013, p. 245), seriam pilares importantes para a masculinidade hegemônica. Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013, p. 245) ressaltam que essa hegemonia não está necessariamente ligada ao uso da força, mas sim a uma “ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão”. Mas a autora e o autor apontam que há um ponto de esperança frente a um contexto em que a dominação de gênero parece estar muito bem estabelecida. É que os modelos de masculinidade são históricos, de forma que a masculinidade hegemônica muda a partir dos tensionamentos que vão surgindo. Do mesmo modo, Miriam Grossi (2004) nos lembra de que a masculinidade é uma instituição flexível, sustentada por normas mutáveis, acompanhando mudanças sociais, políticas e históricas. Com isso, para Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013, p. 245), a luta contra a hierarquia de gêneros poderia possibilitar “uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva”.

Miguel Almeida (1996) nos explica que as masculinidades subordinadas não estão fora da masculinidade hegemônica, mas sim fazem parte dela. Se a feminilidade e a homossexualidade são um “perigo” constante para a masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo, ela precisa desses negativos para ter sua própria forma. É o que também nos explica Guacira Louro (2000, p. 70): “há que notar que, se a identidade normal é a grande referência, ela também se produz tomando o outro como limite e fronteira. Rejeitado ou negado, o ‘outro’ é, ao mesmo tempo, indispensável”. Por isso, quando olhamos para as masculinidades subordinadas, também estamos olhando para a masculinidade hegemônica. Miguel Almeida (1996) explica que a masculinidade hegemônica é um modelo ideal e inatingível, uma vez que os discursos nunca são reproduzidos igualmente nas práticas. Mesmo assim, ele exerce um poder dominador sobre homens e mulheres, enquanto privilegia os primeiros. Para o autor, a definição, aquisição e manutenção da masculinidade são “um processo social frágil, vigiado, autovigiado e disputado” (Miguel Almeida, 1996, p. 163).

Para Gabriela Lima (2019, p. 9), “a masculinidade é hegemônica quando existe correspondência entre os ideais culturais e o poder institucional”. Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) salientam que a masculinidade hegemônica está relacionada a homens heterossexuais e brancos. Ela “asfixia ou marginaliza qualquer facção que busca anular seu controle estabelecido ou que ameace sua conceituação de uma identidade global” (Aparecido Reis; Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 7). Esses autores também relacionam a masculinidade hegemônica com autoridade e domínio técnico e financeiro. Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) nos lembram ainda, da importância do esporte nesse contexto, tal como temos discutido neste texto em torno do futebol. A autora e o autor apontam que faz parte da construção da masculinidade enfrentar outros homens, e vencer uma competição é mais do que se provar bom nela, mas sim provar a superioridade da sua masculinidade.

Valeschka Guerra, Arielle Scarpati, Julia Brasil, André Livramento e Cleidiane Silva (2015) afirmam que a masculinidade hegemônica está ligada a um modelo tradicional de homem, que deve ser viril e machista, além de provar constantemente sua masculinidade sendo agressivo, submetendo-se a riscos e mantendo-se emocionalmente distante. Essas autoras e esse autor explicam que a masculinidade é definida a partir de dois modos, um “negativo” e outro “positivo”. O negativo diz respeito àquilo que o homem não deve ser: “homem não chora, não demonstra seus sentimentos, não pode ser fraco ou covarde” (Valeschka Guerra *et al.*, 2015, p. 74). O positivo, por outro lado, refere-se às obrigações masculinas: “o homem deve ser corajoso, forte, provedor, viril, agressivo” (*ibidem*, p. 74). Valeschka Guerra *et al.* (2015) acreditam que o homem “tradicional” está ligado a um estereótipo que incluiria a manifestação de força, dominância, agressividade e experiência sexual. Homens com esse perfil, segundo as autoras e o autor, costumam apresentar diversos comportamentos de risco, tais como: sexo com muitas parceiras, parceiros ou parceiras sem uso de camisinha, alto consumo de álcool, envolvimento em brigas e a não busca por atendimento médico em caso de doenças físicas ou mentais.

Henrietta Moore (2000) defende que as construções discursivas em torno do que é ser homem e do que é ser mulher são essenciais para a construção da realidade social em que os gêneros se inserem. Para ela, nas culturas ocidentais, homens e mulheres são definidos como seres com naturezas distintas, à medida em que “a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto que a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas” (Henrietta Moore, 2000, p. 16). Em texto anterior

(Vanrochris Vieira, 2021c), discuti como, na cultura ocidental, a mulher está relacionada ao polo da natureza e o homem ao da cultura, o que liga a mulher à emoção e o homem à razão. Mas Henrietta Moore (2000) nos lembra de que os discursos sobre gênero variam de acordo com a cultura, e há aquelas que não definem apenas homens e mulheres de forma binária e oposicional. Na cultura brasileira, podemos citar a travestilidade como uma forma não-binária de construção de gênero (Vanrochris Vieira, 2021c). No entanto, os discursos não variam apenas entre culturas, mas também dentro delas, onde há concepções concorrentes e em interação.

A existência de múltiplos discursos de gênero dentro de um mesmo contexto social significa que em muitas situações um discurso que enfatiza a natureza oposicional e mutuamente exclusiva das categorias de gênero pode existir ao lado de outros discursos que enfatizam a natureza processual, mutável temporária da atribuição de gênero. A coexistência de múltiplos discursos, contudo, produz uma situação em que os diferentes discursos sobre gênero são hierarquicamente ordenados. O ordenamento pode ser tanto contextual como biograficamente variável, e também pode estar sujeito à mudança histórica. O resultado é que alguns discursos sobredeterminam outros, e vários discursos sub-dominantes se desenvolvem em oposição aos dominantes. (Henrietta Moore, 2000, p. 28)

Além de questões de raça e classe, a autora nos lembra também do papel da religião no estabelecimento de interseccionalidades nesse processo de dominação. Ela destaca que “todos os principais eixos da diferença, raça, classe, etnicidade, sexualidade e religião têm interseções com o gênero, que oferecem uma multiplicidade de posições de sujeito dentro de qualquer discurso” (Henrietta Moore, 200, p. 26).

3.3.3 Ser homem é difícil?

Gabriela Lima (2019) acredita que a masculinidade, apesar de trazer incontestáveis privilégios para os homens, também acarreta em um peso para eles.

Se as mulheres são submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, os homens também são prisioneiros da representação vigente. O privilégio masculino impõe a todo homem o dever de afirmar a todo tempo sua virilidade. A identidade masculina exige um processo de atenção constante, uma eterna vigilância das emoções e do corpo. A vigília masculina a seu próprio respeito ainda é presa ao modelo hegemônico de masculinidade, fundamentado nas ideias de força, virilidade, liderança. (Gabriela Lima, 2019, p. 8)

Renan Moura (2022) também afirma que o esforço de aproximação com o modelo hegemônico “gera um grande desgaste naqueles que buscam reproduzir tal masculinidade em

seus corpos e atitudes” (Renan Moura, 2022, p. 321). No entanto, essa busca não surge como opcional, mas sim como uma pressão, uma vez que a inadequação implica em riscos e punições. Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022, p. 7) explicam que “homens que não aderem aos códigos estritos das normas masculinas podem experimentar sofrimento ideal do corpo, isolamento e impotência”. É claro que isso não deve implicar numa vitimização dos homens, mas no reconhecimento de que a masculinidade tradicional pode ter um poder devastador sobre todas as pessoas.

Segundo Valeschka Guerra *et al.* (2015), é possível pensar na prática da masculinidade tradicional a partir de quatro eixos: esforço constante, restrição emocional, heterossexismo e provocação social. O esforço constante diz de uma necessidade de se manter permanentemente forte e confiante em público. A restrição emocional está ligada ao impedimento de mostrar suas emoções para os outros, precisando mantê-las escondidas. O heterossexismo se refere ao rechaço de qualquer atitude considerada feminina ou gay. Por fim, a provocação social implica que, para afirmar sua masculinidade, os homens devem provocar uns aos outros com “brincadeiras” e piadas, devendo também suportar essas provocações. Valeschka Guerra *et al.* (2015) relacionam a adequação ou não a esse padrão de masculinidade com a honra e a reputação de pessoas do gênero masculino. Para as autoras e o autor, a honra é um código de conduta ideal valorizado pela sociedade, que dependeria “de julgamento externo e seria adquirida por meio da virtude” (Valeschka Guerra *et al.*, 2015, p. 75). Assim, ter honra dependeria apenas da virtude do homem, ou seja, da sua capacidade de se adequar a esse modelo. Por outro lado, o reconhecimento público dessa virtude seria importante pois a forma como nos vemos depende também do que os outros pensam de nós. Por isso, a desonra causa vergonha. Valeschka Guerra *et al.* (2015) chamam a atenção para o fato de que a honra feminina tradicional está ligada a fatores completamente diferentes, tais como a castidade sexual e a contenção social.

Essas autoras e esse autor aplicaram um formulário para mais de 400 pessoas para identificar a percepção delas a respeito da honra masculina. Valeschka Guerra *et al.* (2015) constataram que, quanto mais valor os homens respondentes davam à provocação social, menos valor eles davam à honra feminina. Para as autoras e o autor, isso pode estar relacionado ao fato de que fazer insinuações contra a reputação ou fidelidade das “mulheres do outro homem” – como mães, irmãs e companheiras –, é uma forma comum de provocação: “uma má reputação feminina seria utilizada como motivo de constrangimento e humilhação para os homens” (Valeschka Guerra *et al.*, 2015, p. 84). Entretanto, isso também pode estar relacionado ao fato de que grande parte das provocações passa pela comparação negativa com

o feminino, como em: “você está fazendo isso igual a uma mulher”. Valeschka Guerra *et al.* (2015) identificaram que os homens se preocupam mais com a honra masculina do que as mulheres, o que quer dizer que a maior pressão na busca por essa honra se dá entre os próprios homens. De fato, Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022, p. 7) defendem que “os homens estão constantemente sob o olhar vigilante de outros homens – que estão ocupados em observação e avaliação”. No entanto, Valeschka Guerra *et al.* (2015) identificaram que as mulheres também relacionam a honra masculina com comportamentos tradicionais, como não demonstrar emoções. Por isso, as autoras e o autor indicam a importância das mulheres na produção ou reforço de ideais masculinos. Assim, elas também teriam um papel central na construção das masculinidades.

Renan Moura (2022) nos lembra de que é esperado do homem que ele sempre seja o melhor em tudo: ele nunca pode chorar nem se entregar, sempre tem que ser o mais forte e precisa competir constantemente. Nesse contexto, a virilidade é o signo da masculinidade ideal, e ela é marcada pela ausência de falhas e de submissão, sendo manifestada especialmente pela força física.

Porém, Segundo Estevam Salgueiro (2016), a partir da década de 1960, com a reconfiguração do papel das mulheres nas relações, os homens passaram a viver uma “crise da masculinidade”. A indefinição sobre a forma precisa como os homens devem se comportar, ocorrida desde então, tem levado a um questionamento sobre o peso negativo da sensibilidade, bem como o positivo da virilidade. Luiz Neves e Alberto Rodarte (2018, p. 7) também explicam que, “na segunda metade do século, a hegemonia masculina passou a sofrer o questionamento mais veemente de seus privilégios, por meio das lutas pelos direitos civis, dentre elas os movimentos feministas e do chamado orgulho gay”. Isso passou a gerar uma sensação de insegurança nos homens, que só contribui para o medo da homossexualidade, já que eles se vem sem conseguir delimitar bem a fronteira entre o feminino e o masculino.

Nesse sentido, a homofobia pode surgir como um medo dos próprios desejos. Não necessariamente por se ter desejos homo-orientados, mas sim pelo medo de tê-los. Isso quer dizer que essa situação pode ocorrer não apenas com homens homo-orientados com homofobia internalizada, mas também com homens hetero-orientados inseguros. Da mesma forma, a afeminofobia pode surgir como reflexo do medo da sua própria afeminação. A agressividade contra o outro traria segurança sobre si mesmo. Segundo Estevam Salgueiro (2016), outra consequência que surge dessa insegurança é o comportamento violento, afinal, a violência estaria ligada a uma prova de masculinidade.

3.4 PERFORMATIVIDADE OU EXPRESSÃO DE GÊNERO?

3.4.1 O conceito de performatividade

Com o livro *Gender trouble*⁸⁰ (1990), Judith Butler (2003) provocou uma discussão que marcou de forma profunda os estudos de gênero que vieram depois dele, dando ampla visibilidade à perspectiva conhecida como teoria *queer*. Em sua base, está o conceito de *performatividade*, que pressupõe que a identidade – e a identidade de gênero – tem natureza essencialmente discursiva, não só em sua gênese, mas também em sua existência cotidiana. Através desse conceito, o autor busca desconstruir a ideia de que as identidades são fixas e coerentes, argumentando que não há coesão nem continuidade na ideia de “pessoa”.

Para Judith Butler (2003), a identidade de gênero é uma ilusão criada por uma repetição de atos e gestos. O autor afirma que “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (Judith Butler, 2003, p. 48). Judith Butler (2003) argumenta que a forma como o gênero aparece em nossa linguagem hegemônica esconde essa performatividade, uma vez que é impossível alguém “ser” um gênero (como em “eu sou mulher”). O gênero não seria algo que se é, mas um devir, uma atividade, uma busca contínua por “tornar-se”. Para o autor, o gênero é nada mais que uma citação, uma “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de substância, de uma classe natural de ser” (*ibidem*, p. 59). Judith Butler (2003) salienta que os gêneros existem *unicamente* dessa forma: “os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade” (*ibidem*, p. 199).

O autor explica que os atos e gestos dos quais decorre o gênero são produzidos na superfície do corpo: “esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Judith Butler, 2003, p. 194, grifo do autor). Assim, o autor defende que o gênero não tem status ontológico. Por isso, Judith Butler (2003) afirma que o gênero não

⁸⁰ Em português, “Problemas de gênero”.

provém de um “núcleo” psicológico: “os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora” (*ibidem*, p. 195).

Para ele, as drag queens “zombam” da ideia de que existiria uma “verdadeira” identidade de gênero. Elas seriam internamente – no corpo – masculinas e externamente – na aparência – femininas. Ao mesmo tempo, elas seriam externamente – no gênero – masculinas, mas internamente – no eu – femininas. A suposta identidade de gênero primária seria parodiada pelas *drags* e pelas lésbicas *butch* e *femme*⁸¹. Ele diz que, para o feminismo tradicional, as *drags* são vistas como imagens degradantes das mulheres, e as lésbicas *butch* e *femme* como uma apropriação acrítica dos papéis heterossexuais. Mas Judith Butler (2003) aponta para a necessidade de observar três variáveis nesse jogo: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. No caso das *drags*, por exemplo, o sexo anatômico seria “masculino”, a identidade de gênero “masculina”, mas a performance de gênero seria “feminina”. Isso porque a pessoa que faz *drag* se reconhece como homem, mas se apresenta como uma mulher. Para Judith Butler (2003, p. 196), “ao imitar o gênero, a *drag* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero”. Mas ele explica que o que as *drags* fazem não é a imitação de um original.

A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original; [...] a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem. (Judith Butler, 2003, p. 197)

Durante a cerimônia de abertura da 5ª edição do Champions LiGay, dos 25 times que estavam competindo, 15 fizeram performances de apresentação. Apesar de não serem especificamente performances de gênero, diferentes caracterizações relacionadas a gênero foram acionadas pelos sujeitos para se colocarem frente a esse evento. Muitos dançaram funk ou outras músicas sensuais. Grande parte das vezes com coreografias preparadas. Alguns se apresentaram com fantasias sexualizadas. Os membros do ManoTauros haviam trazido várias drag queens para a apresentação e praticamente a terceirizaram, deixando que elas fizessem a performance no lugar deles (Figura 11). Os membros do time apenas serviram de suporte para que elas subissem durante a coreografia. O Bharbixas, que estava sediando o evento, foi o

⁸¹ Casal de lésbicas no qual uma age de forma masculina (*butch*) e outra feminina (*femme*).

último time a se apresentar. Seus membros entraram com a bandeira LGBTQIAPN+ e dançaram diversas músicas. Havia muitos membros dançando. Usaram leques e fumaça nas cores da bandeira trans. Estavam muito bem coreografados. Também havia drag queens “batendo cabelo”⁸². A presença de drag queens é interessante para mostrar o caráter performativo do evento, mas elas não eram as únicas a imitarem os gêneros de diversas formas ali.

Figura 11 – Drag queens se apresentando pelo ManoTauros no Champions LiGay



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Várias drag queens vestindo camiseta branca com o mascote do ManoTauros e saia vermelha estão lado a lado em um campo gramado. Elas seguram pompons pretos. Há pessoas assistindo a apresentação ao fundo. Na frente, há membros do Bharbixas assistindo também. A foto foi tirada do lado de fora da quadra, então há uma tela na frente da imagem.

De todo modo, Judith Butler (2003) afirma que o gênero é sempre *performativo*. Portanto, ele nunca seria expressivo. Isso faz com que é autore acredite que “a distinção entre expressão e *performatividade* é crucial” (Judith Butler, 2003, p. 201). Não poderia haver expressão de uma suposta identidade de gênero verdadeira, pois ela seria apenas uma ficção. Não haveria identidade antes dos atos. É autore explica, portanto, como se dá a questão da identidade em torno do gênero: “o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma

⁸² Dança em que as drag queens fazem movimentos rápidos com a cabeça, jogando e rodando os cabelos longos e soltos, através do uso de perucas.

identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*” (*ibidem*, p. 200, grifo dê autore). Para ê autore, movimentos, gestos e estilos corporais geram um efeito de gênero e a “ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (*ibidem*, p. 200). Por isso, Judith Butler (2003) explica que os gêneros não podem ser verdadeiros, nem falsos. É interessante apontar que ê autore reconhece a existência da identidade de gênero, mas não como um núcleo psicológico e sim como um efeito da repetição de atos.

3.4.2 As iluminações sobre o conceito

Gender trouble (1990), o trabalho que projetou a teoria *queer* e se tornou o mais conhecido de Judith Butler, gerou um rápido impacto nos estudos de gênero, mas também causou muitas polêmicas. Por isso, em textos posteriores, ê autore elucida questões que não foram profundamente discutidas nesse trabalho, bem como responde a críticas de suas leitoras, leitores e leitorus, de forma a aperfeiçoar sua análise. Judith Butler (2006) explica uma dessas questões em *Undoing gender*⁸³ (2004), afirmando que o propósito da teoria *queer* não é declarar uma guerra às categorias identitárias, mas sim se opor às imposições não voluntárias de identidades.

[...] mais importante que qualquer pressuposição sobre a plasticidade da identidade ou inclusive sobre seu *status* retrógrado, é a oposição da teoria *queer* à legislação não voluntária da identidade. [...] Embora a teoria *queer* se oponha àqueles que desejam regular a identidade e estabeleça premissas epistemológicas prioritárias para aqueles que reivindicam certo tipo de identidade, ela não busca apenas expandir a comunidade do ativismo anti-homofóbico, mas também insistir que a sexualidade não se resume facilmente nem se unifica através da categorização.⁸⁴ (Judith Butler, 2006, p. 22, tradução minha)

Não obstante, a maior elucidação feita por Judith Butler em seus trabalhos posteriores foi justamente sobre o conceito de performatividade. Para Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007), essa ideia foi a parte mais mal compreendida da discussão dê autore, tendo dado origem a uma série de críticas que se basearam em um entendimento equivocado

⁸³ Em português, “Desfazendo gênero”.

⁸⁴ Do original: “[...] más importante que cualquier presuposición sobre la plasticidad de la identidad o incluso sobre su estatus retrógrado, es la oposición de la teoría queer a la legislación no voluntaria de la identidad. [...] Aunque la teoría queer se opone a aquellos que desean regular la identidad y establece premisas epistemológicas prioritárias para quienes reclaman cierto tipo de identidad, no busca tan sólo expandir la comunidad del activismo antihomofóbico, sino más bien insistir en que la sexualidad no se resume fácilmente ni si unifica a través de la categorización”.

da forma como ele havia lançado mão desse conceito. Para esse autor e essa autora, tal desentendimento foi gerado por uma confusão entre as ideias de *performatividade* e *performance*.

Em *Bodies that matter*⁸⁵ (1996), Judith Butler (2019) explica que o gênero não é algo que uma pessoa escolha “vestir” da mesma maneira que ela escolhe a roupa que vai usar ao sair de casa. Para o autor, o que ocorre é justamente o contrário: ao invés de ter uma total liberdade para escolher de forma voluntarista o seu gênero, as pessoas são coibidas a seguirem o gênero que lhes é atribuído pela norma. Gênero esse que já existia antes delas e que elas não escolhem como é. O conceito de performatividade faz referência muito mais a esse processo do que a uma suposta “atuação”, que estaria mais ligada ao conceito de performance. Esse último termo, inclusive, é o que Judith Butler (2013) usa ao falar das drag queens. Antes mesmo de *Bodies that matter*, Judith Butler (2002) já havia abordado de forma mais evidente essa discussão em um artigo chamado *Critically queer*⁸⁶ (1993).

A performatividade do gênero sexual não consiste em eleger de qual gênero seremos hoje. Performatividade é reiterar ou repetir as normas mediante as quais nos constituímos: não se trata de uma fabricação radical de um sujeito sexuado genericamente. É uma *repetição obrigatória* de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não se pode descartar por vontade própria.⁸⁷ (Judith Butler, 2002, p. 64-65, grifo meu, tradução minha)

Como explicam Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007), Judith Butler (2003) não recorre às drag queens para afirmar que a performatividade acontece da mesma maneira que a performance delas, mas para fazer uma metáfora que busca mostrar o caráter ficcional da performatividade. Judith Butler (2018, p. 4, grifo meu), explica que “os atos pelos quais o gênero é constituído têm *semelhanças* com atos performativos que se dão no contexto teatral”. Mas ela demarca a diferença da sua perspectiva em relação aos modelos teatrais e fenomenológicos, uma vez que, para a teoria *queer*, não existe um “eu” antes dos atos. Judith Butler (2002, p. 64) ressalta que as possibilidades de quebra na performatividade são sempre atos políticos: “o que poderíamos chamar de ‘capacidade de atuação’, ‘liberdade’ ou ‘possibilidade’ é sempre uma prerrogativa política produzida pelas brechas que se abrem

⁸⁵ Em português, “Corpos que importam”.

⁸⁶ Em tradução livre: “Criticamente *queer*”.

⁸⁷ Do original: “La performatividad del género sexual no consiste en elegir de qué género seremos hoy. Performatividad es reiterar o repetir las normas por las cuales nos constituimos: no se trata de una fabricación radical de un sujeto sexuado genéricamente. Es una repetición obligatoria de normas anteriores que constituyen al sujeto, normas que no se pueden descartar por voluntad propia.”

nessas normas reguladoras, no processo de interpelação dessas normas e em sua autorrepetição”.

Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007) buscam trazer a discussão de Judith Butler (2003, 2019) para a realidade latino-americana a partir de uma análise de como esses conceitos poderiam explicar a relação de travestis com o gênero. O autor e a autora destacam que, diferentemente das drag queens – que fazem performances –, as travestis não são personagens, mas sim pessoas com uma performatividade de gênero não normativa. O autor e a autora afirmam que, ao subverter o binarismo de gênero, paradoxalmente, a travestilidade acaba por reforçá-lo. Isso porque as travestis se mantêm ligadas a uma “heterossexualidade normalizadora”. Mesmo não se limitando pelo termo “mulher”, as travestis que foram interlocutoras do autor e da autora buscavam fortemente serem vistas como mulheres, o que implicava na reprodução de gestos normativamente impostos a esse gênero.

No sistema de gênero construído pelas travestis, chama a atenção a visão essencialista que elas parecem ter sobre os atributos de gênero. [...] Subvertem a própria ideia que comungam de ser o sexo biológico o definidor do gênero. Por outro lado, reforçam o binarismo a partir de um conjunto de preceitos morais que determinam e demarcam o que é ser homem e mulher [...] (Richard Miskolci; Larissa Pelúcio, 2007, p. 263)

Isso as levaria a ter um projeto sempre inacabado de seus corpos, buscando modelá-los cada vez mais para se adequarem a um ideal que nunca pode ser alcançado. Como explicam Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007, p. 265), “a meta das travestis é a ‘perfeição’”. Ao fugir da norma, a performatividade dessas travestis reforça a norma ainda mais. Porém, o autor e a autora destacam que a performatividade não implica em sempre seguir as normas, mas também em resistir a elas: “é possível afirmar que o conceito de performatividade deve ser compreendido a partir de normas impostas aos sujeitos e com relação às quais eles podem viver ou entrar em conflito” (Richard Miskolci; Larissa Pelúcio, 2007, p. 267). Judith Butler (2018) também fala sobre a agência do sujeito frente à performatividade de gênero.

Se o fundamento da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos no tempo, e não uma identidade aparentemente homogênea, existem possibilidades de transformar o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo. (Judith Butler, 2018, p. 3)

Entretanto, Judith Butler (2018) destaca que as pessoas não têm uma liberdade total para “reinventar” os gêneros: “sem dúvida, existem maneiras matizadas e individuais de

alguém *fazer* o gênero, mas o fato de que esse alguém o faz *de acordo com* certas sanções e proscricções claramente não é uma questão apenas individual” (Judith Butler, 2018, p. 10, grifo dê autore). Na verdade, ê autore tenta encontrar um meio termo entre o “determinismo cultural” e o voluntarismo.

Como ação pública e ato performativo, o gênero não é uma escolha radical nem um projeto que reflete uma escolha puramente individual, mas também não é imposto nem inscrito no indivíduo, como argumentariam alguns deslocamentos pós-estruturalistas em relação ao assunto. O corpo não é passivamente roteirizado por códigos culturais, como se fosse um recipiente sem vida de todo um conjunto de relações culturais anteriores. O ‘eu’ corporificado, no entanto, tampouco preexiste às convenções culturais que dão fundamentalmente significado aos corpos. (Judith Butler, 2018, p. 11)

Outro erro de compreensão de Judith Butler (2003), do qual nos lembra Rodrigo Borba (2014), é que elu seria construcionista em relação ao gênero. Segundo o autor, essa percepção “fez com que muitas feministas atacassem o trabalho da filósofa como sendo uma paranoia pós-estruturalista, pois, de acordo com essas feministas, Butler nega a materialidade do corpo” (Rodrigo Borba, 2014, p. 449). Em *Gender trouble*, Judith Butler (2003) afirma que o sexo, desde o começo, também é gênero, à medida em que os performativos: “é uma menina” ou “é um menino” já preenchem o sexo de valores e expectativas, de forma que ele nunca aparece como neutro ou pré-linguístico. Entretanto, em *Bodies that matter*, Judith Butler (2019) se opõe à dicotomia entre constitucionalismo e determinismo biológico em relação a sexo/gênero. Elu nega que não acredita na materialidade dos corpos e afirma que o que quer dizer é que é impossível separar o material do discursivo. Não é possível traçar uma linha que separe esses dois “lados” do corpo, porque a materialidade é acessível apenas através do discurso. Tentar traçar uma fronteira seria um esforço apenas discursivo, sempre carregado de valores previamente estabelecidos. Ê autore explica também que a materialidade não é apagada pelo discurso, nem que ela é um efeito dos discursos. O que acontece é que materialidade e discurso apenas são indissociáveis.

3.4.3 Corpos fora da norma

Judith Butler (2003) demonstra como a necessidade socialmente estabelecida de apresentarmos uma identidade coerente está diretamente relacionada à cisheteronormatividade e ao preconceito, discriminação e violência contra pessoas LGBTQIAPN+. Ê autore argumenta que os marcadores de sexo, gênero e sexualidade fazem parte da configuração de alguém

enquanto sujeito, de modo que uma incoerência entre essas características conduz a um questionamento de seu próprio status como pessoa: “a matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’” (Judith Butler, 2003, p. 39). Segundo ê autore, essas características são o que humanizam os sujeitos.

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (Judith Butler, 2003, p. 162)

Elu nos lembra de que, para a norma, há uma suposta “continuidade causal entre sexo, gênero e desejo” (Judith Butler, 2003, p. 45) e que o eu verdadeiro seria revelado no pertencimento a essas categorias. Ê autore nos explica, ainda, que os gêneros binários se ligam à heterossexualidade compulsória: “a coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional” (*ibidem*, p. 45). No entanto, essa ficção encobre as diversas possibilidades de articulação entre gêneros e sexualidades.

A construção da coerência oculta as discontinuidades do gênero, que grassam nos contextos heterossexuais, bissexuais, gays e lésbicos, nos quais o gênero não decorre necessariamente do sexo, e o desejo, ou a sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero – nos quais, a rigor, nenhuma dessas dimensões de corporeidade significante expressa ou reflete outra. (Judith Butler, 2003, p. 194)

Segundo Judith Butler (2003), em alguns relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero, é possível observar uma reprodução do modelo heterossexual, com uma pessoa assumindo características consideradas mais masculinas e outra características consideradas mais femininas. No entanto, elu explica que essa não é uma cópia de um original, mas sim uma cópia de uma cópia. É que toda performatividade de gênero é uma imitação, de forma que a apropriação desse modelo só mostra o quanto ele é, desde o princípio, uma construção: “a repetição imitativa do ‘original’ [...] revela que o original nada mais é do que uma paródia da *ideia* do natural e do original” (Judith Butler, 2003, p. 57, grifo dê autore). Por isso, o processo que constitui o gênero é o de citação. Ê autore fala sobre as performatividades lésbicas das *butchs* (masculinas) e *femmes* (femininas). Elu explica que, quando uma *butch* repete uma performatividade masculina, ela não está apenas reiterando o modelo

heterossexual. Ela também está desestabilizando o sistema binário. Essa nova configuração que se estabelece pode ser justamente o que gera desejo em outra pessoa – no caso, a *femme*. Judith Butler (2003, p. 198) explica que a imitação gera riso por indicar que “‘o original’ é uma cópia, e, pior, uma cópia inevitavelmente falha, um ideal que ninguém pode incorporar”.

Para Judith Butler (2003, p. 213) não é possível “entrar” dentro dessas práticas de repetição, pois o “eu” sempre esteve dentro delas: “não há possibilidade de ação ou realidade fora das práticas discursivas”. É só através delas que existe inteligibilidade. Por isso, “a tarefa não consiste em repetir ou não, mas em como repetir, a rigor, repetir e por meio de uma proliferação radical do gênero” (Judith Butler, 2003, p. 213). É autora acredita que, uma vez que o sexo não é natural e sim *performatado*, ele “pode ocasionar a proliferação *parodística* e o *jogo* subversivo dos significados do gênero” (*ibidem*, p. 60, grifo meu). É isso o que coloca em cheque o caráter natural do sexo/gênero.

Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico. (Judith Butler, 2003, p. 211)

Para Judith Butler (2003), as regras não apenas reforçam os binarismos, mas também permitem subvertê-los. Portanto, os sujeitos não são determinados pelas regras, mas a subversão da identidade só pode ocorrer dentro das lógicas de repetição. Ela indica que a performatividade de gênero incorre em determinados fracassos em relação ao gênero performatado, de modo que desafia os limites do próprio gênero. É autora afirma também que o caráter fantasístico do sexo pode ser denunciado à medida em que o corpo, tido como natural, serve de base para uma “*performance* dissonante e desnaturalizada, que revela o *status performativo* do próprio natural” (Judith Butler, 2003, p. 210).

3.4.4 A identidade de gênero existe?

Como dito na Seção 3.4.1 (p. 194), Judith Butler (2003) defende que não existe um núcleo da identidade de gênero e que, portanto, não é possível falar de “expressão” de gênero. Vamos nos deter um pouco mais sobre esse tópico nesta seção. Dois anos antes de *Gender trouble* (1990), Judith Butler (2018) já havia publicado um artigo denominado *Performative acts and gender constitution*⁸⁸ (1988), no qual ela discorre de forma mais detalhada sobre esse

⁸⁸ Em português, “Os atos performativos e a constituição do gênero”.

tema. Ê autore defende que, na crença hegemônica, ocorre uma inversão entre causa e efeito no processo de construção do gênero: “é justo dizer que certos tipos de atos são geralmente interpretados como expressão de um núcleo ou identidade de gênero” (Judith Butler, 2018, p. 12). Enquanto a crença hegemônica é a de que a identidade de gênero gera a expressão de gênero, na verdade, o processo seria o contrário: “como performance performativa, o gênero é um ‘ato’ em sentido amplo, que constrói a ficção social da sua própria interioridade psicológica” (*ibidem*, p. 13). Para ê autore, acreditar no essencialismo da identidade de gênero geraria uma “sensação de garantia”.

Judith Butler (2018, p. 13, grifo dê autore) chama essa crença de “teoria implícita e popular sobre os atos e gestos como *expressivos* do gênero”. Elu evidencia a suposta natureza dessa teoria ao afirmar que “o gênero aparece no *imaginário popular* como um núcleo substancial que pode ser muito bem entendido como correlato espiritual ou psicológico do sexo biológico” (Judith Butler, 2018, p. 13, grifo meu). A argumentação dê autore faz supor que a teoria “popular” da existência de uma identidade de gênero não teria um status científico. Entretanto, em 1968, Robert Stoller (1984) havia publicado o livro *Sex and gender*⁸⁹, que tratava exatamente sobre o assunto, defendendo a tese criticada por Judith Butler (2008). Robert Stoller (1984), que era psiquiatra, publicou *Sex and gender* como resultado de um estudo realizado por dez anos com 85 pacientes com “distúrbio de gênero” e 63 de seus familiares. Obviamente, o trabalho do autor, ainda que precursor, guarda muitas marcas do entendimento médico da época sobre a transgeneridade. De fato, a Organização Mundial da Saúde só deixou de considerar a transgeneridade um distúrbio em 2019. No entanto, na época em que Robert Stoller (1984) publicou *Sex and gender*, esse “distúrbio” ainda era visto sob a viés da possibilidade de “reversão”, pelo menos se identificado em sua fase inicial.

Para Robert Stoller (1984), por volta de dois anos de idade, já temos o senso de pertencer a um determinado gênero – na discussão do autor, de forma binária: homem ou mulher. Mas isso não significaria uma definição de *como* é ser homem ou mulher. Esse aspecto seria variável e aprendido no processo de socialização. Contudo, o autor defendia que a identificação com determinado gênero não implica necessariamente em um comportamento em conformidade com ele. Por isso, não seriam os comportamentos o que determinam a identidade de gênero. Ele dá como exemplo os “*transvestites*”⁹⁰, termo pelo qual eram

⁸⁹ Em tradução livre: “Sexo e gênero”.

⁹⁰ É importante não confundir com “travestis”, que é uma identidade de gênero feminina latino-americana, de cuja violência contra ela eu tratei em texto anterior (Vanrochris Vieira, 2021c). A travesti não é um homem

chamadas, à época, pessoas que se vestiam da forma associada ao “sexo oposto” – provavelmente, o termo mais adequado para exprimir a ideia hoje seria “*crossdressers*”. Os “*transvestites*” – ou *crossdressers* – sentem-se homens mesmo vestindo roupas femininas. Robert Stoller (1984) também já fazia uma diferenciação entre gênero e “prática sexual”, afirmando que um não determina o outro. Ele diferenciava bem a homossexualidade da transgeneridade, dizendo que o menino homossexual tem identidade de gênero masculina, já a menina transgênero – que ele chama de “menino transexual” – tem identidade de gênero feminina.

Robert Stoller (1984) acreditava que, após a formação do núcleo da identidade de gênero, ele é “praticamente imutável”. Miriam Grossi (1998) nos lembra que, para esse autor, seria mais fácil mudar o sexo de uma pessoa do que o gênero dela. Para Robert Stoller (1984), tanto características biológicas quanto sociais estariam envolvidas na formação desse núcleo. Entre as variáveis sociais estariam a designação do gênero – a partir dos órgãos genitais – e a relação da criança com seus pais e parentes. O autor não sabia dizer qual era o peso de cada um dos fatores. Entretanto, ele acreditava que, em geral, o social era mais importante, não sendo o biológico “essencial” para essa determinação. Para ele, a “causa” da transgeneridade não seria biológica, por exemplo. No entanto, ele cita casos que contradizem essa hipótese, como os de crianças intersexuais que se identificaram com o gênero diferente do que lhes foi designado. Rafael Kalaf (2018) também nos lembra de que Robert Stoller (1984) era contrário às teorias sexistas que vigoravam na época, opondo-se a qualquer ideia baseada numa suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Esse autor nos conta, ainda, que o trabalho de Robert Stoller (1984) foi alvo de muitas críticas com o passar do tempo, especialmente pelo biologicismo e pelo binarismo. *Performative acts and gender constitution*, texto no qual Judith Butler (2008) caracteriza a teoria da identidade de gênero como “popular”, não faz referência a esse autor. Já em *Gender Trouble*, Judith Butler (2003) faz apenas uma breve menção a Robert Stoller ao usar a expressão “núcleo de gênero”, indicando que ela foi desenvolvida por ele.

Judith Butler (2018) afirma que os atos performativos dos sujeitos podem ou não estar em conformidade com a identidade de gênero esperada, tendo a possibilidade de questionar de alguma forma a expectativa gerada pelo sexo – enquanto “características sexuais primárias”. Entretanto, como ela nos explica (Judith Butler, 2002, 2019), a ilusão da identidade de gênero seria criada à medida em que somos levados a repetir determinados atos

vestido de mulher, é uma identidade feminina não-binária. Não tem a ver com como ela se veste, mas sim com como ela se identifica.

e gestos pela cisheteronorma. Como comenta Rodrigo Borba (2014, p. 465) sobre a teoria *queer*: “a performatividade implica estilização repetida do corpo que é constrangida por ideais normativos de coerência de gênero, impostos, [...] pela heterossexualidade compulsória”.

3.4.5 Tensionando perspectivas

A explicação de Judith Butler (2002, 2003, 2018, 2019) consegue abordar de forma muito convincente como o processo de engendramento de uma identidade de gênero ficcional acontece com pessoas cisgêneras, que acreditam ter sua identidade de gênero por serem levadas a repetir os atos e gestos relacionados a ela pela cisheteronorma. Porém, como esse processo ocorreria no caso de pessoas transgêneras, se elas não foram levadas a repetir os atos e gestos relacionados à identidade de gênero que elas acreditam ter? Na verdade, elas são usualmente impedidas de realizar esses atos e gestos. Então, o que faz com que elas ajam contra a imposição social e repitam atos diferentes dos que elas deveriam?⁹¹ Esse questionamento se torna mais intenso quando pensamos em pessoas trans que passaram pela transição depois de adultas, tendo repetido os atos relacionados ao seu gênero de designação durante toda a sua vida. O que faz com que essas pessoas se sintam de um gênero diferente se elas nunca haviam agido como se fossem daquele gênero? *De onde vem* essa identificação se ela *não surge* na superfície do corpo, como propõe Judith Butler (2002, 2003, 2018, 2019)? Da mesma forma, a partir de um raciocínio menos binário, poderíamos pensar em homens afeminados – bichas e viados. Por que eles continuam se identificando como homens se os gestos que repetem são associados às mulheres?

Judith Butler (2004) afirma que o principal propósito da teoria *queer* é se opor à imposição não voluntária de identidades. Contudo, a ideia de que a identidade de gênero não é intrínseca, mas algo construído no exterior do sujeito a partir da imitação e repetição de atos e gestos, ainda poderia ser vista como contrária à política de identidades. Afinal, esta reivindica o respeito às pessoas não cisheteronormativas afirmando que elas sempre foram assim (*I was*

⁹¹ No texto *Performativity, precarity and sexual politics* (em tradução livre: “Performatividade, precariedade e políticas sexuais”), de 2009, Judith Butler (2009, p. 334, tradução minha) sugere algo nesse sentido: “mesmo quando decidimos mudar de gênero, ou produzir um gênero, fazemos isso com base em desejos muito poderosos que nos fazem tomar essa decisão. Não somos exatamente nós que escolhemos esses desejos” (do original: “incluso cuando decidimos cambiar de género, o producir un género, lo hacemos sobre las bases de deseos muy poderosos que nos hacen tomar esa decisión. No somos precisamente nosotros quienes elegimos esos deseos”). No entanto, a autora fala em “mudar de gênero”, o que não se enquadraria exatamente na experiência de pessoas trans, que nunca se identificaram com o gênero designado a elas. Além disso, a autora não explica, aqui, como ocorreriam esses processos “muito poderosos” em torno dessa “mudança de gênero”.

*born this way*⁹²) e que não podem mudar (*I can't change, even if I try, even if I want to*⁹³). Seria como dizer que uma mulher trans não é verdadeiramente de um gênero diferente daquele com o qual foi designada. Ela apenas está repetindo externamente atos ligados ao gênero diferente da sua designação. O vínculo identitário, então, ficaria mais frouxo, frágil e quebrável. Se, cientificamente, a ideia do núcleo da identidade de gênero (Robert Stoller, 1984) – e até mesmo o biologicismo e o determinismo por trás dela – pode ser questionada, ela parece ser uma base forte de raciocínio por trás da autoimagem e das lutas políticas da comunidade LGBTQIAPN+. Seria o caráter “popular” dessa teoria um problema ou um motivo para um olhar mais interessado sobre ela?

É importante afirmar que a ideia da existência da identidade de gênero não implica necessariamente em um biologicismo. Guacira Louro (2000, p. 66), ressalta que “o corpo não pode ser compreendido como uma entidade ‘simplesmente’ biológica e, além disso, parece impositivo questionar se o biológico não é, ele próprio, significado na e pela cultura”. Mesmo Robert Stoller (1984), que acreditava que existem fatores biológicos na composição do núcleo da identidade de gênero, também acreditava que os fatores mais importantes eram os sociais, destacando o relacionamento da criança com os familiares. O trabalho de Renan Moura e Rejane Nascimento (2020), do qual falamos anteriormente (Seção 3.1.3, p. 161), também indica a possibilidade de *identificações culturais* se relacionarem com a manifestação de gênero de gays afeminados – a partir do depoimento do entrevistado que se identificava com figuras como Rouge e Kelly Key. Inclusive, nesse sentido, tanto Pedro (Bharbixas, 2018) e Roberto (Bharbixas, 2018) quanto Ângelo (ManoTauros, 2018) citaram Anitta como uma figura de referência para os membros do Bharbixas, time considerado afeminado. Roberto (Bharbixas, 2018) apontou que os membros do time a tinham como uma musa: “Anitta. Quando a Anitta aparece, Anitta é a rainha maior”. Ele explicou porque acredita que existe essa identificação.

Anitta, primeiro que ela... normalmente quando surge uma cantora *pop* assim, o público maior, o público gay pega e ele dá dinheiro, ele é um público fiel. E elas, por interesse financeiro, mas eu acho que também não só, até por uma questão de afinidade e carinho, acabam também se apegando àquele grupo e se tornando referência pra aquele grupo. Então, tipo assim, a Anitta vai lá, rebola a raba, o pessoal quer rebolar igual. Ela vai lá, lança um clipe, e todo mundo: “nossa, que hino! Cês viram o clipe da Anitta?” Ela representa um próprio movimento e também ela representa um movimento muito feminino, ela é uma mulher que saiu da favela e vai

⁹² Em tradução livre: “Eu nasci desse jeito”. Trecho da música *Born This Way* (Lady Gaga, 2011).

⁹³ Em tradução livre: “Eu não posso mudar, mesmo que eu tente, mesmo que eu queira”. Trecho da música *Same Love* (Macklemore & Ryan Lewis feat. Mary Lambert, 2012).

lá e rebola a raba e tem personalidade. Então, tipo assim, ela representa exatamente eu acho que uma luta, uma coisa contra preconceitos e contra uma sociedade conservadora. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) destacou o caráter comercial dessa relação, uma vez que as cantoras *pop* lucram por meio do consumo do público LGBTQIAPN+, mas ele também acreditava que existe um processo de *identificação* por afinidade. Por parte desse público, a identificação se daria pela representação de uma manifestação de gênero e sexualidade emancipatória frente a uma sociedade conservadora. Roberto (Bharbixas, 2018) complementou falando sobre a identificação dos gays com as mulheres.

Eu acho que o gay, não é só o fato de [voz de riso] gostar de pinto que ele se identifica com a mulher, mas ele se identifica mais com a mulher na sensibilidade, na educação, não sei... agora eu tou sendo um pouco *hétero cis homofóbico homem*, não sei, mas, assim, é porque é um perfil que eu acho que se aproxima em vários aspectos. Então eles têm uma conexão. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Ao mesmo tempo em que Roberto (Bharbixas, 2018) identificou uma afinidade de valores e comportamentos que aproximariam gays e mulheres, ele também acreditava que poderia estar sendo preconceituoso por ter essa percepção, uma vez que ela é baseada num estereótipo de como mulheres e gays seriam. Lúcio (Bharbixas, 2023) também afirmou que existia uma conexão grande entre os membros do Bharbixas e ídolos femininos.

A gente gosta muito das artistas mulheres. A gente tem essa afinidade não só pelo lado artístico, mas também por tudo que ela representa, né? Normalmente, as artistas mulheres são as que abraçam a causa LGBT, são a que tão ali junto e apoiando de certa forma. Então, a gente busca essa identificação. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

De fato, eu acompanhei um treino masculino em que se destacaram músicas sertanejas cantadas por mulheres e músicas de drag queens brasileiras. Entretanto, quem mais se destacou foi Anitta, pois aproximadamente a cada cinco músicas, uma era dela. Roberto gosta de música sertaneja. Quando tocou Marília Mendonça, foi a primeira vez que o vi dançando.

De todo modo, a identificação com figuras femininas ou masculinas seria apenas uma das possibilidades de influências sociais que poderiam estar ligadas às nossas relações com o gênero. Como dissemos anteriormente, essas possibilidades indicariam que o biologicismo não é necessário. Entretanto, por outro lado, elas também não implicam na negação da existência de quaisquer atributos biológicos, como nos explica Miguel Almeida (1996, p. 185): “poderemos continuar a falar apenas de cultura, sem levar em linha de conta

os aspectos evolutivos e biológicos? Se não, teremos de recorrer à etologia ou às ciências da vida para estabelecermos pontes?” Mas, a partir da discussão empreendida por esse autor, é possível entender que, na verdade, não é o biológico o que determinaria as categorias sociais, e sim as categorias sociais que usariam características do biológico para se constituírem.

De qualquer maneira, não é uma questão de definir causas⁹⁴, mas de apontar que a identidade de gênero pode existir não porque “homem” e “mulher” são categorias naturais, mas sim porque o processo de socialização faria com que as pessoas se vissem como “homem” ou “mulher” não apenas por causa dos atos e gestos que a cisheteronorma impõe a elas, mas potencialmente também por *múltiplos outros fatores*, inclusive *psicológicos*. Dessa forma, o que traria uma existência para o gênero não estaria apenas do lado de fora, mas também numa formação mental não necessariamente determinada pela aparência exterior. No entanto, sendo de fora para dentro ou de dentro para fora, o corpo ocupa um lugar central: “o locus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras” (Guacira Louro, 2000, p. 71). Falando sobre sexualidade, Guacira Louro (2000) aponta como são múltiplas as variáveis que definem nossos afetos.

Linguagem, crenças, fantasias, códigos sociais, desejos inconscientes, atributos biológicos constituem a sexualidade, em combinações e articulações complexas. Tal como o gênero, a raça ou a classe, a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de “imperativos biológicos” e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. (Guacira Louro, 2000, p. 66-67)

Para um membro do Taboa (PR), com quem conversei durante a 5ª edição do *Champions LiGay* (2019), existem *tendências pessoais* que levam as pessoas a terem manifestações de gênero mais afeminadas ou mais amasculadas.

Tem pessoas que têm tendências, né? A serem mais másculas, e tem pessoas que têm tendências, a palavra que é utilizada, mais afeminada. Mas cada um nas suas tribos. Isso faz parte. E, no mundo gay, tem essas diferenças. Até porque existe, né? Aquelas questões de ativo, de passivo, de versátil. Então, é algo que tá dentro, não tem como tirar. Mas a gente se relaciona tranquilamente. Alguns têm umas barreiras iniciais, mas depois a situação é quebrada, devido quando você interage com a pessoa. É só um escudo que alguns utilizam ainda. (Membro do Taboa, 2019)

⁹⁴ Até porque a busca por causas, nesse tópico, está historicamente relacionada com as tentativas de “reversão” de identificações não normativas: “o conceito de causalidade adequa-se bem a uma ciência que visa intervir no real e que mede o seu êxito pelo âmbito dessa intervenção. Afinal, causa é tudo aquilo sobre que se pode agir” (Boaventura Santos, 1997, p. 58).

Podemos pensar nessas tendências não como predisposições biológicas para agir “como homem” ou “como mulher” – já que homem e mulher são categorias socialmente construídas – mas sim como tendências a agir de certas formas que são *lidas culturalmente* como femininas ou masculinas e, então, *associadas* a essas identidades.

De qualquer maneira, talvez fosse possível transcender a *dicotomia* apontada por Judith Butler (2003, 2018) entre *expressão* e *performatividade* também pensando na hipótese de conceber o processo de criação do gênero como uma via de mão dupla: a repetição coercitiva de gestos e atos poderia alimentar o surgimento da identidade de gênero, enquanto esta também poderia reforçar a adoção de atos e gestos relacionados a ela. Dessa forma, ocorreria, portanto, um processo de *mútua afetação*. Nesse contexto, tornar-se-ia possível pensar também que outras variáveis externas, além dos atos e gestos performativos, como a *identificação* com figuras masculinas ou femininas, por exemplo, poderiam fazer parte da formação de uma identidade construída de fora para dentro. Entretanto, acredito que, em diversos momentos, problematizar essa dicotomia não se faz necessário. Por isso, estou adotando neste texto a ideia de “*manifestação de gênero*”, que se refere à observação de como os atos e gestos se apresentam, independentemente de sua “origem”. Falarei mais sobre essa alternativa na Seção 3.5.1 (p. 214).

3.4.6 Os estudos *queer*, *cuir*, *cu* e *quare*

Na Seção 3.4.1 (p. 194), indiquei que Judith Butler (2003) se tornou um dos maiores expoentes da chamada teoria *queer*. Essa teoria está relacionada ao movimento *queer*, uma forma de manifestação política nascida nos Estados Unidos no século passado. Por sua vez, esse movimento está ligado à ressignificação de um adjetivo pejorativo que era usado contra pessoas não cisheteronormativas. Mas as aplicações dos estudos *queer* fora do seu contexto inicial são diversas, de forma que veremos a seguir como elas têm se desenvolvido. Sayak Valencia (2023) nos explica que, desde o momento em o termo *queer* passou a ganhar sua atual relevância política e acadêmica, sua tradução para outras línguas tem gerado diversos problemas, devido à dificuldade de expressar o significado equivalente da palavra fora do inglês. A tradução mais automática dessa palavra, que guarda historicamente uma relação com a ideia de perversão moral, seria “estranho”. Assim, como explica Larissa Pelúcio (2014), “*queer*”, nos Estados Unidos, é um xingamento comum no processo de *bullying* que, a princípio, destinava-se a qualquer pessoa que fosse alvo desses ataques. No entanto, como aponta Sayak Valencia (2023), no início do século XX, ele começou a ser usado

especialmente contra homossexuais masculinos. Por extensão, ele também se voltava contra quaisquer pessoas vistas dessa forma – o que inclui não apenas homens homossexuais, mas diversas outras pessoas não cisheteronormativas.⁹⁵

Acontece que, como explica Sayak Valencia (2023), o termo passou a fazer parte dos movimentos sociais de forma afirmativa na década de 1980, quando “multidões *queer*” foram para as ruas para lutar contra um regime conservador e neoliberal que estava sendo implementado nos Estados Unidos. Essas “multidões” não incluíam apenas pessoas marginalizadas devido a gênero e sexualidade, mas também devido a questões como raça e classe. Desse modo, Larissa Pelúcio (2014) argumenta que o insulto *queer*, bem como a sua ressignificação, não é monopólio das pessoas marginalizadas por causa de gênero e sexualidade, apesar de elas terem se destacado na adoção desse termo. Nesse sentido, Sayak Valencia (2023) explica que, diferentemente dos movimentos identitários das duas décadas anteriores, os sujeitos das multidões *queer*, enquanto manifestantes interseccionais e preocupados com a interseccionalidade, “distanciaram-se de toda essencialização identitária” (Sayak Valencia, 2023, p. 19), acreditando na desontologização do sujeito político. Isso significa que não haveria bases naturais, como “mulher” ou “gay”, para legitimar a luta política.

Assim, o movimento *queer* como agenciamento popular reivindicou um modelo de política interseccional, que rejeita as noções de identidade monolítica e dicotômica: masculino/feminino, branco/não branco, heterossexual/homossexual, portanto, recusando a se definirem como mulheres, lésbicas ou homossexuais para se reivindicarem como sujeitos *queer*, isto é, como *o diferente, o estranho, o minoritário e, inclusive, o precário*. Apontando que esta nova forma de política do minoritário não é exclusiva da dissidência sexual, mas que nela se articulam diferentes lutas e alianças estratégicas entre feminismos não brancos, o pós-colonialismo, o movimento transgênero, a precariedade, dentre outras. (Sayak Valencia, 2023, p. 19-20, grifo da autora)

Assim, ocorre uma reapropriação de um termo estigmatizante, “mudando o sujeito da enunciação dos insultos e os desativando, com isso arrebatando o autoproclamado ‘direito’ do heteropatriarcado branco de construir linguagem, legitimidade e agenciamento” (Sayak Valencia, 2023, p. 20). Essa reapropriação e ressignificação de termos tradicionalmente usados de forma pejorativa para construir uma imagem afirmativa de si é um fenômeno que pode ser visto em diversos outros momentos na trajetória de grupos LGBTQIAPN+. É o que

⁹⁵ Afinal, toda a “comunidade LGBTQIAPN+” era, inicialmente, conhecida apenas como “gay” – termo que originalmente significava “alegre”, mas também começou a ser usado para designar esses sujeitos no início do século XX. Isso incluía, por exemplo, mulheres trans. Nesse sentido, é interessante notar o uso do termo “gay” ainda continua mais abrangente nos Estados Unidos, sendo usado como sinônimo de “lésbica”, por exemplo.

vimos na Seção 3.1.5 (p. 165), em relação ao momento em que o Bharbixas assume o lugar de “afeminado” que lhe era atribuído. Também em relação à torcida LGBTQIAPN+ do Cruzeiro, Marias de Minas, como vimos na Seção 2.5.3 (p. 100), que toma para si o apelido “marias” usado pelos torcedores do Atlético Mineiro. Na Seção 3.5.4 (p. 223), veremos que o mesmo tem ocorrido também com os termos “viado” e “bicha” no Brasil. O termo *queer*, como nos indicam Fernando Morais, Cláudia Nigro, Flávia Benfatti, Leandro Passos, Luana Passos, Luiz Soares e Regiane Ramos (2019), apesar da interseccionalidade das multidões *queer*, permaneceu mais associado às dissidências de gênero e sexualidade.

Adotado para descrever algo ou alguém “estranho” ou “ligeiramente excêntrico” e, em seguida, para injuriar os “desviantes”, *queer* – termo então agressivo e depreciativo – passa a ser estrategicamente ressignificado e reapropriado de forma positiva. Logo, é reclamado com exaltação para caracterizar o ativismo insurgente não só contra a homofobia, mas também contra todas as outras formas de opressão relacionadas ao gênero e à sexualidade. (Fernando Morais *et al.*, 2019, p. 62)

Sayak Valencia (2023) explica que o desenvolvimento de uma “teoria *queer*”, que trouxe esse olhar para a academia, começou a acontecer no final da década de 1980, ganhando grande projeção a partir das discussões de Judith Butler (2003), para a qual a performatividade é “uma coreografia social que faz do gênero uma atuação reiterada e obrigatória em função das normas sociais que nos excedem” (Sayak Valencia, 2023, p. 23). Nesse contexto, como destacam Fernando Morais *et al.* (2019), o termo *queer* se relaciona à fluidez e ao caráter ficcional das identidades, bem como a uma resistência a elas. Para os autores e as autoras, os estudos *queer* propõem “a abertura de um espaço de desestabilização, contestação e subversão [...] ao desorganizarem as relações hegemonicamente previsíveis no âmbito da sequência sexo-gênero-sexualidade” (Fernando Morais *et al.*, 2019, p. 62).

Contra a ideia de que a utilização do termo *queer* em países do Sul seria uma assimilacionismo colonial, Sayak Valencia (2023) defende que, em nosso contexto mestiço e glocal (tensionado tanto pelo global quanto pelo local), não é possível qualquer visão purista, sendo “melhor pensar na migração e na ressignificação de conceitos” (Sayak Valencia, 2023, p. 26). Além disso, esse conceito seria potente por surgir justamente contra a epistemologia hegemônica do Norte, ainda que a partir do lado de dentro dele. No entanto, a partir das traduções latino-americanas de língua espanhola, surgiu a grafia “cuir”⁹⁶, como uma forma de desviar novamente uma palavra que já remetia ao desvio. A mudança na grafia simboliza a

⁹⁶ Em outros trabalhos, como o de Larissa Pelúcio (2014), essa latinização do termo também aparece grafada como “cuier”.

necessidade de reescrever esse conceito de forma mais oportuna ao nosso contexto. Para a autora, esse movimento é decolonial. Assim, o termo *queer*, que foi ressignificado pelos marginalizados em relação a gênero e sexualidade nos Estados Unidos, passa, agora, por uma nova ressignificação por parte dos sujeitos latino-americanos.

O *cuir* visibiliza e dá voz às políticas linguísticas de sobrevivência e aliança entre *trans*, *borders*, *messtic*s*, *bixas*, *lésbicas*, *vestid*s*, *put*s* e *peessoas com deficiências*. O *cuir* representa um *estranhamento* (*ostranienie*; desfamiliarização) do termo *queer*, isto é, uma desautomatização da perspectiva leitora, registrando assim uma inflexão geopolítica rumo ao sul a partir das periferias em contraofensiva à epistemologia colonial e à historiografia anglo-americana. Assim, o deslocamento do *queer* ao *cuir* se refere a um *locus* de enunciação com inflexão decolonial, tanto lúdica quanto crítica. (Sayak Valencia, 2023, p. 31, grifo da autora)

No contexto brasileiro, como nos lembra Larissa Pelúcio (2014), a potência política de transformar um insulto em uma apropriação não existe em torno da palavra *queer*. Além disso, no nosso país, a palavra circula quase que apenas no ambiente acadêmico: “diferentemente do que se passou nos Estados Unidos, os estudos queer entraram no Brasil pela porta das universidades e não como expressão política vinda do movimento social” (Larissa Pelúcio, 2014, p. 73). Dessa forma, para o senso comum, *queer* é praticamente uma palavra desprovida de sentido. A autora explica que a discussão promovida por esse campo de estudos se estabeleceu no Brasil no início deste século.

Larissa Pelúcio (2014, p. 71) aponta para o termo “cu” como possibilidade antropofágica de abasileiramento do termo *queer*: “assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro queer, nos assumimos como teóricas e teóricos cu” (Larissa Pelúcio, 2014, p. 71). Para ela, “o ânus aqui se parece às putas, aos malandros e a toda uma marginália descrita pelos discursos higienistas. Nada mais queer que o cu” (*ibidem*, p. 85). A expressão popular “cu do mundo” é usada para se referir a um lugar distante da “civilização”, assim como o Sul é visto a partir do olhar eurocêntrico. Por meio da autodepreciação enquanto uma herança da colonização, muitas vezes vemos o nosso próprio país como o “cu do mundo”: “e se o mundo tem cu é porque tem também uma cabeça. Uma cabeça pensante, que fica acima, ao norte, como convêm às cabeças” (*ibidem*, p. 77). O ânus, visto como um órgão abjeto, sujo e indiscreto, assemelhar-se-ia à forma como as pessoas brasileiras também são vistas: periféricas, barulhentas e pouco confiáveis. Porém, a autora destaca o desconforto que se gera ao usar a palavra “cu” em um texto acadêmico.

Por sua associação com dejetos, aqui, como em outros lugares, ele [o cu] está associado a palavrões, a ofensas, ao que é sujo, mas também a um tipo de sexo transgressivo, mesmo quando praticado por casais heterossexuais. Porém, no imaginário sexual local, o sexo anal está estreitamente associado à homossexualidade masculina. O cu excita na mesma medida em que repele, por isso é queer. (Larissa Pelúcio, 2014, p. 77)

Néstor Perlongher (1987), em relação à epidemia de aids, falava sobre a potência do coito anal de ir contra a repressão médica. Para Larissa Pelúcio (2014), essa seria a primeira manifestação de uma teoria cu brasileira. Nesse sentido, a autora afirma que falar em teoria cu talvez seja mais propor uma alternativa brasileira à teoria *queer* do que buscar uma tradução para ela.

Acredito firmemente que temos trabalhado nessa produção de forma original e ao mesmo tempo sintonizadas e sintonizados com o que está sendo produzido em centros e periferias múltiplas. Esse conjunto articulado de reflexões tem mantido forte diálogo com as Teorias Feministas, com os Estudos Pós-Coloniais e com a própria Teoria Queer. (Larissa Pelúcio, 2014, p. 86)

No entanto, apesar do surgimento das multidões *queer* enquanto uma manifestação política interseccional, segundo Fernando Morais *et al.* (2019), o campo de estudos *queer* vem sendo criticado por não se atentar para as relações que gênero e sexualidade estabelecem com variáveis como raça e classe: “tanto quanto se pode perceber, a analítica *queer* parece, com efeito, atrelada e demarcada por valores e preocupações de LGBTs brancos – de homens gays –, jovens, de classe média/alta” (Fernando Morais *et al.*, 2019, p. 64). Segundo os autores e as autoras, a perspectiva *queer* tem sido alvo de críticas até mesmo dos estudos trans, muito mais focados em questões identitárias. Por isso, “em análise mais profunda, a manobra praticada [...] é o silenciamento de vozes e a invisibilização de corpos [...] a que a agenda *queer*, em sua origem, rechaçava com veemência” (*ibidem*, 2019, p. 66).

Como resposta a esse quadro, Fernando Morais (2019) *et al.* nos explicam que, a partir do início da década de 2000, passou a se formar um campo alternativo aos estudos *queer*, os estudos *quare*⁹⁷. A palavra “*quare*” é uma variante afro-estadunidense da palavra “*queer*”. Por isso, ela acaba por designar pessoas não normativas em relação a gênero/sexualidade que também não são brancas. No mesmo sentido, o termo também pode fazer referência à interseccionalidade entre as categorias de gênero/sexualidade e as raciais. A proposição da transformação dos estudos *queer* em estudos *quare*, portanto, está ligada à

⁹⁷ A pronúncia das palavras “*queer*” e “*quare*” é bastante parecida. Se considerarmos que a latinização de *queer* seria “*cuir*”, então a de *quare* poderia ser “*cuer*”.

necessidade de incluir reflexões sobre variáveis como raça e classe na discussão a ser empreendida. Do mesmo modo que os estudos *queer*, os estudos *quare* também não essencializam as identidades, inclusive as raciais.

Apesar de reconhecer a imensa contribuição dos estudos *queer*, *cuir*, *cu* e *quare* para os estudos sobre gênero e sexualidade, opto, neste trabalho, por não me afiliar a uma dessas vertentes teóricas por três motivos. O primeiro são as ressalvas feitas à discussão de Judith Butler (2003), na Seção 3.4.5 (p. 205), sobre o conflito entre a perspectiva *queer* e as políticas de identidade, caras ao movimento LGBTQIAPN+. Abordarei mais detidamente sobre a importância dessas políticas na Seção 3.5.3 (p. 221). O segundo é a importância da afirmação e valorização, no nosso contexto e para o objeto de estudo desta tese, de algumas categorias identitárias, como “bicha” e “viado”, como abordarei detalhadamente na Seção 3.5.4 (p. 223). O terceiro é o viés pragmatista desta análise (William Thomas; Dorothy Thomas, 1928), que foca mais nas consequências daquilo que é definido pelos sujeitos do que no caráter ontológico dos processos de gênero e sexualidade. É justamente por essa razão que proponho, neste trabalho, a ideia de *manifestação de gênero* como alternativa à de performatividade e de expressão de gênero. Irei desenvolvê-la na próxima seção, explicitando melhor também como este trabalho se aproxima da perspectiva pragmatista à qual me refiro.

3.5 MANIFESTAÇÃO DE GÊNERO E CISHETERONORMATIVIDADE

3.5.1 Manifestação de gênero

A partir da perspectiva da performatividade de gênero (Judith Butler, 2003), poderíamos entender que as identidades são simulacros, algo que não existe *de verdade*. Mas o que é existir de verdade? Para William Thomas e Dorothy Thomas (1928), se as pessoas definem uma situação como real, ela se torna real em suas consequências⁹⁸. Essa *perspectiva pragmatista*⁹⁹, que não busca identificar a “verdade” por trás dos processos, mas sim olhar para os seus *resultados*, orienta a observação do gênero a partir da sua *manifestação*. Nesse sentido, se uma pessoa é identificada socialmente como homem ou como mulher – ou como

⁹⁸ Esse postulado é conhecido como “Teorema de Thomas”.

⁹⁹ A abordagem pragmatista foi inicialmente desenvolvida por George Mead, William James, John Dewey e Charles Peirce. O pragmatismo não está preocupado com a “natureza” ou a “essência” das coisas, mas sim com os significados em torno delas, bem como com suas consequências. A perspectiva pragmatista foca no pensamento construído no terreno da experiência e voltado para a ação, sendo esse um processo que ocorre de forma coletiva (Vera França; Paula Simões, 2014; Adriana Braga; Édison Gastaldo, 2009).

“afeminada” ou “máscula” –, isso tem consequências práticas para ela, para os outros com quem ela interage e para as situações nas quais esses sujeitos se encontram. Do ponto de vista das preocupações que este trabalho busca desenvolver, o que importa não é o *caráter ontológico dos processos de gênero*, mas sim quais são os *significados e consequências* deles. Entre os sujeitos para os quais estou olhando, há pessoas que se identificam como homens, mas não agem de forma socialmente considerada masculina. Isso seria contraditório tanto à ideia de *expressão de gênero* – quem se identifica como homem deveria exprimir masculinidade – quanto de *performatividade de gênero* – quem repete atos e gestos femininos deveria ter a ilusão de ser mulher.

Neste trabalho, estou propondo o conceito de *manifestação de gênero*, pois essa é uma abordagem que foge da *dicotomia entre performatividade de gênero e expressão de gênero*. A ideia de manifestação remete àquilo que identificamos quando observamos uma pessoa, independentemente de ser a expressão de um núcleo psicológico ou apenas um conjunto de atos e gestos repetidos na superfície do corpo. Aqui, importa menos a origem dessa caracterização – ou seja, se ela é algo que parte *do lado de dentro* ou *do lado de fora* – do que a forma como ela se manifesta. Afinal, a afeminofobia, por exemplo, é *uma resposta às manifestações de gênero*. Tanto a performatividade de gênero quanto a manifestação de gênero dizem de uma *externalidade* do gênero, mas a performatividade de gênero geraria a ilusão de uma identidade de gênero correlata. Por outro lado, a manifestação de gênero não tem nenhuma ligação necessária com a identidade de gênero – seja ela ilusória ou não. Do mesmo modo, assim como a expressão de gênero, a manifestação de gênero poderia estar ligada também a uma *internalidade* do gênero. Isso porque ela poderia estar relacionada com “*tendências*” pessoais para agir de determinada forma (como vimos na Seção 3.4.5, p. 205). No entanto, essas tendências, caso existam, não estão necessariamente ligadas à identidade de gênero do indivíduo.

Assim, a manifestação de gênero de uma pessoa pode ou não estar em conformidade com o padrão normativo estabelecido para a sua identidade de gênero. Isso significa que alguém que se identifica como homem pode se comportar de forma considerada feminina ou masculina. Uma das dimensões da manifestação de gênero é a *caracterização corporal* do indivíduo que o liga a padrões socialmente atribuídos ao masculino ou ao feminino: aparência, voz, gestos, etc. Essa é provavelmente a dimensão mais importante, pois está diretamente inscrita no *corpo* (Guacira Louro, 2000), que é a forma imediata como os sujeitos se inserem no mundo e são reconhecidos pelos demais. Ela inclui características que compõe a *anatomia* do indivíduo (presença ou não de seios ou de barba, por exemplo), *elementos*

inscritos no corpo (roupas, acessórios, maquiagem, etc.), além da forma como os *gestos corporais* se apresentam (falar “fino” ou “grosso”, rebolar, sentar com as pernas abertas, etc.). Outras dimensões da manifestação de gênero são as *preferências* – como gostar de brincar de boneca ou de jogar bola – e as *atribuições de características*, que podem ser vistas como qualidades ou defeitos, dependendo da adequação a cada gênero: força, sensibilidade, valentia, delicadeza, etc.

É importante notar que *não há um padrão binário*. Uma pessoa pode ser considerada afeminada ou amasculada (“ máscula”), mas, em geral, a sua manifestação de gênero sempre vai conter elementos tradicionalmente ligados tanto ao que é considerado feminino quanto masculino. Por isso defendi na Seção 3.1.4 (p. 163) que existem *diferentes formas de ser afeminado*. Portanto, se, em um primeiro momento, seria possível supor que uma pessoa que se identifica como *não-binária* seria aquela que repete atos e gestos relacionados tanto ao feminino quanto ao masculino, isso não se sustentaria porque nós *todos fazemos isso em algum grau* – é própria Judith Butler (2003) argumenta que o processo de imitação do gênero nunca é perfeito. Além disso, não é a manifestação de gênero o que define a identificação de uma pessoa com a não-binariedade. Uma pessoa não-binária pode ter uma manifestação de gênero considerada predominantemente masculina ou feminina: ela *não precisa ser “andrógina”*. Nesse sentido, poderíamos falar de sujeitos afeminados (com manifestação de gênero considerada feminina) ou amasculados (com manifestação de gênero considerada masculina) independentemente da forma como eles se identificam em relação a gênero (homens, mulheres, não-binários, etc.). De modo geral, poderíamos dizer que a *afeminação* e a *amasculação* são formas de pensar as manifestações de gênero num esquema binário, que pressupõe uma identificação com um padrão masculino ou feminino.

No entanto, existe uma distinção importante no que diz respeito à relação do sujeito generificado com a sua manifestação de gênero. A primeira possibilidade é que a forma como a pessoa se manifesta em relação a gênero não seja deliberada, mas sim algo que ela faz espontaneamente, sem intenção reflexivamente construída. Nesse aspecto, estamos falando da *manifestação de gênero espontânea* do sujeito. O menino afeminado não escolhe ser afeminado. É simplesmente a forma como seu corpo se manifesta. Tanto que meninos afeminados podem não conseguir se amascular mesmo que queiram e tentem. Essa vivência nos é apontada por um dos jogadores de vôlei entrevistados por Jarlson Silva, Iraquitana Caminha e Bertyza Fernandes (2021): “sofri na escola, talvez pelo meu jeito, meu comportamento, e não era nada proposital, era de mim mesmo, aquele que você as vezes tem um trejeito uma coisa mais afeminada que você não percebe, que você não faz esforço para

que aquilo não aconteça, mas acontece””. Da mesma forma, muitos meninos são amasculados espontaneamente, sem fazer qualquer tipo de esforço ou intervenção para manifestar seu gênero dessa forma.

Entretanto, como vimos na Seção 3.2.1 (p. 169), devido à afeminofobia, é comum que meninos que conseguem agir de forma mais amasculada, assim o façam, para fugir do preconceito e da violência ligados à afeminação. Nesse caso, estamos falando de uma *manifestação de gênero intencional*, que passa a ser adotada artificialmente pelo sujeito para atingir determinados fins. Através desse processo, alguém espontaneamente amasculado também pode simular uma manifestação de gênero afeminada. Isso pode acontecer, inclusive, para fins de ridicularização da afeminação. Mas esse fenômeno também pode acontecer até mesmo quando alguém espontaneamente afeminado decide acentuar sua afeminação, do mesmo modo que alguém espontaneamente amasculado pode acentuar sua amasculação.

Por isso, é possível identificar sobreposições entre a manifestação de gênero espontânea e a intencional. Isso é perceptível, por exemplo, quando membros do Bhabixas buscam se comportar, de forma proposital, de uma maneira ainda mais afeminada, bem como membros do ManoTauros o fazem de forma ainda mais amasculada. Na Seção 3.5.4 (p. 223), vamos tentar identificar o que faria com que os jogadores desses times fizessem esse esforço. Nesse sentido, a *dicotomia entre performatividade e performance* (Judith Butler, 2003) também não se aplicaria do mesmo modo ao pensarmos no gênero a partir de sua manifestação, já que esses conceitos não seriam sobrepostos, sendo a performance intencional, e a performatividade não. Na Seção 3.5.4 (p. 223), veremos uma discussão sobre “perfechatividade” em que Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019) apontam para alguns casos a partir dos quais será possível pensarmos em outras possibilidades de sobreposição entre as duas dimensões da manifestação de gênero.

Além das questões já apontadas, quando falamos de Bhabixas e ManoTauros, há mais um ponto a ser observado. Se entendermos a afeminação e a amasculação apenas como performatividade e não como algo que faz parte da identidade dos membros desse dois times, então estamos falando que ela não é constitutiva do eu desses sujeitos. No entanto, ser afeminado e ser amasculado parece ser algo central na forma como essas pessoas se veem e se entendem. Quando falamos de identidade de gênero, normalmente nos referimos a homem, mulher, não-binária, etc. Mas afeminado e amasculado também podem ser identidades. Identidades que talvez pudéssemos chamar de *manifestação de gênero identitária*, unindo as dimensões da identidade de gênero e da manifestação de gênero.

3.5.2 Sobreposição de eixos de dominação

Homens afeminados não sofrem preconceito *porque* eles *são* gays. Afinal, homens afeminados podem ser heterossexuais, e homens amasculados podem ser gays. Portanto, não há relação direta entre afeminação e orientação sexual. Os homens afeminados também não sofrem preconceito *porque* eles *são* trans. Afinal, se eles se identificam como homens, a sua afeminação não faz com que eles deixem de ser cis. No entanto, os homens afeminados sofrem preconceito *porque acredita-se* que eles sejam gays ou que eles “queiram” ser trans. Portanto, a afeminofobia também é homofobia e transfobia, mesmo que os alvos do preconceito não sejam gays ou trans. De todo modo, o preconceito contra homens afeminados não tem ligação direta com a sua sexualidade nem com a sua identidade de gênero. Ele está ligado à sua *manifestação de gênero*, que é uma variável ligada ao gênero, mas atribuída também à sexualidade, uma vez que se pressupõe que pessoas com determinadas manifestações de gênero teriam determinadas orientações sexuais. Nesse sentido, palavras como “bicha” e “viado” estão, num primeiro momento, mais ligadas a gênero do que a sexualidade.

A questão da afeminação e da antiafeminação apresenta-se como uma interlocução entre gênero e orientação sexual. Para ser compreendida, precisa ser observada no campo da orientação sexual, mas refere-se insistentemente às normas de gênero. Tal entrelaçamento produz um fenômeno complexo que confunde os próprios protagonistas, seus pares e a sociedade. (Mozer Ramos; Elder Cerqueira-Santos, 2020, p. 169)

Por isso, a afeminofobia é um preconceito imbricado entre questões de sexualidade e gênero, que não cabe em discussões restritas à “heteronormatividade” – enquanto normas da heterossexualidade compulsória –, nem em discussões restritas à “cisnormatividade” – enquanto normas da cisgeneridade compulsória. Ela só pode ser entendida a partir da *cisheteronormatividade*, enquanto conjunto de normas que relacionam a sexualidade e o gênero. Mozer Ramos *et al.* (2021) também veem a afeminofobia como uma discriminação que se encontra entre diversos eixos de normatização.

Então, a antiafeminação pode ser entendida como um desdobramento da heteronormatividade (como sistema de controle dos valores e ações majoritários referentes aos padrões heterossexuais), do sexismo (como sistema de hierarquização do masculino sobre o feminino) e da homofobia (como sistema de rejeição e hierarquização com relação a diversidade sexual), que, muitas vezes, serve como justificativa para o preconceito e a violência, mesmo dentro da comunidade não heterossexual. (Mozer Ramos *et al.*, 2021, p. 3)

É claro que a palavra “heteronormatividade” é usada habitualmente com um significado que abarca também a cisgeneridade, como em Judith Butler (2003), por exemplo. Também Oscar Lopes (2017, p. 405) define heteronormatividade como “a ideia de que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e devem se comportar de acordo com uma concepção binária de gêneros, na qual as mulheres são ‘femininas’ e os homens, ‘masculinos’”. Apesar disso, o uso da palavra “cisheteronormatividade” evidencia a potência do imbricamento entre gênero e sexualidade. Eli Rosa (2020) defende o uso do termo cisheteronormatividade porque, para ele, a heteronormatividade e a cisnormatividade não são separadas uma da outra. No entanto, ele também afirma que a heteronormatividade já é cisheteronormatividade à medida em que ela pressupõe que as pessoas hétero sejam cis. Afinal, a heteronormatividade pressupõe que um corpo masculino com “biopênis” e um corpo feminino com “biovagina” sempre se atraem mutuamente.

Para esse autor, a heteronormatividade vê a heterossexualidade como intrínseca e natural ao ser humano, sendo qualquer desvio considerado antinatural e sujeito a perseguição, correção e destruição. O discurso homofóbico faz uma relação direta entre sexo e reprodução. Uma relação de natureza sexual entre duas pessoas só seria legítima se elas tiverem a capacidade de gerar filhos por meio do sexo. Por isso, um relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo seria visto como antinatural. Contudo, esse discurso ignora que nem todos os casais heterossexuais cisgêneros têm a capacidade de ter filhos por meio do sexo, e nem por isso sua relação é deslegitimada. Ignora também que casais do mesmo sexo podem adotar ou recorrer a tecnologias de fertilização artificial se quiserem ter filhos. Mas, acima de tudo, esse pensamento ignora que não há relação direta entre sexo e reprodução, estando o primeiro de forma muito mais frequente relacionado com a busca pelo prazer, inclusive entre casais heterossexuais. Isso ocorre de forma permanente no caso de casais heterossexuais que podem, mas decidem não ter filhos, sem que a sua relação seja deslegitimada.

Eli Rosa (2020) demonstra como a identidade cisgênera é tomada como norma mesmo quando vamos definir o que é a transgeneridade. Os trans seriam “diferentes” por não se identificarem com o gênero de designação e por quererem fazer mudanças corporais. Isso porque o “normal” seria se identificar com o gênero de designação e não querer fazer intervenções visando uma alteração de características corporais relacionadas a gênero. De todo modo, Eli Rosa (2020) brinca com a forma de definir a cisgeneridade para mostrar o quanto ela é usualmente tratada simplesmente como o “normal”.

Dessa forma, poder-se-ia definir o *cissexualismo* como: um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do *próprio* sexo. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de *bem-estar* ou de *adaptação* por referência ao seu próprio sexo anatômico e do desejo de *não* se submeter a intervenções cirúrgicas ou tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado. (Eli Rosa, 2020, p. 65, grifo do autor)

O autor define a cisgeneridade nos mesmos termos do “transexualismo”, palavra que era usada na literatura médica para se referir à transgeneridade como “distúrbio de gênero”. É interessante observar que a palavra “cissexualismo” não existe para além de provocações como essa, o que demonstra que a cisgeneridade nunca foi patologizada. No entanto, sabemos que pessoas cis também fazem cirurgias para reafirmação de gênero, como implantes de próteses, por exemplo.

Cabe a reflexão de que mesmo pessoas cisgêneras continuamente submetem-se a procedimentos cirúrgicos e/ou estéticos de *afirmação de gênero*, mas não há uma classificação patológica de *cissexualismo*, como há para o *transexualismo*. Por que o silicone da travesti é patologizado e o da mulher cis não? (Eli Rosa, 2020, p. 65, grifo do autor)

Outro conceito abordado por Eli Rosa (2020) é o de “passabilidade”, que se trata da capacidade de uma pessoa trans “se passar” por cisgênera. Para ser alcançada, é preciso recorrer a diversas tecnologias corporais, como cirurgias, terapia hormonal, vestuário e manifestações de gênero em conformidade com o gênero de identificação. Eli Rosa (2020, p. 60) explica que “a busca máxima por passabilidade existe, por um lado, como estratégia de autoproteção em meios intolerantes, mas se configura como uma ilusão de aceitação em ambientes normativos”. Passar-se por cisgênero, a partir de um olhar transfóbico, pode soar como contar uma mentira: é como se a pessoa tivesse a obrigação de “avisar” sobre sua transgeneridade para não “enganar” as outras pessoas. Seria possível pensar no conceito de passabilidade aplicando-o também à manifestação de gênero de homens gays? Acredito que sim. Afinal, o senso comum relaciona a afeminação com a homo-orientação, de modo que os gays amasculados tornam-se “passáveis”, ou seja, são vistos como heterossexuais. Assim como os transgêneros não passáveis são alvo de maior preconceito e violência, as bichas e viados também o são em relação aos gays amasculados. Por isso, a passabilidade para homens gays também serve como estratégia de autoproteção e como tentativa de maior aceitação. Leonardo Martinelli (2020) fala sobre gays que, nas arquibancadas dos estádios de futebol, precisam se “passar por” heterossexuais para não serem alvo de discriminação. Ângelo (ManoTauros, 2018) demonstrou a dificuldade de gays passáveis decidirem sair da sua zona de conforto e encabeçarem uma pauta identitária.

Todo campeonato [“hétero”] que eu disputo tem gays. Não assumido ou assumido. Mas a maioria não tão disposta a jogar em times gays, porque acha que a qualidade do futebol é ruim. E realmente é ruim. Ou porque não querem se expor, ou porque não querem se apegar a algum rótulo... Ou outros porque realmente não são assumidos, e, aí, complica, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

No entanto, para Oscar Lopes (2017) o movimento *queer*, dentro da militância LGBTQIAPN+, questiona a adoção do modelo cisheteronormativo por parte de homens gays, levantando a voz dos que não se encaixam nesse padrão. Ele acredita que esse movimento representa o “orgulho pela diferença e pelo seu caráter transgressor em relação à norma” (Oscar Lopes, 2017, p. 408).

3.5.3 Separando o gênero da sexualidade

Há muitas décadas, o movimento LGBTQIAPN+ vem tentando separar as identidades não cisheteronormativas em categorias distintas: identidade de gênero, orientação sexual, anatomia sexual, etc. No Apêndice B (p. 383) há uma explicação sobre esses termos, mas irei desenvolvê-los de outra maneira aqui. A *identidade de gênero* seria a forma como o sujeito se identifica em relação a gênero: homem, mulher, travesti, não-binária, etc. As identidades de gênero poderiam ser cis ou trans: *cis* seriam aquelas que correspondem ao gênero de designação, e *trans* aquelas que divergem dele. A *orientação sexual* indicaria por quem a pessoa se sente atraída: heterossexual, homossexual (gay, lésbica), bissexual, assexual, pansexual, etc. A *anatomia sexual* diria respeito à adequação ou não dos corpos a designações binárias ao nascer: endossexual ou intersexual. A categoria “*queer*” serviria como um coringa não identitário nesse esforço, abarcando sujeitos não normativos que não se encaixam nessas identidades ou passeiam por elas sem se fixar em nenhuma. Curiosamente, ao mesmo tempo, a palavra *queer* também serve de guarda-chuva para representar a comunidade inteira no lugar da sigla LGBTQIAPN+.

O esforço de dividir essas categorias é importante por alguns motivos. O primeiro é diminuir a hegemonia dessas identidades. Há algumas décadas, o movimento LGBTQIAPN+ era conhecido apenas como “movimento gay”. Todas as pessoas nessa comunidade eram conhecidas como gays: lésbicas, travestis, mulheres trans, não-binárias, etc. Mas apenas os homens homossexuais de fato eram visibilizados e tinham suas demandas alcançadas. Separar e definir as identidades traz visibilidade e faz com que as pessoas entendam a peculiaridade de cada subgrupo. Isso gera ganhos políticos: as necessidades específicas de cada grupo

identitário podem ser conhecidas, a representação e a representatividade¹⁰⁰ dessas pessoas podem aumentar e melhorar. A segunda vantagem é gerar iluminações. Até outro dia, era muito comum que as pessoas confundissem o desejo sexual de alguém com a sua identificação com determinado gênero. Por exemplo: a maioria das pessoas não entendia a diferença entre um homem gay e uma mulher trans. Era comum que se acreditasse que ambos eram homens que “queriam” ser mulheres e se sentiam atraídos por outros homens. Separar as identidades mostra que as vivências são diferentes: o primeiro é um homem que se sente atraído por outros homens, e a segunda é uma mulher, independentemente de por quem ela se sente atraída. Assim, é possível entender que uma mulher trans pode ser lésbica ou hétero, por exemplo.¹⁰¹

Portanto, a política de identidades traz diversos ganhos. Porém, ela tem limitações, e, em muitos aspectos, elas estão ligadas à própria natureza da linguagem. Vamos nos voltar para animais de outra espécie para fazer uma metáfora. Se eu digo “cachorros”, essa palavra abarca centenas de raças diferentes. Então, eu posso dividi-los em “poodles”, “labradores”, “rottweilers”, “bulldogues”, “vira-latas”, etc. Mas eu ainda posso dividir cada um pela cor. Os poodles, por exemplo, podem ser pretos, brancos, marrons, cinzas, etc. Eu posso continuar dividindo pelo tamanho: os pretos, por exemplo, podem ser pequenos, médios ou grandes. Seria possível dividir ainda mais os pequenos entre os que têm mais ou menos de 30cm – começa a faltar palavras para nomear os subgrupos. No limite, eu posso dizer que o meu cachorro-poodle-preto-pequeno-com-menos-de-30cm é completamente diferente do seu cachorro-poodle-preto-pequeno-com-menos-de-30cm. As categorias geram uma ilusão perigosa de que todos dentro delas são iguais, mas dois indivíduos nunca são. Os *pitbulls* carregam o estereótipo de serem violentos, mas nem todos são, e isso é prejudicial para os que são dóceis. Por outro lado, se fosse necessário debater regras para coberturas de planos veterinários, os tutores de *pugs* provavelmente demandariam maior cobertura para problemas respiratórios. Isso porque essa é uma necessidade que beneficiaria todo esse subgrupo. Voltando para os animais da nossa espécie, as categorias identitárias com as quais nos subdividimos também trazem vantagens e desvantagens políticas. Contudo, de uma forma ou de outra, elas sempre têm limitações, porque nunca abarcam sujeitos iguais, apenas indivíduos com algumas características em comum.

¹⁰⁰ Estou considerando aqui “representação” como a forma como um grupo é visto socialmente e “representatividade” como a presença de membros desse grupo em diferentes espaços de visibilidade e poder.

¹⁰¹ Uma mulher trans é hétero quando se sente atraída por homens, e lésbica quando se sente atraída por mulheres.

Portanto, as categorizações da comunidade LGBTQIAPN+ tem algumas fraquezas, das quais destaco cinco. A primeira é que essa sigla sempre precisa crescer, porque novas identidades aparecem demandando inclusão. Não à toa, o “+” foi incluído com uma forma de antever essa demanda. A segunda é que as identidades têm limites de compatibilidade. Qual é a orientação sexual de uma pessoa não-binária, por exemplo? Se uma pessoa não é homem nem mulher (ou travesti), como ela pode ser homossexual ou heterossexual? Ume não-binária que se sente atraída por homens é o quê? A terceira é que a hegemonia é inevitável. O “G” representa os homens homossexuais, mas os afeminados e os amasculados nesse grupo têm demandas diferentes, e, em situações como essa, um subgrupo acaba sendo invisibilizado. A quarta é que as identidades promovem um grau de encaixotamento das vivências: ser mais livre em relação a rótulos pode dar mais liberdade para vivenciar desejos e manifestações. Ser gay, por exemplo, pode acabar funcionando como uma sentença sobre quem você pode desejar. A quinta são os estereótipos: a tendência é que quem é menos engajado com essa comunidade imagine que todas as pessoas representadas por cada letra sejam iguais. Muitas vezes, a referência para isso é a mídia, com suas representações nem sempre positivas.

3.5.4 Bichisse e viadagem como categorias

Agora, quero me deter em uma limitação bem específica dessa categorização. A ausência das categorias bicha e viado. A sigla da comunidade LGBTQIAPN+ não tem “V”, e o “B” que existe nela significa outra coisa. As bichas e os viados estariam incluídas e incluídos dentro do “G”. Mas a divisão entre sexualidade e gênero faz sentido quando olhamos para essas identidades? Para fins analíticos, bichas e viados deveriam mesmo ser vistos como parte da categoria gay ou como categorias diferentes que fazem uma interseção com ela? Para Giancarlo Cornejo (2011), a afeminofobia está ligada à necessidade de desvinculação entre a homossexualidade e a transgeneridade, uma vez que a transgeneridade é vista como menos legítima. O autor problematiza essa desvinculação: “minha intenção é resgatar certas conexões e superposições entre a transgeneridade e a homossexualidade. Vale ressaltar que esses limites ou fronteiras têm sido problematizados no caso de *lésbicas butch*”¹⁰² (Giancarlo Cornejo, 2011, p. 86, grifo do autor, tradução minha). Nesse mesmo sentido, Leandro Colling (2015, p. 21-22) faz a pergunta: “um gay afeminado, por exemplo, que não performa o seu

¹⁰² Do original: “[...] mi intención es rescatar ciertas conexiones y superposiciones entre la transgeneridad y la homosexualidad. Vale resaltar que estos límites o fronteras han sido problematizados en el caso de *lesbianas butch* [...]”

gênero da maneira como exige a norma, é trans ou cisgênero?” Claudia Eccel, Luiz Saraiva e Alexandre Carrieri (2015, p. 4) corroboram esse tipo de problematização ao afirmarem que “as práticas sexuais são simultâneas e inseparáveis das práticas de gênero”. Ainda Oscar Lopes (2017, p. 411) acredita que a afeminação estabelece “uma relação entre gênero e orientação sexual”.

Um jogador do Afronte (SP) com que conversei, no dia do aniversário do Bhabixas no Mineirão, disse-me que havia uma pessoa com aparência feminina que jogara no time dele, mas ele não sabia definir a identidade dela. Ele se referia à mesma pessoa que Lúcio havia identificado como uma mulher trans, mas que não se define assim em suas mídias sociais (Seção 2.6.4, p. 132). Essa pessoa jogou a 5ª edição da Champions LiGay. No meu diário de campo, anotei que identifiquei um possível jogador não-binário. Talvez tenha sido ela, mas não me recordei da feição desse jogador quando busquei fazer essa relação posteriormente. De todo modo, essa pessoa se define como “gay” e “viado”. Esse foi um exemplo evidente encontrado em campo de como a identificação dessas identidades podem ser borradas. Nesse sentido, Leandro Silva (2014) aponta para a potência da viadagem de desconstruir a hegemonia masculina pelo lado de dentro, através da feminilidade: “a viadagem desconstrói na medida em que ela mesma é o resultado da força feminina agindo sobre a masculinidade. Por isso as mulheres, apesar de excluídas da viadagem, não deixam de comparecer nesse jogo” (Leandro Silva, 2014, p. 8).

Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019) apropriam-se do conceito de performatividade de gênero de Judith Butler (2003) para analisar as manifestações de gênero de gays afeminados. Para isso, eles cunham o termo “perfechatividade de gênero”. Isso porque a gíria “fechação” remete a uma manifestação de gênero hiper-afeminada. Os autores se questionam se, do ponto de vista de Judith Butler (2003), essa manifestação de gênero poderia ser vista sob o viés da performatividade, fugindo às normas e subvertendo a citacionalidade, ou se só poderia ser encarada como uma performance, intencional e deliberada, como no caso das drag queens abordado pela autora. Eles chegam à conclusão de que essa dicotomia não pode ser aplicada de forma adequada nesse caso.

[...] os gays afeminados e fechativos nos ensinam muito mais do que a oposição entre performance e performatividade. Essas gays (assim no feminino, como muitas delas se autoidentificam) também borram a fronteira entre performatividade e performance de gênero, fronteira essa que, paradoxalmente, como vimos, foi pensada por Butler de forma rígida, talvez pela necessidade de responder aos seus críticos. (Leandro Colling; Murilo Arruda; Murillo Nonato, 2019, p. 23)

Os autores afirmam que, em alguns momentos, os gays afeminados intensificam a sua fechação. Nesses momentos, a ideia de performance poderia fazer mais sentido. Porém, os autores também explicam que, em outros momentos, os gays afeminados diminuem a sua fechação, operando novamente pela lógica da performance, “em especial quando estão em situações de risco ou ocasiões em que sabem que podem ser rechaçadas” (Leandro Colling; Murilo Arruda; Murillo Nonato, 2019, p. 23). Na verdade, segundo os autores, os gays afeminados estão sempre alternando entre “ficar molinho” e “ficar durinho”, ou seja, entre se soltar e se segurar. Nesse último momento, os gays fazem um esforço para serem tão amasculados quanto possível. Pensando a partir dos conceitos que tenho desenvolvido neste capítulo, esses gays alternam entre uma manifestação de gênero mais espontânea e uma manifestação de gênero mais intencional.

Mas esses estados não podem ser vistos de forma dicotômica, já que a fechação também pode ser uma ampliação intencional da afeminação. Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019) afirmam que a diferenciação entre essas manifestações de gênero não se dá apenas nos gestos, mas também no vocabulário desses gays, que usam palavras e expressões ligadas à afeminação em um momento e não em outro. Porém, segundo os autores, esses dois estados acabam se misturando em algum grau: “por mais que o gay fechativo endureça voluntariamente em determinados momentos, traços ligados à fechação que nutrem suas expressões corporais como resultado de repetições performativas nunca desaparecem por completo” (*ibidem*, p. 25-26). O mesmo também aconteceria nos momentos de fechação: sem querer, traços do gay durinho apareceriam em alguns momentos. Os autores acreditam que isso leva a uma leitura a partir da performatividade de gênero: repetir os gestos nesses dois momentos faz com que eles sejam amalgamados na materialidade de seus corpos, demonstrando um limite na capacidade de controlá-los.

Nos termos propostos nesta tese, essas observações apontam para a impossibilidade de separar dicotomicamente as manifestação de gênero espontânea e intencional, como dissemos na Seção 3.5.1 (p. 214). Afinal, gestos espontâneos podem vir *em meio* a uma manifestação de gênero intencional, bem como gestos intencionais podem se tornar tão *habituais* para o sujeito que ele pode passar a *repeti-los* de forma *irrefletida*. A partir dessa discussão sobre perfechatividade, os autores voltam à pergunta que apresentamos anteriormente: quais os limites entre cisgeneridade e transgeneridade ao falarmos de afeminação?

Além disso, as perfechatividades também podem ser úteis para pensarmos em outra dicotomia que parece estar se consolidando em determinados debates no campo de estudos e políticas da diversidade sexual e de gênero do Brasil da atualidade. Trata-se da dicotomia entre cis versus trans. E aqui não se trata de abandonar ou criticar o conceito de cisgênero, mas de evidenciar que as gays afeminadas e fechativas resistem à heteronormatividade e à cisgeneridade. Ainda que não sejam pessoas que se identifiquem como trans, elas também não são facilmente identificadas como cisgêneras. E quando são identificadas ou se identificam como cisgêneras, elas acabam por evidenciar que existe uma variedade na cisgeneridade. E é sobre essa variedade que talvez valha a pena pensar e propor novos neologismos capazes de nomear e, principalmente, provocar outras reflexões. (Leandro Colling; Murilo Arruda; Murillo Nonato, 2019, p. 31)

Na 5ª edição do Champions LiGay, percebi que um jogador do Bhabixas estava agindo de modo “caricatural”, reproduzindo o estereótipo de bicha, e fiquei pensando se era por “zoeira”. De certo modo, é o que diversos membros do time também fazem nas fotos para as mídias sociais e em alguns momentos dos jogos e competições. Por outro lado, também é o que os membros do ManoTauros e de outros times fazem ao posarem de forma séria para fotos. Nesse aspecto, em alguns momentos, a manifestação de gênero afeminada dos membros do Bhabixas, bem como a amasculada dos membros do ManoTauros, pode ser *mais intencional que espontânea*. Assim como nas performances que denunciam o caráter artificial das performatividades (Judith Butler, 2003), essas apresentações relativamente artificiais de si – no caso, seriam mais *potencializações* – teriam finalidades e consequências políticas. No entanto, aqui, elas estariam ligadas possivelmente a uma *defesa* de sua manifestação de gênero espontânea através de uma *manifestação hiperbólica* dela.

Ainda pensando sobre o significado e pertinência das categorias bicha e viado, cabe refletir também sobre a legitimidade dessas palavras. “Bicha” e “viado” são termos historicamente usados para se referir de forma pejorativa a determinados sujeitos. Entretanto, também são formas com as quais esses próprios sujeitos frequentemente se tratam e, algumas vezes, como preferem se autodefinir. Nesse sentido, essas palavras carregam uma dicotomia: podem ser ofensivas ou afirmativas, dependendo do contexto. Traçar os limites entre esses dois usos não é simples. Uma primeira ideia, que é defendida com frequência, é a de que apenas as bichas e os viados podem se chamar dessa forma. Assim, uma pessoa hétero não cis poderia usar essas palavras para se referir a uma pessoa LGBTQIAPN+, mas pessoas dessa comunidade poderiam se referir a si mesmas e umas às outras utilizando essas palavras. Uma segunda perspectiva, mais subjetiva, seria pensar não a partir de quem fala, mas sim da intenção do uso dessas palavras.

Pode ser difícil definir objetivamente como identificar se as palavras bicha e viado estão sendo usadas de forma pejorativa ou não, mas talvez seja menos difícil fazer essa

identificação na vivência de cada situação. A nossa linguagem tem diversos sinais que apontam para o significado que queremos dar para cada palavra durante a interação: o tom de voz, a ênfase em alguma palavra, os gestos, as expressões faciais, os risos, os silêncios, etc. Uma forma que se destaca como uso ofensivo dessas palavras é colocá-las no diminutivo: “viadinho” e “bichinha”. Nesses casos, o diminutivo marca inferiorização, tal como em “mulherzinha”, por exemplo. Quem cresceu sofrendo violência verbal por causa de sua manifestação de gênero costuma saber muito bem como fazer esse tipo de identificação. Nesse caso, qualquer pessoa poderia usar as palavras viado e bicha, desde que não seja de maneira pejorativa. Duas brasileiras cantoras de *pop/funk* – que, como dissemos na Seção 3.4.5 (p. 205) guardam uma relação importante com os fãs gays –, por exemplo, têm músicas usando a palavra viado que não são consideradas ofensivas. Valesca Popozuda, na música intitulada *Viado* (2016), canta: “Viado, hoje eu quero te ver | Tô doida pra te fofocar”, simulando uma conversa com um amigo íntimo. Jojo Todynho, na música *Arrasou Viado* (2018), canta: “Arrasou viado, arrasou viado | Tu deu *close* de menina | Rebolou até embaixo”, elogiando uma performance afeminada de alguém.

A palavra “viado”, em especial, carrega um interessante terceiro uso que se relaciona com os outros dois já citados. É que ela também costuma ser usada como vocativo em interações entre amigos homens heterossexuais. Não me refiro a quando um homem heterossexual chama outro de viado para ofendê-lo, mas sim quando essa palavra é inserida displicentemente no meio das frases entre dois amigos, com um significado semelhante a “cara”: “Você não vai lá hoje não, viado?”, “Pô, viado, eu não tou querendo ir não”. O “viado”, aqui, surge como um jogo: uma maneira de tratar o outro ao mesmo tempo provocativa, mas também carinhosa, porque demarca uma brincadeira entre amigos. A palavra poria em risco a masculinidade do outro, mas o outro devolve com a mesma palavra, e ambos sabem que a masculinidade de nenhum está de fato sendo questionada porque é tudo uma piada. Nesse caso, os viados mesmo, que são realmente viados, são os que continuam sendo ridículos. Leandro Silva (2014) comenta a polifonia da palavra viado.

Viado é um insulto, o mais comum usado neste país. Viado também é uma forma familiar, carinhosa, identitária, amistosa usada pelos viados, isto é: homens homossexuais, entre si e com outras pessoas. De uma palavra não se espere fidelidade: ela rompe os cercos para se dar à violação de qualquer um. Essa disponibilidade provocativa da língua é nosso maior bem. Viado, como ofensa e como estima, é usado indiscriminadamente entre os falantes da língua brasileira. (Leandro Silva, 2014, p. 4)

Chama a atenção que a demanda pelo que seria politicamente correto acaba impondo aos próprios viados que eles não possam ser chamados de viados. Na ânsia de tentar proteger a comunidade LGBTQIAPN+ de insultos, os aliados dessa comunidade definem, em nome dela, que as palavras que são usadas para insultar também não podem ser usadas em nenhum contexto. Isso acontece no *Facebook*, por exemplo, que proíbe que a palavra “viado” seja escrita em comentários. Quando isso acontece, o comentário é removido automaticamente e o usuário que o escreveu recebe uma advertência – que também é uma ameaça de suspensão da conta. Isso faz com que um viado que faz um comentário se referindo a si mesmo ou a outro viado usando essa palavra seja identificado como homofóbico¹⁰³. É uma perda do direito de se apropriar das palavras. É como se elas pertencessem ao opressor. No entanto, como vimos na Seção 3.4.6 (p. 209), a palavra “*queer*”, usada hoje como sinônimo de LGBTQIAPN+, também já foi uma palavra ofensiva, posteriormente ressignificada pela comunidade. Pedro Juliano (2020, p. 140) nos diz o mesmo sobre o termo “bicha”, que no início do século era considerado apenas um xingamento, mas hoje vem sendo apropriado “como forma de se apoderar e reconstruir o seu significado”.

A palavra bicha está presente no nome do time de futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino que se orgulha de ser afeminado. Roberto (Bharbixas, 2018) me contou como o nome Bharbixas havia sido explicado para ele por outro membro, quando ele entrou no time: “‘Bhar’ porque BH é a capital dos bares – com ‘BH’ o ‘Bhar’ –, e ‘bixas’ porque o time é bem bicha, a gente é bem bicha”. Pedro (Bharbixas, 2018) também afirmou que o nome do time contém “‘bixas’ porque “é um monte de bicha jogando bola”. Lúcio (Bharbixas, 2023) explicou que o “bar”, presente no nome, tem um significado para além do fato de BH ser a capital dos bares, e esse significado foi, na verdade, o que originou o nome do time: “porque a gente sempre ia pros bares hétero e tal. A gente ia lá, ocupava aquele espaço, todo mundo de chuteirinha, meia, e o pessoal ficava meio que olhando. Aí, a gente falou assim: ‘gente, nós somos as bichas de bar, né?’ Aí, surgiu esse nome Bharbixas”.

Além disso, a figura escolhida para o brasão e o mascote do time foi o veado. Portanto, ambas as categorias de autorrepresentação “bicha” e “viado” fazem parte da identidade desse time. Roberto (Bharbixas, 2018) contou, ainda, sobre a apropriação do termo “poc”¹⁰⁴, também usado para se referir a gays afeminados, por parte de alguns membros do

¹⁰³ Nesses casos, costuma-se usar formas improvisadas de grafar as palavras para burlar os algoritmos, como “v14d0”, por exemplo. No entanto, o *Facebook* tem identificado até mesmo algumas dessas variações.

¹⁰⁴ O termo “poc” vem do barulho de sapatos de salto alto batendo no chão. De forma geral, quer dizer afeminado. Mas também é usado especificamente como sinônimo de “bicha pão com ovo”, que seria uma bicha pobre, geralmente mais nova.

Bharbixas: “hoje em dia eles usam o termo brincando uns com os outros, tipo: ‘ah, sua poc!’”. Mas numa forma saudável. Se apossando de um termo que sempre foi usado pra diminuir, fazendo o contrário”. Mesmo que os membros do ManoTauros tentem se afastar da ideia de afeminação, pelo menos Ângelo (ManoTauros, 2018), um dos fundadores desse time, usava a palavra “viado” com naturalidade. Conversando comigo, ele chamou um colega que estava no local de “viado” algumas vezes. Posteriormente, ele me disse que chama todos seus amigos assim, inclusive os heterossexuais. Ele até me chamou também de viado, como vocativo, uma vez na segunda entrevista que fiz com ele (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023).

No entanto, como um teste, perguntei ao ChatGPT, o famoso *chatbot* de inteligência artificial de última geração, se a palavra “viado” é ofensiva. Ele respondeu: “sim, a palavra ‘viado’ é considerada uma palavra ofensiva e degradante para as pessoas que são gays, lésbicas, bissexuais, transgênero ou qualquer outra pessoa que tenha uma orientação sexual ou identidade de gênero que seja diferente da norma heteronormativa”. Quando essa IA foi perguntada se é errado usar a palavra “viado”, a resposta foi: “sim, a palavra ‘viado’ é um termo pejorativo e ofensivo que se refere a pessoas homossexuais e é um exemplo de linguagem homofóbica. É muito mais respeitoso e apropriado usar termos respeitosos e inclusivos ao se referir a pessoas LGBTQIAPN+. É interessante o uso de palavras como “heteronormativa”, que indicariam que essa ferramenta estaria bem atendida em relação às discussões sobre pessoas LGBTQIAPN+. No entanto, ela reproduz a linguagem “oficial” que “criminaliza” essa forma de identificação.

Outra questão em torno das categorias bicha e viado é que elas são locais e, portanto, dizem de formas de viver o gênero e a sexualidade que são nossas, e não importadas de modelos genéricos internacionais, como a palavra “gay”, por exemplo. Igor Torres e Felipe Fernandes (2021) denunciam o perigo de categorias estrangeiras fagocitarem a miríade de identidades locais. Quantas identidades podem ser invisibilizadas pela categoria “gay”? Os autores destacam que cada um deve ter o direito de se chamar da maneira como quiser, e que os sistemas classificatórios variam de acordo com outros pertencimentos, como raça e classe. Nesse sentido, podemos dizer que “gay” é uma categoria muito mais higienizada que bicha e viado. Na verdade, o que esses autores mais alertam é para o risco das nossas identidades serem definidas de forma colonialista. A adoção de identidades globais, como “gay”, implica nesse problema.

Judith Butler (2019, p. 34) afirma que a linguagem produz corpos e sujeitos, uma vez que ela “não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia”. Apesar de ê autore estar falando da

heteronorma, que separa os corpos em homens e mulheres, esse raciocínio poderia ser estendido para situações em que corpos são nomeados como viados ou gays, por exemplo. No entanto, Igor Torres e Felipe Fernandes (2021) criticam até mesmo o caráter colonial da teoria *queer*, uma vez que o olhar crítico dela sobre as identidades também é apropriado por aqui como uma forma de apagamento de categorias locais. Essa teoria levaria a uma homogeneização do movimento e se apresentaria como um superesclarecimento de caráter quase messiânico.

Com isso, acreditamos que ocorreu a imediata tradução de uma teoria anglófona sobre a sexualidade, o desejo, a identidade e a adoção de um modelo eurocêntrico de disputa de poder, reiterando um sistema de sujeição epistêmica e invisibilização de corpos tão comum às colonialidades do saber e poder. (Igor Torres; Felipe Fernandes, 2021, p. 3)

Para eles, não é uma coincidência que a teoria *queer* tenha se popularizado no Brasil a partir das universidades, “o púlpito da colonialidade, [...] lugar por excelência do assimilacionismo de um modelo teórico estrangeiro por pessoas pesquisadoras brasileiras brancas” (Igor Torres; Felipe Fernandes, 2021, p. 7). Assim, essa se tornaria uma perspectiva elitista e perderia seu caráter subversivo. Guacira Louro (2000, p. 65) também ressalta que, para o construcionismo social, em oposição ao essencialismo, “práticas sexuais aparentemente idênticas podem ter – e efetivamente têm – significados muito distintos em várias culturas, tanto coletiva como subjetivamente”. Ao afirmar que as identidades são formadas pela história e pela cultura, a autora faz uma argumentação que corrobora as indagações de Igor Torres e Felipe Fernandes (2021).

Isso aponta para o fato de que as identidades precisam ser compreendidas sob uma ótica política. Nomeadas no contexto da cultura, experimentam as oscilações e os embates da cultura: algumas gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão ‘normais’ que *não precisam dizer de si*; enquanto outras se tomam “marcadas” e, geralmente, *não podem falar por si*. (Guacira Louro, 2000, p. 67, grifo da autora)

Apesar de a autora estar falando mais sobre o contraste entre a norma hegemônica e o que foge dela, o que aqui poderíamos identificar como a cisheteronorma e as identidades LGBTQIAPN+, também é possível aplicar essa lógica à relação entre as identidades não hegemônicas. Para um olhar interno e externo à comunidade LGBTQIAPN+, o gay é a identidade hegemônica, que, até certo ponto, não precisa mais se explicar, nem se justificar, nem demandar sua própria existência. Já a bicha e o viado são subalternizados dentro da

subalternização. A autora destaca que as identidades marcadas não podem falar por si mesmas. Daí o *Facebook* precisa dizer para o viado que ele não pode ser chamado assim. Leandro Silva (2014), fala sobre a semântica da palavra “viado”.

Viadagem é ilegítima. Vem do menos legítimo ainda viado. Viado é a pronúncia brasileira do nome do cervo, o veado. Viado tem essa origem, um meneio de pronúncia dessa língua toda própria, des-viada, o português do Brasil. E da pronúncia *errada* vem o insulto. Viado hoje é ampla e reconhecidamente admitido como injúria a homens gays; veado continua a ser o bicho. Só se sabe a diferença entre um e outro procurando pelo contexto; ou na escrita. (Leandro Silva, 2014, p. 3, grifo do autor)

Etimologicamente, a palavra viado remete a dois termos. O primeiro é o veado, animal representado de forma afeminada no filme *Bambi* (Disney, 1942). O segundo é a palavra “transviado” (sinônimo de “desviado”), usada no passado para se referir a homens gays: aqueles que se desviam do caminho certo. A palavra “bicha” também remete a animais, os “bichos”, de forma genérica. O uso da palavra no feminino, por sua vez, denota a afeminação dos homens assim nomeados. Leandro Silva (2014) explica o que significa essa animalização.

A grande vereda da *différance*: o desvio ortográfico marca uma outra palavra, bastarda em relação ao vocábulo original, que diferencia dois tipos de bichos: o gay e o cervo. Viado é assim o erro que define/constrói uma categoria de humanos específica, *ab ovo* já errados, não naturais, ilegítimos. Mas o nome de veado não desaparece, ele vigora ainda a designar o animal. Então, no viado há essa dupla filiação: o erro e o bicho. O bicho (como bicha) está na vontade de tornar animal – leia-se: menos humanas – essas pessoas des-viadas. (Leandro Silva, 2014, p. 3)

No futebol, a figura do veado ocupa um lugar central num dos principais símbolos da homofobia presentes nesse esporte: a camisa 24. Tradicionalmente, foge-se da camisa 24 como quem foge de ser identificado como viado, por isso ela costuma ser tão evitada. Isso porque, no jogo do bicho, 24 é o número que representa o veado. A repulsa a esse número não se restringe ao futebol: também é comum que, ao fazerem 24 anos de idade, os homens evitem assumir essa idade, dizendo, por exemplo, que estão fazendo 23 anos + 1. No entanto, isso vem mudando. Na última Copa do Mundo, o Brasil utilizou a camisa 24 pela primeira vez. Antes disso, apenas 4 times da Série A do Campeonato Brasileiro já usavam esse número em suas camisas, sendo o Atlético Mineiro um deles (Roberto Bodetti, 2022). Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou sobre uma ação, promovida pela LiGay, de colocar uma camisa 24 na estátua do Pelé em Santos (SP).

3.6 BICHAS VERSUS MANOS

3.6.1 Cisão: as impossibilidades de convivência

Podemos dizer que, no início do Bharbixas, o ManoTauros já existia dentro dele. É que os membros fundadores do segundo time já apareciam de forma claramente separada do restante da equipe. Roberto (Bharbixas, 2018) me contou sobre as impressões que teve quando foi convidado para entrar no grupo de *WhatsApp* do Bharbixas, pouco tempo depois da formação do time.

No início, eu entrei, tava uma discussão danada no grupo. Era uma confusão danada. Era claro que tinham dois movimentos. Um de pessoas que queriam jogar futebol. Parecia que eram os mais focados só no futebol e, pela forma como se expressavam, pela forma como as discussões caminhavam, *parecia ser até cis mesmo ou hétero...* Não hétero próprio. Mas o jeito que o outro grupo que era, pelo que eu entendia, pelo que eu via, ouvia dos áudios, via os memes que mandavam, era um grupo de pessoas talvez mais afeminadas e que tavam pensando não só no futebol, mas no movimento. E isso criou uma discussão principalmente no nome do time. E quem não concordava com “Bharbixas” falava exatamente que não queria reproduzir o conceito de bicha, que não queria levar isso e que queriam nomes de times mesmo de futebol. Igual depois nasceu “ManoTauros”, que foi um outro time de um ex-membro que saiu e fundou. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Naquele momento, os dois grupos faziam parte do que era o Bharbixas, e não era possível dizer que o grupo afeminado era a parte “verdadeira” do time. Uma disputa se colocava. Disputa pelo estabelecimento de um padrão de masculinidade que fosse hegemônico dentro da equipe. Afinal, se o modelo hegemônico fora do Bharbixas é o do homem másculo e viril, como Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) discutem, dentro do time, a reprodução dessa hierarquia aparentemente não era automática. Roberto (Bharbixas, 2018) apontou que, quando a identidade visual do time estava sendo formada, também houve resistências: “alguns que não queriam rosa, alguns que não queriam o viadinho lá. Não queriam nada que ligasse ao LGBTQI+. Algumas pessoas queriam um meio pra jogar futebol com gays, mas que fosse do mesmo jeito praticamente que é o hétero cis”. A cisheteronormatividade, portanto, era algo que um grupo perseguia enquanto o outro repudiava. As posições não eram apenas diferentes, eram diametralmente opostas. Quando Roberto (Bharbixas, 2018) decidiu ir a uma pelada pela primeira vez, ele percebeu a mesma divisão que havia encontrado no grupo do *WhatsApp*.

Cheguei lá, e o que que eu vi? Exatamente dois grupos. Num canto, um grupo de gays *padrão cis*, com camisetas de time, camisetas, sei lá, do Cruzeiro, do Atlético, do Flamengo, da Argentina, e batendo bola, brincando com a bola já. Conversando mais grosso, com um *estilo muito mais padrão*. E, de um outro lado, uns gays mais afeminados dançando, tocando Beyoncé, Anitta, e a galera dançando e rebolando. (Roberto, Bharbixas, 2018)

A divisão não era apenas ideológica. Ela era física: os dois grupos não interagiam entre si. Pedro (Bharbixas, 2018) elencou a afeminação dos demais membros do time como um dos motivos que teriam levado os membros fundadores do ManoTauros a saírem do Bharbixas. Na verdade, teria havido uma “desculpa” para a cisão, porém, no fundo, ela teria ocorrido por causa do incômodo com a manifestação de gênero dos jogadores afeminados.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Segundo ele, por “divergências filosóficas”. Foram os termos que ele usou. Porque, nas competições, a gente tem uma preocupação muito grande de oferecer espaço pra todo mundo jogar nas competições, de fato. [...] E Eduardo era um pouco mais competitivo. [...] E eu acho que por esse motivo e pelo fato também do nosso time se orgulhar de ser um time afeminado, isso talvez tenha afastado ele. Aí, ele montou o ManoTauros, que é o time dele. O time que surgiu foi basicamente isso, tipo: “ah, não quero fazer parte dessas bichinhas aí não, vou montar meu time”. aí, é o ManoTauros [“Tauros” dito com ênfase e voz grave], sabe?” Coisa máscula [“máscula” dito com voz grave e rouca]. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Percebe-se que há uma narrativa oficial que atribui a cisão ao perfil competitivo dos membros fundadores do time dissidente, mas, por trás, há uma convicção de que a causa foi outra. Em um primeiro momento, Ângelo (ManoTauros, 2018) também justificou a saída do Bharbixas da maneira oficial: “que o nosso time tivesse mais foco no futebol, o foco principal fosse o futebol”. Porém, em seguida, ele também acabou revelando a outra versão.

No início, a gente tinha uma... assim, *pelos falas não faladas*, a pretensão era um time mais... é... Odeio essa palavra, mas fica muito nesse sentido de um time mais *heteronormativo*... é... que fosse o *oposto* do que é o Bharbixas. Mesmo porque a gente saiu de lá meio que também por um tantão de coisa, mas também por isso. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Por mais que não goste do termo “heteronormativo”, faltava a Ângelo (ManoTauros, 2018) uma forma mais efetiva para caracterizar o modelo que os membros fundadores do ManoTauros buscavam. Como exemplo da insatisfação que sentiam, Ângelo (ManoTauros, 2018) citou as fotos que os membros do Bharbixas publicavam nas mídias sociais.

Uma das coisas que pegou quando a gente saiu do Bharbixas, que o Bharbixas faz questão de *estereotipar* as fotos. A palavra que eu queria usar é mais que estereotipar... É uma *caricatura* de um gay que pode existir talvez no imaginário

hétero, no imaginário gay e que a gente acha que muito mais aumenta o preconceito do que diminui. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

A Figura 12 é uma foto da equipe do Bharbixas que exemplifica o padrão de produção de imagens para o qual Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava. Como comparação, a Figura 13 é uma foto que demonstra o padrão das imagens produzidas pelo ManoTauros. Ângelo (ManoTauros, 2018) atribuía o comportamento dos membros do Bharbixas presente nas fotos à forma como os héteros veem os gays, e não à forma como os membros do Bharbixas se autorreconheciam. Ele via essa manifestação de gênero como um estereótipo ou uma caricatura, portanto, não como uma manifestação adequada ou legítima.

Ângelo (ManoTauros, 2018) falou também sobre as preocupações que os membros fundadores do ManoTauros tiveram na hora de construir a identidade do time. Primeiro, ele me contou sobre a escolha do nome.

Tudo isso ainda no sentido de criar algo que fosse *aterrorizante*, ou que passasse medo. Naquele brainstorming, foi surgindo um tantão de nomes. Até que alguém falou:

– Ah, qual vai ser o mascote?

Depois de a gente pensar em um, alguém falou:

– Ah, mas esse aí é muito fofinho. Esse não.

Aí, o Eduardo falou:

– Ah, vamo colocar [falando com voz grave e rouca] Minotauro!

Mas era um Minotauro mesmo! Aí, alguém falou:

– Esse aí não ficou legal.

Aí, o Eduardo falou:

– Eu queria, talvez, o *oposto* do Bharbixas, eu queria algo que fosse bem...

Ai, não... vou voltar à palavra que eu não gosto *de novo*, que é *heteronormativo*. Mas, assim, que fosse o oposto do Bharbixas, sabe? Aí, o Eduardo falou:

– Ah, vamo colocar o time de Minotauro!

Só que alguém falou:

– Ah, mas Minotauro vai ficar parecendo que é o cara do MMA.

E como eu queria alguma coisa mais de mano, eu falei:

– Ah, por que não coloca ManoTauro?

Mas, aí, rimos lá: nada a ver! Só que o Eduardo respondeu:

– Ah, eu gostei de ManoTauro.

Porque juntou duas coisas que a gente queria, que é uma coisa aterrorizante do Minotauro, aquele *homem forte*, e a questão de falar: “*não somos viadinhos*”. Lá no início, tinha essa visão, mas ainda muito focada na raiva que a gente tava do Bharbixas. Aí, teve essa fusão de duas coisas: O “mano” pra falar: “olha, não é um time... embora seja gay, não se posiciona como caricatura”. Acaba que seria a *caricatura de outra coisa, né?* (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Figura 12 – Foto da equipe do Bharbixas em 19 de maio de 2018



Fonte: *Instagram/Bharbixas*

Descrição: A equipe do Bharbixas está uniformizada e posando com a bandeira LGBTQIAPN+. Parte dos jogadores faz poses afeminadas.

Figura 13 – Foto da equipe do ManoTauros em 12 de julho de 2018



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: A equipe do ManoTauros está posando uniformizada com a bandeira do time. Eles estão em uma formação séria e de braços cruzados.

O desejo de não serem vistos como “viadinhos” – assim, no diminutivo, para demarcar a inferiorização – é algo destacado: não basta não ser viadinho, também é preciso não ser visto como um. A palavra “mano” remete a outro tipo de gay, um gay másculo. Apesar disso, Ângelo (ManoTauros, 2018) demonstrava a consciência de que o modelo hipermasculino que eles buscavam também é uma caricatura ou, como definiria Elder Cerqueira-Santos (2020), uma paródia. Porém, Ângelo (ManoTauros, 2018) parecia ver essa caricatura como legítima. Afinal, como explicam Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022), os gays podem até ser reconhecidos como homens, mas os considerados “homens de verdade” não são quaisquer um. Esses precisam ter uma manifestação de gênero “heterossexual, viril e máscula, cumprindo os mandatos da masculinidade hegemônica” (Angelo Ferro; Felipe Rodrigues, 2022, p. 5). Os autores destacam que, entre outros predicados, isso inclui “firmeza dos gestos” e “gravidade da voz”. No entanto, o nome escolhido acabou se tornando mais uma arma simbólica para o Bhabixas provocar o novo time que surgia: bastou um simples jogo de palavras para que eles começassem a ser chamados de “manoteiros”¹⁰⁵ pelos rivais. Ângelo (ManoTauros, 2018) também me falou sobre o processo de construção do mascote do time.

Então, até o nosso mascote inicial, que tava muito mais pra um capeta do que pra um Minotauro, ele ficou um mascote mais simpático. Ainda assim, másculo... [ênfase em “ másculo”] mas, ainda assim, um mascote muito mais simpático que a cara anterior. Lá no início, eu, o Eduardo e o outro fundador do ManoTauros, quando a gente contratou o cara pra desenhar a logo do time, a gente pediu: “oh, a gente quer uma coisa *extremamente masculina*, aterrorizante, que passasse a sensação de medo”. E, aí, até por dificuldades de desenhar isso, o mascote que é hoje, em comparação ao que era a ideia inicial, é um mascote simpático, um boizinho com uma carinha boa... [ênfase em “boa”] Tem nada a ver com o primeiro, que era um boi vestido de diabo, assim, sabe? Mas, o Minotauro por essa questão de força, de *masculinidade*. O desenho tinha que ser *bem másculo*, forte e aterrorizante. E nessa sequência: bem másculo, passar essa sensação de masculinidade. Ele falou: “ah, com argola!” E, aí, a gente ia meio que caracterizar ele de mano. Ia colocar umas correntonas. Pra mostrar essa cara que a gente queria, que era essa cara de bravo... a gente queria essa cara de bravo, de bufando... Aí, acabou que foi modificando. Tanto é que, na época: “como é que vai fazer pra caracterizar que é um time gay?” O Eduardo: [com voz brava] “oh, *não vai ter nada de caracterização de time gay!*” Aí, no fim das contas, aí sim, colocou uma pulseirinha nele que é de gay. E eu tinha pedido uma argola, o cara me coloca um *piercingzinho todo mulherzinha*... que, no início, eu não gostei. E, hoje, eu acho, nossa, foi a melhor logo! Sabe quando cê não gosta e depois cê apaixonou? Foi a melhor logo. Não gosto do *piercingzinho* dele, mas... E ele ficou com uma cara muito de bonzinho. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

¹⁰⁵ “Manota” é uma gíria mineira que significa vexame, passar vergonha, equivalente à gíria “mico”.

Figura 14 – Ilustrações que inspiraram a construção do mascote do ManoTauros



Fonte: Daniele Spezzani (2023); Christos Georghiou (2023)

Descrição: Dois esboços de minotauros com aparência bastante forte e agressiva.

Figura 15 – Mascote do ManoTauros



Fonte: ManoTauros

Descrição: Minotauro forte e bravo, mostrando o muque e com as cores da bandeira LGBTQIAPN+ nos pulsos. Abaixo dele, está escrito “ManoTauros F.C”.

Figura 16 – Mascote do Bharbixas



Fonte: *Instagram*/Bharbixas

Descrição: Veado fazendo pose afeminada e com a barba nas cores da bandeira LGBTQIAPN+. Sobre ele, a palavra: “Bhambixa”

A Figura 14 traz as referências usadas para a criação do mascote do ManoTauros, e a Figura 15 mostra como o mascote ficou. Apesar da cara de bravo e da demonstração de força e masculinidade a partir da exibição do corpo musculoso, Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que ele ficou com uma cara de “bonzinho” e “simpático” em relação a como ele seria anteriormente. Renan Moura (2022) destaca como o corpo musculoso é sinônimo de superioridade entre os gays, e como a força física é a manifestação suprema da virilidade. Como comparação, a Figura 16 traz o mascote do Bharbixas: um veado em uma pose afeminada como a que os membros fazem para tirar as fotos. Por fim, Ângelo (ManoTauros, 2018) me falou que até mesmo as cores do time foram escolhidas com a mesma finalidade: “a gente escolheu vermelho e preto, justamente pela escolha do mascote. Como a gente queria aterrorizante, a gente acha que o vermelho e preto passa muito mais essa sensação. O vermelho e preto foi escolhido no sentido de tentar passar terror”.

Essa briga entre os dois times por causa da diferença na manifestação de gênero dos membros de cada um acabava sendo projetada na relação deles com os demais times do país. No aniversário do Bharbixas no Mineirão, Ângelo me apresentou para um membro do Alligaytors (RJ). Ele perguntou para esse visitante se o Alligaytors havia sido convidado para o evento. O visitante perguntou por quê, e Ângelo disse que achava que os membros do Bharbixas não gostavam muito deles, por considerá-los muito “heteronormativos”. O membro do Alligaytors pareceu um pouco surpreso.

Apesar de tudo isso, Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmava que o ManoTauros estava aprendendo a lidar melhor com a afeminação. No entanto, ao mesmo tempo, ele revelava um alto grau de afeminofobia, que, pelo menos no início, ainda perpassava os membros fundadores do time. Isso porque eles reagiam de forma fortemente negativa à atribuição de características femininas a eles por parte de outras pessoas. Como vimos na Seção 3.1.3 (p. 161), Mozer Ramos *et al.* (2021) destacam como gays masculinizados apresentam maior grau de afeminofobia. De todo modo, Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou como esse processo estaria acontecendo. É possível perceber que ele se contradisse ao afirmar que nunca tiveram problemas com afeminados, mas ao mesmo tempo retratar episódios de afeminofobia.

Os meninos são mais brincalhões. Tipo, na primeira *live*, por exemplo, a gente tinha essa brincadeira. Alguém fez uma brincadeira no sentido mais afeminado. Aí, falou: [voz de bravo] “ah... isso aqui não!” No primeiro dia, o menino lá falou assim: “a senhora...” comigo. E, aí, já super silêncio. “não aceito jamais ser chamado no feminino!” Aí, falou: “mas é um time gay”, “então, *vai jogar no Bharbixas, aqui não é seu lugar!*” Já excluímos o menino. Pois o Eduardo, que é o mais estourado: [fazendo voz de riso] “gostei do que cê falou, coisa!” Já... já incluiu o menino de volta. E, hoje, já acontece essas brincadeiras no time assim, o tempo inteiro. Aí, a

gente chegou à conclusão, hoje... isso vai mudando, né? Que, cara, não importa se o cara é afeminado ou não é afeminado... Aliás, a gente nunca teve problema com afeminados lá. Tanto que pra gente não importa se o cara vai brincar, se vai falar no feminino, se não vai falar. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

No entanto, em conversa realizada cinco anos mais tarde, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) olhava para o ideal de masculinidade do ManoTauros em retrospecto e identificava que ele foi, na verdade, um plano que nunca chegou a se concretizar de fato.

Esse *ideal de heteronormatividade* existente na ideia de criação do ManoTauros, ele meio que foi por terra no primeiro jogo mesmo. Porque, embora fosse muito diferente do Bharbixas, nem todo mundo, digamos, se enquadrava num padrão e numa *exigência heteronormativa*, assim, com as pessoas exigindo delas e dos colegas. Não teve isso, embora a gente fosse diferente. O ManoTauros, ele nasceu com a ideia de masculinidade, mas isso não se sustentou. Ele se diferenciava do Bharbixas porque o Bharbixas tinha uma *imposição feminina* muito forte. Mas o ManoTauros não teve essa imposição de masculinidade. Talvez porque eu e o Eduardo *não conseguimos implantar isso*, porque, de fato, essa era a ideia. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) assumiu que havia um projeto de construção de time amasculado. Era algo pensado propositalmente. No entanto, de fato, na nossa primeira conversa, Ângelo (ManoTauros, 2018) já identificava que o time não estava se tornando exatamente o que ele e Eduardo haviam imaginado quando saíram do Bharbixas e decidiram montar uma nova equipe.

A minha pretensão era essa. E tá indo pra outro caminho. Cê monta um time, não é a sua visão, é a visão coletiva. Aí, leva pra outros caminhos que não é o que cê tinha pensado. Acho natural, né? Não é Ângelo Futebol Clube. Vai tendo alterações à medida que as pessoas vão chegando, aí, vai por outros caminhos. E os meninos que chegaram são o corpo do time, né? Espero que chegue mais gente, que agregue nesse processo de construção. Os meninos que chegaram entenderam a proposta, mas deram outra característica, deram uma *suavizada* nesse... eu acho que nesse *ranço* que a gente tava, lá. Então, eles deram uma cara mais legal pro ManoTauros, que ficou a cara do boizinho lá, que é um boizinho forte, mas é um boizinho simpático, assim, e tal. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Esse processo, que ele já enxergava naquele momento, foi fundamental para a construção da identidade efetiva do ManoTauros. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) atribui esse poder de modificação a um colega do time em especial.

Na época, ele ajudou muito. A gente virou um trio administrando o ManoTauros: eu, ele e Eduardo. Ele já não tinha dessa, ele transitava em todos os mundos, brincava. Ele se encaixaria perfeitamente na questão do Bharbixas, por exemplo. Embora ele não fosse tão afeminado, ele sabia brincar, então, tudo pra ele tava válido. Ele deu essa cara pro ManoTauros de ter gente que, se chamasse no feminino, era morte, e ter gente que se chamava no feminino. Não que fosse: “ai, meu Deus, a democracia

é linda, lá-lá-lá”. Não era isso. Afeminado, afeminado tinha poucos. A maioria lá tentava ser mais masculinos, digamos assim. Mas quando se comparava a gente com o Bharbixas, sim: havia uma diferença muito [ênfase em “muito”] grande, muito gritante mesmo. E, aos poucos, foi diminuindo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Mas Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) afirmava que, no final das contas, o ManoTauros se aproximou de um padrão que seria seguido por todos os outros times de Belo Horizonte, com a exceção do Bharbixas: “o que era o diferente mesmo era o Bharbixas, não era o resto. O Bharbixas ficou sendo algo excepcional. Eles eram inovadores nesse sentido”. Para ele, ManoTauros e Predadores eram, de fato, predominantemente amasculados. Por outro lado, ele acreditava que o Inconfidentes Pride e o Felinos tinham um perfil mais “democrático”, ou seja, uma variedade maior de manifestações de gênero. No entanto, ainda assim, esses dois últimos seriam mais parecidos com o ManoTauros do que com o Bharbixas, já que não haveria uma “imposição” de afeminação em nenhum deles.

Felinos era mais mesclado e continua, hoje, bem mesclado, mais democrático, digamos assim. O Inconfidentes também é mais democrático. Tem gente extremamente masculina, tem gente mais afeminado, mas não tem a pegada do Bharbixas de ser estritamente afeminado, de ter orgulho disso. É uma pegada, aí, digamos, mais parecida com o Predadores e com o ManoTauros. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Porém, ele destacou que, no Predadores, também havia jogadores afeminados, apesar da aparência mais amasculada que o time apresentava, no geral. O Alcateia, de Manhuaçu, também seria mais amasculado. Para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), além do ManoTauros, o Bharbixas foi criando rixa também com o Predadores e o Alcateia, justamente pela questão da manifestação de gênero predominantemente amasculada dos membros dos times. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) comparava o Bharbixas com outro time brasileiro que teria um perfil semelhante: “eles pareciam muito com o time do Sul que chamava Pampacats, que tinha essa pegada afeminada também”. De fato, as duas equipes tinham um relacionamento próximo durante meu trabalho de campo. Em uma pelada na qual eu joguei com o time, por exemplo, um dos jogadores usava uma camisa do Pampacats. Na 5ª edição da Champions LiGay, também foi possível ver como os membros do Bharbixas pareciam gostar muito desse outro, pois também torciam por eles.

Quando conversei com Lúcio (Bharbixas, 2023), mais de cinco anos após a cisão do ManoTauros com o Bharbixas, ele já falou sobre esse acontecimento de uma forma muito mais conciliadora, demonstrando uma superação da mágoa que existia naquele momento.

O ManoTauros, ele surgiu a partir de jogadores que jogavam com a gente e que, de certa forma, não concordavam como que a gente se comportava, né? O se comportar, eu digo mesmo, assim, na atitude física, assim, falando, sabe? Então, levantar essa pauta afeminada dentro de quadra e tal era complicado pra alguns jogadores. Eles não se identificavam ou, então, não gostavam e tal. E gerou desgaste e gerou atrito. E, aí, eles saíram, fundaram o ManoTauros, e tá tudo bem. Tocando no ponto de que cada um faça aquilo que se sintam bem, respeitando um ao outro, tá ótimo, assim. Foi o que aconteceu. Eles montaram um outro time, a gente teve, ali, essa relação, né, de rivalidade [voz de riso] que acontece entre os times normalmente, assim. Mas é um time que a gente deve todo respeito. É um time que existe ali e tá ali junto à gente na luta, tá ali com a gente levantando a bandeira. Então, todo o nosso respeito e solidariedade aos meninos, aí. Eles tiveram os motivos deles e muito plausível. Então, isso é história passada, já ficou no passado, já tá tudo resolvido. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Para Daniel (ex-Bharbixas, 2023), a dicotomia entre afeminados e amasculados não faz mais sentido no futebol LGBTQIAPN+ atualmente.

Eu vejo de outra forma isso. Eu acho que isso era muito primórdios do futebol LGBT, de ter uma alcunha de afeminado, a alcunha de, sei lá, um padrão heteronormativo. Eu, cinco anos dentro do futebol... aquele Daniel que existia lá em 2017, que tinha vivido inteiramente só com homens héteros, tinha vivido futebol só com homens héteros, ele não existe mais de maneira alguma dentro de mim. Tanto Bharbixas quanto Inconfidentes Pride me ajudaram muito a evoluir. Hoje, eu sou uma pessoa que eu sou quem eu sou em qualquer lugar, seja no futebol heteronormativo, seja no futebol LGBT. Se eu tiver que dar pinta, eu dou. Se eu tiver que falar besteira, eu falo. Enfim, eu acho que, como ser humano, como pessoa, como me conhecer como homem gay. E de não me preocupar se eu tou sendo afeminado ou não, isso não é importante mais pra mim. Eu sou quem eu sou e ponto. Então, às vezes, a gente faz gol, passa a mão atrás do cabelo, assim, como se tivesse cabelo grande, amarra o cabelo aqui em cima, como se tivesse... Então, assim, isso já aconteceu, por exemplo, de eu tar jogando no futebol heteronormativo, e tinha uma pessoa que eu tava ficando na época, de ele ter feito gol e a gente se beijar nesse momento. Então, isso não é mais importante. Eu acho que não existe mais. Claro que somos pessoas diferentes dentro do meio LGBT, mas, no futebol em si, eu acho que todo mundo hoje é mais à vontade pra ser quem é realmente. Então, não existe mais essa distinção. Acho que isso era muito inicial. Hoje as pessoas já se sentem mais à vontade. Então, você pode ser quem você quiser. E acho que, geralmente, isso acontece: a pessoa sempre chega mais, assim, né, aquele padrão e depois vai se soltando, depois vai se jogando, sabe? Vai ficando à vontade, porque o grupo te permite isso. O grupo faz com que você se torne uma pessoa melhor e seja você mesmo. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele acreditava que, hoje, no futebol LGBTQIAPN+, existe muito mais diversidade: “eu acho que, hoje, dentro do futebol, e é o que tem que ser, né, ele é muito mais diverso. Esse futebol LGBT, ele foi começando a ser reconhecido e foram trazendo mais pessoas de todos os tipos, de todas as identificações, enfim, é a inclusão em si, né?” No treino do ManoTauros com o Predadores que eu acompanhei em 2022, alguns jogadores apresentaram manifestações de gênero mais afeminadas, mas, no geral, predominava um perfil amasculado. Apenas um jogador dançava de forma mais afeminada antes do treino, mas não repetiu essa ação posteriormente. Além disso, alguns jogadores se cumprimentavam de forma afeminada (“tá

boa, gata?”, “inhaí?”), mas não mantinham esse tom na sequência da conversa. O treinador do time brincou em um momento se referindo a alguns jogadores como “discretas”.

No entanto, para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), o caso do Bharbixas e do ManoTauros não é singular: “o ManoTauros é uma cisão do Bharbixas. O Predadores é uma cisão do Felinos. E todos nasceram mais ou menos... A mesma história se repete, sabe, por questões extracampo. Geralmente nessa questão de feminilidade, masculinidade, e acaba se separando”.

3.6.2 Amasculofobia?

A afeminofobia sofrida pelos membros do Bharbixas pode ser facilmente constatada. Mas será que é possível dizer que os membros do ManoTauros também sofreram um tipo de “*amasculofobia*” por parte dos membros do Bharbixas? Faria sentido pensarmos nessa possibilidade, ou estaríamos frente a uma falácia como o “racismo reverso” e a “heterofobia”? Apesar de Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmar que nunca sofreu preconceito em “times hétero”, tendo jogado neles por décadas como gay declarado, ele afirmou que só foi ser discriminado no Bharbixas.

Senti muito mais preconceito no ambiente gay. No Bharbixas, foi o único time que eu já joguei que eu não me senti incluído. Inclusive, no início lá, eu fui expulso. Voltamos pra jogar a LiGay, mas, assim, eu não participava do grupo do *WhatsApp*. Eles excluíram. Lá exigia-se... Lá tem uma bandeira da diversidade, mas que não é respeitada. A bandeira lá é: “olha, vamo defender a diversidade”, “*qual diversidade?*”, “essa aqui”, “que *todo mundo tem que ser afeminado*”, “que todo mundo tem que gostar de Anitta”... E se sair um pouquinho? “ah, não, mas, aí, é contra a diversidade”. Eu não sei que diversidade é essa que eles defendem que todo mundo tem que ser afeminado. Por exemplo: lá, o treino e as peladas são ao som alto. Nenhum lugar tem futebol com som alto. É impossível jogar, sabe? Cê precisa de comunicação. Aí, falei: “não, não gosto, o foco é no futebol”. Então, isso gerava briga. “ah, então, por que que vai tocar Anitta?” Aí, eu falo: “eu não gosto de Anitta”. Eduardo: “é, eu também não gosto”. “ah, não! É gay e vai tocar Anitta”. Então *não é diverso*, entendeu? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Independentemente de podermos pensar ou não em um preconceito ou discriminação contra gays amasculados, fica evidente que há uma disputa por um modelo hegemônico de masculinidade (Raewyn Connell; James Messerschmidt, 2013). Se, na sociedade como um todo, o modelo viril é o hegemônico, no microcosmo do futebol LGBTQIAPN+, as relações de poder podem ser outras, e uma hierarquia de masculinidades diferentes pode ser buscada a partir da disputa pela definição de um padrão que pode até mesmo ser o modelo marginalizado fora desse universo. Ângelo (ManoTauros, 2018) disse que um dos motivos

para ele ter sido expulso do grupo do *WhatsApp* do Bharbixas foi por “criticar uma ‘cultura gay’” que ele “não concorda”. Ele acreditava que existem diferentes perfis de gays, sendo prejudicial buscar uma uniformização.

Eu falei: “olha, gente, minha visão: *existe gay de todo jeito*”. Não dá pra pegar os héteros e falar: “o hétero gosta disso”. Não dá pra fazer um cercadinho e falar que os héteros são aquilo. Então, da mesma forma, eu não concordo que tem que fazer isso com os gays, sabe? Tipo, não é porque eu sou gay que eu tenho que gostar desse estilo de música ou não gostar daquele. Desse esporte, ou não daquele outro. Tanto é que a gente tá lutando exatamente contra isso. Então, teve essa discussão também. Aí, assim: já percebi que já criam-se nos bastidores que “ah, o Bulls, o ManoTauros e o Bravus são heteronormativos”. Odeio essa palavra. *Heteronormativo*. Falei: “gente, quem chama alguém de heteronormativo é o cara que tá querendo que tenha um *gay normativo*, que gay tem que ser desse jeito”. “ah, o Ângelo não gosta de Anitta porque ele tá muito ligado aos padrões heteronormativos”. Ah, eu não gosto porque eu não gosto e pronto! Não é porque “ah, eles não vão gostar. Meus amigos hétero vão achar que eu não...” Um tantão de amigo meu hétero adora, não tem nada a ver, cara. Então, eu acho que tipo assim: a gente tá lutando contra o preconceito, mas tá tentando colocar todo mundo numa caixinha. E quem não cabe tá sendo excluído, ou tá sendo amassado pra caber lá dentro. E isso é ruim, sabe? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) buscava fazer uma simetria entre heteronormatividade e uma “normatividade gay”. Ele se referiu de forma crítica à visão de que o gay amasculado estaria errado. No entanto, ele não trouxe para essa discussão a perspectiva contrária, ou seja, a de achar inadequada a manifestação de gênero de gays afeminados. Portanto, se os membros do Bharbixas achavam que só a manifestação de gênero deles estava certa, por outro lado, o membro do ManoTauros também fazia o mesmo ao chamar os primeiros de caricaturais e estereotipados.

Na perspectiva de Ângelo (ManoTauros, 2018), existem normas que policiam como os gays devem ser. Ele contou que não sabia quem era RuPaul¹⁰⁶ quando estava no Bharbixas, e achavam que ele tinha que de saber por ser gay. Segundo ele, uma vez, fizeram um “teste” para ver se ele era gay, perguntando sobre Kim Kardashian¹⁰⁷, que ele também não conhecia. É possível que esse tipo de “brincadeira”, dependendo do contexto, também possa ter um caráter de “*bullying*” ou até de tentativa de humilhação. Ângelo (ManoTauros, 2018) contou com indignação que, na Taça Hornet, por ter um caráter mais de diversão, algumas pessoas

¹⁰⁶ Drag queen estadunidense conhecida por comandar o *reality show RuPaul's Drag Race*, uma competição de drag queens.

¹⁰⁷ Uma socialite estadunidense conhecida por estrelar o *reality show Keep up With the Kardashians*, com o restante da sua família.

queriam colocar *lip sync*¹⁰⁸ no lugar de pênaltis, no desempate. Ele teve que pesquisar no Google para entender o que era isso. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) contou também sobre uma questão envolvendo o seu pronome de gênero.

Eles sabiam que eu não gosto de ser chamado feminino. Então, minha camisa vinha inscrita “a goleira” [ênfase no “a”]. E eu nunca usei essa camisa. Eu não queria ser chamado no feminino. “não, você tem que chamar” A camisa foi feito, assim, sem a minha consulta, sem nada. Eu falei: “não vou usar”. “não, tem que usar, tem que usar”. Eu não usei e a gente nunca se deu bem assim, sabe? (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Porém, para Roberto (Bharbixas, 2018), o que levava os membros do seu time a rejeitarem algumas pessoas não era a manifestação de gênero delas, mas sim o desrespeito.

A questão não é a aparência em si. A questão é a mentalidade. Não importa se você parece um [com voz grave] hétero cis. Desde que você respeite os outros, o time vai te receber. O time muda o tratamento não é de acordo com a sua aparência, mas é com o seu comportamento. (Roberto, Bharbixas, 2018)

No entanto, Pedro (Bharbixas, 2018) também relatou uma situação que talvez pudéssemos ler como um tipo de “zoação”, ou até mesmo “*bullying*”, contra membros que se comportam de forma amasculada.

Assim, entre nós do Bharbixas, a gente sempre faz piada com os outros times. Masculinizados, sabe? Na hora de tirar as fotos, na hora do *close*, às vezes tinha alguém mais tímido, aí a gente fala: [com voz afeminada] “ah, cê é BeesCats, por acaso, bicha? Ah, se solta, viado!” E agora a gente transferiu isso pro ManoTauros. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Assim, percebe-se que há um “chumbo trocado” na disputa por essa suposta “normatividade gay”. Mais do que agressores e vítimas, os envolvidos se comportam como rivais.

3.6.3 O que os outros vão pensar de nós?

Para Ângelo (ManoTauros, 2018), um time “estereotipado”, ou seja, afeminado, não contribuía para a causa de incluir os gays no futebol: “o que a gente defende é que uma forma de mostrar que gay joga futebol é a gente formar um time que não é estereotipado”. Ele falou

¹⁰⁸ Performance na qual a pessoa finge cantar uma música em *playback*. É uma forma de apresentação comum de drag queens. Em *RuPaul’s Drag Race*, as competidoras mais mal avaliadas disputam quem vai continuar no programa a partir de uma batalha de *lip sync*.

sobre a recepção dos dois times, apontando que o ManoTauros seria muito mais bem aceito socialmente que o Bharbixas.

Até me surpreende. No Bharbixas, havia crítica pelo fato da caricaturização, e, no ManoTauros, pelo menos eu vejo até agora uma receptividade grande. Inclusive, patrocinadores que eu tentei levar pro Bharbixas, não aceitaram, e quando eu falei da proposta do ManoTauros aceitaram, sabe? Então, eu vejo assim, não consigo separar as pessoas entre gays e hétero. Então, eu converso com todo mundo normalmente. Aí, vejo que os héteros apoiam mais a ideia do Mano do que dos Bharbixas. Assim, abertamente conversando com eles... a conversa que eu tive com um cara de um time hétero que eu joga, no vestiário, os dois pelados, tomando banho, um de frente pro outro... Ele falando dos Bharbixas e do ManoTauros, na visão dele: “ai, que não precisa ser *daquele jeito*”, porque ele acha que *daquele jeito queima meu filme* e do Eduardo, que joga muito com ele. E achou legal ter criado outro time. E, aí, vai muito aquilo que eu te falei, que acho que os Bharbixas criam autoaceitação pra quem é do meio, pra quem tá precisando dessa autoaceitação. A nossa aceitação da sociedade como um todo, aí sim, heteronormativa, eu acho que, aí sim, ela, em alguns momentos, ela joga contra. Mas também não sei se tem que jogar a favor não, tá? Não sei se: “ah, não! Então, a sociedade quer assim, então, vamo fazer assim do jeito...” Também não sei se é isso. Eu falo assim: de fato, analisando só o resultado, eu acho que é mais fácil eu explicar pros meus amigos um time igual o ManoTauros do que do que um time igual o Bharbixas. Se bem que também já tive reação contrária, eu explicando pro meu colega da Fafich¹⁰⁹. Expliquei o ManoTauros, falou: “ah, entendi!” Ele é hétero, joga em time de hétero. “ah, cê montou *um time gay hétero!* É isso!” [risos] (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Apesar de indicar uma afeminofobia por parte de pessoas de fora da comunidade LGBTQIAPN+ que levaria a uma maior aceitação do ManoTauros do que do Bharbixas, Ângelo (ManoTauros, 2018) também apresentou um senso crítico a esse respeito, dizendo que não sabia se o melhor caminho, de fato, seria se submeter aos critérios da normatividade para agradar o restante da sociedade. Ele até contou sobre a fala de um colega que, de certo modo, criticou a iniciativa do ManoTauros. Ele riu dessa provocação, entendendo a lógica de pensamento do colega. De todo modo, ele sugeria acreditar – e se incomodar com isso – que o Bharbixas “queima o filme” dele, ou seja, faz as pessoas pensarem que ele também é afeminado.

Para Ângelo (ManoTauros, 2018), o Bharbixas cumpria um papel importante na aceitação da própria afeminação de alguns gays que chegavam ao time. Ele reconhecia a importância da iniciativa do Bharbixas de lutar contra o preconceito que existe contra gays afeminados: “então, o Bharbixas é muito mais que um time de futebol. E é isso, tem que tirar o chapéu pra eles, tem que aplaudir”. Mas isso só seria bom para os próprios afeminados, uma vez que, para o restante das pessoas, isso geraria uma visão negativa.

¹⁰⁹ Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, onde Ângelo cursava História naquele momento.

Eu acho que, do jeito que tá hoje, acho que, aos poucos, vai mudando também. Mas eu acho que, do jeito que tá hoje, os times estão mais pra criar uma aceitação dos gays em relação ao ser gay, sabe? O Bharbixas tem uma importância gigante nisso. Ah, o cara que é afeminado, que tem mais dificuldade naquele processo ali de autoaceitação e tudo... E tá criando mais um respaldo pra que esse gay encontre iguais e possa assumir. Não só como homossexual, que essa parte é mais fácil, mais *assumir como afeminado*, por exemplo, que o Bharbixas bate nessa bandeira. Então, eu acho que o Bharbixas e outros times estão trabalhando muito nessa parte, que é bacana, de *autoaceitação* dentro do universo GLS. Dentro do universo não. Por uma parcela do universo GLS. Esses mais afeminados. Aqueles, os famosos fora do meio [risos] já viam totalmente atravessado. Acha que isso só reforça o estereótipo, a caricaturização e vê isso como algo ruim. E fora do mundo gay, né? Héteros, ou os não gays, também vê como aumento de preconceito. Isso mais aumenta o preconceito. Pelo menos é essa visão que eu tenho, assim, esse movimento. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

É interessante como Ângelo (ManoTauros, 2018) apontou que se assumir como afeminado seria mais difícil do que se assumir como gay. No entanto, ao mesmo tempo, deslegitimou essa saída do armário como afeminado. Ele atribuía aos “fora do meio” o pensamento de que a manifestação de gênero dos membros do Bharbixas seria uma caricaturização, mas falava desses “fora do meio” como outros, e não como ele mesmo, que apresentava essa mesma opinião. Como nos sugere Daniel Almeida (2011), o discurso de ser “fora do meio” revela uma depreciação de espaços de afirmação da identidade gay. Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que algumas ações do Bharbixas mais reforçam os preconceitos do que ajudam a combatê-los, como as poses “virando a bunda” para a câmera, que ele considerava “vulgares”. Por isso, ele disse que, no ManoTauros, os membros eram orientados a não fazer poses consideradas como essas. Como vimos na Seção 3.2.3. (p. 178), Renan Moura (2022) explica como as poses são importantes na representação imagética de homens não heterossexuais no que diz respeito à masculinidade.

Ainda na perspectiva de sair do armário como afeminado, levantada por Ângelo (ManoTauros, 2018), Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que assumir-se gay não necessariamente implica em assumir ser quem realmente se é.

Uma coisa é você se assumir, né? É o primeiro passo. A outra coisa é você ser realmente quem você é. Porque você é criado o tempo todo pra ter um padrão heteronormativo, né? Sua família te cria assim. Principalmente uma pessoa envolvida com futebol igual eu fui a vida inteira. Então, talvez eu fosse um homem gay que não fosse eu totalmente, por exemplo. Só era assumido. Talvez tivesse problemas de me relacionar, por exemplo, com alguém. Se eu não tivesse encontrado o futebol LGBT na minha vida. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Na próxima seção, vamos discutir como esse foi um processo vivenciado de forma intensa por Roberto (Bharbixas, 2018), no Bharbixas.

3.6.4 Do padrão ao bafão¹¹⁰

Eu entrevistei o Pedro (Bharbixas, 2018) antes de entrevistar o Roberto (Bharbixas, 2018). Mesmo sem ter me referido a ele durante a entrevista, Pedro (Bharbixas, 2018) citou o colega como exemplo de alguém que reviu suas concepções sobre afeminação e masculinidade por causa do Bharbixas.

O Roberto é uma das pessoas que sempre dá depoimentos falando sobre como o Bharbixas mudou a percepção dele. Ele era muito [ênfase no “muito”] *heteronormativo*, por exemplo. No início ele até pensou assim: “ah, será que eu vou querer ir lá jogar com essas bichas?” Porque abre o nosso *Instagram* é *close* o tempo inteiro. E, pra ele, ele falava: “ah, eu não eu sei”, porque ele tinha esse receio. E, aí, quando ele começou a jogar com a gente e começou a conversar e conviver, ele sempre fala isso, que “mudou minha cabeça, hoje eu tenho uma cabeça completamente diferente... eu percebo o tanto que eu era homofóbico com os meus amigos gays que não performavam um certo padrão”. Então, isso realmente existe dentro do time. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Pedro (Bharbixas, 2018) contou sobre a experiência de Roberto com orgulho, como uma prova do potencial transformador do Bharbixas. O próprio Roberto (Bharbixas, 2018) contou que, quando foi adicionado no grupo do *WhatsApp* do Bharbixas, ele ficou em dúvida se iria ou não a uma pelada do time.

Eu, no início, fiquei só observando, participei muito pouco do grupo e não fui a nenhuma pelada. Eu tinha medo, na verdade. Eu ficava com o pé atrás pensando: “será que vai chegar lá, as pessoas vão realmente jogar futebol, ou vai ser uma coisa avacalhada?” Por outro lado, eu ficava pensando também na exposição. Falava: “nossa!” Até pelas fotos que eu via dos treinos, do pessoal fazendo aquelas poses e tirando as fotos igual eles fazem até hoje, porque o Bharbixas tem muito orgulho de dizer que não só é um time LGBT, mas é o *único assumidamente afeminado do Brasil*. Eles dizem isso, né? Então, eu não ia. Mas teve um dia que eu não tinha nada pra fazer num domingo à noite. Eu falei assim: “quer saber? Eu vou lá ver de qual é que é!” Peguei minhas coisas de futebol, falei: “eu vou chegar lá e ver”. (Roberto, Bharbixas, 2018)

É interessante como, mesmo tendo se inserido no grupo, Roberto (Bharbixas, 2018) ainda falava do posicionamento do Bharbixas, em alguns momentos, como o de outras

¹¹⁰ “Bafão” é uma gíria LGBTQIAPN+ análoga a “babado”, ou seja, um acontecimento significativo sobre o qual se está fofocando. Outro significado possível para a gíria é confusão. Mas, aqui, estou usando “bafão” para me referir à repercussão que pode dar o tipo de transformação que será abordada.

peessoas (“eles dizem isso”). Ao chegar à pelada e perceber que haviam dois grupos, um mais normativo e um mais afeminado, Roberto (Bharbixas, 2018) precisou se posicionar. O grupo que formaria o ManoTauros estava fazendo aquecimento com a bola.

O primeiro instinto meu foi ir pro grupo que tava querendo jogar... que tava jogando futebol, que tava brincando com a bola. E eu me identifiquei primeiramente com o Ângelo, que foi um dos que foi expulso do grupo. Naquele momento, eu me identifiquei com aquele grupo, comecei a conversar mais com eles. E o outro grupo, eu não tive muita identificação. Então, naquele momento, eu percebi exatamente dois grupos e eu me identificava com um. E acabou que eu gostei do que eu vi naquele primeiro dia. Fui com eles depois tomar uma cerveja, só que quê que aconteceu? Naquele dia, os dois grupos, era tão clara a divisão, que um grupo foi pra casa do Ângelo, e o outro grupo foi pro bar. Eu achava que iam todos juntos, e eu fui pro bar. Quando eu cheguei no bar, era grupo dos afeminados que tava no bar. E foi muito interessante, porque, ali, eu fiquei um pouco acanhado, rolava algumas coisas, tipo passava um *boy* bonitinho assim, aí, a galera começava a bater palma na mesa, e todo mundo no bar ficava olhando assim e ficava... E eu fiquei um pouco acanhado, meio com vergonha. Um dos garçons do bar, inclusive, é ex-garçon de um outro bar que eu frequentava e ele me viu lá com a galera, mas não falou nada. E eu fiquei assim: “meu Deus, essa galera é muito espalhafatosa”, Digamos, muito poc. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Foi necessária um acaso para que Roberto (Bharbixas, 2018) se aproximasse dos membros afeminados do Bharbixas. A distância física entre os dois grupos, representada pela ida a locais diferentes depois da pelada, mostra que seria difícil para Roberto (Bharbixas, 2018) rever seus posicionamentos se não tivesse tido a oportunidade de mergulhar melhor na cultura dos membros com os quais ele não se identificou inicialmente.

Por tudo isso, Roberto (Bharbixas, 2018) defendia que o Bharbixas pode ser transformador na trajetória de alguns de seus membros em relação aos pensamentos sobre manifestação de gênero: “eu sou a prova viva, eu acho, disso, sabe? O que eles transformaram dentro da minha cabeça... um amigo meu falou uma vez que o que ele não fez a vida inteira, o Bharbixas fez em um mês”. Esse seria um amigo LGBTQIAPN+ que teria se surpreendido com a modificação de Roberto em tão pouco tempo. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou melhor como foi essa trajetória.

Eu nunca pensei que o futebol, que me excluiu a vida inteira e me ensinou a excluir. Eu vendo meus *tweets* antigo quanto eu era machista e homofóbico usando o futebol como uma capa. O próprio futebol me ensinou a incluir, me ensinou a aceitar. Então, tipo assim, pra mim, foi completamente transformador ter contato com essas pessoas e ser repreendido diariamente quando eu fazia qualquer piadinha machista ou homofóbica. E, às vezes, eu nem percebia porque era um machismo velado, ou, às vezes, eu percebia, mas achava que reclamar daquilo era mimimi. E, no início meu no grupo, se eu não fui expulso por pouco, porque eu era um dos que contestava, quando alguém contestava uma piada, eu ia lá e falava: “não, mas isso aí é mimimi” ou “isso aí cê tá exagerando”. E eu fui um dos únicos que defendi o Ângelo. Eu lembro do Ângelo me chamar no privado pra me agradecer porque eu defendi ele no

grupo, quando ele foi excluído. Eu cheguei a discutir com algumas pessoas exatamente isso, mas depois eu aprendi que a ofensa tá em quem sente, em quem é ofendido. Não é em quem profere a ofensa, não é em quem fala. Então, se eu fizer uma piada que te ofendeu, você tem todo o direito de achar ruim, e eu não posso contestar você achar ruim. Eu te ofendi, ponto. Eu tenho que me retirar e que entender que aquilo não foi legal. E eles me ensinaram muito isso, entendeu? (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) indicou que o processo que viveu no Bharbixas foi pedagógico. Os membros do time tiveram interesse, disposição e esforço em explicar, em “repreender”, até que ele conseguisse entender a lógica por trás do pensamento que eles defendiam. Mas esse é um processo tenso, que ocorre sempre no limite da relação e da paciência, uma vez que ele quase foi quebrado com a iminente expulsão do próprio Roberto (Bharbixas, 2018) do time. Por isso, ele comentou sobre os membros que saíram do Bharbixas sem ter passado por essa transformação.

Falou-se muito que um deles, o Ângelo, que foi removido: “ah, mas ele é mais velho”. Ele era um dos que era mais velho, de uma cidade do interior, teve uma criação diferente. Então, ele tem esse machismo, essa homofobia dentro dele e ele reproduz aquilo que ele aprendeu. Ok, a gente tem que ter realmente *tolerância e empatia*... Não tolerância à intolerância, mas tolerância ao ponto de vista ou ao fato de ele não perceber que ele está cometendo, talvez, um machismo, e tentar mostrar um outro lado. A pessoa tem que querer também ver e tem que aceitar quando ela recebe a crítica. E foi o que aconteceu: eles não aceitaram naquele momento, por isso que excluíram eles. Mas, naquele momento, eu via essas pessoas como eu. E eu achava que os outros tavam sendo mimizentos. Hoje, eu não vejo mais essas pessoas como eu. Na verdade, eu vejo elas como eu antes. E o fato de eles terem saído e criado um outro time, e que tem um *perfil mais hétero cis*, que é um perfil que não é o mesmo ambiente do Bharbixas, eu acredito que eles continuam lá. Mais uma vez, eu não tou afirmando porque eu não fui lá jogar com eles, mas eu tou falando que eu acredito que eles continuam lá reproduzindo essas coisas, porque não tem mais ninguém pra repreender. Eles saíram daqui porque eles tavam sendo repreendidos aqui. Então eu vejo dessa forma, como pessoas que não quiseram aprender, não quiseram aceitar o feedback. Graças a Deus que quando eu conheci o Bharbixas não existiam os dois times, porque eu tenho certeza que, naquele momento, se eu conhecesse os dois times, aquele Roberto ia pro outro time porque ia se identificar com o outro time, não teria tido a oportunidade de aprender. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) indicou a existência de um eu anterior e um eu posterior ao Bharbixas. O eu de antes se parecia com um desses grupos e o de depois com o outro. Uma forte transformação promovida pelo mesmo futebol que sempre esteve na vida dele, mas antes o ensinava a ser preconceituoso. Para ele, os membros que fundaram o ManoTauros perderam uma oportunidade e já não tinham mais a mesma possibilidade de serem transformados como ele. Em retrospecto, ele acreditava que, se os times já tivessem se dividido antes de ele conhecê-los, ele também teria perdido essa oportunidade. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou também como o futebol LGBTQIAPN+ o ajudou a finalmente ter orgulho da sua sexualidade.

Eu nunca tinha entendido o termo “orgulho LGBT”. “Parada do Orgulho”. Porque eu pensava assim: como que cê tem orgulho de ser excluído, de ser diferente... por que que cê tem orgulho? Por quê? Eu não tinha orgulho. Na verdade, antes, eu pensava que se eu pudesse... nesse ponto não antes do Bharbixas, mas antes há mais anos atrás. Muito antes, eu pensava, eu tinha aquilo como uma cruz, que se eu pudesse escolher não carregar, se eu pudesse escolher nascer diferente, eu teria escolhido nascer hétero cis. Depois, eu aprendi o que que é orgulho. Eu não só me aceitei e, se eu pudesse voltar atrás, eu não me faria nascer diferente. Eu seria exatamente igual, como eu aprendi o que é que é ter orgulho. E eu acho que precisou do futebol, que era talvez a coisa que foi a minha maior capa a vida inteira, mas foi também o maior ponto exatamente de não ter orgulho, de repressão, foi o próprio futebol me mostrar que sim, eu tenho orgulho. Quando o Bharbixas foi campeão brasileiro, eu fiquei com muito orgulho. Não só de ser meu time, mas de ser parte daquilo como futebol e como LGBT. Então, eu entendi o que que é o orgulho. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) apontou como o futebol LGBTQIAPN+ pode ser transformador em relação ao próprio futebol. O caráter ambivalente do esporte em sua vida mostra como ele traz potencialidades diferentes de acordo com seus usos sociais. Como disse no Capítulo 1 (p. 12), o futebol que eu conhecia era apenas o retratado por Roberto antes de conhecer o Bharbixas. No entanto, esse outro futebol possível também não era conhecido não apenas por Roberto (Bharbixas, 2018), mas pelos jogadores entrevistados em geral. Apesar disso, ele ressaltou que o Bharbixas não foi responsável por essa modificação sozinho.

Eles foram a gota que precisava da água, a cereja do bolo, eles tocaram um lado meu que eu ainda não tinha me tocado. Eu não me aceitei por causa deles. Eu me aceitei por causa dos meus amigos, que sempre me acolheram muito bem, os que são igual eu e que não são. Inclusive meus amigos héteros que, quando eu me assumi, a relação ficou ainda melhor. Eu não me aceitei por causa do Bharbixas, mas eles foram importantíssimos na aceitação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Logo, o Bharbixas também não seria uma vivência milagrosa. Ela potencializaria e daria sentido a discursos e ações com as quais já se havia tido contato anteriormente, não apenas por partes de amigas, amigos e amigues LGBTQIAPN+, como o que se surpreendeu com a mudança de Roberto (Bharbixas, 2018), mas até mesmo, segundo ele, de amigas e amigos heterossexuais cisgêneros. É interessante como ele fala que “se aceitou”, indicando a saída do armário como afeminado referenciada por Ângelo (ManoTauros, 2018). Também um membro do Natus (SP), com quem conversei na 5ª edição da Champions LiGay (2019), relatou-me como membros do seu time deixaram de lado uma amasculação intencional ao perceber que ela não era necessária, passando a apresentar uma manifestação de gênero mais espontânea.

Tem sim os que tem mais... apresentam mais virilidade e os que são mais afeminados. Só que isso é o que eles apresentam, não? Porque, na verdade, tem

alguns colegas nossos que entraram no time com um aspecto mais viril. porque entende que, por ser futebol, tem que ter virilidade. Mas, depois, a gente foi entendendo que, com o tempo, eles ficavam mais à vontade tendo trejeitos, sendo afeminados. E, como eles perceberam que dentro do time não havia problema nenhum... Mesmo sendo bastante afeminados, poderiam jogar tranquilamente... o importante é que quisesse... tivesse vontade de jogar... isso acabou acontecendo. Então, eu vejo sim jogadores bastante viris e outros afeminados e outros que tão no meio termo. Mas isso é o que a gente vê. E eu acredito que tem muitos jogadores que são viris porque eles sabem, ou eles acham, que não podem jogar futebol de outro jeito. Porque, na nossa experiência lá do time, tem alguns rapazes que têm jeito masculino, e, depois, com o tempo jogando futebol com a gente, continuam com jeito masculino. É o jeito dele, e como se sente bem, se apresentando assim. Mas não é pra todos, isso eu tenho essa certeza. Então, me vem na cabeça essa questão de caras se sente obrigados a serem mais viris. É muito associado na cabeça que tem que ser agressivo. A agressividade é do esporte, mas não que tenha que se apresentar de modo agressivo. (Membro do Natus, 2019)

A fala dele é interessante por apontar que existem jogadores que são espontaneamente amasculados (manifestação de gênero espontânea) e esses não têm que se afeminar para mostrarem-se confortáveis com o time. No entanto, há os que apenas simulam uma amasculação (manifestação de gênero intencional) e percebem que esse esforço é desnecessário nesse time.

Neste capítulo, discutimos os conceitos de afeminação e afeminofobia, falando da infância do menino afeminado e da desvalorização da afeminação no “mercado” afetivo-sexual de homens não heterossexuais. Falamos sobre afeminofobia internalizada, mas nos lembramos de que afeminados não são apenas vítimas, mas sujeitos amados, desejados e orgulhosos de sua manifestação de gênero. Posteriormente, desenvolvemos o tema da amasculação, a partir da figura do “gay padrão”, das interseccionalidades com eixos como raça e do papel da corporeidade nesse processo. Discutimos o que significa ser homem, qual é o modelo de masculinidade hegemônica e quais os pesos que existem sobre a masculinidade. Então, falamos sobre os conceitos de performatividade e expressão de gênero, tensionando as duas perspectivas. A seguir, falamos de cisheteronormatividade, elencando a viadagem e a bichisse como manifestações de gênero e como conceitos que misturam gênero e sexualidade. Então, discutimos como a história do Bharbixas e do ManoTauros é marcada pela oposição entre afeminação e amasculação. No próximo capítulo, vamos falar sobre reflexividade. Iremos ver sobre o que os jogadores entrevistados têm refletido.

4 O QUE SE PASSA NA CABEÇA DESSE TIME?

Desde o começo deste trabalho, chamou a minha atenção o quanto os sujeitos com quem entrei em contato pareciam ter uma capacidade reflexiva muito grande sobre o que eles estavam realizando no futebol. Por isso, após discutir os aspectos esportivos desse fenômeno no Capítulo 2 (p. 21) e os aspectos relacionados a gênero e sexualidade no Capítulo 3 (p. 151), neste capítulo, discutirei alguns dos principais temas acionados pelos próprios sujeitos durante nossas interações – especialmente durante as entrevistas. Para isso, estou partindo do conceito de *reflexividade*, a fim de entendermos de que modo esses jogadores apresentam consciência e dedicação ao exercício de pensar sobre o que está acontecendo com eles (Seção 4.1, p. 252). Posteriormente, acionarei dois *eixos temáticos* muito presentes nas falas deles: *conflitos* (Seção 4.2, p. 277) e *discursos* (Seção 4.3, p. 301). Aproveitarei, ainda, a discussão sobre reflexividade empreendida para terminar esta análise elaborando um exercício reflexivo sobre o fazer metodológico desta tese (Seção 4.4, p. 324).

Ao longo do capítulo, tentarei identificar também o quanto, de fato, esses jogadores têm conseguido ler os processos nos quais eles estão inseridos e o quanto alguns aspectos desses processos podem estar passando despercebidos para eles. Para isso, recorrerei também às observações participantes realizadas. É interessante apontar que a estratégia de olhar para os temas sobre os quais os sujeitos entrevistados mais refletem é uma forma de os interlocutores desta pesquisa nos indicarem o que é importante para discutirmos a respeito do objeto desta investigação. Se eles falam sobre conflito e discursos, isso significa que esses são eixos centrais para explicar a formação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Por isso, as autoras, autores e autoras aos quais recorrerei para discutir esses temas – ao lado da análise da reflexividade sobre eles empreendida pelos interlocutores – irão nos ajudar a compreender mais sobre esses tópicos e relacioná-los ao nosso objeto de pesquisa. Outro esforço que farei neste capítulo será o de abordar a minha própria reflexividade enquanto pesquisadora a respeito do processo de produção da tese.

4.1 REFLEXIVIDADE

Nesta seção, para discutir as competências reflexivas dos jogadores com quem entrei em contato, contarei com o apoio de autores como George Mead (1972), Margaret Archer (2003), Bernard Lahire (2002) e Ana Caetano (2011, 2013). Na Seção 4.1.1 (p. 253),

discutirei algumas bases do conceito de reflexividade. Na Seção 4.1.2 (p. 259), proporei a ideia de reflexividade sobre um eu coletivo e demonstrarei como ela se aplica nas falas dos entrevistados. Na Seção 4.1.3 (p. 265), abordarei como a reflexividade opera nas interações. Na Seção 4.1.4 (p. 268), refletirei sobre os processos de reflexividade externa. Por fim, na Seção 4.1.5 (p. 272), com a ajuda de autores como Douglas Kellner (2001) e Claudio Xavier (2018), falarei sobre a relação entre reflexividade e mídia.

4.1.1 O conceito de reflexividade

George Mead (1972) foge da dicotomia entre indivíduo e sociedade ao afirmar que a *mente (mind)* é a ligação entre os dois. A mente é a inteligência reflexiva do ser humano, construída através dos processos de comunicação. É ela quem permite que sejamos capazes de conversar com nós mesmos da mesma maneira que conversamos com os outros. Através da mente, o indivíduo é capaz de pensar sobre *si (self)*. Dessa forma, tornamo-nos objetos para nós mesmos. Entretanto, o autor explica que o *si* só se constrói a partir do movimento de nos colocarmos também no lugar dos outros. É que, na nossa mente, existe uma relação permanente entre duas instâncias – o *eu* e o *mim* – possibilitada pela reflexividade. Enquanto o *eu* expressa nossos desejos e tendências pessoais, o *mim* é a internalização do *outro generalizado* – abstração formada pela voz daqueles que consideramos *outros significativos*, ou seja, das pessoas importantes para nós nos processos de comunicação.

José Domingues (2002) compartilha da visão de *si* composta por *eu* e *mim*, de George Mead (1972), mas destaca que o *mim* que existe em nossa mente é um processo criativo, já que é formado por aquilo que imaginamos ser a visão dos outros. Isso quer dizer que o *outro generalizado* com o qual as nossas tendências pessoais dialogam é uma entidade criada por nós, que não reflete exatamente a visão dos nossos outros significativos. Portanto, as falas do nosso *mim* são coerções externas que não necessariamente aconteceram ou acontecerão de forma objetiva. Nesse sentido, é interessante notar que *o mim também sou eu*.

Para George Mead (1972), a sociedade é permanentemente reconstruída pela *ação* coletiva dos indivíduos. No entanto, essas ações são resultado de reflexões empreendidas por eles a partir de *simulações* que ocorrem em suas mentes. Ou seja, antes de agir, nós imaginamos como será a nossa ação, como os outros vão reagir a ela e quais vão ser as consequências disso. Em outras palavras, nós *ensaiamos nossas ações* antes de realizá-las. É por isso que a mente faz a conexão entre os indivíduos e a sociedade. Desse modo, “a sociedade atravessa os indivíduos pelo lado de dentro, sendo, então, modificada por eles como

consequência desse atravessamento” (Vanrochris Vieira, 2021b, p. 139). Por meio da *reflexividade voltada para a ação*, tanto indivíduos quanto sociedade são modificados. Nesse processo, os sujeitos constroem o mundo ao mesmo tempo que constroem a si mesmos.

A trajetória de Lúcio (Bharbixas, 2023) com o futebol foi marcada por reflexões que levaram a ações, como a criação do Bharbixas. Mesmo antes disso, quando adolescente, ele percebeu que o futebol era um espaço de afirmação da masculinidade, então concluiu que, se ocupasse esse meio, sua homo-orientação não seria descoberta. Esse “plano” criado em sua mente o orientou para a ação de inserir-se nesse esporte.

Eu meio que vi minha aptidão, ali, pro esporte, principalmente futebol e tudo. E, aí, meio que surgiu como um refúgio pra mim, porque eu fui crescendo e fui juntando os pontinhos e, por questões, assim, de me proteger mesmo da sociedade, do preconceito, da discriminação e tal. Então, eu vi como a sociedade trata o esporte e, principalmente, o futebol, nessa questão de mascarar: eu ali no meio, camuflado, entre aspas, né, entre os meninos, ali... Eu tinha, na minha cabeça, que ninguém ia desconfiar de mim, né? Então, eu meio que mergulhei mesmo de cabeça no futebol. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) é outro jogador entrevistado que apresentou bastante esse processo. Enquanto trabalhava como jogador profissional, ele refletiu que essa carreira poderia não dar certo e, por isso, decidiu colocar em prática um “plano B”: “e, isso, assim, sempre estudando... jogando futebol e estudando, porque eu sabia que se [voz de riso], no fundo, não desse certo a questão de ser profissional, pelo menos tinha uma segunda via, né?”

O entendimento de Margaret Archer (2003) sobre reflexividade vai ao encontro do de George Mead (1972), à medida em que a autora a entende como o desenvolvimento de conversas internas. Para ela, esse é um conceito sociológico capaz de possibilitar, de forma indireta, a observação e a análise dos diálogos internos que as pessoas mantêm consigo mesmas em situação de privacidade. Apesar de a *reflexividade interna* não ser algo necessariamente transposto para um contexto objetivo, é possível que as pessoas entrevistadas façam isso através da linguagem. Ana Caetano (2011, 2013) é mais uma autora que desenvolve esse entendimento sobre a reflexividade, destacando que ela gera *autoconhecimento* e, ao mesmo tempo, *compreensão do mundo* ao nosso redor.

É através dos diálogos internos que os indivíduos clarificam as suas ideias e crenças, avaliam as suas condições e recursos, tomam decisões e definem projetos com base nas suas preocupações. [...] Dialogam consigo mesmos tanto para decidirem o que cozinhar para o jantar, como para planejarem a carreira profissional. Deste processo resulta autoconhecimento e conhecimento do real que lhes permite fazerem sentido do mundo e, em certas circunstâncias, agirem sobre ele. (Ana Caetano, 2013, p. 34)

Contudo, para Ana Caetano (2013), o alcance do conceito de reflexividade, como estabelecido por autores como Margaret Archer (2003) e George Mead (1972), não é suficiente para lidar com a *multidimensionalidade* desse fenômeno. A autora explica que o diálogo interno não é a única forma de os indivíduos refletirem sobre si, pois também há a *reflexividade externa*: “os indivíduos pensam sobre si mesmos, por referência às suas circunstâncias sociais, através de conversas internas, *diálogos que mantém com outras pessoas* em contexto de interação e mediante *práticas de escrita*” (Ana Caetano, 2013, p. 32, grifo meu). Em relação às conversas externas, a autora explica que, através delas, “expectativas, objetivos e projetos são também negociados contextualmente na presença e com a participação de outros sujeitos” (*ibidem*, p. 36).

Há, entre os autores aos quais estamos nos referenciando nesta seção, o entendimento comum de que a reflexividade é *construída socialmente*. Margaret Archer (2003) destaca que ela é dependente das circunstâncias sociais nas quais o indivíduo se insere e com as quais a sua mente dialoga. Bernard Lahire (2002) explica que coexistem em nós tendências construídas em cada um dos nossos espaços e momentos de socialização, como a família, a escola, o trabalho, a igreja, etc. Essas tendências não são estanques, sendo constantemente atualizadas. Isso faz com que as nossas disposições sejam heterogêneas e, algumas vezes, até mesmo contraditórias. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) me contou que a religião era uma referência que o impulsionava a pensar de uma certa maneira sobre a sua sexualidade.

No meu caso, isso tá muito atrelado à religião também. Então, eu frequentava igreja e tudo o que eu pedia para Deus era que eu deixasse de ser gay, que eu não queria ser gay. Então, tem todo esse processo de autoconhecimento que você vai passando. São fases da vida. E quando eu realmente me reconheci como homem gay, que tinha atração por outros homens... porque, até então, sei lá, até os meus 16 anos, eu sempre reprimi. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

A conversa de Daniel com Deus, em sua mente, pode ser vista como a conversa de um eu mesmo com um outro generalizado. Nela, a voz de Deus provém das referências que esse jogador teve no seu processo de socialização enquanto cristão, seja na família ou na igreja, por meio da influência de sujeitos como familiares, padres, pastores ou pastoras. Nesse caso, essas referências eram uma dificuldade para que ele pudesse manifestar sua orientação sexual.

Nesse sentido, Ana Caetano (2013) afirma que não somos capazes de controlar completamente aquilo que pensamos, pois os nosso grupos nos provêm esquemas mentais que

delimitam os nossos campos de possibilidades: “estes diálogos [internos] espelham as normas e valores dos contextos em que os sujeitos se inserem, pelo que nem tudo é concebível pela consciência individual” (Ana Caetano, 2013, p. 33). Ana Caetano (2011) aponta uma série de fatores relacionados ao processo de reflexividade.

Interferem na reflexividade individual: as origens e recursos do sujeito, as suas disposições internas (desejos e predileções), o sentido prático que ele tem sobre cada situação (conhecimento internalizado, que é acionado “automaticamente”, sem reflexão), a interação com os outros sujeitos (discursivas) e, por fim, a interação consigo mesmo (diálogo interno). (Ana Caetano, 2011, p. 168)

Essa autora faz outras considerações importantes sobre o processo de reflexividade. Ela afirma que essa atividade não é estritamente racional. As *emoções* do sujeito podem exercer papel central nos processos reflexivos dele. Ela também ressalta que reflexividade e capacidade cognitiva não são a mesma coisa. A capacidade cognitiva pode ser usada para fazer um cálculo matemático, por exemplo. Já a reflexividade diz respeito à reflexão sobre a vida social do indivíduo, através da qual ele pensa sobre si mesmo ou sobre sua relação com os outros e o mundo social do qual faz parte: “em suma, o conceito de reflexividade é aqui entendido como uma propriedade emergente das pessoas que permite aos indivíduos pensarem conscientemente sobre si mesmos, tendo por referência as suas circunstâncias sociais” (Ana Caetano, 2011, p. 163-164). Para a autora, também há pensamentos cotidianos que não se enquadram como reflexivos, tais como: “será que vai chover hoje?” ou “onde será que estão as chaves?” Isso porque a reflexividade exige um pensamento “auto-referencial de colocar o *self* em perspectiva” (*ibidem*, p. 163).

José Domingues (2002) defende que existem processos reflexivos sistemáticos e não sistemáticos. Pensar algo do tipo: “preciso fazer compras hoje”, é uma reflexão simples, que não gera novas questões. Portanto, trata-se de uma *reflexividade não sistemática*. Por outro lado, à medida em que os diálogos internos se desenrolam de forma mais integral, desenvolve-se uma *reflexividade sistemática*. Para o autor, o fluxo da consciência é reflexivo, ainda que só em alguns momentos esse processo seja sistemático. Enquanto as reflexões sistemáticas exigem uma atenção focada, os processos não sistemáticos ocorrem sem a necessidade de um alto grau de concentração.

Para Bernard Lahire (2002), os indivíduos são capazes de racionalizar e atribuir sentido às suas escolhas e ações. Ele acredita que a reflexividade é acionada por todos os sujeitos, não só em momentos de crise, mas também em situações cotidianas. No entanto, isso não quer dizer que tudo o que fazemos seja determinado reflexivamente. O autor explica que

grande parte das ações cotidianas é realizada de forma *pré-reflexiva*, a partir da repetição não consciente de atos. Essas duas situações se sucedem e se intercalam, inclusive em relação a ações de um mesmo tipo. Ele chama de *disposições* as nossas formas de agir que não passam pela reflexão. Segundo Bernard Lahire (2002), elas operam na maioria das vezes sem serem questionadas, mas podem, eventualmente, também se tornar objeto de autorreflexão. Henrietta Moore (2000), referindo-se ao sujeito capaz de refletir sobre suas próprias condições como *ator culto*, ressalta que essa capacidade não é ilimitada, afinal, ninguém é onisciente, nem sobre si mesmo.

[...] por mais crucial que o conceito do ator culto seja para uma ciência social emancipadora, devemos evitar postular o ator como sobre-humanamente culto; isto é, devemos reconhecer que ninguém pode jamais estar plenamente consciente das condições de sua própria construção. (Henrietta Moore, 2000, p. 20)

Um membro do Bárbaros (SP) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) refletiu sobre algo que os jogadores do seu time, na sua visão, fazem de maneira espontânea, sem planejar ou se esforçar para agir dessa forma.

No nosso time, a gente é muito amigo, a gente é muito junto. Então, naturalmente, quando a gente tá entre amigos, a gente tem um comportamento mais espalhafatoso, a gente tem um comportamento um pouquinho mais, como fala? Mais eufórico. E, aí, a gente até faz aquele gritos, né? “Ai, sua louca!” E se trata até no feminino... O que é natural, a gente tá entre amigos. (Membro do Bárbaros, 2019)

Isso nos leva a pensar que a manifestação de gênero espontânea é *pré-reflexiva*. Por outro lado, a intencional é constitutivamente reflexiva (ver Seção 3.5.1, p. 214). Isso porque a espontânea acontece sem que tenhamos que pensar a respeito dela, enquanto a intencional só passa a existir como uma estratégia formulada em nossa mente e voltada para a ação. No aniversário de 1 ano do Bhabixas no Mineirão, um membro do ManoTauros com quem conversei me disse uma coisa e, logo em seguida, agiu de forma contraditória a ela. Ele me contou que jogava no Bhabixas, mas saiu desse time porque não é de dar *close*, nem de dançar. Apesar disso, ele dançou de forma descontraída algumas das músicas que tocaram em seguida. Obviamente, o meu contato com ele foi muito superficial para fazer uma avaliação sobre isso, mas o caso remete à possibilidade de, às vezes, não pararmos para refletir sobre nosso próprio comportamento, ou, talvez, de não sermos sinceros para nós mesmos sobre ele. No entanto, é preciso considerar a hipótese de que ele tenha querido dizer apenas que não gostava de dançar durante os jogos.

Ana Caetano (2013) nos indica que alguns momentos e situações proporcionam ou demandam maior reflexividade. Primeiramente, ela está presente de forma mais evidente quando estamos sozinhos. É nesses momentos, por não estarmos interagindo com os outros ou pensando no que precisamos fazer naquele momento, que mais conversamos com nós mesmos e nos preocupamos com os nossos sentimentos, lembranças, decisões a tomar, etc. Também em momentos de conflito interno ou crise, quando estamos desempregados, por exemplo, a reflexividade mais aflora como uma forma de tentar entender e resolver a situação na qual nos encontramos. Além disso, a autora acredita que mulheres e pessoas com maior grau de escolaridade, em geral, recorrem de forma mais frequente e variada a processos reflexivos. Um dos fatores que explicariam isso seria um maior domínio sobre a linguagem, adquirida por meio dos processos educacionais e por práticas cotidianas. Ana Caetano (2011) também aponta que as pessoas podem ser mais reflexivas em relação a algumas áreas da vida e mais acomodadas em relação a outras.

José Domingues (2002) ressalta que a modernidade faz com que a reflexividade individual seja demandada mais do que nunca, devido à abertura de possibilidades para as escolhas e ações. Esse autor dá destaque a outras formas não verbais de reflexividade: “outros tipos de símbolos, em particular por imagens, e mesmo de conceitos, pré-linguísticos [...], têm de ser levados em conta para que um quadro completo da reflexividade possa ser traçado (José Domingues, 2002, p. 63). Quando entrevistei Daniel (ex-Bharbixas, 2023) por videochamada, notei que havia um quadro na parede atrás dele. No final da entrevista, perguntei a respeito.

Pesquisadore: Esse quadro que tá atrás de você é um viado?

Daniel (ex-Bharbixas, 2023): [olha para trás] É. [ambos riem] Eu tinha um lá no Brasil que eu não pude trazer, que era assim... Foi o que mais me deixou chateado. Ele era todo colorido, assim, enorme, e eu não pude trazer. As lembranças do Bharbixas ainda. [risos] (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Maria Passeggi (2021) destaca o papel da *reflexividade narrativa*. Para ela, narrar as nossas experiências dá sentido a elas, permite-nos pensar no que ainda está por acontecer, além de também nos levar a imaginar de que outras formas as coisas poderiam ter sido. Esse processo faz com que a pessoa reconstrua os entendimentos sobre si mesma: “nesse ato de linguagem, a pessoa que narra reconstitui uma versão de si ao repensar suas relações com o outro e com o mundo” (Maria Passeggi, 2021, p. 94). Desse modo, a reflexividade narrativa é quando, ao tomar a si mesmo como objeto de reflexão, o indivíduo se constrói a partir da narrativização da sua vida. Esse exercício pode sempre ser refeito, reelaborando essa

narrativização e chegando a uma visão diferente de si. A autora nos sugere que, através da memória, a reflexividade narrativa conecta fragmentos ilógicos que vão aparecendo na mente, no sentido de dar uma coerência a eles. Isso porque a pessoa “vive as emoções de seu pensamento anárquico, errante, marcado por lembranças confusa, indefinidas” (*ibidem*, 2021, p. 109). A autora destaca que a reflexividade externa, por meio da escrita ou da fala, é muito importante para esse tipo de narrativização. Ela comenta sobre a reflexividade narrativa da pessoa pesquisadora, afirmando que ela é tradicionalmente vista de forma negativa no campo científico: “é muito timidamente que se dá ao *sujeito autobiográfico* o direito de cidadania no mundo científico, marcado pelas mais severas restrições residuais de um paradigma que associa a subjetividade e a singularidade à ficcionalidade, à irracionalidade” (*ibidem*, p. 110, grifo da autora).

Nesta seção, vimos algumas narrações feitas pelos sujeitos entrevistados sobre suas trajetórias antes e durante sua participação nos times LGBTQIAPN+. Nas seções seguintes, veremos mais algumas, apontando como cada uma delas se articula com o conceito de reflexividade. Na Seção 4.4 (p. 324), também apresentarei algumas narrações reflexivas sobre mim, enquanto pesquisadore.

4.1.2 Refletindo sobre um eu coletivo

A partir das falas dos meus interlocutores nesta pesquisa, percebi que a reflexividade nem sempre é um processo em que o pensamento se volta para um *si individual*. Os pensamentos reflexivos não necessariamente nos tomam como indivíduos, mas sim como membros de *coletividades*. Assim, quando eu penso sobre uma coletividade à qual pertencço, estou pensando *em mim como parte dela e nela como parte de mim*. Uma coletividade não é um ente que pensa em si mesmo sozinho. O Bharbixas, por exemplo, não reflete sobre si. Quem pensa sobre o Bharbixas são os membros do Bharbixas. O eu Bharbixas é um *eu coletivo*, um *nós*, cujas mentes reflexivas são as dos seus membros. Além disso, ainda é possível refletir sobre o *eu do outro*. Um membro do Bharbixas pode refletir não só sobre o Bharbixas, mas também sobre o ManoTauros. Pensar *sobre o outro* também é *pensar sobre si*. É comparar, é relacionar. Quando comecei a realizar as entrevistas com os meus interlocutores, no início deste trabalho, em 2018, o pensamento mais forte que tive foi que essas pessoas sabiam muito bem o que estava acontecendo com elas, o que elas estavam fazendo, e elas já haviam pensado anteriormente sobre o que elas estavam me falando. No entanto, as discussões sobre reflexividade voltam-se muito para o si individual. Nesse sentido,

tive dificuldade de entender como o que eu via nos meus interlocutores poderia ou não ser visto como um processo reflexivo. Mas percebi que toda a capacidade de refletir sobre si estava ali, porém voltada principalmente para esses eus coletivos, que são, de forma especial, os times sobre os quais este trabalho discute.

George Mead (1972) nos explica que a reflexividade é o pensamento que se volta para a ação. Ao pensarmos no eu coletivo, podemos identificar momentos em que os membros de uma coletividade pensam juntos sobre como vão agir. É o que pôde ser percebido quando Pedro (Bharbixas, 2018) contou sobre as intenções do Bharbixas no 1º Champions LiGay.

A nossa expectativa com a LiGay não era muito de ir pra ganhar o campeonato, sabe? A gente queria ir pra mostrar pros outros times que a gente também sabia jogar. Porque do Bharbixas pros outros times de futebol do Brasil existe uma certa discrepância no padrão das pessoas que jogam, sabe? Os outros times são [...] bem heteronormativos, sabe? [...] E o Bharbixas, desde o primeiro fim de semana, era aquela coisa afeminadíssima. [...] Então, assim, a nossa missão, a gente foi pra lá com a missão de mostrar: “olha, a gente é muito afeminado mesmo, mas a gente joga bola”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) apresentava uma capacidade reflexiva voltada tanto para o seu eu individual quanto para um nós, enquanto jogadores de futebol LGBTQIAPN+ no contexto do desenvolvimento desse movimento esportivo no Brasil. Dessa forma, ele intercalava uma autoavaliação individual de si e do coletivo do qual fazia parte.

Acho que, como comunidade de futebol LGBT, todo mundo tem crescido muito, e as experiências têm sido muito boas. É você, principalmente, crescer como ser humano dentro de um coletivo. E a gente tem crescido muito. E, assim, no meu caso, por exemplo, o futebol LGBT transformou a minha vida totalmente, porque eu poderia, se eu não tivesse encontrado o futebol LGBT, eu poderia ser um gay que ia votar no Bolsonaro, por exemplo, sabe? [risos] O futebol LGBT, ele me mudou totalmente como pessoa. Hoje eu consigo me comunicar muito melhor, eu consigo viver [ênfase em “viver”] muito melhor. Porque hoje eu consigo ser assumido no meu trabalho, por exemplo. Então, futebol LGBT, realmente, ele transformou muito a minha vida, e eu sou muito grato por isso. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Um dos movimentos feitos por Daniel (ex-Bharbixas, 2023) é o de pensar o que poderia ter sido diferente. Ele imaginava que poderia ter se tornado uma pessoa distinta, inclusive votando em alguém que ele não votaria hoje, por exemplo. Na sua fala, ele intercalou uma reflexão sobre seu si individual e sobre si enquanto membro de uma coletividade, apontando que os demais membros têm passado pelos mesmos processos que ele, estendendo a sua experiência para uma vivência coletiva. Em relação ao seu time, Ângelo

(ex-ManoTauros, 2023) refletiu sobre o projeto de equipe que ele e os demais fundadores do ManoTauros tinham e como ele não se concretizou.

O ManoTauros nasceu com a ideia, até pelo estilo do símbolo lá, o que a gente se inspirou, a escolha das cores, cores mais forte, mais masculinas, o grito de guerra, sabe? Era tudo assim, digamos, mais masculino. A gente não aceitava, por exemplo, participar das questões de dança, dessas coisas. Mas, foram chegando pessoas com pensamentos divergentes. Então, foi convergindo, ali, numa coisa que ficava no meio termo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Ele trouxe diferentes elementos para compor seu entendimento sobre como o time era, apontando-os como o “símbolo” de uma “ideia”. Com isso, ele refletia não apenas sobre o time, mas sobre a forma de organização de um pensamento sobre ele. Pensamento esse que era seu, mas também era de um nós, enquanto membros fundadores do ManoTauros. Já Lúcio (Bharbixas, 2023) contou qual foi a reflexão que ele e os outros membros afeminados do Bharbixas fizeram quando a manifestação de gênero deles foi colocada em questão pelos membros fundadores do ManoTauros.

A gente falou: “olha, a gente não vai mudar a nossa identidade, a gente não vai mudar quem a gente sente bem ser, e é isso, sabe?” A gente até brincava que o bom de ser viado é ser viado, [voz de riso] sabe? Então, assim, não ter que performar uma heteronormatividade pra outros times ou outros campeonatos ou lugares que a gente estiver porque nós somos um time gay, sabe? Então, a gente só era a gente mesmo, né, nesse ponto, e isso não agradou alguns jogadores. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) se referia a um nós que precisa pensar sobre si, um si coletivo. Nesse sentido, o “eu tenho orgulho de ser afeminado” é também um “nós temos orgulho de sermos afeminados”. A potência do pensamento e da emoção associada a ele se dá pelo caráter coletivo da experiência. Lúcio (Bharbixas, 2023) também se referiu à necessidade de um eu coletivo saber o que fazer frente a um novo cenário que se coloca diante si: “é um pontinho, aí, que a gente precisa analisar pra ver o que que a gente pode melhorar enquanto liga LGBT, né, de times, aí, que são muitos agora. Então, a gente precisa fazer com que todo mundo se sintam bem acolhido, né?” Nesse caso, o eu coletivo é expandido: não se trata apenas do Bharbixas, mas de todos os times LGBTQIAPN+ brasileiros. Dessa forma, os sujeitos negociam sua identidade com diferentes coletividades, ora menores e mais próximas, ora muito mais expandidas.

Falando sobre os nossos diálogos internos, Margaret Archer (2003) define dez atividades desenvolvidas por meio da reflexividade: avaliar, decidir, elucidar, ensaiar, estabelecer prioridades, imaginar, planejar, ponderar, reviver e simular conversas. Os

jogadores entrevistados demonstravam diversas dessas habilidades durante minhas interações com eles, tanto referindo-se a si mesmos, enquanto eu individual, quanto ao seu grupo de pertencimento – como time ou, até mesmo, como pessoa LGBTQIAPN+. No entanto, destacaram-se principalmente as ações de avaliar, decidir, imaginar, reviver e simular conversas. Já vimos como as trajetórias pessoais e coletivas desses sujeitos são revividas por eles ao longo deste texto e veremos outras manifestações desse processo nas próximas seções. Simular conversas é uma habilidade bastante transversal, já que está diretamente ligada às conversações internas entre o eu mesmo e o mim, portanto, podemos perceber essa capacidade de forma bastante recorrente. Quanto às demais habilidades, irei destacar algumas dessas manifestações a seguir.

Roberto (Bharbixas, 2018) demonstrava uma capacidade de se *autoavaliar* e chegar a uma imagem de si mesmo frente ao quadro interacional no qual se encontrava.

Pesquisadore: Como que é a reação do time quando tem um membro que é mais heteronormativo, que é mais “cis”, como cê apontou, que tem uma aparência mais “hétero”?

Roberto (Bharbixas, 2018): Eu tenho um pouco esse perfil.

É curioso que, durante a entrevista, Roberto fazia referência a pessoas com essas características, atribuindo-as principalmente aos membros fundadores do ManoTauros, como Ângelo. No entanto, nesse momento, ele se colocou também nesse lugar. Como vimos na Seção 3.6.4 (p. 247), ele fez, posteriormente, toda uma reflexão sobre como o Bharbixas o transformou em relação a essa questão. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), demonstrou uma *avaliação* sobre o lugar das pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, mostrando-se otimista e, ao mesmo tempo, crítico com o cenário que ele conseguia perceber.

A última Copa, no Catar, apesar dos jogadores poderem ser punidos se usassem braçadeira, enfim, se tivesse alguma manifestação pró-LGBT... Apesar disso, o quanto que a gente falou sobre isso? Em qual outra Copa que a gente falava sobre isso? A gente não falava. Não existia esse tipo de comentário. Então, nesses últimos cinco anos, a gente evoluiu muito, muito, muito. Assim... de alguma maneira, a gente tá evoluindo ainda a passos de formiga, mas a gente tá evoluindo. A gente já tá falando, a gente já tá tocando na ferida. Mas, em termos práticos, a gente ainda deixa muito a desejar, porque, por exemplo, você tem a FIFA, que é reguladora do futebol no mundo, que proíbe uma manifestação, né, pró- LGBT porque tem patrocinadores e tem muito dinheiro envolvido nisso. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Durante toda essa fala, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) se refere a um “a gente”. Ele pensa, reflete, escrutina, avalia, repensa, tudo sobre um “a gente” e não sobre um “eu”. Esse

“a gente” é um eu coletivo que se refere às pessoas LGBTQIAPN+, mas, em outro grau, também se refere à toda a sociedade. “A gente” evoluir é a sociedade evoluir. Eu faço parte dessa sociedade, então pensar sobre a evolução dela é pensar sobre a minha evolução. Não existe “eu” isolado do “outro” nessa reflexão. Lúcio (Bharbixas, 2023) me falou sobre a identificação que os membros do Bharbixas tinham com artistas femininas, que passa por um processo de *avaliar* seus posicionamentos: “não só artisticamente, mas pela pessoa, né? Por tudo que elas pensam, tudo que elas agregam pra nossa comunidade. Então, a gente costuma gostar mais das mulheres artistas”. Nesse caso, pensar no outro, refletir sobre o outro é critério necessário para pensar sobre si: o que eu quero, o que eu gosto, com o que eu me identifico.

Na 5ª edição do Champions LiGay, alguns times fizeram performances na cerimônia de abertura. Um deles foi o Ball Cat's, do Amazonas. Dois jogadores entraram com roupas, adereços e maquiagens indígenas. Na entrada, foram tocadas músicas típicas do estado. Eles receberam muitos aplausos, em um dos momentos de maior resposta do público durante o evento. É possível que isso indique uma consciência crítica dos presentes em relação ao papel daquele time na competição, já que era o único time do Norte presente. Isso é também um pensar sobre o próprio evento e sobre o momento do qual faziam parte e estavam construindo, fazendo uma *avaliação* sobre ele. Também nessa cerimônia de abertura, os membros do Ximangos (RS) foram acompanhados de uma drag queen com uma bandeira LGBTQIAPN+, vestindo o uniforme do time. Ela tirou o uniforme e ficou apenas de calcinha e com os mamilos tapados. Em seu corpo, estava escrito: “Trans tb pode”. No fim, ela beijou um rapaz. A performance indica uma reflexão sobre causas LGBTQIAPN+ que foram trazidas para o evento. Dessa forma, é possível perceber que o futebol LGBTQIAPN+ implica, também, em refletir não apenas sobre o futebol em si.

Quando Lúcio (Bharbixas, 2023) resolveu criar o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ brasileiro, ele *imaginou* que impacto aquilo poderia ter e quem poderia atingir: “eu não sabia que ia dar, não sabia que ia acontecer, mas eu falei: “às vezes, devem ter outros milhares, aí, milhões de pessoas gays também que gostariam de jogar futebol e não se sentem bem no espaço hétero”. Imaginar foi o que fez com que ele decidisse criar o time. Um time de futebol LGBTQIAPN+ é algo que Pedro (Bharbixas, 2018) também já havia criado em sua *imaginação*. Mas quando de fato conheceu um, o Bharbixas, viu que ele era diferente do que tinha pensado.

Eu acho que eu já tinha pensado nisso várias vezes, sabe? Idealizado. Imagina se existisse um lugar que só viado joga bola? E, quando eu cheguei lá, excedeu todas as minhas expectativas, sabe? Que eu tinha imaginado que podia ser um espaço pra futebol onde homens gays fossem jogar, mas que fosse heteronormativo, fechado, aquela coisa, e quando eu cheguei lá não era nada disso. Então, assim, é um espaço que eu sempre quis que existisse e que virou realidade... (Pedro, Bharbixas, 2018)

Esse processo reflexivo implica em um antes e um depois. Se, antes, ele imaginava como o time seria, depois, ele passa a comparar o que havia imaginado com a experiência que está tendo de fato, fazendo um processo recursivo sobre a reflexão que havia feito anteriormente. Já Lúcio (Bharbixas, 2023) confiava que o que ele estava *imaginando* para ele enquanto jogador de futebol LGBTQIAPN+ iria acontecer. Ele destacou que esse não era um pensamento só dele, mas compartilhado.

Mas que eu acredito, e a gente vai chegar lá. É só ter paciência, como a gente sempre teve pra chegar até aqui. E é isso. Bom, o que conforta é saber que a gente não tá sozinho, né? Sempre vão ter pessoas do nosso lado acreditando, tendo esse sonho em comum. Então, quando a gente não tá sozinho, a gente se fortalece e a gente vai, sabe? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Nesse caso, saber que outros estão fazendo a mesma reflexão que a gente legitima e dá força à nossa próxima reflexão. Uma reflexividade coletiva é necessária para que as reflexividades individuais valham a pena. Também Lúcio (Bharbixas, 2023), no passado, ao refletir sobre o futebol e sobre a sua sexualidade, *decidiu* que poderia usar esse esporte para esconder sua homo-orientação.

Falei assim: “ok, pra mim, performar essa dupla personalidade aqui, o futebol vai permitir isso”. Tem todo esse preconceito, né, essa questão de masculinidade, essa coisa viril que o hétero performa jogando futebol. Então, assim, eu me encaixava ali. Eu falei: “ninguém vai suspeitar de mim”. Então, usei como refúgio, pra me proteger de certa forma. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) relatou aqui uma conversa interna, na qual ele falou algo para si mesmo. Mas esse diálogo foi também, ainda que não dito explicitamente, com um outro generalizado. É ele quem falou para Lúcio (Bharbixas, 2023) que o futebol era coisa de hétero. A decisão, nesse caso, também foi tomada depois da simulação de uma conversa. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) me contou que, durante o período em que foi presidente da LiGay, refletiu sobre a situação que a liga vivia naquele momento, *decidindo* fazer uma mudança nela.

Quando veio a pandemia, a gente precisou se reinventar. Eu falei assim: “gente, a gente não consegue mais comportar a quantidade de times que existe. Então, a gente precisa fazer alguma coisa pra que esses clubes possam participar”. Porque existe uma fila de espera com 20, 30 equipes que iam demorar muito se fosse nesse formato de convite, por exemplo, a jogar, ou nem iam jogar LiGay. Então, primeiramente, eu tive a ideia de criar os regionais. Então, hoje, a gente tem competições, todas no primeiro semestre. A LiGay deixou de ser duas edições por ano pra ser uma edição só, uma edição nacional. E, no primeiro semestre, a gente tem as competições regionais. Então, Copa Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste. Cada região tem a sua Copa. E essa Copa, ela é classificatória pra LiGay. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Essa fala é bastante curiosa porque aponta para um movimento contrário do que discuti até agora nesta seção. Aqui, um eu coletivo, a LiGay, transubstancia-se em um eu individual: Daniel. As decisões da LiGay são as decisões do Daniel, as ideias da LiGay são as ideias do Daniel. Isso indica que a reflexividade de um indivíduo também pode responder por todo um grupo. Para tomar sua decisão, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) precisou considerar problemas e imaginar cenários: não era possível a participação dos demais times no esquema que havia na época.

4.1.3 Reflexividade nas interações

Ana Caetano (2013) acredita que existem algumas situações sociais que exigem mais o exercício da reflexividade do que outras: “os indivíduos podem ter diferentes níveis de reflexividade em enquadramentos sociais diferentes” (Ana Caetano, 2013, p. 51). A partir de uma série de entrevistas que ela realiza com pessoas de diferentes perfis, ela identifica que, quanto mais familiaridade temos e quanto mais acostumados e confortáveis estamos a um tipo atual de situação, menos temos necessidade de refletir sobre ela. Ana Caetano (2011) destaca que a reflexividade opera nos *processos interacionais* de forma contínua. Isso ocorre à medida que tentamos definir em nossa mente – a cada situação, lugar e pessoa interlocutora – a maneira correta de nos comportarmos, de que forma devemos falar, etc. Nesse esforço, ajustando-nos continuamente a partir de diversos parâmetros: “estas dinâmicas de autodisciplina decorrem de reflexões levadas a cabo silenciosamente nas mentes individuais, mas também, por vezes simultaneamente, de diálogos reflexivos que os sujeitos mantêm com as pessoas com quem interagem” (Ana Caetano, 2013, p. 42). Muitas vezes, acabamos agindo de maneira contrária à que desejamos ou omitindo nossas opiniões por acharmos que essa não é a forma como o outro deseja que nós nos comportemos.

Lúcio (Bharbixas, 2023) contou que, quando o time resolveu participar de um campeonato convencional, ele e os demais membros pensaram sobre como os outros times os veriam se eles agissem da maneira como agem em partidas LGBTQIAPN+. Isso fez com que eles decidissem de que modo deveriam agir naquele momento.

A gente pensava mais na questão de: “será que o outro não pode interpretar como provocação? E isso aí fugir do que a gente tá buscando aqui como participação em um campeonato pra gente mostrar a nossa qualidade técnica? E isso se voltar contra a gente de certa forma?” Então, era meio que muito em consenso com todo mundo, e a gente tava ali pra mostrar nossa qualidade técnica e a gente deixava a nossa felicidade gay [ênfase em “gay”] pros ambientes que a gente se sentia acolhido, né? Então, infelizmente. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Essa *tentativa de adequação* pode ocorrer por longos períodos da vida, em relação ao que é esperado de nós. Ana Caetano (2013) dá como exemplo as expectativas sobre uma mulher enquanto filha, esposa ou mãe. Obviamente, isso também vale para gays e sua relação com a afeminação ou com a prática esportiva.¹¹¹ A autora nos aponta, ainda, que, frequentemente, o outro nos dá *feedbacks* sobre a forma como estamos nos comportando em uma interação para nos ajudar a refletir sobre como estamos agindo. Eu acrescentaria que, em alguns momentos, é como se o outro fizesse uma reflexão sobre nós e a entregasse-nos como um presente que demonstra preocupação e afeto, ou, por outro lado, como uma crítica ou repreensão.

Selma Leitão (2007) ressalta o papel da *argumentação* na construção do processo reflexivo: “fala-se de auto-argumentação sempre que um indivíduo age como proponente e crítico (opponente) do mesmo argumento” (Selma Leitão, 2007, p. 457). Para ela, são partes fundamentais do pensamento reflexivo a consideração de ideias alternativas e a defesa de pontos de vista, gerando um processo de negociação. É interessante pensar que, mesmo quando os dois participantes de um diálogo – seja ele um diálogo interno na mente do indivíduo ou um diálogo objetivo entre duas ou mais pessoas – estão concordando, ainda assim eles estão argumentando contra um ente imaginário que tem um ponto de vista contrário. Ela ressalta as diferentes possibilidades de diálogos internos e externos.

Note-se que o “diálogo” que se estabelece no discurso entre argumento, contra-argumento e resposta [ao contra-argumento] pode ser gerado a partir de enunciados produzidos tanto por diferentes indivíduos como por um único argumentador que

¹¹¹ Além disso, esse fato me remete ao meu próprio comportamento enquanto professor e aluno durante o processo de adoecimento mental pelo qual passei durante o doutoramento, que discutirei na Seção 4.4.3 (p. 338). Nesse período, continuei por muito tempo fingindo que estava bem e me esforçando para trabalhar e estudar normalmente, pois era o que acreditava que as outras pessoas esperavam de mim.

assume, simultaneamente, os papéis de proponente e oponente em relação a um mesmo ponto de vista (auto-argumentação). No último caso, os movimentos contra-argumentativos correspondem a antecipações, da parte do argumentador, de possíveis oposições ao seu próprio argumento. (Selma Leitão, 2007, p. 458)

Inclusive, enquanto o indivíduo fala, ele próprio pode antecipar um contra-argumento, ao pensar sobre o argumento que está construindo, e respondê-lo na continuação da sua fala, antes mesmo de o contra-argumento vir a acontecer. Ana Caetano (2013, p. 40) destaca: “verbalizar pensamentos é também objetivá-los, construí-los e atualizá-los, o que contribui para clarificarem as suas próprias ideias”. Um membro do Futeboys (SP) que entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) disse o seguinte depois de eu ter feito uma pergunta a ele: “olha, vou pensar um pouco, então eu vou falar enquanto eu penso”. Quando conversei com Lúcio (Bharbixas, 2023), ele apresentava um posicionamento cético sobre algumas questões em torno do futebol LGBTQIAPN+, por isso, algumas vezes, ele tentava decidir o que seria melhor falar: “a todo momento eu tou pensando, assim, na minha cabeça: ‘tá! Eu dou a resposta sincera ou eu dou a resposta pra trabalho?’, assim, sabe? Porque eu não quero botar um balde de água fria na coisa”. O raciocínio dele aponta que algumas respostas seriam mais adequadas ao trabalho que eu estava desenvolvendo, mas elas não correspondiam ao que ele realmente pensava. Esse outro trecho de uma fala dele mostra esse conflito interno: “então, [pausa] meio que... [pausa] o cenário... Ah, não queria falar essas palavras não, porque parece que eu tou jogando balde de água... parece que falo só mal...” Ele parecia demonstrar uma preocupação com o ponto de vista dos outros times: o que eles iriam pensar dessas opiniões, elas os afetariam de alguma forma negativa?

Selma Leitão (2007) também indica que, no pensamento reflexivo, o indivíduo reflete não só sobre o tema da sua reflexão, mas também sobre o próprio discurso que está elaborando em sua mente. Assim, esse é um *pensamento que reflete sobre si mesmo*. Nesse movimento, não só os objetos do mundo, mas também as nossas concepções dele viram objeto de reflexão. Essa autora estende o alcance do que entende como pensamento reflexivo, acreditando que ele se volta também para a reflexão sobre o mundo em que vivemos, de forma *metacognitiva*: “na abordagem aqui proposta, a reflexividade é entendida como uma propriedade básica que interconecta o indivíduo que pensa e o objeto de seu pensamento” (Selma Leitão, 2007, p. 458). Esses pensamentos não são construídos individualmente, mas, como apontado por outros autores que citei anteriormente, têm natureza social e dialógica.

4.1.4 A reflexividade externa

Como dissemos anteriormente, a reflexividade não aparece apenas como diálogo interno, mas também de forma externa, por meio de processos de escrita ou de conversas com outras pessoas. Mostramos, na Seção 4.1.2 (p. 259), como algumas das habilidades reflexivas elencadas por Margaret Archer (2003) – tais como avaliar, decidir e imaginar – foram apresentadas pelos jogadores. Ainda que essa autora se refira apenas a diálogos internos, é possível pensarmos no desenvolvimento dessas habilidades também por meio da interação com outras pessoas ou do processo de escrita. Dessa forma, é possível identificarmos uma série de momentos em que a reflexividade também opera *em grupo*. No caso dos times de futebol LGBTQIAPN+, por exemplo, isso poderia se apresentar no planejamento do funcionamento das equipes, nas tomadas de decisão sobre elas, no controle das despesas, etc. De fato, foi possível perceber que a reflexividade em grupo se aplicava especialmente nas necessidades de decidir.

Cláudio (ManoTauros, 2023) contou-me sobre uma importante *decisão* que ele e o restante do time precisaram tomar juntos a respeito do futuro da equipe. Trata-se de não participar da etapa Sudeste do Champions LiGay. Ao fazer isso, o time estaria automaticamente desistindo do campeonato nacional, já que a etapa regional é classificatória. Mas eles decidiram abrir mão dessa oportunidade, para poderem se dedicar à participação em campeonatos convencionais, que estava sendo seu foco naquele momento. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou que foi preciso que parte dos membros do Bharbixas insistissem bastante para que a outra parte *decidisse* participar pela primeira vez de um campeonato convencional: “então, com muita relutância, aquelas pessoas que já tavam ali, que já tinham mais vivência com futebol, acabaram convencendo do clube participar”. Ele também contou como passaram a ocorrer as deliberações em conjunto quando o Bharbixas se tornou uma equipe poliesportiva.

Foram criando outras modalidades, e cada modalidade foi tendo sua pessoa responsável. A gente chamava de *heads*, né, que seriam os cabeças, na tradução livre. Então, esses *heads*, eles eram os responsáveis por cada modalidade e trazia isso pra dentro da diretoria no geral. Faziam reuniões, determinava quais as competições que iam participar, quais os valores da mensalidade, qual que era que precisava de melhoria, enfim, o que a gente podia fazer junto. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ana Caetano (2013) nos indica que, algumas atividades reflexivas são, inclusive, feitas de forma preferencialmente externa. É o caso da elucidação e da ponderação, por

exemplo. Quando não entendemos algo ou estamos em dúvida sobre alguma decisão, é comum tentarmos refletir sobre isso junto com outra pessoa, pedindo ajuda a ela para refletir sobre a questão conosco. Nesses casos, frequentemente, primeiro tentamos elaborar um raciocínio sozinhos, em nossas mentes, para depois levá-lo ao outro já com algumas reflexões prévias. Além disso, como muitas das nossas ações precisam ser feitas coletivamente, a reflexividade externa é, com muita frequência, para a autora, algo necessário e indispensável.

Bernard Lahire (2002) enfatiza a exterioridade da reflexividade através dos processos de escrita. O autor destaca que existem várias ações reflexivas que podem ser feitas por meio da produção de textos, entre elas: pensar, argumentar, desabafar, expressar emoções, elencar razões, listar tarefas, planejar horários, estabelecer rotinas, fazer planos, lembrar, etc. Essa atividade gera um distanciamento frente aos nossos próprios pensamentos, tornando-os objetivos e permitindo um domínio maior sobre eles. Esse processo inclui uma diversidade de tipos de textos que podemos fazer no dia a dia, como anotações, lembretes, agendas, listas de compras, registros financeiros, *planners*, etc.: “importa ainda dar destaque a práticas de escrita que remetem para a organização pessoal em diversas esferas de vida. Aproximam-se daquilo que é geralmente designado por *escrita comum ou doméstica*” (Ana Caetano, 2013, p. 47, grifo meu).

Algumas vezes, os jogadores entrevistados me falaram sobre a objetivação de processos reflexivos dos times. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou que o Bharbixas tinha um pensamento bastante definido sobre intolerância, mas ele não estava objetivado em forma de texto: “que eu saiba a gente não tem um regulamento escrito, nada assim, sabe? Oficial. Mas a bandeira do time é intolerância à intolerância. Qualquer um que chegar e não corresponder com o perfil do time, que é tolerância e apoio a diversidades tá fora”. Quando comentou comigo sobre algumas matérias jornalísticas que haviam saído sobre o Bharbixas, Lúcio (Bharbixas, 2023) disse que poderia me mandá-las posteriormente porque o time tem uma espécie de memória de alguns arquivos sobre ele: “inclusive, a gente tem até no drive essas matérias salvas. Se cê quiser, eu posso te mandar depois”.

Ana Caetano (2013) nos explica que cada um de nós tem um conjunto de *competências reflexivas* para acionar. É preciso saber ler e escrever para produzir textos de linguagem verbal, por exemplo. Não ter algumas capacidades pode dificultar os processos reflexivos para algumas pessoas. Quem não sabe ler e fazer contas, por exemplo, tem obstáculos para refletir sobre sua vida financeira, especialmente quando é necessário realizar tarefas como consultar documentos fiscais. Lúcio (Bharbixas, 2023), por exemplo, em determinado momento da nossa conversa, precisou recorrer ao cálculo matemático enquanto

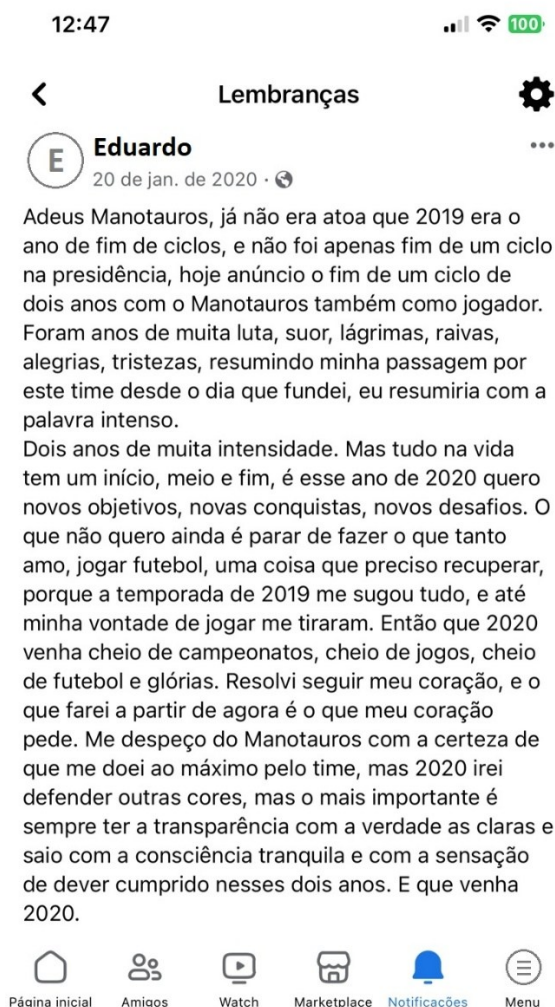
capacidade reflexiva para desenvolver um argumento: “só que já vai pra [faz uma pausa para fazer as contas] cinco anos de movimento”. Obviamente, esse é um exemplo bem banal, mas mostra como vamos acionando essas ferramentas que temos disponíveis para construir nossos pensamentos. Por outro lado, é possível adquirir competências reflexivas mais específicas, como a capacidade de usar determinados programas de computador que ajudam a materializar processos reflexivos. Dessa forma, alguns indivíduos, “mobilizando as suas competências reflexivas aprendidas fazem-no muitas vezes de modo mais intelectualizado e sistemático, com recurso a esquemas, tabelas e programas informáticos” (Ana Caetano, 2013, p. 48).

Ana Caetano (2013, p. 43) destaca que: “a escrita é ela própria geradora de reflexividade, dando origem a novas reflexões, aprofundando ideias pré-existentes ou direcionando-lhes um novo olhar”. Segundo a autora, ao transformar pensamentos em texto, a pessoa faz um processo de elaboração deles, trazendo à tona emoções e lógicas que poderiam ficar em um estado *semiconscente*. Esse é um processo que também podemos identificar a partir da fala, ao conversarmos com alguém sobre nós mesmos, ou a partir das interações com outras pessoas mediadas por texto escrito, como nas redes sociais. Isso é especialmente evidente nos processos de *psicoterapia*.

Ana Caetano (2013) também aponta que os textos reflexivos podem tanto ser criados apenas para uso pessoal quanto também para serem *compartilhados* com outras pessoas. Nesse caso, elas podem dar retornos, acrescentando mais uma camada de reflexividade externa ao processo. A própria pessoa também pode refletir sobre o que havia pensado ao reler um texto que ela havia escrito anteriormente. É isso o que fez Eduardo (ex-ManoTauros, 2022), por exemplo, ao rever a postagem que havia feito ao se desligar do ManoTauros (Figura 17).

Por coincidência, no dia em que entrei em contato com Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) por *WhatsApp*, estava fazendo exatos 3 anos que ele havia feito essa postagem no *Facebook*. Essa rede social mostra diariamente “lembranças” aos usuários, lembrando-os do que eles postaram naquele mesmo dia nos anos anteriores. Logo que Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) começou a conversar comigo, ele, espontaneamente, já me mandou o *print* dessa memória, que havia acabado de aparecer para ele. É interessante que ele tenha produzido esse texto para compartilhar com outras pessoas seus sentimentos ao sair do ManoTauros e que, agora, relendo-o, ele tenha querido, mais uma vez, compartilhá-lo comigo.

Figura 17 – Lembrança de Eduardo sobre postagem de saída do ManoTauros¹¹²



Fonte: *WhatsApp*/Eduardo

Descrição¹¹³: A imagem é um *print* de uma lembrança mostrada a Eduardo pelo *Facebook*. Trata-se de uma postagem de 20 de janeiro de 2020. O texto da postagem é o seguinte: “Adeus, ManoTauros. Já não era à toa que 2019 era o ano de fim de ciclos, e não foi apenas fim de um ciclo na presidência. Hoje anuncio o fim de um ciclo de dois anos com o ManoTauros também como jogador. Foram anos de muita luta, suor, lágrimas, raivas, alegrias, tristezas. Resumindo, minha passagem por este time desde o dia que fundei, eu resumiria com a palavra “intenso”. Dois anos de muita intensidade. Mas tudo na vida tem um início, meio e fim. E, esse ano de 2020, quero novos objetivos, novas conquistas, novos desafios. O que não quero ainda é parar de fazer o que tanto amo: jogar futebol. Uma coisa que preciso recuperar, porque a temporada de 2019 me sugou tudo, e até minha vontade de jogar me tiraram. Então, que 2020 venha cheio de campeonatos, cheio de jogos, cheio de futebol e glórias. Resolvi seguir meu coração, e o que farei a partir de agora é o que meu coração pede. Me despeço do ManoTauros com a certeza de que me doeie ao máximo pelo time, mas 2020 irei defender outras cores. Mas o mais importante é sempre ter a transparência com a verdade às claras, e saio com a consciência tranquila e com a sensação de dever cumprido nesses dois anos. E que venha 2020.”

¹¹² A imagem foi alterada para que o nome pelo qual o jogador está sendo referenciado neste texto substituisse o seu nome real. Também retirei a foto de perfil, colocando apenas um “E” – de Eduardo – no lugar. Foi necessário, ainda, fazer uma mudança no ícone de menu, na barra inferior, porque ele também continha a foto de perfil. O ícone foi reproduzido da maneira como era, porém sem a foto.

¹¹³ Como dito no Capítulo 1 (p. 12), apesar de a imagem trazer basicamente um texto escrito, ele está sendo reproduzido na descrição para permitir o acesso a ele por leitores de tela.

Roberto (Bharbixas, 2018) me relatou como o Twitter e um *blog* eram ferramentas em que ele materializava alguns dos seus pensamentos sobre o futebol. Posteriormente, olhar para esses textos de novo foi uma forma de refletir sobre si e sobre sua trajetória.

Eu, olhando meu Twitter, eu vi o quanto que eu era mais fanático ainda antes, mas era fanático de uma forma ruim, realmente pesada. Eu só falava daquilo. Mas, eu fui rever alguns textos... eu fui blogueiro de um *blog* de torcedores do Cruzeiro e eu escrevia sobre o Cruzeiro, sobre futebol. E, inclusive, eu melhorei muito a minha forma de escrever naquele período de mais ou menos um ano que eu publicava um texto a cada quinze dias. Eu lendo meus primeiros e meus últimos textos é incrível o quanto eu melhorei. Então, assim, o futebol me deu muita [ênfase no “muita”] coisa. (Roberto, Bharbixas, 2018)

É interessante que, além de falar sobre a reflexão que havia feito sobre seus posicionamentos, ele também refletiu sobre suas próprias capacidades reflexivas, indicando como o processo reflexivo de escrita feito à época também o ajudou a escrever melhor. Nesse caso, o futebol o ajudou até mesmo nisso, motivo pelo qual ele destaca que esse esporte deu “muita coisa” a ele. É importante observar que, mesmo que ele não falasse de si nas postagens desse *blog*, de certo modo, um texto opinativo é sempre falar sobre si: é refletir sobre o que a pessoa acredita, o que ela acha, o que ela sente. *É refletir sobre si refletindo sobre o futebol.*

4.1.5 Reflexividade e mídia

Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2012), discuti sobre como as telenovelas funcionam como suporte para o desenvolvimento da reflexividade das telespectadoras, telespectadores e telespectadorus. Segundo Douglas Kellner (2001), as pessoas buscam nos meios de comunicação modelos de conduta. A relação entre os indivíduos e os produtos midiáticos pode levar os primeiros a mudarem perspectivas e condutas a partir dos modelos com os quais entram em contato. Tradicionalmente, as telenovelas, por exemplo, são um produto midiático que se liga à reflexividade das pessoas espectadoras brasileiras. Heloisa Almeida (2003) acredita que elas têm um diálogo amplo com a realidade social. Elas, por vezes, relacionam-se aos processos de mudança social que estão acontecendo no país, ao apresentar novos modelos para as pessoas telespectadoras. A autora explica como esse produto midiático se relaciona com o processo reflexivo do seu público. Segundo ela, as pessoas telespectadoras “comparam sua situação de vida ao que assistem e [...] reveem e reforçam seus pontos de vista, analisam suas vidas pessoais, o que lhes aconteceu antes, o que vivem naquele momento” (Heloisa Almeida, 2003, p. 22). A autora acredita que esse processo

faz com surjam críticas a modelos mais tradicionais, de forma que os valores progressistas acabam sendo mais valorizados. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou algo nesse sentido.

É legal que muita gente que sempre foi homofóbica a vida inteira, sempre foi conservador, principalmente, sei lá, as mulheres mais velhas, dona de casa, quando tem um gay na novela, que elas adoram, elas já adora aquela bicha. Aí, já muda um pouquinho o conceito, já começa a gostar daquilo ali. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Douglas Kellner (2001), a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, acredita que os produtos midiáticos “participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso” (Douglas Kellner, 2001, p. 27). Por isso, a mídia não deveria ser pensada como um instrumento ideológico de um grupo dominante, mas sim como parte dos embates sociais envolvendo discursos e valores de diferentes grupos. Por meio da mídia, diversas vozes sociais fazem-se presentes. Desse modo, o autor acredita que atentar-se para a mídia é uma forma de tentarmos identificar o que está se passando nas sociedades contemporâneas. Vera França (2009), ao discutir sobre o papel da televisão, também defende que diversos discursos políticos, culturais, religiosos, etc. podem ser encontrados nela.

Se, por um lado, o alinhamento da televisão com as forças dominantes vem sendo denunciado já há muitos anos, é preciso também lhe atribuir os créditos de sua porosidade, nos últimos tempos, à luta pela mudança de representações, à circulação de diferentes discursos sociais. (Vera França, 2009, p. 45)

O destaque que a mídia deu à 1ª edição do Champions LiGay foi lembrado frequentemente pelos jogadores entrevistados. Pedro (Bharbixas, 2018) e Lúcio (Bharbixas, 2023) tinham memórias diferentes a respeito dos locais e veículos nos quais a vitória do Bharbixas tinha sido pauta. Pedro (Bharbixas, 2018) afirmava que o time havia sido citado em dois grandes jornais estadunidenses.

A gente foi ganhando visibilidade, principalmente depois que a gente participou do campeonato no Rio de Janeiro, e a gente ganhou o campeonato. A gente foi pauta em quase todos os veículos de mídia mineiros e nacionais. Teve matéria no *The Washington Post*, teve coisa no *New York Times*. A gente foi pauta, assim, num volume muito maior de canais de mídia, então o time ganhou uma representatividade maior, e isso trouxe mais pessoas. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Já Lúcio (Bharbixas, 2023) afirmava que as matérias jornalísticas haviam sido produzidas em quatro outros países.

A gente saiu em jornal português, teve um alemão, e teve dois países aqui na América Latina. Se eu não me engano, foi Uruguai. Eu não lembro porque, na época, eu não tava à frente do marketing. Eu só lembro que os meninos falaram assim: “ah, a gente saiu lá fora”. E, aí, a gente ficou: “gente, como assim a gente lá fora?” Teve até uma entrevista com uma pessoa entrevistando a gente em alemão e tal. Não foi alemão, mas tinha um tradutor e tal, aquela coisa, e aconteceu também. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Eu não consegui identificar as matérias citadas procurando por elas na internet, e eles também não as compartilharam comigo. No entanto, o que mais interessa aqui é a sensação de importância dada por eles à existência dessas supostas coberturas. Isso porque elas representariam uma exposição muito grande, e quanto maior a exposição, maior seria o sucesso. Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que a visibilidade na TV contribuiu para o avanço do futebol LGBTQIAPN+ em 2017. Ele apontou como pontapé inicial desse processo uma reportagem sobre a Taça Hornet que foi feita no *Profissão Repórter*, e, depois, as abordagens sobre esse tema no programa *Encontro com Fátima Bernardes*. Lembrando que foi vendo esse último programa que Lúcio (Bharbixas, 2023) teve a ideia de criar um time LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Roberto (Bharbixas, 2018) destacou a forte presença midiática do Bharbixas. Ele apontou que isso faria com que o time tivesse alcançado uma projeção maior do que a da maioria dos times profissionais do estado.

E se tornou um time de mídia próprio... Foi na *BH FM*¹¹⁴ acho que já duas vezes, foi na televisão, teve destaque na Parada [LGBTQIAPN+], foi fazer a festa no Mineirão. Então, eu vejo hoje um time que começou, assim, pequenininho, que poucas pessoas conheciam, a se tornar, sendo bastante um pouco exagerado, mas acho que não tanto, a se tornar *um dos principais times de futebol de Minas Gerais*. Amador, sim, mas se você pensar no Brasil inteiro, ninguém conhece o Guarani de Divinópolis, o Democrata de Valadares, mas tem muita gente que já conhece o Bharbixas porque foram na Fátima Bernardes, porque passou no... entendeu? Então eu acho que se tornou um time de expressão nesse contexto. (Roberto, Bharbixas, 2018)

O trecho da sua fala “sendo bastante um pouco exagerado, mas acho que não tanto” é curioso porque demonstra uma resistência interna em desenvolver esse argumento. É como se o mim dele dissesse, enquanto ele fala, que o argumento é exagerado, mas o si, no fim das contas, resolve manter o posicionamento. Para Roberto (Bharbixas, 2018), essa exposição gerava identificação e respostas positivas. Mas ele também destacou que a cobertura nem sempre era favorável ao time.

Quando foram na *BH FM* e fizeram um programa divertidíssimo, teve um que falou que, depois, ele tava com a camisa do Bharbixas passeando no Centro, aí, uma

¹¹⁴ Estação de rádio de Belo Horizonte.

tiazinha lá qualquer aleatória parou ele e: “ah, eu ouvi vocês na *BH FM* hoje... Ah, eu vi vocês na televisão”. As pessoas *começam a ver aquilo e simpatizar com aquilo*. Então, eu acho que existe essa recepção boa das pessoas, mas existe também a reação de quem não vai aceitar e não tá aceitando. Quando eles foram no *98 Futebol Clube*, da *98 FM*¹¹⁵, tentaram de todas as formas provocar a questão da sexualidade e ficar fazendo piadinhas homofóbicas. Inclusive, o Pedro deu uma neles, e eles receberam algumas respostas, mas foi um programa extremamente machista e homofóbico. Mas os meninos se portaram muito bem na reação deles, assim, em manter a mensagem, entendeu? (Roberto, Bharbixas, 2018)

Uma coisa bastante interessante é como os jogadores entrevistados referem-se constantemente uns aos outros como tendo posicionamentos relevantes dentro dos times. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, foi quem me indicou Pedro (Bharbixas, 2018). Posteriormente, foi a relevância do primeiro apontada nas falas do segundo o que fez com que ele também se destacasse como um ator importante no time. De toda forma, Lúcio (Bharbixas, 2023) decidiu fazer uma mudança significativa na sua própria vida devido à exposição midiática que o time passou a ter.

E com esse *boom midiático*... não que eu me vi forçado, mas eu já me sentia preparado, nesse momento já. Mas, com o boom midiático que ia acontecer, e eu sabia, porque eu tava na organização do campeonato e tudo... sabia de tudo que ia acontecer, nacional e internacionalmente [ênfase em “internacionalmente”]. Não, internacionalmente foi mais uma surpresa, assim. Mas, nacionalmente, eu sabia do boom midiático que ia ter. Então, eu meio que contei pra família também. Foi um período, assim, de sair do armário, ganhar o campeonato, a explosão do time... foi tudo, assim, uma chuva de arco-íris na minha cara, sabe, assim? Foi [voz de riso] muita coisa, mas, foi muitas coisas boas, né, graças a Deus. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

A reflexão sobre o estado do time fez com que Lúcio (Bharbixas, 2023) tivesse que refletir sobre o seu próprio estado e decidir fazer uma mudança nele. Assim, a mídia faz com que processos reflexivos sejam gerados tanto por parte do público externo em relação aos times quanto por parte dos próprios membros das equipes. Também Anthony Giddens (1993) afirma que, na contemporaneidade, os indivíduos estabelecem um *processo reflexivo do eu* recorrendo a diversos *recursos reflexivos*, tais como a mídia, os manuais de autoajuda e a terapia. Tudo isso auxilia os indivíduos a repensarem sobre si. Ângelo (Bharbixas, 2018) me indicou alguns produtos midiáticos que ele achou que me ajudariam nas minhas discussões sobre gênero. Um deles foi o canal do YouTube do Paulo Vaz, que havia sido jogador do Bharbixas e era um homem trans gay¹¹⁶. Antes de irmos para o aniversário de 1 ano do

¹¹⁵ Também é uma estação de rádio da cidade.

¹¹⁶ Paulo Vaz, conhecido como Popó Vaz, era um importante ativista pela causa trans de expressão nacional. Ele também era policial militar e influenciador digital. Era casado com o também influenciador Pedro HMC, dono do canal, famoso no meio LGBTQIAPN+, *Põe Na Roda*. Paulo faleceu aos 36 anos, em 2022. Como me

Bharbixas no Mineirão, eu passei na casa dele para irmos juntos. Lá, ele também me apresentou um episódio¹¹⁷ de um desenho animado brasileiro chamado *Irmão do Jorel*, do *Cartoon Network*. Ele fez questão que eu prestasse atenção em falas e cenas que desconstruíam estereótipos de gênero, como quando os personagens discutem o que é coisa de menino e o que é coisa de menina, e o que significa ser “mulherzinha”. É interessante, porque ele apresentava alguns comportamentos que poderiam ser lidos como afeminofóbicos, como vimos no Capítulo 3 (p. 151), mas refletia sobre isso e conseguia, até certo ponto, identificar a afeminofobia.

No entanto, são as *novas mídias* os recursos que mais têm passado a ocupar um papel central nesse cenário. Claudio Xavier (2018) aponta como as redes sociais têm sido usadas para a construção de uma imagem de si por parte dos indivíduos na contemporaneidade. Essas mídias produzem novas formas de relacionamento e produção de memórias. O autor cria o conceito de *egomuseu*, para apontar como os sujeitos documentam exposições de si através do *Instagram*. Como vimos no Capítulo 3 (p. 151), essa exposição de si também acontece em aplicativos de relacionamentos para homens não heterossexuais, como o *Grindr*, ainda que com finalidades diferentes. Claudio Xavier (2018) explica como funciona a interação por meio de mídias digitais como o *Instagram*.

De uma forma geral, nas redes sociais *online* os sujeitos são convidados a falarem cotidianamente sobre si. Talvez, seja melhor dizer que os sujeitos são instigados ou intimados a exporem-se. Através das mais diversas formas de representação verbal e ou visual, de (auto)representação, cada um ou cada uma conta um pouco ou muito de si [...] (Claudio Xavier, 2018, p. 3)

Por isso, as redes sociais revelam muito sobre os seus usuários: seus desejos, suas preferências, seus sentimentos, suas perspectivas, seus pensamentos e suas ações. Desse modo, o autor explica que, “em síntese, a compreensão do egomuseu enquanto conceito, parte do entendimento sobre o que cada perfil, a partir das imagens documentadas, colecionadas, acumuladas e expostas, pode contar, revelar, através dessas imagens, sobre si” (Claudio Xavier, 2018, p. 5). Ele discorre sobre como as mídias sociais proporcionam esse processo.

É evidente a importância da (auto)representação nas redes sociais, e este é um processo de publicizar sobre si enquanto estratégia de espetacularização e consumo – é importante documentar a partir de rituais que expressam ou que traduzem um

explicou Pedro (Bharbixas, 2018), ele participou do Bharbixas apenas nos primeiros encontros do time, tendo se mudado para São Paulo em seguida.

¹¹⁷ Episódio 25 da 1ª temporada, *Fúria e Poder Sobre Rodas*.

ideal de si. Um eu que, sobretudo, é constantemente atualizado e (re)construído. (Claudio Xavier, 2018, p. 10)

Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava para uma leitura da imagem de si que o Bharbixas produzia nas redes sociais, muito mais voltada para a festa do que para o futebol, na visão dele: “por exemplo, se cê entrar no *Instagram* do Bharbixas, dificilmente você vai ver que é um time de futebol”. Como vimos no Capítulo 3 (p. 151), as formas como os membros do Bharbixas e do ManoTauros posavam para as fotos eram bastante distintas e estavam relacionadas tanto com a manifestação de gênero dos jogadores quanto com a ênfase no futebol ou na festa. Dessa forma, o *Instagram* era importante na criação da identidade desses times e na visão que se estabelecia sobre eles.

Nesse contexto, como nos lembra Claudio Xavier (2018), a moeda de troca que guia as interações entre os sujeitos é o *like*. Quanto mais *likes*, mais aprovação. Quem não se expõe, não realiza essas trocas, e, de certa forma, não existe na dinâmica da vida contemporânea. Por isso, há uma sensação de que a vivência só está completa quando vista pelos outros. Nesse contexto, o que é compartilhado nas redes faz parte da construção de si dos sujeitos.

4.2 CONFLITOS

Um dos assuntos mais debatidos, direta ou indiretamente, pelos jogadores de futebol LGBTQIAPN+ com quem conversei é o conflito. Seja o conflito entre as pessoas LGBTQIAPN+ e os praticantes de futebol cisheteronormativos, ou o conflito interno vivido por eles durante suas vidas, ou, ainda, o conflito entre os diferentes times de futebol LGBTQIAPN+. Nesta seção, discutirei o que esses sujeitos refletem sobre as situações de conflito que viveram e ainda vivem ao se encontrarem na fronteira entre a diversidade sexual e o futebol. Primeiro, com a ajuda de Georg Simmel (1983), discutirei sobre o caráter positivo, negativo ou mesmo essencial do conflito nessas interações (Seção 4.2.1, p. 278). A seguir, falarei sobre os conceitos, discutidos por Robert Park e Ernest Burgess (2014), de competição, acomodação e assimilação (Seção 4.2.2, p. 287). Depois, com o apoio de William Thomas (1923), falarei sobre como o conflito perpassa as disputas estabelecidas por esses sujeitos em torno das definições das situações na qual eles se encontram (Seção 4.2.3, p. 290). Por fim, contarei com o auxílio de Tomaz Silva (2014) para observar como esses sujeitos entendem os conflitos identitários com os quais acabam tendo que lidar (Seção 4.2.4, p. 294).

4.2.1 O conflito é positivo ou negativo?

George Mead (1972) vê o *conflito* de forma negativa. Ele associa esse conceito aos termos “desintegração”, “desorganização”, “hostilidade” e “destruição”. Para o autor, o ser humano tem dois tipos de impulsos: os que conduzem a posturas amigáveis e os que conduzem a posturas hostis. Enquanto os primeiros seriam impulsos propriamente “sociais”, os segundos seriam, na verdade, “antissociais”. George Mead (1972) não vê o conflito como algo inerente à vida social, mas sim como um *problema*, um obstáculo a ser superado, a fim de se obter ‘um todo social mais amplo em termos do qual os conflitos sociais que tornam necessária a reconstrução de dada sociedade são harmonizados ou reconciliados, e em referência aos quais, em conformidade, esses conflitos podem ser resolvidos ou eliminados’¹¹⁸ (George Mead, 1972, p. 308-309, tradução minha). Dessa forma, as ações coletivas que visam a mudança social poderiam ocorrer por causa do conflito, mas nunca por meio dele. Os resultados positivos seriam alcançados apenas por meio do compartilhamento de interesses.

Para George Mead (1972), nas sociedades organizadas altamente desenvolvidas, os conflitos de interesse existentes são apenas de ordem individual, e não estruturais. Ele aponta os impulsos de autoproteção e de autopreservação como potencialmente antissociais. Mas explica que esses impulsos são “refreados e mantidos sob controle pelo sistema legal”¹¹⁹ (George Mead, 1972, p. 305). Dessa forma, conduzidos para a cooperação social, “eles são impedidos de dar ascensão à tensão e à inimizade”¹²⁰ (*ibidem*, p. 305) e passam a servir ao progresso da sociedade. A forma positiva como George Mead (1972) vê a contenção dos instintos de autoproteção e autopreservação por parte do sistema legal soa problemática. Como nos aponta Michel Foucault (1999a, 1999b, 1999c), os indivíduos têm diferentes possibilidades de ação devido às relações de poder que regulam as interações. Assim, muitas vezes, esses indivíduos podem ser massacrados por leis que limitam suas possibilidades de ação em relação à sua autoproteção. Nas entrevistas que realizei com os jogadores e ex-jogadores do Bhabixas e do ManoTauros, eles não relataram episódios em que teriam precisado recorrer à violência para se defender em alguma situação.

¹¹⁸ Do original: “a larger social whole in terms of which the social conflicts that necessitate the reconstruction of the given society are harmonized or reconciled, and by reference to which, accordingly, these conflicts can be solved or eliminated”.

¹¹⁹ Do original: “curbed and kept under control by the legal system”.

¹²⁰ Do original: “they are prevented from giving rise to the friction and enmity”.

Diversas vezes, esses jogadores também apresentaram uma visão do conflito como algo negativo. Cláudio (ManoTauros, 2023), por exemplo, demonstrou esse pensamento em relação à disputa entre as equipes: “porque as outras equipes prega muito aquela rixa de disputa, de competição, de quem é melhor, de quem não é melhor. Nós não temos nada disso”. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) revelou visão semelhante em relação à rivalidade: “coisas que acontecem quando se sai de um time e funda outro. Acaba que se torna rival. Mas hoje, graças a Deus, não existe mais essa rivalidade. Então, é coisa do futebol que vamos melhorando a cada ano os pensamentos”. Ângelo (ManoTauros, 2018) também via o conflito com o Bharbixas como algo negativo: “a gente não quer rival, a gente quer alguém pra apoiar, sabe? Pra fazer ações juntos”. Em conformidade com os ideais apresentados por George Mead (1972), Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) apontou, ainda, como o fim das disputas entre os times de Belo Horizonte teria sido algo positivo na história do futebol LGBTQIAPN+ na cidade: “e, aí, aconteceu uma coisa bacana, que esse times eram tudo desunido, todos brigavam. E, aí, sei lá o que aconteceu, eles mudaram a chave. Passaram a ser times, digamos, colaborativos”. Pedro (Bharbixas, 2018) trouxe uma ideia de consenso como forma de resolução de conflitos no seu time.

Eu acho que a gente se resolve muito bem, principalmente agora com a periodicidade das assembleias que tão acontecendo, sabe? A gente traz tudo pra assembleia, as questões importantes a serem debatidas, e, dentro da assembleia, a gente faz uma deliberação. O que precisa ser votado é votado, pela maioria mais um. (Pedro, Bharbixas, 2018)

No entanto, é possível entender o conflito de uma maneira oposta à apresentada por George Mead (1972). Em Georg Simmel (1983), encontramos a caracterização desse conceito como algo *fundamental* para a dinâmica da sociedade. Esse autor entende que a vida social tem *forma e conteúdo*. Os impulsos que nos levam a nos relacionarmos uns com os outros são o conteúdo da vida social. Eles podem ser de inúmeros tipos, tais como: querer companhia, precisar de ajuda, desejar sexo, não conseguir resolver um problema sozinho, sentir-se desprotegido, etc. Eles em si não são sociais, mas é a partir deles que a vida social assume diferentes formas, por meio do processo que o autor chama de *sociação*. Enquanto a cooperação pode ser uma dessas formas, frequentemente o conflito é, para o autor, uma das mais potentes. Isso porque Georg Simmel (1983) entende a sociedade tanto como o estar “*com o outro*” quanto como o estar “*contra o outro*”. Dessa forma, o autor vê a oposição como inerente à vida social.

Se George Mead (1972) vê o conflito como algo disruptivo, Georg Simmel (1983) pensa de forma contrária. Para ele, essa forma de relação surge como resposta aos fatores de dissociação, afinal, “ódio, inveja, necessidade, desejo [...] são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas e para solucioná-las. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade” (Georg Simmel, 1983, p. 122, grifo do autor). Dessa forma, o conflito não degenera os laços sociais, mas sim surge como forma de unir lados com interesses contrários. O conflito ajuda na coesão porque muitas vezes é a única forma possível de colocar em comum situações de incompatibilidades entre grupos com interesses distintos. Em texto anterior (Vanrochris Vieira, 2021b), discuti como o conflito é o que permitia a interação entre sujeitos LGBTQIAPN+ e igrejas evangélicas na cidade de Belo Horizonte. Afinal, o conflito não era o que impossibilitava que esses grupos se colocassem um em relação ao outro, mas sim o que tornava isso possível. Georg Simmel (1983) frisa que o que impede a existência de vínculos sociais é a *indiferença*, não o conflito. Isso fica demonstrado pela ausência de qualquer relação entre um gay evangélico entrevistado por mim (Vanrochris Vieira, 2021b) e as igrejas inclusivas da cidade em que ele morava. Afinal, essa ausência de relação não ocorria devido a ele ser contrário a essas igrejas, mas sim devido ao desconhecimento de que elas existiam.

A partir das divergências existentes entre o Bharbixas e o ManoTauros, portanto, o conflito surgiu como a maneira possível de relação entre esses dois times. A cisão não fez com que uma indiferença e, portanto, uma falta de relação se estabelecesse. Um se tornou um outro significativo para o outro, mas com uma relação baseada na oposição. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que uma relação conflituosa é o caminho natural, em um primeiro momento, após uma divisão de times: “eu acho que, de maneira geral, sempre quando há essas divisões entre clubes, foi assim Bharbixas/ManoTauros, o primeiro impacto é essa desconfiança e essa divisão. E toda divisão gera um desgaste, né?” No entanto, é preciso indicar que, em nenhum momento, os entrevistados demonstraram ver a rivalidade entre os dois times como uma forma de união entre eles, demonstrando uma possível ausência de reflexividade sobre o caráter *necessário* da rivalidade.

Apenas quando a relação de poderes entre os times de Belo Horizonte se reorganizou a partir da pandemia é que isso mudou. A rivalidade existente entre os dois times passou a não fazer mais sentido à medida em que o que os unia, que eram os conflitos em campo e os conflitos em torno da manifestação de gênero de seus membros, deixou de ser relevante. Com isso, a indiferença se tornou muito mais presente.

Enquanto o Bharbixas teve ativo na parte de futebol, sempre teve a rivalidade. Porque sempre teve alguns jogadores que eram de lá e vieram pra cá, então, fica aquela disputa. Mas, assim, o Bharbixas também não tá nas atividade esportiva mais com o futebol. Então, assim, bem que sumiu. E, na mudança de presidência também... trocamos muitos jogadores. Então, assim, a partir do momento que eu entrei, assim, isso acabou. Não tem mais essa rivalidade entre equipes. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Em alguns momentos, os jogadores com quem conversei também demonstraram uma visão positiva do conflito. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), por exemplo, ao falar da luta pela inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, lembrou da Revolta de Stonewall¹²¹, apontando que ela gerou resultados positivos: “assim como, por exemplo, a Revolução de Stonewall, que pessoas que precisaram lutar, ali, pra terem direitos. Claro que hoje é uma escala totalmente diferente, né? Eu não tou nem comparando aqui...” Lúcio (Bharbixas, 2023) também lembrou do enfrentamento que pessoas afeminadas e trans tiveram que realizar para que o restante da comunidade tivesse as possibilidades que têm hoje.

Assim... se não fosse pelas pessoas afeminadas, né? E, principalmente, as pessoas T da nossa sigla. A gente sabe que a gente não taria onde a gente tá hoje. Então, a gente tem que, cada vez mais, dar força e visibilidade pra essas pessoas sim, porque são elas que pavimentaram todo o caminho pra gente tar aqui, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Já falando sobre as supostas mulheres trans que teriam participado do Champions LiGay (ver Seção 2.6.4, p. 132), Lúcio (Bharbixas, 2023) também apontou a força da luta empenhada por elas: “elas vieram chutando... metendo a bicuda na porta, assim... [risos] Então, foi maravilhoso”. Vê-se uma visão do conflito marcada pelo heroísmo e pelo pioneirismo de quem enfrenta uma situação para conseguir direitos e representatividade. O conflito aparece, portanto, mais legitimado quando está relacionado a uma luta contra preconceitos, dentro ou fora do futebol LGBTQIAPN+, e menos legitimado quando está relacionado à competitividade e rivalidade entre os times.

Georg Simmel (1983) explica que o conflito também ajuda na *união* dos membros do mesmo grupo, uma vez que esses indivíduos precisam se organizar e juntar forças contra um adversário em comum. Isso auxilia não apenas o próprio grupo, mas também o grupo rival, uma vez que a articulação de um grupo faz com que o outro tenha uma visão mais nítida do seu adversário, podendo estabelecer a melhor forma de se colocar em relação a ele. De

¹²¹ Um violento conflito entre policiais e pessoas LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos, em 1969. Foi desencadeada por uma das frequentes batidas policiais no bar Stonewall Inn, em Nova York. É considerado um marco histórico na luta por direitos dessa comunidade e o evento que impulsionou o desenvolvimento do movimento LGBTQIAPN+.

qualquer maneira, para Georg Simmel (1983), o conflito é inevitável até mesmo do ponto de vista *intergruppal*. Isso porque um grupo composto por pessoas que compartilham totalmente os mesmos interesses é empiricamente impossível. A união entre membros de um mesmo grupo pode ser vista, por exemplo, no movimento em que os diversos times LGBTQIAPN+ uniram-se contra um adversário comum, o futebol cisheteronormativo. É isso o que fizeram o ManoTauros, o Inconfidentes Pride, o Felinos e o Predadores, como apontou Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “fez um juntazinho no ManoTauros, e eles foram os campeões”. Por outro lado, o conflito intergruppal é evidente na discussão que fizemos ao falarmos sobre as cisões pelas quais o Bharbixas passou devido a desavenças e opiniões contrárias internas ao time, como a tensão entre festa e futebol, retomada por Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “um racha entre, digamos, a social do Bharbixas, os meninos que gostavam de pelada, contra os meninos do futebol [competitivo]”.

Para Georg Simmel (1983), o conflito é a negação da unidade. Nesse sentido, podemos pensar que ele carrega um potencial muito grande para os grupos minoritários e subjugados, uma vez que a unidade é bastante perigosa para aqueles que não detêm o controle dela. Dessa forma, o conflito exerce um papel fundamental nas dinâmicas de *formação e dissolução de grupos*: “uma condição de conflito, todavia, aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente” (Georg Simmel, 1983, p. 154). Algumas vezes, indivíduos que não pertenciam previamente a um grupo se unem para enfrentar um inimigo em comum, e essa união pode acabar se mantendo mesmo depois da resolução desse embate. Assim, Georg Simmel (1983) acredita que *conflito e solidariedade* não são antagônicos, mas dinâmicas que operam juntas: “as relações de conflito, por si mesmas, não produzem uma estrutura social, mas somente em cooperação com forças unificadoras” (*ibidem*, 1983, p. 128).

Algumas vezes, os jogadores com quem conversei enfocaram a união dos times enquanto grupo. É o que apontou Pedro (Bharbixas, 2018): “é muito bacana porque a gente meio que tá montando uma família, sabe? Eu, por exemplo, nunca tinha feito amizade com outros homens gays. E, de repente, me vejo cercado de um monte de pessoas parecidas comigo, e que a gente forma laços”. Roberto (Bharbixas, 2018) apresentou um discurso semelhante.

Sempre saímos depois das peladas pra tomar uma. E o time virou uma família. Não é só pelo futebol mais. Tudo eles fazem junto. No carnaval, todos saíram juntos. Na parada, todos juntos. Aniversário de um, tá todo mundo junto. Todo final de semana

vai pro Banzai¹²², todas essas festas no Mercado¹²³, na Fábrica¹²⁴, o time tá junto. Então o time virou algo muito além do só o futebol, entendeu? Então tem sempre esses momentos lúdicos e também as viagens pra disputar campeonato. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) me mostrou como ele ainda se via como pertencente ao Bharbixas, enquanto grupo, mesmo que estivesse morando no exterior e só participasse das peladas quando vinha ao Brasil. Quando, no início da entrevista, eu me referi a ele como “ex-membro do Bharbixas”, ele imediatamente me corrigiu: “atualmente eu não sou membro ativo de jogar aqui, mas eu continuo fazendo parte do time no grupo”. Em outros momentos, porém, os jogadores destacaram os cenários de conflitos intergrupais que acabaram levando às separações citadas anteriormente. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), por exemplo, apontou como a tensão competitividade e inclusão enfraquecia a unidade do Bharbixas.

O que acontece: o Bharbixas tem algumas questões políticas, ideológicas e que aconteceram no Bharbixas, que tem muito a ver com essa questão de competitividade e inclusão. E eu acho que isso chegou em algum aspecto que, na questão da cobrança de “a gente precisa ser mais inclusivo”, “a gente precisa ser isso”, de uma militância exacerbada, fez com que algumas pessoas também não se sentisse mais bem naquele ambiente. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) fazia uma separação. Ele defendia que a criação do ManoTauros havia ocorrido mais por questões “ideológicas”, enquanto a do Inconfidentes Pride mais por essas questões relacionadas à competitividade.

Aquele racha que teve lá [ênfase no “lá”] em 2017 foi um racha mais ideológico. Quando surge o Inconfidentes... O Bharbixas tinha um racha interno. Os meninos do recreativo, da pelada, e os que tinham treino. Então, eles já eram separados. Os meninos que treinam tinham treino competitivo. E tinha uma pelada no domingo, que era pras pessoas que, entre aspas, não sabem jogar futebol ou não são competitivas, mas queriam brincar de futebol. Então, essa pelada do Bharbixas era muito famosa. Ia muita [ênfase no “muita”] gente. Tinha um clima totalmente não competitivo, um clima mais de recreativo mesmo. E tinha separado esses meninos. Esses meninos saíram do Bharbixas e montaram o Inconfidentes. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

¹²² Bar localizado no Centro de Belo Horizonte.

¹²³ Mercado Novo, também no Centro da cidade. Funciona como mercado durante o dia, mas também conta com bares no piso superior.

¹²⁴ A Fábrica, casa de shows de Belo Horizonte que abriga apresentações e festas de funk, música eletrônica, rock, etc.

Lúcio (Bharbixas, 2023), por outro lado, atribuía a criação do Inconfidentes Pride às questões relacionadas às diferenças de opinião sobre as medidas de prevenção contra a pandemia, apontando para outro conflito interno.

Foi nesse período, aí, da pandemia, né? Os meninos tavam treinando, mesmo a gente havendo conversado que não era o certo, ou a instituição Bharbixas não concordava em treinar e tudo. Então, houve esse rompimento, né? Os meninos continuaram treinando a pandemia inteira, e eu não concordei. Eu falei: “gente, então, assim, estamos seguindo objetivos diferentes, caminhos diferentes aqui. Então, eu acho que, né, não tem por que a gente remar na mesma direção mais, né? Cês podem... não tem ressentimento algum. Fiquem à vontade pra criar um novo time”. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Em outros momentos, os jogadores desenvolveram os tópicos relacionados à união entre diferentes times ou grupos. É o que Daniel (ex-Bharbixas, 2023) apontou sobre a relação do Inconfidentes Pride com o Felinos.

Eu treinava numa quadra, eu consegui o espaço pro Felinos começar a treinar na quadra também, no mesmo horário que a gente. Porque eram duas quadras, um do lado da outra. Isso pagando um valor menor, porque as quadras são bem caras, né? E isso foi ajudando a ficar mais unidos. Hoje, existe uma união muito maior entre as equipes. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Roberto (Bharbixas, 2018), por sua vez, falou sobre a relação entre mulheres e gays como dois grupos com interesses e afinidades em comum.

Primeiro ponto é que os dois lutam por tolerância e aceitação, porque a mulher sofre machismo, e o homossexual sofre da homofobia. Então, eles encontram – e dizem que na fraqueza as pessoas se unem – aí, eles encontram um ponto de fraqueza em comum pra unir forças e lutar contra normalmente quem comete o machismo e a homofobia, que normalmente é o mesmo perfil, é um homem hétero cis e... Mas não só, gays também são machistas, próprias mulheres também. Então, assim, mas, no geral, eles se unem nesse ponto. Segundo ponto é uma questão de protesto, de manifestação pra chamar a atenção mesmo. Como o hétero cis quando comete a homofobia, ele fala “ah, sua bichinha”, “mulherzinha”, não sei o quê... o cara vai e veste de mulher mesmo e vai lá e fala: “sou memo”. Dá um tapa de luva. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) realizou uma observação interessante ao evocar a máxima de que os indivíduos (ou grupos) se unem em momentos de fraqueza. Mas também relativizou essa união, ao apontar que, apesar dela, gays também podem ser machistas – e até mesmo mulheres, dentro do seu próprio grupo. Assim, é possível observar uma reflexividade frequente sobre a formação e dissolução de grupos por meio do conflito por parte dos jogadores entrevistados.

José Alcântara Júnior (2005), ao comentar a perspectiva de Georg Simmel (1983) sobre o conflito, explica que, ao mesmo tempo em que faz parte da rotina social, esse tipo de interação também é o que permite as *grandes mudanças* e reviravoltas históricas, superando os formatos antigos e que já não funcionam mais. O autor também defende que o conflito estipula limites e espaços, organizando as dinâmicas sociais. Entretanto, Georg Simmel (1983) ressalta que o conflito tem um potencial *ambivalente*, pois, ao mesmo tempo que pode responder de forma potente às diferenças de interesses, também pode gerar efeitos perversos. O autor destaca que o conflito pode levar a muitos ganhos, como a tradução intergrupala que permite a explicitação de posições. Mas, por outro lado, pode também gerar consequências negativas como “a violência e a mútua tentativa de *aniquilação* com desvantagens para a parte que está numa posição mais vulnerável” (Vanrochris Vieira, 2021b, p. 149).

Pedro (Bharbixas, 2018) afirmava que a recepção das pessoas ao time, em geral, era boa. No entanto, esse não era sempre o caso: “é lógico que, assim, dentro das redes sociais, por exemplo, não é raro um comentário homofóbico, não são raras ameaças de pessoas falando que, se souberem onde é que a gente joga, vai lá pra quebrar todo mundo na porrada, esse tipo de coisa”. Nessa direção, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) explicou que alguns dos integrantes do Bharbixas tinham medo de participar de campeonatos convencionais: “a gente teve alguns meninos que nunca haviam competido, que tinham muito medo da reação das pessoas. Os meninos tinham muito medo de participar, de serem agredidos, de ter isso”. Transcendendo o medo e fazendo referência a um contexto de violência concretizado no país, Lúcio (Bharbixas, 2023) lembrou da violência contra pessoas LGBTQIAPN+ ao falar sobre o surgimento do futebol praticado por essa comunidade: “eu, pelo menos, nunca imaginei que ia acontecer no Brasil. No Brasil, um país que mais mata LGBTs, pessoas ‘Ts’ no mundo, sabe?” Além dessas reflexões sobre tentativas ou concretizações de processos de aniquilação envolvendo pessoas LGBTQIAPN+, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) relatou um tipo de aniquilação de um indivíduo dentro do seu time, enquanto grupo. Um membro do ManoTauros foi expulso contra a vontade dele: “eles chegaram a expulsar um menino, que eu achei injusto. Aí, eles fizeram votação, deu 16 votos a 1 a favor do menino sair. Só eu que votei contra”.

Mas não é apenas sobre o papel do conflito na sociedade que Georg Simmel (1983) se distingue da abordagem de George Mead (1972). O entendimento deles também difere em relação ao papel do conflito na *consciência individual*. É que George Mead (1972) vê a dinâmica entre o eu e o mim como a simulação de um ato social que visa o consenso. Por outro lado, Georg Simmel (1983) entende que o *conflito interno* é tão importante quando o

conflito entre os grupos: “os processos de dentro do indivíduo são, afinal, do mesmo tipo. São, a cada momento, tão diversificados e contêm tal multiplicidade de oscilações variadas e contraditórias” (Georg Simmel, 1983, p. 129). No entanto, esse autor acredita que o conflito não se opõe à coesão, pois o embate gera, de forma produtiva, uma só consciência: “provavelmente, muito do que somos forçados a apresentar a nós mesmos como sentimentos misturados, como combinação de muitos impulsos, como competição de muitas sensações opostas, sejam inteiramente coerentes consigo mesmos” (*ibidem*, p. 129). Do mesmo modo, os conflitos entre grupos podem estar direcionados para a construção de uma composição coerente. No entanto, como argumentei em trabalho anterior, ao falar sobre a experiência de gays evangélicos, o conflito que opera na consciência dos indivíduos também tem potencial ambivalente: “o conflito interno pode aniquilar subjetividades possíveis [...], assim como o conflito concreto pode aniquilar sujeitos” (Vanrochris Vieira, 2021b, p. 168). Isso porque pude identificar gays evangélicos que haviam extinguido suas experiências religiosas ou sexuais devido ao conflito que viviam em suas mentes. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou como foi o seu conflito interno em torno de sua sexualidade na adolescência.

Até os meus 16 anos, eu sempre reprimi. É uma fase que é uma fase muito turbulenta. É uma fase de autoconhecimento. E eu tive que me reprimir, nessa época, porque eu queria seguir um sonho de ser jogador de futebol. E isso me afetou muito, porque chegou um momento que eu já não me sentia bem, não me sentia feliz ali. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Pedro (Bharbixas, 2018), por outro lado, relatou como o conflito que vivia externamente em relação ao futebol acabou levando a uma espécie de aniquilação interna da sua subjetividade em relação a esse esporte.

Perto da minha casa, na cidade que eu cresci, tinha uma quadra, e eu costumava jogar lá. Eu era teimoso, sabe? Ninguém que tava lá queria que eu jogasse com eles, mas eu ia lá e jogava mesmo assim. Mas, com o tempo, à medida que eu fui crescendo, eu fui perdendo a paciência e larguei o futebol de lado, parei de praticar, porque era um lugar onde eu não era bem-vindo e eu cansei de ficar dando murro em ponta de faca, digamos assim. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Assim como no meu trabalho anterior referenciado acima (Vanrochris Vieira, 2021b), também vê-se aqui a possibilidade de aniquilar sexualidades LGBTQIAPN+ ou identificações com o futebol devido ao conflito interno que pode se estabelecer entre os dois.

4.2.2 Competição, acomodação e assimilação

Com uma abordagem que enfatiza ainda mais os embates entre indivíduos e grupos, Robert Park e Ernest Burgess (2014) entendem que existem quatro tipos de interação: competição, conflito, acomodação e assimilação. Para eles, a *competição* seria o tipo mais básico. Através dela, os demais modos de interação surgiriam. Isso significa que, assim como as plantas e os animais, nós competimos uns com os outros o tempo todo por recursos e sobrevivência. Os autores defendem a existência de uma *ecologia humana*. Eles acreditam que a competição gera uma *cooperação competitiva*, pois o *desempenho* de um indivíduo acaba contribuindo para o bem-estar comum. Podemos pensar que, num time de futebol, pode haver uma competição entre os membros para que se destaquem entre os melhores jogadores, por exemplo. Mas essa competição é positiva para o próprio time, que fica mais forte por causa dela. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou como a competição entre os times LGBTQIAPN+ aumentou com o tempo, e como participar de campeonatos convencionais foi uma forma de reposicionar o Bharbixas em meio a essa competição.

Às vezes a gente fala assim: “ah, a gente foi campeão da primeira LiGay”. Só que era um nível muito mais abaixo do que é hoje, por exemplo, na LiGay, que é um nível competitivo bem alto. Aí, Bharbixas ganhou essa primeira LiGay e deixou de crescer, foi perdendo espaço, outros clubes foram crescendo, foram chegando novos jogadores, e o Bharbixas ficou num limbo, ali, onde não tava crescendo muito. E, aí, quando o Bharbixas começa a disputar essas competições com times heteronormativos, ou times tradicionais, aí, as pessoas começam a evoluir, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) enfocou outro tipo de competição entre times. Ele contou como ocorreu uma disputa por jogadores entre uma equipe já estabelecida e uma que acabara de se formar: “um dia, a gente fez um treino, e alguns jogadores do Felinos foram visitar a gente. Isso, cinco jogadores foram visitar a gente. Aí, como a gente era muito mais organizado, todos eles foram pro ManoTauros”. Como vimos na Seção 2.3.1 (p. 53), Ângelo (ManoTauros, 2018) também contou que, no 1º Champions LiGay, colocaram um goleiro que ele considerava menos habilidoso no seu lugar para dar mais a ele a oportunidade de participar. Assim, pode-se ver que os jogadores apresentam reflexões sobre competição entre times, sobre competição por jogadores e sobre competição entre jogadores de um mesmo time.

No entanto, Robert Park e Ernest Burgess (2014) destacam que nem sempre a competição gera *conflito*. Isso porque o conflito seria a forma assumida pela competição

apenas quando os envolvidos tomam consciência dela. Ou seja, em diversos momentos, os sujeitos competem sem se dar conta disso. Quando eles adquirem essa consciência, passam a ver uns aos outros como rivais ou inimigos, e, então, surge o conflito. Enquanto a competição define os lugares dos indivíduos na sociedade, o conflito “corrige” esses lugares.

O conflito é sempre consciente, e, de fato, evoca as emoções mais profundas e as mais fortes paixões e alista a maior concentração de atenção e de esforço. Tanto a competição quanto o conflito são formas de luta. A competição, no entanto, é contínua e impessoal, e o conflito é intermitente e pessoal. (Robert Park; Ernest Burgess, 2014, p. 132)

Portanto, a reflexividade sobre a competição faz com que ela se transforme em conflito, que é justamente o que esses jogadores fazem ao analisarem seu próprio cenário. Segundo Robert Park e Ernest Burgess (2014), mesmo quem não participa do conflito, toma um partido sobre ele. Por isso, ele implica em um julgamento. Inclusive, eleições e processos jurídicos são conflitos: “uma eleição, por exemplo, é um tipo de competição na qual contamos narizes, quando não se pode quebrar cabeças” (Robert Park; Ernest Burgess, 2014, p. 133). Curiosamente, os jogadores entrevistados tendiam a ser bastante diplomáticos em relação às situações nas quais eles não estiveram envolvidos. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), por exemplo, contou sobre o novo cenário do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte sem se colocar de um dos lados nos conflitos instaurados: “o Bharbixas é um time muito ideológico. E a ideologia deles não era compatível com jogar, igual a alguns times tavam jogando em pleno auge da pandemia. Então, eles decidiram não jogar”. Apesar de ter sido bastante objetivo no seu relato, é possível ver algum grau de posicionamento, por exemplo, quando ele destaca que alguns times estão jogando no “auge” da pandemia. A escolha dessa palavra aponta para um possível exagero e descontrole nas atividades realizadas por esses times no período.

A *acomodação*, segundo Robert Park e Ernest Burgess (2014), seria uma resposta possível à competição e ao conflito. Ela faz referência às modificações que os indivíduos ou grupos têm que realizar em razão desses dois primeiros tipos de interação. Para os autores, a acomodação é o principal “problema” do conflito. Isso porque ela faz com que a manifestação do conflito se dissolva. Mas ela não acaba com o conflito por completo, pois, por mais que pareça resolvido, ele sempre permanece latente. O conflito pode voltar a qualquer momento se a situação mudar, fazendo com que as forças que promovem a acomodação se desestabilizem. A acomodação é, portanto, uma forma de ajustamento que pode não só reduzir, mas também prevenir o conflito. Com o passar do tempo, podemos identificar que o Bharbixas acomodou-

se com a criação do ManoTauros, e o conflito que existia no início, arrefeceu-se. Lúcio (Bharbixas, 2023) contou de uma maneira muito conciliadora o ocorrido, seis anos depois.

Mas é um time que a gente deve todo respeito. É um time que existe ali e tá ali junto à gente na luta, tá ali com a gente levantando a bandeira. Então, todo o nosso respeito e solidariedade aos meninos, aí. Eles tiveram os motivo deles e muito plausível. Então, isso é história passada, já ficou no passado, já tá tudo resolvido. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

A *assimilação*, por sua vez, é um processo de ordem mais psicológica, relacionado à submissão e à concordância com o indivíduo ou grupo rival. A educação é uma forma de criar e manter assimilação: “a assimilação é um processo de interpenetração e fusão no qual pessoas e grupos adquirem as memórias, os sentimentos e as atitudes de outras pessoas ou grupos” (Robert Park; Ernest Burgess, 2014, p. 136). Enquanto a acomodação pode acontecer rapidamente, a assimilação, em geral, acontece aos poucos, de forma gradual. Além disso, ela tende a ser um processo inacabado, manifestando-se de forma moderada, ainda que possa estar bastante desenvolvida com o passar do tempo. Poderíamos dizer que a acomodação é como a “perda” no conflito, é dar a razão ao outro. Portanto, ela é o fim do processo começado pela competição.

O conflito, seja uma guerra ou uma greve ou uma mera troca de insinuações educadas, invariavelmente apontam problemas para uma ordem de acomodação ou para um social novo que, em geral, envolve um status que se modificou nas relações entre os participantes. É apenas com a assimilação que este antagonismo, latente na organização de indivíduos ou grupos, pode vir a se tornar totalmente dissolvido. (Robert Park; Ernest Burgess, 2014, p. 135)

Na acomodação, as pessoas costumam estar bastante cientes do processo (como num tratado de guerra). Na assimilação, por outro lado, o processo costuma acontecer sem que as pessoas tomem consciência dele. Devido à natureza relativamente recente dos conflitos que estamos discutindo neste trabalho, ainda não é possível identificar de forma evidente os processos dessa natureza. No entanto, é possível pensar que, de algum modo, processos de acomodação e, até mesmo, de assimilação começam a existir em relação à forma como jogadores de times convencionais têm aprendido a lidar com times LGBTQIAPN+. Inicialmente, os primeiros se opõem aos segundos, mas, em seguida, eles passariam a admirá-los.

O primeiro aspecto é sempre de piada, de piadas machistas, homofóbicas. Mas, quando realmente começa... sempre quando começa o jogo... é mais admiração. Sempre fica a questão de admiração, porque as pessoas acham que o gay não tem

essa capacidade, que a pessoa LGBT não tem essa capacidade técnica, por exemplo, pra jogar futebol. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Por isso, é possível perceber que, apesar de não refletirem diretamente sobre assimilações que eles próprios vivenciavam, esses jogadores, de certo modo, faziam referência indiretamente ao início de um processo de assimilação do futebol cisheteronormativo em relação ao futebol LGBTQIAPN+.

4.2.3 Definição da situação

William Thomas (1923) aponta outro papel importante do conflito para a vida social, afirmando que ele faz parte de todo e qualquer processo interacional. Isso porque existem diferentes definições da situação que determinam toda a forma como os indivíduos se posicionam a cada momento. *A definição da situação* é a seleção cognitiva dos elementos capazes de explicar e organizar um momento interacional.

Antes de qualquer ato autodeterminado de comportamento há sempre um estágio de exame e deliberação que nós podemos chamar de *a definição da situação*. E, na realidade, não apenas atos concretos são dependentes da definição da situação, mas gradualmente toda uma política de vida e a personalidade do indivíduo em si acompanham uma série dessas definições.¹²⁵ (William Thomas, 1923, p. 42, tradução minha, grifo do autor)

Em outras palavras, William Thomas (1923, p. 81, tradução minha) entende que “a definição da situação é equivalente à determinação da vagueza”¹²⁶. O autor afirma que, nas sociedades tradicionais, não havia muita vagueza a ser determinada. No entanto, nas sociedades modernas, quase todas as situações tornaram-se vagas.

[...] se a história do mundo é o desdobramento da vontade de Deus, se as pessoas podem beber vinho, se a teoria da evolução deve ser ensinada nas escolas, se o matrimônio é indissolúvel, se a vida sexual fora do matrimônio é aceitável, se os fatos do sexo devem ser ensinados às crianças, se o número de crianças nascidas deve ser voluntariamente limitado, – essas questões tornaram-se vagas. Há *definições rivais da situação*, e nenhuma delas é obrigatória.¹²⁷ (William Thomas, 1923, p. 82, tradução minha, grifo meu)

¹²⁵ Do original: “Preliminary to any self-determined act of behavior there is always a stage of examination and deliberation which we may call *the definition of the situation*. And actually not only concrete acts are dependent on the definition of the situation, but gradually a whole life-policy and the personality of the individual himself follow from a series of such definitions.”

¹²⁶ Do original: “The definition of the situation is equivalent to the determination of the vague”.

¹²⁷ Do original: “[...] whether the history of the world is the unfolding of the will of God, whether men may drink wine, whether evolution may be taught in schools, whether marriage is indissoluble, whether sex life

Segundo o autor, o conflito surge a partir do momento em que os indivíduos introduzem *novas definições da situação*, posicionando-se de uma maneira diferente em relação aos valores convencionais, alterando os planos de ação e, por isso, gerando “desordem” e desarranjo das normas vigentes. William Thomas (1923) explica que cada indivíduo realiza a sua definição da situação, mas isso não é feito de forma autônoma. É que existe uma série de definições gerais da situação compartilhadas pelo grupo ao qual o indivíduo pertence. Por isso, há um tensionamento entre as definições da situação espontâneas do indivíduo e aquelas que o grupo lhe provém. Nesse sentido, o futebol LGBTQIAPN+, como uma redefinição do futebol convencional, por mais que seja inovador, sempre vai se construir em cima da definição tradicional do futebol, em algum grau. Segundo William Thomas (1923), uma série de fatores está relacionada ao processo de definição da situação.

As posturas de uma dada pessoa em um dado momento são resultado do seu temperamento original, das definições da situação dadas pela sociedade durante o curso de sua vida, e de suas definições pessoais da situação derivadas de sua experiência e reflexão. O caráter do indivíduo depende desses fatores.¹²⁸ (William Thomas, 1923, p. 241, tradução minha)

O próprio surgimento do futebol LGBTQIAPN+ é uma redefinição da situação do lugar de pessoas não cisheteronormativas nesse esporte, e essa redefinição gera conflito. Mas dentro desse movimento também há definições concorrentes, como a tensão entre “festa” e “futebol” que marca o início do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte (Seção 2.3.1. p. 53). Nesse sentido, Ângelo (ManoTauros, 2018) apontou para uma situação em que, para ele, o futebol estava sendo enquadrado como circo.¹²⁹

Durante a LiGay, colocaram o som muito alto. Muito alto. E, aí, o menino do Bravus foi e falou assim: “olha, o som não pode tar alto, que é impossível escutar o apito”. E o menino que organiza, que é o do BeesCats, falou: “ah, mas as pessoas não tão aqui só pelo futebol. As pessoas vieram ver pela música”. Tipo, como fosse um

outside of marriage is permissible, whether children should be taught the facts of sex, whether the number of children born may be voluntarily limited, – these questions have become vague. There are rival definitions of the situation, and none of them is binding.”

¹²⁸ Do original: “The attitudes of a given person at a given moment are the result of his original temperament, the definitions of situations given by society during the course of his life, and his personal definitions of situations derived from his experience and reflection. The character of the individual depends on these factors.”

¹²⁹ Aira Bonfim (2019), bem como Caroline Almeida e Thaís Almeida (2020), mostra que o início do futebol praticado por mulheres no Brasil esteve relacionado aos circos, com as partidas sendo apresentadas como atrações circenses.

circo. Circo mesmo, no sentido: “ah, veio aqui por ver o gay dando cambalhota, fazendo performance, não veio aqui pra ver futebol”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) lembrou da disputa inclusão versus competitividade, diferentes formas de definir o tom do futebol LGBTQIAPN+, e como ela marcou a cisão entre Bharbixas e ManoTauros.

Tinham dois jogadores [Eduardo e Ângelo], na época, que eram do Bharbixas, e que tinha muito essa questão de inclusão versus competitividade. Elas achavam que, da forma que o Bharbixas era, as coisas não eram levado a sério, mesmo depois de ter sido campeão. Então, eles acabaram se dividindo... e essas duas pessoas saíram do Bharbixas e montaram uma outra equipe, que foi o ManoTauros. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele também estendeu essa mesma disputa para o contexto da história dos times LGBTQIAPN+ em geral.

A proposta inicial do Bharbixas, eu acho que, no contexto geral, né, do futebol LGBT, era uma proposta de inclusão mesmo, de agregar todas as pessoas LGBTs. Inicialmente, sem ser de forma competitiva. Era só pra que as pessoas se juntassem, e aquele movimento ali fizesse com que pessoas que, por exemplo, que não conseguiram jogar futebol na infância, conseguisse jogar ali, por exemplo. Ter um espaço seguro pra que essas pessoas pudessem praticar o futebol sem nenhum julgamento, sem questões de, por exemplo, de técnica. Onde as pessoas fossem ali e se divertissem. Esse era o princípio de todas as equipes LGBTs, né, que depois acabou se tornando uma coisa muito mais competitiva, e perdeu-se um pouco dessa inclusão. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Também Daniel (ex-Bharbixas, 2023) revelou como os “times hétero” contra os quais o Inconfidentes Pride jogava definiam a situação ao saber que jogariam com um time LGBTQIAPN+.

Inicialmente, é sempre a piada, né? Porque a gente chega lá... a braçadeira de capitão, por exemplo, são as cores do arco-íris. Sempre tem uma alusão à bandeira LGBT nas camisas. Tem a logo da LiGay nas camisas, então, o primeiro aspecto é sempre de piada, de piadas machistas, homofóbicas. É sempre isso. A gente tá ali na hora do aquecimento e tá ouvindo piadinhas. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

É interessante notar que o que define a situação como piada para os times adversários é, em grande medida, os símbolos que o time carrega, como as cores da bandeira LGBTQIAPN+. No entanto, Lúcio (Bharbixas, 2023), falando sobre a participação do Bharbixas em “campeonatos hétero”, apontou como essa situação é redefinida pelos times. Inicialmente vistos como piada, eles passam a ser vistos como adversários de respeito.

E, vira e mexe, acontecia, infelizmente, algum comentário fora de quadra, né, alguma situação desagradável. Mas a gente respondia com o futebol. Então, a gente jogava lá de igual pra igual com os times, e o pessoal: “nossa, mas os viado jogam muito, os viado jogam bem” e tal. Aí, fala: “ah, é pois é! É pra isso mesmo que a gente tá aqui, né, pra ficar...”, sabe? Então, a gente retrucava eles, mostrando o nosso futebol, mostrando que a gente também é pertencente nesse espaço, a gente também merecedor de estar ocupando esse espaço. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) é outro jogador que falou sobre essa reconfiguração da situação feita pelos times nos campeonatos convencionais: “hoje, já... exatamente por mostrar nosso valor, já não se tem a visão que é um time gay, então será fácil vencer. Nós conseguimos dentro de campo se impor e mostrar quem somos”. Lúcio (Bharbixas, 2023) também apontou que as piadas são uma forma de definição da situação para as pessoas LGBTQIAPN+ no futebol convencional, indicando-lhes que não pertencem àquele espaço.

O povo tinha algumas piadinhas, tinha algumas coisas de cunho homofóbico, que eles faziam entre eles mesmo, aquela coisa toda. E, mesmo não sendo diretamente pra mim, me incomodava. Começava a me incomodar. [...] É uma brincadeira [ênfase em “brincadeira”], entre aspas, entre os héteros, assim, tudo, mas que, de certa forma, é pra própria pessoa LGBT que tá ali perto... ela não se sente bem, ela não se sente acolhida. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

William Thomas (1923) ressalta como os *rótulos* funcionam como uma maneira forte e concisa de definição da situação. Quando os times e jogadores de futebol LGBTQIAPN+ são rotulados como “afeminados” ou “heteronormativos”, por exemplo, isso traz todo um quadro de elementos capaz de lê-los e de determinar o comportamento que se espera deles. Mas o autor ressalta que há também formas não verbais de definir a situação.

Piscadelas, dar-de-ombros, cutucadas, risos, chacotas, arrogância, frieza, olhar-de-cima-a-baixo são também linguagens que definem a situação de formas dolorosamente sentidas como identificações desfavoráveis. O sorriso de escárnio, por exemplo, é a ânsia de vômito, ou seja, “você me dá nojo”.¹³⁰ (William Thomas, 1923, p. 50)

O autor destaca que as definições da situação não são estanques, uma vez que “toda nova invenção, todas as chances de convivência, todo novo ambiente tem a possibilidade de redefinir a situação e de introduzir mudança, desorganização ou um diferente tipo de

¹³⁰ Do original: “Winks, shrugs, nudges, laughter, sneers, haughtiness, coldness, ‘giving the once over’ are also language defining the situation and painfully felt as unfavorable recognition. The sneer, for example, is incipient vomiting, meaning, ‘you make me sick.’”

organização na vida de um indivíduo ou mesmo do mundo inteiro”¹³¹ (William Thomas, 1923, p. 71, tradução minha). Por isso, as redefinições da situação realizadas pelos indivíduos levam à mudança social. Evidentemente, o futebol LGBTQIAPN+ é uma redefinição da situação das pessoas não cisheteronormativas nesse esporte. Essa nova definição trouxe mudanças imediatas, como a criação de times, da liga e de campeonatos para essa comunidade. No entanto, a expectativa é que as mudanças se estendam para além desse circuito e gerem impacto também no futebol convencional. A mudança de olhar dos times cisheteronormativos em relação aos times LGBTQIAPN+ ao participam de torneios convencionais pode ser vista como um início desse processo.

Em alguns momentos, os jogadores entrevistados não demonstraram uma maior reflexão sobre alguns processos de definição da situação. Quando perguntei para Cláudio (ManoTauros, 2023) de que forma ele chamava o futebol praticado pelos times da LiGay, ele apenas respondeu: “alguns falam futebol gay, mas a maioria é futebol LGBT mesmo”. Talvez ele já tenha feito alguma reflexão a respeito do que significa usar um ou outro termo, mas, na entrevista, ele não demonstrou esse processo. Como vimos no Capítulo 2 (p. 21), o termo “futebol gay” é excludente em relação a outras identidades, por isso foi substituído de forma oficial recentemente pela LiGay. Outro momento em que essa aparente falta de reflexão se apresentou foi quando Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) afirmou que nunca sofreu discriminação ao jogar em times convencionais: “graças a Deus nunca tive experiências ruins nos times héteros que joguei. Sempre a maioria sabe da minha orientação, e sempre me respeitaram muito. Tentavam me deixar o mais à vontade possível”. Ele não apresentou, pelo menos não de forma explícita, uma reflexão sobre o porquê disso. Seria, talvez, porque ele tem uma manifestação de gênero mais amasculada?

4.2.4 Identidade e diferença

Se Georg Simmel (1983) explica que o conflito está na base da formação e dissolução dos grupos, Tomaz Silva (2014) indica como esse processo também é constitutivo da formação identitária de sujeitos pertencentes a diferentes grupos sociais. O autor ressalta que a identidade só existe a partir da diferença, pois aquilo que somos, ao mesmo tempo, é também aquilo que não somos. Além de interdependentes, identidade e diferença são

¹³¹ Do original: “Every new invention, every chance acquaintanceship, every new environment, has the possibility of redefining the situation and of introducing change, disorganization or different type of organization into the life of the individual or even of the whole world”.

resultado de *criações linguísticas*. Como explica o autor, isso significa que as identidades “não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser *ativamente produzidas*” (Tomaz Silva, 2014, p. 76, grifo meu), e essa produção é sociocultural. Por isso, criar identidades é separar em grupos o mundo social. José Salgueiro (2016) explica como identidade e diferença são constitutivamente relacionadas.

Qualquer que seja a fundamentação conceitual ou as considerações constitutivas que se use, quando abordado, o tema da identidade engloba dois processos básicos: a diferença e a igualdade. Ser diferente “de” e ser igual “a”. A identidade, portanto, pressupõe o outro, para que essa condição de igualdade e/ou de diferença possa ser estabelecida: percebemo-nos como iguais e como diferentes, conforme os grupos sociais que contactamos e interagimos. É por meio desses outros – iguais ou diferentes – que o sujeito se constitui. (José Salgueiro, 2016, p. 65)

Lúcio (Bharbixas, 2023) me contou como a identidade do Bharbixas foi criada muito em relação aos demais frequentadores de um ambiente que os membros do time ocupavam: “somos as bichas de bar, na capital de Belo Horizonte. E a gente sentiu super bem. E a gente falou: ‘ah, é isso mesmo: nós somos as bichas de bar, é isso aí, que joga bola e tá tudo bem’”. Ser bicha, nos bares que frequentavam, era algo que destoava e chamava atenção. É pela diferença com os demais frequentadores que a identidade Bharbixas foi ativamente e linguisticamente produzida.

Tomaz Silva (2014) destaca que os supostos fundamentos naturais para separação das pessoas em grupos distintos são, na verdade, culturais. Isso porque o mundo só faz sentido a partir de uma leitura carregada de significações. Os nossos conhecimentos sobre a natureza são sempre interpretações, o que faz com que as *representações* tenham um papel fundamental nesse processo. Mas o autor afirma que identidade e diferença são tão instáveis quanto a linguagem da qual elas dependem para serem definidas. Tomaz Silva (2014) explica que isso se relaciona às *dinâmicas de poder* em torno delas.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (Tomaz Silva, 2014, p. 81)

Roberto (Bharbixas, 2018) fez uma reflexão sobre a identidade do seu time, identificando que os membros tinham um certo perfil que, na prática, destoava do discurso que existia sobre ela: “o Bharbixas também, a maioria dos que ficam no núcleo do time

também, eu acho que são de classe média, sabe? Então é um time que prega a pluralidade, mas ele não é totalmente plural nesse ponto, eu acho”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), por outro lado, ressaltou como a identidade de afeminado do Bharbixas foi atribuída externamente. No entanto, tornou-se imediatamente autoafirmada.

Essa alcunha de time afeminado surgiu no Rio de Janeiro, na competição, na 1ª Champions LiGay, porque as outras equipes tinham um padrão mais normativo. E ninguém acreditava, por exemplo, que o Bharbixas pudesse ser campeão da 1ª Champions LiGay. [...] E, aí, aquela questão de você ressignificar algumas palavras. Por exemplo, se um time achava que o Bharbixas era um time afeminado, a gente usava a alcunha de afeminado pra mostrar que a gente tinha capacidade da mesma forma. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Guacira Louro (2000, p. 68) também afirma que “as identidades fazem parte dos jogos políticos, ou melhor, as identidades *se fazem* em meio a relações políticas”. Nesse sentido, Tomaz Silva (2014) resalta que a capacidade de definir as identidades é um grande poder ligado às demais relações assimétricas de forças em uma sociedade. Além disso, o autor destaca que o estabelecimento de identidades nunca é um processo inocente. A dinâmica das identidades passa pelo pertencimento e pela inclusão, bem como pelo não pertencimento e pela exclusão. Trata-se de definir quem está do mesmo lado que eu, no mesmo grupo que eu, quem é como eu, e quem não é: “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’” (Tomaz Silva, 2014, p. 82).

Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou por que ele e Eduardo queriam criar uma imagem *oposta* à dos Bharbixas para o ManoTauros: “até pra falar: ‘ó, eles são eles, e a gente é a gente’. E é difícil não ser assim. A sua identidade, sempre começa a partir do outro, né? Eles já existiam”. É interessante como essa fala dele é quase idêntica à explicação de Tomaz Silva (2014) sobre o tema. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou como era o perfil dos membros do ManoTauros quando ele foi formado, muito em oposição ao que o Bharbixas tinha na época.

Era um outro padrão de atletas. Eram pessoas que tinham mais vivência com futebol realmente, que já viviam dentro do futebol, que já jogavam futebol, que se identificavam e que realmente tinha um padrão mais heteronormativo mesmo... que existe, pelo menos visualmente. Falo visualmente. Existia um padrão heteronormativo nessa equipe mesmo. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Como temos visto neste texto, a manifestação de gênero dos membros dos dois times é um elemento central na construção de suas identidades, bem como na diferenciação entre

elas. Entretanto, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) comparou as identidades do Bharbixas e do ManoTauros as comparando com as do Cruzeiro e do Atlético Mineiro, que já são carregadas de representações, e estabelecendo umas em relação às outras.

Tipo, ManoTauros era o time dos manos, e o Bharbixas a elite. Tanto que já foi falado que, por isso, chamava ManoTauros [ênfase em “Mano”]. Mas isso nunca foi um insulto. Eles [Bharbixas] consideravam o ManoTauros um time pobre, de gente mais humilde, “mano” mesmo. E o Bharbixas – é igual eles falavam – era a torcida do Cruzeiro, e o ManoTauros a torcida do Atlético. É a favela e a elite. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

É interessante que, aqui, as identidades dos dois times não são definidas por diferenças nas manifestações de gênero dos jogadores, mas sim por questões de classe. A palavra “mano” é usada, nesse contexto, para se referir não ao gay amasculado, mas a alguém de baixa renda. Ao falar sobre o Inconfidentes Pride, time que fundou, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) também fez isso comparando-o com o Bharbixas.

Primeiro que ele é só baseado em futebol, ele não tem outras modalidades, tá? Ele é um time basicamente voltado pra competição, e não só para competições inclusivas. Enquanto que, por exemplo, no Bharbixas, isso era quase que impossível [voz de riso] acontecer. Então, basicamente é isso. É um clube mais voltado pra competição. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Aqui, aparece, ainda, outro fator identitário importante do Bharbixas: não ser voltado de forma privilegiada para competição, mas sim para a recreação e a inclusão. Nesse aspecto, o ManoTauros, na época de sua formação, e o Inconfidentes Pride se diferenciavam dele. A fala de Daniel (ex-Bharbixas) ainda aponta mais algumas diferenças: o Bharbixas era voltado para competições LGBTQIAPN+ e, além disso, era uma equipe poliesportiva. Já o Inconfidentes Pride, bem como o ManoTauros no contexto pós-pandemia, voltam-se também para as competições convencionais, além de focarem apenas no futebol, e não em outros esportes.

Mas dividir pessoas em grupos também significa classificá-las e hierarquizá-las. Por isso, ter o privilégio de definir identidades também é poder atribuir *valores diferentes* aos grupos. As divisões mais importantes são as binárias, pois, nelas, um dos grupos adquire um status positivo e o outro negativo. Isso porque uma das identidades é definida como a *norma*, assumindo o topo da *hierarquia*.

Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente

como *a* identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (Tomaz Silva, p. 83, grifo do autor)

No futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte, inicialmente, a identidade do Bharbixas era hegemônica: era o primeiro e maior time da cidade. No entanto, com o surgimento dos demais times, ela é quem passou a ser a demarcada, como indicou Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “o que era o diferente mesmo era o Bharbixas, não era o resto. O Bharbixas ficou sendo algo excepcional”. Isso porque elementos como a autoafirmação da afeminação, a defesa da inclusão e o foco em diversos esportes eram característica apenas do Bharbixas, e os demais times tinham perfis diferentes do dele e parecidos entre si, como afirmava Ângelo (ex-ManoTauros, 2023). Em termos de reflexão sobre hierarquias, os jogadores apontavam para as relações binárias das identidades de homens hétero e homens gays. Nelas, o primeiro é relacionado ao domínio do futebol e o segundo à incapacidade.

Um torcedor do adversário gritou para mim: “chuta nessa franguinha aí, que ela gosta de dar o cu!” Isso só me deu mais forças para fechar o gol e ainda ser eleito o melhor goleiro daquele série C. Tanto que no final falei: “a franguinha que gosta de dar o cu foi eleito a melhor goleira, beijos e aceitem” [risos] (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

É interessante como Eduardo (ManoTauros, 2023) não nega a identidade atribuída a ele pelo outro, mas sim busca inverter a hierarquia entre ela e a identidade do outro. A “franguinha” vista como incompetente, mostra-se campeã. Roberto (Bharbixas, 2018) ressaltou a desconstrução dos estereótipos de incompetência do gay no futebol.

Primeiro que é um choque pros homens hétero: “mas gay joga futebol?” Joga. Eles não aceitam porque sempre foi símbolo de masculinidade. E, aí, a maioria dos gays não jogavam por quê? Porque eles não se sentiam bem naquele meio, eram repreendidos, então, criou-se essa ideia de que gay não joga futebol. Quando eles veem gay jogando futebol: “mas gay joga futebol?” E quando joga, e vê que joga bem... E não adianta “ah, chuta forte igual homem, parece viadinho!” Não, viado também chuta forte! Viado também dá porrada, bate também. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Aqui, Roberto (Bharbixas, 2018) tenta buscar uma relação de simetria entre as identidades: gays e héteros teriam a mesma capacidade, independentemente da sua sexualidade. Segundo Cláudio (ManoTauros, 2023), até mesmo a arbitragem dos campeonatos convencionais agia de forma diferente com os times LGBTQIAPN+ por causa da identidade de seus jogadores.

Até questão de arbitragem, porque, antes, o meio gay, assim, pra disputar competição, sempre a arbitragem também era contra. Nem a arbitragem respeitava. Então, à medida que a gente foi ganhando e foi crescendo na competição, a arbitragem foi nos respeitando também, sempre... Às vezes, tinha lances que não dava pró a gente, cê entendeu, por achar que é inferior. Então, a gente foi ganhando respeito aos poucos. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Mas, ao falar sobre a popularidade do Bharbixas entre os times brasileiros, Roberto (Bharbixas, 2018) apontou uma identidade que não é binária, e que, por isso, poderia se destacar sem que as outras fossem negativizadas: “outra, se eu puder ser bairrista aqui, por ser mineiro, e eu acho que mineiro é bem recebido onde vai. Então, tem um carinho especial por Minas, por BH”. Também falando sobre identidades múltiplas, um membro do Futeboys (SP) com quem conversei na 5ª edição do Champions LiGay (2019), falou-me sobre a variedade de perfis identitários de times e de como ele achava que não havia problemas nessa divisão.

Você vê times que são mais pocs. Você tem time que são mais bombados e coisas do tipo, assim. E eu acho que isso é meio que quase natural da sociedade de organização de grupos parecidos. Então, eu acho que existe separação, mas é um meio reflexo da sociedade, assim, sabe? O grupo de *bears*, o grupo de pessoas que são pocs, o grupo de pessoas que são, sei lá, padrãozinho. Enfim, os grupos. Eu acho que existe, mas eu não sei o quanto que ele é excludente, sabe? (Membro do Futeboys, 2019)

Também um membro do Capixabas (ES), com quem conversei no mesmo evento, fez um comentário que complementa bastante o anterior. Ele destacou que esse processo ocorre mais fortemente em cidades que têm muitos times diferentes.

Não só isso, né? Cê vê também classes sociais diferentes. Com mais uns times você vê nitidamente. Isso é mais comum em cidade que é possível cê ter mais de um time. Na nossa cidade só veio um time. Então, pra gente formar um time, cê acaba tendo que reunir pessoas de todas as classes, todos os grupos, senão cê não consegue formar. Mas os times de São Paulo e Rio você vê nitidamente que eles se juntam por afinidade. Mas acho que isso é natural, né? As pessoas se gostam por afinidades. Então, não vejo isso como um problema. Mas realmente você vê uma diferenciação. Por questão de afeminados (é, ou não) e também em questão de classes, gostos, etnias. Eu acho que é natural isso. (Membro do Capixabas, 2019)

Aqui, há uma valorização das diferenças e uma legitimação da formação de grupos distintos em torno delas. No entanto, segundo Tomaz Silva (2014), é possível pensar que o “*outro*” é sempre uma ameaça para a norma, mas, ao mesmo tempo, ela precisa dele para manter-se no poder. Sem a alteridade, a identidade normativa não é nada. Nesse sentido, o autor argumenta que “o anormal é inteiramente constitutivo do normal. [...] Aquilo que é

deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’” (Tomaz Silva, 2014, p. 84). O autor destaca que os *hibridismos* – racial (miscigenação), religioso (sincretismo), etc. – são uma forma de questionar e desestabilizar os sistemas identitários. No entanto, ele nos lembra de que esses processos nem sempre acontecem de forma pacífica, vindo muitas vezes de relações de “ocupação, colonização e destruição” (*ibidem*, p. 87). É o caso da escravização de povos africanos no Brasil, por exemplo. Para o autor, nas viagens, por sermos “estrangeiros”, podemos aproveitar as potencialidades e desafios de ter uma identidade instável. Tomaz Silva (2014) também destaca a potência da fluidez do gênero e da sexualidade, fazendo referência à teoria *queer*.

A possibilidade de ‘cruzar fronteiras’ e de ‘estar na fronteira’, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter ‘artificialmente’ imposto das identidades fixas. O ‘cruzamento de fronteiras’ e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação de identidades. A evidente artificialidade da identidade das pessoas [...] que se apresentam como *drag-queens*, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de *todas* as identidades. (Tomaz Silva, 2014, p. 89, grifo do autor)

Na mesma linha da discussão sobre performatividade de Judith Butler (2003), Tomaz Silva (2014) destaca que enunciados que soam como descrições de identidades, na verdade, são o que fazem com que elas sejam construídas. Nesse sentido, o autor ressalta que “a eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição” (Tomaz Silva, 2014, p. 93-94). É o caso de enunciados como “gays não sabem jogar futebol”, por exemplo. Intervir na repetição desses enunciados é o que possibilitaria mudanças sociais. De fato, o futebol LGBTQIAPN+ é um excelente exemplo do hibridismo e de *vivência de fronteira* apontados pelo autor, unindo identidades conflitantes – pessoas LGBTQIAPN+ e jogadores de futebol – em um mesmo grupo.

Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021b), discuti as tensões entre a religião evangélica e as vivências LGBTQIAPN+. Ângelo (ManoTauros, 2018) e um membro do Afronte (SP) que estava hospedado na casa dele durante o aniversário do Bhabixas no Mineirão me contaram de situações envolvendo o futebol que também indicavam formas de superação das dicotomias identitárias. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), as duas treinadoras do ManoTauros eram evangélicas. Esse membro do Afronte (SP), por sua vez, disse-me que havia um jogador evangélico no seu time. Ele me contou, ainda, que já jogou em um time da Igreja Universal, em que os membros sabiam que ele era gay, mas nunca teria sofrido preconceito.

Guacira Louro (2000, p. 72) também chama a atenção para o potencial desestruturador de identidades que tem a juventude: “os corpos de adolescentes e jovens, em sua pluralidade de tribos e gangues, desafiam, espetacularmente, as divisões dicotômicas. A multiplicidade de modos de ser e de aparecer coloca sob suspeita as definições tradicionais de classe, gênero, sexualidade, etnia”. Ela também fala de como os jovens colocam em prática a ideia de “*corpo como projeto*”, que é a construção deliberada de uma aparência física que busca refletir a identidade do indivíduo de forma evidente. Não obstante a toda essa discussão sobre identidades, Rafael Fernandes (2013) nos alerta para uma ressalva importante.

As categorias sociais se, na academia, exigem uma conceituação precisa, na dimensão empírica tem contornos bem menos claros. As classificações a partir de critérios de gênero e sexualidade, que sempre implicam de forma mais ou menos radical em divisões, são instrumentos políticos, já que classificar é, no mesmo ato, interpretar a realidade. (Rafael Fernandes, 2013, p. 10-11)

Isso significa que a forma como nós pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadoras colocamos os sujeitos em determinadas identidades identificadas por nós é um ato político que influencia na forma como a identidade e a diferença entre eles se estabelece frente às nossas análises.

4.3 DISCURSOS

Assim como os conflitos, os discursos são outro tema sobre o qual os jogadores dos times LGBTQIAPN+ refletiram bastante quando entrei em contato com eles. Sejam os discursos cisheteronormativos contra os quais eles se opõem, ou os discursos de seus próprios times e dos times rivais, ou o discurso de inclusão do futebol LGBTQIAPN+. Será possível perceber, nas seções seguintes, que o tema do discurso é, de certa forma, uma continuidade da discussão sobre o conflito. Isso porque as disputas por sentido, ligadas às formas como diferentes grupos acionam a linguagem, são um fator essencial nessa discussão. Na Seção 4.3.1 (p. 302), discutirei, tendo como base Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981)¹³², como os discursos se relacionam com os grupos sociais. Na Seção 4.3.2 (p. 311), com a ajuda de Michel Foucault (1999a, 1999b, 1999c), tratarei de como os discursos estão imbricados com

¹³² Há um dissenso sobre a autoria do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929). A obra foi inicialmente atribuída a Mikhail Bakhtin. Contudo, recentemente, difundiu-se a afirmação de que, na verdade, o autor dela é Valentin Volóchinov, que fazia parte do grupo de pensadores conhecido como “Círculo de Bakhtin”. Como a edição da obra utilizada neste texto traz Mikhail Bakhtin como autor, irei me referenciar a ela pelo nome dele, mas também indicarei o nome do autor ao qual a obra tem sido atribuída na sequência, entre parênteses.

as relações de poder. Na Seção 4.3.3 (p. 316), recorrerei a Norman Fairclough (2016) para pensar sobre o papel das mudanças discursivas. Por fim, na Seção 4.3.4 (p. 320), tratarei da materialidade dos discursos.

4.3.1 Discurso e grupos sociais

George Mead (1972) chama de “gestos” os estímulos trocados pelos indivíduos envolvidos em um ato social. Porém, para o autor, existe um tipo especial de gestos, os *gestos significantes*. Eles seriam apenas aqueles que evocam no indivíduo que os executam a mesma ideia que é evocada nos demais indivíduos envolvidos no ato social. Esse seria o *significado* do gesto. O autor chama de *linguagem* o compartilhamento de significados e de *comunicação* os atos sociais mediados pela linguagem. É necessário observar que o processo de comunicação concebido por George Mead (1972) apaga o conflito. Afinal, todos os indivíduos têm que ter o mesmo entendimento a respeito de cada gesto – incluindo cada palavra. Assim, o dissenso e a existência de compreensões conflitantes em relação aos significados seria um entrave à comunicação.

O que a linguagem parece carregar é um conjunto de símbolos respondendo a certos conteúdos que são *mensuravelmente idênticos* na experiência dos diferentes indivíduos. Se tiver que ser comunicação enquanto tal, o símbolo tem que significar a mesma coisa para todos os indivíduos envolvidos.¹³³ (George Mead, 1972, p. 54, tradução minha, grifo meu)

Nesse sentido, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) fez questão de explicitar o significado de uma palavra que havia usado, para que eu não pensasse que ele estava falando de futebol “profissional” em oposição a “amador”: “era de uma coisa muito incipiente, né, lá no início, pra uma coisa hoje muito mais profissional. Profissional, assim, né, não profissional, no sentido profissional, mas no sentido que comparar os times hoje com os times de 2017, é bem diferente, né?”

Para George Mead (1972), a sociedade perfeita seria aquela em que todas as pessoas compartilhassem “os mesmos sentidos a respeito de tudo, não havendo nenhum conflito em relação aos processos de significação” (Vanrochris Vieira, 2021b, p. 144). No entanto, outras autoras, autores e autoras destacam que a disputa por significados é inerente à linguagem.

¹³³ Do original: “What language seems to carry is a set of symbols answering to certain content which is measurably identical in the experience of the different individuals. If there is to be communication as such the symbol has to mean the same thing to all individuals involved.”

Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981) é um deles. O pensamento do autor é construído sobre uma base marxista, tomando como referência os conflitos de classe, calcados na relação capital-trabalho. No entanto, como argumentei em trabalhos anteriores (Luciana Oliveira; Vanrochris Vieira, 2015; Vanrochris Vieira, 2021b), a teoria do autor também é valiosa e eficaz para a análise de diversos outros tipos de disputas intergrupais, como as relacionadas a gênero, sexualidade, raça, religião ou localidade.

Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981) entende que os discursos são diferentes formas de se usar a linguagem. Eles são constituídos a partir de *enunciados* que compartilham características em comum. Quando estão relacionados aos diferentes *grupos sociais*, o autor os referencia como *discursos sociais* e afirma que eles são diretamente conectados a *ideologias*. Esses discursos são falas sociais que dão a ver os pontos de vista compartilhados pelos sujeitos que são membros dos grupos que os utilizam: “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas”¹³⁴ (Mikhail Bakhtin [Valentin Volóchinov], 1981, p. 30). Carmen Rial (1995) explica como o pensamento do autor se reflete na diversidade de grupos sociais.

[...] Bakhtin entendia que as línguas eram divididas internamente, por dialetos regionais, mas também pelas diferentes posições ocupadas pelos falantes na estratificação social. Variações de classe, de etnia, de profissão, de idade e de gênero criam assim linguagens específicas no interior de um mesmo código, coexistindo em competição permanente. (Carmen Rial, 1995, p. 14)

Cláudio (ManoTauros, 2023) demonstrava a reprodução de um discurso de inferiorização do gay no futebol ligado a homens cisheteronormativos: “a gente sempre foi chacota inicialmente, né? E, então, assim, chegava no vestiário, era o pessoal comentando: ‘ah, hoje é jogo pra ganhar fácil! Ah, é jogo pra ganhar muito!’ Então, assim, sempre era menosprezado”. Por outro lado, um membro do Afronte (SP) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) demonstrou a construção de um discurso coeso em relação ao futebol LGBTQIAPN+: “então, o propósito maior é divulgar, expor ao mundo que o futebol não tem gênero. Ele é pra todos. Então, o principal propósito é esse”.

Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981) nega uma visão subjetivista da linguagem, apontando que os enunciados não são criações individuais dos sujeitos

¹³⁴ Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981, p. 31) explica o conceito de *tema* da seguinte maneira: “admitamos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de tema do signo”.

enunciadores, mas têm natureza social e compõem-se em resposta uns aos outros, da mesma forma que elos em uma cadeia dialógica. Esse *dialogismo* “faz com que, num mesmo enunciado, seja possível perceber diferentes vozes: a do sujeito enunciador, a do sujeito para qual o enunciado se dirige e, frequentemente, a voz sobre a qual o enunciado comenta” (Carlos Jáuregui; Vanrochris Vieira, 2014, p. 72). Essa pluralidade de vozes é chamada de *polifonia*. Maria Baccega (2001, p. 4) destaca que existe uma pluralidade de discursos em interação: “a sociedade funciona no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se complementam: dessa dinâmica nascem os novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos outros”. Nesse contexto, o diálogo entre os diferentes grupos sociais faz com que, nas falas de cada um, também seja possível apreender as falas dos demais. O dialogismo, portanto, pode ser pensado tanto no nível dos grupos quanto dos sujeitos enunciadores, ou até mesmo entre grupos e sujeitos enunciadores.

Neste trecho de uma fala sua, Ângelo (ManoTauros, 2018) deu a ver a perspectiva do Bharbixas sobre inclusão, mesmo não sendo mais membro desse time: “‘ah, o menino não sabe jogar bola...’ Mas ele não teve oportunidades, ‘então vem cá! Vem aqui na pelada! Vamo incluir!’ Tem todo esse movimento”. Dessa forma, ao entrevistar um membro de um time é possível descobrir também posicionamentos do outro, uma vez que a voz de ambos os times está presente na fala de cada um dos jogadores entrevistados. Neste trecho, é Roberto (Bharbixas, 2018) quem falou por Ângelo, ao contar como ele teria se posicionado frente a uma questão passada: “e eu fui um dos únicos que defendi o Ângelo. Eu lembro do Ângelo me chamar no privado pra me agradecer porque eu defendi ele no grupo, quando ele foi excluído”. Na própria entrevista com Ângelo (ManoTauros, 2018), eu não tive acesso à sua voz agradecendo Roberto. Mas foi possível ouvi-la pela voz do outro. Lúcio (Bharbixas, 2023) fez uma referência ao membro do Bharbixas que havia primeiro pensado nesse nome para o time.

Inclusive, ele [o membro do time que havia primeiro sugerido o nome “Bharbixas”] explicou, até, na primeira LiGay, pra Fátima... [rindo] na Fátima Bernardes, entrevistando ele, e: “ah, explica esse nome”. Ele falou, assim: “ah, B-H”, e, aí, ele botou um H ainda, “B-H de Belo Horizonte. ‘Bar’... Belo Horizonte, capital dos bares, né? E ‘bixas’ porque a gente é bem bicha”. [risos] (Lúcio, Bharbixas, 2023)

O fato de Lúcio (Bharbixas, 2023) fazer referência a um jogador do time que inicialmente sugeriu o nome “Bharbixas” nos lembra de que o processo de reflexividade em torno desses elementos discursivos é coletivo, mas como ele opera através das mentes individuais, as ideias tendem a surgir na reflexão de um sujeito que é membro do grupo e

depois seguirem para apreciação coletiva. Mas, como nos lembra Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981), tudo isso ocorre de forma dialógica, com as ideias de uns sujeitos sendo respostas a enunciados de outros, o que garante uma faceta coletiva para esse processo reflexivo. Ainda nesse sentido, o nome Bharbixas é uma referência à forma como os jogadores eram vistos pelos demais frequentadores dos bares para onde eles iam: como bichas de bar. Assim, o nome também se configura como resposta a um enunciado, ainda que presumido, de outros sujeitos. Posteriormente, o nome ManoTauros também surge como uma resposta ao nome Bharbixas, para afastar-se da afeminação e construir uma ideia de masculinidade.

Cristiane Severo (2013, p. 151) destaca que, para Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981), a ideologia se materializa no *signo*, gerando lutas “em torno das verdades, dos sentidos, dos modos de ver o mundo, das avaliações, entre outros aspectos”. Rosângela Dias (2014, p. 6), também destaca que, “para Bakhtin, a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida, e, portanto, está ligada à evolução ideológica”. À medida que os diferentes discursos sociais fazem uso de uma mesma linguagem, cada palavra se apresenta, para Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981, p. 48), “como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”.

Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), uma palavra que constava no grito de guerra do ManoTauros, na verdade, remetia para um lugar diferente: “nosso grito de guerra é ‘raça, raça, raça! ManoTauros!’. O ‘raça’ vem muito do Atlético”. Como discuti na Seção 2.3.5 (p. 70), a palavra “raça” relacionada ao Atlético Mineiro carrega vários sentidos, como a ligação desse time com camadas populares da cidade de Belo Horizonte. Ângelo (ManoTauros, 2018) contou também como foram escolhidas as palavras que constariam na bandeira do time, demonstrando que houve uma grande reflexividade e cuidado na observação dos seus significados.

Na bandeira, tem três palavras, que acabam tendo um significado. Até houve uma discussão pra escolher essas três palavras. Era pra imitar a bandeira de Minas Gerais. E a *discussão foi grande*, trazia um pouquinho de *filosofia* em torno dela, assim, né? Primeiro, a gente colocou “respeito”, “inclusão” e “igualdade”. Aí, alguém falou:

– Ah, ficou muito ONG! Tem nada de futebol.

Pra mim, seria “raça” e “luta”. Mas alguém falou:

– Ângelo, mas a gente também não é só futebol. “Respeito” sempre tem que ter, “igualdade” também.

Com muito custo na discussão, a gente trocou “igualdade” por “raça”. Então, houve também uma discussão. Não foi ao léu, assim, escolheu três palavras quaisquer. E a gente também não gostou do critério “igualdade”. A gente falou:

– Ah, “igualdade” é uma palavra que LGBT não gosta, assim. Não é uma palavra que seria adequada pra LGBT.

Muito porque é tratado igual, né? Que, às vezes, quando você trata igual, vai naquele senso de meritocracia, né? Eu trato os desiguais igual e favoreço o que é mais forte. Então, até por isso, a gente tirou a palavra. O meu marido [que também jogava no time] é muito acadêmico, então, teve toda uma discussão pra escolher essas três palavras. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Um membro do Unicorns (SP) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) percebeu que usou a palavra errada para expressar a sua ideia e corrigiu em seguida. Com isso, ele percebeu que a confusão que ele fez pode ser a que mais pessoas fazem.

Eu acho que o futebol acaba pedindo um pouco mais de masculinida... Masculinidade é a *palavra errada*. Um pouco mais de vibração, talvez. E isso, cê acaba remetendo à masculinidade erroneamente, entendeu? Mas, tipo, talvez esse fato de berrar mais, de gritar mais, as pessoas falam: “ah, ele é mais másculo”. Mas não. Eu acho que isso é muito mais vibração, muito mais uma questão de jogo. (Membro do Unicorns, 2019)

Os membros do Bharbixas chamavam-se frequentemente pelo feminino. Em um treino deles que eu acompanhei, por exemplo, eles se chamavam de “querida” e de “amiga”. A simples flexão de gênero dessas palavras é muito significativa, pois carrega consigo o potencial de questionar e subverter as relações de gênero, exaltando o feminino e rompendo com a binariedade. Nesse sentido, a utilização das palavras no feminino é coerente e ligada à manifestação de gênero dos membros do time.

Quando perguntei para Daniel (ex-Bharbixas, 2023) sobre a cisão entre o Bharbixas e o ManoTauros, ele me respondeu: “na verdade, não foi uma cisão, foi uma divisão [ênfase em ‘divisão’]”. Quando se procura por “cisão” no dicionário *Oxford Languages*, a palavra está definida como o ato de “cindir”. “Cindir”, por sua vez, seria “separar(-se) por desavença, dividir(-se) por desentendimento” ou “dividir(-se) em duas ou mais partes”. Já “divisão” seria “separação segundo algum critério ou ordem; classificação” ou “separação radical; desavença, desacordo, desunião”. No dicionário de sinônimos, também do *Oxford Languages*, o termo “divisão” é apontado como sinônimo de “cisão”. A palavra “cisão” tem um significado específico, no entanto, no contexto judicial. Nele, ela quer dizer dividir o patrimônio de uma companhia entre uma ou mais sociedades. Talvez Daniel (ex-Bharbixas, 2023) tenha afastado o termo “cisão” por ele não corresponder a esse contexto, já que ele atuava como gestor

financeiro. De qualquer forma, é interessante observar a preocupação dele em definir o termo mais adequado.

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) defendeu que os nomes dos times refletem expectativas diferentes: alguns são voltados para a diversidade e o lúdico, enquanto outros são voltados para um posicionamento mais forte e agressivo.

Percebe que até os nomes são diferentes, né? Tem umas posições, aí, no nome. Pelos nomes, cê consegue perceber. Tipo “Unicorns”. É, talvez, o time mais estruturado. Nunca ganhou e nunca vai ganhar nada porque tem essa pegada mais de marketing. Eles são muito marqueteiro, assim, de vender a marca, de ganhar dinheiro com isso. É um unicórnio, cê vê que é uma coisa, sei lá, cê percebe essa simbologia mas tranquila. Diferente, por exemplo, dos [falando com tom agressivo] Bárbaros, né, que já tem outra pegada, mais parecido com Predadores e ManoTauros. O Bulls, né, outra pegada também. Então, até pelos nomes, cê consegue entender um pouquinho, sabe? Lá no Sul, que tinha essa pegada mais tranquila, era o Magia, bacana. E o outro lá que, né, uma pegada mais ligado à guerrilha dos maragatos, que é aquele povo lá do sul que lutava. Aí, é “Maragatos”, né, que é o guerrilheiro. Então, até na escolha do nome, na escolha do que o time quer ser, né? Por exemplo, o Diversus. Aí, já tem outra pegada, até pelo nome. Também é um time que vai do nada a lugar nenhum, assim, esportivamente, sabe? (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Em alguns momentos da minha conversa com Lúcio (Bharbixas, 2023), ele demonstrava a preocupação de medir muito bem os enunciados que ele estava produzindo: “quando a gente chegou no campeonato... an... Eu tou até tomando cuidado com as palavras pra não... não soar um pouco discriminatório com os outros times, né?”

Guacira Louro (2008) ressalta como a linguagem pode carregar valores que oprimem grupos minoritários. Ao utilizarmos certas palavras e expressões, podemos estar reforçando relações de dominação sem percebermos: “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (Guacira Louro, 2008, p. 64). Os jogadores entrevistados problematizavam frequentemente o uso de determinadas palavras. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, criticava o uso das palavras “frangas” e “marias” por parte de torcedores do Cruzeiro e do Atlético Mineiro para provocar os seus rivais. Ângelo (ManoTauros, 2018), por sua vez, mostrou-me um episódio de um desenho animado que questiona o uso da palavra “mulherzinha” para diminuir alguém.

Norman Fairclough (2016) defende que os discursos são, ao mesmo tempo, formas de *representação* e formas de *ação*. Ele acredita que o discurso e a realidade social da qual ele provém têm uma *relação dialética*, sendo tanto condição quanto efeito um do outro. Roberto (Bharbixas, 2018) apontou um discurso do time que jogava na Itália que não correspondia à sua ação prática.

Eu falo que falta, lá no time no qual eu jogo na Itália, a gente militar... Não tem discussões sobre LGBT no grupo. A gente não discute inclusão, a gente não discute nada, a gente só joga. A gente só se reúne pra jogar futebol e pra sair, pra fazer as coisas. Apesar do discurso de um dos caras lá na última reunião nossa de que a gente tava ali por um motivo muito maior, que futebol é o que nos unia, e que a gente se reunia porque a gente gostava de jogar, e que era fundamental manter a paixão pelo futebol, mas que o nosso propósito era muito maior, era lutar por uma causa maior... Mas eu não vejo esse time fazendo isso. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Além disso, Norman Fairclough (2016) afirma que os discursos participam da construção das identidades sociais e das posições de *sujeito*. Mais do que isso, os discursos contribuem para a formação dos próprios sujeitos, das relações entre eles e para a criação de sistemas de conhecimento e crença. Tudo isso, de forma amplamente ligada às relações de *poder*. Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981, p. 45) também considera que os usos da linguagem são um fator essencial nas interações sociais: “o signo e a situação social em que se insere estão indissolúvelmente ligados”. Ele aponta que mudanças na sociedade andam juntas com mudanças na linguagem. O autor afirma, ainda, que os enunciados sempre se dirigem a sujeitos interlocutores definidos, ainda que genéricos. É preciso compreender quem é a outra pessoa, enquanto sujeito social, para saber respondê-la.

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não [...] Não pode haver um interlocutor abstrato [...] (Mikhail Bakhtin [Valentin Volóchinov], 1981, p. 116)

Em algumas de suas argumentações, Roberto (Bharbixas, 2018) não especificou uma pessoa interlocutora individual, mas falou sobre e para uma coletividade imaginada em torno de um certo perfil, qual seja, masculino, heterossexual e cisgênero: “e eu vejo muita gente, inclusive, que tá reagindo a esse movimento do futebol LGBT exatamente porque eles tão com medo de perder esse refúgio, que é a única coisa que restou numa sociedade ‘mimimi’, que não aceita mais a intolerância, e eles, no futebol, podem intolar”. É interessante a referência à palavra “mimimi”, que tem sido usada bastante por discursos conservadores para tentar deslegitimar qualquer reivindicação ou análise progressista. Aqui, por sua vez, ele, indiretamente critica o uso dessa palavra com essa finalidade.

Rosangela Dias (2014) ressalta que, na perspectiva de Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981), a mesma palavra nunca tem a mesma significação ao ser dita novamente, pois a construção do significado em torno dela depende das condições de enunciação e

recepção relativas a cada momento interacional: “em cada caso, é a situação que confere a uma mesma palavra significações distintas em cada um dos enunciados produzidos” (Rosângela Dias, 2014, p. 5). A autora destaca que a língua evolui nas situações concretas de fala, não na abstração das gramáticas ou no pensamento individual. Ela ressalta, ainda, que cada enunciado é um evento único, sempre dotado de valores (nunca neutro) e criado como o objetivo de suscitar respostas. A autora explica que, na perspectiva bakhtiniana, os enunciados não são apenas unidades da língua, mas também elemento de interação social: “não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas que estão organizadas socialmente” (*ibidem*, p. 8).

Uma observação interessante trazida por Roberto (Bharbixas, 2018) diz respeito à habilidade dos sujeitos para lidarem com os enunciados dos outros. Ele contou que diferentes pessoas no time tinham abordagens distintas na hora de dialogar com as pessoas que falavam coisas com as quais elas não concordavam.

Tem algumas pessoas lá extremamente estruturados, assim. Sabem falar muito bem. Inclusive, um deles dá aula [ênfase em “aula”] de uma forma cortês, extremamente *gentleman*. Quando alguém dá uma bola fora, ele te explica o quê... Ele é muito polido, ele é muito bom pra te ajudar a entender, que é um dos que mais me ajudou nesse tempo todo. Já tem uns que só joga lá: “achei machista”, ou, tipo, faz qualquer comentário tipo de escárnio, qualquer coisa. Então depende muito da pessoa. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Alguns discursos, chamados por Mikhail Bakhtin (1997) de *discursos bivocais*, apropriam-se diretamente das falas de outros sujeitos, como a paródia ou a citação. Eles comentam, respondem ou ironizam o discurso ao qual fazem referência. A ironia, por exemplo, é uma forma de discurso bivocal que usa o discurso do outro sujeito contra ele mesmo: “a segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre diferentes vozes” (Mikhail Bakhtin, 1997, p. 168). Neste trecho de um fala sua, Pedro (Bharbixas, 2018) simulou a voz de um “homem hétero” generalizado: “ele [o futebol] é o lugar do homem hétero e ‘a gente não quer mais ninguém aqui dentro’”. Lúcio (Bharbixas, 2023), ao recordar de algo que pensava no passado, gerou um discurso bivocal no qual a voz do outro do qual ele falava era a dele mesmo, mas a de um “eu-outro”, que já não é mais o eu que fala.

Erroneamente, por muito tempo, eu pensei que eu era o único [ênfase em “único”], no mundo, gay que jogava bola. Já chegou a passar isso pela minha cabeça quando era mais novo. Eu falei assim: “gente, mas não arranja ninguém gay jogando bola?”

O *gaydar*, naquela época, não era tão apurado como hoje, né? [risos] Então, por muito tempo, eu me senti só ali no esporte. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Em geral, uma das formas como os jogadores entrevistados atribuem discursos ao outro time é indicando a exaltação da afeminação ou a afeminofobia dos rivais. Pedro (Bharbixas, 2018), ao dar a ver a voz de Eduardo sobre a fundação do ManoTauros, fez dois movimentos. O primeiro é o de reproduzir a voz oficial do ex-colega de time, e o segundo é revelar a voz que ele acha que, de fato, correspondia às intenções dele.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Segundo ele, por “divergências filosóficas”. Foram os termos que ele usou. Porque, nas competições, a gente tem uma preocupação muito grande de oferecer espaço pra todo mundo jogar nas competições, de fato. [...] O time que surgiu foi basicamente isso, tipo: “ah, não quero fazer parte dessas bichinhas aí não, vou montar meu time”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018), por outro lado, fez uma referência a uma suposta voz do Bharbixas que poderíamos identificar como uma forma de deboche.

Tem gente que adora gueto. Se deixar, o Bharbixas vai criar: “ah, não, esse campeonato é muito exclusivo, nós vamos criar o campeonato gay só de afeminados”. Eu acho que não é por aí, criando guetos, que vai melhorar essa relação, essa visão, essa harmonia... não muda a visão do gay. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

É interessante observar duas coisas sobre essa relação dialógica. A primeira é que nem sempre a voz do outro sujeito que aparece inserida no enunciado de alguém corresponde a algo que, de fato, esse outro sujeito falou ou falaria. No caso dessa fala de Ângelo (ManoTauros, 2018), é evidente que se trata de uma crítica construída em torno de uma hipérbole e não de um posicionamento concreto do Bharbixas. Do mesmo modo, em outros casos, a suposta voz do outro sujeito pode refletir uma mentira ou um erro de memória, por exemplo. A segunda coisa é que, mesmo quando a suposta voz do outro sujeito não tem correspondência factual, a sua presença na fala da pessoa enunciativa dá a ver algo sobre ele, a partir da forma como a pessoa enunciativa o vê. Ainda nesse sentido, há uma dupla revelação, porque o que a pessoa enunciativa fala sobre o outro sujeito também dá a ver elementos sobre ela própria: ao dizer sobre outro sujeito, estou dizendo sobre mim.

4.3.2 Discurso e poder

Michel Foucault (1999b, 1999c) desenvolve importantes vínculos entre discurso e poder através do conceito de *dispositivo*. A partir desse autor, podemos pensar nos dispositivos como os arranjos que organizam as relações de poder entre os sujeitos em cada cenário interacional. Os dispositivos podem se manifestar a partir de disposições espaciais entre os sujeitos, mas eles dizem respeito, acima de tudo, à configuração das relações que se estabelecem entre eles: “todo tipo de interação é atravessada por dispositivos que regulam a formação dos discursos e ações, definindo quem pode dizer/fazer o que e em que condições” (Luciana Oliveira; Vanrochris Vieira, 2015, p. 58). Michel Foucault (1999c) desenvolve essa ideia a partir do conceito de panóptico, uma estrutura na qual o sujeito não sabe se está ou não sendo vigiado a cada momento e, por medo de que esteja, acaba se comportando da maneira exigida mesmo quando ninguém está lhe observando.

A ideia de dispositivo também é desenvolvida por Michel Foucault (1999b) ao caracterizar o que ele chama de confessionário. O autor afirma que a produção e circulação de discursos sobre o sexo estiveram historicamente ligadas à existência de sujeitos para os quais deveriam ser feitas confissões a respeito desse tema. Essa elaboração de discursos só podia ser realizada em tais circunstâncias, nas quais esse assunto era discutido de forma exaustiva. Em torno desse dispositivo, padres e psicanalistas podiam aconselhar os sujeitos sobre o sexo, definindo para eles o que era certo ou errado sobre esse tema. Com isso, essas “autoridades” exerciam um controle sobre a atividade sexual dos demais. Assim, instituições como a igreja e a psicanálise detiveram o monopólio da *verdade* sobre o sexo: “aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade” (Michel Foucault, 1999b, p. 66). A verdade, para o autor, desse modo, não é ontológica, mas sim uma construção discursiva.

É possível pensarmos a criação de times, ligas e campeonatos de futebol LGBTQIAPN+ como o estabelecimento de um dispositivo de segregação formado e sustentado por meio de discursos que o legitimam. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou como as relações entre os sujeitos se configuram por meio dele e defendeu os discursos que lhe dão suporte.

Eu sonho com um dia que a gente só vai falar “futebol”. Mas eu sei que primeiro a gente precisa excluir pra depois incluir, né? Às vezes, a gente tem que segregar pra poder dar o grito, mostrar que a gente tá ali, pra depois incluir. E eu vi muita gente questionando: “mas qual a necessidade de se fazer um campeonato gay? Ah, isso é ‘heterofobia’, hétero não pode participar. Ah, por que que eles não participam de campeonatos comuns?” Se não fosse ter um campeonato gay, não teria visibilidade,

não teria discussão, a gente não taria falando disso. Várias pessoas não teriam se sentido confortáveis em entrar pro futebol ou em continuar no futebol. Então, eu acho que foi importantíssimo a gente ter essa segregação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Outro exemplo de dispositivo construído discursivamente são os regulamentos, como lembrou Pedro (Bharbixas, 2018): “as competições que existem hoje, que são a LiGay e a Taça Hornet, o regulamento delas é muito específico com relação a homens gays ou bissexuais poderem participar, e quem faz o regulamento das competições não somos nós”. Desse modo, os regulamentos, enquanto dispositivos, definem quem está dentro ou fora desses arranjos interacionais. Pedro (Bharbixas, 2018) falou, ainda, sobre um discurso que especificava as relações entre os sujeitos no Bharbixas, funcionando também, dessa forma, de forma semelhante a um dispositivo. Ele disse que era possível dizer que o Bharbixas tinha um discurso institucional a respeito da inclusão.

Pesquisadore: A ideia de inclusão, de uma luta por inclusão, não é um discurso institucional do time não?

Pedro (Bharbixas, 2018): Eu acho que cê pode dizer que sim. É. É um discurso institucional do time sim. Cê pode dizer. Tanto porque eu acho que se for fazer uma *análise do discurso* de tudo que foi dito em nome do time, em nome do Bharbixas, nas redes sociais, e coisa e tal, cê vai encontrar. Isso vai tá presente.

Michel Foucault (1999a) não vê o discurso apenas como um meio para que as pessoas vençam suas disputas. Ele vê o discurso como o próprio alvo disputado pelos sujeitos: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Michel Foucault, 1999a, p. 10). Por ter uma relação tão grande com o poder, a *produção e circulação de discursos* é tão controlada. Uma das formas de se estabelecer esse controle, para o autor, é a *interdição*: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa” (*ibidem*, p. 9). Como vimos na seção anterior, Roberto (Bharbixas, 2018) citou o conceito de “mimimi”, que relaciona a defesa discursiva de minorias com algo equivocado ou desnecessário. Com isso, tenta deslegitimar certos discursos.

No geral, quando um faz um comentário, se alguém achou ruim e tal, a maioria das pessoas apoia. Então assim, se ocê fizesse essa pergunta pro Roberto de um ano atrás, eu ia responder que era mimimi. Se ocê... cê tá me fazendo uma pergunta agora, eu vou te responder que pode chamar de mimimi se quiser, mas é um mimimi necessário. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Já Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) tentou criar um conceito que seria o oposto ao de “heteronormatividade”, acionado de forma recorrente pelos jogadores entrevistados. No entanto, ele rejeitava a ideia de “preconceito reverso”, que pressupõe que identidades hegemônicas sofrem preconceito de minorias, propondo uma suposta simetria entre os dois sentidos de poder. Com isso, ele tentava demarcar que não é essa a construção recursiva que ele estava tentando reproduzir.

O Bhabixas exigia essa postura... não exigia formalmente, mas impunha essa postura [pausa] “homonormativa”¹³⁵, digamos. Não existe essa palavra, mas... Não vou falar de “preconceito reverso” não, porque isso vai remeter a um tanto bobagem. Mas existe uma imposição aí. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Entretanto, ao discutirmos tais relações do discurso com o poder, é necessário apontar que Michel Foucault (1999c) não vê as relações de poder como algo negativo, mas sim como uma parte intrínseca de qualquer vinculação social: “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (Michel Foucault, 1999c, p. 89). Para o autor, o poder não está nos sujeitos, mas sim nas relações: “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (*ibidem*, p. 89-90). Mas o poder também é acompanhado de *resistência*. Por isso, as relações entre discurso e poder são sempre potencialmente conflituosas.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (Michel Foucault, 1999c, p. 96)

Pedro (Bhabixas, 2018) demonstrava uma consciência de que o que o Bhabixas fazia naquele momento era um ato político.

Em algumas questões básicas, a gente tem divergências de posicionamento. Por exemplo: aquele posicionamento raso de “não vamos nos envolver com política” é frequentemente levantado. E, assim, há sempre um debate das pessoas baterem o pé

¹³⁵ Na verdade, o termo “homonormatividade” existe, mas tem um sentido diferente do que Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) quis construir. Homonormatividade é o estabelecimento de normas para os relacionamentos LGBTQIAPN+ para que eles sigam o mesmo padrão cobrado dos relacionamentos cisheteronormativos, como casamento, família nuclear, filhos, monogamia, amor romântico, etc. Essa lógica privilegia o binarismo de gênero, a cisgeneridade e a asexualidade (ver Apêndice B, p. 383).

e falar assim: “não existe isso. Não tem como não se envolver com política, o que a gente faz é política”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Da mesma forma, ele entendia isso como um ato de resistência: “a nossa preocupação em ocupar esse espaço é, de fato, um ato político, sabe? É uma militância”. Os jogadores entrevistados demonstravam ter, frequentemente, consciência das microrrelações de poder que envolvem todas as interações. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, identificou as linhas de poder que perpassavam uma experiência do Bharbixas na mídia.

Quando eles foram no *98 Futebol Clube*, da *98 FM*, tentaram de todas as formas provocar a questão da sexualidade e ficar fazendo piadinhas homofóbicas. Inclusive o Pedro deu uma neles, e eles receberam algumas respostas, mas foi um programa extremamente machista e homofóbico. Mas os meninos se portaram muito bem na reação deles, assim, em manter a mensagem, entendeu? (Roberto, Bharbixas, 2018)

Pedro (Bharbixas, 2018) revelou uma estratégia discursiva para simular uma relação de amizade entre o Bharbixas e ManoTauros que não existia no campo da prática social: “não tem tido convivência... [risos] Ah... exceto nas redes sociais. E é assim: no discurso é tudo muito lindo, sabe? A gente recebeu eles: ‘ai, mais um time em Belo Horizonte! Que coisa maravilhosa!’. Aquela coisa bem cordial”.

Outro importante ponto das reflexões sobre poder de Michel Foucault (1999c) é que o autor nos explica que o poder atravessa o *corpo* dos sujeitos, a partir das dinâmicas de *biopoder*, ou seja, das técnicas de controle da corporeidade. Tais técnicas visam otimizar o uso dos corpos, tornando-os dóceis por meio da *disciplina*. Há uma busca por obediência e produtividade, uma reforçando a outra. Dessa forma, as relações entre discurso e poder também atravessam o físico dos sujeitos. Isso porque, “assim como o poder molda os corpos, os discursos falam por meio deles” (Vanrochris Vieira, 2021b, p. 161). É possível pensar que os próprios rótulos, como “afeminado” ou “heteronormativo” submetem a corporeidade dos sujeitos a uma forma pré-determinada, limitando suas experiências. Como argumentei em trabalho anterior (*ibidem*, p. 168), “a partir da forma como definem a situação, jogando com esses discursos, os sujeitos moldam seus corpos, experiências e disposições”. É o caso de homens trans que conheci (Vanrochris Vieira, 2021b), que só atingiram a sua potencialidade corporal e identitária ao conhecerem o termo “homem trans”, pois antes se identificavam como “lésbicas masculinas”. Dessa maneira, o poder perpassa os corpos de tal forma que se torna difícil para os sujeitos se imaginarem fora das relações estabelecidas por ele.

A tensão em torno da manifestação de gênero amasculada ou afeminada, que discutimos no Capítulo 3 (p. 151) está totalmente relacionada com a disposição do poder nos

corpos. Ser afeminado ou amasculado é mais do que uma simples variante estética, há relações de privilégios, violências, resistências e sobrevivências perpassando cada gesto. O corpo dos membros do ManoTauros e do Bharbixas dizia muito sobre eles, e era possível ler as relações de poder que existiam entre esses dois times apenas ao olhar para a manifestação de gênero dos seus membros, como evidenciou Roberto (Bharbixas, 2018).

Cheguei lá, e o que que eu vi? Exatamente dois grupos. Num canto, um grupo de gays *padrão cis*, com camisas de time, camisas, sei lá, do Cruzeiro, do Atlético, do Flamengo, da Argentina, e batendo bola, brincando com a bola já. Conversando mais grosso, com um *estilo muito mais padrão*. E, de um outro lado, uns gays mais afeminados dançando, tocando Beyoncé, Anitta, e a galera dançando e rebolando. (Roberto, Bharbixas, 2018)

No entanto, se podemos pensar em uma manifestação de gênero mais espontânea no exemplo dado por Roberto (Bharbixas, 2018), o corpo desses jogadores também teve que evidenciar, em outros momentos, manifestações de gênero mais intencionais, que justamente davam a ver o medo e o instinto de autoproteção. É o que Lúcio (Bharbixas, 2023) contou sobre a participação do seu time em campeonatos convencionais.

A gente não se comportava do... a gente não se sentia à vontade, né? E, aí, a gente também tinha a preocupação de até que ponto eu tar naquele espaço “hostil”, eu estaria levando uma dancinha ou um jeito mais gay de ser como ofensa pro outro. O outro poderia interpretar como uma ofensa ou um jeito que tá provocando o outro, né? Então, a gente ficava na nossa e a gente ia lá jogar o nosso futebol e mostrar que a gente era único e exclusivo pra mostrar o nosso futebol. A gente não tinha aquela alegria de estar ali ocupando igual a gente tem nos campeonatos LGBTs, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Tendo em vista as questões discutidas nesta seção, uma fala de Daniel (ex-Bharbixas, 2023) parece não ter sido muito reflexiva em relação às questões de inclusão na LiGay.

E hoje tem... é uma das outras evoluções da LiGay, né? A gente tem hoje uma competição LGBT e tem uma competição pra homens trans. Então, de maneira geral, a gente tem evoluído também como LGBT em si, porque, né, não adianta a gente falar que é inclusivo, sendo que a gente não inclui homens trans, por exemplo. Né? Então, a gente tá evoluindo também, a gente tá se conhecendo como movimento LGBT, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele apontava a inclusão de homens trans na liga quase como algo que, ao ser implementado, fez com que a liga tenha se tornado, então, inclusiva. Mas, para se dizer inclusiva, a liga também não teria que se preocupar em incluir mulheres? Também Lúcio (Bharbixas, 2023) parece não levar em consideração no seu discurso uma atitude reflexiva em relação ao papel atual do Bharbixas no cenário do futebol LGBTQIAPN+ mineiro.

E, aí, é esse ponto que eu deixo muito claro pros meninos: “gente... o Bhabixas tá aqui por e pra cês, né? O que cês precisarem, podem contar com o time. A gente tem que se fortalecer. A gente tem que estar unido. A gente tem que acreditar um no outro pra gente alcançar tudo o que a gente quer alcançar”. Então, assim, a minha relação com os meninos de alguns times não é tão próxima, mas que eu tou abertíssimo pro que eles precisarem, ali, do Bhabixas e de mim, pra fazer as coisas acontecerem, melhorarem em todos os aspectos. Então, eu diria que é uma relação boa, aberta. Não tem nada fechado, não tem nada excludente de alguma forma, né? Eu tou sempre aberto com os meninos, e eles sabem disso. (Lúcio, Bhabixas, 2023)

A fala dele dá a entender que, de certa forma, os demais times mineiros precisariam ou dependeriam do Bhabixas em relação a algo. Mas, no entanto, atualmente, o Bhabixas é o time com a estrutura competitiva mais frágil no estado, indicando que, talvez, o sentido do suporte, no momento, precisaria ser na direção contrária. Cláudio (ManoTauros, 2023) também demonstrava uma incoerência no seu discurso em relação à participação de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol convencional, ao descrever sua experiência nesse ambiente: “ah, era tranquilo. Nunca tive problema não, entendeu? Sempre... era normal, entendeu? Mesmo porque, assim, acho que quando cê entra em quadra pra disputar uma competição, cê nem lembra questão de opção sexual, essas coisas assim, nem entra em questão mais”. Isso porque ele mesmo contou que o ManoTauros foi alvo de diversas piadas e preconceitos ao participar de campeonatos convencionais. Então, como a “opção sexual”¹³⁶ não faria diferença?

4.3.3 Mudança discursiva

Assim como Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981), Norman Fairclough (2016) também entende que os discursos são carregados de ideologias.

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Norman Fairclough, 2016, p. 122)

O autor destaca que, frequentemente, as ideologias presentes nas práticas discursivas se tornam *naturalizadas*. Ele ressalta que nem sempre as pessoas têm consciência de que suas práticas discursivas estão revestidas de ideologia – algumas vezes sequer conseguem entender isso. É interessante pensarmos, por exemplo, como cristãos conservadores têm se oposto à,

¹³⁶ O termo “opção sexual” é considerado inadequado, já que a *orientação sexual* não é uma opção.

chamada por eles, “ideologia de gênero” nas escolas. A construção discursiva a qual eles recorrem ignora completamente que ela se baseia em uma “ideologia cristã” ou uma “ideologia conservadora”, atribuindo um caráter ideológico apenas ao outro e vendo sua própria perspectiva como ausente de ideologias. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) apontou para ideologias de gênero naturalizadas no ambiente escolar. Curiosamente, ele não estava falando dessa “ideologia de gênero” temida pelos conservadores, que seria a discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas. Pelo contrário, ele se referia a uma ideologia de gênero que já está e sempre esteve lá.

Porque existe uma coisa na cabeça das pessoas que, por exemplo, tem esportes que são masculinos, esportes que são femininos ou que são esportes que são mais pra gays, né? Por exemplo, eu me lembro da infância de ouvir comentários de pessoas que tinham um padrão masculino, assim: “ah... vai jogar vôlei!” Como se o vôlei fosse um esporte pra gays ou um esporte feminino, sendo que não é. Não existe gênero [voz de riso] no esporte, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Roberto (Bharbixas, 2018) evidenciou como o conteúdo ideológico das falas e expressões em torno do futebol convencional são desconhecidos ou ignorados por parte das pessoas que fazem uso dessa linguagem.

As pessoas, na homofobia velada delas, elas não pensam que elas excluem. Elas acham normal gritar “bicha” pro goleiro, “vai tomar no cu” pro não sei quem, “chupa, franga”, “maria”. Então, elas não pensam que elas tão excluindo nesse ponto. Ou, se pensam, elas preferem ignorar. Eu tenho vários amigos que eles dizem: “eu não sou homofóbico, eu não sou machista”, alguns que me respeitam muito inclusive e tal. Mas, quando vai falar de futebol: “maria”, “franga”, “chupa”. E se você questionar: “ah, é mimimi, tá chato demais”. (Roberto, Bharbixas, 2018)

É interessante que Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) fez uma referência direta à ideia de ideologia ao falar sobre o time rival: “o Bharbixas é um time muito ideológico. E a ideologia deles não era compatível com jogar, igual a alguns times tavam jogando em pleno auge da pandemia. Então, eles decidiram não jogar”.

Segundo Norman Fairclough (2016), quando o sujeito é interpelado por ideologias contrastantes, é mais comum que ele desnaturalize suas próprias ideologias e tome consciência do teor ideológico das diferentes perspectivas. Esse momento predispõe maiores possibilidades de transformação. O impulso para a mudança vem acompanhado da *problematização*, que, por sua vez, surge das contradições e gera *dilemas*: “com frequência, elas [as pessoas] tentam resolver esses dilemas ao serem inovadoras ou criativas, ao adaptarem as convenções existentes de novas maneiras e assim contribuírem para a mudança

discursiva” (Norman Fairclough, 2016, p. 132). É exatamente esse o caso dos jogadores de futebol LGBTQIAPN+, que repensam de forma criativa os discursos e práticas em torno do futebol convencional que exclui as pessoas não cisheteronormativas que desejam participar desse esporte. Esta fala de Roberto (Bharbixas, 2018) revela de forma muito evidente um processo de problematização: “por que ‘futebol feminino’? Ninguém fala ‘futebol masculino’, todo mundo que refere ao futebol como ‘futebol’. Só que quando você falar de mulheres é o ‘futebol feminino’. Mas é o futebol, no fim das contas”. É através de questionamentos e do encontro de contradições como essas que o mundo vai sendo repensado e, com isso, a rearticulação da ação voltada para ele vai ajudando a reconstruí-lo (George Mead, 1972).

Norman Fairclough (2016) enfatiza que o sujeito é formado ideologicamente, mas também é capaz de reconfigurar as ideologias: “a mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem” (Norman Fairclough, 2016, p. 133). As *mudanças discursivas* levam a *mudanças sociais*. Elas podem acarretar em transformações apenas a nível local – dentro de um grupo, por exemplo – ou atingir um alcance mais amplo, podendo impulsionar essas transformações em toda a sociedade. Entretanto, as novas condições estabelecidas pela mudança são também provisórias, pois sempre carregam contradições que acabam levando a novas lutas posteriormente. Pedro (Bharbixas, 2018) destacou como ele acreditava que a mudança nos discursos leva à mudança das relações concretas entre as pessoas. Para ele, a simples forma de nomear um time já era capaz de torná-lo mais aberto a diversas pessoas.

Hoje existe uma preocupação pra que esse perfil mude. Então, a gente se define enquanto um time de futebol LGBT. [...] A gente tem essa preocupação de tentar diversificar um pouco. Sair do padrão, não ser gay, gay, gay. Nós sempre tentamos reafirmar, toda vez que falar sobre o Bharbixas, que é um time de futebol LGBT. A gente sempre bate no LGBT. Inclusive, divergências internas mesmo, de às vezes alguém soltar um gay num *post* no *Facebook* sem querer, a gente vai lá e corrige: “não, LGBT”. Porque, por mais que nós não tenhamos a representatividade de pessoas trans jogando com a gente, de mulheres lésbicas jogando com a gente num número grande, a gente quer que essas pessoas se sintam confortáveis pra virem jogar, então o mínimo que a gente faz é usar a terminologia correta, sabe? Não vamos excluir logo de cara já na terminologia. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Por isso, o Bharbixas teve um papel pioneiro na mudança discursiva que ocorreria anos mais tarde na LiGay, que passou a referenciar o futebol que representa como LGBTQIA+ ao invés de gay. No entanto, como falamos na Seção 2.6.4 (p. 132), nesse caso, a mudança discursiva ainda não foi capaz de se refletir na mudança social, já que os times ainda são compostos quase exclusivamente apenas por homens gays.

Tudo isso que Norman Fairclough (2016) discute passa pela questão da *hegemonia*, termo definido pelo autor como “liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (Norman Fairclough, 2016, p. 127). O autor destaca que a hegemonia envolve alianças que a sustentam. Podemos pensar, por exemplo, que esporte, conservadorismo, religião, militarismo, entre outros, têm assegurado juntos a dominação masculina em nosso contexto. Norman Fairclough (2016) explica que a luta pela hegemonia se dá a partir da produção e circulação de *textos*.

[...] a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem do discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas. (Norman Fairclough, 2016, p. 129)

Pedro (Bharbixas, 2018) deixou evidente a disputa por hegemonia no futebol: “a gente tá ali pra ocupar esse espaço que foi dito que não é nosso. Tem toda essa questão do futebol de ser a arena, o antro do homem hétero. É ele que domina ali. É ele que reina. E o homem gay é abolido do futebol”. No entanto, ele também demonstrou a luta por hegemonia dentro do futebol LGBTQIAPN+, no que diz respeito aos modelos de masculinidade em disputa, especificando como textos como os da mídia são importantes nesse processo: “foi muito incrível pra gente ter ganhado aquele campeonato porque, assim, a matéria do *Globo*, a manchete era: ‘Primeiro campeonato de futebol gay acontece e equipe afeminada é campeã’. O fato disso ter vindo no título já marcou uma diferença muito grande pra gente”. Como discutimos no Capítulo 3 (p. 151), a “masculinidade hegemônica” do futebol LGBTQIAPN+ tem sido alvo de disputa entre os times. No entanto, vimos que o modelo amasculado tem vencido também dentro desse território.

Norman Fairclough (2016) aponta que práticas discursivas desenvolvidas por alguns indivíduos podem gerar transformações significativas. Ele acredita que a maior parte da luta por hegemonia não se dá na política institucional formal, mas sim nas famílias, nas escolas, entre outras instituições do cotidiano. O autor explica também que, nas mesmas construções discursivas, podem aparecer elementos contraditórios, como argumentos patriarcais e feministas. É o caso de Ângelo (ManoTauros, 2018) que dizia que o ManoTauros estava aprendendo a lidar melhor com a afeminação ao mesmo tempo em que contava episódios que demonstravam afeminofobia, como vimos na Seção 3.6.1 (p. 232). Esse caso também pode revelar uma não reflexividade sobre essa questão.

4.3.4 A materialidade discursiva

Norman Fairclough (2016) chama a atenção para o fato de que, potencialmente, qualquer elemento da linguagem pode ser importante para a composição dos discursos. Isso faz com que a construção discursiva possa se compor de formas bastante complexas e variadas. Desse modo, é interessante observar que imagens (estáticas ou em movimento), sons e diversos outros elementos também podem e são constitutivos dos discursos.¹³⁷ Denize Silva e Viviane Ramalho (2012) destacam a importância da *multimodalidade discursiva*, que definem como “a coexistência de sistemas de signos imagéticos e recursos linguísticos gráficos que integram um mesmo espaço textual, de modo a demandar operações cognitivas complexas no corpo da mensagem” (Denize Silva; Viviane Ramalho, 2012, p. 8).

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) apresentou uma estratégia multimodal de construção da identidade do Inconfidentes Pride, apontando para um discurso que reforça a identidade local, um posicionamento político e a identidade LGBTQIAPN+.

Basicamente, Inconfidentes vem da Inconfidência Mineira. É o que a gente, principalmente no último governo, a gente queria, né, mais liberdade, poder se expressar mais. Então, basicamente, Inconfidentes vem da Inconfidência Mineira, de lutar por mais direitos, por mais inclusão. Enfim, o Pride é de orgulho mesmo, da gente ter orgulho de ser quem a gente é, né? E a logomarca, basicamente, é uma maria fumaça com o maquinista carregando uma bandeira LGBT, que são os símbolos bem... a maria fumaça, principalmente, é um símbolo bem mineiro, né? E, aí, tem muito a ver com o nome Inconfidentes Pride, então, maria fumaça, bandeira LGBT, orgulho... [voz de riso] Basicamente, é isso, né? [risos] (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Nesse caso, a mensagem que o nome do time carrega é reforçada pela logomarca, que traz imagens que reafirmam as ideias por trás dela. Pedro (Bharbixas, 2018) também apontou a relevância das bandeiras de identidades LGBTQIAPN+ como símbolo de representatividade de cada um dos grupos que compõem essa sigla.

Inclusive, quando a gente ganhou o campeonato lá no Rio de Janeiro, na hora de buscar nossa bandeira, a gente fez o desfile trazendo junto com a gente a bandeira do orgulho gay, a bandeira do orgulho transexual, a bandeira do orgulho bi. Eu acho que de todos os times que tem no Brasil, nós somos os mais preocupados com relação a representatividade. (Pedro, Bharbixas, 2018)

¹³⁷ Apesar disso, Norman Fairclough (2016) propõe uma análise focada especialmente em questões ligadas ao texto verbal.

A mensagem de representatividade que o Bharbixas queria passar, naquele momento, demandou o uso de vários símbolos imagéticos. Apenas a bandeira LGBTQIAPN+ sozinha não era capaz disso. Ângelo (ManoTauros, 2018) é outro jogador que apontou para a importância das escolhas visuais. Ele revelou que ele e os demais membros fundadores do ManoTauros levaram em consideração o significado das cores que escolheriam para o time: “a gente escolheu vermelho e preto, justamente pela escolha do mascote. Como a gente queria aterrorizante, a gente acha que o vermelho e preto passa muito mais essa sensação. O vermelho e preto foi escolhido no sentido de tentar passar terror”. Essas falas mostram uma reflexividade frequente em relação às propriedades multimodais dos discursos por parte dos jogadores.

Denize Silva e Viviane Ramalho (2012) destacam como as diferentes formas de semiose estão fortemente presentes nos meios de comunicação contemporâneos. Nesses espaços, os discursos multimodais fazem com que as possibilidades de construção de sentido se ampliem. De fato, emojis, *stickers*, GIFs, gírias, fotos, memes, tudo isso faz parte de uma conversa que temos hoje por *WhatsApp*, por exemplo. Para observar os discursos evocados por sujeitos que se comunicam a partir dessa plataforma, tudo isso deveria, potencialmente, ser levado em consideração. Essa configuração exige interpretações sofisticadas, que vão além do texto verbal, passando por aspectos semióticos de diversas naturezas.

Em concordância com Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981), Denize Silva e Viviane Ramalho (2012) defendem que mudanças sociais geram mudanças discursivas, e vice-versa. Mas elas destacam que essas mudanças ocorrem também na *materialidade dos textos*, inclusive em relação à multimodalidade discursiva: “uma primeira mudança sociodiscursiva é a multimodalidade. Textos que conjugam diferentes modalidades semióticas (fotografias, diagramas, cores, desenhos, músicas, efeitos sonoros, vídeos) tornaram-se característicos da modernidade tardia” (Denize Silva; Viviane Ramalho, 2012, p. 11).

As autoras explicam que até mesmo a posição dos elementos nas *composições imagéticas* interferem nos significados. Do mesmo modo, as saliências (tamanho, cor, etc.) são características que mostram o que é mais importante nas composições. As margens, por outro lado, são capazes de definir quais elementos estão relacionados entre si. Tudo isso gera diversas relações entre texto verbal e imagens. Nesse processo, às vezes a imagem e o texto se reforçam, transmitindo a mesma ideia, uma parafraseando a outra. Tal correlação gera reforço.

Em relação à importância da materialidade dos textos, podemos lembrar do esforço do Bharbixas para usar o termo “futebol LGBT” ao invés de “futebol gay” nas postagens das

mídias sociais. O texto da postagem em si, que é uma materialização do processo de construção dessa iniciativa no futebol, mostra-se importante, e Pedro (Bharbixas, 2018) é um jogador que demonstrou ter consciência disso. Da mesma forma, a Figura 2 (p. 24) e a Figura 3 (p. 30), que trazem a lista de times em 2018 e 2023 têm uma diferença nos seus títulos. O da primeira se refere às equipes como “times gays” e o da segunda como “times LGBTQIA+”. Essas imagens são a materialização de um processo e a expressão objetiva de uma luta discursiva que ocorreu ao longo do tempo no futebol LGBTQIAPN+. A utilização do *Instagram* para construção das imagens dos times, como vimos na Seção 4.1.5 (p. 272), por outro lado, aponta para uma multimodalidade trazida pelas mídias sociais, com novas formas de criação e circulação de imagens se tornando importantes para a construção dos discursos dos times.¹³⁸

Maria Castro (2005, p. 122, grifo meu) destaca que “provérbios e *máximas* são expressões de caráter geral ou popular que designam ideia útil, verdade corrente e prática, através de linguagem familiar, concisa e, por vezes, até simbólica”. Dessa forma, existem “verdades” pré-estabelecidas, que, no entanto, também podem ser questionadas ao se subverter a expressão dos provérbios e máximas. Segundo a autora, às vezes, as pessoas enunciadoras criam “novas máximas”, a fim de trazer para o enunciado o caráter legitimado dos provérbios, mas propondo novas verdades. Isso pode ser feito por meio de um *jogo de palavras*, com destaque para a fonética, gerando *duplo sentido*. Nesse caso, ela destaca que o *contexto* é essencial para a interpretação dos textos.

O nome Ball Cat's (AM) não significa apenas que esse é um time dos “gatos da bola”, como a tradução em inglês pressupõe. Esse também é um jogo de palavras que lembra a palavra “boquete”. Isso gera uma relação bem-humorada e subversiva entre esporte e sexualidade. BeesCats Soccer Boys (RJ) não são apenas “garotos do futebol” que têm como mascote um “gato-abelha” – que, de fato, é o símbolo imagético do time. Esse também é um trocadilho para “biscate só quer boys¹³⁹”. Esses jogos de palavras indicam um alto grau de reflexividade desses times na hora de criação desses nomes. Magia (RS), cujo emoji é um mago, não remonta só à mágica. Esse nome remonta também à figura do “boy magia”¹⁴⁰. É

¹³⁸ Até mesmo esta tese carrega uma série de esforços para materialização de discursos que eu, como pesquisadore, defendo. É o caso da utilização da linguagem neutra, por exemplo.

¹³⁹ A palavra “*boy*”, entre pessoas LGBTQIAPN+ é também uma gíria usada para se referir especificamente a homens que são alvo da atração sexual-afetiva de uma pessoa. A frase “a festa tá cheia de *boys*”, por exemplo, indica que tem muitos homens atraentes. A palavra também é usada para se referir a um homem com quem a pessoa esteja se relacionando, tal como “ficante” ou namorado”.

¹⁴⁰ Homem muito bonito.

assim que cada time vai usando a criatividade para usar os próprios nomes como ferramenta para subverter as lógicas do futebol convencional.

Um elemento discursivo importante percebido nas falas dos jogadores é a utilização de expressões que, servindo como metáfora, conseguem imprimir ideias de maneira forte e concisa. É o caso de algumas frases de Lúcio (Bharbixas, 2023), por exemplo. Em relação à participação em “campeonatos hétero”, ele disse: “a gente tá ali é pra *dar a cara a tapa*, pra fazer as coisas mudarem, né?” Isso porque essa participação era pioneira e desafiadora. Já sobre o modelo da LiGay: “só que já vai pra cinco anos de movimento, e a gente tá *andando a passos de bebê* ainda”. Com isso, ele apontava que muito pouco ainda havia sido avançado desde o começo. Além disso, ele também falou sobre o uso do futebol para mascarar sua homo-orientação: “então, eu meio que *mergulhei mesmo de cabeça* no futebol”. A expressão aponta a intensidade com a qual ele passou a se dedicar ao esporte.

Norman Fairclough (2016) nos lembra de que os discursos são materializados em textos, e esses têm condições distintas de *produção e recepção*. Alguns textos, por exemplo, podem ser escritos, reescritos, editados e revisados. Outros podem ser espontâneos. Alguns podem ser lidos com o máximo de concentração, enquanto outros podem ser ouvidos ao fundo em meio à realização de outras atividades. Atentar-se para esses fatos também é algo importante na hora de interpretar os impactos dos discursos nas interações entre os sujeitos. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) relatou que a escolha das cores do ManoTauros se deu, entre outros motivos, para não ligá-lo diretamente ao time para o qual ele e Ângelo torciam.

O nome ManoTauros surgiu por conta do Minotauro. Aí modificamos e colocamos “mano” em vez de “mino”. E como as cores definimos preto e vermelho, porque Ângelo e eu, dois atleticanos doentes, não poderia colocar preto e branco, pois poderíamos ter dificuldades para conseguir atletas se envolvesse nosso time de coração. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Essa escolha das cores enquanto elemento textual – pensando “texto” de forma ampla, como materializações de discursos e sentidos – deu-se devido às condições de recepção específicas de um time de Belo Horizonte. A preocupação em não usar o preto e o branco só faz sentido, nesse contexto, por essas serem as cores de um dos maiores times da cidade, o que levaria rapidamente a essa correlação.

O que Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981) chama de dialogismo, Norman Fairclough (2016) chama de *intertextualidade*. Além de reafirmar que os textos – o que Mikhail Bakhtin (Valentin Volóchinov, 1981) chama de enunciados – são respostas uns aos outros, o autor também ressalta que a intertextualidade opera à medida em que um tipo de

texto se *transforma* em outros. É o caso das falas dos jogadores de times LGBTQIAPN+ que se transformam em matérias jornalísticas, por exemplo. Além disso, ele também destaca o processo de *interpretação*, lembrando que aquele que interpreta aciona outros textos aos quais já teve contato para dar sentido ao que está lendo ou ouvindo. A intertextualidade transforma o passado em presente, à medida em que atualiza os textos anteriores. Esse processo pode ser *criativo*, gerando mudança discursiva e mudança social.

O autor entende que existem microprocessos e macroprocessos envolvidos na produção de discursos. Os primeiros dizem respeito às ferramentas e práticas adotadas pelos sujeitos para produzir os textos. Os segundos estão relacionados ao contexto mais amplo de produção e circulação de discursos em um nível social. Para Norman Fairclough (2016), uma combinação entre microanálise e uma macroanálise é necessária.

4.4 IMERSÃO NO CAMPO

Chegou o momento de refletir sobre a realização desta tese. Como a reflexividade é um pensamento que se volta sobre si mesmo, proponho fazer o esforço de pensar sobre mim enquanto pesquisadore e sobre esta tese enquanto trabalho que realizei durante o doutoramento. Nesta seção, refletirei especialmente sobre o fazer metodológico desta pesquisa. Para o desenvolvimento dela, ao lado da discussão bibliográfica, optei por fazer um estudo etnográfico baseado em duas metodologias principais: a entrevista e a observação participante. Na Seção 4.4.1 (p. 324), com a ajuda de referências como Luiz Marietto (2016) e Carmen Rial (1995), falarei sobre o trabalho de observação participante. Na Seção 4.4.2 (p. 332), abordarei o método de entrevista, auxiliado por Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004). Por fim, na Seção 4.4.3 (p. 338), discutirei os dilemas éticos enfrentados e os desafios da minha subjetividade em campo.

4.4.1 Etnografia e observação participante

Luiz Marietto (2018) explica que a etnografia pode envolver vários procedimentos metodológicos, como a observação participante, a entrevista, a análise documental, a análise do discurso, entre outros. Por isso, ele nos lembra de que, apesar de a etnografia e a observação participante serem frequentemente vistas como sinônimos, esta última é apenas uma das ferramentas possíveis para a realização da etnografia. Independentemente do método

utilizado, a pesquisa etnográfica busca apreender as manifestações culturais dos grupos com quem a pessoa pesquisadora entra em contato.

A proposta [da etnografia] está no estudo de grupos organizados, na coletividade de indivíduos em determinado arranjo social. A pesquisa busca absorver as peculiaridades culturais desta comunidade por meio da apuração dos processos de interação social. Para esta absorção tentam-se sistematizar os comportamentos, costumes, crenças, além de outras dimensões e elementos culturais compartilhados pelos indivíduos. (Luiz Marietto, 2018, p. 7)

Enquanto a *etnografia clássica* exige a imersão da pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore em um único grupo por tempo prolongado a fim de gerar uma descrição de alta densidade, a *etnografia multissituada* (George Marcus; Michael Fischer, 1999) propõe deslocamentos entre diferentes grupos a fim de investigar relações e interconexões possíveis entre eles. George Marcus (2001) aponta algumas estratégias possíveis para realizar a pesquisa multissituada, entre elas, seguir a biografia, seguir o conflito e seguir a metáfora, três caminhos percorridos por mim em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021b), ao estudar gays evangélicos de Belo Horizonte. Segundo George Marcus (2001, p. 119, tradução minha), *seguir a metáfora* é uma estratégia potente para quem lida com discursos: “quando o objeto extraído se encontra dentro do âmbito do discurso e das modalidades de pensamento, a circulação de signos, símbolos e metáforas guia o desenho da etnografia”¹⁴¹. O autor também apresenta a estratégia de *seguir o conflito* como uma das mais potentes: “rastrear as diferentes partes ou grupos em um conflito define outra forma de se criar um terreno multilocal na investigação etnográfica”¹⁴² (George Marcus, 2001, p. 121, tradução minha). Quanto a *seguir a biografia*, o autor nos explica que essa estratégia consiste em seguir as histórias de vida, entendendo-as como uma trama.

Tomando como base a etnografia clássica, na qual esse método surgiu, Luiz Marietto (2018, p. 8) explica que a observação participante “consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação”. Na etnografia multissituada, como vimos, esse processo se dá para além de um único grupo, com a pessoa pesquisadora dividindo seu período de inserção em campo entre os deslocamentos que realiza.

¹⁴¹ Do original: “Cuando la cosa trazada se encuentra dentro del ámbito del discurso y de las modalidades de pensamiento, la circulación de signos, símbolos y metáforas guía el diseño de la etnografía.”

¹⁴² Do original: “rastrear las diferentes partes o grupos en un conflicto define otra forma de crear un terreno multilocal en la investigación etnográfica”.

Luiz Marietto (2018) explica que esse método permite uma compreensão profunda dos significados atribuídos às situações por parte dos próprios indivíduos que fazem parte delas, já que a pesquisa é realizada no ambiente desses sujeitos. Por causa disso, “o pesquisador envolvido na observação participante tenta aprender como é a vida de um ‘nativo’, mantendo-se, inevitavelmente, um ‘estranho’” (Luiz Marietto, 2016, p. 8). Isso porque, ao estar no território do outro, a pessoa pesquisadora está sempre deslocada, mesmo que essa sensação diminua com o passar do tempo.¹⁴³ O autor explica que a observação participante envolve conversas com as pessoas interlocutoras, a fim de apreender esses significados – tendo sempre sensibilidade ao fazer perguntas sobre a dinâmica do grupo. O sujeito etnógrafo deve também, na medida do possível, abster-se de interferências desnecessárias e que possam ser evitadas. Além das conversas, a pessoa observadora adota uma série de outros procedimentos para a realização da observação participante.

Exemplificando, normalmente, os pesquisadores da área da antropologia combinam seus dados com notas de campo, observação testemunhal, informações obtidas a partir de informantes, entrevistas informais e descrições dos “nativos” ou informantes. O pesquisador emprega múltiplas e sobrepostas estratégias de coleta de dados a serem totalmente engajadas em experimentar (sentir ou vivenciar) o arranjo contextual (a participação), enquanto que, ao mesmo tempo em que observa e conversa com outros participantes sobre o que está acontecendo [...] (Luiz Marietto, 2016, p. 8)

Luiz Marietto (2016) explica que existem diferentes posicionamentos do sujeito pesquisador em campo durante a observação participante, possibilitando diferentes graus de observação e de participação. O sujeito pesquisador pode ser um “*participante completo*”. Nesse caso, ele entra no grupo pesquisado sem revelar sua identidade, mantendo-se disfarçado e buscando se tornar um membro dele. Ele também pode ser um “*participante como observador*”. Nessa estratégia, a pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore comunica seu objetivo e adquire autorização do grupo para realizar a sua pesquisa. Essa dinâmica tende a funcionar melhor à medida em que os sujeitos interlocutores se acostumam com o sujeito pesquisador e passam a confiar nele. Há também a possibilidade de o sujeito pesquisador ser um “*observador como participante*”. Nesse caso, ele tem um envolvimento mínimo com o grupo pesquisado. Existe alguma interação com ele, mas o sujeito pesquisador não se coloca

¹⁴³ Ainda que o sujeito etnógrafo esteja pesquisando um grupo do qual ele próprio faz parte, a sua inserção nesse grupo durante a pesquisa não será a mesma de quando ele participa dele como “nativo”. A experiência será diferente, pois, ao invés de apenas vivenciar o momento, ele também o observará e analisará sistematicamente. Por isso, naquela situação, o sujeito etnógrafo também olhará o grupo a partir do lugar de um estranho. Entretanto, obviamente, essa é uma relação específica, com uma natureza própria, que traz uma matiz diferente em relação às demais.

como parte integrante da dinâmica estabelecida pelas interlocutoras, interlocutores e interlocutorus. Por fim, há a possibilidade de o sujeito pesquisador ser um “*observador completo*”. Nesse caso, não há nenhuma interação entre ele e o grupo pesquisado. É o caso da observação não participante, da qual falaremos a seguir.

Acredito que, nesta pesquisa, a minha atuação tenha sido mais próxima à de um observador como participante. Na maioria das vezes, interagi pouco com os sujeitos em campo. Apenas quando participei de uma pelada com o Bharbixas é que tive uma interação maior, mas, mesmo assim, não busquei me passar por alguém interessado em ser membro do time. No entanto, a minha apresentação em campo trouxe algumas dificuldades em relação a uma definição mais evidente. Na pelada do Bharbixas da qual eu participei, Roberto não falou para todas, todos e todes que eu era um pesquisador. Acredito que o Lúcio também não tenha falado. Eu expliquei quem eu era apenas para dois jogadores que estavam mais próximos de mim. Já em um treino do ManoTauros que eu acompanhei, apenas observando, uma pessoa me cumprimentou, e eu expliquei para ela que eu era pesquisador e que havia perguntado para Cláudio se eu poderia acompanhar o treino. Ele se apresentou e foi muito simpático. Mais tarde, eu identificaria que ele era o treinador do time. Na sequência, enquanto eu aguardava na arquibancada, um rapaz pediu para eu vigiasse a calça dele, que estava com a carteira no bolso. Acredito que ele tenha me visto como uma pessoa torcedora habitual do time, que estivesse acompanhando um dos jogadores. Ainda antes de o treino começar, antes de me apresentar para o presidente do Predadores, Cláudio explicou para ele quem eu era, dizendo: “ele tá fazendo trabalho de faculdade”. Isso me irritou, porque senti que ele falou como se o meu trabalho não fosse muito sério, como se fosse um trabalho qualquer entre outros que eu estivesse fazendo. No final, um jogador me agradeceu. Eu estava de costas e fiquei sem reação. Não sabia quem era e mesmo quando olhei, não identifiquei. Na hora falei apenas: “nada, eu que agradeço...”

No aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão, decidi levar um caderno e ficar com ele em mãos. Eu poderia ter optado por fazer anotações no celular durante o evento, mas decidi usar o caderno para, de certo modo, demarcar meu papel de pesquisador naquele ambiente. Entretanto, acabei fazendo anotações sobre falas de algumas pessoas apenas após ficar sozinho. Já na pelada do Bharbixas da qual participei, eu não usei caderno, mas mandei minhas anotações para mim mesmo por meio do *WhatsApp*. Em algumas observações participantes, as pessoas, em algum grau, incomodaram-se com os meus registros em campo. Um primo do Roberto, que estava o acompanhando em um treino do Bharbixas que eu observei, disse em determinado momento: “Van só anotando no caderninho”. Nesse mesmo

treino, um jogador pareceu ter ficado com vergonha quando eu o fotografei dançando. Na 5ª edição do Champions LiGay, uma pessoa falou que apostava que eu era jornalista por causa do meu caderno.

Alguns dias antes do aniversário do Bhabixas no Mineirão, entrei em contato com Ângelo pelo *WhatsApp* para ver se poderíamos ir juntos. Ele foi muito solícito e me ofereceu para ficar na casa dele, já que, na época, eu morava em Governador Valadares. Eu disse que tinha onde dormir, mas perguntei se poderia ir à casa dele antes do jogo. Combinamos de nos encontrar no início da manhã para podermos conversar até o horário do evento, que seria depois do almoço. Pouco depois de iniciarmos uma conversa, ele e o marido me ofereceram queijo e café, depois trouxeram pães de queijo. Mais tarde serviram almoço. Deixei minha mochila na casa deles quando fomos ao Mineirão e peguei na volta. Enquanto eu e Ângelo conversávamos sobre o tema da pesquisa, chegou um jogador do Afronte (SP), que estava hospedado na casa dele e também começou a conversar com a gente. Os assuntos foram progredindo e, eventualmente, o marido do Ângelo também se juntava a nós. Nessa conversa, que durou toda a manhã, os três me passaram diversas informações. Durante os diálogos, fiquei com meu caderno nas mãos, e, eventualmente, anotava algum dado que poderia esquecer, ou palavra-chave para me ajudar a lembrar do que havíamos discutido. Tentei não ficar anotando o tempo todo para não causar muito desconforto na dinâmica da conversa. Eles não pareceram se incomodar com minhas anotações e não pediram para que alguma informação não fosse utilizada.

Em determinado momento, o marido de Ângelo se preocupou porque algo que estava acontecendo – não me recordo o quê – estaria atrapalhando a “entrevista” que eu estava fazendo. Eu disse a ele que não estávamos numa “entrevista”, mas numa conversa, e expliquei que no caso das “entrevistas”, eu faço gravações. Eu estava me referindo a uma entrevista formal, mas depois me dei conta que o que estava acontecendo ali era uma espécie de entrevista informal em grupo, se é que podemos estabelecer esse rótulo. Ângelo foi sempre muito receptivo à pesquisa e disposto a ajudar. Sempre que entrei em contato, ele demonstrou bastante iniciativa em colaborar com o que fosse possível. Cláudio, por sua vez, sempre se mostrou uma pessoa muito reservada e um pouco distante. Em um treino do ManoTauros que eu fui acompanhar, o treinador do time me recebeu de forma muito mais amigável que ele.

Durante o aniversário do Bhabixas no Mineirão, eu não quis ficar muito “em cima” do Ângelo, para não ser desagradável, e os outros membros do ManoTauros não foram especialmente convidativos à minha interação com eles naquele espaço. Por causa da falta de interação, comecei a me sentir “sobrando” ali. Fiquei sem saber o que fazer: se forçava uma

interação maior ou se ficava mais “na minha”. Acabei optando pela segunda opção. Na 5ª edição do Champions LiGay, quando cheguei, senti-me sem lugar, pois todos estavam confraternizando entre si, e eu não conhecia ninguém. Ainda antes de o evento começar, tirei a blusa de frio com a intenção de tentar me misturar melhor. Não tenho mais ideia do porquê, mas senti, naquele momento, que estava destoante com ela. No entanto, fazia frio e chovia. Circulei um pouco pelo local, mas a chuva estava molhando meu caderno. Então, vesti a blusa novamente. Eu estava torcendo para que Ângelo chegasse logo, para eu ver alguém conhecido e para pedir a ajuda dele com as entrevistas que eu planejava fazer.

Por acaso, depois da entrevista que realizei com Roberto, ocorrida em outro momento, ele me convidou para ir a um treino do Bharbixas com ele. Sem saber, acabei indo no dia em que ocorreria também o primeiro treino da equipe feminina, o que me proporcionou uma possibilidade de observação bastante interessante. Depois disso, fomos à Rua Sapucaí, uma área boêmia na região central da cidade. Lá, bebemos um pouco e conversamos sobre amenidades, como astrologia. Roberto não ficou muito tempo, e fui embora com ele. Eu fiquei em dúvida sobre como proceder em relação ao que o Roberto me dizia durante o período da pesquisa fora da entrevista formal. Como somos amigo e amiga, imaginei que algumas das coisas que ele pudesse ter me dito seriam endereçadas ao amigo dele e não ao pesquisador. Por isso, resolvi não usar dados que ele me apresentou de forma informal nesse período.

Outras situações também me deixaram em dúvida sobre como proceder em campo. No aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão, por exemplo, fiquei muito em dúvida sobre tomar cerveja ou não. Queria participar da sociabilidade, mas ao mesmo tempo fiquei com medo de isso atrapalhar meu raciocínio e capacidade de registro. Tomei duas latas de cervejas durante o evento. Em determinado momento, Ângelo me chamou para ir comprar uma bebida com ele e os amigos, nos bastidores do estádio. Comprei e tomei minha primeira lata de *Skol* nesse momento. Depois do jogo, a arquibancada foi aberta para que as pessoas descessem para o entorno do palco. O enquadramento do evento passou a ser de festa, show ou balada. Ali, pedi e tomei a segunda lata de cerveja. Eu havia comprado três *tickets*, e acabei nem usando o terceiro. Percebi que, na hora da organização das anotações dessa observação participante no diário de campo, minha memória estava pior para lembrar do que havia acontecido após a segunda cerveja.

Como ressalta Luiz Marietto (2016), as tecnologias da informação trouxeram para a pesquisa etnográfica a possibilidade de registrar as imersões em campo através de *fotos*, *áudios* e *vídeos*. Isso permite à pessoa pesquisadora contar com um suporte objetivo para o

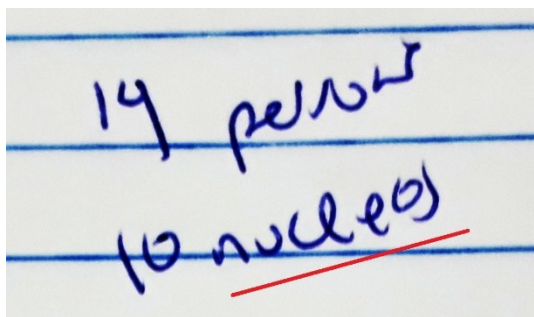
registro do que antes precisava se basear unicamente em sua *memória*. Isso porque as *anotações* realizadas em campo muitas vezes não conseguem acompanhar a velocidade dos acontecimentos e nunca conseguem registrar as situações por completo. Ao construir o *diário de campo* baseado apenas nas anotações, a pessoa pesquisadora pode contar somente com a memória para preencher as lacunas do texto. No entanto, se ocorre o registro de imagens e áudios, também é possível fazer uma análise detalhada deles posteriormente. A gravação em vídeo, por exemplo, permite capturar nuances, como expressões, movimentos de desconforto, etc. Atualmente, algumas pesquisas têm optado por realizar a análise baseada inteiramente nesses registros, e a pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore entra em campo com a única finalidade de realizá-los. Essa estratégia tem sido chamada de *observação não participante*. Nas observações participantes que realizei, tirei fotos, algumas das quais utilizei neste texto.

No caso de realização de notas de campo, Luiz Marietto (2016), recomenda que elas sejam feitas de forma discreta durante a observação participante ou assim que ela acabar, dependendo das características da participação. Como disse acima, busquei fazê-las dessa maneira. De qualquer forma, para o autor, o ideal é que elas sejam expandidas o mais breve possível, de forma a evitar confusões e perdas no processo de rememoração. Na Seção 4.4.3 (p. 338), eu discutirei sobre dificuldades que ocorreram nesse processo. Independentemente delas, eu organizei as anotações das observações participantes no diário de campo de forma bastante minuciosa. Algumas vezes, o trabalho foi exaustivo, tendo demorado muitas horas para ser realizado. Mas considero que foi bastante produtivo tê-lo feito com cuidado. No entanto, uma coisa interessante de quando demorei para organizar as anotações de uma observação participante no diário de campo é que, à medida em que eu ia escrevendo, as memórias do dia iam voltando. Nas anotações de uma observação participante em particular, estava muito difícil entender a minha letra. Escrevi muito rápido, por isso, a caligrafia ficou ruim. Como a organização do material não foi feita imediatamente depois do campo, já não me lembrava bem de todos os acontecimentos. Pedi ajuda para dois colegas de trabalho, para me auxiliarem a entender alguns trechos. Uma hora, quando eu tentava explicar o que tinha acontecido, um dos meus colegas me disse: “você tá inventando...”, então percebi que algumas partes teriam que ser perdidas mesmo. Na Figura 18 e na Figura 19, há dois exemplos de trechos ininteligíveis.

Luiz Marietto (2016) defende uma *metodologia multimodal* para a coleta e a análise dos dados etnográficos. Isso significa combinar diferentes métodos, como a observação participante, a entrevista, a análise documental, etc. Com isso, a pessoa pesquisadora pode aprofundar a análise e também ter a possibilidade de fazer uma *triangulação* dos dados, ou

seja, uma comparação que permite observar a consistência deles, demonstrando sua *confiabilidade*. Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) explicam que um processo que aumenta a confiabilidade é perguntar às pessoas interlocutoras se o entendimento construído está correto (*texto negociado*), o que costuma ocorrer durante entrevistas, por exemplo. Mas elas também explicam que a avaliação dos pares é outra forma de obtenção de confiabilidade para a pesquisa. É o que ocorre quando submetemos nossos textos às bancas de avaliação e defesa, por exemplo.

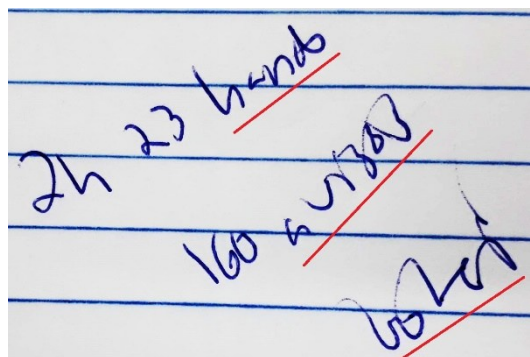
Figura 18 – Anotações do trabalho de campo (I)



Fonte: anotações do trabalho de campo (27 de jul. 2018)

Descrição: Trecho do diário de campo com anotações ininteligíveis.

Figura 19 – Anotações do trabalho de campo (II)



Fonte: anotações do trabalho de campo (27 de jul. 2018)

Descrição: Trecho do diário de campo com anotações ininteligíveis.

Carmen Rial (1995) apresenta a *etnografia de tela* como proposta metodológica para os estudos de interações ocorridas através da mídia. Segundo ela, essa é “uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica” (Carmen Rial, 1995, p. 14). Isso inclui imersão em campo, observação sistemática e registro metódico do trabalho de campo. A etnografia de tela, enquanto prática de trabalho de campo, é capaz de produzir “um grau elevado de compreensão do grupo social ou do texto estudado, mantendo uma reflexividade” (*ibidem*, p. 14).

A autora explica que a etnografia de tela, assim como a análise do discurso, é uma alternativa à análise de conteúdo – de cunho quantitativo – que possibilita a apreensão de uma variedade maior de elementos. Segundo Carmen Rial (1995), os discursos, enquanto fenômenos sociais, estão relacionados ao “poder da mídia em desencadear fenômenos sociais e estabelecer ou modificar estereótipos” (Carmen Rial, 1995, p. 13). Desse modo, etnografia de tela e análise do discurso atuam de forma complementar, como explica a autora: “a análise do discurso é utilizada nas etnografias de tela, mas estas, partindo do método etnográfico,

buscam ir além do texto e ao encontro do contexto, das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem” (*ibidem*, p. 14). Utilizei esse método para buscar entender melhor o perfil dos times e os acontecimentos ligados a eles a partir do *Instagram*, focando principalmente nos perfis do Bhabixas e do ManoTauros, mas também estabelecendo conexões com outras equipes e com perfis de pessoas integrantes delas. Eventualmente, alguns links com o *Facebook* também foram realizados.

4.4.2 Entrevista

Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) explicam que a entrevista nas pesquisas qualitativas permite conhecer a forma como as pessoas veem o mundo por meio dos seus discursos. Esse método possibilita “o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante” (Márcia Fraser; Sônia Gondim, 2004, p. 140). A entrevista e a observação participante se complementam à medida em que a primeira revela o que as pessoas pensam sobre o mundo, enquanto a segunda demonstra como as pessoas agem no mundo.

As autoras explicam que há diferentes tipos de entrevistas. A *entrevista estruturada* ou fechada é mais usada em pesquisas quantitativas. Há um conjunto de perguntas previamente definidas a serem aplicadas a todas as pessoas entrevistadas, sempre na mesma ordem e sem nenhuma mudança ou adaptação. A pessoa entrevistadora deve ser o mais neutra possível, não fazendo comentários ou intervenções na fala da entrevistada, entrevistado ou entrevistade. No entanto, nas pesquisas quantitativas, esse formato inibe a livre expressão das opiniões das pessoas entrevistadas, que são o que está sendo buscado. Por isso, costuma-se recorrer à *entrevista semiestruturada*. Nela, há um *roteiro* prévio, mas adaptado a cada pessoa entrevistada e sujeito a mudanças no decorrer da entrevista, à medida que as entrevistadas, entrevistados ou entrevistades dão a ver novos aspectos do tema que está sendo abordado. A pessoa entrevistadora pode interferir mais nas declarações da pessoa entrevistada, fazendo provocações, confirmando entendimentos e estimulando algumas falas, por exemplo. Dessa forma, a entrevista acaba se tornando o resultado da interação e uma cooperação entre as pessoas entrevistadora e a entrevistada. Por fim, na *entrevista não estruturada* ou aberta, não há um roteiro de perguntas. A pessoa pesquisadora simplesmente pede para que a pessoa entrevistada fale livremente sobre o tema e vai definindo como guiá-la à medida em que os tópicos aparecem. Essa técnica permite um maior controle da pessoa entrevistada sobre o processo, mas o dificulta um pouco se o objetivo é obter informações específicas.

Neste trabalho, optei pela entrevista semiestruturada. Para cada entrevistado, preparei um roteiro com cerca de 30 perguntas. Não realizei todas elas, apenas as tinha como um leque de possibilidades para o desenvolvimento da entrevista. Muitas vezes, os jogadores já tocavam em alguns pontos sem que eu precisasse perguntar especificamente sobre eles. Outras vezes, eu via que uma pergunta que eu havia pensado previamente não seria relevante. Ao longo da entrevista, perguntas diferentes das que haviam sido pensadas também iam surgindo de acordo com o que o jogador ia trazendo. Na segunda entrevista com Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), não preparei um roteiro. Apenas fiz algumas poucas perguntas que eu gostaria que ele me elucidasse em relação ao contexto da nossa primeira entrevista e do que havia mudado desde então. Somente em um caso foi necessário fazer uma entrevista estruturada. Precisei enviar todas as perguntas de uma vez para um jogador. Nesse caso, condensei bastante o roteiro e o concentrei em 8 perguntas mais amplas. A seguir, irei explicar melhor sobre a necessidade de adaptação do método para esse jogador específico.

Verena Alberti (2004) ressalta que a entrevista qualitativa não é, de forma alguma, uma construção objetiva em relação à pessoa pesquisadora. A presença e as perguntas dela incidem diretamente no relato do sujeito entrevistado. Portanto, a entrevista acaba tendo dois autores: o sujeito entrevistado e o sujeito entrevistador. Além disso, o relato da entrevistada, entrevistado ou entrevistade será interpretado pela pessoa pesquisadora, que dará novos sentidos a ele. Alessandro Portelli (1997) também ressalta o caráter de coautoria entre os sujeitos entrevistador e entrevistado em relação aos relatos orais, que “são sempre o resultado de um relacionamento, de uma projeto compartilhado no qual ambos o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente” (Alessandro Portelli, 1997, p. 35). Para esse autor, diferentemente de um documento escrito, que já está pronto quando o lemos, o relato oral molda-se às necessidades da pessoa pesquisadora: o que existe em potência ganha forma de acordo com o que ela conduz na entrevista. A pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore gera uma distorção, uma vez que, em certa medida, os sujeitos que produzem o relato contam o que acreditam que ele espera ouvir: os sujeitos entrevistados estudam os sujeitos entrevistadores que os estudam. Devido à subjetividade da pessoa entrevistada, à fluência da narração, a essa interação entre entrevistador e entrevistado, entre outros fatores, “o testemunho oral, de fato, nunca é igual duas vezes” (*ibidem*, p. 36).

Depois de transcrever as entrevistas que eu havia realizado em 2018, fiquei achando que deveria tentar fazer menos interferências nas entrevistas que realizaria em 2023. Isso porque, nas primeiras, quando o entrevistado dava uma pausa, eu tentava deduzir o que ele iria dizer e, então, perguntava se era aquilo que eu estava imaginando. Foi assim, por

exemplo, da primeira vez que Ângelo (ManoTauros, 2018) usou a ideia de “caricatura” para se referir às fotos do Bhabixas no *Instagram*. Ele falou “estereotipar” e não ficou satisfeito com o que disse. Então, ficou um bom tempo tentando encontrar qual era a palavra que ele queria falar. Foi quando eu perguntei: “caricaturizar?” E ele concordou e retomou a argumentação. Não sei se é possível dizer que houve alguma sugestão ou se o que ocorreu foi apenas uma ajuda para que ele expressasse o que não estava conseguindo. De todo modo, achei melhor evitar esse tipo de interferência nas entrevistas posteriores.

Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) apontam que há diferenças também entre a *entrevista face a face* e a *entrevista mediada* por ferramentas como o computador ou o celular. É que as primeiras possibilitam um maior grau de interação, dando à pessoa pesquisadora o acesso a elementos que, apesar de também poderem ser apreendidos nas entrevistas mediadas, são muito mais acessíveis no contato direto, como movimentos corporais e reações faciais (*comunicação cinésica*). De todo modo, elas indicam que existe uma série de outros elementos, que podem ser observados nos dois tipos de entrevista, que vão além dos enunciados tomados apenas como uma sucessão de palavras (*elementos verbais*). É o caso das pausas (*comunicação cronêmica*) e dos tons de voz (*comunicação paralinguística*), por exemplo. No entanto, não é uma tarefa fácil identificar o que significam esses *elementos não verbais*. Alessandro Portelli (1997) dá um exemplo sobre a complexidade do processo de interpretação, apontando que o sujeito narrador conta sobre os episódios de forma mais rápida ou detalhada, e há um significado por trás disso. Entretanto, ele destaca que não há uma fórmula para a definição do significado das flutuações na fala: “não há regras fixas de interpretação: diminuição de ritmo pode significar tanto ênfase maior como maior dificuldade, e a aceleração pode mostrar um desejo de escorregar sobre certos pontos também como maior familiaridade ou facilidade” (Alessandro Portelli, 1997, p. 28). De todo modo, quem interpreta a narração deve procurar modos de identificar os possíveis significados dessas variações.

Todas as entrevistas que realizei foram total ou parcialmente gravadas em áudio e depois transcritas. Na transcrição, procurei indicar os elementos de comunicação cronêmica e paralinguística. Em alguns trechos das falas dos jogadores, foi possível identificar a importância das inflexões da voz. Daniel (ex-Bhabixas, 2023), sobre o aniversário de 1 ano do Bhabixas no Mineirão, disse o seguinte: “tinha muita gente no estádio. Não tava cheio, óbvio, né? Mas tinha muita [ênfase no ‘muita’] gente”. O alongamento do “u” de “muita” indica que a quantidade, para ele, era realmente bastante significativa, tanto que chamava a atenção. O mesmo pode ser observado nessa fala de Ângelo (ex-ManoTauros, 2023): “então,

essa pelada do Bhabixas era muito famosa. Ia muita [ênfase no ‘muita’] gente”. Essas inflexões chamam a atenção do ouvinte para determinado ponto, tentando deixar evidente e sublinhada uma ideia. Já esta fala de Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) indica uma relação de tempo: “aquele racha que teve lá [ênfase no ‘lá’] em 2017 foi um racha mais ideológico”. A ênfase no “lá” indica que, para ele, já havia se passado muito tempo desde então. Com isso, ele indicava que esse é um acontecimento que já está muito distante da realidade presente. Nesta fala de Pedro (Bhabixas, 2018), o tom de voz utilizado demonstra a manifestação de gênero atribuída ao time do qual ele falava: “aí, é o ManoTauros [‘Tauros’ dito com ênfase e voz grave], sabe?” Coisa máscula [‘máscula’ dito com voz grave e rouca]”. A comunicação cronêmica também foi importante em algumas falas. Neste trecho, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) fez uma pausa: “o Bhabixas exigia essa postura... não exigia formalmente, mas impunha essa postura [pausa] ‘homonormativa’, digamos. Não existe essa palavra, mas...” Ela revela um exercício de pensamento e uma dificuldade de encontrar a palavra que ele queria utilizar (ou cunhar). Quando inseri as falas dos jogadores neste texto, busquei manter esses elementos para que a leitora, leitor ou leitore também pudesse ter acesso a eles na hora de interpretá-las.

Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) falam das entrevistas face a face e mediada. Há, no entanto, mais outros dois tipos de entrevista em relação à forma de contato entre o sujeito pesquisador e o sujeito entrevistado. As duas primeiras possibilidades, discutidas pelas autoras, apontam para situações nas quais é possível ver a pessoa entrevistada durante o processo, seja pessoalmente ou por meio de vídeo. No entanto, em alguns momentos, isso não é prático ou viável, deixando como opções as entrevistas por áudio ou por texto escrito. As *entrevistas por áudio* são comuns no jornalismo, minha área de formação. Mesmo antes do surgimento de tecnologias da informação como o computador e o smartphone, elas já aconteciam de forma cotidiana por meio do telefone fixo. Isso porque nem sempre é repórter tem como se deslocar até a pessoa entrevistada. Atualmente, o jornalismo também recorre a *entrevistas por texto*, enviando as perguntas por e-mail, por exemplo.

O surgimento de aplicativos multimídia como o *WhatsApp* possibilitou novas formas de efetuar esses dois procedimentos. É possível estabelecer a comunicação com as pessoas entrevistadas nessas plataformas por mensagens de áudio, por exemplo. Nesse caso, a vantagem é que as falas da pessoa ficam gravadas, podendo ser acessadas várias vezes e também transcritas posteriormente. Já no caso das mensagens de texto por meio dessas plataformas, assim como nas trocas de áudio, elas podem ocorrer no formato de chat, com cada pergunta sendo feita após a resposta da pergunta anterior. De maneira diferente, a

comunicação por e-mail exige o envio de todas as perguntas de uma só vez. O formato de chat pode deixar a entrevista menos estruturada, com a entrevistadora, entrevistador ou entrevistadore podendo adaptar as suas perguntas de acordo com as respostas anteriores.

De todo modo, ambas essas formas de entrevista, ao serem transpostas para a pesquisa em ciências sociais, geram perdas em relação às entrevistas que permitem ver a pessoa entrevistada. No caso da entrevista por áudio, perde-se a comunicação cinésica, mas mantém-se a comunicação cronêmica e paralinguística. No caso da entrevista por texto, perde-se também esses elementos, mantendo-se apenas a comunicação verbal. No entanto, por meio de plataformas como o *WhatsApp*, os textos ganham outros elementos que servem como novos geradores de sentido para as respostas, como emojis e *stickers*, uma vantagem que não está presente nas outras formas de interação. Dessa forma, o que justifica a perda dos elementos conseguidos por entrevistas realizadas pessoalmente ou por meio de vídeo é a viabilidade. Em alguns casos, as duas primeiras opções podem não ser possíveis. Então, para ter acesso a um determinado sujeito que se pretende entrevistar, a pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore pode se valer de uma dessas estratégias alternativas, optando pela que for mais acessível para a entrevistada, entrevistado ou entrevistade.

As primeiras três entrevistas, com Pedro (Bharbixas, 2018), Ângelo (ManoTauros, 2018) e Roberto (Bharbixas, 2018) foram face a face. Entre as entrevistas feitas em 2023, as realizadas com Daniel (ex-Bharbixas, 2018), Lúcio (Bharbixas, 2023) e Cláudio (ManoTauros, 2023) foram por videochamada. Eu dei a eles a opção de fazer presencialmente ou *online* e os três preferiram a segunda opção. Eles disseram que seria mais fácil para eles. Acredito que, após a pandemia, tenhamos ficado muito mais familiarizados com esse modelo. No caso da segunda entrevista com Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) e da entrevista com Eduardo (ex-ManoTauros, 2023), as entrevistas foram por chat do *WhatsApp*. Com Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), ela ocorreu por troca de mensagens de áudio. No entanto, com Eduardo (ex-ManoTauros, 2023), ela ocorreu principalmente por meio de mensagens de texto. Eu tentei marcar uma entrevista face a face ou por videochamada com ele durante alguns meses. No entanto, ele estava vivenciando problemas pessoais, naquele momento, e não conseguiu me atender dessa forma. Então, combinei de enviar para ele as perguntas por *WhatsApp*. Ele preferiu respondê-las por meio de texto, com exceção de duas elucidações que eu pedi, que ele mandou por mensagem de áudio. Não houve uso de emojis, memes ou figurinhas para as respostas. Apenas de onomatopeias como “hahaha” para representar risos. Para padronizar o material dessa entrevista em relação às demais, resolvi substituí-las pela indicação “[risos]” que utilizei na transcrição das entrevistas por áudio.

Uma decisão que precisei tomar também foi sobre como proceder em relação às variações linguísticas em relação à norma padrão. Como moradores ou ex-moradores de Belo Horizonte, os jogadores tinham um sotaque específico. Alguns deles também eram do interior de Minas Gerais e um deles de Pernambuco. Resolvi manter as variações linguísticas que não atrapalhassem o entendimento das frases, como a supressão do “s” no plural de algumas palavras. Acredito que isso seja uma forma de questionar a hegemonia da língua padrão e de manter um pouco da identidade desses jogadores no texto. Em quase todos os casos, as únicas edições que fiz das falas foi para suprimir desvios à linguagem padrão que pudessem atrapalhar o entendimento do texto. No entanto, houve dois diálogos importantes que foram contados por Ângelo (ManoTauros, 2018) de forma bastante confusa. Por isso, resolvi fazer uma edição neles para torná-los mais compreensíveis, mantendo-os o mais próximo possível do que foi falado. Inclusive, busquei, ao máximo, manter a mesma linguagem e padrão de palavras usadas por ele.

Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) explicam que também há a possibilidade de realização de entrevistas individuais ou entrevistas em grupo. A *entrevista individual* é ideal para quando o objetivo é conhecer o ponto de vista de cada pessoa em profundidade. Ela também é preferível quando os temas a serem abordados são mais delicados. Por fim, ela pode ser a melhor opção por questões logísticas, devido à dificuldade de marcar com cada pessoa a ser entrevistada, causada pelas impossibilidades de horário e local de cada uma. Na *entrevista em grupo*, apesar de todas as pessoas entrevistadas estarem juntas, a entrevistadora, entrevistador ou entrevistadore faz perguntas específicas para cada pessoa, estabelecendo uma relação diádica com o membro que está respondendo naquele momento. Esse método possibilita a comparação direta entre as respostas de cada pessoa entrevistada. Uma variação da entrevista em grupo é o *grupo focal*. Nele, um tema é introduzido para os participantes, e eles debatem entre si a respeito dele. É ideal para identificar representações e percepções coletivas. Acredito que a realização de grupos focais poderia ter sido uma boa estratégia para esta tese. No entanto, a dificuldade logística teria sido muito maior, provavelmente inviabilizando essa possibilidade.

As autoras explicam que as entrevistas, em pesquisas quantitativas, não revelam um quadro fiel do universo pesquisado, como no caso das pesquisas qualitativas. Ao invés disso, elas dão a ver visões parciais e entendimentos possíveis sobre os fenômenos estudados: “a esse respeito, é importante ter clareza de que a entrevista em pesquisa qualitativa visa a compreensão parcial de uma realidade multifacetada” (Márcia Fraser; Sônia Gondim, 2004, p. 147). Por isso, explicitar as circunstâncias e limites da pesquisa é o que permite à pessoa

leitora ter uma capacidade maior de avaliar o alcance e o significado dos resultados: “é isto que permitirá àquele que não participou da pesquisa refletir e criticar os resultados à luz da compreensão do contexto em que as conclusões foram extraídas” (*ibidem*, p. 147). Nas pesquisas quantitativas, a *amostra* deve ser definida em termos de representatividade estatística. Porém, nas pesquisas qualitativas, o objetivo da seleção é encontrar a maior variedade possível de perspectivas sobre o fenômeno, a fim de aumentar o quadro disponível de interpretações sobre ele. Nesse aspecto, é interessante notar que as entrevistas acabam repetindo os mesmos pontos de vista à medida em que vão sendo realizadas, o que indica que já houve um esgotamento das perspectivas possíveis. Como indiquei no Capítulo 1 (p. 12), os jogadores entrevistados foram selecionados por indicação de quem seria relevante para falar sobre o tema da pesquisa ou da identificação de quem seriam essas pessoas a partir das entrevistas já realizadas. Como eu também expliquei, o número de entrevistados foi determinado para estabelecer uma relação simbólica com o objeto (*fut7*). Após a realização das sete entrevistas, julguei que já havia um amplo material sobre o tema da pesquisa, sendo possível finalizar a coleta de dados.

Além disso, fiz entrevistas com um membro de cada time que estava participando da 5ª edição do Champions LiGay. Minha estratégia inicial foi pedir para que um membro que eu encontrasse me indicasse um representante do time. No entanto, desde que me encontrei com Ângelo, ele passou a me ajudar, indicando representantes dos times. O Natus não estava na competição, mas alguém me chamou e indicou um jogador desse time que estava presente para que eu o entrevistasse também. Fiz apenas duas perguntas para cada entrevistado, visando somente construir um quadro geral de apoio para interpretação dos dados coletados nas entrevistas com os jogadores do Bhabixas e do ManoTauros.

4.4.3 Ética e subjetividade

As preocupações com a ética da pesquisa e a subjetividade do sujeito pesquisador são temas recorrentes nas investigações que envolvem etnografia. Ao discutir sobre a etnografia multissituada, por exemplo, George Marcus (2001) aponta para a impossibilidade de não haver um *envolvimento pessoal* do sujeito pesquisador com o campo.

Ao realizar uma investigação multilocal, [o sujeito pesquisador] encontra-se às voltas de todo tipo de compromissos pessoais contraditórios. Esses conflitos se resolvem, talvez de maneira ambivalente, não ao se refugiar no papel de antropólogo acadêmico distanciado, mas sendo uma espécie de etnógrafo ativista, renegociando

identidades em diferentes lugares enquanto aprende-se mais sobre uma parte do sistema mundo [...] Em certos lugares, parece que se está trabalhando com, e em outros parece que se está trabalhando contra conjuntos de indivíduos em contínua mudança. Essa condição de posições pessoais em contínua mudança, em relação aos sujeitos e outros discursos ativos sobrepostos no campo, gera uma sensação de se fazer mais do que apenas etnografia, e é essa característica o que produz a impressão de se ser ativista para e contra posicionamentos, mesmo a qualquer trabalhador de campo que se considere apolítico.¹⁴⁴ (George Marcus, 2001, p. 123, tradução minha)

Eu me considero uma pessoa afeminada e, inclusive, sofri muita afeminofobia ao longo da vida e, até mesmo, já fui agredido fisicamente por causa disso. Nesse contexto, identifico-me muito com a experiência de membros do Bharbixas. Por causa disso, eu imaginei, inicialmente, que poderia ler a relação entre o Bharbixas e o ManoTauros de uma forma maniqueísta. No entanto, não foi isso o que aconteceu, e muito por causa do Ângelo. A experiência dele de ter se sentido excluído dentro do Bharbixas por ser amasculado me fez ter simpatia por ele e deixar de ver o Bharbixas apenas no lugar de vítima. As relações entre os clubes acabaram se tornando mais matizadas para mim. Evandra Grigoletto (2005, p. 3) defende que um sujeito pesquisador *nunca poderia ser neutro*, porque ele é um *sujeito histórico e social*: “a posição de um sujeito da ciência não é uma posição universal, mas a posição de um sujeito histórico, assujeitado ideologicamente, por ocupar um lugar na formação social que o constitui”. Miriam Grossi (1992) defende que dois sujeitos pesquisadores podem fazer trabalhos etnográficos semelhantes chegando a conclusões muito diferentes. Isso porque cada sujeito pesquisador, enquanto indivíduo, posiciona-se em campo e frente aos demais sujeitos com a sua própria *história de vida*.

Astrid Gonzalez (2014) ressalta que o sujeito pesquisador não tem sua vida pessoal eliminada no processo de pesquisa, pois ela é levada com ele e continua acontecendo durante a imersão em campo. Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021b) desenvolvi uma etnografia multissituada em três igrejas evangélicas e um grupo de militância LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte. Na ocasião, escrevi sobre a experiência que tive como etnógrafo durante aquela pesquisa.

¹⁴⁴ Do original: “Al realizar investigación multilocal, uno se encuentra con todo tipo de compromisos personales contradictorios. Estos conflictos se resuelven, tal vez de manera ambivalente, no al refugiarse en ser un antropólogo académico distanciado, sino en ser una especie de etnógrafoactivista, renegociando identidades en diferentes lugares mientras uno aprende más sobre una parte del sistema mundo. [...] Em ciertos lugares, parece que uno está trabajando con, y en otros parece que está trabajando contra conjuntos de sujetos cambiantes. Esta condición de posiciones personales cambiantes, en relación con los sujetos y otros discursos activos en el campo que se traslapan con los propios, genera una sensación de hacer más que sólo etnografía, y es esta cualidad lo que produce la impresión de ser activista para y en contra del posicionamiento, incluso en todo trabajador de campo que se considere a sí mismo como apolítico.”

As pessoas compartilham coisas pessoais com você, falam besteiras com você, abrem a vida delas, e você tem que pensar dez vezes sobre o que você deveria ou não falar no texto, sobre o que você precisa ou não falar no texto, sobre como você deve falar o que vai falar. A gente analisa, escrutina, disseca. E a gente está lidando com gente. Gente a quem a gente se apegar, gente que se apegar à gente. Gente que a gente aprende a amar ou a odiar. Gente que aprende a amar ou a odiar a gente. Gente com quem a gente cria vínculos, amizades, que se misturam com a pesquisa e não se emancipam dela enquanto o texto não fecha. No mínimo, a gente expõe esses sujeitos para si mesmos, e já é terrível o suficiente encarar um julgamento elaborado, em forma de texto público, sobre você, ainda que só você saiba que se trata de você. (Vanrochris Vieira, 2021, p. 30-31)

Assim como na pesquisa anterior (Vanrochris Vieira, 2021b), também me comprometi nesta pesquisa a enviar o trabalho concluído para os meus interlocutores. Acredito que seja importante que eles também leiam e validem ou não a pesquisa realizada. É sobre eles, para eles e por eles que este trabalho está sendo feito. Inclusive, um membro do Alligaytors (RJ) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay me passou o telefone e o e-mail dele para que eu desse retorno do trabalho.

Miriam Grossi (1992) fala sobre o *medo de prejudicarmos* as nossas interlocutoras, interlocutores e interlocutorus: “como falar ‘a verdade’, o que se viu no contato com o ‘outro’ sem incriminá-lo e dar armas para os grupos que preferem vê-lo dizimado ou desmantelado?” (Miriam Grossi, 1992, p. 15) Algumas vezes, ao inserir no texto as falas de pessoas que foram minhas interlocutoras, realizei processos de *negociação*, pensando a respeito do que eu poderia tirar e do que eu precisava manter, quando julgava que alguns trechos poderiam gerar entendimentos que eu considerava imprecisos, ou que eu acreditava que poderiam “queimar o filme” do sujeito interlocutor, por ele ter cometido algum deslize em relação ao politicamente correto. Elisabete Schwade (2016) destaca que as pesquisas exigem um *reconhecimento mútuo* e uma *autorização constantemente negociada* entre a pessoa pesquisadora e suas interlocutoras, interlocutores e interlocutorus. A autora aponta alguns desafios sobre sua pesquisa com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Na escrita sobre esse processo, após a intensidade daquela interlocução, eu estava fortemente impactada pela necessidade da vigilância, por um cuidado (às vezes excessivo?) do que deveria escrever, como escrever, quem citar. Garantir o anonimato, usando nomes fictícios, [...] raras vezes é suficiente. E, ainda, foi necessário um tratamento cuidadoso de muitos dados da pesquisa; tive que lidar com um conflito recorrente em que se mesclavam a minha simpatia pelo MST e pelo projeto político do grupo com os questionamentos oriundos da interlocução na pesquisa, em contextos de *participação*. (Elisabete Schwade, 2016, p. 220, grifo da autora)

Nenhum dos jogadores entrevistados me pediu para que eu não revelasse sua identidade neste trabalho, mas resolvi usar nomes fictícios como uma camada de proteção delas. No entanto, essa camada, em alguns casos, não é muito forte. É que alguns deles foram fundadores de times, tiveram cargos na liga nacional, já deram entrevistas com o nome real em veículos de comunicação ou, até mesmo, já apareceram com o nome real em outras pesquisas acadêmicas sobre o futebol LGBTQIAPN+.

Elisabete Schwade (2016) discute quais são os limites do *consentido* pelas pessoas interlocutoras. Em minhas pesquisas, pude perceber que nem sempre a pessoa interlocutora se dá conta de que o que ela está falando pode ser usado na pesquisa, mesmo que ela tenha plena consciência de que estou me relacionando com ela enquanto pesquisadore. Parece-me que algumas pessoas interlocutoras só ficam conscientes do que falam quando um gravador está ligado ou quando há um caderno de anotações sendo preenchido em frente a elas. Nos outros momentos, elas podem estar entendendo que a conversa é *em off* – expressão cara ao jornalismo, minha área original de formação, que significa que as informações dadas naquele momento não podem ser publicadas. Elisabete Schwade (2016, p. 226) destaca que “muitas dessas questões permanecem como [...] interrogações difíceis e angustiantes”. Por isso, é preciso pensar, por exemplo, se deve-se ou não usar as informações colhidas nesses momentos, sendo, às vezes, interessante consultar as pessoas especificamente sobre isso. Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021b), cheguei a retirar toda a análise da biografia de um interlocutor, pois a conversa havia sido em *off* e, posteriormente, ele não concordou com a análise realizada dela. Desta vez, preferi deixar de fora as informações informais que me foram passadas por Roberto, dado o nosso envolvimento de amizade, por considerar que ele poderia não estar me vendo como pesquisadore em todos os momentos.

Para Miriam Grossi (1992), os *bastidores da pesquisa*, os *desafios* enfrentados para realizá-la, são tão produtores de conhecimento quanto os demais resultados. Nesse sentido, Liliana Sanjurjo, Wagner Camargo e Victor Kebbe (2016, p. 7) destacam que “o trabalho de campo traz à tona a singularidade das experiências, os imponderáveis, as dificuldades, bem como os dilemas epistemológicos, éticos e políticos do fazer antropológico”. Essa autora e esses autores destacam que, na contemporaneidade, sujeitos políticos que antes eram apenas objetos de estudo – como mulheres, pessoas negras, indígenas, pessoas LGBTQIAPN+, etc. – agora surgem também como sujeitos pesquisadores preocupados em pesquisar as próprias questões que envolvem seus grupos identitários. Com isso, a barreira entre pessoa pesquisadora e pessoa pesquisada se quebra, e os *dilemas éticos* se tornam ainda mais

desafiadores. É interessante pensar também que isso traz novos conhecimentos e olhares para as pesquisas, o que carrega o potencial de gerar novos conhecimentos sobre o mundo.

Wagner Camargo (2012) relata que, ao chegar em casa, após ter participado de festas promovidas por atletas dos Gay Games, ele se masturbava em meio à tensão gerada pelo desejo que havia sentido pelos sujeitos em campo e a sensação de culpa causada por ele. No entanto, o autor acabou percebendo que o sexo era parte integrante da sociabilidade do evento no qual buscava realizar sua observação participante. Assim, ele entendeu que a suposta inadequação dessa forma de interação com os interlocutores precisava ser tensionada. Foi então que ele assumiu o risco e a potência de incluir a interação sexual como parte do contato que estabelecia com eles. O autor defende que é importante trazer essa discussão à tona, pois ela bem poderia ter sido guardada nos *silêncios do trabalho de campo* para não expô-lo. No entanto, ele acredita que é necessário que a questão da *sexualidade do sujeito pesquisador* seja discutida e repensada, de modo a não compactuar acriticamente com o “celibato” e a “assexualidade” impostos tradicionalmente a ele. A escolha do autor não só não atrapalhou a pesquisa como gerou ganhos no estreitamento de laços com os interlocutores. Além disso, obviamente, também fez com que a pesquisa gerasse uma importante contribuição metodológica. Miriam Grossi (1992) nos lembra de que, contrariando esse mito do “antropólogo assexual”, Malinowski registrou no seu diário de campo as fantasias sexuais que tinha com as pessoas nativas com quem ele interagiu.

No aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão, Ângelo me apresentou para alguns membros do ManoTauros. Pouco tempo depois, eles começaram a conversar sobre o corpo de um dos jogadores em campo. Eles debatiam sobre ele estar ou não usando cueca. Eu identifiquei qual era o jogador e comecei a fazer algumas fotos dele (Figura 20). No entanto, acabei percebendo que eu estava continuando a fotografar não mais para ilustrar esse acontecimento, mas sim porque eu estava me sentindo atraído por ele. Em alguns momentos, também acabei tirando fotos de outros jogadores que achei atraentes. Durante o treino feminino do Bharbixas que eu acompanhei, havia, na arquibancada, um rapaz que, segundo eu registrei, parecia o ator Jesuíta Barbosa, e eu tive um “*crush*” nele. Em alguns momentos, pegava-me mais o observando do que prestando atenção na partida e na torcida. No treino masculino que ocorreria em seguida, bem como na 5ª edição do Champions LiGay, também fiz anotações sobre ter achado alguns jogadores atraentes. Em um treino do ManoTauros, em especial, registrei minhas impressões sobre diversos jogadores. Escrevi no caderno “gato e cheiroso” para descrever um jogador que estava vestindo a camisa do Predadores.

Figura 20 – Comentários da torcida chamaram a minha atenção para um jogador



Fonte: Produzida pelo autor

Descrição: Jogador do Bhabixas uniformizado, jogando no Mineirão. A foto mostra o corpo dele apenas dos ombros para baixo. Ele está caminhando, veste short curto e tem corpo musculoso.

Para Astrid Gonzalez (2014), os sentimentos que temos em relação às situações e pessoas em campo fazem parte da forma como ele se revela para nós. Se temos raiva e reagimos a uma determinada situação, por exemplo, o fantasma da objetividade pode nos assombrar e podemos nos sentir culpados por isso. Mas o que o campo causou em nós é parte integrante do processo de conhecimento que estamos estabelecendo em relação a ele. Refletir sobre as nossas próprias experiências a partir do campo também é uma ferramenta de análise e as *emoções são uma ferramenta* da pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore. Elisabete Schwade (2016) também acredita que a pesquisa exige cada vez mais um “mergulho na subjetividade”. Ela destaca que os marcadores de raça, gênero, sexualidade, classe, etc. da pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore sempre resultam no seu posicionamento subjetivo em campo. Nesse sentido, acredito que o que temos em comum com as nossas interlocutoras, interlocutores ou interlocutorus é algo que influencia muito na condução da pesquisa. A autora também sugere que o que temos de diferente é tão importante quanto, porque pode nos impossibilitar de ser capaz de entender as pessoas interlocutoras em alguns momentos. Para Elisabete Schwade (2016), a subjetividade é inerente à pesquisa, e ela é permeada por posicionamentos, disputas, vínculos e poder.

No dia em que participei de uma pelada com o Bharbixas, achei que uma das meninas que estavam jogando tinha uma aparência masculina, depois pensei que não deveria estar fazendo esse tipo de “julgamento”. Não sei dizer porque tive essa impressão, mas achei que não iríamos nos dar bem. Mas ela me deu passes durante as partidas e também sorriu pra mim nos intervalos. No final, ela veio me cumprimentar antes de eu ir embora, sendo muito simpática. Em determinado momento, eu estava conversando sobre o time feminino com outra jogadora, e ela me disse, em relação à primeira: “as outras não são como ela, são normais”. Eu pensei: “femininas”, mais uma vez sendo preconceituoso. Mas ela complementou: “porque ela é gigantona”, referindo-se à altura e à força dela.

Em alguns momentos no campo, senti-me entediado e desejando que aquela atividade não demorasse para se encerrar. Na entrada dos times na 5ª edição do Champions LiGay, mais para o fim da cerimônia, eu estava cansado de assistir as performances dos times e escrevi: “meu Deus, não acaba...” Na hora de organizar as anotações desse dia no diário de campo, registrei que, curiosamente, tive a mesma sensação ao chegar no momento de organizar essa parte. Também em um treino do ManoTauros que acompanhei, eu fiquei muito entediado em vários momentos. Uma hora eu escrevi “*boring*” (“chato”) sublinhado. Em outro momento, escrevi “quero ir embora”.

Astrid Gonzalez (2014) destaca que as pessoas que são nossas interlocutoras não são objetos, mas sim sujeitos. Inclusive, não só a pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore investiga as pessoas que são suas interlocutoras, como os sujeitos em campo também leem o sujeito pesquisador. Por isso, seria mais adequado falar em *intersubjetividade* do que em objetividade. Contrariando a ideia de passividade das pessoas interlocutoras, Anthony Giddens (1989) também ressalta que, nas investigações conduzidas pelas ciências sociais, os sujeitos pesquisados já detém todas as respostas que o sujeito pesquisador quer encontrar.

[...] os atores leigos são teóricos sociais, cujas teorias ajudam a constituir as atividades e instituições que são o objeto de estudo de observadores sociais especializados ou cientistas sociais. Não existe uma clara linha divisória entre a reflexão sociológica esclarecida levada a efeito por atores leigos e as diligências similares por parte de especialistas. (Anthony Giddens, 1989, p. xxxvii)

Não há mecanismo de organização social ou de reprodução social identificado por analistas sociais que atores leigos não possam também conhecer e incorporar ativamente ao que fazem. Em numerosos casos, as “descobertas” dos sociólogos só o são para aqueles que não estão nos contextos de atividade dos atores estudados. (*ibidem*, p. 334)

Em diversos momentos durante as entrevistas, os jogadores demonstraram muito tato e discernimento sobre o processo que estava ocorrendo. Algumas falas deles chamaram

particularmente a minha atenção. Quando eu pedi a Pedro (Bharbixas, 2018) uma indicação de outras pessoas que eu poderia entrevistar, ele disse: “eu acho que divergência pra você é muito bom, né? Ouvir discursos bem distintos”. Já Lúcio (Bharbixas, 2023), quando foi responder uma pergunta, “combinou” uma coisa comigo para a resposta dele: “sendo bem transparente, né?” Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) demonstrou consciência da parcialidade de sua perspectiva: “digamos que... a minha visão, tá? É cheio de visões, tá, Van? Cada um vai ter uma visão diferente”. Em outro momento, ele pressupôs que uma informação que estava dando não entraria no escopo do meu trabalho: “bom, não entra na sua pauta, né, porque é um recorte já lá na frente do tempo que você tá estudando”. Ele também me pediu para não escrever sobre uma informação da mesma maneira que ele estava contando: “isso escrito de uma maior maneira mais bonitinha, aí”. Pediu-me, ainda, que eu deixasse de fora uma informação em particular: “na época, a gente achava... aí, né, não precisa colocar isso. Mas a gente já achava...” Além disso, quando pedi a ele os contatos de Eduardo e Cláudio, ele se ofereceu para me ajudar no roteiro: “ô, Van, vou até te fazer um *brief*, assim, da entrevista, só pra você já, né, até saber assim as perguntas. Já, mais ou menos, não te direcionar, mas cê já ter um conhecimento de como são os times. Eu vou te falar”. Em alguns momentos, os jogadores também se demonstraram preocupados com a performance deles enquanto entrevistados: “não sei se eu respondi a sua pergunta...”, “desculpa, eu acho que divaguei demais, assim, contando a história” (Lúcio, Bharbixas, 2023); “não sei se era isso que cê queria ouvir” (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023). Um membro do Taboa (PR) que entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019), demonstrou expectativas sobre o trabalho que eu estava desenvolvendo.

As pesquisas, elas vão mostrar realmente a opinião, e desse outro lado de cá. Porque a gente vive muito com opiniões só do mundo hétero. E as opiniões, né? Dos gays, né? Propriamente dito. Elas são bem ofuscadas. Ainda existe uma minoria pra isso. Então, a gente precisa, realmente, disseminar a palavra, e que cada estado, cada pessoa consiga ouvir essas minhas falas também, consiga também fazer reflexões e acabar com o bendito preconceito. Somos todos iguais e estamos aqui pra brincar, se divertir e ter a honra realmente de ser quem nós somos. (Membro do Taboa, 2019)

Algumas vezes, as nossas interlocutoras, interlocutores e interlocutoras também são pessoas pesquisadoras. Ângelo (ManoTauros, 2018), por exemplo, falou para mim que estava escrevendo um texto, com base em Judith Butler, sobre o uso de termos machistas e homofóbicos pelas torcidas, usando o conceito de performance de gênero. Ele citou a questão da criação das crianças, usando como exemplo o uso de tiara em meninas e a ordem de não chorar para os meninos. Mas Ângelo (ManoTauros, 2018) achava que Judith Butler é muito

determinista na questão social e ignora de forma errada as questões biológicas, como os hormônios. Ele disse que sabe da existência de sociedades em que as mulheres são quem caça, mas que acha que o fator biológico é importante.

No aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão, Ângelo me apresentou a um membro do BeesCats (RJ), que era um dos organizadores da LiGay. Ele foi muito receptivo à pesquisa e me passou o contato dele. Segundo ele, estava sendo feito um documentário sobre o seu time e ele me enviaria. Carlos Vogel (2021, 2022) escreveu posteriormente sobre o documentário ao qual ele se referia. Também no aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão, já caminhando para a saída do estádio, Ângelo me apresentou a outro membro do BeesCats (RJ). Ele disse que era jornalista e que estava escrevendo um artigo acadêmico relacionado ao então “futebol gay” e à mídia, que iria apresentar num congresso com um colega. Pouco tempo depois, li o seu artigo e fiz referência a ele neste trabalho (Flávio Amaral; Victor Bueno, 2018). Ângelo sempre foi muito parceiro durante o desenvolvimento deste trabalho. Ele me apresentou várias pessoas e intermediou contatos. Sempre estive solícito para qualquer dúvida. No dia do aniversário do Bharbixas no Mineirão, sem que eu pedisse, ele enviou uma mensagem para um colega pedindo a lista atualizada dos times brasileiros de “futebol gay” – como eram chamados então. Assim que recebeu, ele me encaminhou.

Outra questão subjetiva que Astrid Gonzalez (2014) defende que a pessoa pesquisadora deve assumir é o seu *projeto de vida acadêmica*. Ela explica que o dela pressupõe uma relação não objetiva com as suas interlocutoras, interlocutores e interlocutorus. A autora conta sua história como pesquisadora, desde a iniciação científica, para explicar como chegou à construção do objeto da pesquisa do qual está tratando – que é o MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas). Ao participar desse grupo feminino de ajuda mútua em relação a experiências afetivo-sexuais, a autora também refletiu sobre os próprios relacionamentos que havia tido. Acredito que o meu projeto de vida acadêmica passe pelas questões de reflexividade e poder e pela ocupação de espaços por sujeitos LGBTQIAPN+. Na minha pesquisa de mestrado (Vanrochris Vieira, 2021b), discuti sobre sujeitos LGBTQIAPN+ evangélicos e agora sobre pessoas LGBTQIAPN+ futebolistas. Tanto a igreja quanto o futebol são espaços de tensão e luta simbólica em relação a essas pessoas.

Como disse no Capítulo 1 (p. 12), eu e Roberto (Bharbixas, 2018) somos amigo e amiga. Foi através dele que eu tive contato com os primeiros entrevistados e, posteriormente, eu acabei o entrevistando também porque ele apareceu como um sujeito importante nas falas dos primeiros entrevistados. Na Seção 3.6.4 (p. 247), eu abordei uma fala dele em que ele cita

um amigo. No entanto, na seção em questão, não expliquei que o “amigo” do qual ele falava sou eu. Omiti essa informação naquele ponto para que pudéssemos refletir sobre esse tópico nesta seção. Na verdade, nem eu mesmo sabia que ele falava de mim durante a fala dele. Ele precisou me lembrar de que é amigão ao qual ele se referia era eu em seguida.

Roberto (Bharbixas, 2018): Eu sou a prova viva, eu acho, disso, sabe? O que eles transformaram dentro da minha cabeça... um amigo meu falou uma vez que o que ele não fez a vida inteira, o Bharbixas fez em um mês. [voltando-se para o meu ex-namorado, que estava no local durante a entrevista] Ele sabe quem é [risos].

Pesquisadore: Não...

Roberto (Bharbixas, 2018): Meu amigo Vanrochris falou uma vez...

Pesquisadore: Ah, tá! [ambos riem]

Esse é um exemplo de informação que poderia ter sido deixada nos silêncios do trabalho de campo, que poderia ser suprimida para não “queimar meu filme” de algum modo. No entanto, acredito que revelá-la é uma forma de “revelar meu filme”, de trazer luz a questões que perpassam a relação com os sujeitos em campo em situações sensíveis, como essa de entrevistar um amigo. É claro que existe uma coisa ou outra sobre este trabalho que eu resolvi deixar em segredo: poderiam gerar algum constrangimento desnecessário para mim ou para outros e não me pareciam relevantes o suficiente para precisar serem explicitadas.

Gostaria de acrescentar à discussão desta seção um tema que considero importantíssimo tanto para o desenvolvimento deste trabalho quanto para um debate que precisa ser feito dentro da academia. Durante o doutoramento, eu tive um adoecimento mental muito grave. Eu fiquei afastado do trabalho por 2 anos e 4 meses, com um forte quadro de crise depressiva. Também precisei trancar o doutorado por parte desse período. No diário de campo que foi sendo construído antes e depois desse diagnóstico, é possível ver o processo de adoecimento acontecendo. Desde o primeiro momento, eu me sentia cansado durante as observações participantes e, algumas vezes, acabei tendo que finalizá-las antes do previsto porque não estava conseguindo mais continuar no local.

No aniversário de 1 ano do Bharbixas no Mineirão, não consegui ficar para os shows que aconteceram depois do jogo. Quando o primeiro show estava começando, Ângelo e o marido dele decidiram ir embora. Eles me disseram que eu poderia ficar e ir buscar minha mochila, que eu havia deixado na casa deles quando fomos juntos para o estádio, mais tarde. Mas eu preferi ir com eles, porque já estava muito cansado e achando que já tinha coletado muitos dados naquele dia. Depois, tive dificuldade de organizar as anotações no trabalho de campo. Na época, eu morava em Governador Valadares e trabalhava como professor. Não

consegui finalizar a organização do material logo que voltei para a cidade porque não estava conseguindo conciliar essa atividade com a jornada de trabalho como professor. Depois de me esforçar para fazer isso durante toda a semana, acabei adoecendo ao final dela. Escrevi no diário de campo (1 de jul. 2018): “de sábado a terça, estive doente, com febre e dores no corpo. Uma infecção de garganta, que acredito que se desenvolveu muito por causa do cansaço e excesso de trabalho”. Só consegui terminar a atividade posteriormente. Também escrevi no diário de campo (1 de jul. 2018): “é difícil conduzir o trabalho de pesquisa ao mesmo tempo que se mantém o emprego em tempo integral”. Voltei a registrar, no diário, que eu estava cansado depois de um treino do Bharbixas que eu acompanhei alguns meses depois. Nesse momento, tive uma dificuldade muito maior de organizar o material produzido no diário de campo.

Quinhentos dias separam a realização desta atividade de campo e a organização do material produzido nela para o diário de campo desta pesquisa. São dezesseis meses e treze dias. Um ano, quatro meses e treze dias. Ao demorar tanto, a memória sobre aquele dia se esvaeceu. Os textos no caderno já faziam pouco sentido. Muito (a maior parte?) do que foi registrado se perdeu. Perdas. Houve muitas neste período de quinhentos dias. Nele, vivenciei a maior crise depressiva já experimentada por mim, derivada do meu transtorno bipolar. Na verdade, só fui afastado dos estudos e do trabalho cerca de dez meses depois desta atividade de campo, mas o afastamento não foi o início da crise, e sim seu auge. Eu estava uma bagunça há bastante tempo antes disso. E olha que eu até me considero uma pessoa bastante organizada. Ao olhar para os o material sistematizado neste diário de campo, acredito que essa seja a impressão que se passa. Mas, nos últimos meses, eu não consegui ser. Perdi prazos de trabalhos de disciplinas (a entrega do último deles foi com sete meses de atraso) e mal consegui cuidar das minhas necessidades básicas. Na época desta atividade de campo, eu poderia até não estar ainda num estágio avançado de depressão, mas estava com muitas dificuldades de lidar com tudo na minha vida ao mesmo tempo, que foi um dos motivos que levaram à crise. A terapia e o tratamento psiquiátrico me ensinaram que não devo sentir culpa. Naquele momento, havia fatores minando minha força de vontade e me impelindo em outra direção, e não é minha responsabilidade a existência deles. Assim, o que me resta é me reerguer e começar de onde parei. Catando os cacos e sabendo que perdas nesse processo são inevitáveis. Espero que dê tempo de melhorar e tomar as providências necessárias para organizar a vida e conseguir reconduzir a pesquisa. Deste registro, tirei o que for possível, e o que não for, buscarei novamente no campo. (Diário de campo, 9 dez. 2019)

Durante a 5ª edição do Champions LiGay, eu estava entrevistando um representante de cada time que estava na competição. No final, só faltava encontrar um representante do Taboa (PR). Mas começou a chover muito forte, nas palavras que usei nas minhas anotações, “caindo o mundo”. Muitas pessoas ficaram amontoadas em um lugar coberto em que eu me escondi. Coincidentemente, vi um membro do Taboa (PR) bem perto de mim. Acabei não seguindo o protocolo que estava usando de pedir para que alguém me indicasse um representante e entrevistei ele mesmo, no local em que estávamos fugindo da chuva. É que eu

estava sentindo que precisava ir embora, ainda que o evento não tivesse acabado, porque eu estava muito cansado e já havia iniciado o tratamento da crise depressiva.

Acredito que seja bastante necessário discutir sobre a saúde mental das pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadoras. Durante a pandemia, cerca de 50% dos estudantes de pós-graduação apresentaram quadros de ansiedade ou depressão (Lucas Rocha, 2023). O quadro se agrava quando falamos de estudantes que também são professoras, professores e professoras. Cerca de 20% das pessoas que exerciam essa profissão no Distrito Federal, por exemplo, estavam com quadros ruins ou muito ruins de saúde mental em 2022 (Thaís Lyra, 2023).

Na Seção 4.1.4 (p. 268), falamos sobre processos de reflexividade externa, como as anotações que nos ajudam a desempenhar as tarefas do dia a dia. Durante a escrita desta tese, foi essencial para mim colocar em uma planilha de *Excel* o planejamento das minhas atividades de leitura e escrita, bem como o controle dos meus horários e da minha produtividade. Esse processo reflexivo só poderia ter sido feito de forma externa, uma vez que a manipulação de dados permitida pelo programa utilizado vai muito além da capacidade de organização do pensamento interno. Olhando para a planilha, pude refletir sobre a minha própria produção, avaliar o desenvolvimento e retratar planos. Esses foram processos ocorridos na minha mente, mas possibilitados pelo uso de um suporte objetivo. Tal recurso foi especialmente importante devido ao fato de eu ter desenvolvido a escrita da tese enquanto me recuperava desse processo de adoecimento mental. A *organização* reflexivamente construída, nesse contexto, foi essencial para que eu pudesse superar as dificuldades impostas pelo quadro de saúde em questão.

Nesse processo, recorri também a uma técnica para me dar motivação para continuar desenvolvendo a pesquisa: materializei uma frase que eu tentava dizer para mim mesmo em minha mente. Escrevi em um pedaço de papel: “você vai terminar o doutorado”, e o coleí no teto do meu quarto, sobre a minha cama (Figura 21). Por um bom tempo, olhar para essa frase assim que eu abria os olhos me fez ter ânimo para me levantar e começar a trabalhar no desenvolvimento da tese. Do mesmo modo, escrevi no meu escritório uma série de frases que faziam com que eu me sentisse mais concentrado e motivado (Figura 22).

A psicoterapia foi outro recurso de reflexividade externa central na minha reabilitação durante o doutoramento. Não só para que eu descobrisse como enfrentar meu problema de saúde e reagir a ele, mas também para me auxiliar no próprio desenvolvimento da tese, já que o processo de produção dela foi o tema principal de inúmeras seções. Por isso,

boa parte das decisões que deram forma a este texto foram produzidas conjuntamente por mim e pelas terapeutas que me atenderam nesse período.

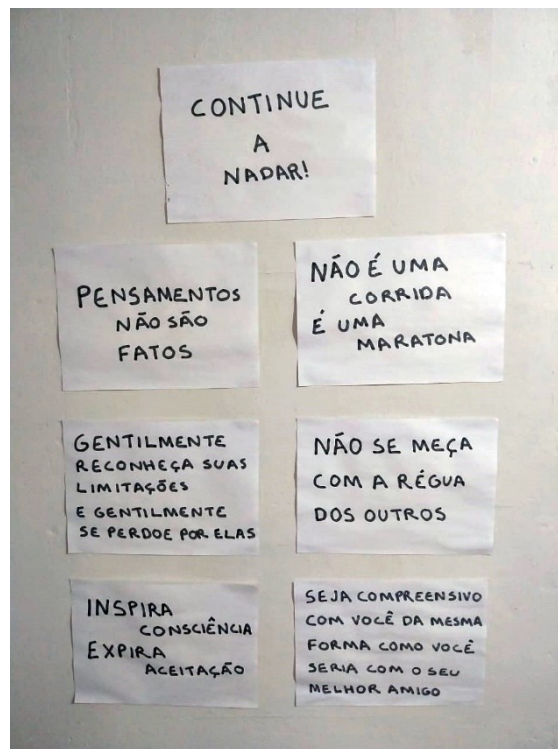
Figura 21 – Mensagem motivacional no meu quarto



Fonte: produzida pela autore

Descrição: Imagem de um quarto, com uma cama e uma janela. No teto, uma seta indicando algo colado. Do lado da imagem, há um *close* no que é: um papel escrito “VOCÊ VAI TERMINAR O DOUTORADO!”

Figura 22 – Mensagens motivacionais no meu escritório



Fonte: produzida pela autore

Descrição: Várias folhas de papel pregadas na parede, com os dizeres: “Continue a nadar!”, “Pensamentos não são fatos”, “Não é uma corrida, é uma maratona”, “Gentilmente reconheça suas limitações e gentilmente se perdoe por elas”, “Não se meça com a régua dos outros”, “Inspira consciência e expira aceitação” e “Seja compreensivo com você mesmo da mesma forma como você seria com o seu melhor amigo”.

De fato, podemos pensar na própria tese como um processo reflexivo, no qual a pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore reflete não apenas sobre o seu objeto, mas sobre a própria tese que desenvolve e, portanto, sobre o seu próprio trabalho. Essa pessoa faz isso com a ajuda das referências que lê e, no caso de uma pesquisa das ciências sociais, também com a ajuda das interlocutoras, interlocutores e interlocutorus pesquisades. Nesse processo, as considerações das orientadoras, orientadores e orientadorus, bem como as das membras, membros e membros das bancas de avaliação acrescentam mais uma camada de reflexividade externa. Nesta tese, em especial, podemos destacar o processo realizado por mim, no Capítulo

2 (p. 21), de buscar um entendimento básico sobre cada aspecto do futebol – uma vez que eu era leigo sobre o assunto – e a escolha de compartilhar esse processo com as leitoras, leitores e leitoras, apresentando esse percurso no texto.

Para terminarmos este capítulo, gostaria de compartilhar uma experiência importante que tive no campo como alguém que não tem afinidade com o futebol. Eu participei de uma pelada do Bharbixas. Foi um desafio, porque, na verdade, eu detesto jogar bola. A experiência começou quando Roberto me convidou para ir com ele à pelada, que ocorreria no dia seguinte. Aceitei sem pensar que precisava ter short, camisa, chuteira, etc. Mas ele acabou me emprestando tudo. Fiz um relato de toda a experiência no diário de campo.

Eu estava com muito medo de jogar. Quando foi começar a pelada, na hora de tirar os times, me deu pavor, pois costumava ser o último a ser escolhido na escola. O Roberto e um cara com a camisa do Pampacats estavam escolhendo. O Roberto escolheu primeiro, e o outro cara depois. Esse cara me escolheu primeiro, e eu me surpreendi por achar que tinha sido o primeiro de todos a ser escolhido. Na verdade, eu tinha sido o segundo, já que o Roberto já tinha escolhido um jogador antes. Falei com o Roberto surpreso por ter sido o primeiro, e ele me corrigiu dizendo que eu tinha sido o segundo. Fiquei levemente decepcionado. Meu segundo medo foi na hora de definir as posições. Ninguém falou nada, e eu me posicionei de zagueiro direito, pois acho que ficava assim quando jogava na escola, e, desse jeito, não teria que chutar para o gol. Eram times de cinco e o jogo acabava depois de sete minutos ou dois gols. Nessa primeira partida, só peguei na bola uma vez, numa lateral. Ninguém tocou para mim, mas achei isso bom. Não sei quem ganhou. Fiquei cansado, uma vez que a quadra era grande, e foi difícil enxergar direito sem os óculos – nem sabia que era preciso tirar os óculos para jogar. Me chamaram de novo, para o time do Roberto, sem camisa. Senti medo de novo, por causa da minha aparência, mas tirei a camisa. Dessa vez, recebi a bola e tirei dos adversários algumas vezes, mas errei muito. Perdi passes e não completei as tomadas de bola, pois os adversários retomaram depois que eu tentava entrar. O goleiro, que era o cara vestindo a camisa do Pampacats, me passou a bola algumas vezes. Quando errei muito, comecei a ficar com vergonha. Lembrei dos meninos reclamando na escola. Mas ninguém me constrangeu por nada. Fiquei muito cansado, com falta de ar e suor, e ansioso para acabar. Meu time ganhou e me chamaram para continuar, mas falei que não conseguia. Me perguntaram: “já cansou?” No início da próxima partida que participei, roubei a bola da única menina que estava lá. Antes de entrar, achei ela boa jogadora, mas depois achei que seria mais fácil roubar a bola dela. Pensei por um minuto que era porque ela era menina e logo vi que eu estava sendo preconceituoso. O Roberto ficou me incentivando enquanto eu jogava. Outro medo foi ter que ir para o gol, porque não tinha goleiro, e estavam revezando. Mas acabou não precisando. Todos estavam muito suados. Depois de descansar um pouco, joguei duas vezes seguidas, num time com duas meninas. Passei certo pela primeira vez, de dobradinha com aquela com quem eu já havia jogado na partida anterior. Interceptei uma bola alta com a canela. Bateu na mão depois, mas todo mundo fingiu que não viu. Quase fiz um balão sem querer. A bola passou alto do lado do adversário, não em cima da cabeça. Vi que estava com medo quando pegava a bola. Queria ficar com ela parado e tocar logo. Mas tentei olhar antes de dar o passe e andar com ela primeiro. Comecei a gostar um pouco e ficar orgulhoso quando fazia algo certo. Sentia muita sede. O outro time tinha um amigo hétero do Roberto e o Lúcio. Terminou e esqueci por uns minutos de pôr a camisa de novo. Não me incomodei muito com isso. Depois do jogo fiquei meio tonto e fraco. A minha amiga que estava fotografando me levou para lavar o rosto. Não joguei mais depois disso. (Diário de campo, 3 de abr. 2020)

Durante a pelada, a minha amiga que estava fotografando me mostrou as fotos que ela havia feito, e eu me achei feio, muito magro. Mas tinha várias fotos de eu tocando a bola, recebendo, etc., e eu fiquei surpreso com isso (Figura 23).

Figura 23 – Estu pesquisadore participando de um treino do Bhabixas



Fonte: Ana Bárbara Dias¹⁴⁵

Descrição: Pessoas jogando pelada numa quadra poliesportiva. À esquerda, uma jogadora branca de camiseta branca. À direita, um jogador preto sem camisa. No meio, dois jogadores brancos com uniforme do Bhabixas e eu, sem camisa. Eu sou branco e na foto estou com o cabelo comprido preso em “rabo de cavalo”. Eu estou com o corpo inclinado para trás, com a bola à minha frente.

Neste capítulo, discutimos o conceito de reflexividade, abordando os processos de reflexividade interna e externa. Vimos como a atividade reflexiva pode estar voltada tanto para o indivíduo em si quanto para “eus coletivos”. Falamos sobre o papel da reflexividade nas interações e sobre como a mídia contribui para os processos reflexivos. Em seguida, abordamos dois eixos muito acionados pelas reflexões dos entrevistados: conflitos e discursos. Sobre conflitos, falamos sobre seu caráter positivo ou negativo. Também abordamos as ideias de competição e definição da situação. Discutimos, ainda, as questões em torno das identidades. Sobre discursos, falamos de suas relações com os grupos sociais e com

¹⁴⁵ Ana Bárbara Dias é uma amiga que me ajudou nessa ida a campo, registrando em fotos a minha participação na pelada.

as dinâmicas de poder. Também abordamos os processos de mudança discursiva e as questões envolvendo a materialidade dos discursos. Por fim, refletimos sobre a própria tese e seu processo metodológico, discutindo os métodos de observação participante e entrevista. Complementarmente, falamos sobre ética e subjetividade na pesquisa. A seguir, vamos definir quais são as conclusões encontradas após a discussão realizada nesta tese.

5 CONCLUSÃO

Na formação dos primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte, quatro tensões se apresentaram e foram importantes para a configuração do cenário que se constituiu na cidade. A primeira tensão, ligada à manifestação de gênero, foi entre *afeminação* e *amasculação*. Ela mostrava-se a mais evidente, uma vez que se fazia presente até mesmo nos nomes dos dois primeiros times da cidade, compostos pelas palavras “bichas” e “manos”, modelos antagônicos de manifestação de gênero. A segunda tensão, ligada ao foco dado pelos jogadores, é entre *festa* e *futebol*. Alguns jogadores viam as peladas e treinos como eventos festivos e de socialização, onde se escutava música e se dançava, com a presença, inclusive, de pessoas que não tinham interesse pelo futebol propriamente dito. No entanto, outros jogadores viam o futebol de forma mais focada, interessando-se apenas pela prática esportiva encarada de forma objetiva e centrada. A terceira tensão, ligada ao papel dos times, é entre *inclusão* e *competitividade*. Enquanto grande parte dos pioneiros do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte considerava necessário incluir pessoas que nunca tinham tido acesso ao futebol anteriormente, outra parcela visava ser o mais competitiva possível, formando times de alto rendimento. A quarta tensão, ligada ao perfil de classe, é entre *classe média* e *periferia*. Enquanto um dos dois primeiros clubes era visto como um time de elite, formado majoritariamente por jogadores brancos de classe média, o outro era visto como um time de periferia, composto, em sua maioria, por jogadores pretos e de baixa renda. Esse cenário foi mudando ao longo do tempo, mas, nos primeiros anos dos times, as relações que se estabeleciam são as sintetizadas no Quadro 9.

Quadro 9 – Eixos de tensão do início do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino

Eixo de tensão	Bharbixas	ManoTauros
Manifestação de gênero	Afeminação	Amasculação
Foco dos jogadores	Festa	Futebol
Papel dos times	Inclusão	Competitividade
Perfil de classe	Classe média	Periferia

Fonte: elaborado pela autora

Algo importante de se destacar é que os perfis apresentados no Quadro 9 revelam as características que se destacavam de forma mais acentuada em cada um dos times. No

entanto, elas nunca foram uma unanimidade. Em ambos os times, também havia pessoas com tendências distintas, como jogadores do Bhabixas que davam foco maior no futebol. Tanto que essa foi uma tensão interna que permaneceu no time até a pandemia, com a criação do Inconfidentes Pride. De todo modo, a partir da identificação dessas tensões, a hipótese de que a manifestação de gênero foi um fator central na constituição do cenário do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino mostrou-se correta. Por outro lado, a vivência experimentada de forma reflexiva dos outros eixos de tensão encontrados, comprova também a hipótese de que a reflexividade dos jogadores foi outro fator importante para a formação desse panorama. Desse modo, foi possível compreender o cenário para além da dicotomia entre afeminação e amasculação, entendendo que também houve outros elementos importantes para a formação do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino.

No entanto, com o passar do tempo, essas diferenças entre os times foram se arrefecendo, com o ManoTauros também passando a ver o papel da inclusão como mais importante. A amasculação e o perfil periférico, que eram marcantes nesse time, também se descaracterizaram, de modo que o ManoTauros passou a ter um perfil menos definido em relação a questões de manifestação de gênero e classe. Nos primeiros anos, as diferenças bem demarcadas faziam com que esses times tivessem identidades construídas de forma oposicional e se relacionassem como rivais. Posteriormente, com as mudanças de perfil e o novo cenário do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte, que fez com que esses times perdessem protagonismo na cidade, uma relação maior de indiferença passou a se estabelecer entre eles. Em certa medida, as tensões identificadas entre esses times também mostram-se presentes em outras equipes pelo país, especialmente as relacionadas ao papel dos times, que é bastante ressaltada como característica de todo o cenário brasileiro.

Um ponto importante na discussão sobre o futebol LGBTQIAPN+ é a polêmica sobre a legitimidade ou não da segregação e da criação de um “gueto”. O raciocínio defendido pela maioria dos jogadores é o de que esse movimento seria necessário para gerar visibilidade e repercussão para a discussão sobre o lugar das pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Isso garantiria a conquista de espaço para essas pessoas no esporte. Além disso, a segregação proporcionaria um ambiente seguro para a prática do futebol para essas pessoas. No entanto, a expectativa desses jogadores é a de que essa segregação deixe de ser necessária no futuro, e que as pessoas LGBTQIAPN+ passem a ter acesso pleno ao futebol convencional. Essa segregação, no entanto, tem alguns limites. Apesar de os campeonatos serem abertos apenas à participação de pessoas LGBTQIAPN+, as peladas dos times costumam ser abertas também a pessoas cis hétero.

Além disso, os times têm participado cada vez mais de campeonatos convencionais, ou “campeonatos hétero”, como os jogadores os chamam. Com isso, eles passaram a ter contato com “times hétero” e começaram a “furar a bolha”. Apesar do medo inicial que parte dos jogadores tinha, a experiência dos times de Belo Horizonte nesses campeonatos tem sido majoritariamente positiva. Eles relatam piadas dos adversários e desrespeito das torcidas rivais. No entanto, em campo, têm sido respeitados, e até mesmo “admirados” por sua capacidade técnica.¹⁴⁶ Os resultados também têm sido significativos, com a conquista de campeonatos convencionais na cidade. Contudo, alguns jogadores ainda buscavam não ressaltar sua afeminação nos campeonatos convencionais, por medo da possível reação dos rivais. Um ponto interessante é que, para o atual presidente do ManoTauros, time que vem se dedicando especialmente às competições em campeonatos convencionais, essas disputas estavam sendo mais proveitosas do que as LGBTQIAPN+, devido à existência de prêmios significativos para a equipe vencedora – quando, nos campeonatos LGBTQIAPN+, para ele, haveria apenas “disputas de egos”.

Apesar de o termo oficial relacionado à LiGay ter mudado de “futebol gay” para “futebol LGBTQIA+”, essa mudança ainda é, em grande medida, apenas discursiva. Até hoje, pelo que foi possível levantar em campo¹⁴⁷, apenas uma mulher participou das edições nacionais do Champions LiGay na chave LGBTQIA+. Isso faz com que a maior parte dos times que participam da LiGay continuem sendo, apesar da mudança de discurso, times de futebol gay. Aparentemente, não tem havido um esforço de adaptação dos times para o acolhimento de identidades diversas nem de atração de pessoas com essas identidades. Para compreender melhor esse contexto, seria importante saber se há o interesse de que essa participação ocorra, pois, num cenário de busca por competitividade cada vez maior, é possível que haja a perspectiva de que essa inclusão a prejudicaria. Algo a se pensar é sobre as diferenças entre as vivências de gays e lésbicas no futebol convencional. Enquanto os gays passam por um processo de exclusão sistemática, as lésbicas ocupam bastante esse espaço desde a revogação da proibição da prática do futebol por mulheres, no final da década de 1970 – ainda que tenham sua orientação sexual invisibilizada. Por isso, cabe saber se o futebol LGBTQIAPN+ faz

¹⁴⁶ Uma possibilidade de pesquisa futura nessa área pode ser investigar o impacto que a presença de times LGBTQIAPN+ em campeonatos convencionais causa nos jogadores dos times convencionais e em figuras como os árbitros das partidas.

¹⁴⁷ Depoimentos dos entrevistados, observação participante na 5ª edição do Champions LiGay e etnografia de tela em perfis de times e da LiGay no *Instagram* e no *Facebook*. A jogadora em questão era do Bhabixas, e começou a participar em uma edição em que apenas a presença masculina era permitida, o que aponta para o caráter disruptivo do Bhabixas nesse cenário.

o mesmo sentido para mulheres que para homens. Dessa forma, seria interessante a realização de pesquisas específicas sobre esse tema.

O futebol é, historicamente, um espaço de valorização de uma masculinidade tradicional e de exclusão de homens homo-orientados. Esse processo começa desde a infância. Através das aulas de Educação Física e das peladas de rua, o futebol funciona como elemento de transformação de meninos em homens. Nas escolas, é possível notar uma separação binária entre futebol, para meninos, e vôlei (ou queimada), para meninas. No entanto, as meninas e meninos afeminados são levados a fazer as aulas com as meninas. Nesse processo, assim como as meninas, meninos e meninos afeminados têm seu acesso ao futebol impossibilitado, gerando uma falta de familiaridade dessas crianças com esse esporte. Importante notar que, nesse processo, a afeminação do menino é mais relevante do que sua homo-orientação – frequentemente, nessa fase, nem mesmo a própria criança ainda tem compreensão da sua homo-orientação. Assim, em geral, é por serem afeminados que os meninos são excluídos do futebol. Bares e estádios também são lugares de sociabilidade importantes na construção da masculinidade que gira em torno desse esporte. O repúdio à homossexualidade, no futebol, também pode ser visto nas provocações entre as torcidas, carregadas de homofobia. Através delas, a masculinidade do outro é deslegitimada por meio da atribuição do papel passivo no sexo com outros homens. Essas provocações estendem-se aos jogadores dos times rivais e aos árbitros. Nesse cenário, percebe-se uma invisibilidade de jogadores gays, bi, pan e assexuais no futebol profissional. Apenas em 2022, com Richarlyson, tivemos o primeiro ex-jogador de um clube da série A a se declarar não heterossexual.

No entanto, também tem havido muitos movimentos de resistência a essa exclusão e deslegitimação da existência de pessoas LGBTQIAPN+ nesse esporte. Um deles foi a criação das primeiras torcidas LGBTQIAPN+ na década de 1970. Outro foi o surgimento de páginas no *Facebook*, na década de 2010, para que torcedoras, torcedores e torcedorus de diversos times pudessem discutir o lugar da diversidade de gênero e da sexualidade no futebol. Com a criminalização das manifestações de discriminação e violência contra pessoas LGBTQIAPN+, esse cenário tem passado por algumas mudanças. Os times têm se posicionado contra a homofobia nas redes sociais, e, nos estádios, os cânticos homofóbicos têm sido relatados nas súmulas e denunciados. Algumas vezes, isso tem acarretado em punições efetivas para os times, como multas e ações educativas, mas outras vezes ainda não. De toda forma, as denúncias mostram que esses cânticos continuam presentes nos estádios, apesar da repressão.

É em meio a esse contexto que o futebol LGBTQIAPN+ floresce no Brasil. No entanto, nem mesmo a prática esportiva realizada por gays está livre de uma estrutura machista e misógina. As masculinidades gays em eventos esportivos como o Gay Games, que funciona nos moldes das Olimpíadas, não costumam se distanciar desse modelo, reproduzindo a masculinidade tradicional. Nesse sentido, se as equipes LGBTQIAPN+ podem tensionar modelos tradicionais de masculinidade, por outro lado, elas também podem reforçá-los. Com isso, acabam havendo manifestações de afeminofobia entre os próprios jogadores de times de futebol LGBTQIAPN+.

O processo de afeminofobia começa a se estabelecer desde a infância, quando meninos e meninas afeminados sofrem *bullying* e violências no ambiente escolar. Posteriormente, ele se estende para a vida adulta do gay afeminado. Isso porque, no “mercado” das relações erótico-afetivas de homens não heterossexuais, os discursos e posicionamentos de inferiorização e repulsa em relação à afeminação são constantes e legitimados. Isso pode ser visto em aplicativos e sites de relacionamento voltados para esse público. Esse processo leva, frequentemente, a uma internalização dessa afeminofobia, gerando sofrimento psicológico para quem teve ou teme ter essas experiências. No entanto, parece haver limites para a aplicação do conceito de afeminofobia à ausência de atração sexual por pessoas afeminadas. Afinal, nem todas as afeminações são iguais, e a orientação sexual se baseia na corporeidade e sua relação com o masculino e o feminino. De todo modo, apesar da afeminofobia presente em boa parte da própria comunidade em que estão inseridos, é preciso evidenciar que gays afeminados também são amados e desejados. Além disso, há, para parte deles, um orgulho em relação à condição de afeminado.

Por outro lado, a construção dos gays *amasculados*¹⁴⁸ e dos que são chamados de “gays padrão” também é um processo que se desenvolve desde a infância, quando meninos buscam amascular-se para fugir do estigma da homo-orientação. Posteriormente, esse processo se estende para a vida adulta, com a prevalência da busca por uma hipermasculinização. Assim, a figura do gay amasculado e a do gay padrão, marcado pela valorização do corpo musculoso, acabam se sobrepondo, e os músculos passam a funcionar como uma armadura de proteção da masculinidade. Há, no entanto, outras formas de buscar a amasculação, como fazem os gays chamados de “ursos”, que não necessariamente buscam um corpo normativo. Essas questões passam por interseccionalidades com raça e classe. Nesse sentido, os negros são historicamente sexualizados e animalizados. Em relação à

¹⁴⁸ Termo proposto neste trabalho para gerar uma simetria com “afeminados”, demonstrando que se tornar masculino também é um processo.

interseccionalidade com idade, a afeminação está relacionada com a juventude na experiência de alguns gays. Em todo esse cenário, o corpo e a erotização são importantes na sociabilidade, na normatização e no imaginário de homens não heterossexuais.

O reconhecimento de gays como homens não é sempre garantido. Em modelos homoafetivos mais comuns anteriormente, havia dicotomias entre papéis assimétricos, como a separação entre homem e bicha. De certo modo, eles ainda se fazem presentes em alguns momentos, como na relação clandestina entre homens mais velhos casados e jovens afeminados. Além disso, a palavra “homem” não se apresenta apenas como substantivo, mas também como um adjetivo que é sinônimo de hétero e amasculado. Gira, em torno da definição de homem, o estabelecimento de uma masculinidade hegemônica e de masculinidades subordinadas, havendo uma escala de subordinação mesmo dentro das identidades masculinas LGBTQIAPN+. Nesse sentido, apesar de ambos gays afeminados e gays padrão se afastarem da masculinidade hegemônica por não serem heterossexuais, estabeleceu-se entre eles uma escala de subordinação, na qual os gays padrão gozam de privilégios e de maior status em relação aos gays afeminados. Elementos como a força, opondo-se à fraqueza física e à sensibilidade emocional, fazem parte do modelo masculino hegemônico. No entanto, há desafios e pesos que a cobrança da masculinidade padrão gera sobre os homens, podendo causar sofrimento mental. Uma das características desse processo é a manutenção de uma honra masculina. As mudanças que vêm ocorrendo nas relações de gênero nas últimas décadas também geram uma insegurança sobre como se comportar, e ela pode levar à violência contra pessoas LGBTQIAPN+ como uma forma de autoafirmação.

Há uma sobreposição de eixos de opressão sobre afeminados, uma vez que eles não são necessariamente gays ou trans, mas costumam ser vistos das duas maneiras. Uma forma de aproximação da cisheteronorma é a passabilidade, uma estratégia usada por gays amasculados para serem vistos como heterossexuais. Nesse sentido, a afeminofobia é uma resposta à *manifestação de gênero*, não importando, na prática, se ela é a expressão de uma identidade interna ou a repetição de gestos e atos na superfície do corpo. Assim, a ideia de manifestação de gênero foge da dicotomia entre performatividade de gênero e expressão de gênero, uma vez que não se concentra na origem dessa manifestação e sim no seu resultado. No entanto, é possível identificar a existência de *manifestações de gênero espontâneas* e *manifestações de gênero intencionais*. Enquanto alguns meninos são involuntariamente afeminados, outros buscam estrategicamente adotar uma manifestação amasculada para se aproximarem da masculinidade padrão. Nesse sentido, esse conceito também foge da

dicotomia entre performatividade e performance, uma vez que processos conscientes e inconscientes se sobrepõem, com a possibilidade de um menino amasculado esforçar-se para se tornar ainda mais amasculado, por exemplo. Seria possível pensar, ainda, na existência de uma *manifestação de gênero identitária*, que seria o entendimento de que a afeminação ou a amasculação podem fazer parte da maneira como uma pessoa se identifica.

De todo modo, o movimento LGBTQIAPN+ tem buscado separar identidade de gênero e orientação sexual. Essa separação de identidades traz ganhos políticos, como visibilidade para diferentes grupos, mas também problemas, como a generalização e simplificação de vivências. Duas categorias não oficiais na sigla LGBTQIAPN+ associadas a gays afeminados são “bicha” e “viado”. Nessas figuras, no entanto, sexualidade e gênero não podem ser vistos como dois eixos independentes. Os sujeitos da bichisse e da viadagem sofrem pressões vindas tanto da inferiorização da homo-orientação quanto do feminino, estando sobre eixos cruzados de cisheteronormatividade. Mas os termos bicha e viado podem ser usados pejorativamente ou como autoafirmação. O Bharbixas, por exemplo, tem a palavra “bicha” no nome, além de um viado como mascote. Por outro lado, o termo gay pode ser usado para encobrir identidades locais, de forma colonial, e como uma identidade higienizada.

O Bharbixas promovia um discurso inclusivo em relação à afeminação, tornando-se um espaço no qual muitos jogadores se sentiam à vontade para agirem de forma afeminada. Por outro lado, os membros fundadores do ManoTauros, apresentando uma perspectiva consideravelmente afeminofóbica, esforçaram-se para criar uma identidade hipermasculina para o ManoTauros. Mas, se havia jogadores com atitudes afeminofóbicas, também havia jogadores afeminados que debochavam e riam da normatividade dos amasculados. Ocorria, ali, uma disputa pelo modelo de masculinidade hegemônica vigente. Dentro do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino, um modelo que externamente é subordinado tornava-se hegemônico. No entanto, esse processo mudou com o tempo, e o modelo amasculado se firmou como referência no cenário do futebol LGBTQIAPN+ da cidade. Esse contexto nos mostra que pessoas LGBTQIAPN+ são capazes de produzir, através do futebol enquanto dispositivo, tanto processos de afeminação quanto de amasculação, bem como manifestações desportivas que os expressam.

No que diz respeito às necessidade de inclusão, também percebe-se uma relação com a manifestação de gênero dos jogadores. Aparentemente, os gays mais amasculados conseguem ter uma entrada no futebol convencional, enquanto os mais afeminados não. Nesse sentido, alguns jogadores já tinham experiência com o futebol e não tinham histórico de

sofrerem preconceito, o que se relaciona com a sua manifestação de gênero amasculada. Por outro lado, outros tinham contato com o futebol pela primeira vez em um time LGBTQIAPN+. Assim, os times eram transformadores para algumas pessoas, mas não tanto para outras. Outro fator de transformação, ligado ao Bhabixas, está relacionado aos questionamentos sobre gênero e sexualidade empreendidos entre os membros da equipe, que “abriam a cabeça” de alguns jogadores que chegavam ao time com um pensamento mais conservador.

Os jogadores entrevistados apresentavam um alto grau de reflexividade sobre os temas a respeito do qual eles falavam. Eles tinham um posicionamento crítico e faziam análises aprofundadas sobre os tópicos que eu trazia para a entrevista, demonstrando já terem pensado e discutido sobre eles anteriormente. No entanto, essa reflexividade não se voltava apenas para suas opiniões e ações pessoais. Ela também se construía em torno da participação em um *eu coletivo*, um nós, que podia ser os times do qual faziam parte, os times brasileiros como um todo, ou as pessoas LGBTQIAPN+ em geral. A capacidade reflexiva pode estar relacionada tanto a diálogos internos quanto a processos externos, como a escrita e as conversas com outras pessoas. No caso do Bhabixas, destacou-se bastante as reflexões sobre as coberturas midiáticas que o time vinha recebendo. Os jogadores entrevistados demonstravam orgulho tanto de participarem em programas de rádios locais e serem reconhecidos nas ruas da cidade depois disso quanto de terem sido alvo da cobertura de jornais internacionais. Vários dos jogadores entrevistados também refletiam que a mídia teve papel fundamental para o boom dos times de futebol LGBTQIAPN+ ocorrido em 2017.

Dois eixos aglutinadores se destacaram na análise dos movimentos reflexivos empreendidos pelos jogadores entrevistados. Foi possível perceber que eles refletiam frequentemente sobre conflitos e discursos. Em relação a conflitos, destacavam-se os que ocorriam entre os times, os internos (ocorridos na mente dos sujeitos) gerados por serem pessoas LGBTQIAPN+ e praticantes de futebol, bem como os que ocorriam entre os jogadores LGBTQIAPN+ e os praticantes ou torcedores do futebol convencional. Quando estavam relacionados à rivalidade ou competitividade entre os times de futebol LGBTQIAPN+, os conflitos eram vistos pelos entrevistados de forma negativa. No entanto, quando relacionavam-se à luta contra preconceitos, inclusive dentro da LiGay, eles eram vistos positivamente. Nesse caso, as pessoas que lutavam contra o preconceito eram tidas como heroínas e pioneiras. As dinâmicas de conflito em torno da dissolução dos grupos também foram destacadas, a partir das duas cisões do Bhabixas relacionadas à disputa entre festa e futebol. Outra dimensão do conflito apontada é a sua possibilidade de aniquilação (eliminação

de um dos lados em oposição), a partir do medo de alguns jogadores de sofrerem violência se jogassem em campeonatos convencionais, por exemplo. O conflito interno para conseguir equalizar as subjetividades em torno do futebol e da sexualidade também foi bastante acionado, em especial pelo ex-membro do Bharbixas que havia sido jogador profissional.

Pensando o conflito enquanto competição (concorrência entre diferentes sujeitos ou grupos), os jogadores reforçaram o quanto a LiGay tem se tornado excessivamente competitiva, o que prejudicaria a inclusão de diversos jogadores. Outra disputa citada foi a realizada entre os clubes por jogadores, com membros de um time migrando para outro. Em relação ao processo de acomodação (ajustes que surgem como resposta ao conflito), foi possível perceber que os discursos sobre a rivalidade entre o Bharbixas e o ManoTauros arrefeceram-se com o tempo. Já sobre assimilação (processo de aceitar que o outro lado do conflito está certo), os jogadores indicaram uma progressiva mudança de pensamento dos “times hétero” em relação aos times LGBTQIAPN+, que deixavam de ser vistos como piada e passavam a ser encarados com respeito.

Sobre os conflitos em torno das definições das situações, destaca-se os pares binários inclusão versus competitividade, em todos os clubes, e festa versus futebol, no Bharbixas. No seu auge, a festa se tornaria até mesmo circo. Também a definição dos times LGBTQIAPN+ como piada ou como adversários respeitados apareceu bastante. Nos conflitos em torno de identidades, percebeu-se a tentativa de criar uma imagem para o ManoTauros oposta à do Bharbixas. As questões de classe e as aproximações dos times com o Atlético Mineiro e com o Cruzeiro também se destacaram. Isso porque, em Belo Horizonte, o Atlético é associado à periferia e à população negra, assim como o ManoTauros. Por outro lado, o Cruzeiro é associado à população de classe média e média alta, assim como o Bharbixas. A hierarquia de poder entre as identidades cis hétero e LGBTQIAPN+ no futebol também foi bastante referenciada.

No que diz respeito a discursos, a referência às falas do outro time foi frequente. Nesse aspecto, debochava-se ou reiterava-se discursos dos membros do time rival. Algumas vezes, simulava-se falas do outro que não aconteceram de fato, no intuito de tentar passar alguma ideia ou fazer alguma construção sobre ele. Os jogadores também fizeram reflexões sobre seus próprios discursos, reiterando-os ou contrapondo-se ao seu eu mesmo do passado. Além disso, faziam referências a discursos de membros do próprio time para dar suporte a suas ideias ou para reiterá-los. Percebe-se que os nomes dos times são construídos dialogicamente em relação a enunciados concretos ou presumidos. Os nomes, bem como

outras palavras ligadas aos times – como as que constam nas bandeiras – foram pensados pelos seus membros com muita reflexão coletiva. No entanto, essa construção passava pela mente individual dos jogadores, que, por meio de enunciados, respondiam um ao outro nesse processo. Em geral, os nomes dos times de todo o país foram apontados como carregados de significados. Os jogadores também refletiam bastante sobre termos considerados homofóbicos, como as provocações “maria” e “franga” entre os torcedores do Cruzeiro e do Atlético.

Sobre a criação de dispositivos de poder por meio de discursos, os regulamentos dos campeonatos foram apontados como limitadores das relações entre os indivíduos, já que, inicialmente, eles não permitiam a presença de mulheres. No entanto, a própria existência dos times, da liga e dos campeonatos apareceu como o maior organizador de relações de poder, uma vez que geram segregação, excluindo as pessoas hetero cis da interação. Os discursos que dão sustentação a isso são os de busca por inclusão, visibilidade e segurança. A ideia de “mimimi” foi apontada como uma estratégia discursiva para deslegitimar pontos de vista progressistas dos jogadores, seja por parte de pessoas hétero cis ou mesmo de outros jogadores LGBTQIAPN+ considerados “heteronormativos”. A maioria dos jogadores demonstrava consciência de que o movimento do qual faziam parte era político e representava uma militância, bem como uma resistência.

O conteúdo ideológico de diversos discursos que foram referenciados também foi destacado, inclusive apontando para uma naturalização deles, como no caso dos termos usados para ofender as torcidas rivais no futebol convencional. A importância de mudar os discursos para gerar mudança social também foi demonstrada, como na necessidade de se usar o termo “futebol LGBT” ao invés de “futebol gay”, no intuito de torná-lo mais inclusivo. Nesse sentido, o Bhabixas teve um papel importante na mudança discursiva em torno dessa nomeação, já que levantou essa bandeira anos antes da adoção do termo mais amplo pela LiGay. A materialidade discursiva também foi ressaltada com explicações sobre mascotes, logomarcas, cores e outros elementos semióticos relacionados aos times.

Por todo esse cenário, percebe-se que a manifestação de gênero e a reflexividade se relacionam com a criação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte de diferentes formas. Enquanto a manifestação de gênero é um aspecto central na criação do Bhabixas e do ManoTaurus, bem como na relação que se estabeleceu entre os dois, a reflexividade é um fator transversal que incide não apenas sobre esse conflito, mas também em diversos outros pontos de tensão. Os jogadores apresentavam um grande esforço reflexivo sobre suas próprias

manifestações de gênero, e foi essa reflexão que fez com que os times adotassem algumas de suas principais características – à medida em que o ManoTauros só se construiu como um time amasculado porque esse foi um objetivo reflexivamente construído, por exemplo. No entanto, a reflexividade que perpassava outras oposições, como entre futebol e festa, também levou a decisões e ações coletivas que deram contorno aos times e suas relações. Assim, enquanto a manifestação de gênero aparece como um dos pontos mais importantes desse processo, a reflexividade aparece como um elemento que atravessa esse ponto, mas não se restringe a ele, alcançando aspectos como o foco dos jogadores (festa ou futebol), o papel dos times (inclusão ou competitividade) e os perfis de classe (classe média ou periferia). Dessa maneira, para todos esses pontos, houve processos reflexivos empreendidos de forma significativa pelos jogadores, que os impulsionaram a ir construindo os contornos do cenário inicial do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte.

Esta tese tentou retratar e entender a emergência do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte, especialmente em relação à participação do Bhabixas e do ManoTauros nesse processo. Apesar de esse não ter sido o escopo do estudo, acredito que esta discussão também possa ajudar no entendimento do cenário do futebol LGBTQIAPN+ no Brasil, já que diversos elementos que extrapolam o contexto belo-horizontino surgiram nas falas dos entrevistados. Busquei apontar a importância do papel da manifestação de gênero e da reflexividade no processo de formação dos times estudados e das relações que eles estabelecem entre eles e com o futebol LGBTQIAPN+ brasileiro. Mas essa partida está apenas começando. Tanto os times estudados quanto a LiGay existem há apenas seis anos. Esta tese terá feito um gol a cada vez que uma pesquisadora, pesquisador ou pesquisadore se inspirar para continuar acompanhando, refletindo e caracterizando esse processo. Que seja uma goleada!

REFERÊNCIAS

- AKIE, Mayara. Fair Play: o futebol LGBT. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis (Orgs.). *Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023. p. 305-325.
- ALABARCES, Pablo. A pátria das chuteiras. In: ALABARCES, Pablo. *Historia mínima del futbol en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018. p. 86-103.
- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALCÂNTARA JÚNIOR, José Odval. Georg Simmel e o conflito social. *Caderno Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 2, n. 4, p. 7-15, jan./jun. 2005.
- ALMEIDA, Caroline Soares de; ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, MG, n. 31, p. 168-191, jul./ago. 2020.
- ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. “Sou gay, porém totalmente discreto”: os estereótipos e a criação do *ethos* em um site de relacionamento gay. *Revele*, Belo Horizonte, n. 3, p. 1-23, ago. 2011.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Anpocs, 2003.
- ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 301-321, jan./mar. 2012.
- ALMEIDA, Miguel do Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: *Anuário Antropológico/95*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-189.
- ALVES, Rogério Othon Teixeira; SILVA, Silvio Ricardo da; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. “O clássico dos clássicos” das alterosas mineiras: a invenção da rivalidade futebolística entre Athletico e Palestra. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 703-721, jul./set. 2016.
- AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do; BUENO, Victor Pimenta. Miatizando performances da representatividade: a abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte.com. *Anais do VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2018. p. 253-266.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. Homofobia no futebol masculino brasileiro: algumas reflexões. *Anais do I Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. p. 1-16.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 214-231, 2018.

ANTONIAZZI, Ale. Nunca imaginei que eu também pudesse jogar. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis (Orgs.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023. p. 362-371.

ARAÚJO, Bruno. Goleiro homossexual aconselha gays do futebol a saírem do armário. *Ge*, 17 de ago. 2012. Disponível em: <<http://ge.globo.com/rn/noticia/2012/08/goleiro-homossexual-aconselha-gays-do-futebol-sairem-do-armario.html>>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

ARCHER, Margaret Scotford. *Structure, agency and the internal conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

AREDA, Felipe. Ser gay e a possibilidade de não ser homem. *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p. 1-8.

BACCEGA, Maria Aparecida. As linguagens da comunicação. In: Ismar de Oliveira Soares (Org.). *Cadernos de educomunicação*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001. v. 1. p. 56-62.

BAKHTIN, Mikhail (VOLÓCHINOV, Valentin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAND. Dois dos 20 clubes da Série A não se posicionaram no Dia do Orgulho LGBTQIA, diz levantamento. *Band*, 29 de jun. 2021. Disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/esportes/dois-dos-20-clubes-da-serie-a-nao-se-posicionaram-no-dia-do-orgulho-lgbtqia-diz-levantamento-16356801>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-351, mai./ago. 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, Cascavel, PR, n. 29, p. 246-270, jul./dez. 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

BODETTI, Roberto. Copa do Mundo: Seleção Brasileira terá camisa 24 pela primeira vez na história. *Exame*, 10 de nov. 2022. Disponível em: <<https://exame.com/esporte/copa-do-mundo-selecao-brasileira-tera-camisa-24-pela-primeira-vez-na-historia/>>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

BONFIM, Aira Fernandes. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019. 214 p. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2019.

BONSANTI, Bruno. O rúgbi originou o futebol, mas demorou para se profissionalizar e ficou para trás. *Trivela*, 18 de set. 2015. Disponível em: <<https://trivela.com.br/inglaterra/o-rugbi->

originou-o-futebol-mas-demorou-para-se-profissionalizar-e-ficou-para-tras/>. Acesso em: 26 de jul. 2022.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 43, p. 441-473, jul./dez. 2014.

BOSCHILIA, Bruno; GIGLIO, Sérgio Settani; MARCHI JR., Wanderley. Instituições esportivas, árbitros e regras do futebol: transformações, processos e disputas. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 1-17, jan./jun. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. *FAMECOS*, Porto Alegre, v. 39, p. 78-84, ago. 2009.

BRANDL NETO, Inácio; ALVES, Cristhiane Marcia Maciel Kaminski. Jogos competitivos e cooperativos: um estudo nas escolas municipais de Cascavel/PR. *Caderno de Educação Física*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 7, n. 12, p. 33-40, jan./jun. 2008.

BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, abr./jun. 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: Jiménez, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgressoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria Editorial, 2002. p. 55-80.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: *Caderno de Leituras n. 78*. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2018. p. 1-16.

BUTLER, Judith. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Madrid, v. 1, n. 3, p. 321-336, set./dez. 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Ana. A exterioridade da reflexividade: contributos de Lahire para o estudo empírico do exercício de competências reflexivas. In: *Homenagem a Bernard Lahire*. Cadernos do Sociofilo. Quarto Caderno. Rio de Janeiro: IESP/UERJ, 2013.

CAETANO, Ana. Para uma análise sociológica da reflexividade individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 66, p. 157-174, 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. 2012. 380 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

- CAMARGO, Wagner Xavier de. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. *Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, SP, v. 6, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 2014.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-13, mai./ago. 2021.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Notas de pesquisa sobre o “futebol LGBT” no Brasil. In: CRFB. *Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol*. São Paulo: ID Brasil Cultura; Educação e Esporte, 2022. p. 33-42.
- CAMARGO, Wagner Xavier de; AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do. Ball Cat’s e sua trajetória no futebol do norte do Brasil. In: SILVA, Felipe Carlos Damasceno e; FREITAS, Aline Meriane do Carmo de; LEITÃO, Luciney Araújo. (Orgs.). *Futebóis do Norte: setor Norte – futebol e ciência – ano 1*. Belém: RFB, 2022. p. 77-93.
- CAMARGO, Wagner Xavier de; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Etnografia em competições mundiais esportivas gays no contexto pós-moderno. *Anais do Seminário Internacional de Sociologia & Política*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. p. 79-97.
- CANARINHOS LGBTQ. *Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+*, 12 de abr. 2023. Disponível em: <<https://canarinhoslgbtq.com.br/>>. Acesso em: 1 de jul. 2023.
- CARVALHO, André. Unidas por visibilidade, torcidas LGBT buscam impulso com protestos. *Folha de S.Paulo*, 18 de jun. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/06/unidas-por-visibilidade-torcidas-lgbt-buscam-impulso-com-protestos.shtml>>. Acesso em: 26 de mar. 2022.
- CARVALHO, Ketryn. Fluminense é punido em 50 mil por homofobia. *Observatório G*, 30 de jan. 2022. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/esporte/fluminense-e-punido-em-50-mil-por-homofobia>>. Acesso em: 26 de mar. 2022.
- CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho de. *Levando a homofobia e a heteronormatividade na esportiva: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay*. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2020.
- CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho de; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. "Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não!": discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1.058-1.070, out./dez. 2020.
- CASTRO, Maria Lília Dias de. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. p. 119-128.
- CHAVES, Paula Nunes. Estigmas do corpo, gênero e sexualidade no esporte: voleibol enquanto espaço da mulher e da “bicha”. *Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015a. p. 1-14.

CHAVES, Paula Nunes; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. *Resistência queer: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte*. Pensar a Prática, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 1-12, jan./mar. 2015b.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: EDUFBA, 2015.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. México: UNAM/PUEG, 2003.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CORNEJO, Giancarlo. La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía “queer”. *Íconos*, Quito, n. 39, p. 79-95, jan. 2011.

CORREIO BRAZILIENSE. Torcidas começam a abolir gritos homofônicos nos estádios. *Correio Braziliense*, 30 de mai. 2017. Disponível em: <https://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2017/05/30/noticia_futebol_nacional,61816/torcidas-comecam-a-abolir-gritos-homofobicos-nos-estadios.shtml>. Acesso em: 26 de mar. 2022.

COSSI, Rafael Kalaf. Stoller e a psicanálise: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 49, p. 31-44, jul. 2018.

DALL'AGO, Rodrigo Cabrini; ROCHA, Tacia. Que tesão! A masculinidade na pornografia gay. *Anagrama*, v. 13, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2019.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. *Esporte e Sociedade*, v. 1, n.1, p. 1-36, nov. 2005/fev. 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

DIÁRIO DO AÇO. Máfia Azul é banida dos estádios após morte de torcedor atleticano. *Diário do Aço*, 30 de nov. 2021. Disponível em: <<https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0093398-mafia-azul-e-banida-dos-estadios-apos-morte-de-torcedor-atleticano>>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

DIAS, Cleber; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Igor Maciel da; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. História do futebol em Minas Gerais. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, n. 6, p. 67-86, 2014.

DIAS, Rosângela Hanel. Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin. *Anais do X ANPED Sul*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014. p. 1-18.

DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 55-70, jun. 2002.

DRUMMOND, Ivan; VAZ, Patrick. Torcedores de Atlético e Cruzeiro brigam antes do jogo e um morre baleado. *Estado de Minas*, 7 de mar. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/superesportes/2022/03/07/interna_superesportes,1350561/torcedores-de-atletico-e-cruzeiro-brigam-antes-do-jogo-e-um-morre-baleado.shtml>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

ECCEL, Claudia Sirangelo; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-15, jan./mar. 2015.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ELO7. Tapete de lona para criança brincar: campo de futebol divertido. *Elo7*, 6 de jan. 2021. Disponível em: <<https://www.elo7.com.br/tapete-lona-p-crianca-brincar-campo-de-futebol-divertido-hd/dp/14DD9C8>>. Acesso em: 12 de abr. 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.

FARIA, Eliene Lopes. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 18, p. 65-86, 2009.

FERNANDES, Hevilla Wanderley. A instrumentalização do futebol na Era Vargas e a centralização política no eixo Rio-São Paulo. *Ludopédio*, 14 de set. 2021. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquivancada/a-instrumentalizacao-do-futebol-na-era-vargas-e-a-centralizacao-politica-no-eixo-rio-sao-paulo/>>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

FERNANDES, Rafael Morello. A importância de ser “ másculo ”: subjetividades gays e dominação masculina. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 1-12.

FERREIRA, Noah Kyon Borges Caldas; GARCIA, Rafael Marques. Homens trans no esporte: o futebol como ferramenta de inclusão social. *Mosaico*, Vassouras, RJ, v. 14, n. 1, p. 37-47, jan./abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999b. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999c.

FRANÇA, Vera Veiga. A televisão porosa: traços e tendências. In: FILHO, João Freire (Org.). *A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27-52.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Escola de Chicago. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 138-146.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Brasil, país do futebol?. *Revista USP*, n. 99, São Paulo, p. 45-56, set./nov. 2013.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Ribeirão Preto, SP, v. 14, n. 29, p. 138-152, set./dez. 2004.

FREITAS, Marcel de Almeida. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2007.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 87-115.

FUTEBOL LATINO. Confirma os times da Série A que se pronunciaram sobre o Dia Internacional de Combate a LGTBfobia. *Lance*, 17 de mai. 2020. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/confirma-times-serie-que-pronunciaram-sobre-dia-internacional-combate-lgbtobia.html>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

GE. Clubes brasileiros se unem e postam contra a homofobia nas redes sociais: “Não é piada”. *Ge*, 30 de ago. 2019. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/noticia/clubes-postam-contra-a-homofobia.ghtml>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

GEORGHIOU, Christos. Minotaur bull sports mascot running. *Dreamstime*, 15 de jul. 2014. Disponível em: <<https://www.dreamstime.com/stock-illustration-minotaur-bull-sports-mascot-running-man-character-charging-sprinting-image42437263>>. Acesso em: 28 de jun. 2023.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GONZALES, Bernardo. Futebol transmasculino: história de medo, bravura e coragem para ser quem se é. In: CRFB. *Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol*. São Paulo: ID Brasil Cultura; Educação e Esporte, 2022. p. 45-50.

GONZALES, Bernardo. “O lixo vai falar e numa boa”. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis (Orgs.). *Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023. p. 326-349.

GONZALEZ, Astrid Johana Pardo. *Entre emoção e cognição: uma etnografia como projeto reflexivo*. Revista Intratextos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 95-115, 2014.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. *Anais do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. p. 1-11.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, p. 1-18, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, p. 1-37, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontrar-se a “si mesmo”. In: GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992. p. 7-18.

GUERRA, Valeschka Martins; SCARPATI, Arielle Sagrillo; BRASIL, Julia Alvez; LIVRAMENTO, André Mota do; SILVA, Cleidiane Vitória da. Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 72-88, jan./jun. 2015.

HIDESHIMA, Érica; AMBRÓSIO, José Renato; GUERRA, Marcos. Times LGBTs se espalham pelo Brasil: conheça as equipes inclusivas do país. *Ge*, 28 de jun. 2022. Disponível em: <<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2022/06/28/times-lgbts-se-espalham-pelo-brasil-conheca-as-equipes-inclusivas-do-pais.ghtml>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

ISLAM, Saiful. manga curta com camisa de ciclismo de futebol com zíper curto modelo de ilustração vetorial de desenho plano técnico Vetor Pro. *Vecteezy*, mar. 2015. Disponível em: <<https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/8167160-modelo-de-ilustracao-vetorial-de-desenho-plano-de-manga-curta-com-ziper-curto>>. Acesso em: 12 de abr. 2023.

JÁUREGUI, Carlos; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Discurso. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2014. p. 115-125.

JESUS, Diego Santos Vieira de. "Futebol é coisa para mano, mana e mona"? A LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 10, p. 327-342, nov. 2018/abr. 2019.

JOHNSTON, Ronald Gonçalves Arvid. Clubes de futebol personalizam uniforme em apoio ao dia do Orgulho LGBTQIA+. *CNN Brasil*, 27 de jun. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/clubes-de-futebol-personalizam-uniforme-em-apoio-ao-dia-do-orgulho-lgbtqia/>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

JULIANO, Pedro Barcellos Rodrigues. “Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto”: tratando de masculinidades e vivências negras. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, PR, v. 4, n. 1, p. 132-143, jun./dez. 2020.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUPPER, Agnaldo. Futebol moderno: representações e reflexões para a História. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 11, n. 42, p. 430-438, set/dez. 2019.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis : Vozes, 2002.

LANCE. Fluminense é punido em 50 mil por homofobia contra o Inter. *Terra*, 28 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/fluminense/fluminense-e-punido-em-50-mil-por-homofobia-contra-o-inter,314e2306d344c0216934626c7ddb7286c0bcashl.html>>. Acesso em: 25 de mar. 2022a.

LANCE. Veja momentos em que a homofobia ecoou e foi mau exemplo no futebol. *Lance*, 14 de set. 2019. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/galeria-premium/momentos-que-homofobia-ecoou-foi-exemplo-negativo-futebol.html>>. Acesso em: 24 de mar. 2022b.

LEITÃO, Selma. Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 454-462, set./dez. 2007.

LIGAY. *LiGay Nacional de Futebol*. *LiGay*, 11 de out. 2022. Disponível em: <<https://plataforma.sporti.com.br/ligay/>>. Acesso em: 21 de abr. 2023.

LIMA, Gabriela Massote. Ninguém nasce viril, torna-se viril: novas representações do corpo masculino na arte contemporânea. *Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias*. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2019. p. 1-17.

LIMA, Nilsângela Cardoso; SOUSA, Maria Gleyciane Barbosa de. (In)visibilidade das mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional. *Revista Eptic*, São Cristóvão, SE, v. 18, n. 1, p. 150-167, jan./abr. 2016.

LOPES, Oscar Guilherme. Gays afeminados ou a poluição homoerótica. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 7, p. 405-422, mai./out. 2017.

LOURENÇO, Rafael de Oliveira. A representação do futebol enquanto fenômeno cultural e político na cobertura da Copa do Mundo 2010. *Anais do 7º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2011. p. 1-11.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LYRA, Thaís. Pesquisa Revela que saúde mental dos professores piorou em 2022. *Nova Escola*, 2022. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022>>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

MACAGNAN, Leandro Del Giudice; BETTI, Mauro. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 315-327, abr./jun. 2014.

MACEDO, Guilherme. Cantos homofóbicos: STJD homologa acordo com Cruzeiro, e clube evita perda de pontos. *Ge*, 24 de jun. 2022. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/06/24/cantos-homofobicos-stjd-homologa-acordo-com-cruzeiro-e-clube-evita-perda-de-pontos.ghml>>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

MAGRI, Diogo. Liga das Canelas Pretas, o torneio antirracista nos primórdios do futebol gaúcho. *El País*, 9 de dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/deportes/1574455123_874259.html>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

MAIA, Raquel Ferreira; MAIA, Jusselma Ferreira; MARQUES, Maria Teresa da Silva Pinto. Jogos cooperativos x jogos competitivos: um desafio entre o ideal e o real. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, Santo André, SP, v. 2, n. 4, p. 125-139, dez. 2007.

MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo: el surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*, Iztapalapa, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul./dez. 2001.

MARCUS, George; FISCHER, Michael. *Anthropology as cultural critique: an experimental moment in human sciences*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

MARIETTO, Marcio Luiz. Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 5-18, out./dez. 2018.

MARIZ, Clara. Máfia Azul e Galoucura estão mais uma vez banidas dos estádios brasileiros. *Hoje em Dia*, 15 de mar. 2022. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/esportes/mafia-azul-e-galoucura-est-o-mais-uma-vez-banidas-dos-estadios-brasileiros-1.889209>>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. Reflexões sobre os abalos da masculinidade hegemônica no futebol: das torcidas gays na década de 1970 aos campeonatos homossexuais na atualidade. *Crítica Histórica*, Maceió, v. 11, n. 22, p. 301-327, dez. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine.; SERPA, Angelo (Orgs.). *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 67-85.

MEAD, George Herbert. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

MIGUEL, Fernando Martins y. Cântico homofóbico contra o Flamengo: entenda o risco de punição ao Galo. *O Tempo*, 23 de jun. 2022. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/superfc/atletico/cantico-homofobico-contra-o-flamengo-entenda-o-risco-de-punicao-ao-galo-1.2688004>>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

- MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de etnografia entre travestis. *Gênero*, Niterói, RJ, v. 7, n. 2, p. 257-269, jan./jan. 2007.
- MOORE, Henrietta Louise. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 14, p. 13-44, 2000.
- MORAIS, Fernando Luís de; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BENFATTI, Flávia Andrea Rodrigues; PASSOS, Leandro; PASSOS, Luana; SOARES, Luiz Henrique Moreira; RAMOS, Regiane Corrêa de Oliveira. De queer a quare: uma aposta interseccional entre gênero, raça, etnia e classe. *Itinerários*, Araraquara, SP, n. 48, p. 61-76, jan./jun. 2019.
- MOURA, João Carlos da Cunha. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 198, p. 70-79, nov. 2017.
- MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. “Eu não virei, eu nasci”: discutindo a afeminofobia a partir da figura do gay e do menino afeminado. *Simbiótica*, Vitória, v. 7, n. 2, p. 242-262, jan./jun. 2020.
- MOURA, Renan Gomes de. A representação da masculinidade hegemônica e do viril nas capas de uma revista homoerótica como fonte de reprodução da masculinidade hegemônica. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 317-337, jan./jul. 2022.
- MURATORI, Matheus. Nas redes sociais, clubes do Brasileirão se manifestam sobre Dia Internacional Contra a Homofobia; Atlético e Cruzeiro ignoram data. *Superesportes*, 18 de mai. 2019. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/santos/1,138,1,17/2019/05/18/noticia_interior,585608/atletico-e-cruzeiro-nao-se-manifestam-sobre-dia-contra-a-homofobia.shtml>. Acesso em: 24 de mar. 2022.
- NETTO, Gilberto da Motta e Silva. Pertencimento clubístico: uma avaliação da produção socioantropológica e novas possibilidades analíticas. *Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS*. Águas de Lindoia, SP: ANPOCS, 2012. p. 1-30.
- NEVES, Luiz Felipe Fernandes; RODARTE, Alberto. Grandes, barbudos e peludos: a conformação do ideal viril nos corpos dos ursos. *Anais do VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Universidade Paulista, 2018. p. 1-16.
- OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170-174, set./dez. 2012.
- OLIVEIRA, Luciana de; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Nas tramas do discurso: sociabilidade comunicação cultura poder. *Intexto*, Porto Alegre, n. 33, p. 46-63, mai./ago. 2015.
- OTHERO, Beatriz Kalil. Flamengo é multado em R\$ 50 mil após gritos homofóbicos da torcida contra o Grêmio. *BHAZ*, 08 de nov. 2021. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/noticias/esportes/flamengo-e-multado-em-r-50-mil-apos-gritos-homofobicos-da-torcida/>>. Acesso em: 26 de mar. 2022.
- OUTSPORTS. At least 186 out LGBTQ athletes at the Tokyo Summer Olympics, by far a record. *Outsports*, 22 de set. 2021. Disponível em:

<<https://www.outsports.com/olympics/2021/7/12/22565574/tokyo-summer-olympics-lgbtq-gay-athletes-list>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

PAIVA, Vitor. NFL: jogador faz história ao se assumir gay – preconceito deixa sociedade em negação. *Hypeness*, 29 de jun. 2021. Disponível em:

<<https://www.hypeness.com.br/2021/06/nfl-jogador-faz-historia-ao-se-assumir-gay-preconceito-deixa-sociedade-em-negacao/>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest Watson. Competição, conflito, acomodação e assimilação. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 13, n. 38, p. 129-138, ago. 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, BA, v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./mar. 2021.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 1, p. 68-91, mai./out. 2014.

PEREIRA, Annelise Santos Lira Soares; ALFAIA, André João Belacorça; LIMA, Luana Elayne Cunha Souza; SOUZA, Tiago Jessé. Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 26, n. 3, p. 737-745, 2014.

PERLONGHER, Néstor. *O que é aids*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO, Joelcio Fernandes. Memória oral do futebol de salão em Belo Horizonte-MG e a influência da ACM Uruguaia no Esporte. *Anais do III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte*. Niterói, RJ: Centro Cultural Abrigo de Bondes, 2010. p. 1-9.

PINTO, Mauricio Rodrigues; ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, ago. 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues; MARTINS, Raphael Henrique; ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Meninos Bons de Bola: gênero, transmascunidades e demarcação de espaços no campo futebolístico. *Anais do X Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Étnico-Racial e de Gênero*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2021. p. 1223-1240.

PIRES, Alan Oziel da Silva. *A pixação como apropriação da cidade: o pixador como formador do cenário urbano*. 2017. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

PIRES, Giovanna. STJD mantém multa ao Galo por cantos homofóbicos contra Flamengo. *Super Notícia*, 9 de set. 2022. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/super-noticia/atl%C3%A9tico/stjd-mantem-multa-ao-galo-por-cantos-homofobicos-contra-flamengo-1.2730832>>. Acesso em: 1 de jul. 2023.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Claudia Samuel. As mulheres no universo do futebol brasileiro: resgatando o gênero. *Conexões*, Campinas, SP, v. 20, p. 1-16, 2022.

PONTE PRETA. Dia da Consciência Negra: Ponte Preta é a primeira democracia racial no futebol do Brasil. *Ponte Preta*, 19 de nov. 2013. Disponível em:

<<https://pontepreta.com.br/dia-da-consciencia-negra-ponte-primeira-democracia-racial-do-brasil/>> Acesso em: 16 de jul. 2022.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História*, EDUC, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 1-279.

RAMOS, Mozer de Miranda; ALMEIDA-SEGUNDO, Damião Soares de; MACHADO, Wagner de Lara; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Modelo relacional da antiafeminação em homens não-heterossexuais: estudo explanatório. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 21, n. 2, p. 1-12, mai./ago. 2021.

RAMOS, Mozer de Miranda; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 159-172, abr. 2020.

RÉGIS, Dóris; DONA, Ligia. Diversidade em campo: futebol LGBTQIAP+. In: CRFB. *Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol*. São Paulo: ID Brasil Cultura; Educação e Esporte, 2022. p. 19-31.

REIS, Aparecido Francisco dos; FERRO, Angelo Luiz; RODRIGUES, Felipe de Moraes. “Gosto de homem com jeito de homem”: as configurações do desejo, da atração e da sexualidade na busca pela masculinidade ideal. *RECIMA21*, Jundiaí, SP, v. 3, n. 2, p. 1-19, fev. 2022.

REZENDE, Renata; COTTA, Diego. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. *Contemporânea*, São Carlos, SP, v. 13, n. 2, p. 348-365, mai./ago. 2015.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. #Déjala trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil. In: FISCHER, Thomas; KÔLHER, Romy; REITH, Stefan (Orgs). *Fútbol y Sociedad en América Latina*. Frankfurt: Editorial Vervuert, 2021. p. 241-256.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Antropologia e mídia: breve panorama das Teorias da Comunicação. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, n. 1, p. 4-64, jan./dez. 1995.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora. *Vibrant*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 130-158, jul./dez. 2012.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol amador: história, memória e patrimonialização. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. p. 1-17.

ROCHA, Lucas. Pandemia provoca alto impacto para saúde mental de alunos de pós-graduação, diz estudo. *CNN*, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-provoca-alto-impacto-para-saude-mental-de-alunos-de-pos-graduacao-diz-estudo/>>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade com instituição total. *PET-Filosofia*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 59-103, ago. 2020.

SALGUEIRO, José Estevam. Homossexualidade masculina: comportamento, orientação e identidade. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 60-74, jan./abr. 2016

SANJURJO, Liliana; CAMARGO, Wagner Xavier de; KEBBE, Victor Hugo. Etnografias: desafios metodológicos, éticos e políticos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, SP, v. 8, n. 1, p. 7-18, jan./jun. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 9. ed. Lisboa: Afrontamento, 1997.

SCHWADE, Elisete. Etnografia e subjetividade na pesquisa antropológica. In: MOURA, Cristina Patriota de; CORADINI, Lisabete (Orgs.). *Trajetórias antropológicas: encontros com Gilberto Velho*. Natal: EDUFRN, 2016. p. 209-234.

SEVERO, Cristiane Gorski. Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. v. 3. p. 143-166.

SILVA, Denize Elena Garcia; RAMALHO, Viviane. Discurso, imagem e texto verbal: uma perspectiva crítica da multimodalidade. *ALED*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 7-29, jan./jun. 2012.

SILVA, Jarlson Carneiro Amorim da; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FERNANDES, Bertyza Carvalho de Falcão. Preconceitos no esporte escolar: um contexto de discursos heteronormativos e homossexualidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 305-320, abr./jun. 2021.

SILVA, Joanna Lessa. Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 42, n. 1, p. 64-76, jan./jan. 2011.

SILVA, Leandro Soares da. Vinte e quatro notas de viadagem. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-11, nov. 2014/abr. 2015.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Picadinho de raposa com sopa de galo. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da (Orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 67-90.

SILVA, Monique. Pelo direito de torcer: a luta contra a homofobia quer sair das redes sociais e ir para as arquibancadas. *Ge*, 26 de jun. 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/pelo-direito-de-torcer-a-luta-contra-a-homofobia-quer-sair-das-redes-sociais-e-ir-para-as-arquibancadas.ghtml>>. Acesso em: 26 de mar. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu Silva. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu Silva (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVESTRIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. Meninos bons de bola: transmasculinidades em quadra. *CSONline*, Juiz de Fora, MG, n. 31, p. 153-167, jan./jun. 2020.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito; Conflito e estrutura de grupo; Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. *In*: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-134; 150-181.

SOUZA, Suely Maria dos Santos; FÉLIX, Álesson Leandro; SANTOS, Jaiana Tavares dos; GONÇALVES, Alana Mara Alves. Futebol amador: realidades e dificuldades. *Anais do VI Encontro Internacional Jovens Investigadores*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2019. p. 1-10.

SPEZZANI, Daniele. The Minotaur. *DeviantArt*, 15 de fev. 2009. Disponível em: <<https://www.deviantart.com/danbrenus/art/The-Minotaur-113011934>>. Acesso em: 28 de jun. 2023.

STJD. Comissão absolve Remo por cantos homofóbicos. *STJD*, 24 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.stjd.org.br/noticias/comissao-absolve-remo-por-cantos-homofobicos>>. Acesso em: 26 de mar. 2022a.

STJD. Paysandu multado por cantos homofóbicos. *STJD*, 24 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.stjd.org.br/noticias/paysandu-multado-por-cantos-homofobicos>>. Acesso em: 26 de mar. 2022b.

STJD. Remo denunciado por cantos homofóbicos. *STJD*, 21 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.stjd.org.br/noticias/remo-denunciado-por-cantos-homofobicos-1>>. Acesso em: 26 de mar. 2022c.

STOLLER, Robert Jesse. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. Londres: Karnac Books, 1984.

THOMAS, William Isaac. *The unadjusted girl: with cases and standpoint for behavior analysis*. Boston: Little, Brown, and Company, 1923.

THOMAS, William Isaac; THOMAS, Dorothy Swaine. *The child in America: behavior problems and programs*. New York: Knopf, 1928.

TORRES, Igor Leonardo de Santana; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *Queer* (neo)colonial: colonialidade e teoria *queer* no Brasil. *Gênero*, Niterói, RJ, v. 22, n. 1, p. 1-31, jul./dez. 2021.

UOL. Coletivo LGBTQ+ aciona 8 clubes no STJD por cantos homofóbicos em jogos. *UOL*, 07 de dez. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/12/07/coletivo-lgbtq-aciona-8-clubes-no-stjd-por-cantos-homofobicos-em-jogos.htm>>. Acesso em: 26 de mar. 2022a.

UOL. Jogador australiano revela insultos e ameaças após se declarar gay. *UOL*, 10 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/01/10/jogador-australiano-revela-insultos-e-ameacas-apos-se-declarar-gay.htm>>. Acesso em: 24 de mar. 2022b.

VALENCIA, Sayak. Do queer ao cuir: geopolítica do estranhamento e epistêmica do sul global. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, MG, v. 36, n. 1, p. 14-35, jan./jun. 2023.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. Aniversário do Bharbixas no Mineirão: experiência, futebol gay, mercado e direito à cidade. *Sociabilidades Urbanas*, João Pessoa, v. 5, n. 13, p. 125-136, mar. 2021a. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/biblioteca/aniversario-do-bharbixas-no-mineirao-experiencia-futebol-gay-mercado-e-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 29 de mai. 2023.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. *Gays evangélicos: vivendo no front*. Curitiba: Appris, 2021b.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. *Homens causando o maior Ti-ti-ti: telenovela e masculinidade*. 2013. 90 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. Transfeminicídio no Brasil: uma reflexão ecotransfeminista. *Gênero*, Niterói, RJ, v. 22, n. 1, p. 1-17, jul./dez. 2021c.

VOGEL, Carlos Guilherme. Beescats Soccer Boys: a luta contra a homofobia entra em campo. *Esporte e Sociedade*, Niterói, RJ, v. 13, n. 32, p. 1-16, mar. 2021.

VOGEL, Carlos Guilherme. Close certo na telona: o futebol gay e os festivais de cinema como elementos na luta contra a homofobia. *Revista Brasileiro de Estudos de Cinema e Audiovisual*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 93-119, jan./jun. 2022.

WERLANG, Hector. STJD punirá cantos homofóbicos após Copa América, e presidente avisa: “Futebol não é terra sem lei”. *Ge*, 19 de jun. 2019. Disponível em: <<https://ge.globo.com/rj/futebol/noticia/stjd-punira-cantos-homofobicos-apos-copa-america-e-presidente-avisa-futebol-nao-e-terra-sem-lei.ghtml>>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

WIKIPEDIA. Homosexuality in association football. *Wikipedia*, 15 de mar. 2022. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Homosexuality_in_association_football>. Acesso em: 27 de mai. 2023.

XAVIER, Claudio. Egomuseu: (auto)representação, (in)formação e autoria no Instagram. *Anais do XLI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Joinville, SC: Universidade da Região de Joinville, 2018. p. 1-13.

APÊNDICE A – GUIA RÁPIDO DE LINGUAGEM NEUTRA

Abaixo, consta uma lista de 7 regras básicas da linguagem neutra. A partir dela, é possível ler quase todas as palavras sem explicações adicionais. Entretanto, é importante dizer que a linguagem neutra (ainda) não é gramaticalizada. Isso quer dizer que não há regras oficiais, e, portanto, há variações. Uso aqui uma variante que tem sido recorrente no meio acadêmico e também fora dele.

1. **Artigos:** os artigos neutros são: “**ê**” no singular e “**es**” no plural. Exemplo: o menino, a menina, **ê** menino / os meninos, as meninas, **es** meninos.
2. **Pronomes pessoais:**
 - a) Os pronomes pessoais neutros do caso reto na 3ª pessoa são: “**elu**” (pronuncia-se “êlu”), no singular, e “**elus**” (pronuncia-se “êlus”), no plural.
 - b) Os pronomes pessoais neutros oblíquos átonos na 3ª pessoa são: “**ê**” ou “**le**”, no singular, e “**es**” ou “**les**”, no plural. Exemplos: eu o respeito, eu a respeito, eu **ê** respeito / eu os respeito, eu as respeito, eu **es** respeito / respeitá-lo, respeitá-la, respeitá-**le** / respeitá-los, respeitá-las, respeitá-**les**.
3. **Substantivos ou adjetivos regulares:** quando o substantivo ou adjetivo termina com “o” no masculino e com “a” no feminino, ele termina com “e” no neutro. Exemplo: aluno, aluna, alune / alunos, alunas, alunes.
4. **Substantivos ou adjetivos irregulares:** quando o substantivo ou adjetivo termina sem vogal no masculino singular e com “es” no masculino plural, ele termina com “e” no neutro singular e com “us” no neutro plural. Exemplo: professor, professora, professore / professores, professoras, professorus (pronuncia-se “professôrus”).
5. **Contrações com preposições:** quando há a contração de uma preposição com um artigo ou pronome, ela é feita de forma similar à tradicional. Exemplo: pelo aliado, pela aliada, **pele** aliade / pelos aliados, pelas aliadas, **peles** aliades / dele, dela, **delu** (pronuncia-se “dêlu”) / deles, delas, **delus** (pronuncia-se “dêlus”). No caso da contração da preposição “de” com o artigo “ê”, mantém-se o assento, para diferenciar da preposição sem artigo: do jogador, da jogadora, **dê** jogadore / dos jogadores, das jogadoras, **des** jogadorus.¹⁴⁹

¹⁴⁹ Este é um dos pontos em que há maior variação no desenvolvimento da linguagem neutra. O uso do “du” ou da preposição “de” sem adição de artigo são os mais comuns. No entanto, proponho o uso do “dê” pois ele demarca o artigo (diferente do “de”) e não é pronunciado como o masculino “do” (diferente do “du”).

6. **Regra geral:** por padrão, a marcação neutra é definida pela vogal “e”, mas nos casos em que isso não é possível, utiliza-se a vogal “u”. Essa lógica também deve ser usada para os casos não contemplados pelas regras anteriores. Exemplo: presidente, presidenta, presidentu (pronuncia-se “presidêntu”).
7. **Pronúncia:** apesar de as palavras terminadas em “u” ou “us” serem oxítonas no português, as palavras terminadas em “u” ou “us” devido à marcação do gênero neutro são paroxítonas, ou seja, devem ser lidas como se tivessem acento na penúltima sílaba. Exemplos: elu, elus, professorus, delu, delus e presidentu.

Quadro 10 – Síntese da linguagem neutra

LINGUAGEM NEUTRA	Masculino	Feminino	Neutro
Artigo (singular)	o	a	ê
Artigo (plural)	os	as	es
Pronome reto (singular)	ele	ela	elu*
Pronome reto (plural)	eles	elas	elus*
Pronome oblíquo (singular)	o, lo	a, la	ê, le
Pronome oblíquo (plural)	os, los	as, las	es, les
Substantivo ou adjetivo regular (singular)	aluno	aluna	alune
Substantivo ou adjetivo regular (plural)	alunos	alunas	alunes
Substantivo ou adjetivo irregular (singular)	professor	professora	professore
Substantivo ou adjetivo irregular (plural)	professores	professoras	professorus*
Contração “por” + artigo (singular)	pelo	pela	pele
Contração “por” + artigo (plural)	pelos	pelas	peles
Contração “de” + artigo (singular)	do	da	dê
Contração “de” + artigo (plural)	dos	das	des
Contração “de” + pronome reto (singular)	dele	dela	delu*
Contração “de” + pronome reto (plural)	deles	delas	delus*
Marcação de gênero regular	o	a	e/u
Aplicação da marcação nos demais casos	presidente	presidenta	presidentu*
*Pronuncia-se “êlu”, “êlus”, “professôrus”, “dêlu”, “dêlus” e “presidêntu”.			

Fonte: elaborado pela autorea

APÊNDICE B – GLOSSÁRIO DE SEXUALIDADE E GÊNERO

A fim de orientar as leitoras, leitores e leitoras que não têm familiaridade com temas relacionados à diversidade sexual e de gênero, segue, abaixo, uma lista de termos relacionados a essa temática. O objetivo, no entanto, não é apenas apresentar o significado dos termos usados explicitamente na tese, mas também proporcionar uma contextualização que permita um melhor entendimento das discussões empreendidas neste texto.

SIGNIFICADO DA SIGLA LGBTQIAPN+

Lésbicas: mulheres que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por outras mulheres.

Gays: homens que se sentem atraídos afetivo-sexualmente por outros homens.

Bissexuais (bi): pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por homens e mulheres.

Transgêneros (trans): pessoas que não se identificam com o gênero com o qual foram designados na sua gestação/nascimento.

Transexuais: pessoas que passaram, passam ou desejam passar por mudanças corporais para adquirir características corpóreas relacionadas ao gênero com o qual se identificam.

Travestis: pessoas com uma identidade de gênero feminina não-binária típica de países latinos, em especial, o Brasil.

Queers: pessoas que não se identificam com características pré-determinadas de forma fixa em relação a gênero ou sexualidade.

Intersexuais: pessoas com características corporais que não permitem uma designação binária de seus sexos.

Assexuais: pessoas que não sentem, sentem de modo reduzido ou sentem apenas sob determinadas circunstâncias, atração sexual ou atração afetivo-sexual por outras pessoas.

Pansexuais (pan): pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente tanto por pessoas que se adequam quanto por pessoas que não se adequam a identidades de gênero binárias (masculinas ou femininas).

Não-binários: pessoas que não se identificam nem como homem nem como mulher, ou que se identificam como homem e como mulher ao mesmo tempo.

±: outras identidades e manifestações relacionadas a gênero, sexualidade ou anatomia sexual.

OUTROS TERMOS IMPORTANTES

Sexo: características anatômicas relacionadas à designação de uma pessoa como menina ou menino.

Gênero: conjunto de características socialmente construídas atribuídas a uma pessoa que se identifica como homem, mulher, travesti, não-binária, etc.

Orientação sexual: determinação do gênero das pessoas pelas quais o sujeito se sente atraído afetivo-sexualmente.

Identidade de gênero: o gênero com o qual a pessoa se identifica.

Homossexual: pessoa que se sente atraída por outras do mesmo gênero.

Heterossexual (hétero): pessoa de gênero masculino que se sente atraída por pessoas de gênero feminino, ou pessoa de gênero feminino que se sente atraída por pessoas de gênero masculino.

Cisgênero (cis): pessoa que se identifica com o gênero com o qual foi designada na gestação/nascimento.

Drag queen: pessoa que faz apresentações artísticas “montada” como uma personagem construída a partir de uma caracterização alegórica do feminino.

Bicha ou viado: pessoa designada como homem que se sente atraída afetivo-sexualmente por outros homens. O termo é usualmente relacionado a pessoas com manifestação de gênero afeminada.

Sapatão: pessoa designada como mulher que se sente atraída afetivo-sexualmente por outras mulheres. O termo é usualmente relacionado a pessoas com manifestação de gênero amasculada.

Endossexual: Pessoa que apresenta características corporais em conformidade com uma designação binária de seu sexo.

Alossexual: Pessoa que não depende de conexão emocional ou intelectual para se sentir atraída afetivo-sexualmente por outra.

Demissexual: pessoa que se sente atraída afetivo-sexualmente por outra só depois de estabelecer um vínculo emocional com ela.